ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS



O MÉTODO CHARLIE

TOP SELLER

SÉRIE CAMPUS DIARIES

Table of Contents

Créditos
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
CONVERSA DOS RAPAZES DO TACO
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES
Capítulo 31
Capítulo 32
A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35

Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
CONVERSA DE PAI
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
CONVERSA DE PAI
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Epílogo
ANÚNCIO DE PUBLICAÇÃO
Capítulo bónus
Agradecimentos
Sobre este livro
Sobre a autora

ELLE KENNEDY

O MÉTODO CHARLIE

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar

Edição em formato digital: maio de 2025

O MÉTODO CHARLIE
Título original: *The Charlie Method*
© 2025, Elle Kennedy
Publicado por Bloom Books,
um selo de Sourcebooks, Naperville, Illinois, EUA.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2025, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

A Penguin Random House valoriza e defende a proteção da propriedade intelectual. Os direitos autorais promovem a criatividade e a liberdade de expressão. Ao adquirir uma edição autorizada deste livro — não reproduzindo, digitalizando ou distribuindo nenhuma parte dele sem autorização —, você está respeitando a lei de direitos autorais, apoiando escritores e contribuindo para que a Penguin Random House continue publicando livros para todos os leitores. De acordo com o Decreto-Lei nº 47/2023, de 19 de junho, a Penguin Random House reserva-se expressamente o direito de reprodução, uso ou leitura mecânica deste livro, para fins de prospecção textual ou de dados analíticos. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida, por qualquer processo, com o propósito de treinar tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Editora: Ana Beatriz Manso
Coordenação editorial: Vanessa Domingos
Tradução: Maria João B. Marques
Revisão: Bruna Duarte
Capa: Dawn Adams / Sourcebooks
Ilustração da capa: Monika Roe / Shannon Associates
Adaptação da capa: Wonder Studio / Carolina Leonardo

ISBN: 978-989-589-027-9

Composição digital: Simon and Sons ITES Services Pvt. Ltd ., Chennai
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Bluesky: @penguinlivros.bsky.social
Facebook: topseller.suma
Instagram: topseller.suma

Índice

O Método Charlie
Créditos
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22

CONVERSA DOS RAPAZES DO TACO
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES
Capítulo 31
Capítulo 32
A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
CONVERSA DE PAI
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50

Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
CONVERSA DE PAI
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Epílogo
ANÚNCIO DE PUBLICAÇÃO
Capítulo bónus
Agradecimentos
Sobre este livro
Sobre a autora

Este livro é para todos aqueles que realmente têm

muita dificuldade para tomar decisões.

CAPÍTULO 1

CHARLOTTE

Alguns dizem que tenho uma vida dupla

Nunca se envolva com jogadores de futebol americano no interior de um carro.

Foi o que minha mãe sempre me disse.

Pronto, é mentira. Minha mãe nunca disse tal coisa. Mas posso dizer, com certeza, que minha mãe não aprovaria o que estou fazendo agora.

Ou melhor, com quem.

O Isaac Grant tem dois metros de altura, é musculado e mal cabe no lugar do condutor do seu próprio carro. Um carro desportivo, claro. Um *Porsche* 911 prateado descapotável que me fez lamber os lábios assim que o vi ali, no parque de estacionamento atrás do centro de dia de Hastings. Este carro é tão sexy que me faz estremecer.

Ou talvez seja o Isaac a fazer-me estremecer com a sua língua, explorando-me a boca e provocando-me com carícias lentas e hábeis. Ele beija bem. Enquanto isso, vai movendo os dedos dentro de mim. Também é bom nisso. Curva dois dedos para encontrar o meu ponto sensível e a consequente torrente de prazer faz-me latejar em torno da sua mão.

— Hum, miúda — geme contra os meus lábios. — Estou ansioso para te sentir apertares-me a pila.

Sinto uma descarga de desejo percorrer-me o corpo. As conversas obscenas excitam-me *tanto*. Os meus músculos internos contraem-se com as suas palavras perversas, como se estivesse a tentar prender os seus dedos dentro de mim. O Isaac produz mais um som estrangulado de desejo. Despudorada, roço-me contra ele, que não parece importar-se com a minha total falta de controlo.

Começa a beijar-me o pescoço. A minha pele fica toda arrepiada, transformando-se numa confusão de arrepios ao senti-lo contra a minha coxa. Uma saliência longa e dura que parece não ter fim, confirmando a teoria da minha melhor amiga, a Faith, de que o tamanho das mãos de um homem corresponde ao tamanho do seu P.

Por falar na Faith, estou praticamente a dez segundos de um violento orgasmo quando o seu toque atravessa o nevoeiro provocado pela nossa respiração ofegante no lugar da frente.

— Merda — murmuro, diminuindo o movimento dos quadris.

— Não atenda — murmura também Isaac.

— Tenho que atender.

Contrariada, me debruço sobre o lado do passageiro, onde deixei meu celular.

Faith Grierson é a única pessoa que sabe onde estou. A única pessoa a par dos encontros clandestinos em que gosto de me envolver. É verdade que eu poderia ter me encontrado com Isaac esta noite sem avisar ninguém e me poupar das bocas bem-humoradas a que estarei sujeito mais tarde, mas na hipótese de o *wide receiver* do time de futebol também ser um assassino, é melhor Faith saber onde estou. Você não irá me julgar.

— Nãaoo — Isaac reclama, me vendo agarrar o celular.

— Desculpa. Pode ser uma emergência. — Levo o celular ao ouvido. — Olá, o que está acontecendo?

— Desculpe interromper, mas parece que temos uma reunião da Gala das Presidentes hoje à noite.

— Não, não temos. É amanhã.

— Bem, Charlotte — Faith responde com seu tom de voz seco característico —, *eu* sei que é amanhã e *você* sabe que é amanhã, mas sabe quem *não* sabe que é amanhã e resolveu manipular psicologicamente a casa inteira, dando a entender que *nós* é que estamos erradas?

— A estúpida da Agatha — resmungo.

— A estúpida da Agatha — confirma. Seu riso faz cócegas no meu ouvido. — Eu disse a ele que você estava vindo, então se você não quiser ouvir um sermão de duas horas amanhã, é melhor se apressar.

— Argh. Vou já para aí. Obrigada pelo aviso.

Termino a ligação e falo um palavrão baixinho. A presidente da Delta Pi, da seção da Universidade Briar, é incapaz de admitir quando está errada ou cometeu um erro. Pelo contrário, se mete em um buraco tão grande que é de se admirar não ir parar em outro estado.

De certeza absoluta que a reunião era amanhã. Meu calendário não é o oeste selvagem; nada vai parar lá sem ser devidamente confirmado. Talvez eu não devesse me gabar disso, mas quando se trata de meu calendário, sou um verdadeiro psicopata.

Além de que nunca marcamos reuniões na sexta à noite. Todo mundo sabe que Sherise, o braço direito de Agatha, costuma ir às sextas à noite ao cabeleireiro de Hastings para pintar os brancos. Sherise diz que começou a ter cabelos grisalhos nas têmporas no 10º ano (supostamente, as mulheres de sua família ficam grisalhas precocemente), mas Faith e eu gostamos de pensar que é por causa de Agatha. A presidente da nossa república é capaz de provocar um nível desconcertante de estresse.

— Desculpe — digo a Isaac. — Esqueci completamente de uma reunião importante.

— Você é alguma executiva poderosa?

— Não, mas faço parte do conselho de administração da Delta Pi, então tenho que estar presente.

Ele olha para mim. Uma olhada para baixo revela que sua ereção está

desaparecendo, embora, mesmo em seu estado semi-sólido, ainda seja impressionante.

— Você está bem? — pergunto, saindo de cima de seu colo. O banco do passageiro não oferece muito espaço, mas consigo vestir a calcinha de renda branca novamente, alisando a saia plissada sobre as coxas.

O jogador de futebol ao meu lado continua me encarando.

— Eu preciso que você seja honesta comigo.

— Está bem. — Penteio o cabelo com os dedos, prendendo-o atrás das orelhas.

— Você sente nojo de mim?

— Desculpa?

— Você sente nojo de mim? — ele repete, através dos dentes cerrados. As veias do seu antebraço se projetam ao coçar a cana do nariz. A situação é claramente dolorosa para ele.

— Isaac… ainda agora você estava com os dedos dentro de mim — faço questão de lembrar.

— É, e agora você está fugindo. É porque eu não te fiz vir?

Oh, meu Deus. Sei que o riso não é a reação adequada nesta situação, mas torna-se cada vez mais difícil conter o meu. Sinto-o borbulhar ao fundo da garganta, exigindo ser libertado.

— É isso? — insiste ele.

— Não. — Ponho o máximo de confiança possível no meu tom de voz. — Estava a segundos de me vir, juro.

— Estás a falar a sério?

— Muito a sério. Só me esqueci de que tinha uma reunião na residência esta noite.

Como se eu não tivesse sequer falado, ele pergunta:

— Sou indesejável?

Fico boquiaberta.

— Tu és o Isaac Grant.

— Iá, pois, também *achava* que era. Costumo pegar garotas sem nem me esforçar. Eu entro em uma sala e há, tipo, cinco mil mulheres dispostas a ir para casa comigo e, de repente, uma delas *não* se sente atraída por mim? De repente, uma pessoa diz, tipo, *espere, você está fazendo comigo? Desculpa, tenho coisas combinadas, até mais* . — Ele resmunga, indignado. — Eu pensei que fosse Isaac Grant!

— Ah, fofinho. Alguém está te fazendo duvidar de quem você é?

— Não.

Você está obviamente mentindo. O exemplo que você deu foi *bastante* específico.

Estendo a mão sobre o console central e toco seu enorme bíceps.

— Quem quer que ela seja, não vale essa crise toda. — balanço minha mão, apontando para seu corpo grande e musculoso. — Você é um deus. Seu corpo é... — Por instantes, fico com um olhar vidrado e me pego me aproximando como se fosse beijá-lo, até que percebo o que estou fazendo e desperto do meu delírio. — Acredita. Você é lindo. E o que você faz com os dedos é excepcional. Esquece essa garota.

Seus lábios se curvam em um sorriso esperançoso.

— Tenho que te esquecer também?

— O quê?

— Foi o que você disse na porta do Coffee Hut ontem, lembra? Que você se encontraria comigo esta noite e então esqueceríamos o que aconteceu.

— *Fingiríamos* que não aconteceu — corrijo.

É o que costumo dizer aos meus engates. Se vocês me virem no *campus novamente* , finjam que não me conhecem. Não preciso de um bando de homens apaixonados vindo até mim e tagarelando sobre nossa noite quando estou com meus colegas pudicos da Delta Pi.

Embora, honestamente, Isaac Grant fosse a última pessoa com quem eu esperava me enrolar. Quando ontem começou a fazer-se a mim no café do *campus* , estava preparada para o ignorar. Em vez disso, ele me conquistou. Ainda não sei como ele fez isso. O cara não precisa se preocupar no departamento de sedução, isso é certo.

— Tecnicamente, isso não conta como um encontro de verdade — diz ele, balançando as sobrancelhas. — Porque nenhum de nós se veio.

— Talvez, mas essa era minha única noite livre nas próximas semanas, então... — me aproximo e dou um beijo em sua bochecha. — Depois continuamos. E, se não, foi um prazer te conhecer. Agora eu realmente tenho que ir.

— Vai com cuidado — diz.

— Vou sim.

Saio de seu *Porsche* e corro até o sedã de segunda mão que ganhei de minha irmã Ava quando ela terminou o curso na Briar há quatro anos. Toda a minha família frequentou esta universidade. Minha mãe pertence ao legado da Delta Pi e, portanto, não tive chance se não me tornar um membro no primeiro ano. Se dependesse de mim, eu não teria entrado em uma república. Ou, pelo menos, teria escolhido uma mais divertida. Em vez disso, sou obrigada a correr de Hastings para casa porque nossa presidente é uma tirana.

A apenas dez minutos do *campus* da Briar, Hastings é a típica cidadezinha da Costa Leste com uma rua principal idílica, lojas originais e uma praça histórica. Esta noite, Isaac e eu nos encontramos atrás do centro de dia, pois, assim que o relógio marca quatro da tarde e os idosos de Hastings se aglomeram no restaurante para seus jantares antecipados, o estacionamento fica completamente abandonado. Ele mora perto, em uma rua residencial ladeada por árvores, mas não tive vontade de entrar na casa que ele divide com outros três jogadores de futebol, pois não quero esse tipo de visibilidade.

Alguns dizem que tenho uma vida dupla.

Pronto. É Faith quem diz.

Mas minha melhor amiga está apenas parcialmente certa. Não é tanto uma vida dupla quanto uma vida extremamente privada. Há atividades que gosto, riscos que às vezes corro, que não condizem com a imagem que se espera de mim.

Para minha família, sou a Charlotte trabalhadora e responsável. Sou a filha perfeita, a irmã querida.

Para minhas colegas da república, sou filha de uma ex-aluna, forte, mas

recatada, confiante, mas casta.

É suposto deixar meus pais orgulhosos e ser um exemplo para minhas colegas calouras. Tenho quase certeza de que pinar com um jogador de futebol bonzão em um estacionamento deserto não é digno de alguém exemplar.

No fundo, acho que odeio decepcionar as pessoas. A mera ideia é suficiente para me dar urticária. Então, se eu quiser evitar o sentimento devastador de ver a decepção profunda nos olhos da minha família e dos meus amigos, é essencial manter minhas atividades extracurriculares pouco respeitáveis em segredo.

Faço a rápida viagem de volta à Briar, diminuindo a velocidade ao entrar nas ruas largas da Greek Row. A maioria dessas casas tem estacionamento reservado, mas Delta Pi fica no final da rua e tem sua própria área de estacionamento para os carros de nossos membros.

A casa da Delta Pi também é indiscutivelmente a mais impressionante da Greek Row. Trata-se de uma imponente mansão de três andares com colunas brancas na entrada e hera cobrindo uma das fachadas do exterior de tijolos. A hera não é mais verde, não ostenta mais o esplendor vivo da primavera e do verão, mas seus galhos acastanhados se recusam a abrir mão de seu lugar sobre a fachada de tijolos, agarrando-se obstinadamente às paredes.

Pego a bolsa do laptop, sobre o banco do passageiro, e me apresso pelos degraus largos em direção às portas duplas adornadas com batentes de bronze reluzente. Os batentes são enganosos; para entrar você precisa inserir um código no painel moderno afixado na ombreira. Sobre a porta de entrada estão orgulhosamente nossas letras gregas douradas.

Tudo na Delta Pi ostenta elegância e exclusividade. Não somos uma república de festas. Somos a república das mulheres de senadores e primeiras-damas. Em algum momento nas últimas décadas foi decidido que poderíamos ser políticas e ter nossa própria carreira, mas não se deixe entusiasmar pelo feminismo, meninas. Continuamos tendo que nos submeter ao patriarcado. Agatha literalmente disse essas palavras aos futuros membros em setembro.

Argh. Quase posso ouvir sua voz condescendente. Isso me faz querer dar meia-volta e voltar correndo para o carro.

Porém, respiro fundo e aceito meu destino, inserindo o código para destravar a porta da rua. Assim que entro, ouço o burburinho de vozes femininas vindo da sala de jantar.

Não posso negar que morar em uma casa cheia de garotas atrapalha meu estilo de vida. Não há privacidade. Nenhuma. O que equivale a zero chances de trazer meus engates para casa. Na verdade, os homens nem podem subir ao andar de cima. O patriarcado não aprova pernoites alheias. Não podemos deixar futuras esposas saírem por aí pinando com betinhos das repúblicas ou estudantes de arte *hipsters* com tesão. Também não organizamos festas, com exceção de jantares, que nossa casa organiza duas vezes por ano. Estou falando de louça fina, serviço de *catering* e vestidos formais.

No último jantar, a Faith cometeu uma grave infração ao levar o seu par para o andar de cima às escondidas. Estiveram enrolados até uma das lacaias da Agatha se chibar e a Faith ser obrigada a comparecer a uma reunião do conselho de administração para determinar o seu castigo pelo terrível ato.

Como vice-presidente da tesouraria, tomei parte nas difíceis deliberações.

Votei contra registar a ocorrência na ficha de membro da Faith, mas fiquei em minoria em relação às outras. Faço parte de um conselho de administração sedento de sangue.

As minhas sabrinas batem no chão de madeira da entrada quando passo apressada pela escadaria deslumbrante que sobe em espiral até ao segundo andar. Um lustre de cristal está pendurado no teto, lançando um brilho prateado sobre o espaço. O interior da casa é tão imaculado como o seu exterior. A Agatha tem mão firme, por isso, o nosso calendário de tarefas não é negociável.

Na sala de jantar há uma longa mesa de mogno capaz de sentar até trinta membros em jantares formais e reuniões semanais. Há outros lustres no teto e, do lado oposto da sala, há dois pares de portas envidraçadas que se abrem para um grande alpendre traseiro com móveis de vime. Tudo nesta casa evidencia a riqueza da Costa Leste.

Quando entro, todas já estão sentadas à mesa. Nossa seção tem cerca de cem membros, mas apenas trinta moram nesta casa, e nunca há mais de cinquenta pessoas em uma reunião.

Todos os olhares se voltam para mim. Agatha, nossa ilustre presidente, ergue uma sobrancelha impecavelmente depilada.

— Veja quem decidiu nos agraciar com sua presença. — Sua voz transborda de falsa simpatia.

— Sinto muito — digo. — Eu tinha marcado no calendário que seria amanhã.

Dou um sorriso em um pedido de desculpas e corro até meu lugar habitual ao lado da vice-presidente, Sherise, uma linda garota negra, de olhos pretos atentos e lábios que se curvam, desaprovando meu atraso. Os membros do nosso conselho de administração levam esses cargos *muito* a sério.

As meninas que não têm cadeiras, em sua maioria futuros membros e calouras, ficam encostadas na parede durante as reuniões como se fossem crianças de castigo.

Assim que sento minha bunda na cadeira, me inclino para tirar o laptop da bolsa. Enquanto isso, posso sentir o olhar de Agatha cravado em mim.

Quando olho para cima, ela inclina a cabeça e me analisa como se eu fosse um inseto que ela está considerando esmagar.

— Pontualidade é uma virtude fundamental em um membro da Delta Pi, Charlotte. Em especial em nossa tesoureira, em quem devemos confiar acima de todas as outras pessoas.

Acima de todas as outras pessoas? Por quê? Sou o papa?

Sou responsável apenas pelo dinheiro. Eu preparo o orçamento anual da seção. Eu controlo todas as receitas e despesas. Com sorte, às vezes faço a contabilidade, mas até eu sei que meu papel nesta república pode ser desempenhado por qualquer pessoa que saiba fazer contas.

Fogo, nunca me preocupei com esse cargo e talvez não tivesse aproveitado o estereótipo de que «asiáticos são bons em matemática» se minha mãe não tivesse sido tesoureira quando era membro desta república. E ela realmente queria que eu fizesse parte do conselho de administração. Quer dizer, ela não *disse* isso, mas eu sabia que seria muito importante para ela se eu seguisse seus passos, especialmente com minha irmã mais velha não querendo passar pela experiência

da república.

— Percebido. Terei mais atenção na gestão do meu calendário — digo, evitando o olhar de Faith. Posso senti-lo brilhando de riso.

Agatha aperta levemente os olhos como se estivesse tentando descobrir se estou sendo sarcástica. Ela está obviamente decepcionada por eu não ter me humilhado mais, mas a sala de jantar em peso está esperando por nós, portanto, ela balança a cabeça e diz:

— Vamos começar.

Agatha senta-se à cabeceira da mesa e junta as mãos sobre o tampo reluzente, entrelaçando os dedos com unhas francesas. Ela usa um colar de pérolas no pescoço.

Juro, só Agatha Buckley-Ellis usaria pérolas em uma reunião da república. Toda a sua vida se resume a manter uma imagem impecável. Seu guarda-roupa é uma seleção de roupas de grife, todas coordenadas em tons pastéis ou estampas betinhas, e ela nunca sai do quarto sem uma maquiagem impecável e o cabelo penteado com perfeição.

Esta noite, debatemos a Gala das Presidentes, um evento anual que organizamos em janeiro para celebrar as ex-presidentes da Delta Pi. Normalmente eu ignoraria Samantha, nossa vice-presidente de planejamento, que supervisiona a organização de todos os eventos da seção, mas acontece que uma das duas homenageadas no gala deste ano é minha mãe. Enquanto Samantha fala em tom monótono sobre listas de convidados e possíveis locais, por dentro estou revirando os olhos de tal forma que corro o risco de torcer o nervo óptico. Ela sempre fala em um tom profundamente sério, como se organizar eventos e encontros de caridade fosse equiparável à neurocirurgia.

Faço anotações por uma hora, intervindo apenas quando alguém pergunta se temos dinheiro para determinada coisa. Quando a reunião finalmente termina, sou uma das primeiras a me levantar.

No corredor, Faith agarra meu braço e aproxima a cabeça da minha, seus cachos pretos saltitando e jogando a fragrância de seu xampu de morango em minhas narinas.

— Por favor, me diga que você conseguiu ter pelo menos um orgasmo antes de eu interromper vocês — ele sussurra em meu ouvido.

Encosto minha cabeça melancolicamente em seu ombro.

— Não.

— Desculpa. Custou-me tanto incomodar você.

— Não faz mal. Se tivesse faltado à reunião, nunca mais se calariam.

Vejo Blake Logan me esperando na entrada espaçosa. Levanto a mão em um rápido aceno e olho para Faith.

— Preciso falar com Blake. Quer passar no meu quarto mais tarde e ver alguma coisa?

— Não posso. Vou à Fairview House para encontrar alguns colegas. Pode vir, se quiser.

— Obrigada, mas não estou a fim de sair de novo.

— Você sempre vai visitar sua família amanhã?

Aceno que sim.

— Saio de manhã.

Ela me encara com um olhar penetrante.

— E dessa vez você vai contar a eles?

— Esse é o plano — digo, com leveza.

Era também o plano do fim de semana *passado* . Em vez disso, fiz a viagem de duas horas e meia até Connecticut para, no final, me acovardar e não compartilhar o verdadeiro motivo da minha visita. Acabei de almoçar com meus pais e depois fiz a viagem de volta para Briar. Uma viagem de cinco horas para um almoço de uma hora. E ainda dizem que sou inteligente.

— Pronto, tudo bem, se precisar de apoio moral, me coloque no viva-voz escondido que eu te mando ondas de encorajamento pelo telefone — promete Faith.

— Combinado.

Depois que ela se despedir de mim com um abraço e sair correndo, vou até Blake na entrada. A linda morena com sardas é minha Protegida este ano. Nunca gostei desse termo — ela é caloura na universidade, não na pré-escola. Enfim, não se pode contrariar a tradição. Delta Pi organiza uma cerimônia para a revelação de Mentoras e Protegidas após a semana de trote. Ela é tão amorosa que enjoa, envolvendo presentes temáticos e uma revelação elaborada, como se fôssemos novos pais estourando balões para ver se os glitters dentro são rosa ou azuis.

Não me chateia a parte da mentoria. Meu trabalho este ano é orientá-la, e tentamos nos encontrar uma vez por semana para falar sobre seus objetivos, estudos ou outras coisas que você possa ter em mente.

— Oi — digo, apertando seu braço em forma de cumprimento.

Percebo a pulseira que ela carrega no pulso (é a que dei a ela na festa de Mentoras e Protegidas) e me emociona ver que ela está usando. As pedras lisas verde-azuladas destinam-se a ajudar a encontrar clareza, ou, pelo menos, foi o que disse a senhora da loja holística em Hastings. Parecia apropriado para Blake, já que, durante a fase de recruta, ela admitiu não ter ideia do que quer fazer da vida. Ela ainda não escolheu uma área de especialização, o que é normal para a maioria dos calouros, mas Agatha é muito rigorosa sobre os membros do Delta Pi terem um propósito, uma estrutura e um Plano com P maiúsculo.

— Como foi sua semana? — pergunto a ele.

Blake não mora em nossa residência (os calouros da Briar são obrigados a morar nos dormitórios), mas os novos membros devem comparecer a todas as reuniões. Basicamente, elas só poderão faltar se estiverem mortas ou morrendo.

— Foi boa. Mas eu queria falar com você sobre minha aula de Ciências da Comunicação. Poderíamos tomar café da manhã no domingo… — De repente, ele se assusta, levando a mão ao bolso. — Desculpa. Está no modo de vibração. Porra, me assustei.

Sorrio, vendo-a pegar o celular. Ela olha para a tela, revira os olhos e enfia o elegante aparelho preto de volta no bolso.

— Quem era?

— Ninguém importante. Bem, alguém que quer ser importante — corrige. Antes de conseguir interrogá-la novamente, ela diz: — Então, café da manhã no domingo? Posso vir aqui ou podemos nos encontrar no Carver Hall. Ouvi dizer que as omeletes são brutais.

— Vamos ao Carver. Quer que eu leve o notebook? Vai precisar fazer uma lista detalhada?

Ela comprime os lábios como se estivesse segurando uma risada.

— Só quero que você saiba que o olhar extasiado que você fica quando fala sobre fazer listas é um pouco… assustador.

— Eu sei — suspiro. — Vou tentar conter minha empolgação.

Blake dá uma risada.

— Venha, eu te acompanho até a porta — digo.

Chegamos à porta da frente ao mesmo tempo que Noelle e Veda, que acreditam passar despercebidas ao se esgueirarem furtivamente.

— E onde as meninas vão? — pergunto, divertida.

Ambas se viram, com a culpa gravada nos rostos claros. Percebo que nenhuma usa roupa aprovada pela Agatha.

— Tem festa na Sigma. — Noelle abaixa a voz, olhando por cima do ombro para ter certeza de que a supervisora não ouviu.

Uma curiosidade: algumas faculdades da Ivy League desencorajam ou condicionam explicitamente a participação na vida da Greek Row. No entanto, na seção Delta Pi da Briar, a própria república está fazendo isso.

Delta Pi é considerada uma das melhores repúblicas para filantropia, desenvolvimento de liderança, excelência acadêmica… e puro tédio. No entanto, embora sejamos desencorajados a frequentar as festas da Greek Row, nem mesmo Agatha pode impedir as universitárias de se divertirem.

— Querem vir? — Noelle está praticamente sussurrando, enquanto Veda, de olhar aguçado, assume a liderança, observando a escada para garantir que Agatha não faça uma descida surpresa.

— Não, obrigada — respondo, e as duas garotas saem correndo de casa como se fossem fugitivas.

Me despeço de Blake, ficando na porta para garantir que ela entra no Uber em segurança e, em seguida, subo para o meu quarto. Todas as meninas do terceiro andar compartilham um quarto, mas as veteranas e os membros da administração têm prioridade e direito a quartos individuais no segundo andar. Inclusive eu.

No corredor, passo pela Jia, a outra colega americo-coreana residente. Mas não somos as únicas asiáticas. Apesar de todos os defeitos insuportáveis da Agatha, ela faz questão de receber pessoas de cor como membros na Delta Pi… desde que venham de famílias ricas. A nossa querida líder não é racista. Não, é classista. Se a nossa família não for rica, bem podemos esquecer ser membros desta república.

Descalço as sabrinas e tranco a porta; ao menos deixam-nos ter fechaduras. Embora, uma vez, a Agatha tivesse proposto uma nova regra proibindo as fechaduras. Foi depois de o namorado da Fareeda se ter trancado no seu quarto, dizendo que só sairia se ela concordasse em não acabar com ele. Tivemos de chamar os bombeiros para arrombar a porta e tirar dali aquele imbecil.

Todas riram de Agatha quando ela sugeriu se livrar de nossas fechaduras. Foi bom ver que minhas colegas da Delta Pi são capazes de se rebelar contra os desejos da rainha, pelo menos, quando nossa privacidade é ameaçada.

Depois de vestir meu pijama, me enfio sob meu edredom branco grosso e

começo a mexer no celular. Passa um pouco das nove e meia, mas tenho que acordar cedo amanhã para ir a Hamden.

Enquanto eu *rolo* , algumas notificações aparecem, todas da minha aplicação de namoro.

Pronto. É um aplicativo de *sexting* . Encontros? Quem tem tempo de se encontrar com alguém? Minha carga de trabalho é intensa, que é o que acontece quando você está estudando nas áreas STEM. Além disso, neste momento, não quero um namorado. Eles dão muito trabalho, a julgar pelo meu último relacionamento.

Mitch precisava de garantias constantes e uma quantidade absurda de bajulação. Tinha problemas, coisa que não julgo, pois cada um tem suas merdas, até eu. Mas ele merecia alguém que pudesse lhe dar muito mais do que eu estava disposto a dar. Alguém mais paciente. Alguém que não o despachasse inadvertidamente porque estava trabalhando até tarde no laboratório e perdia a noção do tempo. Alguém cuja libido motivada pelo estresse não estivesse sempre a mil, fazendo com que aparecesse em sua residência e pulasse em cima dela, muitas vezes sem nem dizer oi.

Hoje em dia, me contento com sexo casual, mas é uma linha tênue, porque tenho uma reputação a manter. Uma garota Delta Pi não pode sair por aí pingando com todo mundo do *campus* .

Felizmente, algumas mensagens sexy são o suficiente para satisfazer a vontade.

Abro o aplicativo e entro na caixa de entrada. Há um cara com quem eu estava conversando há um tempo, mas sua conversa obscena é péssima. Abro sua última mensagem e seguro uma risadinha.

Estou completamente intumescido e latejando por você.

Como diabos alguém deveria ficar excitado com isso?

Sem dúvida é hora de encontrar outro parceiro com quem conversar.

Passo os próximos dez minutos fazendo *swipe* com algumas possibilidades, mas sem dar *match* com ninguém. Pelo menos, por enquanto. Talvez eu combinasse com mais frequência *se* postasse uma foto do meu rosto. Faith diz que a maioria dos homens acha que as fotos em que você só vê o corpo são de contas falsas.

Mas de jeito nenhum vou divulgar minha cara em um aplicativo de engates. Meu perfil tem duas fotos: uma foto de biquíni com a cabeça decepada, tirada no ano passado durante as férias em família nas Bahamas, e outra deitada na cama com uma regata de renda roxa e calcinha minúscula combinando.

Esta última foto é indecente, mas, antes de fazer o *upload* , assegurei-me de que não havia nada que me identificasse. Se a foto for parar na Internet, é apenas uma garota sem rosto em uma cama indefinida. Há um risco mínimo de alguém conseguir me identificar. Ou, pelo menos, essa foi a conclusão determinada pelo Método, e eu confio explicitamente no meu método.

Faith zomba de mim por causa disso, mas honestamente, eu não deveria falar mal até experimentar. O Método nunca me falhou. E, sim, há um documento inteiro no meu laptop cheio de anotações, incluindo se eu deveria postar fotos

sexy do meu corpo em um aplicativo de namoro.

Eu sou e sempre serei uma *nerd* obsessiva.

Mas também me enrolo com jogadores de futebol americano em estacionamentos.

Sou uma 'cebola fofa', como Faith disse uma vez. Eu tenho muitas camadas.

Eu passo por mais perfis. Sou inundada por vários troncos nus tentadores, mas nenhum dos rostos me interessa. Estou fazendo *swipe* no piloto automático até que o aplicativo me pega de surpresa: não há apenas um, mas *dois* torsos nus na mesma foto.

O nome do perfil diz **LARS & B.**

OK. Estou intrigada.

Clico para ler mais, embora, na verdade, seja menos ler e mais babar-me. São dois corpos extremamente musculados. Consigo contar cada músculo abdominal.

Um dos tipos está bronzeado e quase não tem pelos, tirando uma leve penugem nos braços e pernas. É louro, consigo perceber porque o cabelo lhe chega ao queixo, precisamente onde a foto acaba. Imagino uma espécie de Thor, a julgar pelo tamanho, tom de pele e músculos.

O outro também tem a pele clara, com alguns pelos no peito entre os peitorais definidos e um caminho da felicidade que termina nuns calções de banho bastante descaídos, evidenciando os músculos oblíquos.

O Thor também tem músculos oblíquos pronunciados.

Isto está cheio de músculos oblíquos.

Não consigo parar de olhar. Não há dúvida de que eles são os corpos mais sexy que já vi, o que significa que não deveriam ter rostos bonitos. Não é possível alguém ser geneticamente abençoado com tanta sensualidade.

Prendendo a respiração, passo para a próxima foto, preparada para ver dois ogros sorridentes.

Mas não. É só outra foto sem cabeça. Nesta, vê-se o louro sozinho. Veste calças de moletom cinza. Novamente, os músculos oblíquos me seduzem o olhar.

A terceira foto é do outro cara vestindo uma calça jeans rasgada e uma camisa polo justa que mostra os braços musculosos.

A biografia deles é igualmente intrigante.

Dois homens, um perfil. O dobro do charme, o dobro das encrencas.
Estamos procurando uma garota que queira se divertir em dobro;)
Então, se você tem uma costela perversa, vamos conversar.

Vamos conversar, hein?

Quero dizer, talvez você tenha uma costela perversa. Mas…

Mas nada. Não é como se você tivesse que assinar um pacto de sangue para conhecer esses caras. Não há nenhum tipo de obrigação a não ser conversar com eles no aplicativo e excluí-los se você não quiser continuar conversando. Não estamos celebrando um contrato de casamento digital.

Meu dedo paira sobre o ícone do coração. Umedeço os lábios e… clico.

Não acontece nada.

Tanta expectativa e nem *combinamos* .

CAPÍTULO 2

BECKETT

Pensar é superestimado

Perdemos o jogo desta noite, mas não podemos nos comportar como se isso tivesse acontecido, pois fomos forçados sob ameaça de morte de nosso treinador a ser positivos. Instruídos a visualizar ondas radiantes de energia projetando alegria pelo vestiário como se estivéssemos em uma orgia de positividade. Em outras palavras, os consultores motivacionais que lançaram o caos no time masculino de hóquei da Briar U na temporada passada estão de volta para nos atormentar.

Quando eu e meus companheiros de equipe nos arrastamos do túnel para o vestiário, Jordan Trager, nosso impetuoso de plantão, lança um olhar fulminante para o atacante esquerdo do primeiro ano.

— Mas que merda, Ingram! Lixaste…

— Então!? — A ríspida repreensão vem do auxiliar técnico Maran, que nos olha com cara feia na entrada do vestiário. — Sejam positivos, seus otários.

Trager rapidamente volta atrás.

— Você lixe… uma bolha de esperança quando chutou a gol e errou em vez de passar para o Garoto do Kansas, que…

— Que alegremente gritava que estava completamente livre — conclui o Patrick Armstrong, a parte injustiçada.

Nosso cocapitão, Case Colson, se vira para Maran com uma expressão magoada.

— Vamos, míster. Quando podemos parar com essa besteira rosa? Por que Sheldon e Nance estão fazendo uma coisa dessas?

— Não culpe aqueles palhaços. Você pode agradecer à UCS pelo fato de a administração ter trazido Sheldon e Nance de volta às nossas vidas.

Porcaria da UCS. É apenas outubro e a temporada mal começou, mas a Universidade da Califórnia, *Campus* de Sacramento implodiu completamente. Seu programa de hóquei no gelo masculino foi cancelado devido a um incidente perigoso em um trote que acabou com um calouro caindo do telhado do rinque.

Foi uma queda mortal.

O escândalo tem tantos elementos diz-que-diz que é difícil saber qual é a

verdadeira história afinal. Mas, considerando o desfile interminável de imbecis agressivos que encontrei durante minha carreira no hóquei, sinto-me inclinado a acreditar que o calouro que morreu estava decididamente sendo praxado.

Com a suspensão do programa, a UCS é obrigada a desistir de todos os jogos e, enquanto a faculdade e a polícia de Sacramento investigam, a NCAA não quer correr riscos com nenhuma das outras escolas da Primeira Divisão. Eles têm enviado representantes para todos os programas, que fazem aparições casuais para dizer olá e assistir. Ou seja, para garantir que não estamos desafiando garotos bêbedos a pular de prédios. Normal.

Nosso treinador principal, Chad Jensen, convocou uma reunião de equipe na semana passada e disse muito claramente que quer nos ver parecendo, soando e agindo como meninos de coro pelo resto da temporada. Aparentemente, agora até os xingamentos são considerados uma possível intimidação e/ou trote.

Mas duvido que tenha sido decisão do treinador trazer Sheldon e Nance novamente para nos guiar moralmente. Jensen odeia aqueles otários tanto quanto nós.

Descolo a camisola suada dos ombros, resmungando quando esta se prende no protetor de peito. Sinto um hematoma a formar-se no meu flanco esquerdo, mesmo abaixo da caixa torácica. Levei uma pancada feia no segundo período, quando o defesa de Yale me lançou contra o muro.

Com o Shane Lindley e o Luke Ryder atrás de mim, dirijo-me aos chuveiros e abro a divisória à altura da cintura do chuveiro mais próximo. Os meus amigos entram nos chuveiros à minha esquerda, enquanto o Trager e o Colson ficam à direita.

— OK, esta é boa — diz o Shane, abrindo o chuveiro. — És abordado por um britânico misterioso de gabardina…

— Como é que ele se chama? — pergunta o Trager, do meu outro lado.

Olhem só quem está subitamente interessado nas nossas experiências mentais. Na época passada, quando a Faculdade de Eastwood, a minha antiga escola, se fundiu com a Briar, o Trager foi o primeiro a gozar connosco, os tipos da Eastwood, por causa das nossas tradições parvas. Agora está atento a todas as palavras do Shane.

— Chama-se Albert — exclama um dos nossos defesas. — Parece um nome bem britânico.

O Shane revira os olhos.

— Sim, tanto faz. Seja como for, ele diz, tipo, *Bom dia, o meu nome é Albert* e depois faz-te uma oferta. Dá-te mil dólares por mês durante os próximos vinte anos…

— Dólares ou libras? — pergunta o Trager, seriamente.

— Pois — diz o Colson, não tão seriamente —, qual é a taxa de câmbio?

— Dólares — responde Shane. — Mil dólares por mês num total de vinte anos.

Do outro lado de Shane, Ryder coloca a cabeça debaixo do chuveiro e tira o cabelo preto do rosto. Sua voz sai abafada pelo barulho da água enchendo o espaço de vapor.

— Qual é a contrapartida?

Shane parece extremamente satisfeito consigo mesmo ao revelar:

— Para receber o dinheiro, você é obrigado a ver seus pais transando uma vez por ano.

O vestiário inteiro cai na gargalhada, gargalhadas sonoras que ecoam nas paredes de azulejos. Pego o sabonete e começo a ensaboar o peito enquanto considero a situação colocada por Shane.

Colson responde imediatamente.

— Passo — diz, empalidecendo. — Prefiro ser pobre.

— Respondeste demasiado depressa — censura o Trager. — Tenho perguntas a fazer.

— Não há perguntas suficientes no planeta que possam convencer-me a ver os meus pais a foder.

— Lindley — diz o Trager ao Shane. — Estamos a falar de pinar num quarto às escuras?

— Num quarto completamente iluminado — responde o Shane.

— Eles vêm-se?

— Os dois. Ela vem-se várias vezes.

— Fazem barulho ao vir-se?

— Fazem muito barulho.

Após um longo momento de consideração, o Trager suspira.

— Eu aceitava. Não posso recusar dinheiro grátis.

Sorrindo, o Shane olha para mim.

— Beck?

Viro-me para a água do chuveiro para tirar o sabonete do corpo dorido e cheio de hematomas.

— Ná — respondo, por fim. — Sinto que sou capaz de ganhar doze mil dólares por ano sem ter de ouvir o orgasmo ruidoso dos meus pais. Vou investir em mim.

O Ryder ri-se.

Depois de o Trager rejeitar a sua própria experiência mental, desligo a torneira e tiro a toalha do gancho, enrolando-a à volta da cintura. Regresso ao balneário com o Shane e o Ryder atrás de mim. No cacifo ao lado do meu, vejo o Will Larsen totalmente equipado, franzindo o sobrolho ao telefone.

— Está tudo bem? — pergunto.

Mesmo sem a careta, ele saberia se alguma coisa estivesse incomodando. Larsen e eu estamos completamente sintonizados um com o outro. Isso é o que acontece quando você compartilha mulheres na cama. O que parece mais vulgar do que é. Nós amamos mulheres. Por isso elas continuam voltando.

Will resmunga baixinho.

— Está. É meu pai sendo o idiota de sempre.

Ele me joga o celular. Não consigo não rir ao ler o e-mail na tela.

De: Alessia Mason-Bybee
Para: Will Larsen
Assunto: Solicitação de reunião

Olá Will,

Seu pai gostaria de marcar uma reunião com você o mais rápido possível. Por favor, deixe-me saber sua disponibilidade esta semana.

Cumprimentos,
Alessia

— Ele pede para a assistente marcar encontros? — Estou admirado.

— Claro. — A voz de Will é sarcástica. — Eu sou só mais uma reunião de negócios.

— Meu, isso é intenso — diz Shane, parecendo compreensivo.

Dando de ombros, Will coloca o celular na prateleira de cima de seu cubículo e começa a se despir, jogando a camisa no banco.

— Enfim. Sempre foi assim. Nem me lembro da última vez que conversamos sem agendamento. Alessia também envia e-mails para isso.

O Ryder deixa escapar uma risada.

— Fogo. Quero dizer, como alguém que não tem pais, não posso exatamente provar isso, mas não acho que as relações entre pais e filhos sejam assim.

Escondo minha surpresa. É raro que Ryder mencione sua infância, considerando o assassinato de sua mãe e o fato de seu pai estar preso por esse motivo. Mas todos nós notamos que ele tem sido muito mais aberto desde que se casou com a coqueluche de Briar, Gigi Graham. Gigi é filha do ex-aluno mais famoso da universidade, e isso é dizer muito, pois Briar já formou dois presidentes norte-americanos.

Graças a Gigi, Ryder está prestes a se tornar um novo homem. Agora ele tem outra família e estou muito feliz por ele. O bacana merece.

Quanto a Larsen, bem, me sinto mal por ele. Ele se mudou lá para casa em agosto, depois que Shane e Ryder foram embora, e seu pai não o visitou uma vez. O homem parece ser um idiota chapado.

— É, não é pra ser assim — confirma Shane, erguendo o celular como prova. — Está vendo isso? Isso é meu pai. Mensagens intermináveis, puto. — Ele percorre cerca de três parágrafos. — E isso é só ele perguntando o que eu quero de churrasco quando eu for pra casa daqui algumas semanas.

— Deve ser legal — diz Will.

Sorrio.

— Então, você vai mandar seu horário para ele?

— Não. — Ele bloqueia o telefone e o enfia no bolso.

A maioria da equipe vai até o Malone's, o bar de esportes da cidade, mas Will e eu temos planos, então nos despedimos de nossos companheiros de equipe no estacionamento nos fundos do Graham Center e entramos no SUV preto e brilhante de Will. Cortesia do pai dele, é claro.

Will entra no banco do motorista e olha para mim.

— Quando Caitlin vai lá em casa?

— Eu realmente não sei. Ele me mandou uma mensagem durante o jogo. Deixa ver.

Porém, a única coisa que a mensagem diz é: **Me liga.**

— Meu, baixa essa merda aí — reclamo, me referindo à música *country* que sai gritando do rádio do carro. Eu gosto mais de *rock* e *rap* , mas aqui o Sr.

Boston, por algum motivo que não consigo explicar, gosta de música *country* . Mas o carro é dele, ele dita as regras. Cabrão.

— Oi — digo, quando Caitlin atende. — Que horas você vai passar lá em casa?

Há um momento de silêncio.

— Caitlin? Tá aí?

— Sim. Desculpa. Estou aqui. Hum… Acho que não vou.

Franzo a testa.

— Por que não?

Após outra longa pausa, ouço-a respirar fundo.

— Estou sentindo coisas.

— Você está sentindo coisas — repito.

— Estou.

— Por qual de nós?

Isso me faz ouvir uma risada vinda do banco do motorista. Will e eu trocamos um sorriso.

— Por *você* , idiota.

Eu aceno em concordância para mim mesmo. Geralmente, há cinquenta por cento de chance de uma garota se apaixonar perdidamente por um de nós.

A resposta nunca foi 'ambos'.

Não que eu quisesse. Quero dizer, seria muito bizarro. É verdade que compartilhamos taras semelhantes na cama, mas não somos dois bacanas procurando uma garota especial para completar nossa tríade ou o que quer que as pessoas chamam isso hoje em dia.

— Sei que era para apenas nos divertirmos — continua Caitlin, com um tom de voz envergonhado. — E *foi* divertido, nós três nos enrolarmos. Honestamente, eu não esperava vir a sentir alguma coisa.

Não estava?

Quer dizer, *eu* estava. Não me lembro da última vez que conheci uma mulher cujos sentimentos não faziam parte da equação sempre que a situação ia além de um encontro de uma noite. Certo. Nunca. É a quantidade de garotas imunes a sentimentos que eu já conheci. Zero.

Eu adoro mulheres. Sinceramente. Eu me colocaria de joelhos e prestaria culto ao seu altar de feminilidade. Eu amo sua aparência, seu sabor, seu cheiro. Como são macias ao meu toque. Os sons que fazem quando gemem no meu ouvido.

E sim, não duvido que haja exceções, mas, nos meus 21 anos de existência, ainda não conheci ninguém que não acabasse sentindo algo.

— Por isso… — Ela suspira novamente. — Não sei… Talvez, em vez de passar por aí, pudéssemos ir ao cinema ou algo assim? Você sabe, tipo… — Ela se cala.

— Tipo um encontro romântico? — sugiro.

Will volta a me olhar, intrigado.

— Sim — diz ela. — Seria tão ruim assim?

— Não, com certeza seria legal, mas... — me preparo para a reação que as próximas palavras provocarão. — Eu não quero uma namorada.

Silêncio.

A tensão que irradia do telefone enche o carro. O Will até abre a janela, como se fosse algo tangível que conseguisse sentir. Sabe-me bem sentir o ar fresco no rosto.

— Não estás interessado? Nem um bocadinho? Porquê, não sou digna de namorar contigo?

— Não é nada disso. Se eu quisesse uma namorada, estarias no topo da minha lista — asseguro. — Caramba, serias a única da lista. Tu percebes as minhas piadas e aturas os filmes sobre viagens no tempo. Sabes quão raro isso é?

Do canto do olho, vejo o Will sorrir outra vez.

— Esses filmes são tão aborrecidos — informa ela.

— Eu sei, e adoro que, apesar disso, você os veja. Acredite em mim, Caitlin, se eu estivesse procurando por algo sério, não te deixaria em paz por um segundo. Mas não gosto de compromissos. Não tenho jeito para isso. A única coisa que quero fazer no meu último ano é jogar hóquei e pegar garotas.

Estou sendo absolutamente honesto. Sempre fui assim quando se trata de mulheres, especialmente depois da maneira como meu último relacionamento acabou. Estou solteiro desde o último ano do ensino médio e não tenho intenção de mudar isso tão cedo.

Aguardo algum tipo de reação negativa, mas Caitlin se mostra tão legal quanto sabia que seria.

— Está bem. Mas, se for assim, obviamente, não posso estar com vocês novamente. Espero que entendam.

— Eu entendo.

— Mas eu realmente gostei do tempo que passamos juntos. — Parece melancólica.

— Iá. Eu também.

— Manda um beijo para o Will. Vejo você por aí, Beckett.

— Tchau, linda. — Desligo a ligação e me viro para o banco do motorista. — Acabei de terminar com uma garota que eu nem namorava.

Will dá uma risada.

— Bem-vindo ao clube. Lembra da Felicity, na primavera? Puto, ela chorou quando eu disse que não a amava. Tu teve sorte.

— Você tem razão.

Chegamos à nossa moradia, que está muito mais tranquila desde que Shane se mudou. Ryder, bem, você mal percebe que o Sr. Silencioso e Melancólico se foi, mas Shane é outra história. A personalidade do bacana enche qualquer cômodo onde ele esteja. Eu e Will somos mais relaxados. Talvez seja por isso que nos demos tão bem quando eles juntaram nossos programas de hóquei.

Desde que nos conhecemos, sinto que o conheço há anos. Infelizmente, os jogadores de Eastwood não podiam gostar do pessoal da Briar (eles eram como inimigos mortais), então mantivemos nossa amizade em segredo por meses. Porém, assim que o Ryder começou a andar com a ex do Case Colson, a Gigi, passou a valer tudo. Se ele pudesse confraternizar com o inimigo, então, foda-se, eu poderia convidar Will para sair comigo e assistir a alguns filmes legais de ficção científica.

Larsen é o tipo de cara que te deixa completamente à vontade, não importa o que você esteja fazendo. No entanto, não posso negar que a primeira vez que

acordei e me deparei com uma mulher nua *e* Will na minha cama foi… perturbadora.

Porém, a noite anterior a essa constrangedora manhã foi o máximo. Quando se trata de sexo, me enquadro na área do *quanto mais perverso, melhor* . E, ao que parece, quanto mais gente, melhor. Fiquei com uma ereção danada naquela noite, vendo uma morena toda gostosa montada em Will como se ele fosse um cavalo de corrida e ela estivesse tentando vencer o Kentucky Derby. Então ele se inclinou e enfiou meu pau na boca enquanto estava em cima dele e tudo ficou mil vezes mais excitante.

Eu já tinha experimentado sexo a três algumas vezes, mas nada tão quente quanto daquela vez. E só melhorou. Até o verão passado, quando Will decidiu que nossas atividades picantes eram *muito* picantes para ele. Acho que a palavra que você usou foi 'depravadas'.

Compreendi a hesitação dele. O Will é uma pessoa analítica. Pensa demasiado nas coisas. Na minha opinião, pensar é sobrevalorizado. Devemos fazer o que nos sabe bem. Ponto final.

— Queres ir ao Malone’s? — O Will desliga o motor e desaperta o cinto de segurança.

— Iá, é melhor.

Amanhã de manhã não há jogo nem treino de patinagem, e, se a Caitlin não vai passar em nossa casa, não há motivo nenhum para não apanhar uma tosga esta noite.

Da nossa casa à Main Street são só dez minutos a pé, por isso, decidimos caminhar até ao bar em vez de chamar um carro.

Enquanto acertamos o passo pelo passeio fora, o Will diz:

— Então, não queres mesmo andar com a Caitlin?

— Não, amigo.

Ele revira os olhos.

— Compromisso não é uma coisa tão ruim quanto você julga.

— Iá, não é má. É horrível.

Apenas implica a destruição pura e absoluta da alma e da esperança em tudo o que é bom, como infelizmente posso confirmar.

Que se dane. Depois da maneira como Shannon arrancou meu coração do meu peito na semana antes de terminar o ensino médio, não pretendo ter nada sério com outra mulher por muito, muito tempo.

Talvez num futuro distante. Um dia. Um dia em um futuro vago e indefinido.

Mas, decididamente, não esta noite. De jeito nenhum, esta noite vou abrir nosso aplicativo de engates favorito. Caitlin já faz parte da minha vida sexual passada.

— Você está no nosso perfil? — Will parece divertido, espiando meu celular.

— Iá. Estou apenas olhando as mensagens.

Criamos um perfil conjunto há algumas semanas, principalmente porque é estranho tentar descobrir se uma garota estará interessada nos dois sem parecermos dois malucos. Um aplicativo de engates me parece uma maneira eficiente de analisar alguém de antemão, ao mesmo tempo em que nos poupamos da vergonha da rejeição ou da indignação horrorizada.

Não que eu me envergonhe com facilidade. É preciso muito para me sentir

incomodado. Meu estado natural sempre foi a indiferença.

— Alguma coisa boa?

— Acho que essas mensagens são falsas.

Eu as apago, faço *unmatch* na garota e estou prestes a sair do aplicativo quando o perfil na tela principal me chama a atenção.

— Foda-se, Larsen. Olha isso.

Quando mostro a foto, ele me lança um sorriso conhecedor.

— O lacinho?

— O lacinho — gemo.

A garota da foto está deitada na cama com um sutiã de renda roxo e uma calcinha no mesmo tom com um lacinho rosa no centro da cintura. Adoro lacinhos. Quero agarrar aquele lacinho com os dentes. Mordiscá-lo. E então mordiscar cada centímetro daquele corpo. As mamas pequenas e empinadas. A cintura delgada. As pernas longas.

Eu nem me importo com seu rosto. Seu corpo é um avião. Quero me lambuzar com ele.

— Iá, vamos *curtir* .

Will ri para si mesmo.

— Você já para de pensar em sexo alguma vez?

— Não entendo a pergunta.

Clico no coração no canto da fotografia de perfil, esperando que também ela tenha posto *like* no nosso perfil. Um segundo depois, aparece o meu alerta favorito.

Fizeram match!

CAPÍTULO 3

CHARLOTTE

A minha crítica interna é mesmo uma cabra beligerante

Quando percebi pela primeira vez o que «significava» ser adotada tinha 6 anos. Ocorreu-me durante uma discussão no recreio com outra rapariga da turma. A Stacey. A estúpida da Stacey. Não me lembro de como começou, mas foi uma discussão idiota, cada uma a defender que os pais lhe compravam tudo o que queria. O que era uma ideia absurda, pois eu não era de todo uma criança mimada.

Stacey se gabava de que, se pedisse, *seus* pais lhe comprariam um sorvete no meio de uma tempestade. A seguir a eu dar uma resposta igualmente ridícula, ela disse:

— Os seus *nunca* fariam uma coisa dessas.

Então, com um sorriso malicioso, ele proferiu um comentário despreocupado que abalou meu mundo.

— Você nem é mesmo filha deles.

Suas palavras foram como pequenas punhaladas no coração. Eu sabia que era adotado desde que tinha idade suficiente para perguntar por que me parecia mais com minha amiga Daisy Jeong e seus pais do que com minha própria família. Mas acho que nunca tinha realmente entendido o conceito até aquela discussão com Stacey.

Desatei a fugir, desfeita em lágrimas. Fiquei tão chateado que os professores tiveram que ligar para meus pais para me pegar. Foi meu pai quem teve a infelicidade de sair do trabalho no meio do dia. Recusei-me a contar a ele o que estava acontecendo, recusei-me a deixá-lo me consolar. Mas naquela noite, quando ele estava me dando boa noite, desabei a chorar, finalmente me desmanchando e confessando o que Stacey dissera. Minha mãe irrompeu pelo quarto e os dois começaram a me consolar, explicando que, embora não compartilhássemos laços sanguíneos, isso não significava que não eu era mesmo filha deles.

Porém, suas palavras não conseguiram apagar o terror que se instalara em meu coração.

E se eles decidirem que não me querem mais?

Tentei afastar esses receios, mas, conforme ia ficando mais velha, eles arranjavam sempre maneira de ressurgir. Sempre que me portava mal, sempre que trazia más notas para casa, uma voz dentro de mim sussurrava que poderiam devolver-me. Comecei a observar todos os seus gestos, analisando as suas palavras e ações, à procura de indícios de que o seu amor por mim era condicional.

Agora, aos 21 anos e indo fazer 22 no verão, esses receios desapareceram quase todos. Passou muito tempo desde que olhei para as fotos de família sobre a lareira e me questionei se seria aquele o meu lugar.

Porém, é nestas alturas, quando toda a gente à mesa de jantar lista um objetivo que definiu ou um feito de que se orgulha este mês, que eu desejava que as pessoas que me adotaram não fossem tão perfeitas.

Amo-os muito, mas são todos demasiado ambiciosos.

Minha mãe consegue cozinhar um *suflê* do zero e tem doutorado em Matemática. Embora não obrigue as pessoas a chamá-la de «doutora». Não é tão afetada assim.

Meu pai dirige uma empresa multimilionária de segurança cibernética em casa.

Ava, quatro anos mais velha que eu, conseguiu o emprego dos sonhos logo depois da faculdade, com um salário tão alto que consegue morar em um apartamento de dois quartos em Manhattan em vez de em um estúdio infestado de baratas.

Oliver, seis anos mais velho, está a caminho de se tornar o sócio mais jovem da empresa onde pratica direito de família.

Todos eles são enjoativamente bem-sucedidos e equilibrados. Até Katherine, esposa de Oliver, se encaixa no perfil. Kat trabalha para uma organização que combate o tráfico de menores e devolve os sobreviventes aos pais. Oliver, literalmente, escolheu se casar com uma pessoa ainda mais perfeita do que ele.

— Isso são excelentes notícias. — Minha mãe sorri para Ava, que acabou de compartilhar a notícia de que será promovida. Porque era óbvio que isso aconteceria. — Estou tão orgulhosa de você, querida.

— E você, filhinha? — Sorrindo para mim, meu pai corta um pedaço de *crumble* de maçã com a lateral do garfo. — Alguma conquista ou meta cumprida?

— Tirei 20 no último exame de Biologia.

A resposta parece uma desculpa.

Mas o que mais posso dizer? Que eu conquistei um *wide receiver* no carro?

Possivelmente, meu pai engasgaria com a sobremesa. Mas eu ficaria bem, já que todos na família sabem como fazer suporte básico de vida, incluindo a manobra de Heimlich. Foi ideia da minha mãe que fizéssemos um curso de primeiros socorros e técnicas de resgate em um verão, por diversão. Sua ideia de diversão difere bastante da minha.

Você sempre pode dizer a eles que conseguiu enviar uma amostra de DNA para um site de genealogia.

Argh. Minha crítica interna é *realmente* uma vadia beligerante.

Pronto. Pronto, você está bem? Suponho que seja uma boa introdução ao assunto. Fazer a transição das conquistas para uma novidade empolgante em

minha vida.

Adivinhem! Estou procurando minha família *verdadeira* !

Oh, meu Deus. E se eles acharem que é isso? Não quero que pensem que sou uma ingrata ou que não são suficientes para mim.

É apenas algo que quero fazer. Algo que tem me assombrado nos últimos anos. Fui adotada quando tinha oito meses. Não tenho ideia de onde vim. E, por muito tempo, não quis saber. Eu tinha perguntas no fundo da minha mente, é claro, mas buscar respostas não parecia necessário, nem fundamental. Eu me sentia feliz com meus amigos, minha família e minha vida. *Continuo* me sentindo feliz com tudo isso.

Mas, ultimamente, a necessidade de ter respostas não me dá descanso.

Acho que quero entender. Quero saber quem são meus pais biológicos. Ou quem eram, se não estiverem mais vivos. Quero saber por que fui abandonada pela minha mãe biológica. Por que você sentiu que essa era sua única chance.

Meus pais me disseram que ela me deixou em um orfanato em Seul dentro de um cesto de roupa de plástico com um coelho de pelúcia azul ao lado. Ainda tenho esse coelho. Chama-se *Tiger* . Foi Oliver quem lhe deu o nome. Meus pais me disseram que quando me trouxeram para casa e me apresentaram a Oliver e Ava, meus novos irmãos ficaram encantados comigo quase imediatamente.

E *são* os meus irmãos. *São* os meus pais. Nunca me referi a nenhum deles como «o meu irmão adotivo», «a minha mãe adotiva». Nada disso. São os meus pais. O Oliver é o meu irmão. A Ava é a minha irmã. São a única família que conheço e adoro-os do fundo do coração.

Sinto um nó na garganta. Merda, porque é que me inscrevi naquele site? *Odeio* o caos emocional. Qualquer tipo de caos, na verdade. Só quando estou a viver a minha outra vida, aquela em que não é suposto ser perfeita, é que me permito aceitar a anarquia. Essa vida está cheia de risco e emoção.

Já esta… nem por isso.

Desperto de meus pensamentos, percebendo que minha oportunidade perfeita acabou e a atenção agora recai sobre Kat, que diz ter alcançado sua meta de caminhar dez mil passos por dia durante uma semana, e então acabou.

Nossa tradição à mesa é cafona, eu sei, mas não é tão pretensiosa quanto parece. Meus pais querem que nos sintamos orgulhosos de nós mesmos e do que fazemos, mesmo se tratando de conquistas insignificantes, como *hoje fui dar uma volta e foi bom sentir o ar no rosto.* Exercício é aceitar o que é positivo.

Enquanto limpamos a mesa, Oliver e eu conversamos sobre um caso de custódia complicado que ele tem na empresa. É impressionante como ele se parece com nosso pai, até a parte natural do cabelo loiro e o formato das unhas das mãos. E Ava é uma fotocópia da nossa mãe: o mesmo cabelo castanho-claro grosso, os cílios incrivelmente longos, até as pintinhas cinzas em volta das íris azuis.

E então eu. Quando eu era mais jovem, costumava ficar olhando meu reflexo no espelho, me perguntando com qual dos meus pais biológicos eu seria parecida. Mas não me parece importante. Eles não me quiseram. Por que você iria querer ser parecida com eles?

Não me sinto amargurada. Nem por isso. Sei que algumas pessoas nutrem sentimentos complicados em relação à sua adoção, mas eu sinto-me

genuinamente grata pela vida que tenho e a família que me acolheu. Desde a primeira vez que me viram que me trataram como sua filha, uma Kingston de pleno direito.

Eu e o Oliver levamos os pratos sujos para a cozinha, onde a minha mãe está a arregaçar as mangas em frente ao lava-louça.

— Vai ter com o pai — digo ao meu irmão. — Eu ajudo a mãe.

— Obrigado, miúda.

Assim que ele sai, eu e a minha mãe ficamos lado a lado no lava-louça, passando os pratos por água. Ela comete o erro de me perguntar sobre a Delta Pi, fazendo-me resmungar e queixar-me da Agatha durante uns bons dez minutos.

— Você acha que *ela* é má? — Minha mãe diz quando paro de falar, me passando um prato para colocar na máquina. — A mãe é cem vezes pior.

— Não me surpreende nem um pouco.

A mãe de Agatha, Lillian, é uma das orientadoras de ex-alunas. Ele está lá para fornecer «apoio» ao conselho de administração, mas, na verdade, usa as reuniões mensais como oportunidades para enfiar o nariz em cada detalhe da casa e nos pregar sermões sobre o que estamos fazendo de errado. Naquela família, quem sai aos seus não degenera. Elas são tão parecidas que parecem inseparáveis.

— Meu Deus — minha mãe diz, resmungando. — Lillian costumava fazer uma coisa chamada teste de brilho.

— Como assim? Tipo para os sapatos?

— Para o cabelo.

— Sério?

— Sim. Antes de um jantar ou evento importantes, eu alinhava todas as colegas na porta dos quartos enquanto caminhava pela fila examinando nossos cabelos. Nos fazia inclinar a cabeça, até pegar a luz do jeito *certo* , e analisava o grau de brilho. E se não passássemos no teste…

— O que ela fazia? Batia vocês? — Eu me sobressalto.

— Sim, Charlotte, batia na gente.

— O quê?

— Não! Claro que não! — Minha mãe começa a rir. — Se tivéssemos tempo suficiente para arrumar o cabelo de novo, você nos deixaria fazer isso. Se não, não poderíamos comparecer ao evento.

— Basta isso para evitar esses eventos chatos? Ter oitenta por cento de brilho no cabelo em vez de cem? Por que Agatha não é assim?

Depois que terminamos de colocar a louça na máquina, lavo as mãos e as seco com um pano de prato de flores.

— Sabe — digo —, a única razão por que presto sequer atenção nestas reuniões é por causa de ti, senhora presidente.

— E eu agradeço muito.

Ela se aproxima por trás de mim e envolve meus ombros, me dando um abraço apertado. Depois me dá um beijo na bochecha e vai limpar as bancadas.

Faça isso agora, que ela está de bom humor , implora uma voz interior. *Diga a ele que você quer procurar seus familiares biológicos.*

Eis que surge outra oportunidade. Estamos ambas tranquilas e de bom humor; é o momento ideal para soltar uma bomba dessas.

Fá-lo.

Diz a ele.

— Venha — minha mãe diz, se encaminhando para a porta. — Vamos ver se sua irmã e Kat sempre querem ir dar uma volta.

Novamente, a oportunidade escapa por entre meus dedos.

Voltei a me acovardar.

Revoltada comigo mesma, verifico meu telefone enquanto ela sai da cozinha para procurar Ava. Tenho uma notificação do aplicativo de engates me informando que tenho um novo *match* .

Curiosa, clico para descobrir que combinei *com* os detentores daqueles dois peitos ridiculamente musculosos. Abro a conversa, supondo que encontrarei uma foto de um pênis venoso ou uma frase lasciva, como *Olá garota, mostre-nos seus peitos.*

Em vez disso, eles me trocam.

LARS & B:

Você acha que é possível viajar no tempo? E, se a resposta for não, como você se sente por estar monumentalmente errada?

Mordo o lábio para evitar uma onda de riso. Não… eu estava esperando por isso. Na verdade, tenho que pensar um pouco antes de formular uma resposta.

EU:

Acho que é possível, mas não acredito que você possa mudar o passado. Seria impossível conciliar todos os paradoxos da viagem no tempo. Existe um físico chamado Novikov que tem toda uma teoria sobre isso.

Para minha surpresa, alguém começa a escrever imediatamente.

LARS & B:

Caramba. Você conhece o princípio de autoconsistência de Novikov?

EU:

Quem é que não conhece? Parece-me uma questão de bom senso.

LARS & B:

Casa comigo?

EU:

Depende. Com quem estou falando agora? Com Lars ou B?

LARS & B:

Com B. Lars está em algum lugar por aí.

EU:

Vocês andam na Briar?

Sua localização atual revela que está longe o suficiente, tornando possível estar em Hastings. Quando fizemos *match* , estávamos a poucos quilômetros, portanto, faz sentido que ele e o Lars morem perto da Briar.

B:

Andamos, os dois. E tu?

EU:

Também.

B:

Terceiro ano? Quarto?

No aplicativo, minha idade é 21, então, eu poderia frequentar qualquer um. Resolvo dizer que estou no terceiro ano, pois sempre falo umas mentirinhas nesse tipo de aplicação.

EU:

Terceiro. E vocês?

B:

Nós dois somos finalistas.

Ele começa a escrever novamente. Ouço minha mãe e minha irmã no corredor.

Aparece a seguinte mensagem:

B:

Você leu nosso perfil, certo? Eu só quero ter certeza de que você não surta se Lars aparecer aqui mais tarde e começar a falar com você.

EU:

Li.

B:

E?

EU:

E o que?

B:

Já ficou com dois tipos?

Estou prestes a responder quando Ava espia a cozinha.

— Você vem… — Ela para, estreitando os olhos. — Por que você está

corando?

Fui geneticamente amaldiçoada a me transformar em um tomate quando 1) consumo mais de meio copo de álcool, ou 2) me sinto envergonhada. E já que estamos no meio da tarde e eu só tenho bebido água, minha irmã mais velha deduz corretamente a causa.

— Você está trocando mensagens com um cara?

— Não — minto.

— Você está sim! Essas bochechas revelam tudo. — Ela resmunga. — Ah, não. Você e Mitch estão juntos de novo?

— Adoro como você antecipou a pergunta com "oh, não."

Não é nenhum segredo que Ava não era (e ainda não é) fã do meu ex. Suspeito que meus pais também não morriam de amores por ele. Jamais diriam isso na minha frente, mas, às vezes, eu os pegava trocando olhares contrariados quando Mitch passava um tempo com nossa família. Geralmente, quando eu estava sendo muito carente, um comportamento que se manifestou mais perto do final do nosso relacionamento e que eu também não apreciava.

— Ele não era a pessoa certa para você — é a resposta de Ava.

— Não discordo — digo, com leveza. — E é por isso que não, não estamos juntos de novo. Estava trocando mensagens com Faith.

Enfio meu telefone no bolso depois de fechar o aplicativo. Esta conversa terá que esperar.

*

— Como eles reagiram?

Faith ataca assim que entro em casa naquela noite. Ela está de calça de pijama e moletom Delta Pi, os cachos afastados do rosto por uma tiara amarela neon. Sua pele morena, sem nenhuma maquiagem, não tem uma mancha sequer. Matava para ter uma pele daquelas.

Quando me encaminho para a escada, Faith vem atrás de mim como um cachorrinho ansioso.

— Aceitaram numa boa, né? — insiste. — Assim como eu te disse.

Paro no patamar do segundo andar, suspirando.

— Eu não contei a eles.

— Charlotte!

— Eu sei! Mas não tive uma boa chance.

Começo a andar na direção do meu quarto, com Faith ainda andando atrás de mim.

— Você não precisa de uma boa oportunidade. Tá pensando demais. Eles não vão se importar com o fato de você querer encontrar familiares biológicos. Tipo, se Ava enviasse uma amostra de DNA para tentar encontrar alguns primos desaparecidos, eles nem piscariam, certo?

Ficamos paradas na porta do meu quarto, porque enfio a chave de cabeça para baixo na fechadura. Tomo uma nota mental para, na próxima reunião do conselho de administração, voltar a falar da possibilidade de instalar fechaduras com código em todas as portas. Agatha e Sherise vetaram a ideia da última vez porque sentiram que daria um «ambiente de penitenciária» à casa.

— O que estou fazendo parece ingrato — confesso, assim que finalmente consigo abrir a porta. — Como se eu não estivesse feliz com a vida que eles me deram. Como se faltasse alguma coisa.

— Mas *está faltando* alguma coisa — ele diz a Faith, sem rodeios.

Ela pula na minha cama e se espreguiça, agarrando meu coelho de pelúcia. Sim, eu trouxe *Tiger* comigo para a faculdade. Viaja comigo para todo lugar.

— Você quer saber de onde veio — ela continua, brincando com as orelhas caídas de Tiger. — Isso não invalida que sua família seja fantástica. Eles te amam e *são* seus pais. Mas há outra parte de você, uma peça da sua história que está em algum lugar por aí que você precisa encontrar.

Ela tem razão. É algo que você deveria fazer.

Meu celular apita.

Ao ver o que é, recebo a prova verdadeira e inequívoca de que nossos celulares nos escutam.

— Oh, meu Deus — digo a Faith. — Acabei de receber uma notificação da BioRoots.

— O que você diz? — ela pergunta, se endireitando.

— «Pesquisa concluída. Veja seus resultados.»

Faith se sobressalta.

— Você tem resultados! Quer dizer que o site deve ter encontrado um ou dois parentes, certo?

— Bem, os resultados podem ser “zero correspondências” — respondo, em tom de voz seco.

— Abre. Vamos ver!

— Eu ia esperar até contar para minha família antes de entrar no site novamente.

— Não, acho melhor você ver os resultados primeiro. Talvez nem haja nada para contar.

Bem visto. Sento ao seu lado e abro o aplicativo, fazendo *login* por meio de reconhecimento facial.

Bem-vinda de volta! , saúda a tela.

Mais abaixo está um botão que diz: *Veja seus resultados.*

— Vamos, abra — encoraja Faith.

Mordendo o lábio, clico no botão. Uma nova página se abre, com uma lista de todas as conexões genealógicas associadas ao meu DNA. Olho para a primeira entrada e perco o fôlego.

— Cum caraças — exclama Faith.

A BioRoots apregoara a capacidade exaustiva de seu mecanismo de busca para descobrir conexões que remontam a várias gerações. Eu esperava encontrar um bisavô, talvez. Um primo de terceiro ou quarto grau, vagamente relacionado a outro primo. Alguém que, por sua vez, pudesse me apontar na direção dos pais biológicos que me abandonaram em um orfanato.

A última coisa que eu esperava era um irmão biológico.

CAPÍTULO 4

CHARLOTTE

Traidora desprezível e asquerosa

O meu irmão telefona-me na tarde seguinte.

O meu irmão verdadeiro.

Calma, não será o meu novo irmão o «verdadeiro» por causa da nossa ligação biológica?

E o que é que isso faz do Oliver?

O Oliver *não* é o meu irmão falso!

Estás a passar-te, Charlotte!

Meu Deus. Estou mesmo. Desde ontem à noite estou obcecado com essa bomba de DNA. Esta manhã, a primeira coisa que fiz quando acordei foi abrir o site para ter certeza de que a entrada ainda estava lá e que eu não tinha alucinado. Efetivamente, lá estava ela. Um irmão biológico encontrado… nos Estados Unidos. Será um estudante internacional da Coreia? Ele foi adotado também e crescido aqui? Ele teria se mudado para a América sozinho?

Meu pensamento tem girado o dia todo, atormentado por perguntas. Mas apenas uma pergunta realmente importa.

Será que eu deveria contatá-lo?

Eu estava prestes a passar a ideia pelo Método, com o laptop aberto e os dedos apoiados no teclado, quando meu celular começou a vibrar.

Fecho o laptop e me encosto na cadeira. É grande e confortável. Ela também gira, o que meu pai considera um grande perigo. Discutimos sobre isso na loja de móveis, gerando um debate fervoroso sobre se uma cadeira giratória é mais ou menos provável de levar à morte de alguém. Então minha mãe descobriu várias estatísticas sobre isso, porque esse é o tipo de família que somos.

— Oi — cumprimento Oliver. — Tudo bem?

— Você me diz.

— Como assim?

— Ontem você estava estranha. Achei que era melhor deixar você voltar para a faculdade, longe dos olhares da mamãe e do papai, para me dizer por que você estava agindo de forma estranha.

— Não tinha nada — protesto.

— Você estava sim, e continua sendo uma péssima mentirosa. O que é que se passa?

Oh, nada de especial. Acabei de descobrir que tenho um irmão biológico em algum lugar, no mesmo planeta que eu.

Engulo as palavras. Sou próximo de ambos os meus irmãos, mas talvez não tanto quanto poderia. Eu sei que cada um deles me apoia sem hesitar, quer eu peça para eles me tirarem da prisão ou acabe com um namorado. Mas as cenas mais íntimas? As inseguranças e dúvidas que às vezes me incomodam à noite como um cachorro roendo um osso velho? Não sei se Oliver ou Ava seriam as primeiras pessoas a quem eu pediria ajuda.

Não ajuda que ambos sejam mais velhos que eu. Quando eu tinha 12 anos, Oliver já tinha ido para a faculdade, e Ava saiu de casa quando eu tinha 14. Eles não chegaram a testemunhar aqueles anos cheios de coisas horríveis, como puberdade e angústia adolescente incapacitante, e acho que, por terem perdido tudo isso, sempre me trataram como uma garotinha adulta. Forte e capaz e absolutamente segura de si.

— Está tudo bem — digo. — Só estou preocupada com a faculdade. E outro dia, eu estava olhando minhas inscrições para o mestrado e percebi que estava usando os requisitos de acesso de três anos atrás. Alguns cursos agora pedem ensaios pessoais.

— Alguns, tipo, mais que dois? Achei que você escolheu o MIT, com Cornell como alternativa.

Meu pai foi para o MIT. Minha mãe, na Cornell. Então, é claro, é para essas faculdades que minha família tem me pressionado a me inscrever. E, sim, embora fosse mais conveniente ficar na Costa Leste, também seria muito legal… ir para outro lugar. Talvez curtir um clima diferente por alguns anos. Os invernos na Nova Inglaterra são horríveis.

— Também vou me candidatar a outras — confesso.

— Quais? Yale? Brown?

Adoro o fato de ele mencionar apenas faculdades próximas de casa.

— Sim, e outras.

Outras, tipo… você sabe… a Universidade de Sydney. A Universidade de Melbourne. Oxford. Um mestrado incrível que descobri em Copenhague.

Embora sejam todas possibilidades remotas. Meu GPA é excepcional, mas a Engenharia Biomédica é uma área altamente competitiva. Esses cursos recebem inúmeros candidatos.

— Tudo bem, então, se precisar que eu reveja seus ensaios, diga. Não me importo de ajudar.

— Ah. Claro que sim. Obrigada.

— De nada. Te adoro, garota.

— Eu também.

Ao abrir o laptop para continuar minha tarefa desleal, sinto a culpa revoltar meu estômago.

Sou uma traidora.

Uma traidora desprezível e nojenta.

Dizendo ao meu irmão que o adoro enquanto tento decidir se devo entrar em contato com outro irmão cuja existência eu desconhecia. Parece uma traição à

minha família.

Eu me concentro no documento à minha frente. O modelo familiar e seu cabeçalho me tranquilizam como uma caneca de chocolate quente. Não me importa se você me faz uma pessoa obsessiva. O Método funciona para mim. Isso me faz sentir melhor, mais segura das minhas decisões.

Respirando fundo, passo pelo processo de relaxamento, compartimentando todos os elementos da decisão.

AÇÃO: Contato irmão biológico.

A seguir vem a seção de prós e contras. Começo a inserir pontos abaixo de cada coluna.

PRÓS:

Conhecer minha ascendência
Possivelmente faça um novo amigo

CONTRAS:

traindo a família
E se eles ficarem com raiva?
E se nunca mais falarem comigo?
E se ele for um idiota?

Escrevo tantos prós e contras quantos me lembro, depois me encosto e esfrego as mãos. É aqui que o processo passa de uma lista normal de prós e contras para o Método. É hora de Charlie brilhar.

Como isso envolve dissecar consequências negativas, copio e colo a lista de contras em outra seção, expandindo cada uma.

O objetivo: determinar a *pior consequência possível* ao realizar essa ação.

Para usar o Método da melhor maneira, costumo excluir certas coisas, como «homicídio» e «torturada no porão de assassino em série», da lista de piores cenários, pois as estatísticas dessas consequências são sempre muito baixas para merecer verdadeira consideração.

O objetivo do Método é estabelecer a pior consequência com a maior probabilidade de ocorrer, e depois determinar se consigo viver com ela.

CONSEQUÊNCIA N.º 1: A minha família nunca mais me fala.

Sim, esta parece-me uma consequência devastadora. Mas quão provável será?

Está na hora da análise detalhada. Por vezes, a resposta baseia-se no senso comum. Outras vezes, é anedótica. Na maioria das vezes, implica uma certa pesquisa. E, se há uma coisa que me deixa mais em brasa do que um calendário organizado, é uma pesquisa.

Realisticamente, não consigo imaginar minha família deixando de falar comigo. Meu pai continua conversando com o irmão apesar de tio Erik ter roubado seu número de cartão de crédito, usando-o para acumular um ano de despesas após a mulher ter se divorciado dele e ficado com todo seu dinheiro. Se

meu pai pode perdoar isso, ele pode perdoar qualquer coisa.

Mas, claro, nunca diga nunca, portanto, faço minha aposta e atribuo a essa consequência um por cento de probabilidade.

À pergunta «Consigo viver com isso?», respondo «NÃO»

Continuando. Qual a próxima pior coisa que poderia acontecer?

CONSEQUÊNCIA #2: Nosso relacionamento mudará para sempre.

Mordo o interior da bochecha. Decididamente, há uma forte chance de isso acontecer. E isso é algo que posso mais ou menos atestar. Passo a próxima hora online analisando histórias de crianças adotivas que procuraram pais biológicos e como suas famílias adotivas reagiram. Na maioria dos casos, as famílias parecem ter apoiado a iniciativa. Mudará para sempre, sim. Será que isso é ruim? Talvez não.

Eu atribuo uma probabilidade de noventa por cento, mas como as estatísticas me dizem que provavelmente a mudança não será negativa, posso viver com isso. Sempre que respondo *SIM* a essa pergunta, eu a retiro da lista de possíveis consequências.

Continuo, analisando cada consequência.

Ele pode me conhecer e me rejeitar. Probabilidade média. Posso viver com isso? *SIM* .

Ele pode me ignorar completamente. Probabilidade elevada. Posso viver com isso? *SIM* .

Quando eu o conhecer não vou gostar dele. Probabilidade média. Posso viver com isso? *SIM* .

Quando termino de analisar dados, o Método determina que a pior consequência possível, absolutamente devastadora e inimaginável para mim, é o um por cento de probabilidade de minha família nunca mais falar comigo.

Em outras palavras, entrar em contato com o cara que a Internet diz ser meu irmão não é o fim do mundo.

Meu celular está do outro lado do quarto, então, abro o site da BioRoots no laptop e crio uma nova mensagem. Quando nos registramos, temos a opção de tornar nosso nome público, o que escolhi fazer. O objetivo era descobrir meus parentes biológicos. Se eles existirem, quero que sejam capazes de entrar em contato comigo.

Mas esses parentes têm a opção de permanecer anônimos, o que essa correspondência biológica escolheu fazer. Seu nome de usuário é HLS315.

Eu dedico alguns minutos para considerar o que escrever até decidir que não é tão complicado. Algo breve e simples. Meus dedos voam sobre o teclado enquanto esboço minha mensagem.

Olá,

Você deve ter recebido a mesma notificação que eu. E, se você não recebeu… bem, parece que sou sua irmã biológica. Surpresa!

Sei que isso é estranho. E meio estressante. E eu não quero ficar te

pressionando nem nada. Só queria que você soubesse que estou aqui e totalmente disponível para conversar, por telefone ou por mensagem de texto, ou se um dia você quiser se encontrar pessoalmente. Moro nos subúrbios de Boston e vou para a Universidade Briar. Não sei em que estado você está (sua localização diz apenas EUA), mas, se você quiser se encontrar ou conversar, por favor, entre em contato comigo.

Atenciosamente,
Charlotte

CAPÍTULO 5

WILL

Você me perguntou como a vida podia ser irritante.

É assim, porra.

Meu pai se considera a pessoa mais importante onde quer que esteja.

É verdade que no Della's Diner, numa tarde de segunda-feira, talvez seja. Acho que não vejo outro congressista dos EUA ocupando nenhuma das mesas de vinil vermelho. O problema é que este congressista é mais pomposo do que a maioria, o que diz muito, pois nunca conheci um político que não fosse obcecado por si mesmo.

Porém, meu pai faz parte de uma classe egocêntrica própria. Só porque você é mais bem-sucedido do que a maioria das pessoas que você encontra, você não tem o direito de ficar todo inchado e ser condescendente com todos. Ou pior, dispensá-los. Sua presença, suas opiniões. Fui dispensado pelo meu pai a vida toda. Ele realmente usa essas palavras quando estou em casa nas férias. Erguendo o olhar por cima dos óculos, ele diz: 'Você está dispensado, William'.

Meu pai é a única pessoa que me chama de William. E suspeito que seja apenas por gostar de ouvir o próprio nome sair de sua boca. Iá, sou um júnior. William Larsen II. Poderia ser pior. Pelo menos ele não é conhecido por Bill. Se não, você estaria me chamando de Bill o tempo todo.

O Congresso está reunido, então o fato de meu pai viajar de DC para Massachusetts para visitar seu filho que está na faculdade revela que isso é algo importante.

— Obrigado — diz ele, quando a garçonete traz os cafés.

Pedi almoço, mas ele não. Imagino que você vá embora antes que minha comida chegue e eu ficarei comendo sozinho. O que talvez seja melhor.

Meu pai ostenta o grande sorriso falso que costuma esboçar quando está em campanha. Aquele que guarda pro povinho.

— Posso pedir um pouquinho de açúcar, menina?

A empregada tem quase 50 anos e não deveria cair na conversa. A maioria das mulheres percebe imediatamente a bajulação e se sente infantilizada quando ele as trata assim. Mas os instintos deste homem são certeiros. Ele é tão bom em ler as pessoas que sempre diz exatamente o que elas precisam ouvir.

A garçonete cora como uma garota de 14 anos e balança a mão com modéstia.

— Ah, não diga isso.

Tento não revirar os olhos quando ela se afasta lentamente.

— Como estão as aulas? — meu pai pergunta.

— Bem.

— Alessia me enviou seu horário. Notei que você não se inscreveu em Ética, como te recomendei.

Sim, porque é o meu horário, não o seu.

Evito responder. E, certamente, não vou lhe dar a satisfação de admitir que o programa de Ética parecia bastante interessante. Fazer o oposto do que meu pai quer é uma espécie de reação involuntária. Mas, pelo menos neste caso, não deu errado; a cadeira que escolhi em vez dessa é igualmente interessante.

— Por que você escolheria uma cadeira de Biologia? — meu pai insiste.

— É um laboratório de Engenharia.

— Mas por quê? Não entendo a lógica. Já falamos sobre isso.

Não. *Ele* falou sobre isso. Ele gosta de planejar minha vida. Sempre que um novo semestre começa, sou obrigado a enviar um e-mail com meu horário para sua assistente, que mostra a ele para que ele possa decidir se o considera digno.

Estou a estudar Ciência Política. Incentivado pelo meu pai, claro, que basicamente me prepara para a política desde os 5 anos. Ele acha que vamos ser uma dinastia presidencial. Pai e filho. O que é improvável, pois, primeiro, implicaria que, um dia, os eleitores o elegessem e ao seu cu bajulador para a Casa Branca, e gosto de pensar que a maioria consegue perceber as suas aldrabices. E, segundo, implicaria que eu quisesse — e eu não quero. Não tenho qualquer interesse em ser político.

Porém, estou no último ano e não posso deixar de pensar em como será o futuro. Sinceramente, não faço ideia. Às vezes, penso numa função qualquer nos bastidores da política. Gestão de campanha, talvez. Ajudar um candidato a sério a ser eleito. Alguém que possa promover uma verdadeira mudança e não as promessas vazias que o meu pai e os aliados gostam de vender às massas desafortunadas.

— William — diz ele.

— Desculpa, o quê?

— Estou a dizer-te que não vais ser cientista. Porque hás de perder o teu tempo a espreitar para microscópios e a analisar lamelas?

— Porque acho interessante. Não é esse o objetivo da faculdade? Aprender merdas que achamos interessantes?

— Tento na língua — diz.

Procuro mudar de assunto.

— Como está a Kelsey?

Kelsey é minha madrasta. Eles se casaram quando eu tinha 4 anos, então, tecnicamente, ela foi a única mãe que conheci. Não me lembro de nada antes dela. Meu pai tem fotos da minha mãe sobre a lareira para parecer que ele tem sentimentos quando nos fotografam nas entrevistas. E que amou desesperadamente a primeira mulher. Estou certo de que sim. Embora, de acordo com meu avô, o casamento deles tenha sido mais por vantagem do que por amor.

Minha mãe descendia de outra dinastia política e tinha bastante dinheiro. Juntaram fortunas e tudo.

Kelsey não tem fortuna, mas tem contatos. Quando se conheceram, ela estudava direito e agora pratica direito penal em DC.

Verdade seja dita, eu gosto da minha madrasta. Ela é legal. Afetuosa. Nunca vou entender o que você vê no meu pai.

— Ela está animada para você ir para casa no Dia de Ação de Graças — diz ele. — Seus primos também vão estar lá. É perfeito. Faz muito tempo que não tiramos uma boa foto do clã inteiro.

Nada como uma sessão de fotos para tornar o Dia de Ação de Graças mágico e inesquecível.

Tomo um gole de café. Poderia simplesmente dizer: *Afinal, o que você quer?* Mas meu pai não gosta de ser interrogado. Gosta de estar no lugar do poder. Se lhe perguntasse, pôr-se-ia a engonhar. Ele me daria um sermão sobre como quer estar comigo para então, indiretamente, chegar à verdadeira razão que o trouxe aqui. Então é melhor fingir que não sei que você tem segundas intenções. Assim você irá revelá-las mais depressa.

— Uma das razões por que queria ver-te… — começa por dizer.

Eu não disse? Mais cedo ou mais tarde, ele chega lá.

— … era para saber o que você acha dessa bagunça da UCS.

— O que você tem? Não é minha escola.

— Não, mas é seu esporte.

— Que diabos isso quer dizer? Um grupo de jogadores de hóquei, alegadamente, praxou uma pessoa que acabou por morrer e isso quer dizer que eu também sou responsável?

— Fala baixo.

Reviro os olhos.

— Ao contrário do que você pensa, ninguém está nos ouvindo ou gravando essa conversa. Em Hastings, está tudo nas tintas. E o hóquei da Briar não tem nada a ver com a UCS.

— Não. Mas não seria a primeira vez que um time de hóquei da NCAA fica com uma má reputação por comportamento desordeiro.

— Você conhece o treinador Jensen? O homem é extremamente atencioso. Os jogadores da Briar não brincam em serviço.

— A questão não é essa.

— Então qual é?

Estou começando a ficar irritado. Por que ele não pode ser um pai normal que só quer passar tempo com o filho? Um pai que pergunta como foi o jogo neste fim de semana, se acho que vamos chegar à temporada de *play-offs* , se estou namorando alguém.

Ele percebe minha expressão e comprime os lábios, rangendo visivelmente os dentes.

— Willian. Ninguém é uma ilha.

Agora deu para usar frases feitas? Pensamentos Profundos, com William Larsen Sênior?

— De que diabos você está falando? — resmungo.

— Significa que não é só o que eu faço que reflete em mim. O que meu filho

faz reflete em mim. Meu filho joga hóquei no gelo. E meu filho vai para a faculdade. Fora de contexto, pode parecer inofensivo. No entanto, presentemente, há um programa de hóquei universitário envolvido em um escândalo com trote que acabou com um garoto caindo de um telhado. E, naturalmente, os abutres de DC têm perguntas a fazer. Sobretudo: congressista, o que seu filho pensa sobre esse assunto?

— Por que hão de querer saber o que eu penso?

— Porque eu sou seu pai.

Eu, eu, eu, eu, eu. Sempre se resume ao mesmo, não é?

— Então, você acha que isso terá um impacto negativo em você porque eu jogo hóquei? Vamos, pai. Ninguém quer saber.

— Não estou entendendo porque você está sendo conflituoso neste momento. Seria de se esperar que estivéssemos de acordo quando se trata de condenar o programa de Sacramento.

— É disso que você precisa? Tipo, sério, seja direto. Quer que eu faça uma declaração condenando-o? Porque eu faço isso. Condená-lo-ei.

Ele balança a cabeça diante do meu sarcasmo.

— Isso é conversa fiada. E, nesse clima político, devemos mostrar mais do que conversa fiada, então, dito isso…

Sinto um nó no estômago.

— Pedi para a *Capitol Magazine* escrever um perfil sobre você.

— Não — digo imediatamente.

— Willian. Você não pode recusar uma entrevista com *Capitol* .

A garçonete escolhe esse momento para voltar com meu hambúrguer e batatas fritas. Azar. Meu apetite desapareceu completamente.

Quando ela larga o prato, meu pai abre seu sorriso vencedor e agradece, mas, assim que ela vai embora, a cara feia volta. A minha não chega a mudar.

— Não quero que escrevam um perfil sobre mim — digo baixinho.

— Bem, já está confirmado, então… — Ele dá de ombros. — Você pode reclamar ou se comportar como filho de congressista e falar com o jornalista.

Cerro os dentes.

— Eu também contratei uma equipe de filmagem para seguir seu time de hóquei — meu pai diz, mexendo casualmente o café.

— Desculpa? Uma equipe de *filmagem* ? Você disse que era um perfil escrito.

Ele me olha sobre a borda da caneca, seu rosto político com aquela expressão irritantemente calma que ele sempre tem.

— São as duas coisas. Você terá alguns encontros com a jornalista da *Capitol* . Alessia cuida de tudo, não se preocupe. Está tudo combinado. Mas a revista fez parceria com a Capitol TV para produzir um pequeno segmento. Eles filmarão seus próximos jogos e entrevistarão alguns de seus companheiros de equipe.

— De jeito nenhum.

— Willian. — Seu tom é firme. Impaciente. — É uma questão de transparência, de mostrar que seu time faz jogo limpo.

— Meu time faz jogo limpo — digo bruscamente, sentindo a frustração vir à tona. — E, independentemente disso, não cabe a você ditar o grau de transparência do Programa de Hóquei Masculino da Briar. Não precisamos de

uma equipe de filmagem invadindo nosso espaço para provar nada.

— As aparências importam, filho. Esta entrevista mostrará ao público que eles não têm nada a esconder.

— Ou seja, vai mostrar que *você* não tem nada a esconder — resmungo, incapaz de conter o azedume na voz.

— Não seja insolente. Isso é pelo melhor.

— O melhor para quem, pai? Com certeza não é para minha equipe. Não somos a atração secundária da sua imagem política.

Ele suspira, um sinal familiar de que sua paciência está se esgotando.

— Reconheço que não é ideal para você ou seus companheiros de equipe. Mas não se trata meramente de hóquei. Trata-se de salvaguardar a reputação de nossa família. Uma reportagem ruim pode se tornar um ataque frenético. Então, antecipamos qualquer possível problema.

— Você sempre se preocupa mais com a aparência das coisas do que com a realidade delas.

— Isso não é justo. Eu me preocupo com você e me preocupo com o nome da nossa família. Às vezes, isso significa tomar decisões difíceis.

— E às vezes significa tomar decisões que prejudicam as pessoas com as quais você diz se importar.

Ele não vacila, apenas me encarando com aquele olhar penetrante dele.

— Você é jovem. Um dia, você vai perceber a importância de gerenciar a percepção do público.

Encosto-me para trás no assento, cruzando os braços.

— O treinador nunca vai concordar com isso.

— Já está tudo resolvido.

— Você falou com o treinador Jensen? — Estou rangendo os dentes com tanta força que tenho medo de quebrar o esmalte.

— Falei. Ele concordou em deixar o time entrar no vestiário em seus próximos jogos e dar algumas breves entrevistas sobre hóquei universitário. Acha que dará mais visibilidade ao programa.

Não acredito. Jensen não aceitou uma coisa dessas. Aposto que meu pai foi falar com o reitor primeiro.

Ele confirma minha suspeita ao dizer:

— O reitor Allen também está de acordo. Tudo que serve para salientar e mostrar as proezas da Briar. — Ele me lança um olhar aguçado. — Agora coma, antes que nossa querida empregada comece a achar que alguma coisa está acontecendo.

Dou um sorriso falso e enfio uma batata frita na boca.

Ele balança a cabeça.

— Isso mesmo.

*

Tenho uma aula à tarde que só começa daqui a algumas horas, então, habitualmente, eu iria para casa tirar uma soneca. Porém, hoje decido ir direto para o *campus* , em direção ao Centro Graham. O homônimo da arena doou uma batelada de dinheiro para Briar para modernizar as instalações. Estamos falando

de modernizações gigantescas: uma academia e centro de treinamento novinhos em folha, salas com banheiras de água quente e fria, dois rinques e um corredor inteiro de salas de estar. Provavelmente serão as melhores instalações de hóquei do país.

Vou até os escritórios dos treinadores, chegando à porta de Jensen ao mesmo tempo em que um homem vem saindo. Ela parece ter pouco mais de 40 anos, com cabelos mais grisalhos do que castanhos e olhos azuis que me olham de cima a baixo ao me ver.

— Sinto que te conheço — acusa o homem.

Pestanejo.

— Ah. Talvez? Não tenho certeza.

— Você conhece um garoto chamado Hudson? Fitzgerald?

— Não…

— É, talvez não. — Ele me olha com os olhos semicerrados. — Você não parece ser calouro. Hudson é calouro.

— Na Briar?

— Não, ele anda na UConn.

Então, por que haveria de conhecê-lo? , tenho vontade de gritar.

Essa troca de palavras é confusa e desconfortável, então me aproximo da porta do treinador com um ar apressado:

— Bem, eu tenho que ir.

Faço minha fuga, batendo na porta ao mesmo tempo em que já estou abrindo. O treinador está na mesa e olha para cima quando eu entro.

— Oi, míster.

— O que está acontecendo, Larsen?

— Falou com meu pai — respondo, em tom neutro, já que ele não mencionou o assunto no treino desta manhã.

Ele balança a cabeça.

— Entra.

Fecho a porta e me sento na cadeira desconfortável à frente de sua mesa. O treinador jamais ofereceria cadeiras confortáveis às suas visitas. O homem não quer visitas. Tudo nele, desde o cabelo raspado até a constante expressão carrancuda grita *afaste-se de mim.*

Deixo-me cair na cadeira.

— Desculpe, míster. Não sabia que ele ia fazer isso. Tentei demovê-lo, mas ele não quis saber. — Balanço a cabeça. — Por que você concordaria com isso?

— O reitor não me deu muita escolha. Já lidei com chatices maiores e lidero um programa impecável com mocinhos. Não temos nada a esconder.

— Eu sei, mas é irritante.

— Há pouca coisa na vida que não seja irritante, garoto.

Eu olho pelas fotos nas prateleiras atrás de sua mesa, todas mostrando elementos sorridentes de sua família. Jensen também está sorrindo em alguns, o que, francamente, é chocante.

— Não sei — exclamo, balançando a cabeça na direção das molduras. — Sua vida parece bem boa.

Bem *espetacular* , na verdade. Jensen tem duas filhas. Alguns netos. Uma mulher que continua gostosa aos 60 anos.

— Acredite, elas também me irritam. Minha filha Taylor está organizando uma festa de unicórnio para o aniversário de dez anos da minha neta. Morgan insistiu. — Ele franze o cenho. — Todo mundo tem que usar chifres.

Disfarço uma risada.

— Não se preocupe. Um corno de unicórnio vai ficar lhe matando — digo, solicitamente.

Ele me fuzila com o olhar.

— E aí, para agravar as chatices, meu neto decidiu que quer vir para a Briar no ano que vem.

Isso me faz erguer uma sobrancelha.

— Você está falando de Connelly?

AJ Connelly é um dos jogadores mais comentados do secundário. O garoto receberá uma bolsa integral e quatro anos de bajulação em qualquer faculdade que escolher. Briar teria muita sorte em recebê-lo.

— Ouvi dizer que a NHL estava tentando dar graxa para ele. Ele não vai direto para a liga profissional? — pergunto.

— Não. Meu genro quer que ele faça um curso e treine com a NCAA antes de jogá-lo aos lobos.

Eu amo a maneira casual como Jensen compartilha essa informação. O genro em questão é Jake Connelly. Literalmente uma lenda vida. Levou Edmonton a vencer a Copa Stanley mais de uma vez.

— Estou confuso. Você não quer que AJ venha aqui?

— Eu adoraria que ele viesse. O garoto é mais rápido do que seu pai jamais foi.

Caramba. Isso diz muito. No seu tempo, o apelido do Jake Connelly era «Relâmpago de Patins».

— Continuo sem entender a parte irritante.

— O bastardo do meu genro! — Jensen resmunga. — E nem me faça falar da minha filha. Esses dois vão ser treinadores de banco o tempo todo.

Rio-me.

— Bem, poderia ser pior.

— Sim — diz ele, com certa relutância. — Mas você me perguntou como a vida podia ser irritante. É assim, porra.

— Honestamente, senhor... — Mais uma vez, curvo os ombros, derrotado. — Acho que preferia ter seus problemas do que um pai egomaníaco mais preocupado com a própria imagem do que com a privacidade do filho.

CAPÍTULO 6

B:
Você já esteve com dois homens?

CHARLIE:
Não.

B:
Você é virgem, hein?

CHARLIE:
Nem por sombras.

B:
Virgem no sexo a três, pronto.

CHARLIE:
Sim.

B:
Você gosta da ideia de ficar com dois homens?

CHARLIE:
Honestamente, a mecânica meio que me assusta.

B:
Ah! Como assim?

CHARLIE:
Tipo… Tem muitos componentes. Mas sou muito boa em fazer várias coisas ao mesmo tempo, então, talvez eu tenha jeito. Eu deveria colocar no meu currículo. Aptidões: boa no sexo a três.

B:
«Experiente a levar com uma pila por trás e outra na boca.»

CHARLIE:
Oh, meu Deus, não acredito que você acabou de dizer uma coisa dessas.

B:
O que foi? É uma posição clássica do sexo a três. Um elemento fundamental.

CHARLIE:
Ah, existem elementos fundamentais no sexo a três?

B:
Podes crer. Este é chamado de assado no espeto.

CHARLIE:
Oh, meu Deus.

B:
Sinto que você está corando neste momento.

CHARLIE:
Não.

B:
Tá mentindo?

CHARLIE:
Estou.

E aí, criou essa conta pra você e seu amiguinho encontrarem garotas que queiram pinar com os dois ao mesmo tempo?

B:
Dito dessa forma parece nojento. Mas, honestamente, sim, parecia uma boa maneira de conversar com alguém e entender o que eles pensam antes de decidirmos nos encontrar.

B:
Até agora, tem sido só conversa, e a maior parte sem levar a lugar nenhum. Nunca nos encontramos com ninguém fora do aplicativo. E

tu?

CHARLIE:
Duas vezes. A primeira vez foi ótima. Ele se parecia com as fotografias. Houve química. A segunda vez foi um desastre absoluto.

B:
Bem, agora quero detalhes. O que é que aconteceu? Tinha um micropênis? Cheirava a bunda?

CHARLIE:
É curioso você usar a palavra bunda.

B:
Ohhh, ele queria ir até sua bunda e a senhorita Charlie ficou horrorizada com a ideia?

CHARLIE:
Não, ele queria que eu fosse na bunda dele. Enfim, gostos não se discutem. Apoio as taras de todo mundo. Quer dizer, estou conversando com um cara que faz sexo a três com seu amigo. Mas aquilo não me atraía de jeito nenhum. Não quero penetrar ninguém.

B:
Então você está com sorte! Terei muito prazer em penetrar-te a ti.

CHARLIE:
Essa é a conversa mais absurda que já tive.

B:
É muito mais divertida do que outras que já tive aqui, pode ter certeza.

B:
Aliás, tudo que você falar nessa conversa, o Lars vai ler também.

CHARLIE:
Ah, sim?

B:
Iá. Esse também é o perfil dele.

CHARLIE:
Conte-me o encontro sexual mais quente que eles já tiveram.

B:
Desculpe, garota, isso são assuntos pessoais.

CHARLIE:
Está bem. Acho que respeito isso.

B:
Mas eu posso te dizer o que eu quero fazer *com você* . Já tenho toda uma fantasia com você.

CHARLIE:
Sou toda ouvidos…

B:
Envolve as calcinhas que você está usando na segunda foto.

CHARLIE:
Espera. Nem lembro quais são. Deixa ver.

CHARLIE:
São roxas. Você gosta de roxo?

B:
Não é o roxo, é o lacinho. O Lars pode confirmar o quanto adoro lacinhos nas mulheres. Parecem tão inocentes.

CHARLIE:
Uuh, parece que alguém tem uma fantasia com virgens.

B:
Talvez.

CHARLIE:
OK, deixa-te de brincadeiras. Conta-me a fantasia.

B:
Então… Eu estou saindo do banho quando Lars me chama no quarto dele. Ele diz que tem um presente para mim. Me aproximo da porta e

te vejo no meio do quarto com Lars atrás de você. Vou entrar, mas ele me impede. Ele diz que primeiro tem que desembrulhar o presente. E eu fico lá vendo ele tirar sua roupa. Desaperta-te a saia. Tira sua camisa. Afrouxe seu sutiã. Tira tudo, menos essas cuecas. Estou com tanto tesão que dói, mas ele ainda não me deixa chegar perto. Volta a pôr-se atrás de ti, envolvendo-te com os braços para te apalpar as mamas. Depois, passa as mãos pelo seu corpo até tocar na porcaria do lacinho. Brinque com ele, parecendo muito satisfeito ao oferecer seu corpo de presente. Você me olha, na expectativa de saber o que vou fazer a seguir.

CHARLIE:

E o que você vai fazer a seguir?

CAPÍTULO 7

CHARLOTTE

Mais como uma tragédia grega

Na minha aula de Política Ambiental há um jogador de hóquei que se acha charmoso, embora, na realidade, seja insuportável e cheio de si. Chama-se Beckett. Claro que o nome dele é Beckett.

E uma vez que o universo tem um senso de humor retorcido, *sempre chegamos* ao prédio de Ciências Sociais ao mesmo tempo. Juro que ele está me seguindo. Pronto. Talvez não ande. Talvez você goste de chegar dez minutos mais cedo nas manhãs de terça-feira, assim como eu. Se eu não tivesse um relacionamento tóxico com minha agenda, eu adaptaria meus hábitos para chegar quinze minutos mais cedo ou cinco minutos mais tarde. Mas eu gosto de chegar dez minutos mais cedo e nenhum jogador de hóquei jamais me fará comprometer meus princípios.

Ainda assim, a pior parte da manhã é chegar aos degraus de calcário ao mesmo tempo que ele. O cara é mais bonito do que merece, com cabelos loiros, olhos cinzentos endiabrados, um corpo grande sempre envolto em jeans e uma jaqueta de hóquei preta e prateada.

Ela sempre esboça um sorriso com covinhas e, então, sem falta, sempre que subo os degraus, sou emboscada com…

— Bom dia, delícia de açúcar.

Porque uma vez, a porcaria de uma vez, vinha comendo uma delícia de açúcar.

E desde então nunca mais comi! Era só um bolo novo que a confeitaria do centro estudantil havia anunciado no início do semestre. Eu estava sempre passando por cartazes com a imagem de um enorme bolo de massa folhada polvilhado com açúcar branco. Parecia tão delicioso e horrível ao mesmo tempo, pois se tratava de um pedaço de macarrão com açúcar do tamanho de uma bola de beisebol, e eu queria saber a razão de sua existência. Então entrei e comprei. Comprei a maldita delícia de açúcar. Trouxe-a comigo até este prédio e me encaminhei para estes degraus, dando-lhe uma mordida no exato momento em que o Sr. Hóquei vinha subindo. Quando ele me cumprimentou, percebi que ele estava se esforçando para não rir de mim, enquanto sentia seu rosto totalmente

coberto de açúcar.

Algo em seu sorriso me irritou, então eu balbuciei defensivamente: 'É uma delícia de açúcar, OK?

E, até hoje, eu o odeio.

— Você terminou o trabalho sobre os custos de carbono? — ele pergunta, com o cabelo perfeitamente bagunçado, como se tivesse acabado de sair da cama.

— Acabei. — Continuo subindo as escadas, esperando que ele entenda a indireta, mas ele me acompanha.

— Mandei o meu cinco minutos depois da meia-noite. Você acha que ela vai aceitar?

Ele não parece muito preocupado. Também não estou preocupada por ele. A professora tem uma queda enorme por esse tipo. Costuma fazer olhinhos para ele sempre que se dirige ao púlpito.

— Você não deveria entregar trabalhos na última hora — digo. — Você tem que largar esse hábito. — E eu sou uma grande hipócrita, porque enviei o meu às 23h56.

Mas ele não sabe.

— Bem, nem todos são tão aplicados e pontuais quanto você, delícia de açúcar.

— Se eles se esforçassem, poderiam ser, garoto do gelo.

Passei muito tempo tentando descobrir um apelido que o incomodasse tanto quanto a delícia de açúcar me incomoda, esperando estreá-lo quando eu o visse novamente. Ele tem um leve sotaque australiano, então por um tempo recorri a epítetos australianos. Chamei-o de Dingo. *Crikey* . Tentei Sr. Interior. Ficou imperturbável. Então agora passei para a terminologia do hóquei.

«Rapaz do gelo» é bastante medíocre. Mas eu o aceito. Ainda estou procurando.

— Soa meio super-herói — diz ele, ponderando. — Garoto do gelo. Gosto.

— Há de me ocorrer outra coisa — resmungo.

Quando estamos chegando no auditório, o celular dele vibra na mão dele. Ele olha para a tela e se afasta da porta.

— Nos vemos lá dentro.

Ah. Isso queria ele. Os lugares do auditório foram atribuídos por ordem alfabética, o que é um alívio, pois significa que não tenho de me sentar ao lado da Agatha nem da nossa colega da república, a Ciara. Elas estão na fila da frente por causa dos apelidos começados por B. Como o meu apelido começa por K, fico a meio da sala, ao lado de uma ruiva chamada Nikki Kepler.

Estou a encaminhar-me para a nossa fila quando uma voz masculina diz:

— Olá, Char.

Disfarço a minha relutância e paro para cumprimentar o Mitch. De todas as cadeiras que podia ter escolhido este semestre, vim parar a uma aula com o rapaz do gelo, a Agatha e o meu ex-namorado. Parece o início de uma piada seca.

— Olá — respondo, forçando um sorriso. — Como estás?

— Bem. — Ele cruza os braços sobre o peito e, embora me pareça que está a tentar parecer casual, a postura parece agressiva.

Nos últimos oito meses, fiz os possíveis para evitar falar com ele. As coisas

não acabaram bem entre nós, o que torna cada encontro com o Mitch extremamente confrangedor e, muitas vezes, hostil.

Esta manhã não é exceção.

Movo os pés enquanto os seus olhos pretos me examinam. Ele perdeu muito peso desde que estivemos juntos e não era propriamente corpulento antes, por isso, agora parece um príncipe vitoriano doente. Qual era a doença que se contraía muito nessa altura? Era… tuberculose! Isso. O Mitch parece tuberculoso.

— Charlotte? — Soa chateado. — Perguntei como estás.

Pestanejo, despertando do meu delírio.

— Desculpa. Estou ótima. Nunca estive tão bem.

— Ah, sim? — Ele inclina a cabeça, esboçando um sorriso afetado. — Finalmente acabaste a tua procura exaustiva?

Franzo o sobrolho, confusa.

— Hein?

— A busca pela pila mágica que possa satisfazer as tuas necessidades incontroláveis.

Fico boquiaberta. Abano a cabeça, sentindo a raiva e a incredulidade em conflito dentro de mim.

— Vai-te foder, Mitch.

— Fogo, calma. Estava só a brincar. — Quando tento afastar-me, ele estende o braço.

— Bem, não tem piada. E não me toques.

Afasto a sua mão e dirijo-me ao meu lugar, respirando fundo devagarinho para me acalmar. Foi por isso que bloqueei o número dele quando acabámos. Por causa dos seus comentariozinhos sarcásticos e a sua incapacidade total de aceitar que não foi minha intenção magoar o seu ego frágil.

Às vezes me pergunto se Mitch queria namorar especificamente uma garota asiática por pensar que ela seria submissa. Ele não gostava quando eu brigava com ele ou quando me defendia, e Deus me livre de eu ter um grande apetite sexual. Sexo só era permitido quando ele estava com vontade.

Perceber que eu não correspondia exatamente ao estereótipo deve ter matado sua cabeça.

— Oi — cumprimento Nikki, sentando ao seu lado.

Ela levanta a cabeça do celular.

— Alô.

Depois de tirar meu laptop da bolsa e organizar minhas coisas, pego meu telefone para ver se tenho mensagens pela centésima vez esta manhã.

Sinto meu coração acelerar enquanto aguardo o aplicativo da Bio-Roots abrir. Enviei a mensagem para HLS315 no domingo e sei que você a leu, pois há uma pequena marca de seleção verde no canto indicando que ela foi lida. Você vai responder hoje. É terça-feira. Claramente, precisou de alguns dias para deixar minha mensagem marinando e agora vai…

Nenhuma mensagem.

A desilusão se instala na minha garganta. Merda. Por que ele não respondeu?

Tento reavaliar a situação. Ainda é só terça-feira. Algumas pessoas precisam de mais de dois dias para aceitar a existência de uma nova irmã em sua vida.

Com certeza vai amanhã responder.

Estou a ligar o portátil no documento das notas, pronta para a aula, quando uma perturbação na força (também conhecida como o suspiro sonhador da minha colega do lado) me faz levantar a cabeça do ecrã. Do canto do olho, vejo o rapaz do gelo.

Ele pavoneia-se pelo corredor, enquanto a Nikki praticamente se derrete na cadeira.

— Oh, meu Deus. Ele é como um deus grego.

Reviro os olhos.

— Mais como uma tragédia grega.

No momento certo, o «Sr. Giro demais para o seu próprio bem» chega ao seu lugar duas fileiras atrás de nós e para para abrir o zíper do casaco. Ele faz toda uma *performance* , como se fosse um mágico prestes a tirar um coelho da cartola. Só que em vez de um coelho, ao tirar o casaco, revela um braço bem definido. Juro que Nikki suspira como se estivesse assistindo a uma cena de um filme romântico.

— Eu quero ser aquele casaco.

Rio-me.

O Beckett pendura o casaco nas costas da cadeira. Então ele olha sobre o ombro e pega nós duas olhando para ele. Um sorriso lento e indolente surge em seu rosto e ele ergue uma sobrancelha.

— Que bom que estão gostando do show, meninas — ele exclama, alto o suficiente para metade do auditório conseguir ouvir. — Especialmente você, delícia de açúcar. A seguir posso tirar a camiseta, se você quiser.

Meu rosto cora enquanto alguns alunos se viram para olhar para nós. Inclusive Mitch, cujos lábios se comprimem em uma leve careta.

Nikki vira a cabeça na minha direção.

— Delícia de açúcar? Conhece-lo? Oh, meu Deus, você já se enrolou com ele?

— Argh. Não.

Dou um olhar fulminante para Beckett, esperando que minha expressão transmita o quão desinteressado estou em sua sugestão estúpida.

— Deixa estar a camiseta, obrigada — respondo.

Seu sorriso cresce, indiferente à minha atitude fria.

— Você é que sabe.

Nikki fica me olhando de boca aberta como se eu tivesse acabado de recusar férias com tudo pago em Fiji.

— Como é possível você não achar isso engraçado?

— A isso o quê? Ao espetáculo do atleta prepotente? — pergunto, genuinamente curiosa.

Ela balança a cabeça, exasperada com minha falta de entusiasmo.

— Nem todos os atletas são prepotentes, sabe?

— Certo — respondo, com um sorriso afetado. — E nem todos os filhotes são fofos.

Ela suspira e volta para seu telefone, mas não sem lançar um último olhar de desejo para Beckett.

Fico perplexo com a obsessão geral do pessoal da Briar por esses caras do

hóquei. Mas, quando a aula começa e tento me concentrar nas palavras da professora, não consigo deixar de notar como os ombros dele são largos. Imponentes. Respiro fundo e deixo meus dedos pairarem sobre o teclado.

Não. Continuo indiferente.

Da próxima vez que ele olha para mim, eu me esforço para lhe lançar um olhar particularmente fulminante, apenas para o caso de ele precisar de um lembrete.

*

Para recapitular, eu odeio terças de manhã por causa de Beckett e suas delícias de açúcar irritantes.

Mas eu odeio terças à tarde ainda mais.

Normalmente, bastaria alguém dizer «engenharia de células e tecidos» para eu ter um orgasmo. Mas este laboratório tem sido um pesadelo total. Em setembro, quando eu ainda era jovem e ingênuo, pensei que este seria meu laboratório favorito. Quase dois meses depois, me sinto uma velha grisalha esperando o semestre acabar.

Meu colega de laboratório é um idiota.

Pronto, talvez *idiota* seja a palavra errada. No que toca ao QI, talvez seja inteligente, pois ninguém se inscreve num laboratório de Engenharia avançado se for estúpido. Portanto, talvez a palavra certa seja… irritante. É uma substância irritante. Como uma bétula na época das alergias. Odeio bétulas. E odeio o George.

O tipo parece determinado a baixar a minha média, passando o tempo todo a suspirar pela namorada, a Lourdes. Até trocam mensagens na aula, estando ela à distância de duas bancadas. Sinto-me mal pelo colega de laboratório dela. Eu e ele somos como soldados no mesmo campo de prisioneiros de guerra.

Porém, esta tarde, um dia nublado de outubro, algo glorioso acontece.

— Charlotte — diz a Monica, a professora assistente, assim que entro no laboratório com iluminação fluorescente. — Tens um novo colega de laboratório.

Mal consigo conter a felicidade ao aproximar-me da sua bancada.

— O quê? Desde quando?

— O pedido foi aprovado ontem. O professor Bianchi achou necessário para o bem-estar do aluno.

Franzo a testa.

— O bem-estar?

Ela olha em volta para ter a certeza de que ninguém está a ouvir, e baixa a voz.

— Foi uma questão de saúde mental.

— Espere. — Fico a olhar para ela num estado horrorizado de confusão. — Desculpe… O George alegou que eu sou um perigo para a sua saúde mental?

— Oh, não, não! Nada disso.

— Então, porque é que…

A Monica agita uma mão, um sorriso forçado aflorando-lhe aos lábios.

— Aproveita, Charlotte. Sei perfeitamente que detestavas trabalhar com ele.

Encolho os ombros. Apanhada.

— Você vai ficar com Will até o final do semestre.

Ela aponta para a mesa onde Lourdes e Will costumam trabalhar. Não sei nada sobre o cara, além do fato de que ele é finalista como eu e que também é jogador de hóquei. Ele usa o mesmo casaco preto e prateado que Beckett da Política Ambiental, com o logotipo Briar e dois *tacos* de hóquei cruzados sobre o lado esquerdo do peito.

Eu não sei nada sobre esse esporte e, como meu único exemplo de jogador de hóquei é Beckett, espero que ele passe mais tempo trabalhando do que flertando.

Pelo menos, espero que seja uma melhoria em relação a George.

Sento na cadeira ao seu lado e coloco minha bolsa no chão embaixo da mesa, ao lado de sua mochila.

— Olá — saúdo. — Eu sou Charlotte.

— Will. — Sua voz é mais grave do que eu esperava. Me dou conta de que nunca o ouvi falar.

Ele me olha de cima a baixo, por isso, faço o mesmo, por uma questão de justiça. Tem aquela beleza clássica que a maioria dos homens faria qualquer coisa para ter. Características simétricas, nariz reto, queixo bonito. E, embora o rosto barbeado e o sorriso fácil lhe dêem um ar muito americano, ele ainda tem um corpo de atleta que se encaixa nos meus critérios de interesse. Mas não vou me envolver com meu colega de laboratório, por mais legal que seja.

Seus olhos castanhos, intensos e focados, parecem me atravessar, revelando tanto inteligência quanto um toque de malícia.

— Por que você está olhando para mim? — pergunto a ele.

— Desculpe, eu estava tentando descobrir se isso acima do seu lábio é um sinal ou uma semente de papoula. Eu não queria dizer, tipo, *olha, você tem uma semente de papoula no rosto* e então ser um sinal. Não queria te envergonhar.

— É um sinal.

— Tá vendo? Agora estou feliz por não ter dito nada.

Dou uma risadinha. As pessoas estão ainda entrando, mas ainda não vi nossos antigos colegas de laboratório.

— Sabe o que aconteceu? — pergunto, apontando para minha antiga mesa, que está vazia.

Will sorri.

— George não te contou?

— Nunca dirigi a palavra a George fora deste laboratório. Por quê? Tu fala com a Lourdes?

— Você é uma sortuda. Lourdes queria que trocássemos números de telefone no primeiro dia e me manda uma mensagem por semana, pelo menos, implorando para que eu faça o dever de casa para ela. Ele me colocou a par da situação ontem à noite. Basicamente, eles não suportam ficar separados e isso está afetando seu trabalho. Eles escreveram uma carta ao diretor do departamento insistindo que esse é o motivo pelo qual o laboratório está indo tão mal para eles e que, se fossem colegas, conseguiriam ter boas notas em todos os trabalhos, motivados por seu amor.

Não consigo não rir.

— Você está mentindo.

— Népia. Ela me enviou uma cópia da carta.

— Oh, meu Deus. Manda isso pra mim *já* .

Ele sorri.

— Se você queria meu número, era só pedir. Você não precisava de uma desculpa.

— Não era uma desculpa. Quero muito ler essa carta.

— Acredita, tens *mesmo* de ler. É o disparate mais melodramático que já li. Embora esteja muito bem escrita. O que não é surpreendente, uma vez que a Lourdes é escritora.

— É?

— Mais ou menos? — Os seus lábios estremecem de riso. — Escreve *fan fiction* de romance histórico. Ou será que são aventuras históricas? Revi um dos textos dela. É sobre a rainha Isabel, a virgem, a ser desflorada por Alexandre, o Grande.

— Não sou especialista em História, mas esses dois não viveram, tipo, separados por dois milénios?

— Iá.

— Pronto. Parece que o tempo não tem limites no amor ou na *fan fiction* . Seja como for, talvez seja uma boa ideia trocarmos números. Agora você é meu colega de laboratório.

— Embora você não tenha feito isso com George…

— Ele me parecia o tipo de pessoa que abusaria do privilégio.

— Ah, com certeza.

— E você parece ser o tipo de cara que não vai fazer isso. — Faço uma pausa. — Apesar de você ser atleta.

— Apesar de ser atleta? Por que, você acha que os atletas têm maior probabilidade de abusar dos privilégios do telefone?

Na minha experiência, completamente. Alguns dos atletas com quem estive *continuam* me enviando mensagens indecentes no meio da noite esperando por uma repetição. Mas Will me parece um cara normal e nada sinistro, então estou disposta a correr esse risco.

Quando nossos colegas de laboratório finalmente entram na sala, de mãos dadas, George me pega olhando para ele e para nossa mesa.

Com um suspiro dramático, ele passa a mão em seu cabelo castanho encaracolado.

— Parece que você já sabe.

De alguma forma, consigo disfarçar o riso.

— Já.

— É melhor assim, Charlotte. Vais ver. — Ele toca meu ombro e continua andando até nossa antiga arquibancada, sentando ao lado de Lourdes.

Will ri baixinho.

— Foi muito corajoso da parte dele trocar de colega de laboratório mesmo antes dos exames intercalares, sabendo que ficarias devastada.

— Destroçada.

Hoje começamos um novo módulo. A Monica enviou-nos as instruções da experiência por e-mail este fim de semana e parece bastante simples. Temos de

criar um suporte de tecido e determinar a sua capacidade de tolerar o crescimento celular.

Lanço um olhar severo ao Will.

— Este é o teu primeiro teste.

— Porque é que estou a ser testado?

— Para ver se sabes seguir instruções. E se adoras as minhas piadas.

— Adorar as tuas piadas é um requisito?

— Para seres um bom colega de laboratório, sim.

Organizamos o material e analisamos a experiência. A primeira coisa a fazer é preparar a solução de polímero necessária para criar o suporte.

— Queres ser o primeiro? — sugiro.

Ele semicerra os olhos.

— Isto é outro teste?

— Obviamente. Não estragues tudo.

— Mas sem pressão, certo?

Sorrindo, ele verte a solução nos moldes para o suporte, que serão colocados num ambiente controlado onde irão solidificar, formando o suporte.

— Ó Will — digo, observando-o a verter a solução. Tem mãos firmes. Gosto disso. — Qual foi o nome que os biólogos deram ao filho?

— Não sei, qual?

— Gene! — Sou incapaz de controlar o riso.

Ele resmunga, mas, quando ergue o olhar, vejo que tem um sorriso no rosto.

— Essa piada é péssima.

— Você concordou formalmente em adorar minhas piadas — lembro.

— Proponho substituirmos a palavra "adorar" por "tolerar".

— Moção recusada.

Ele se concentra novamente na tarefa em mãos. Quando ouço meu telefone vibrar na bolsa, a esperança explode dentro de mim. *Eu sabia* que receberia uma mensagem dele hoje.

Vendo que Will tem tudo sob controle, saco de celular e verifico o alerta.

Meu entusiasmo desaparece.

Não é da BioRoots.

Uma vez mais, fico decepcionada, embora de forma menos devastadora do que antes, pois a notificação é outra por que também aguardava. Uma mensagem de metade do meu sanduíche de abdominais. Penso tantas vezes nessa conversa que começa a ficar constrangedor.

LARS & B:

Diga qualquer coisa mais tarde se você estiver por aí – B

Meu coração dá uma pequena cambalhota. Ainda só falei com o B, que me disse ser o de cabelo loiro e calça de moletom cinza. Embora me pareça errado, pois Lars tem muito mais cara de loiro, por causa do nome sueco.

Ao mesmo tempo, quem diz que o B não tem também um nome sueco? Oh! Tipo Bjorn.

Quero dizer, se esse *não* for o seu nome, você se torna.

Enfio o celular na bolsa, com um leve sorriso me aflorando aos lábios. Então

olho para o lado e vejo Will me olhando.

— Quem era? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Ninguém. Só um amigo.

— Só um amigo te fazendo sorrir desse jeito?

Sinto-me corando.

— Cala-te.

— Namorado? — sugere.

— Não.

— Estás a corar.

— Não, não estou.

— Tens a cara toda vermelha.

— Não me chateies. Volta para os teus suportes ou peço para voltar a trabalhar com o George.

Ele ri-se.

— Está bem, eu deixo-te em paz.

Voltamos ao trabalho. Ficamos calados durante um tempo, até o Will quebrar o silêncio.

— Então… se uma planta estiver deprimida, achas que as outras folhas «fotossimpatizam» com ela? — pergunta, com um ar sério.

Resmungo.

— Oh, meu Deus. Isso foi penoso.

— Estou só a tentar acompanhar a rainha.

Depois da aula, saímos juntos do laboratório para o burburinho habitual das conversas que enchem o corredor. Não podemos semear as células até o dia seguinte, já que o processo que estamos usando para a fabricação dos suportes leva um dia para o solvente evaporar e tudo ficar sólido.

Enquanto nos dirigimos para a saída do prédio, combinamos que Will virá verificar o suporte pela manhã. Está ventando lá fora e a brisa do fim da tarde serpenteia sob meu cabelo, sacudindo-o contra meu rosto.

Eu o afasto do caminho bem a tempo de ver alguns jogadores de hóquei na entrada do prédio, no final da escada. Um deles chama Will e eu resmungo ao perceber que este é o Beckett da minha aula matinal. Argh, espero que você não me veja.

Infelizmente, qualquer esperança de passar despercebida vai por água abaixo quando uma nova rajada de vento me açoita, levantando minha saia.

Eu agarro a saia de lã cinza, mas não antes de ser submetida a um assobio exagerado do garoto do gelo e alguns sorrisos de seus amigos.

— Controle seus cachorros — resmungo para Will.

Ele me deita um olhar envergonhado.

— Quer dizer… sua saia se levantou.

— Não que você tenha notado — digo, friamente.

— Claro que não. Nunca repararia na cor das calcinhas que você está usando. — Ao descer as escadas, ouço-o tossir. — Rosa.

Tenho quase certeza de que estou corando novamente, mas consigo manter a compostura ao passar pelo grupo de jogadores de hóquei ao pé da escada.

— Até mais, delícia de açúcar — diz o Beckett lentamente, seguindo-se as gargalhadas dos amigos.

Continuo andando sem olhar para trás.

Caro Dr. Eckhart,

Esperamos que esta carta o encontre com boa saúde e bom humor. Estamos escrevendo para você hoje não apenas como alunos, mas como duas almas irrevogavelmente interligadas, tanto na ambição acadêmica quanto em um amor profundo.

Como você sabe, as rigorosas demandas do programa STEM testam tanto nossas capacidades intelectuais quanto nossa resiliência como seres humanos. Orgulhamo-nos de poder dizer que temos estado à altura das circunstâncias em todos os aspectos. No entanto, há um aspecto de nossa trajetória acadêmica que tem sido fonte de considerável sofrimento: a separação que nos foi imposta pelo atual trabalho de laboratório na cadeira de Engenharia de Células e Tecidos, com a professora Bianchi.

Nossa relação não é um impedimento para nossa aprendizagem, mas um valor agregado. É a própria fundação sobre a qual nosso sucesso acadêmico se baseia. Quando trabalhamos juntos, nossos intelectos prosperam, desafiando o comum. Por esse motivo, pedimos que você reconsidere o trabalho atual de laboratório e que, daqui para frente, nos permita trabalhar juntos.

Para apoiar mais nosso pedido, anexamos uma carta de nosso terapeuta, um profissional credenciado e respeitado, que observou de forma perspicaz a relação simbiótica entre nosso amor e nosso desempenho acadêmico. Nosso terapeuta atesta o fato de que nosso bem-estar emocional está intrinsecamente ligado à nossa capacidade de trabalhar juntos. O apoio mútuo que fornecemos um ao outro é incomparável, alimentando uma espécie de sinergia intelectual que garante um trabalho da mais alta qualidade.

De acordo com este especialista, a nossa separação seria prejudicial à nossa saúde mental e poderia levar a uma descida significativa das nossas notas, uma possibilidade devastadora não só para nós, mas para a reputação deste estimado departamento.

Agradecemos a sua compreensão e consideração.

Com profundo respeito e expectativa,
Lourdes e George
Para Sempre Juntos no Amor e na Aprendizagem

CAPÍTULO 8

WILL

O misterioso Lars

Estou a despir a camisola quando uma mensagem da minha nova colega de laboratório ilumina o meu telemóvel. Atirando a camisola de capuz para cima da cama, toco na notificação e sorrio.

CHARLOTTE:
Esta carta da Lourdes e do George é uma obra de arte. Absolutamente genial.

Dispo as calças e afasto-as com os pés antes de responder.

EU:
Eu disse-te. A Lourdes é talentosa.

CHARLOTTE:
É mesmo verdade que têm um terapeuta?

EU:
Ná, devem ter arranjado um daqueles psicólogos online sem licença para escrever uma carta em nome deles.

CHARLOTTE:
Oh, meu Deus, e a frase sobre o terapeuta observar a relação simbiótica entre o seu amor e o desempenho académico. É a minha parte favorita.

EU:
A minha é a despedida. Para Sempre Juntos no Amor e na Aprendizagem.

CHARLOTTE:
Brilhante. E funcionou! O professor Bianchi alterou os grupos.

Nu, entro no banheiro do corredor e ligo o chuveiro. Beckett foi sair com alguns de nossos companheiros de equipe hoje à noite, mas eu estava muito cansado e com preguiça de ir até o bar. Além de que temos treino amanhã cedo e não quero sacanear o treinador aparecendo de ressaca. Ao contrário de Beck, não me recupero facilmente depois de uma noite bebendo.

Mesmo assim, no momento em que estou saindo do chuveiro, quando Case me manda uma mensagem perguntando se eu quero fazer alguma coisa, eu digo a ele para vir até aqui. Passar um tempo com Case é muito mais conveniente do que ter que me vestir para sair e ir até o Malone's. Case mora no final da rua e divide uma casa com Trager e dois alunos do segundo ano que estão na equipe, então menos de cinco minutos depois ele aparece em casa para mim.

— Oi — digo, espiando da cozinha. — Você quer beber alguma coisa?

— Pode ser água. — Assim como eu, Case não abusa do álcool durante a temporada de hóquei.

Vou até ele na sala com duas garrafas de água e jogo uma nele. Case e eu somos amigos desde o primeiro ano, mas nossos caminhos se cruzaram dezenas de vezes antes disso, já que nossos times do ensino médio se enfrentaram muitas vezes ao longo dos anos. Fui eu quem o apresentou a Gigi Graham, que estudou na mesma escola que eu.

E que Case traiu… mas isso não é da minha conta. Não meto o nariz na vida sexual das outras pessoas. Além disso, no final, acabou dando tudo certo. O Case seguiu com a vida dele e a Gigi agora é casada com o Luke Ryder. É óbvio que ele está mais feliz com Ryder do que nunca com Case.

Ele se recosta na *chaise* do sofá enquanto passo distraidamente pelos canais da TV. Beck e eu nem precisamos de TV a cabo, acabamos usando apenas os serviços de *streaming* , mas gosto de saber que meu pai está pagando por esse pacote excessivo de televisão que praticamente só usamos para assistir aos canais de esporte.

— Você tem falado com ela? — Case pergunta.

— Quem? — Juro que não sei de quem você está falando.

— Com Gigi.

Não me escapa o tom saudoso de sua voz.

Ah.

Pronto, você está bem.

Parece que ele estava errado sobre todos terem seguido sua vida.

— O que foi? — pergunta, constrangido. — Por que você está me olhando assim?

— Foste ao casamento deles, meu.

Ele franze a testa.

— O que é que isso quer… Já não gosto dela.

— Ficaste com um tom de voz estranho ao dizer o nome dela — digo.

— Oh, pá, foda-se. Não vou mentir. Às vezes, tenho saudades dela. Deixámos de falar.

Aceno lentamente com a cabeça.

— Talvez seja melhor assim, não achas? Ela é casada.

— Eu sei. É só… — Ele detém-se.

Por instantes, o único som audível é o das vozes abafadas da televisão. Depois ele volta a falar, desta vez mais baixinho.

— Estou tão arrependido. A toda a hora.

— Do broche?

Ele suspira.

— Do broche.

De todos os meus amigos, Case era a última pessoa que eu esperava ser capaz de trair sua namorada.

— Penso nisso muitas vezes. Tipo, e se eu não tivesse estragado tudo? E se eu não tivesse ficado bêbado e enrolado com aquela garota? E se eu a tivesse impedido quando ela começou a desabotoar minhas calças? Eu continuo pensando em como as coisas teriam sido diferentes se eu não tivesse sido um idiota tão grande.

Eu não digo nada. Não há o que dizer. Ele fez merda e perdeu uma das melhores mulheres que você já conheceu. Parece cruel lembrá-lo disso, portanto, apenas espero que continue.

— Eu fui estúpido, meu. Desperdicei uma coisa boa, porque tive medo ou me senti aborrecido, ou seja o que se tenha passado comigo. E agora ela está feliz com outra pessoa. E eu fico feliz por ela, sério. Mas às vezes… parece que há outra vida paralela, uma vida em que eu não estraguei tudo.

Sorrio, tentando aliviar o clima.

— Tá vendo? Por isso precisamos de viagem no tempo. Para você voltar atrás, se dar um tapa e parar de ser idiota.

Ele ri, mas é um riso oco.

Ficamos em silêncio novamente.

— E você? — pergunta, mudando de assunto. — Alguma vez você pensa em se estabelecer?

— Ná, por enquanto não. Um dia, talvez. Quando você for mais velho e sábio.

— Portanto, nunca? — goza.

— Ah, ah. Só quero dizer que não estou com pressa. Quero aproveitar a vida, me divertir. Mas, sim, mais cedo ou mais tarde, hei de querer algo sério. Só preciso encontrar a garota certa.

O Case se deixa cair no sofá, apoiando-se nos cotovelos. Ele está em uma de suas raras disposições sérias, resolvendo realmente desabafar em vez de desviar o assunto com piadas.

— Então… hum… você e Beckett. Vocês parecem bem próximos ultimamente.

Não consigo evitar rir de seu tom diplomático.

— Você está me perguntando se sou gay?

Ele sorri, envergonhado.

— Passou pela minha cabeça.

— Não sou. Mas… — Hesito um momento, antes de continuar.

Nunca falei com Case sobre essas coisas. Ryder e Shane sabem porque são

amigos de Beckett, mas eu nunca consegui falar com meus amigos sobre isso, o pessoal da Briar antes que os caras da Eastwood viessem para cá.

— Beck e eu não gostamos um do outro desse jeito, mas, às vezes… nós compartilhamos. — Desconfortável, mudo de posição. — Mulheres, isso é. É apenas, hum, uma coisa que fazemos.

Case revira os olhos.

— Não me diga. Não é exatamente um segredo bem guardado, sabe? As pessoas comentam.

— Não é algo que anunciamos, mas também não escondemos. As pessoas que pensem o que quiserem.

Ele comprime os lábios, pensativo.

— Quer dizer que não há ciúmes? Não há estranheza?

— Ná — digo, balançando a cabeça. — Nada disso. Nós dois sabemos no que estamos nos metendo e as meninas também. É só bom. Sem sentimentos, sem dramas.

— Desde que todos estejam de boa, iá. — Porém, ele franze a testa.

— O que é?

— Não sei. Eu nunca diria que era algo em que você se alinhasse. Você é, tipo, o exemplo do mocinho.

— Resisti por algum tempo — confesso. — Achei que tinha algo errado comigo por gostar dessas coisas. Mas agora estou tentando não pensar demais. Quero manter uma certa leveza, sabe? Não há motivo para complicar.

— Claro, mas e depois? Alguma vez pensas em como poderá funcionar se resolveres assentar?

Dou de ombros como se isso não me preocupasse. Mas pensei nisso muitas vezes. E preocupa.

Bastante.

Não quero ficar solteiro para sempre. Mais cedo ou mais tarde, quero me estabelecer, me casar. Não sei como me sinto em relação a ter filhos, nunca me vi como pai. Não acho que a paternidade seja algo para você ter jeito ou gostar. Mas eu quero o resto. Quero uma mulher, uma companheira, alguém com quem envelhecer.

Suponho que me reste esperar me fartar disso. Do sexo grupal. Da excitação que sinto quando Beckett e eu nos reunimos para fazer uma mulher gemer de prazer. Eu gosto de tê-lo lá. Gosto de quando ele está assistindo. Gosto de tudo.

Beckett não quer uma namorada, muito menos se casar. Possivelmente, a ideia o deixa doente. Eu nunca fui deixado, então não sei como é, mas também nunca amei uma garota o suficiente para sofrer com a ideia de ela me deixar.

Não vou dizer que não fiquei chocado quando percebi o quão profundamente Beckett amava sua ex. O homem estava completamente apaixonado por ela. Ele a adorou por quatro anos, durante toda a experiência do ensino médio, e ela arrancou seu coração.

Não o culpo por querer mudar completamente assim que chegou à faculdade. Agora ele é um pegador, absolutamente seguro de si. Não quer se apaixonar. Não quer um relacionamento sério.

Mas eu não sou Beck. Eu *quero* essas coisas. E eu sei que, assim que encontrar alguém, uma mulher por quem eu sinta o mesmo que Beckett sentiu

pela ex, não posso ter meu melhor amigo como um acessório em nosso quarto. Nenhuma mulher aceitaria tal situação e eu seria incapaz de culpá-la por isso.

— Acho que logo vejo, quando isso acontecer — digo, por fim. — Por enquanto, estou apenas aproveitando a vida. Não tenho pressa para saber tudo.

— Estou entendendo. — Case dá uma gargalhada. — Sinceramente, de certa forma, admiro a maneira como você simplifica as coisas. Eu aqui ainda me culpando pelo passado e você vivendo a vida.

— Todos nós lidamos com as cenas de maneira diferente, cara. Só não deixe o passado estragar seu futuro, sabe?

A conversa começa a ficar um pouco pesada, então colocamos um videogame, o mais recente lançamento da Orcus Games, que tem alguns dos gráficos mais impressionantes que já vi em um RPG. Tiro o chapéu para o designer.

Case vai para casa algumas horas depois, mas eu continuo jogando até ver meu telefone se iluminar com uma mensagem. Pauso o jogo para ver o que é, descobrindo que é da garota com quem Beck tem conversado.

Passo os olhos pela conversa que tiveram e meu pau endurece. Está bem. Pronto. É uma conversa picante.

Sua última postagem diz: **Olá, algum de vocês está por aí?**

Pouso o controle do console e me encosto nas almofadas do sofá, com o celular na mão. Acho que é uma hora tão boa quanto qualquer outra para me apresentar.

EU:

Iá. O Lars.

CHARLIE:

Oohh! Finalmente conheço o misterioso Lars.

EU:

Misterioso?

CHARLIE:

Completamente. Onde você tem andado escondido?

EU:

Em lugar nenhum, na verdade. Só não tenho ligado muito no celular. Estou aqui agora. Põe-me a par. Que tipo de mentiras B está contando sobre mim?

Quando criamos esse perfil, Beck e eu concordamos em não revelar nossos nomes verdadeiros, a menos que decidíssemos nos encontrar pessoalmente. Não que nossos «pseudônimos» sejam dignos de espionagem. Basta um de nós se descair e dizer que joga hóquei que qualquer um pode facilmente juntar dois mais dois, constatar que «Lars» é diminutivo de «Larsen» e entender tudo.

Ainda assim, é melhor prevenir do que remediar. Hoje em dia, você nunca sabe com quem estamos falando online. Pelo que sabemos, este Charlie é um homem de 50 anos chamado Aldo. Ou uma conta falsa. Ou uma viúva negra tentando nos atrair para nossa morte.

CHARLIE:
Não falamos muito sobre você, na verdade. Temos estado… ocupados.

EU:
Oh, eu sei. Acabei de ver suas mensagens.

CHARLIE:
Alguma coisa te chamou a atenção?

EU:
Tudo. Gostei de tudo.

CHARLIE:
LOL Não tem de que :)

CHARLIE:
Então, quem convenceu quem a criar essa conta juntos? Aposto que B te convenceu.

Sorrio para o ecrã. Bom palpite, Charlie. Mas estou curioso por saber como chegou lá, por isso, escrevo rapidamente uma resposta.

EU:
Porque é que dizes isso?

CHARLIE:
Pareces mais… reservado. Ele parece mais solto. Como se alinhasse em tudo.

EU:
Praticamente. Mas não foi preciso muito para me convencer. Sexo a três é muito bom.

CHARLIE:
Vocês também se envolvem? Tipo, os dois?

EU:
Não.

CHARLIE:

Não têm vontade?

Penso no assunto. Se ela me tivesse feito esta pergunta há um ano, talvez tivesse ficado desconfortável. Teria desviado o assunto com um «claro que não» e uma piada.

Agora, considero-a sinceramente.

Já vi a pila de Beck o suficiente. Não me intimida. Mas nunca pensei em chupá-la. Nunca quis senti-la na bunda. Mesmo com essas imagens agora plantadas em meu pensamento, meu pênis nem estremece.

EU:

Não sei. Provavelmente não.

CHARLIE:

Provavelmente não?

EU:

Não pensei muito sobre isso. Acho que depende da situação. De como me sinto no momento. Se nos enrolássemos os três e ele me agarrasse na pila, talvez eu não afastasse a mão dele.

CHARLIE:

Percebo. E a minha? Você afastaria minha mão?

EU:

Acho que não tenho tanta força de vontade. Embora talvez eu preferisse sua boca.

CHARLIE:

E o que B está fazendo enquanto você aprecia minha boca?

EU:

Bem… obviamente… está apreciando sua buceta.

Aparecem três pontinhos indicando que ela está escrevendo. Distraidamente, toco minha ereção sobre o tecido da calça.

CHARLIE:

Estou tão excitada neste momento.

EU:

Ah, sim? Ficaste molhada?

CHARLIE:
Encharcada.

De repente, me sinto muito grato por ter decidido ficar em casa esta noite.

CAPÍTULO 9

BECKETT

Deixa minha Protegida em paz

— Bem, se o treinador diz que não se importa, você acredita na palavra dele.

— Nós dois sabemos que ele não tem escolha. — Ouve-se um estrondo na cozinha.

Will está furioso. Não o censuro. A equipe de televisão do pai dele apareceu esta noite no rinque do nosso oponente para entrevistar o técnico Jensen antes do jogo fora de casa, obviamente garantindo que Jensen estaria de péssimo humor antes mesmo que o primeiro disco tocasse o chão. Então eles filmaram algumas imagens do nosso aquecimento, enfurecendo o treinador do Boston College, pois, ao que parece, eles não perguntaram a ninguém do BC se poderiam filmá-los.

Ah, sim, e então perdemos o jogo. Portanto, Will está duplamente enfurecido.

Se meus pais estivessem constantemente se intrometendo na minha vida, eu também não ficaria feliz. Felizmente, meus pais são pessoas incríveis e excepcionais se intrometendo em sua vida. O pai de Will, nem tanto.

Ainda não conheço o cara e Will mora comigo desde o verão. Estamos no final do outono. Não houve nenhuma aparição do Sr. Congressista, embora tenhamos recebido uma cesta como presente de boas-vindas à nova casa. Estava cheio de geléias da área e pães artesanais, com uma mensagem que algum atendente deve ter recitado para a pessoa de quem encomendou a cesta na loja de geléias.

O pai de Will parece ser um idiota chapado.

Enquanto isso, Will continua fazendo barulho na cozinha, como uma criança que acabou de descobrir as panelas e frigideiras.

— O que você está fazendo, amigo? — pergunto. — Achei que você tinha ido buscar o telefone.

— E eu fui. Mas então eu vi o estado da pia.

— Iá, desculpa. — Era minha vez de lavar a louça. — Mas podemos fazer isso de manhã.

— Nem pense. Amanhã sou eu fazendo o café da manhã. Preciso de uma

cozinha limpa para cozinhar.

— Então nós a limpamos logo, quando chegarmos em casa.

— Vamos estar bêbedos demais.

— Saíste-me cá uma diva.

— Vai se foder. Isso leva, tipo, três minutos.

Sorrio para mim mesmo. Will era um menino do coro quando o conheci. Agora ele me manda foder regularmente. Adoro.

Deixo-me cair no sofá e aproveito para ver as mensagens. Tenho uma mensagem de uma garota gostosa do segundo ano que conheci no *campus* há alguns dias, mas estou mais interessado na continuação da minha conversa com Charlie. Eu a abro e vejo que Will finalmente conheceu nossa *match* .

Encostando-me para trás, passo pelas mensagens, erguendo uma sobrancelha quando uma mensagem chama minha atenção.

Se nos enrolássemos os três e ele me agarrasse na pila, talvez eu não afastasse a mão dele.

Interessante. Nunca me ocorreu agarrar a pila de Larsen. Ele é completamente heterossexual. Assim como eu, na maioria das vezes. Apenas tenho uma mente mais aberta do que a maior parte das pessoas e nada me excita mais do que provocar a excitação de alguém. Então, se fizesse parte de uma fantasia da Charlie, quem sabe, talvez não afastasse o pau dele.

Umedeço os lábios e ajeito o material enquanto a conversa se torna pornográfica. Por falar em fantasias. Vejam só. Charlie tem uma fantasia com carros. Nossa garota sexy e desinibida quer pinar no capô de um carro esportivo.

Estou com uma semiereção quando Will aparece na porta.

— O que você tem? — pergunta, notando minha expressão sofrida.

Ergo o celular.

— Posso ver que você conheceu Charlie.

Um sorriso envergonhado aflora-lhe aos lábios.

— Gosto dela.

— Iá, eu também.

— Mas você não pediu para ele se encontrar conosco — ele ressalta.

— Nem você.

Will dá de ombros.

— Ela não está pronta.

— Exatamente.

Juro que compartilhamos o mesmo cérebro. Às vezes, sinto que somos a mesma pessoa. Talvez não a mesma pessoa, mas pessoas complementares. Compartilhamos um bom equilíbrio. Ele pode ser intenso. Eu sou descontraído demais. Ele gosta de controlar quando estamos com uma garota. Eu não me importo de seguir indicações. «Coma ela, Beck.» Ou: «Foda-a por trás.» E é exatamente isso que eu faço.

Estou ansioso para conhecer Charlie. Tem senso de humor. É fofa que dói. Gosto que você escreva frases completas e use pontuação. Não sou o tipo de pessoa que diz: «Tá acordada? Kero-t tt bb.» Na era da autocorreção e do reconhecimento de voz, não há razão alguma para escrever com abreviações.

— O carro chegou — Will diz, olhando para o celular.

Levanto do sofá e o sigo até o *hall* de entrada. Esta noite está muito vento

para ir a pé, por isso, decidimos armar-nos em ricos e mandar vir um carro. Will tem dinheiro. O cartão de crédito do pai paga tudo. Eu estava começando a me sentir um idiota falido sempre que Will sacava o cartão (ele não me deixa pagar as compras, a gasolina, e nenhum serviço de *streaming*), mas acho que ele gosta de desafiar o pai. Surpreende-me que o congressista ainda não tenha começado a pagar *minha* conta de telefone.

O carro nos deixa do lado de fora do Malone's exatamente quatro minutos e meio depois. Assim que entramos, nos deparamos com um bar barulhento, lotado e caótico, do jeito que eu gosto. Tem gente em cada espacinho do bar, me obrigando a abrir caminho na cotovelada para conseguirmos passar. Sempre que um fã de hóquei nos reconhece, somos saudados com tapinhas nas costas e vivas, o que tem um gosto bom, considerando que esta noite jogamos mal como a merda. A melhor coisa que fiz no rinque foi esmagar um defensor do Boston College contra o acrílico para poder devolver o disco para Shane, que marcou o único gol da noite. Mesmo assim, sofremos uma derrota monumental, 3–1.

Dentro do bar, o ar cheira a cerveja, suor e traços de perfume e colônia. Ao passar por um casal, cometo o erro de respirar fundo, eventualmente inalando uma nuvem do gel de banho almiscarado do cara. Credo. Tudo na moderação, amigo.

Uma olhada pelo bar mostra o serpentear de uma fila, com pessoas esperando impacientemente por sua vez de pedir.

— Vou pegar uma jarra de cerveja — Will se oferece, elevando a voz acima da música. — Vai procurar o pessoal.

— Estou indo.

Todos os cantos e mesas são ocupados principalmente por alunos da Briar. Atravesso a sala principal em direção à sala adjacente, que tem algumas mesas de sinuca e outra longa fileira de mesas em cantos. Eu vasculho a multidão em busca de meus companheiros de equipe. Sempre procuro Patrick primeiro, pois seu cabelo ruivo claro é mais fácil de encontrar. Bingo. Você está no meio da sala, em uma mesa com Nazzy, Nick Lattimore e outros companheiros de equipe.

Abro caminho em direção aos meus amigos, mas desacelero ao ver um rosto conhecido. Charlotte, da minha turma.

Nossos olhos se encontram e ela faz uma careta. Respondo com um sorriso. Essa garota me odeia sem motivo algum, a não ser o fato de eu tê-la envergonhado no primeiro dia. O que, ei, talvez fosse um bom motivo, se eu tivesse a intenção de envergonhá-la. Eu não sabia que era alérgica a piadas. Em vez de rir, ela ficou vermelha como um tomate enquanto tentava limpar o açúcar do rosto.

Eu até teria deixado passar, mas honestamente, incomodar Charlotte Kingston é a parte mais interessante da Política Ambiental. Aquelas aulas são mais do que chatas. Na verdade, quase todas as minhas cadeiras consistem em aulas longas e chatas em vez de trabalho de campo. Achei que o curso de Ciência Ambiental envolveria fazer cenas legais, como se pendurar em moinhos de vento e salvar baleias encalhadas com as próprias mãos.

Me enganaram.

— Delícia de açúcar — digo a ele, balançando a cabeça em forma de

cumprimento.

— Garoto do gelo.

É uma pena ela sempre me fazer cara feia, pois, na realidade, ela é bem bonitinha. Eu a ouvi dizer a alguém que nasceu na Coreia do Sul, mas foi adotada quando era bebê e passou a infância em Connecticut. Certamente, se encaixa no perfil de Connecticut, com seus conjuntos de jaqueta e suéter, e as saias plissadas. Surpreende-me que ela não use sapatos *Mary Jane brilhantes* , preferindo botas de camurça. Pelo tornozelo. Muito decente, cobrindo os tornozelos. Não queremos deixar os homens muito excitados, sacando o pênis ao verem seus tornozelos.

Estou prestes a continuar andando quando sua companhia chama minha atenção.

— Oi, eu te conheço — digo, sorrindo.

A garota sentada na frente de Charlotte é uma morena elegante com grandes olhos azuis e algumas sardas no nariz gracioso. Mas seu rosto de menina bonita parece contrariar o corpo inacreditável envolto em uma calça jeans justa e um top minúsculo que revela a barriga lisa e os seios empinados.

— Vá embora — repreende Charlotte. — Deixa minha Protegida em paz.

— Sua Protegida? — Ergo uma sobrancelha.

— Eu pedi para você não me chamar disso em público — a morena suspira.

— Blake — digo, lembrando seu nome.

Ela veio conosco a uma festa há algumas semanas. Acompanhava a Diana Dixon, namorada do Shane.

O olhar desconfiado de Charlotte alterna entre os dois.

— Vocês se conhecem?

— Você é prima da Gigi, não é? — pergunto à morena, ignorando o olhar fulminante da Delícia de Açúcar.

— Nossas famílias são amigas — corrige a Blake. — Não somos parentes mesmo.

— Você é filha de John Logan — acuso.

Ela parece divertida.

— Por que você diz isso como se eu tivesse cometido um crime?

— Como você ousa ser educada por aquele homem? Ele deveria ser meu pai.

— Você pode ficar com ele — ele diz, graciosamente. — É protetor demais.

— Acho que não me importaria se John Logan me protegesse. Eu poderia me aninhar em seus braços e me deliciar com sua espetacularidade como estrela do hóquei.

Charlotte intervém, irritada.

— Você está nos interrompendo. Você se importa… — Ela faz um gesto com a mão para que eu me afaste.

— Um dia hás de deixar de ser má para mim — digo-lhe.

— Não estou sendo má.

Viro-me novamente para Blake.

— Em outras circunstâncias, eu faria um favor ao seu pai e não deixaria você vestida assim à mercê de uma série de caras excitados em um bar de esportes, sim, ou você sai daqui com um namorado ou com a perspectiva de sexo casual. Mas você está com Charlotte, que me parece ser repelente de homens.

Portanto…

— Ah, ah. — A delícia de açúcar dá uma grande gargalhada de mentira. — Vá embora, garoto do gelo.

— Sim, majestade. — Pisco para ele e continuo andando até minha mesa.

CAPÍTULO 10

CHARLOTTE

Super Magnums

— São um gosto adquirido — diz a Blake.

— Quem?

— Os jogadores de hóquei. Eles podem ser muito irritantes, mas, geralmente, compensam com montes de charme.

— Bem, ele *se acha* charmoso… — Aceno na direção que Beckett Dunne foi.

— Talvez você seja a única pessoa imune a isso. — Ela ri e leva o canudo aos lábios, tomando um gole do chá gelado.

Ofereci-me para comprar uma cerveja para ele. Fogo, poderia ter sido ela a pagá-la, já que a deixaram entrar aqui sem nem ver sua identificação. Mas Blake admitiu que não costuma beber. Nem eu, por causa dos calores que me faz sentir. Como se eu estivesse passando pela merda da menopausa.

Então, ela toma um chá gelado e eu uma *Coca-Cola* . Duas garotas malucas curtindo um sábado à noite. Ele a teria levado ao restaurante, mas esta noite ele está reservado para uma festa privada.

— E você, *é* imune ao charme dele? — pergunto a Blake, estreitando os olhos para a caloura.

Ela dá de ombros.

— Eu acho que ele é fofo.

Resmungo baixinho. Traidora.

— Vamos, Charlotte. Você sabe que ele é fofo.

— Objetivamente, sim.

— Ah, vai se ferrar — diz ela, rindo. — Subjetivamente também. Beckett Dunne é lindo.

Está bem. Ela tem razão. Ele é alto, atlético. Tem aquele cabelo louro despenteado. Aqueles olhos cinzentos impressionantes, brilhando constantemente com malícia. Um sorriso convencido e um queixo de arrasar.

— Não te deixes levar pelo seu charme — aviso. — Parece ser o tipo de homem que parte corações aonde quer que vá.

— Eh, ele é demasiado velho para mim. O meu pai matava-me, literalmente,

se eu saísse com um finalista. Uma vez, ouviu-me dizer à minha mãe que acho piada ao Wyatt, o irmão da Gigi, e quase teve um ataque cardíaco.

— O Wyatt anda aqui na faculdade?

— Não, acho que agora está em Nashville. É um músico atormentado. — Ela sorri. — Por falar em bonzões.

Argh, parece ser bonzão.

Porque haveremos de ser uns clichés ambulantes? Por que as mulheres sempre se sentem atraídas por rebeldes melancólicos? Suponho que seja porque queremos resolver seus problemas. Domá-los. Mas depois de séculos de evidências empíricas, ainda não aprendemos a lição? Esses caras não têm solução. Eles são um perigo ambulante.

— Então não, eu não quero finalistas. Nem jogadores de hóquei. — Ela faz uma pausa. — Já me deixei disso. — Ele tenta esconder um sorriso tomando outro gole da bebida.

— Já se deixou disso? — pergunto.

— Perdi minha virgindade com um — confessa. — Ano passado.

Ah! Eu sabia.

— Foi bom?

— Surpreendentemente bom.

— Que sorte. Minha primeira vez foi uma merda — admito. — Eu estava tão nervosa, cheia de medo de que meus pais chegassem em casa mais cedo do fim de semana no spa, onde tinham ido passar o aniversário de casamento. Eu não conseguia relaxar, então só fiquei ali deitada, com todos os músculos do corpo em tensão e, quanto mais doce ele tentava ser, mais estressada eu ficava, até finalmente exclamar: *se apresse aí com isso!*

Blake se quebra de rir.

— Não. Não acredito.

— Acredita. Mas não era para ele despachar o *sexo* . Só queria que ele despachasse a parte da penetração…

Agora se sacode de riso.

— … rompesse o hímen e passasse à parte que supostamente sabe bem.

— E isso aconteceu? Quero dizer, parecia bom depois da parte do hímen? — Ela não para de rir.

— Não. Foi tudo horrível. A camisinha se rompeu e ele só tinha uma.

— Você não comprou seus próprios preservativos por precaução?

— Ah, eu comprei, mas…

— O quê?

Mordo o lábio para conter o riso.

— Eles eram grandes demais para ele.

Blake dá outra risada.

— O quê? *Como* ?

— Comprei os preservativos errados — explico. Agora sou eu que não consigo controlar o riso. — Basicamente, quando eu tinha 12 anos, minha irmã mais velha estava saindo com um cara no ensino médio e eu encontrei uma caixa de Super Magnums na gaveta da mesa de cabeceira dela quando estava bisbilhotando…

— *Super* Magnums?

— Iá, eles são o dobro do tamanho dos Magnums normais. Ava me pegou bisbilhotando e acabamos tendo uma conversa sobre sexo, incluindo como uma mulher deve sempre poder escolher seu método anticoncepcional e ter sua própria caixa de preservativos à mão. Perguntei por que ela comprou daquela marca e Ava disse que eram os mais confortáveis. — Rio. — Julguei que quisesse dizer mais confortáveis para *ela* . Não me dei conta de que se referia ao pênis gigante do namorado. Então, no dia em que meus pais foram viajar, fui até a farmácia e comprei uma caixa de Super Magnums. Quando a camisinha que ele comprou quebrou, eu dei a ele uma das minhas e, juro por Deus, aquela coisa estava pendurada no pau dele como um saco plástico frouxo.

A Blake deixa-se cair sobre a mesa, sacudindo-se de riso.

— *Não* aguento. Vou fazer xixi nas cuecas.

— Ok, agora eu realmente tenho que saber qual é a piada — diz uma voz masculina.

Fico paralisada no lugar ao perceber que se trata de Isaac Grant.

O que ele está *fazendo aqui* ?

A única vez que passamos um tempo juntos foi em um estacionamento clandestino. Como em uma espécie de troca de reféns, se os reféns fossem fluidos corporais. Ele sabe perfeitamente que não deve falar comigo em público.

Mas… ele não está olhando para mim.

— Você não respondeu minha mensagem — diz ele, em tom de acusação.

Eu me esforço para manter a boca fechada. Hein? Como esses dois se conhecem?

Por instantes, sinto uma pontada de ciúmes e fico talvez levemente insultada por ele estar fingindo não me conhecer. Mas, quando ele olha para mim e abre um sorriso quase imperceptível, percebo que ele está apenas fazendo o que eu pedi. «Não falamos em público depois disso » foi uma das regras que impus antes de colocar a língua na boca dele.

— Quem é esse? — pergunto a Blake, me fazendo desentendida.

Seu sorriso cresce.

— Meu nome é Isaac.

— Você joga futebol ou algo assim — ele diz a Blake.

Mordo o lábio. *Você joga futebol ou algo assim.* Ele é literalmente a estrela do time. Na temporada passada, ele foi votado para MVP, ultrapassando o *quarterback* do time.

Isaac a fita intensamente.

— Você quer dançar?

— Não gosto de dançar.

— Fixe. Então podemos só ficar ali parados.

— Não gosto de ficar de pé. Além disso — aponta para mim —, estamos a meio de uma conversa.

— Vens ter comigo depois da vossa conversa?

— Está bem, eu mando-te uma mensagem. — Com um olhar penetrante, ela espera que ele se vá embora.

Quase consigo ver uma veia a pulsar-lhe na testa ao afastar-se.

Eu me inclino para fora do recanto para espiar para onde ele foi. Para a área de jogos, onde dois defensores enormes estão de volta de uma das mesas de

sinuca. Eles parecem fora de seu elemento. Talvez por este não ser seu elemento. Só porque não assisto hóquei não significa que não sei que o Malone's é um bar de hóquei. O bar no final da rua é onde os jogadores de futebol se reúnem, pelo menos, quando saem de casa. Aquela multidão tende a ser mais discreta nas festas, enquanto os caras do hóquei não se importam em ser barulhentos em público.

— O que foi isso? — pergunto, divertida.

— Minha amiga Diana nos apresentou em uma festa em uma república e agora ele tem uma queda por mim.

Nunca ouvi ninguém soar tão indiferente.

— Tens noção de que noventa e cinco por cento das mulheres desta faculdade, e provavelmente da sociedade em geral, ficaria excitadíssima por o Isaac Grant ter um fraco por elas?

— Ah! Então *você sabe* quem é!

Reviro os olhos.

— Claro que sei. Não há muitas celebridades no *campus* da Briar.

Parte de mim está tentada a revelar que me enrolei com ele na semana passada, mas tenho uma reputação a manter. Charlotte Kingston é uma garota respeitável de uma república cuja mãe foi ex-presidente. Ela vai ser engenheira biomédica. Ele tem uma média de 19.

Ele não se entrega a conversas sujas com dois bonzões sem rosto que conheceu em um aplicativo antes de ir para a cama. E jamais irá admitir que quase fez sexo casual com um jogador de futebol em um estacionamento. Nem pensar.

Meu celular apita com uma mensagem de outra pessoa que também não vou mencionar para Blake Logan.

DANTE:
Sempre estamos combinados para hoje?

— Desculpe, preciso responder uma mensagem. Grupo de trabalho — minto, destravando a tela.

EU:
Sim. Vejo você à meia-noite.

DANTE:
Estou ansioso.

Blake me observa guardar o celular

— O que foi? — pergunto.

— Por que eu tenho a sensação de que você é muito mais do que aparenta?

Ergo uma sobrancelha.

— Isso não se aplica a todo mundo?

— Talvez. — Ela mexe o canudo em volta do copo. — Mas geralmente sei avaliar o caráter das pessoas.

Você tem 18 anos , quase respondo. Mas percebo como você parece condescendente. Pessoas de 18 anos podem saber como avaliar o caráter de alguém. Ser três anos mais velha não me torna mais sábia.

— Não sei o que te dizer — digo, com leveza. — Eu sou exatamente quem eu pareço ser. Agora, vamos voltar à conversa que estávamos tendo antes da interrupção indelicada de Isaac.

— Do que estávamos falando mesmo?

— Hum… você perdeu a virgindade com um jogador de hóquei. Você tem uma queda por um músico atormentado. Super Magnums. Ah, sim, o motivo que nos trouxe aqui, se você quer ou não fazer uma especialização em Ciências da Comunicação.

Nós nos conduzimos de volta à segurança, porque é isso que você deveria fazer com essa garota. Orientá-la.

Ficamos mais uma hora no Malone's antes de pedirmos a conta. Blake precisa ir ao banheiro antes de irmos embora e eu vou até a porta para esperar por ela lá fora. No caminho para a saída, vejo uma figura familiar. Will, meu novo colega de laboratório.

Ele é o tipo de homem que chama a atenção por causa de sua altura e estatura. Os ombros imponentes se estreitando em uma cintura fina. Os músculos ondulando sob a camisa azul de mangas compridas.

— Oi — ele diz, parecendo contente em me ver.

— Alô.

Ele aproxima-se para que eu possa ouvi-lo por cima da música.

— Como te pareceram as amostras esta manhã?

O Will teve treino de hóquei hoje de manhã, por isso, fiquei incumbida de ir até ao laboratório ver como estavam as nossas células. Pusemo-las no biorreator no início da semana, um aparelho que reproduz as condições que permitem aos tecidos desenvolverem-se naturalmente, e agora temos de retirar algumas amostras periodicamente e examiná-las ao microscópio para avaliar a viabilidade geral das células no suporte.

— Estavam com ótimo aspeto! — digo. — Há muitas a unirem-se ao suporte.

— Excelente. — A sua expressão fica tensa. — Fogo, está calor aqui.

Ao arregaçar as mangas, não consigo deixar de notar suas mãos fortes e as veias que atravessam seus antebraços. Eu o imagino pegando um *taco* de hóquei e chutando para o gol, todo o seu corpo ondulando de força pura e, de repente, percebo a atração do hóquei.

Me surpreende sentir um formigamento no meio das pernas. É uma pena não ter tempo para enviar uma mensagem para meus suecos sexy e me entregar a um ou dois orgasmos enquanto Lars ou B me dizem tudo o que querem fazer com meu corpo.

Mas esta noite, eu tenho um lugar ainda melhor para ir.

CAPÍTULO 11

CHARLOTTE

Melhor que orgasmos e boas notas

A residência de Blake fica na direção oposta a que preciso ir, mas ela acha que também vou para casa, então sou obrigada a dirigir até o *campus* , dar meia-volta e retornar a Hastings e a rodovia. Insiro o endereço no GPS, embora saiba o caminho de cor. Eu e Dante somos veteranos nisso.

Já que é outubro na Nova Inglaterra, a via expressa de pista única está completamente escura. De repente me ocorre que, se eu sofrer um acidente neste momento, ninguém saberá que estou aqui, no meio do nada. Pelo menos, até verem as mensagens do meu celular e perceberem que eu ia me encontrar com Dante. Eu nem conto a Faith sobre essas escapadas à meia-noite. Ela me apoia até certo ponto, mas tenho a sensação de que não aprovaria isso.

Abro uma *playlist* de música *pop* e coloco a primeira música gritando, uma música agitada de Mollie May que me faz bater os dedos no volante enquanto canto. Normalmente, eu ouviria um audiolivro dos meus livros didáticos, mas a última coisa que quero fazer agora é pensar na faculdade.

Tem sido uma semana estressante. Os exames intercalares foram mais difíceis do que eu esperava e estudei muito. Estudo sempre. Mas temo ter feito borrada no trabalho sobre desenvolvimento de órgãos artificiais. Acho que não incluí detalhes suficientes.

Não posso dar-me ao luxo de baixar a nota dessa cadeira, tendo em conta que já acho difícil o laboratório de instrumentação. Este é ainda mais assustador, pois o meu projeto final está diretamente relacionado com o laboratório; estou a desenvolver um dispositivo médico semelhante aos que testamos no laboratório.

Estava convencida de que o meu projeto final envolveria algo na área da biotecnologia. Fogo, o programa do laboratório de biologia atraiu-me logo com os termos «clonagem» e «edição de genoma». Estava completamente alinhada nessa direção até desenvolver um fascínio pelas técnicas de processamento de sinal usadas no desenvolvimento de dispositivos médicos. Achei que me aborreceria com tanto diagnóstico, mas, de alguma forma, Instrumentação acabou por ser uma das minhas cadeiras favoritas. Ter más notas a essa cadeira não é uma opção.

Quando a próxima música começa, eu aumento o som. Não posso deixar o estresse me dominar. Preciso abafar meus pensamentos antes que…

Tarde demais.

Sinto a onda subindo. Acontece sempre que me sinto sobrecarregado, mas não é realmente um ataque de pânico. Não sinto o coração acelerado, nem as palmas das mãos suadas. Pelo contrário, é uma sensação sufocante de pressão que me invade por todos os lados. Eu chamo isso de onda de pressão.

No momento, está subindo e ameaçando me arrastar, pois não consigo deixar de pensar em tudo o que tenho que fazer.

Manter a média.

Fazer um excelente trabalho final.

Gerenciando as finanças da Delta Pi.

Planejar a gala.

Candidatar-se a universidades para o mestrado.

Fogo, eu nem comecei a fazer a última dessas coisas, fiquei adiando até o último minuto. Tenho que escrever três ensaios pessoais até a semana que vem. *Três* . Por que diabos um ensaio pessoal deveria ser um requisito? Já fiz isso para a graduação. Escrevi sobre ser adotada, sobre os desafios de me sentir desconectada da cultura em que nasci e que nunca pude experimentar. Suponho que você poderia escrever algo semelhante e adaptá-lo para se encaixar nos requisitos de redação de cada curso…

Controle-se, Charlotte! , grita uma voz interior, conforme a pressão fica mais alta. Sufocante.

Respiro fundo, mas o ar não chega aos meus pulmões. Geralmente, quando a onda de pressão me atinge, recorro a um método de contenção. É apenas um dos vários métodos que uso na minha vida cotidiana. É meio *nerd* , mas ajuda.

Respirando fundo mais uma vez, visualizo a onda e começo a limitá-la, empurrando toda a pressão e peso para dentro da pequena caixa cinza da minha imaginação. Enfio ela dentro, essa onda enorme que acabo conseguindo espremer e comprimir dentro da caixa até que ela esteja completamente contida. Aí eu pego a caixa e coloco no micro-ondas.

Sim, há um micro-ondas na minha visão.

O display não tem números, apenas um botão que diz QUEBRA COM ISSO . Eu o pressiono e, enquanto o visor faz uma contagem regressiva a partir de cinco, eu pego o micro-ondas e o jogo em uma piscina.

O pesado eletrodoméstico afunda e prontamente explode. Toda a pressão que estava em seu interior se dissipa em uma ondulação calma que atravessa a piscina em todas as direções, e eu sinto uma descarga de alívio puro que juro ser melhor que um orgasmo.

Não sei se era isso que minha terapeuta do ensino médio tinha em mente ao encorajar a visualização, mas funciona para mim e é tudo o que importa. Quando chego ao final da minha viagem de 90 minutos, me sinto consideravelmente mais leve.

É tão inquietante vir aqui à noite. Dirigindo na noite escura, a primeira coisa que vejo são sempre os holofotes imponentes acima da arquibancada principal, cujo brilho é visível ao longe. Eles lançam uma luz fantasmagórica sobre o prédio, iluminando a beira da pista e os estacionamentos vazios, que se estendem

como descampados na escuridão. Meus faróis projetam longas sombras sobre o asfalto quando paro o carro na entrada, onde se vê uma enorme placa desgastada, com a tinta desbotada, devido a anos de exposição aos elementos.

AUTÓDROMO AMATO

O nome está estampado em letras garrafais. Sob a placa, uma cerca de arame circunda o perímetro, onde você pode ver algumas luzes de segurança.

A brita estala sob os pneus do meu carro enquanto estaciono ao lado de uma van familiar. É do Dante.

Por instantes, sinto a apreensão habitual por estar aqui sozinha tão tarde. Mas sou o mais cuidadosa possível. Mando uma mensagem para Dante dizendo que cheguei e fico no carro com as portas trancadas até vê-lo sair do prédio. Ele sempre vem aqui fora para me acompanhar.

Espero que quaisquer assassinos que possam estar à espreita por aí olhem para Dante e sejam espertos o suficiente para não mexer com ele. Ele pode não ser muito alto, mas tem corpulência, tatuagens e uma expressão carrancuda. Se eu não soubesse que é um coração mole, sua figura me faria atravessar a estrada.

Saio do carro para o ar fresco da noite, onde paira um leve cheiro de gasolina e borracha.

— Oi, princesa — diz Dante, colocando um braço enorme em volta de mim. — Como foi a viagem?

— Tranquila. — Me aproximo para dar um beijo em sua bochecha. — É bom ver você.

— Senti sua falta — ele diz, apertando meu ombro. — Você escolheu uma boa noite para passar por aqui. Tenho uma surpresa para você.

A antecipação faz cócegas na minha barriga. As surpresas de Dante são as melhores.

Pego sua mão e, praticamente, o arrasto até a entrada, arrancando várias risadas dele. Sempre que Dante ri, o som parece vir das profundezas de seu peito.

Atravessamos o prédio principal e saímos pelos fundos. A arquibancada principal é parcialmente iluminada pelos holofotes, com a maioria das áreas mergulhada em uma sombra profunda e os assentos vazios parecendo assustadores na escuridão. À esquerda da pista principal está a pista dos *karts* , menor, suas curvas sinuosas pouco visíveis à noite.

Dante e eu passamos por ambas as pistas e seguimos para uma área bem iluminada à direita.

Ou seja, ao meu paraíso pessoal.

A família de Dante não é dona apenas de um autódromo, ela também tem uma empresa paralela que proporciona experiências de luxo para clientes que sonham em dirigir carros esportivos sofisticados. Estou falando de *Ferraris* , *Lamborghinis* , *Porsches* . Dante me contou que esse serviço constitui quase metade das receitas do autódromo.

E ele me deixa aproveitá-lo de graça.

Se não fosse filho do dono, certamente seria demitido por isto.

— Como foi sua semana? — pergunta ele.

— Atarefada.

Reclamo dos exames intercalares por alguns minutos e ele deixa, pois é esse

tipo de amigo, aquele que mostra entusiasmo por nossos interesses mesmo que o aborreçam até a morte, só porque sabe que são importantes para nós.

Nos conhecemos em uma festa na piscina em Boston, quando eu estava no segundo ano. Fui com umas colegas de classe, mas elas queriam ir embora mais cedo, então, fiquei, ativei o modo Charlie e me meti com um cara bonito no alpendre da casa. O Cara Fofo estava no meio de uma frase quando Dante chegou em um *Alfa Romeo* , à chefe. Deixei o garotinho e fui admirar o carro. Dante perguntou se eu queria dar uma volta e o resto é história. Naquela noite eu saí de Boston cheia de adrenalina e com um melhor amigo gay cuja família é dona de um autódromo.

A primeira vez que Dante me convidou para vir aqui à noite, ele estava tão paranóico que foi quase cômico. Ele se sentou no banco do passageiro de um *McLaren* branco conversível com os punhos ansiosos cerrados perto das coxas. Ele se recusou a me deixar dirigir acima de cinquenta quilômetros por hora até decidir que merecia colocar a terceira marcha. A cada visita, ele aumentava o limite de velocidade e, hoje em dia, não tem problemas em me deixar acelerar sozinha pela pista.

Meus pais me matariam se soubessem que eu estava dirigindo carros de corrida em um autódromo vazio à meia-noite, mas sou uma motorista prudente. Nunca acelero mais do que considero seguro e Dante sempre insiste em usarmos capacetes, embora, tecnicamente, não sejamos obrigados.

— Ando tão estressada — suspiro, minha sessão de reclamações finalmente chegando ao fim.

— Estou prestes a fazer você esquecer todos esses absurdos por um tempo. — Dante sorri. — Vem. Vais adorar isso.

Ele me conduz ao longo da fileira de carros de luxo do estacionamento, onde você pode ver as carrocerias elegantes e polidas cintilando sob as luzes.

A excitação borbulha dentro de mim quando paramos diante de um carro que nunca vi aqui. Um *Corvette Stingray* vermelho cereja que parece ter sido criado para ultrapassar todos os limites de velocidade existentes.

Gemo em voz alta.

O Dante estremece.

— Fogo, princesa. Eu sou gay e esse gemido sensual fez minha pila se mexer.

— Quero me casar com esse carro. — Minha voz mal contém a emoção. — É esse que eu quero dirigir hoje à noite.

— Sabia que você ia dizer isso. Mas não exagera, tá?

Sorrio para ele.

— Não prometo nada.

— Equipe-se — ele diz, jogando meu capacete habitual para mim.

Assim que me sento no banco do motorista, o interior me encerra em puro luxo. Os assentos de couro parecem manteiga. O tabliê lembra o de um filme de ficção científica. Quando passo as mãos pelo volante, meu coração começa a bater acelerado e sinto a antecipação percorrer meu corpo.

Dante estende a mão e aperta o botão de ignição. O motor ganha vida, um som grave e potente que me faz sentir um arrepio na espinha e um formigamento no meio das pernas.

Os carros me excitam.

O trabalho de laboratório me excita.

Minha cebola tem muitas camadas.

Olho de soslaio para o Dante e ele acena com a cabeça, dando-me permissão. Conduzo o *Stingray* até à pista, com o pé pairando sobre o acelerador. Os holofotes lançam um brilho quase surreal sobre o asfalto à minha frente, fazendo-o parecer um laço de seda preta desvelando-se na noite.

— Dá-lhe — encoraja o Dante.

Respiro fundo e carrego no pedal do acelerador.

O *Stingray* avança e a força de aceleração empurra-me contra o assento. Oh, sim. O mundo do outro lado das janelas vai ficando distorcido à medida que o velocímetro aumenta, fazendo-me sentir uma emocionante descarga de adrenalina. Os pneus aderem à pista com precisão enquanto guio o carro desportivo pela primeira curva. Estou em completo controlo, absolutamente em sintonia com a máquina.

Dante dá um gritinho ao meu lado, o som quase inaudível acima do rugido do motor.

— Isso, garota, *isso* !

Eu rio, o som emergindo do fundo de mim.

— É, não é?

Eu puxo mais pelo carro, acelerando, deixando a velocidade assumir o controle. Isso é melhor do que sexo. É melhor do que orgasmos e boas notas.

Isso é o paraíso.

A pista é sinuosa e tortuosa, mas eu a enfrento com facilidade, com as mãos firmes no volante e o pé no acelerador. Cada curva é como uma dança entre o controle e o caos. Estou exultante. Stingray *reage* a todos os meus movimentos como uma extensão de mim e, por um momento, parece que nada mais no mundo importa.

Ao chegar à reta final, com o carro rugindo em sua potência máxima, a tensão dos últimos dias desaparece, sendo substituída por uma euforia livre e despreocupada.

Finalmente, desacelero e travo o *Stingray* . O motor desacelera com um ronronar baixo e satisfeito, como se tivesse acabado de lhe proporcionar uma boa foda.

Eu me viro para Dante, ofegante e com um sorriso de orelha a orelha.

— Foi incrível.

— Eu disse que ia valer a pena.

— De novo?

— Bora.

CAPÍTULO 12

CHARLIE:
Desculpe não ter respondido ontem à noite. Cheguei em casa, tipo, às cinco da manhã.

LARS & B:
Parece que você teve uma noite conturbada.

CHARLIE:
Tive. Com quem estou falando?

LARS:
Ah, desculpe, é Lars.

CHARLIE:
Meu galã sueco! Como está Bjorn?

LARS:
Hum… quem?

CHARLIE:
Ah, eu chamo B de Bjorn. Imagino que sejam dois suecos musculosos. Idealizo uns vikings gloriosos.

LARS:
Acho que a maioria dos vikings eram noruegueses, não suecos.

CHARLIE:
Por favor, deixe-me ter essa fantasia.

LARS:
Você tem um fetiche com vikings? É isso?

CHARLIE:
Achei que não, mas agora…

LARS:
Você gosta da ideia de ser conquistada.

CHARLIE:
Oh, meu Deus. Parece que sim.

LARS:
Está bem. Vamos imaginar que eu e B queremos fazer algumas conquistas. Como é que seria?

CHARLIE:
Hum. OK. Acho que começava com vocês arrombando minha porta e entrando no meu quarto.

LARS:
E você está na cama? À secretária?

CHARLIE:
Estou deitada na cama. Nua. A me tocar.

LARS:
E nós interrompemos seu prazer?

CHARLIE:
Sim.

LARS:
Estava quase a vir-te?

CHARLIE:
Mesmo quase.

LARS:
Ah, que pena. Porque nós não deixamos você gozar, não é, Charlie? Seu orgasmo agora é nosso. Você tenta se cobrir, mas é tarde demais. Vimos todo o teu corpo firme e tesudo. E agora você está à nossa mercê. Eu me meto na cama com você e te agarro. OB fica de joelhos aos pés da cama. Você está se debatendo ou implorando por nós?

CHARLIE:

A implorar.

LARS:

Claro que você está. Gostamos de ouvir você implorando. Eu enfio minha mão no meio de suas pernas e abro sua buceta para ele.

CHARLIE:

Oh, meu Deus.

LARS:

Sussurro coisas sujas em seu ouvido enquanto ele te lambe. Então eu enfio os dedos no cabelo dele para segurar sua cabeça no meio das suas pernas, mantendo-o ali.

LARS:

Garota?

Tá aí? Não ouse ir embora agora.

CHARLIE:

Desculpa. Estou aqui. Tive que tirar as leggings.

LARS:

Tá se tocando agora?

CHARLIE:

Como não? Você está me dizendo que não está com tesão?

LARS:

Nem imaginas. Mas ainda o tenho dentro das calças.

CHARLIE:

Tira pra fora. Por favor.

LARS:

Foda-se.

CHARLIE:

Já está lá fora?

LARS:

Está.

CAPÍTULO 13

CHARLOTTE

Imaginem meu esplendor sobre sua mesa

Depois de mais de uma semana, posso dizer com grande certeza que meu irmão biológico não está interessado em entrar em contato comigo.

O Método me disse que eu seria capaz de aceitar essa consequência, mas… ainda é uma merda.

Nunca fui uma pessoa excessivamente otimista. Também não sou cínica. Acho que sou apenas realista. Reconheço que, na vida, acontecem coisas incríveis e outras menos incríveis. Mas não posso negar que me senti completamente entrincheirada no lado otimista em relação a esse assunto.

Acreditava mesmo que ele quereria me conhecer.

Faith bate na porta do meu quarto na quarta à noite, me pegando completamente desanimada.

— Você está pronta para a reunião?

— Não — digo, sorumbaticamente.

— Não quero dizer no sentido figurado, mas tipo, na prática, você está pronta para descer as escadas ou precisa fazer xixi, ou qualquer outra coisa?

Levanto da cama arrumada com perfeição e vou até a mesa para pegar meu laptop e celular.

— Não, não preciso de nada. Bora.

— O que está acontecendo?

— Ele não me respondeu.

— Quem?

— O irmão bio.

— Ah. Lamento.

— Não faz mal. Quero lá saber.

Ajeito a parte de baixo do meu suéter de cashmere branco. Faith está sempre zombando de mim por me vestir de branco tantas vezes. Você não entende como consigo manter a roupa limpa.

— Qual *não faz mal, eu quero saber* ? — ele diz, com um tom de voz firme, me puxando para um abraço. — Venha cá, senhorita triste.

Ao me entregar ao seu abraço, ela acaricia meus ombros em um gesto

reconfortante.

— Sinto muito, amiga. Eu sei o quanto você queria que isso corresse bem. Mas só porque ele viu sua mensagem não significa que ele nunca vai responder. Há quanto tempo você a leu?

— Bem, eu mandei a mensagem há dez dias e ele leu há nove.

— Ah. — Ela pisca. — OK. Não é um bom sinal.

Não posso deixar de rir.

— Tá vendo?

— Escuta, uma semana e meia não é estranho para alguém responder. Mas, se não responder, não respondeu. Ele é que perde. Tu é incrível.

— Eu *sou* incrível.

Ela sorri.

— E modesta também.

— A pessoa mais modesta que você já conheceu.

Entrelaçamos os braços e fomos para o andar de baixo para aguentar mais uma reunião da república com Agatha, bem, sendo Agatha. Pelo menos, dessa vez, a pauta é interessante. Yara, responsável pela decoração do gala, preparou uma apresentação de PowerPoint e eu adoro um bom PowerPoint. Especialmente de Yara, cujos cabeçalhos de slides são excepcionais.

— Então — anuncia ao lado do projetor, enquanto todas olham para a tela. — Opções de centros de mesa.

Surge o primeiro slide.

SERÁ QUE DEVO ESTAR NO CENTRO DA MESA?

Faith se encosta no meu braço e ri contra minha manga. Ouço algumas risadinhas das calouras, isto é, da escória inferior da Terra encostada na parede. Quando olho por cima do ombro, vejo Blake atrás de mim, sorrindo. Ela está fofa hoje, com duas tranças caindo sobre os ombros.

— Pronto, essa é a primeira opção — diz Yara.

O próximo slide aparece, revelando uma jarra alta transparente com uma faixa de cetim branco no meio amarrada em um laço fofo. Está em um espelho redondo que reflete as flores dentro do vaso: gipsófila, folhas de samambaia e algumas peônias rosa pastel para adicionar um pouco de cor.

O cabeçalho da primeira opção diz:

SOU BONITO, MAS PODERIA SER MAIS BONITO

— Esse não me deslumbra — admite Sherise, mordendo a tampa da caneta esferográfica.

— É a pior das opções — concorda Yara. — Mas é a mais barata.

A opção dois é identificada da seguinte forma:

SOU MAIS BONITO

Esta jarra de vidro fosco sobre uma tira de renda oferece rosas cor de rosa cercadas por ramos de gipsófilas brancas. É melhor que a primeira, embora não tão espetacular quanto a terceira opção, que arranca exclamações de todo mundo.

IMAGINE MEU ESPLENDOR SOBRE SUA MESA

Esta opção mantém nossa paleta de cores, branco e rosa-pálido, incluindo também alguns detalhes dourados.

— Essa é um pouco mais cara — começa dizendo Yara, olhando para mim.

— Quão mais cara? — pergunto, com os dedos sobre o teclado. Encaro com muita seriedade meu trabalho como vice-presidente de tesouraria. Porque Agatha me obriga.

Yara tenta ganhar tempo.

— Bem, eu sei que estipulamos um orçamento rigoroso para os centros de mesa e, seguramente, este o ultrapassa, mas…

— Quanto é que ultrapassa?

— Cerca de vinte por cento — ele murmura, sem olhar para mim.

— De jeito nenhum — digo imediatamente.

— Mas olha só pra ele!

Olho para a tela, disfarçando um resmungo quando Yara toca em seu laptop e abre um novo slide com as três peças centrais perfeitamente alinhadas.

Não há dúvida de que os detalhes dourados chamam a atenção.

Agatha inclina a cabeça em minha direção.

— Podemos fazer isso? — pergunta, energicamente.

— Se quiseres tirar esses vinte por cento de um dos outros orçamentos, tipo o da música, então, sim, podemos avançar.

— Que nem te passe pela cabeça cortar no orçamento do DJ! — exclama a Robin. A música é a sua área.

A Agatha volta a olhar para mim.

Encolho os ombros.

— Temos uma quantia limitada na conta bancária da casa. Não consigo fazer aparecer dinheiro por milagre. Portanto, se não podemos tirar dos outros orçamentos, a única outra opção é pedir a alguém que contribua com os seus próprios fundos.

— Deixa-me falar com a minha mãe — diz a Agatha. — Vamos adiar a questão dos centros de mesa por agora e voltamos a discutir o assunto na próxima reunião. Talvez um dos antigos alunos queira contribuir com alguma coisinha para o orçamento da gala…

Sua intervenção é interrompida pelo som da vibração do celular da Blake.

Agatha lhe lança um olhar fulminante.

— Modo silencioso.

— Desculpe — murmura para Blake. Ele faz uma careta para o celular antes de colocá-lo no modo silencioso.

Quando o assunto passa para o cardápio da gala e todas começam a discutir se seria uma boa ideia um dos pratos ser picante, percebo que Blake está

constantemente olhando para o celular.

— Está tudo bem? — sussurro para ele.

— Ele é o cara que está atrás de mim — é o que me parece ser sua resposta.

Não tenho tempo para lhe fazer perguntas, porque nesse meio tempo começou um concurso de gritos.

— Ninguém está dizendo que comida picante é uma merda, Dana! Eu adoro picante! Só estou dizendo — continua Noelle, exasperada — que temos muitas senhoras mais velhas na lista de convidados e talvez nem todas consigam aguentar o tempero. Pessoas mais velhas têm mais dificuldade na digestão.

— Argh, você está certa — admite Dana.

— Ótimo. Então, vamos nos ater à porcaria do frango *marsala* .

— Está bem. — Dana olha para seu laptop. — Vamos falar da sobremesa.

A Blake clareia a voz antes que a Dana possa continuar.

— Só vou lá fora um segundo, se não se importam…

— Não — diz a Agatha, bruscamente.

— Iá, Logan — repreende Faith. — Ninguém sai de uma reunião antes de ser dispensada, a não ser que tenha morrido.

Quase engasgo com uma risada.

Agatha olha furiosa para Faith.

— Cale a boca, Faith. Não precisamos ouvir todos os seus comentários atrevidos.

Felizmente, o resto da reunião continua sem outros contratempos e eu dou um suspiro de alívio assim que Agatha nos deixa ir. Blake também parece ansiosa para sair, embora a aflição que ela transmite me diga que ela está preocupada com outras coisas além de Agatha.

— O que está acontecendo? — pergunto, praticamente empurrando-a para fora da sala de jantar.

— Preciso resolver um assunto.

— Parece-me um bom programa — chilreia a Faith, surgindo do outro lado da Blake. — Que assunto?

— Oh, meu Deus, não é nada. Por favor, não me faça fazer isso com público.

Eu e Faith trocamos olhares.

Então começamos a andar ainda mais rápido.

A caloura tenta chegar à porta antes de nós, tentando fechá-la atrás dela, mas Faith praticou atletismo no ensino médio e eu sou absurdamente rápido. Corremos atrás dela, até o alpendre, parando de repente quando vimos um gigante louro-arruivado no gramado da frente da casa.

— Você nunca desiste? — pergunta a Blake, descendo furiosa os degraus do alpendre em sua direção.

O Isaac Grant enfatiza os ombros estupidamente largos, encolhendo-os.

— Não. Sou jogador de futebol. É um jogo que se decide nos detalhes.

Ela faz um som irritado, pousando as duas mãos nos quadris.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Você é meu detalhe.

— Eu não sou a merda do seu detalhe, bacana. Vai embora.

Faith e eu damos risadinhas no alpendre, nos calando quando Blake se vira e olha furiosa para nós.

— Só estou dizendo que *sei* que você gosta de mim. — Isaac abre um sorriso convencido, os dentes perfeitos cintilando ao luar. — Portanto, vamos parar de joguinhos. Estamos a poucos centímetros da *end zone* .

— Vá para casa — diz ela, através dos dentes cerrados.

— Só um encontro. Você concorda em sair comigo uma vez e eu vou embora.

— Meu, *não* é assim que você convence alguém a sair com você. *Eu paro de andar atrás de você se você me deixar te levar para jantar.* — A Blake ri de irritação. — Não estou interessada.

— Escuta, meu anjo…

— Anjo? Não me dê apelidos.

— Tarde demais — diz ele, com arrogância. — Meu anjo. Escuta. Só estou pedindo que você saia comigo uma vez. Ah — acrescenta —, e você tem que me prometer que vai se divertir.

— Não posso prometer me divertir. E se for um encontro ruim?

Ele se aproveita do engano, sorrindo radiante.

— Excelente. Então você aceita sair comigo.

— O quê? Não!

Enquanto isso, eles atraíram a atenção de algumas pessoas, e não me refiro apenas a Faith e a mim. Outros membros da Delta Pi saíram da residência para ver o que estava acontecendo, assim como um grupo de curiosos de outras casas da Row.

Tenho que admitir que Isaac é uma visão bastante agradável. Tem um metro e noventa e oito. É musculoso. Com um olhar penetrante e o queixo anguloso. Esse cara é um sonho erótico ambulante.

Pelo menos, para a maioria das mulheres.

— Um encontro — implora.

— Eu nem te conheço — resmunga para Blake.

— Esse é o objetivo de um encontro. Ficares me conhecendo. Te juro que sou impressionante.

— Quem é que se refere a si mesmo como *impressionante* ?

Faith ri, cobrindo a mão com a boca.

— Vá lá. O que eu preciso fazer? Quer que eu grite pra rua inteira ouvir? Que me ponha de joelhos?

— Por favor, não…

Ele se põe de joelhos.

— Blake Logan — declara. — Meu anjo. Você é a garota mais bonita que eu já vi.

Uau, ele realmente está dando tudo de si.

Espera aí. Será que eu deveria estar com ciúmes? Quer dizer, ele e eu nos enrolamos há algumas semanas e ele nem olha para mim.

Será que eu *quero* que ele olhe para mim?

Tá louca? Claro que você não quer.

A sensatez volta para mim. Certo. *Olhem-me* só para esse tipo. Não preciso desses dramas na minha vida.

— Por favor, acabe com meu sofrimento e saia comigo — implora Isaac.

— Bacana, eu não…

— Me ajudem! — Isaac abre os braços, se dirigindo aos curiosos. O homem tem a envergadura de um avião a jato. — Cidadãos da Greek Row! — berra, como se fosse um gladiador romano. — Peço a ajuda de vocês!

Há um momento de silêncio e então alguém da república Sigma Nu grita:

— Foda-se, sai lá com ele e acaba com isso.

— Meu anjo — diz Isaac novamente.

— Oh, meu Deus. Tudo bem — diz a Blake com brusquidão. — *Está bem.* — Ela se aproxima dele e o agarra pelo braço, obrigando-o a ficar de pé.

Seu rosto se alegra.

— Quando será nosso encontro?

— Não sei. Vai embora.

— Sexta à noite. Eu te mando uma mensagem.

— Como quiser. Mas vai embora.

Ela vira as costas para ele e volta para a casa.

Com um sorriso de orelha a orelha, Isaac se pavoneia até o carro esporte que conheço tão bem e vai embora.

No *hall* de entrada, Blake busca o olhar reprovador de Agatha.

— Desculpa. Caso você não tenha notado, eu não o convidei.

Nossa vice-presidente, Sherise, sorri para Blake.

— Garota, aquele era Isaac Grant. Aproveite, Logan.

— Não — diz a Agatha, com firmeza. — Não precisamos desses colossos do futebol manchando a reputação da nossa residência.

Sherise surpreende a todos ao responder nossa presidente.

— Vamos, vamos, Agatha. Até você tem que admitir que aquilo foi bem impressionante.

— Discordo plenamente. Esses pegadores do futebol são embaraçosos demais.

— Bem, nem todas nós podemos ser cortejadas pelos tipos imaculados do lacrosse — Faith diz.

— *Cale a boca* , Faith — rosna para Agatha antes de sair, toda ofendida.

Após o grupo dispersar, chamo a Blake à parte, baixando a voz para que ninguém nos ouça.

— Sabes que não tens de sair com ele se não quiseres, certo? Podes dizer que só aceitaste para ele se calar. Não precisas de cumprir.

Ela encolhe os ombros.

— Mais vale ir. Ao menos, ele é divertido.

— Eu sei. Mas tem cuidado, está bem?

— Porquê, estás com medo de que me apaixone por ele? — A Blake parece divertida.

— Ele é o Isaac Grant. Tenho quase a certeza de que metade da faculdade já está apaixonada por ele.

— É só um encontro, Charlotte. Não precisas de te preocupar.

Talvez não, mas preocupo-me. Preocupa-me que, para ele, se trate apenas da emoção da perseguição. Há dois anos que ouço falar das aventuras sexuais deste tipo. Fogo, foi a sua promiscuidade que me atraiu inicialmente. O Isaac não é alguém que tem namoradas. E, sim, há sempre a possibilidade de que tenha conhecido a mulher que irá conquistar o seu coração e acabar com a sua vida de

devasso, mas isso só costuma acontecer nas comédias românticas e nos romances cor-de-rosa. O idiota permanece o idiota e o engatatão não deixa de ser quem é.

— Blake. Ainda precisas de boleia até à residência? — pergunta a Dana, aproximando-se de nós com passadas largas. Tal como a Blake, ela também não mora na nossa residência.

— Sim. Obrigada. — A Blake olha para mim. — Ah, antes de ir, esqueci-me de te perguntar. Queres ir ao jogo amanhã à noite? Vou com a minha prima.

— Qual jogo?

— De hóquei.

Faço uma careta.

— Dispenso.

— Ah, vamos — insiste. — Vai ser legal. Prometo.

— Talvez. Te mando mensagem de manhã.

Assim que me encontro novamente na privacidade do meu quarto, abro o aplicativo BioRoots para verificar minha caixa de entrada. Continua vazia. Embora a falta de notificações já tivesse me informado desse fato.

Eu me distraio abrindo o aplicativo que *tem* uma notificação e que eu ignorei quando cheguei na noite passada, pois estava trabalhando até tarde no laboratório.

Devo dizer que tenho gostado bastante dessa conversa. Estamos falando de pelo menos dois orgasmos toda vez que falo com Lars ou Bjorn. Meus galãs suecos. Meus amantes cibernéticos.

Mas esta nova mensagem altera o jogo.

Eles querem passar para o modo *offline* .

Querem se encontrar.

CAPÍTULO 14

WILL

Guarde isso para quando entrar em campo

— Puta, isso vai passar, tipo, no TSBN? Seu sogro vai falar de nós no Reis do Hóquei?

— É uma reportagem política — diz Ryder, revirando os olhos para Trager. — Por que o Reis do Hóquei falaria sobre isso?

— Não percebo. — Trager se vira para mim para que eu explique. — Então, qual é o objetivo da entrevista?

Eu nem levanto a cabeça do meu cubículo. Estou com meu telefone na mão e estou verificando o aplicativo pela décima vez esta manhã.

— Hóquei universitário, cultura, como viemos parar nesse esporte — respondo distraidamente. — Tenho certeza de que haverá perguntas escrotas sobre o que significa ser um líder e como o hóquei constrói grandes homens.

— Como no LEGO? — Patrick pergunta. Ele não é muito inteligente, mas é um cara legal.

— Sim, como no LEGO — diz o Beckett com seriedade. — Eles querem entrevistar você sobre a construção de jogadores de hóquei em LEGO.

Abro as mensagens e contenho a decepção. Continuo sem resposta de Charlie. Na noite passada, Beck e eu a convidamos para se encontrar conosco e ela está em silêncio desde então.

— Gente, é só uma reportagem elogiosa, tá? — Pouso meu celular na prateleira de cima do armário e me viro para encarar meus companheiros de equipe. — Meu pai quer mostrar a seus eleitores que seu filho é um universitário exemplar que tem colegas universitários exemplares em seu time de hóquei universitário exemplar. É só isso.

O técnico Jensen entra no vestiário com os assistentes técnicos Maran e Peretti. Basta eu olhar para o seu rosto para perceber que você está chateado.

A origem de sua ira fica evidente um segundo depois: a produtora do segmento de vídeo dessa palhaçada que meu pai nos impingiu.

O nome dela é Marjorie Neven e ela é uma loira alta e magrinha na casa dos 50 anos, cujo rosto não se move. Literalmente. Não sei dizer se ela está contente, zangada, triste, decepcionada. Seus músculos faciais estão paralisados pelo que

me parecem quilos de base.

Ela aproxima-se, envergando um fato azul-claro e uma quantidade excessiva de joias de ouro que refletem as luzes fluorescentes, ferindo-me os olhos.

— Pronto, rapazes — diz a Marjorie, sorrindo ou franzindo o sobrolho. — Vamos filmar mais umas imagens esta noite com vocês a vestirem os equipamentos, por isso não tirem as calças ainda. As t-shirts podem tirar.

— Quer dizer que não vai haver nu integral? — pergunta o Beckett com um tom provocador, fingindo desapertar as calças.

Ninguém é imune aos seus encantos. Nem sequer uma produtora de 50 e tal anos que, claramente, não vai para a cama com ninguém pelo menos há vinte e cinco.

Deliciada, ri-se do comentário libidinoso.

— Por muito apelativo que isso fosse para o público feminino…

— E LGBTQ+ — diz o operador de câmara.

— … temo que isso seja um programa familiar — conclui.

Beck pisca para ele.

— Eles é que perdem.

Marjorie bate as palmas.

— Muito bem, rapazes. Ignorem a câmera; finja que não está aqui. Ajam com naturalidade. Fingindo que estão se preparando para o jogo.

O treinador resmunga ao lado da porta.

— Eles estão se preparando para o jogo.

— Eu sei. Eu só quero dizer... — Ela percebe sua expressão, o olhar mortal de Jensen, e para de falar.

— Ouça, senhora.

O-oh, o treinador disse «minha senhora » . Do canto do olho, vejo Shane tentando não rir.

— A senhora está aqui por cortesia — continua o treinador, irritado. — Não temos obrigação de deixá-la entrar no vestiário e invadir a privacidade dos meus homens.

Ela é corajosa o suficiente para protestar.

— Todos assinaram autorizações…

— Eles não sabiam que diabos estavam assinando. São uns idiotas.

Junto ao seu armário, Shane dá uma sonora gargalhada, incapaz de se conter.

— Você está nos distraindo, minha senhora. O aquecimento está prestes a começar. Meus homens precisam se concentrar no jogo. Portanto, despache-se lá com o seu «segmentozinho». — Ele faz o sinal de aspas no ar. — Grave suas "imagens" aí e ponha-se a andar.

Com isso, Jensen atravessa o vestiário em direção ao corredor que leva aos vestiários dos treinadores.

— Acho que o enervei — diz Marjorie, olhando em volta hesitante.

— Ele é assim mesmo — assegura Case. — Mas, sim, eu sugiro que você se apresse para filmar.

Minha irritação só piora quando o cinegrafista começa a filmar nosso aquecimento antes do jogo da maneira mais intrusiva possível. Enquanto isso, todos nós «fingimos», que é como quem diz, nos preparamos mesmo, enquanto Marjorie nos pede para não olharmos diretamente para a câmera.

Estou no banco amarrando os patins quando a sombra de Marjorie surge sobre mim.

— Willian. Será que é uma boa hora para fazer umas perguntas para ele?

Não, *senhora* . Não é. Estou prestes a enfrentar um dos adversários mais difíceis da nossa divisão.

— Claro — minto.

Ela prende um pequeno microfone no colarinho da minha camisa e sai do quadro enquanto a lente da câmera foca em mim. Estou esperando uma pergunta fácil.

— Me diga, William, você acha que as práticas são uma parte necessária para a união da equipe ou apenas uma tradição ultrapassada e nociva?

Não é uma pergunta fácil.

Disfarço minha irritação.

— Nós não fazemos nenhum tipo de trote na Briar. E, até onde eu sei, nunca foi feito.

— Então quer dizer que você nunca foi praxado ao longo dos três anos que esteve aqui?

— Não.

Marjorie me faz outra pergunta difícil.

— O hóquei é conhecido por sua fisicalidade. Você acha que o grau de violência em campo passou dos limites nos últimos anos?

— Sério? Ouça, estou prestes a jogar três períodos de hóquei. É um jogo mental. E não vou desperdiçar minha energia intelectual com essas perguntas.

— É um esporte violento — aponta. — As lutas…

— Não há brigas no hóquei da NCAA. Eles são rigorosos com essa merda.

Marjorie se retrai.

— Você se importa de repetir sem falar besteira?

Cerro os dentes.

— Estamos conversados. Preciso me concentrar.

— E se eu lhe der as respostas?

Sai-me uma gargalhada.

— Está gozando?

— Seu pai nos enviou alguns tópicos de discussão, sabe? — Marjorie parece tão irritada quanto eu me sinto. — Então faça uma cara séria e diga: *Como atletas, sabemos que muitos jogadores e fãs mais jovens nos admiram, e isso é algo que levamos muito a sério…*

— Isso é ridículo.

— Diga só. E então… Que tal… *O hóquei é um esporte físico, mas é importante mostrar aos jogadores mais jovens que a violência deve seguir regras e ser usada de forma respeitosa e controlada.*

Através dos dentes cerrados, repito seu discursozinho. É irônico ficar falando sobre a necessidade de estar acima da violência quando o que eu mais gostaria de fazer neste momento era arrancar a câmera das mãos daquele bacana.

— Perfeito. Obrigada, Willian.

— Will — resmungo, quando ela se afasta.

O Beckett, que estava por perto, junta-se a mim no banco. Os seus lábios contraem-se ao ver a minha expressão.

— Guarda isso para quando entrares em campo — murmura.

Ele conhece-me bem.

Tento ignorar as vozes. A Marjorie está agora a entrevistar o Austin Pope, um avançado do segundo ano que tem sempre um ar assustado. Ele põe-se a mexer no microfone preso à camisola até a Marjorie finalmente se passar, dizendo:

— Pare com isso.

A mulher recupera depressa, respirando fundo para se acalmar antes de voltar à sua voz de jornalista profissional.

— Então, Austin — diz. — Jogou pela seleção nacional no Mundial de Sub-20 no ano passado?

— Iá.

— Como se sentiu a representar o seu país num evento tão prestigiado?

O Austin pestaneja.

— Sei lá. Eu, hum, eu só, sabe, limitei-me a jogar hóquei.

Alguém se ri.

— Não foi essa a pergunta, Pope — diz outra pessoa.

— Desculpe, qual foi a pergunta? — O Austin coça a nuca. — Não gosto de entrevistas. Desculpe. Posso ir-me embora? — Ele olha para mim com uma súplica silenciosa.

Sinto a minha paciência a esgotar-se. Este devia ser o nosso tempo de preparação, e não a hora de fazer o jeitinho à máquina publicitária do meu pai.

A Marjorie desiste, desprende o microfone do Pope e aproxima-se do Ryder, que está com ar de quem me quer matar.

Ela apresenta-se e praticamente obriga-o a colocar o microfone no colarinho.

— Tem algum ritual antes do jogo? — pergunta ela.

O Ryder encolhe os ombros.

— Essa temporada comecei a ouvir sons de baleias. Minha esposa gosta muito dessas cenas.

O vestiário inteiro irrompe numa gargalhada e até eu me vejo obrigado a disfarçar um sorriso. A parte mais triste é que ele nem está zombando. Gigi é obcecada por ambientes sonoros e fez Ryder gostar também. Ele afirma que eles ajudam você a se concentrar e relaxar.

O treinador volta alguns minutos depois. Ele olha para a câmera e juro que vejo as veias de seu pescoço latejando.

— Você ainda está aqui? — diz bruscamente. — Vá embora. Preciso falar com meus homens antes do jogo.

O olhar de Marjorie se ilumina, embora seu rosto não se mexa.

— Um discurso motivacional? Fantástico! Eu adoraria filmá-lo, se…

— Rua! — rosna Jensen. — Já.

O cinegrafista sai imediatamente. Marjorie balbucia um pedido de desculpas ao mesmo tempo em que corre para fora do vestiário. A porta se fecha, sua batida reverberando no silêncio que se instala.

— Graças a Deus — Trager resmunga.

O treinador enfia um dedo no ar, ao lado do Trager.

— Cala a boca. Estou falando.

Após um discurso motivacional breve e direto sem motivação alguma, o

vestiário fica vazio. O pessoal se encaminha pelo túnel em direção ao rinque. Eu fico para trás e pego meu celular.

Ainda não há mensagens de Charlie. Parece que o encontro não vai acontecer, o que combina bem com minha péssima disposição.

Ligo para meu pai e vai parar no correio de *voz* . Claro. Sinto a raiva subir minha espinha enquanto ligo para Alessia. Ela atende imediatamente. Claro.

— Will. Como posso ajudá-lo?

— Preciso que transmita uma mensagem para meu pai — respondo com secura. — Ele que diga para sua equipe de filmagem se afastar.

— Eles têm interferido? — Ela parece surpresa.

— Claro que têm! — digo, bruscamente, abaixando a voz logo depois ao ouvi-la ecoar nas paredes. — Temos um jogo hoje à noite. Não deveríamos estar respondendo perguntas estúpidas, sabe?

— Will…

Eu nem sei por que estou com raiva, então desligo o telefone na cara dele.

Foda-se.

Mesmo quando estou conversando com sua representante, meu pai sempre consegue me enervar.

*

As entrevistas insuportáveis deveriam ter sido o fim dessa história. Mas não. O cinegrafista do meu pai ainda não está satisfeito. Parece que Dean Allen liberou o bacana para filmar do nosso banco de reservas, uma decisão de última hora que provoca um ataque de raiva no técnico Jensen.

Não consigo me concentrar durante o aquecimento, sabendo que a câmera captura cada movimento meu. E que é por minha causa que o treinador está furioso. Patino com determinação, tentando afastar a tensão. O som do disco batendo no muro costuma ser reconfortante, me lembrando que estou em meu domínio, mas hoje me parece a trilha sonora de um desastre esperando para acontecer. Sempre que olho para o banco, vejo o maldito cinegrafista. Nem me preocupei em saber seu nome, demonstrando o quanto sua presença me ofende.

Enfim, começa o primeiro período e entramos em campo, a torcida em alta. Esta noite enfrentaremos Harvard, cujo elenco nesta temporada é fenomenal. Muitos dos alunos da terceira série, que no ano passado ainda não estavam em sua melhor forma, se tornaram superestrelas.

As primeiras linhas são uma confusão de corpos esbarrando, *bastões* batendo uns nos outros e o disco ricocheteando loucamente pelo campo. Tento ignorar a câmera, mas continuo a vê-la do canto do olho, como um mosquito persistente que não consigo enxotar.

— Larsen! Põe a cabeça no lugar! — Nick Lattimore esbraveja ao passarmos um pelo outro durante uma troca de linha.

Estou tentando, caramba. Eu jogo na primeira fila com nossos cocapitães, Case e Ryder, e nossos dois melhores defensores. É uma formação forte, mas, nesta noite, não estamos nos entendendo nem um pouco.

Estamos em desvantagem durante o período todo, com a equipa de Harvard a sentir a nossa falta de concentração e a aproveitar-se disso. São incansáveis,

emboscando a nossa baliza e bombardeando com remates o nosso guarda-redes, o Nelson. Ouço o treinador a gritar do banco, frustrado, enquanto tentamos acompanhar.

— Tirem o disco daí! — grita, enquanto tentamos libertar-nos da nossa área.

A meio do segundo período, consigo apanhar o disco. Normalmente, é nisto que sou bom. Velocidade, instinto, pura adrenalina. Mas, quando acelero pelo gelo, pronto para a minha jogada, a câmara aparece na minha visão periférica e hesito.

É apenas uma fração de segundo, mas é o suficiente.

O defesa percebe a minha hesitação e avança para me tirar o disco. Antes que dê por isso, estou a chocar contra o muro, o disco saindo disparado na direção oposta.

— Filho da puta! — rosno, batendo com o *stick* no gelo e apressando-me a voltar ao jogo.

É demasiado tarde. Estão dois para um e o Nelson não tem hipótese.

A luz vermelha pisca assim que o disco chega ao fundo da baliza e a multidão manifesta a sua insatisfação.

— Mete a cabeça no jogo! — berra o treinador do banco, enquanto patino na sua direção. — A culpa é tua, Larsen! Tua!

Eu sei que é, e custa-me. Deixo-me cair no banco, tirando o capacete e passando a mão pelo cabelo encharcado de suor. O meu peito está a arfar, mas não só de cansaço. Estou furioso. Com o operador de câmara, com o meu pai, comigo.

O jogo continua, mas parece que estou vendo através de uma névoa. Ouço os patins sulcando o gelo, os gritos dos meus companheiros de equipe, o eco do disco ao bater contra a parede, mas não consigo prestar atenção. Eu só penso em como eu gostaria que meu pai estivesse aqui para que eu pudesse socar a cara dele na frente da merda de suas câmeras.

O treinador está passado, andando de um lado para o outro ao lado do banco de reservas, vociferando ordens. A equipe está fora de sincronia, fazendo passes muito longos, os jogadores se chocando quando tentam fazer uma jogada. E o cinegrafista continua lá, capturando cada segundo doloroso.

Outra inicialização, outra perda de disco. O disco volta para nossa área e corremos para tentar pegá-lo. Vejo o disco se libertar. Foda-se, *sim* . Tenho uma chance de tirá-lo de lá. Me lanço em sua direção, mas, antes de conseguir tocá-lo com o *stick* , o central de Harvard aparece e marca gol.

O apito soa e o placar mostra que estamos perdendo por dois gols e o tempo está passando. O segundo período está quase no fim.

Patino de volta para o banco de reservas, sentindo o jogo escapar por entre meus dedos. O cinegrafista passou de mosquito irritante a enxame de abelhas, ficando atrás de nós para fazer a porcaria de seus planos. Ele está distraindo todo mundo, incluindo Beckett, que se atrasa na substituição, porque o cara da câmera está bloqueando a porta quando Jensen pede a mudança de linha.

— *Chega!* — O treinador parece, literalmente, prestes a ter um aneurisma. Seu rosto está vermelho como um tomate, sua voz é um rugido furioso. — Sai do meu banco!

O cara é sensato o suficiente para desistir, desaparecendo pelo túnel. Mas o

estrago está feito.

— Dunne! — grita o treinador para Beckett. — Se você estragar uma mudança de linha de novo, você fica no banco o resto do jogo.

Apesar de não ser sua culpa, Beckett também sabe que não deve argumentar, mas posso ver que meu amigo está *furioso* . O queixo em tensão, os olhos cinzentos ardendo de raiva.

O Jensen muda as linhas novamente. Beckett e Shane, que estão na mesma linha esta noite, irrompem pela porta ao lado do banco. Eu entendo pela linguagem corporal de Beck que ele quer sangue.

Agora mesmo, quando eu disse a Marjorie que não havia brigas no hóquei universitário, eu não estava mentindo, porém, cerca de vinte segundos depois de Beckett entrar em campo, a briga começa.

CAPÍTULO 15

CHARLOTTE

Completamente selvagem

— Só não entendo por que ficam entrando e saindo daquele jeito sem ninguém apitar — reclamo.

— Porque há mudanças de linha durante o jogo — explica a Blake. Não sei como, mas, apesar das mil e uma perguntas com as quais a bombardeei, ela está sendo muito paciente.

— Parece extremamente perigoso para mim. E, nos dois ou três segundos que levam para entrar, elas ficam, tipo, sem um ou dois homens! — Grito, acima do barulho da multidão.

— É isso que torna o hóquei tão empolgante — ele responde, também gritando.

Ela tem razão. É muito mais emocionante do que eu esperava. Nunca tinha assistido a um jogo de hóquei. Mas já assisti a jogos de futebol, onde, literalmente, depois de cada jogada você ouve o apito. Então todo mundo fica lá por quarenta e cinco minutos enquanto eles se recuperam.

Dito isso, *não* tenho ideia do que está acontecendo lá. Aceitei vir assistir ao jogo porque estou tentando ser uma boa mentora para Blake, mas, sentada aqui nas arquibancadas, cercada por fãs inveterados com camisas da Briar, sinto que entrei em um clube onde todos, exceto eu, conhecem o cumprimento secreto.

— Isso é o que você faz no seu tempo livre? — pergunto a Gigi Graham, uma colega sênior que é muito amiga de Blake.

— Hóquei é vida! — responde. Gigi está do outro lado de Blake e não tirou os olhos do jogo desde que nos sentamos.

Sua intensidade é um pouco desconcertante. Fogo, e sua aparência também. A mulher é linda. Ela tem grandes olhos cinzentos, traços perfeitos e o cabelo preto grosso penteado em uma trança de lado. Ele está vestindo uma camisa Briar com o nome RYDER.

— Olha — digo, enfiando um dedo nas costelas de Blake. — Você tem que pegar uma camisa de futebol dizendo Grant nas costas.

— Desculpa…? — Gigi vira a cabeça em nossa direção. Ela fica olhando para Blake e o que quer que tenha visto na expressão da caloura a faz ficar

boquiaberta. — Não! Você aceitou sair com ele?

— Sim. E não ouse contar a seus pais. Eles então vão contar aos meus.

Rio do tom sério de Blake.

— Suas mães gostam de bisbilhotar?

Gigi dá uma risada.

— Nossos pais. Eles têm um grupo chamado «Conversa de Pai».

— Ah! Meu pai entraria nesse grupo *numa boa* — digo, sorrindo.

— Quer saber qual é a pior parte? — diz Gigi.

— Tenho algum medo, mas sim.

— Uma vez por mês, todo mundo tem que postar foto do Dia do Corpo de Paizão.

Credo. Começo a imaginar pneus e barrigas de cerveja quando Gigi me faz voltar à realidade, acrescentando:

— Eles gostam de discutir sobre quem tem mais abdômen.

— Ah, claro. Seu pai é jogador de hóquei — digo a Blake. — O seu também, Gigi?

Ela dá de ombros.

— Iá, jogou uma beca.

Blake dá uma risadinha, o que me diz que Gigi deve estar minimizando a coisa e, provavelmente, seu pai é o melhor jogador de todos os tempos.

— Pronto, voltando à decisão horrível que você tomou — diz a Gigi. — Você não pode sair com um jogador de futebol, Blakey. Ele vai acabar quebrando seu… — Ela interrompe o que estava dizendo, arregalando os olhos. — Isso é falta! — grita, pondo-se em pé de um salto.

Há outros fãs também gritando falta. Mas não se ouve nenhum apito. Os jogadores continuam patinando e batendo uns contra os outros. É difícil entender os nomes nas camisas. Só consigo ter um vislumbre quando eles estão nas posições iniciais, agachados, mas sempre parece ser Ryder quem tem o disco.

— Não me façam ir aí! — grita Gigi para o árbitro.

— O-oh — ele diz a Blake. — Modo esposa ativado.

— Espera, o quê? — Eu notei que Gigi estava usando um anel, mas não me ocorreu que poderia ser uma *aliança* .

Embora *esteja* no dedo anelar…

Minha cabra interior imediatamente se põe a zombar de mim. *Você é realmente inteligente, Charlie. Há uma razão para você andar em STEM.*

Em minha defesa, não conheço muitos alunos que estão no último ano da faculdade e são casados. Tenho certeza de que devem existir, mas ninguém no meu grupo de amigos é casado nessa idade.

— Meu marido está lá — explica a Gigi, voltando a se sentar no banco após seu ataque de fúria. — É o número 62. Ryder.

— Então você é a sra. Ryder? — debocho.

— Sra. Graham-Ryder, por favor. Prometi ao meu pai que manteria o nome Graham, a menos que Wyatt se case e tenha filhos para quem passar o nome.

Blake tem um ataque de riso.

— Porque isso vai acontecer.

— Bem, ainda pode acontecer. — Gigi sorri. — Meu irmão gêmeo não é do tipo que se acomoda. Então, se eu ficar eternamente solteiro, meus filhos terão

que ser Graham-Ryders.

Enquanto as duas continuam a conversar sobre Wyatt, sinto um formigamento percorrer minha espinha. Tenho a sensação de estar sendo observada.

Olho em volta, tentando identificar de onde virá a energia de alguém que pode estar me observando intensamente, mas todos ao meu redor estão concentrados no jogo. A única exceção é um cara que está sozinho e cujo rosto não consigo ver, pois ele está absorto no celular. Só vejo seu cabelo preto e uma sobrancelha escura que, ou tem uma cicatriz branca passando por ela, ou é apenas o reflexo das luzes fortes.

Continuo sem conseguir me abstrair da estranha sensação, mas me obrigo a ignorá-la.

Os jogadores ficam frente a frente no campo. O disco toca o chão e o Sr. Graham-Ryder avança. Os jogadores patinam atrás dele com uma velocidade que me deixa tonto. Mal consigo acompanhar quem tem o disco, muito menos o que eles deveriam fazer com ele. Observo o pequeno disco preto deslizar sobre o gelo e os jogadores irem atrás dele como se suas vidas dependessem disso. A cada poucos segundos alguém é jogado contra o muro e a torcida aplaude ou reclama, de acordo com o time que jogou o jogador. Parece que o objetivo é se agredir o mais violentamente possível e, de vez em quando, lembrar de tentar fazer gol.

— Isso é muito mais agressivo do que eu esperava — digo, por cima dos aplausos. — Por que você é tão agressivo?

— Porque é hóquei! — Gigi ri, claramente deliciada com minha confusão. — É um jogo muito físico.

Físico é uma maneira de dizer. Eu me retraio ao notar um toque particularmente agressivo contra um jogador de Harvard.

Ergo uma sobrancelha.

— Pareceu desnecessário.

— Ná. Beckett está apenas mostrando quem manda. — O olhar de Gigi brilha de aprovação. — Considerando que você é uma pessoa tranquila, você consegue ser surpreendentemente intimidador.

Faço uma careta.

— Argh. O Beckett? Eu conheço ele. Está na minha cadeira eletiva do curso de Ciências Ambientais.

— Você não gosta dele? — Gigi parece divertida.

— Está sempre dando em cima das garotas e se acha mais charmoso do que é.

— Bem… não podemos dizer isso sobre a maioria dos homens?

— Você tem razão.

Ela desvia o olhar novamente.

— Merda. O treinador parece *furioso* .

Eu me inclino para a frente no assento, esticando o pescoço para ver melhor o banco de reservas de Briar.

— Ele também treina o time feminino?

— Não. Nosso treinador, pelo menos, sabe sorrir.

— Não culpo Jensen por perder a cabeça — diz a Blake, olhando também

para o campo. — Aquela câmera tem permissão para estar no banco?

— Ah! É verdade! — diz Gigi. — Will me contou sobre isso. O pai dele está em uma de suas cruzadas de RP e forçou Will a dar uma série de entrevistas, incluindo um comercial de televisão. Você deve ter que ver com isso.

— Pois, bem, Jensen está quase agredindo o cinegrafista — prevê a Blake.

Ela tem razão. O homem possesso de cabelo raspado não está com paciência. Daqui de cima, parece que o cinegrafista acabou de interferir na mudança de linha. Um dos jogadores demora a entrar em campo e temo que o treinador tenha um infarto.

Com a prancheta encostada no peito robusto, ele vai furioso até a ponta oposta do banco de reservas lotado, onde o cinegrafista está encostado no acrílico. Jensen bate a prancheta no peito do cara e grita na cara dele. Não consigo ouvir o que você diz, mas posso adivinhar.

No instante seguinte, o homem foge dali.

— Aquele passe era do Beck — reclama com Gigi, ao ver o disco ser pego pelo outro time próximo ao banco do time da casa.

O jogador adversário arranca sozinho, com os caras todos da Briar em seu encalço, numa confusão de preto e prata. Não adianta. Harvard marca gol. O rinque inteiro protesta com um gemido coletivo e uma série de vaias.

Enquanto o time adversário comemora, outro barulho surge no meio da multidão. Beckett está empurrando um dos jogadores de Harvard. O cara tropeça, mas não cai. Ele tira as luvas e agarra a camisa de Beckett. Ao ser puxado para frente, Beckett dá uma cotovelada no queixo do cara. Com força.

Me sobressalto ao ver punhos voando. Estão brigando. Tipo, sério. Eles se socam, com os capacetes todos tortos.

Eu deveria ficar horrorizada, e fico… mais ou menos. Mas, ao mesmo tempo, esse confronto é…

Escaldante.

Eles são tão agressivos. Brutos. Uma emoção curiosa percorre meu corpo ao ver Beckett desferir um golpe violento que faz o oponente cair de bunda, deixando a torcida no auge.

Não consigo desviar o olhar. Há algo em sua atitude, em sua força bruta, que me fascina.

Talvez eu não entenda todas as regras do hóquei, mas estou começando a entender por que as pessoas adoram. Há algo primitivo neste esporte, algo que você sente sob sua pele e faz você querer continuar assistindo, independentemente de sua violência.

— Pensei que não podiam andar à bulha — grito para a Blake.

— E não podem. — Sua expressão é de preocupação. — Ele vai causar tantos problemas por causa disso.

Efetivamente, quando os outros jogadores e os árbitros entram em campo e afastam os dois caras, um Beckett ofegante retorna ao banco de reservas para sofrer a ira do treinador.

O rosto de Beckett está completamente selvagem. Will se aproxima, com suas feições de menino bonito em tensão. A intensidade transpira dos dois em ondas. É estupidamente sexy.

Minha pulsação continua acelerada e me sinto mais do que envergonhada por

ter gostado tanto de ver dois marmanjos na porrada.

Will para Beckett antes de ele voltar para o banco e sussurra em seu ouvido. Seja o que for, parece aliviar alguma tensão nos ombros de Beckett.

— Olha só o encantador de cães — comento.

Gigi dá uma risadinha.

— Iá, Will sabe como acalmá-lo.

— Continuo sem perceber — confessa a Blake. — Eles não andam enrolados?

— Acho que não. Mas gostam de partilhar.

Viro a cabeça na sua direção.

Desculpa, o quê?

Ela deve confundir o meu choque com confusão, pois esboça um sorriso e explica:

— Eles gostam de… triângulos amorosos.

— Com quem? — pergunta a Blake.

— Não faço ideia. Nunca mencionaram nomes.

As minhas entranhas começam a contorcer-se em nós apertados e desconfortáveis. Volto a olhar para o gelo, onde o Beckett está a ser repreendido. O treinador gesticula para ele sair, de rosto corado e suado.

— Merda, foi expulso — diz a Gigi.

O Beckett caminha na direção de um corredor escuro sem olhar para trás. Meu olhar passa de suas costas se afastando para a fila de jogadores curvados no banco de reservas. Will está sentado ao lado de Ryder. Olho para as costas de sua camisa.

Diz Larsen.

Lars.

Como eu não percebi?

Talvez *não* haja nada para entender. Talvez seja apenas coincidência. Talvez…

Lars e B! grita meu cérebro. Larsen e Beckett.

Os nomes se encaixam. Os abdominais se encaixam.

Aqueles abdominais firmes e ondulantes…

Um gemido inquieto sobe à minha garganta. Será possível que eu saia conversando com dois jogadores de hóquei da Briar?

CAPÍTULO 16

CHARLOTTE

O coração do Método

É meia-noite e não consigo dormir. Nem um pouquinho. Nem um único pedacinho estúpido. Meus pensamentos se precipitam rápido demais, às voltas como um pião desde que saí da arena de hóquei, mais cedo.

Não consigo tirar da cabeça que posso andar fazendo *sexting* com um colega de laboratório e outro colega irritante que me chama de «delícia de açúcar » .

Assim que cheguei em casa esta noite, li nossas conversas novamente, procurando alguma pista de que Lars e B são Will Larsen e Beckett Dunne. Não cheguei a nenhuma conclusão quanto à sua identidade e fiquei extremamente excitada devido ao conteúdo das conversas.

Como, por exemplo, a fantasia que confessei a Lars algumas noites atrás, revelando que, embora já tivesse feito sexo dentro de um carro, nunca o fiz *em cima* de um carro.

Sinto meu rosto arder ao ler a troca de mensagens.

LARS:

É só isso, garota? Quer deitar sobre o capô de um carro, de pernas abertas, enquanto transamos com você por sua vez?

Aperto as coxas ao imaginar a cena indecente que ele sugeriu. Mas, agora, a fantasia assume outra forma. Em vez dos rostos vikings vagos e indistintos que imaginei, o cara que surge entre minhas coxas é meu colega de laboratório, Will.

Ele acaricia minhas coxas e me dou conta de que, se *for* realmente Will, já sei como são suas mãos. Seus dedos longos e hábeis. As unhas curtas e arredondadas. Ele passa as palmas das mãos familiares sobre minhas coxas com o pênis ereto para fora da calça, uma gota perolada na ponta.

Deixo escapar um gemido e lanço um olhar constrangido na porta do quarto. Eu odeio morar em uma casa onde as dez garotas do meu andar podem ouvir cada suspiro e gemido que sai do meu quarto. Eu preferiria morar nos dormitórios com uma colega de quarto. Ao menos, eu só teria que sentir vergonha de uma pessoa me ouvir me vir.

E é precisamente isso que vou fazer agora, pois a ideia de que estive

trocando mensagens sexy com os dois jogadores de hóquei que vi esta noite, um dos quais tentou enfiar o rosto de outro cara contra o gelo como um animal selvagem…

Sai outro gemido meu.

Oh, meu Deus, desde quando é que a ideia da violência me excita? Não devia excitar-me *tanto*. E não devia estar a alterar a minha fantasia, tornando-a mais intensa. O Will Larsen continua entre as minhas pernas, mas o Beckett Dunne está agora ao seu lado, apalpando-me as mamas, debruçando-se para me beijar, enquanto o seu amigo se prepara para me foder.

Mordo o lábio ao imaginar o sorriso provocador do Beckett. Os olhos brilhantes do Will.

Um arrepio quente percorre-me o corpo. Deixo as minhas pálpebras fecharem-se. Enfio a mão dentro dos calções do pijama, sob o elástico das cuecas.

Imagino as mãos do Will na minha cintura enquanto me penetra. Ouço a voz indolente do Beckett, baixa e dominante ao meu ouvido, dizendo-me o quanto me deseja. Como está ansioso pela sua vez.

O calor entre as minhas pernas intensifica-se à medida que fricciono círculos lentos e deliberados no meu clítoris. Quase consigo sentir o capô do carro, o frio do metal contra as costas enquanto o Will me penetra. Sinto o seu corpo contra o meu. Todo o seu comprimento preenchendo-me. Sinto o polegar do Beckett no meu mamilo, os seus lábios percorrendo-me a clavícula.

Engulo um suspiro, movendo as ancas contra a minha mão.

Não posso parar. Um rodopio de imagens pornográficas assalta-me o cérebro, mas é a ideia de estar com os dois ao mesmo tempo que me faz perder o controlo. O meu corpo fica tenso e sinto ondas de prazer abatendo-se sobre mim enquanto ouço o Beckett sussurrar o meu nome, e o Will gemendo que também está a vir-se. O orgasmo é extraordinário, provocando-me um formigueiro nas pontas dos dedos das mãos e dos pés, faíscas dançando sobre a minha pele e latejando-me no meio das pernas.

Oh.

Meu.

Deus.

Demoro alguns minutos a recuperar o fôlego. *Pronto*, penso, quando o meu batimento cardíaco finalmente abranda. Talvez a ideia de que os meus suecos sexy são o Will e o Beckett não seja completamente indesejável.

A questão é: será uma fantasia que deve permanecer virtual ou deverei agir sobre esta loucura e encontrar-me com eles para fazermos sexo a três?

Sinceramente, parece a premissa de um documentário de um caso arquivado sobre o homicídio grotesco de uma universitária.

Embora *haja* formas de garantir a minha segurança. Posso pedir fotos das caras para verificar que são eles. Pedir para o nosso primeiro encontro ser num local público e garantir que a Faith sabe onde estou.

A logística é viável. Tenho medo é das consequências.

Felizmente, tenho uma ferramenta que pode me ajudar a decidir.

Já totalmente desperta, apesar da hora tardia, pulo da cama para pegar o laptop. Então me enfio de volta debaixo das cobertas e abro um novo

documento.

AÇÃO: Encontrar-me com os suecos.

Os prós incluem tentar coisas novas, a faculdade destina-se a fazer experiências, e prazer infinito.

Por outro lado: pode não dar prazer nenhum.

Sério, uma enorme decepção pode estar reservada para mim, pois todos sabemos que as fantasias nunca estão à altura da realidade. Sexo a três parece ótimo em teoria, mas, quando colocamos em prática, de repente, ficamos cercados por um mar de perguntas constrangedoras. Tipo, o que fazer com todas as partes do corpo? E o que acontece enquanto um deles fode comigo? O outro fica ao nosso lado jogando videogame, esperando sua vez? *Por favor, senhorita, posso penetrá-la agora?*

Engulo uma risada. Sim… suspeito que a mecânica pode não ser tão fácil e tranquila quanto a fantasia sugere.

Mas é motivo para *não* fazê-lo?

Aperto *enter* e dou início à análise das consequências. O coração do Método.

Qual a *pior* coisa que pode acontecer se você fizer isso?

CONSEQUÊNCIA Nº 1: Eu pego uma IST.

É possível. Mas, desde que usemos proteção, está tudo bem, certo?

Abro um navegador da Internet para procurar estatísticas de confiança.

Dois sites me informam que os preservativos são 85–98% eficazes na prevenção da transmissão de DSTs. Outro diz que eles são 97% eficazes em usos corretos e 86% eficazes em usos típicos. Como perfeccionista exigente, me incluo no primeiro grupo. Usos corretos, meus amores.

Mas então, sejamos pragmáticos. Digamos que eles sejam 90% eficazes. Embora… essa estatística seja mais baixa para IST contra as quais os preservativos não asseguram proteção total. Nesses casos, o risco diminui cerca de 70%. Também corro um risco maior de contrair herpes oral se fizer um boquete sem camisinha. Mas, sejamos realistas, não vou usar camisinha para fazer boquetes. Então… vamos baixar para um risco de 30% no caso de um boquete sem camisinha.

Meus pais não têm ideia do monstro que criaram ao me dar acesso à Internet.

À pergunta «Consigo viver com isso?», respondo «SIM».

CONSEQUÊNCIA # 2: As pessoas descobrirão e me julgarão.

Essa me preocupa bastante e, quando termino de analisar todas as consequências, é a única que respondo «NÃO» em relação a conseguir viver com isso.

Porque, sim, eu considero essa consequência pior que clamídia. Não quero que as pessoas falem sobre mim e minha vida sexual. E se o boato se espalha por toda a faculdade, eventualmente chegando aos ouvidos de um recrutador? Ou de um professor de cuja recomendação preciso para o mestrado?

Me tranquiliza lembrar que, quando perguntavam com quem se enrolavam, Gigi *disse* que nunca identificavam ninguém.

Ainda assim, exigiria um alto grau de confiança nos dois. E de repente percebo que sentiria mais confiança se Lars e B *fossem* Will e Beckett. Porque eles não são completos estranhos. Essas são pessoas que você poderia responsabilizar se os rumores começassem a circular.

E, se tudo mais falhar, sempre posso mentir, mentir e negar.

Atribuo uma probabilidade média ao fato de que as pessoas podem descobrir. Talvez 50%. Posso viver com isso?

Talvez.

Não.

Sim.

Acho que… sim.

Meu coração bate desenfreado enquanto escrevo uma reposta ao convite pendente no aplicativo.

EU:

Não me encontro com vocês sem ver primeiro uma foto de seus rostos.

São quase duas da manhã, mas estou lidando com dois universitários que provavelmente ainda estão por aí se divertindo, então não me surpreende ver alguém escrevendo.

LARS & B:

É justo.

A espera é longa. Alguém volta a escrever.

LARS & B:

Aqui vai.

Quando a foto aparece na tela, meu coração sobe na garganta, inutilizando minha traqueia.

Confirmação recebida.

São eles.

CAPÍTULO 17

WILL

Não acredito em destino

Charlotte esqueceu como se faz ciência.

Não estou debochando. Essa mulher, que, nas últimas semanas tomou a iniciativa em todos os projetos, agora está me encarando como se não entendesse a diferença entre verde e vermelho.

Temos andado a acompanhar a proliferação celular da nossa experiência com a matriz de hidrogel. Estamos no terceiro dia e estou a usar um microscópio de fluorescência para examinar as células coloridas da amostra de hoje. As células vivas são de um verde brilhante, as mortas são vermelhas.

Porém, ao comunicar os resultados que a Charlotte, supostamente, devia estar a anotar no caderno, reparo que está claramente a escrever outra coisa.

— Pousa o lápis — ordeno.

— Hã?

— Nem sequer me estás a ouvir. Essa não é a distribuição celular correta.

Ela olha para o que acabou de escrever.

— Ah, tens razão. Parece que houve uma distribuição irregular. Talvez tenha havido uma coloração inconsistente?

— Ou *talvez* você esteja distraída e apontando os resultados errados. Você está escrevendo vermelho sempre que eu digo verde.

— Não estou nada.

Me aproximo e pego o lápis da mão dele.

— Você vai temporariamente para o banco de reservas. Agora me diga o que está acontecendo para que possamos conversar sobre isso e depois voltar ao trabalho.

— Não está acontecendo nada.

Uma voz feminina interrompe meu interrogatório.

— Will. Olá.

Viro-me na cadeira para cumprimentar minha antiga colega de laboratório.

— Oi, Lourdes.

— Só queria saber se você recebeu, hum, o que eu te mandei. — Ela olha para Charlotte, mas minha nova parceira não está prestando atenção.

A Charlotte está com o olho colado ao microscópio. Definitivamente, algo se passa com ela hoje.

— Estou a falar do capítulo. — A Lourdes está praticamente a sussurrar. — Não respondeste ao meu e-mail.

— Ainda estou a lê-lo — garanto. — Devo acabar hoje à noite.

Ela prende o cabelo curto atrás das orelhas e esboça um sorriso grato.

— Obrigada. Agradeço-te muito.

— Na boa.

A Lourdes volta para junto do George e eu espero até ela estar suficientemente longe para me virar e sorrir à Charlotte. O meu sorriso desvanece ao reparar na sua postura tensa. Está a evitar o meu olhar.

— Vamos, sério, o que te incomoda? — insisto. — Porque a Charlotte com quem trabalhei este mês teria ficado toda interessada nessa conversa com Lourdes, exigindo ler seu último capítulo de *fan fiction* . Tá com problemas nas outras aulas? Você discutiu com seus amigos?

— Todos os meus amigos me adoram.

Sai-me uma gargalhada.

— Está bem. Problemas familiares?

— Não. Vamos voltar ao trabalho.

— Não. Me diz o que se passa.

— Não sou obrigada a te contar o que está acontecendo.

Aproveito a deixa.

— Então *passa* alguma coisa.

Finalmente, ela me olha nos olhos. Fica me encarando por tanto tempo que me faz ficar inquieto. Mas não consigo desviar o olhar. Seus olhos são magnéticos. De um marrom escuro, como chocolate amargo derretido. E sua pele parece tão macia ao toque. Eu me pergunto se o cabelo será macio também. Quando estamos no laboratório, ele costuma usá-lo em um puxo, pegando-o com um gancho branco e ficando com longas mechas pretas emoldurando seu rosto. Olho para sua boca. Tem lábios lindos. Rosa-pálidos e carnudos.

— Você está olhando fixamente — acusa ela.

— Você que começou — sorrio. — Achei legal fazer também. — Quando ele começa a se virar para o microscópio, eu estendo a mão e toco seu braço. Minha voz sai rouca. — Olha. Eu fiz alguma coisa que te chateasse ou te aborrecesse? Porque eu até estava gostando dessa parceria, mas, se você quiser trocar de colega de laboratório…

— Não — exclama Charlotte, arregalando os olhos. — Não quero trocar. Não é isso.

— Então o que é?

Ela fica em silêncio novamente, olhando na direção da bancada da professora assistente. Monica está com a cabeça enfiada na pilha de provas que ela vem corrigindo a tarde toda.

Charlotte se inclina sobre a cadeira e enfia a mão no saco de pano azul escuro aos seus pés. Foi buscar o celular, agora tocando na tela com um dedo delicado. Finalmente, ele empurra seu telefone sobre a mesa e me pego olhando para uma foto minha e de Beckett, tirada em uma festa na piscina da casa de Shane neste verão.

— Não percebo. Sou amigo de Beckett? É esse o problema? — Contenho um resmungo. — Ele te disse alguma coisa? Ele é um pegador, mas juro que é inofensivo.

Ela toca a tela com uma unha elegante.

— Como é que eu arranjei esta foto, Will?

Franzo a testa. Que raio está ela…

Oh, merda.

A compreensão atinge-me como um relâmpago.

— Pois — diz a Charlotte, reparando na minha expressão.

Ela fecha a fotografia, deixando apenas a conversa de onde esta veio. É impossível não ver o nome do perfil no topo.

LARS & B

A Charlotte volta a fixar o meu olhar.

— Eu sou a Charlie — diz, com um ar tão miserável que quase desato a rir.

Mas o meu choque eclipsa o riso.

Deve ser uma piada. Charlie, o espírito livre sexy que tem a fantasia de pinar com dois caras sobre o capô de um carro, *é* Charlotte Kingston, a garota que senta ao meu lado no laboratório? A garota que usa saias plissadas e suéteres combinando, como as garotas das repúblicas, e cuja maquiagem nunca está borrada e nunca tem um fio de cabelo fora do lugar?

Estou pasmo, sem saber o que dizer. E, enquanto estou tentando fazer sentido em tudo isso, ela pega o celular e fecha a conversa.

Fecha… mas não apaga.

O que acho curioso.

— Will... — Ela morde o lábio. — Não conte isso a ninguém. Por favor.

— Contar o quê? Que você estava tentando fazer sexo a três?

— Eu não estava tentando… — Ela abaixa a voz ao perceber que chamamos a atenção de alguns colegas. — *Você* é que andava.

— Você estava interessada. — Balanço a cabeça, divertido. — Uau. Isso é incrível.

— Não é nada incrível — ele diz, com voz sibilante. — É humilhante.

— Ou… — Inclino a cabeça. — Será que era pra acontecer?

— Suposto acontecer?

— Sim, tipo o destino.

— Não acredito em destino.

— Sério? Quero dizer, por seis semanas, você e eu trabalhamos com outros colegas de laboratório e nunca trocamos uma palavra. Então, sem saber, combinamos *com* o aplicativo, poucos dias antes de nossos colegas escreverem uma carta para Romeu e Julieta pedindo para trabalharem juntos. E, agora, eu sou seu colega de laboratório e, afinal, foi com você que eu fiz *match* e você é a pessoa com quem Beckett e eu estamos obcecados.

Ela pisca.

— Obcecados?

— Sim. Porra. Estávamos desejosos de te conhecer.

Sua expressão é de desconfiança.

— Por quê?

— Porque você é incrível. — me aproximo para sussurrar em seu ouvido. — E boa como tudo.

Percebo que ela estremece.

— Você não tem ideia de quantas vezes batemos punhetas pensando em você.

Ela vira a cabeça, encontrando meu olhar.

— Tipo, juntos?

Rio-me.

— Não, separados. Não falamos com você ao mesmo tempo.

— Então, como funciona?

— Kingston, Larsen! — repreende Monica, de sua mesa. — Mais trabalho e menos conversa.

Voltamos a nos concentrar em nossos resultados, mas agora os papéis estão invertidos. Charlotte está registrando tudo cuidadosamente e eu não consigo me concentrar em porra nenhuma.

— Charlotte — murmuro. — Vá lá. Fala comigo.

Sua linguagem corporal transmite relutância pura quando ele volta a me encarar.

— Você ainda não me prometeu que não conta a ninguém que temos conversado.

— Não conto. Prometo. Mas… e aquele copo?

O convite que eu e o Beck lhe fizemos na aplicação paira entre nós. Uma promessa, como a fruta proibida no Jardim do Éden.

Quero que ela morda. Que dê uma grande dentada.

Porém, limita-se a abanar a cabeça.

— Não vamos beber copo nenhum. Nem sequer gosto do estúpido do teu amigo.

— O Beck não é estúpido. — Sorrio.

— Ele irrita-me.

— Não parecias nada irritada quando estavam a falar sobre ele te desembrulhar como um presente.

Seu rosto fica todo corado. Essa garota não consegue disfarçar um rubor nem para salvar sua vida. Quase me sinto mal por ela, embora não sinta, pois ela me ajuda a percebê-la. Ela está se esforçando muito para não demonstrar o quanto se sente tentada. O quanto você quer ver onde isso vai dar. Mas posso ver isso na maneira como ele morde o lábio inferior carnudo. Na maneira como a pulsação bate em sua garganta.

Agora se afastou. Nos vinte minutos restantes de aula, ele se esforça muito para manter a situação profissional. Ele se concentra nas amostras das células. Registra os resultados. Nada de conversa fiada. E nenhum contato visual. Charlotte, Charlie, decidiu que o contato visual é muito perigoso.

Assim que a aula acaba, ela arruma as coisas tão rápido que mal tenho tempo de piscar. Apresso-me a pegá-la no corredor movimentado, onde a puxo para perto da parede para deixar um grupo de pessoas passar.

— Vamos, Charlie — digo baixinho. — Você quer isso. Tu *querias* encontrar-te connosco.

Ela é muito rápida em negá-lo.

— Não. Não queria. Era só conversa, tá?

— Você pediu fotos da nossa cara. Você disse que precisava disso antes de concordar em se encontrar conosco.

— Exato. — Ela me lança um olhar penetrante. — Eu nunca aceitei me encontrar com vocês. Só pedi as fotos porque estava curiosa. Eu não tinha intenção de continuar.

— Eu não acredito em você.

— Não me interessa no que você acredita.

— Por que você está tão contrariada? — A frustração aperta meu peito ao olhar para ela. — Você não se parece em nada com a garota do aplicativo. — Levanto o celular, acentuando minha afirmação. — Onde está essa garota?

— Não existe, Will. Estava representando.

— Você estava?

— *Estava* .

Sua veemência me faz pensar. Eu sei melhor do que ninguém o que é atuar. Ser duas pessoas. Esboço meu sorriso amarelo de filho de político para os eleitores do meu pai durante a campanha. Aos meus amigos mostro meu lado despreocupado e digo piadas sarcásticas. Mas muito poucas pessoas têm acesso à minha intimidade. Às vezes, Case, mas, hoje em dia, é principalmente Beckett. Ele vê a intensidade que gosto de manter escondida. Ouça os pensamentos e fantasias que nunca compartilhei com ninguém.

Eu me pergunto quais facetas de Charlotte Kingston serão reais e quais facetas serão fingidas. Ou é a aluna bem comportada que tem boas notas e roupas combinando, ou a aventureira sexy que me faz rir e me dá tesão. Mas não acho que seja as duas coisas.

— Você vai contar a Beckett? — ela pergunta, parecendo triste com a ideia.

Aceno que sim.

— Claro.

— Você tem mesmo que contar a ele?

— Desculpe, mas a conta também é dele. E eu não guardo segredos do meu colega de quarto.

— Seu colega de quarto.

— Colega de quarto. Companheiro de equipe. Melhor amigo. O que você quiser chamar de. Prometo que ele não vai contar nada a ninguém.

— Tem certeza? Porque eu sei bem como são os atletas e suas conversas de vestiário.

— *Alguns* atletas. Nós não. Ninguém tem nada a ver com o que fazemos. Não me entenda mal, às vezes as pessoas falam sobre nós. Mas eu prometo que eles não vão falar sobre você.

— Obrigada — diz a Charlotte, e volto a sentir-me frustrado ao perceber que a conversa não está de todo a correr como esperava.

— Não queres mesmo ver onde isto vai dar? — pergunto.

Depois de uma pausa, ela abana a cabeça, deixando-me profundamente desiludido.

— Não posso, Will. Eu… não sou essa pessoa.

A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES

CAPÍTULO 7

EU SOU INGLATERRA

A lua pairava baixa sobre a cidade de Londres, a sua luz esplendente lançando longas sombras oblíquas por todo o palácio. Esplendente e bela, apesar da letalidade da missão dessa noite. Atravessando o brilho esplendente que banhava o palácio, um homem conseguiu passar pelos guardas, os seus movimentos silenciosos como um leão perseguindo a sua presa.

Porém, não era um leão.

Era ainda mais perigoso.

Era Alexandre. O maior conquistador que o mundo já conheceu, com o exército mais temido à sua disposição. Esse exército aguardava às portas da cidade, pronto a conquistar às suas ordens, mas, esta noite, não era esta a batalha que lhe ocupava o pensamento.

Em seus grandes aposentos, a rainha Elizabeth estava na janela, sua silhueta visível contra o brilho tênue da lua. Ela usava um vestido majestoso de um profundo carmesim. A cor da rebeldia.

A cor da Inglaterra.

Seu cabelo dourado estava cuidadosamente preso, porém, tão desobediente quanto sua dona, uma mecha rebelde tocava seu rosto esplendente. Ao ouvir o leve rangido da porta atrás dela, ela semicerrou os olhos perspicazes e calculistas.

— Pensei que fosse mais subtil, Alexandre — disse, sem se virar. — A entrar no meu palácio às escondidas? Audacioso, mesmo sendo quem é.

Os lábios de Alexandre curvavam-se num sorriso enquanto se aproximava. Vestia a sua armadura de guerreiro, que reluzia com a promessa da conquista. Contudo, o seu olhar, o lendário olhar que testemunhara a vastidão do mundo conhecido, tornou-se meigo ao vê-la.

— A subtileza nunca foi o meu forte — disse ele, com uma voz grave e cheia. — Mas a conquista sim. E tenho trinta centímetros de aço a apoiar essa afirmação.

Isabel virou-se, o coração batendo-lhe contra as costelas ao cruzar o seu olhar. A sua presença era inebriante. Tanto perigo. Tanto encanto.

Porém, ela era uma rainha, a rainha de Inglaterra, e não se deixaria seduzir facilmente.

— Verá que Londres é muito menos submissa do que outras cidades que

conquistou — disse ela.

— Talvez — disse ele, aproximando-se —, mas não vim aqui para conquistar Londres. Não vim conquistar Inglaterra. Vim conquistá-la a si.

Ela susteve a respiração ao sentir a mão dele tocar-lhe no rosto. O toque era eletrizante. Apesar de todo o seu poder, todo o seu reputado controlo, ela sentia-se tremer perante o olhar de Alexandre.

— Eu sou Inglaterra — sussurrou, a voz traindo alguma vulnerabilidade.

— É Isabel — corrigiu Alexandre, com os olhos brilhando de intensidade. — Uma mulher, não apenas uma rainha. E até as rainhas têm coração.

Ele aproximou-se, tão perto que ela podia sentir o seu hálito sobre a pele.

— Renda-se — sussurrou, com os lábios pairando mesmo acima dos dela.

O coração de Isabel batia acelerado, uma tempestade de emoções crescendo dentro de si. Enfrentara incontáveis inimigos, defendera o reino com uma determinação inabalável, porém… este era outro tipo de batalha.

— Nunca — exalou, embora com hesitação na voz.

— Não me refiro à cidade. Jamais capitulará. — Ele passou um dedo pelo seu rosto. — Mas o seu coração… É outra história.

Antes que ela conseguisse responder, ele beijou-a, os seus lábios envolvendo os dela num abraço súbito e ardente. O mundo desapareceu.

Já não havia reino.

Nem cerco.

Nem guerra.

Apenas eles.

Isabel levou a mão ao peito dele como se fosse empurrá-lo, mas os dedos curvaram-se em torno da sua armadura. Sentia o seu poder, a força bruta e viril, e, pela primeira vez na vida, sentiu-se pequena. Não fraca, mas pequena na presença de algo maior do que ela. Sentia o corpo desabrochando como uma flor orvalhada, implorando-lhe o toque de um homem nas suas pétalas. Privara-se durante tanto tempo.

Quando se afastaram, a respiração de Isabel estava ofegante.

— Quer que lhe entregue o meu coração?

— Não — disse ele, baixinho. — Jamais a obrigaria a isso. Quero que mo dê voluntariamente.

Isabel sentia a responsabilidade de séculos de reinado, o legado da coroa pesando-lhe sobre os ombros.

Mas, nesse momento, Alexandre era tudo o que ela queria.

— Sou a Rainha Virgem — disse.

— É uma mulher — repetiu Alexandre. — E nenhuma rainha, independentemente de quão poderosa, devia estar sozinha. Peça-me que partilhe os seus aposentos esta noite, Isabel. Não me mande embora.

Ele voltou a beijá-la, desta vez mais lentamente. Era uma promessa. Um juramento não só de conquista, mas de devoção. Uma promessa para cuidar do jardim que há tanto negligenciava. Um jardineiro conquistador com o desejo em brasa e uma espada à cintura, o famoso punhal com que cortara gargantas e esventrara inimigos.

— Alexandre — sussurrou ela.

— Sim, Isabel. Diga-me o que quer.

— Eu…

CAPÍTULO 18

BECKETT

O crescendo é insuportável

Como não tenho aula na terça à tarde, vou para casa por volta do meio-dia e passo o dia no sofá sem fazer nada, de boxer, assistindo vídeos bobos no laptop e comendo *pretzels* . É um dos poucos *lanches* que Will tem em casa, pois segue rigorosamente nosso regime de nutrição, o que significa que não há nada saboroso nesta casa. A não ser que estejamos falando da minha pila.

Surpreende-me que permita os *pretzels* . Há pouco tempo eu estava lendo as informações nutricionais e o conteúdo de sódio de cada embalagem é completamente absurdo. Mas os *pretzels* são deliciosos, então não vou me denunciar para Will contando a ele sobre essa coisa de sódio. Se ele tem preguiça de ler o verso da embalagem, isso é problema dele.

Por volta do meio-dia, finalmente me arrasto para fora do sofá e tento ganhar motivação para me exercitar. É dia de cárdio. Eu deveria ir correr, mas o tempo me traiu. O inverno afirmou seu domínio sobre o outono. Tá um frio do caralho.

É nessas horas que eu gostaria de ainda morar na Austrália. Na verdade, é meio má onda meus pais terem me proporcionado dez anos de sol glorioso e nenhuma nevasca para depois se mudarem para Indianápolis, onde as nevascas reinam. É verdade que fui eu quem escolheu frequentar uma faculdade na Nova Inglaterra, então todas as tempestades que peguei desde então pesam na minha consciência e não na deles.

Falando em meus pais, meu pai me liga quando estou vestindo uma calça de moletom. Dane-se, vou enfrentar o vento gelado.

— Oi, garoto — diz. — Era só para saber de você. Saber como você está.

— Está tudo bem. Estou prestes a enfrentar o mau tempo e ir correr.

— Não tem treino hoje?

— Foi de manhã.

— Legal, legal.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Por quê? O que te faz pensar que alguma coisa está acontecendo?

Rio-me.

— Porque você disse "legal, legal". Você costuma falar coisas bobas quando

está chateado com alguma coisa e não sabe como falar do assunto.

— Recebi uma proposta de emprego — balbucia.

— Para mim? — franzo a testa.

— Não, para mim.

— Ah, eu não sabia que você estava pensando em deixar a Winchester Motors.

Meu pai trabalha em uma empresa australiana de design de automóveis desde os 20 e poucos anos, tendo avançado na hierarquia corporativa e alcançado um cargo importante. Então, quando a empresa decidiu abrir uma sede nos Estados Unidos, ele foi convidado para administrar a divisão inteira.

— Não estava. Fui contatado por um recrutador.

— Isso não é, tipo, ilegal? Eles podem simplesmente roubar você de outra empresa? Não seria uma espécie de violação das regras antitruste?

— Você sabe o que é um antimonopólio, Beck?

Suspiro.

— Não.

Sua gargalhada ecoa ao meu ouvido.

— Bem, não tem nada que ver com recrutadores. Em todo o caso, é um trabalho ótimo. E o dobro do meu salário atual. Não se trata apenas de funções corporativas, mas a oportunidade de trabalhar em estreita colaboração com o responsável de design. Até saber pormenores, nem me tinha dado conta do quanto sentia falta de estar envolvido nessa parte do trabalho. A única coisa que faço na Winchester hoje em dia é trabalho de escritório.

— Uau, parece brutal. O que é que te preocupa? Abandonar a Winchester?

— Não, não é isso.

— Então, qual é o problema?

— É em Sydney.

Perco o fôlego.

— Porra, a sério?

Não consigo conter o entusiasmo. Eu adoraria que meus pais voltassem para Sydney. Vou lá todo verão e eu fico na casa dos meus primos, mas, se meus pais morassem lá, eu poderia ir para casa sempre que quisesse, sem sentir que estou abusando da hospitalidade da tia Suzanne.

— São excelentes notícias — digo.

— Você acha? — Meu pai parece esperançoso.

— Fogo, claro que sim. Há anos você fala em voltar para casa.

— É, não é? Tá vendo? Foi o que eu *disse a ele* .

Tento não sorrir.

— A quem, à mãe?

— Sua mãe está muito infeliz com essa história.

— Por quê?

— Você não quer que eu aceite o emprego. Seria mudar nossa vida inteira pela segunda vez. Você não quer passar por tudo isso de novo.

— Mas você estaria voltando para *casa* .

— Ela disse que não considera mais aquela sua casa.

Não me surpreende. Minha mãe mora em Indianápolis há quase doze anos. Enraizou-se na comunidade, criou amizades verdadeiras, uma carreira estável.

Arrumou nossa casa toda.

No entanto, Indianápolis não é nossa casa. E é bastante irônico que quem viveu apenas dez anos em Sydney a considere mais sua casa do que a mulher que morou lá trinta anos antes de se mudar para outro país.

Mas meu pai é como eu. Todo ano, no Natal, eu e ele ficamos olhando a neve da janela com a mesma expressão. Uma expressão que diz: *poderíamos estar surfando neste momento* . Claro, snowboard é brutal, mas as festas sempre caem no meio da temporada de hóquei. O treinador *quebraria minha* perna se eu arriscasse quebrar essa mesma perna nas pistas de neve no meio da temporada.

— E então? Não vai aceitar? — Pego uma camiseta e a visto, voltando a levar o telefone ao ouvido. — Sem mais nem menos? Vai dizer que não porque a mãe diz que não?

— Não quero dizer que não. Quero muito esse trabalho. Mas o casamento tem dois sentidos.

— Casamento também envolve compromisso.

— Sua mãe já fez isso uma vez — relembra. — Você concordou em vir morar nos Estados Unidos quando não queria fazer isso.

— Sim, e agora você adora estar aqui. No momento ele diz que não quer voltar para Sydney, mas vai acabar adorando voltar para lá.

— Por que você está tão animado com isso, Beck?

— Gosto da ideia de irem morar lá. — Hesito um momento. — Se fizessem, talvez eu também voltasse.

— Você está falando sério? — Meu pai parece surpreso.

— Talvez. Não sei. Teria que pensar. Mas, decididamente, acho que *vocês* deveriam ir. Quer que eu fale com a mãe?

— Eu quero, mas ela vai achar que estamos conspirando contra ela, então, por enquanto, é melhor esperarmos.

— Quando você precisa dar uma resposta sobre o trabalho?

— Me disseram que tenho até dezembro para dizer alguma coisa. O trabalho só começa na primavera.

— Assim você tem tempo de convencê-la. Se precisar que eu intervenha no fim de semana de Ação de Graças, me avise.

Ele ri.

— Obrigado, garoto. Agora vai lá correr. Já te empatei tempo suficiente. Depois a gente conversa.

— Tchau.

Visto um suéter com capuz e enfio as chaves e o celular no bolso da frente. Eu odeio correr com as chaves, mas Will ainda não chegou das aulas. Coloco os fones de ouvido e, por uma hora, tento silenciar o som das chaves tilintando no bolso. Volto para casa suado e com frio, mas me sinto melhor depois de um banho quente e restos de pizza.

Me acomodo novamente no sofá e percebo que meu notebook está sem bateria, portanto, pego o do Will, que está na mesa lateral, pois estou com preguiça demais de ir procurar um carregador. Abro seu computador e vejo um documento não guardado na tela, chamado *A Virgem e a Espada* , de uma pessoa chamada Lourdes.

Que diabos ele está lendo?

A curiosidade leva a melhor, portanto, me encosto no sofá e começo a ler. E… caramba. Isso… é qualquer coisa. A autora usou a palavra «esplendente» três vezes no mesmo parágrafo. Acho que nunca usei essa palavra na vida.

Há uma nota na barra lateral. Clico e vejo um comentário de Will que diz: «Lourdes, ninguém usa a palavra esplendente. É muito irritante.»

Rio baixinho. Por algum motivo inexplicável, continuo lendo e me apego à história. Eu não tinha ideia de que Alexandre, o Grande, tinha um pau enorme. Fará parte do cânone histórico? Eu poderia ir pesquisar, mas é mais legal mandar uma mensagem para meu companheiro de equipe Nick, cuja namorada é estudante de história.

EU:
Oi, pergunte a Darce se Alexandre, o Grande, era conhecido por ter um pau grande.

NICK:
Não.

EU:
Vá lá?

NICK:
fds um segundo

Nick responde cerca de dez minutos depois. Enquanto isso, voltei ao capítulo 1 para ler a história do início. Foi assim que fiquei sabendo que a espada que está sempre sendo mencionada, às vezes é mesmo uma adaga e, em outras vezes, seu coiso ereto. Mas eles ainda não pinaram. O crescendo é insuportável.

NICK:
Ela diz não e por que você pergunta.

EU:
Estou lendo uma fanfic sobre Alexandre e a rainha Elizabeth.

NICK:
Por que você é assim, Dunne?

Sorrio para o celular e volto para a leitura. Um minuto depois, recebo outra mensagem.

NICK:
Darcy quer o link da fanfic.

Fico um pouco decepcionado ao perceber que não há mais depois do capítulo 7. Aparentemente, Will está revisando a história conforme ela está sendo escrita.

Mas, juro por Deus, se Lourdes incluir uma reviravolta em que Alexandre, o Grande, viaja no tempo, essa obra imediatamente passa a merecer cinco estrelas.

Quando ouço a porta da frente se abrindo, fecho o computador de Will e pego o controle remoto da televisão. Não terminei de passar a última hora lendo *fan fiction* esquisita. Nem pensar.

— Alô. — Ele olha para a sala. — Tenho novidades.

— Sim?

— Ah, sim.

Will passa pelo corredor em direção à cozinha. Da outra porta que separa os dois cômodos, vejo ele pegar uma garrafa de água da geladeira. Abre a tampa e encosta na ombreira.

Reviro os olhos para ele.

— Você vai compartilhar essas novidades ou me deixar na expectativa…

— Eu já sei quem é Charlie.

CAPÍTULO 19

CHARLOTTE

Esse atleta burro está te incomodando?

É quarta de manhã e eu tenho um dónute em miniatura na minha mesa. Pequeno e coberto de açúcar de confeiteiro. *Muito* açúcar de confeiteiro.

Ao ver o dônute, olho para o australiano loiro sentado duas fileiras à minha frente. Como se sentisse meu olhar, Beckett se vira e sorri.

— Bom dia, delícia de açúcar. Trouxe um docinho pra você.

Estremeço.

— Por favor, não diga a palavra *docinho* .

— Por que não?

— Porque é sinistro vindo da sua boca.

— Ná. Você gosta do que vem da minha boca.

Ele pisca para mim.

Dou-lhe um olhar furioso.

Ontem, Will me avisou que ia contar a Beckett que eu sou a *partida* deles, mas esperava que o garoto do gelo tivesse a gentileza de não mencionar o assunto.

Com movimentos rígidos e confusos, afundo no meu lugar e saco da bolsa do laptop, desejando ter escolhido uma cadeira que não tivesse aula todos os dias e fazendo o possível para ignorar o 'docinho' na minha mesa. Está em cima de uma daquelas bases de papel brancas rendadas.

Parece delicioso.

— Você sabia que eles não vendem mais delícias de açúcar no grêmio estudantil? — diz o Beckett de sua fila. — Perguntei por que para a moça que me atendeu e ela disse que as pessoas reclamavam da porcaria que faziam comendo.

Ignoro-o. Olho novamente para o dônute e ouço o ronco do meu estômago traidor. É impossível para Beckett ter ouvido, mas seu sorriso cresce.

— Vem lá, come — provoca. — Você sabe que quer.

Uma batalha interna começa: um lado implorando que eu não desperdice um bom dônute, o outro insistindo que não posso dar essa satisfação a Beckett Dunne.

A fome vence.

Pego o dônute e enfio tudo na boca. Não me importa se pareço uma criança com açúcar no rosto todo.

Beckett dá uma risada admirada.

— Uau. Achei que você fosse dar uma mordida, não devorá-lo, como um cavalo comendo uma maçã inteira.

— Charlotte?

Viro a cabeça na direção do corredor, onde Agatha acabou de parar de repente. Minha presidente olha para mim, incrédula.

— Isso não é um comportamento digno da Delta Pi. Uma senhora come sua comida, Charlotte. Não é a comida que a come.

Ouço uma risadinha vinda da cadeira de Beckett.

Agatha se vira para ele com um olhar furioso.

— Desculpe — murmuro, minha boca cheia de dônute. — Tenho azar com bolos. Deixa eu ver se tenho guardanapo.

— Por favor.

Bufando de impaciência, Agatha continua descendo até a primeira fila enquanto procuro um lenço dentro da bolsa. Assim que ele se acomoda em seu lugar, ele se vira para ver se estou limpando a boca.

Enfio o lenço na bolsa novamente e vejo a sombra de Beckett se aproximar de mim.

— Acabamos de nos teletransportar para uma escola de etiqueta ou o quê? — pergunta, divertido.

Olho para ele com um olhar perplexo.

— *Uma senhora come sua comida, Charlotte.* Porque você deixa ela ralhar com você desse jeito? — O Beckett balança a cabeça na direção das costas da Agatha.

— Eu sou uma Delta Pi — respondo, com a voz nervosa. — E ela gosta de lembrar o que não é para as Delta Pi fazerem.

— Como fantasiar sobre ser papada por dois homens?

Perco o fôlego.

— Cala a boca.

— Por quê? — Seus olhos brilham. — Você parecia gostar quando estávamos conversando no aplicativo.

— O aplicativo não é a vida real.

O Beckett assume um olhar pensativo.

— Tem uma cena que as pessoas fazem… e que eu não gosto nada.

— O que você está dizendo aí?

Ele continua falando como se eu não tivesse dito nada.

— Eles acham que a Internet não é real. Que só porque elas estão escondidas atrás de uma tela escrevendo umas merdas que nunca falariam na cara de alguém, significa que não é real. A questão é que não é a tela que está escrevendo essas palavras. *É você* . — Ele se inclina sobre minha mesa, aproximando tanto o rosto do meu que sinto um arrepio na espinha. — Você quer tudo o que descreveu naquelas conversas, Charlotte. Você *quer* colocar minha pila na boca enquanto Will te penetra.

Suas palavras em voz baixa e provocadora suscitam uma reação física

intensa. Uma descarga elétrica diretamente no meio das minhas pernas. Uma onda de calor pelo meu corpo todo. O tipo de excitação que tira o fôlego.

O Beckett se endireita com uma risada.

— Não faz mal você querer essas coisas.

— Não quero. — Engulo o desespero que sobe na garganta. — Como eu disse a Will, foi só uma coisa divertida de fazer online. Eu não tinha intenção de me encontrar com vocês na vida real.

— Claro. Uma Delta Pi nunca deve se rebaixar dessa maneira — debocha. — Uma Delta Pi deve sempre manter seu ar de pureza. — De repente, dá uma gargalhada. — Merda. Acabei de perceber uma coisa.

— Do quê? — murmuro.

— As iniciais da sua república são DP.

Faço um som estrangulado.

— Oh, meu Deus, Beckett. Para com isso.

Seus lábios se curvam em um sorriso.

— É a primeira vez que você diz meu nome.

— E então?

— Gosto.

O leve som de passos nos interrompe e uma voz indesejada se junta a nós.

— Char? Está tudo bem por aqui?

O Mitch.

O meu ex parece minúsculo ao lado do Beckett, o que é absurdo, pois um metro e setenta e sete não é baixo. O Mitch é mais alto do que a média. Porém, com mais de um metro e oitenta, ombros largos e peito musculado, o Beckett parece enorme em comparação.

— Está tudo ótimo — resmungo.

— Tens a certeza? — O olhar desconfiado do Mitch vai alternando entre os dois. — Este atleta burro está a incomodar-te?

— Então? — repreendo-o, pois foi mal-educado.

O Beckett parece não ficar incomodado com o insulto, rindo-se do meu ex.

— A Charlotte estava a explicar-me o conceito de migração relacionada com o clima. Por causa de eu ser burro e tal. Obrigado pelo esclarecimento, Charlotte.

Com um sorriso, ele volta para sua fila, me deixando sozinha com Mitch.

— Que diabos foi isso? — silvo. — Você foi tão mal-educado.

— O filho da puta estava ocupando seu espaço pessoal — diz Mitch, irredutível. — Você não pode deixar os homens babarem em você desse jeito.

— Por que não? — Lhe lanço um olhar condescendente e arrogante. — Talvez eu goste.

Vejo um brilho em seu olhar. Parece-me ouvi-lo murmurar baixinho a palavra "puta", mas ignoro a ferroada e o vejo dar meia-volta e se dirigir à sua fila.

Felizmente, o professor chega, encerrando outras conversas indesejadas.

No entanto, apesar do meu esforço para prestar atenção na aula, não consigo parar de olhar para Beckett, duas fileiras à minha frente. E talvez seja o pensamento mais estúpido que já tive, mas…

Eu gosto da maneira como você se senta.

É quente, na verdade. Ele tem um jeito de se apoiar para trás na cadeira, uma

confiança relaxada que acelera meu coração. Os ombros esticam o tecido da sua camiseta cinza perfeitamente. A maneira como seus músculos se movem sob a pele quando você se move na cadeira é quase hipnotizante.

Quando Beckett se vira levemente, me proporcionando um vislumbre do queixo bem definido e da barba loura por fazer, o que lhe dá um ar levemente perigoso, me pego suspirando.

Deixar de olhar para ele exige um esforço ainda maior, mas acabo conseguindo fazer isso.

*

LARS & B:
Venha tomar uma bebida conosco, Charlie.

EU:
Já disse que não estou interessada.

LARS & B:
E, no entanto, você ainda não excluiu a aplicação…

Fiquei o dia todo olhando essa troca de mensagens. Tenho quase certeza de que Beckett enviou o convite, já que ele chegou cerca de cinco minutos depois que a aula acabou.

Apetece-me gritar.

Porque ele está certo.

Se eu não estivesse interessado em nada disso, *eu excluiria* o aplicativo. Ou, pelo menos, faria *unmatch* a esses caras.

Então, por que eles continuam no meu celular? Por que continuo permitindo que me enviem mensagens?

Argh.

Porque estou curiosa. É por isso.

A ideia de estar com os dois é a verdadeira definição de tentação, mas agora que nosso *flerte* virtual está entrando no território da vida real, me sinto fora do meu elemento. Até meu alter ego, que adora correr riscos, fica apreensivo em relação a isso. E, se *Charlie* está apreensiva, bem, isso só prova a loucura que é isso.

Depois de sair da última aula do dia, mando uma breve mensagem para Dante. Ainda são apenas três e meia, então é possível que eu não esteja livre, mas envio mesmo assim.

EU:
Preciso espairecer e talvez pedir alguns conselhos. Tá livre?

DANTE:

Vai, princesa, passa aí. Isso aos dias de semana está morto.

Coloco minha bolsa no ombro e começo a andar, ouvindo o som das minhas botas na calçada. Fogo, amo esse *campus* . É um dos mais antigos do país e tudo aqui, cada caminho sinuoso, banco de ferro e biblioteca cavernosa, exala história. E riqueza. Quero dizer, a Briar foi claramente fundada por pessoas ricas, mas todas as universidades da Ivy League são assim. Aqui não há lugar para humildades.

Estou entrando no estacionamento quando sinto minha nuca se arrepiar, percebendo que alguém está vindo atrás de mim. Geralmente sou bastante consciente do que me rodeia, especialmente quando ando sozinha, mas Will e Beckett confundiram minhas ideias e fritaram meus instintos.

Olho de relance para o cara que agora está ao meu lado. Franzo a testa. Ou é minha imaginação ou é o mesmo cara que vi no jogo de hóquei algumas noites atrás. Ela tem a mesma falha na sobrancelha direita, como se tivesse uma cicatriz dividindo-a.

Ou talvez não. Talvez goste só de raspar um risco na sobrancelha. Talvez seja algo que as crianças fazem hoje em dia.

Ao me encaminhar para o carro, minha visão periférica o pega parando no meio do estacionamento. Posso *sentir* seu olhar em mim e minha expressão se ofusca.

Pegando as chaves entre os dedos, me viro para encará-lo. Ele é alguns anos mais velho que eu. Um cara asiático, com cabelo preto curto na lateral e longo em cima. Altura média, figura esguia. Parece completamente inofensivo, mas meu instinto diz *afaste-se* .

— Você precisa de alguma coisa? — pergunto.

— Não, desculpa. Só não lembrava onde estacionei. Mas já estou vendo. — Com um sorriso educado, ele passa por mim em direção a um *Toyota* vermelho.

A desconfiança provoca meu estômago. Esqueceu onde estacionou? Aquele carro vermelho se destaca neste parque como uma placa. Mas tudo bem. Não vou questionar por que você mentiu. Seja como for, você está entrando no carro. No instante seguinte, ele acelera para fora do parque.

Saio atrás dele, deixando o *campus* com o Autódromo Amato no GPS. Para a viagem, coloco um audiolivro de livro didático. Aperto o *play* e a narradora começa a explicar um dos processos envolvidos no desenvolvimento de circuitos eletrônicos para dispositivos médicos, o que está diretamente relacionado ao meu projeto final.

Mas estou ainda na metade da viagem quando chego ao meu limite. Sinto meu cérebro prestes a explodir. Você está sobrecarregado com tanta informação. As aulas, o projeto final, as milhares de notas do Método que escrevi desde que descobri que Will e Beckett são Lars e B.

Tento me distrair, antes que outra onda de pressão venha à tona, tocando aos berros minha *playlist* favorita da Mollie May. Quero saber se sou uma idiota por gostar dela. Há uma razão para ser a maior estrela *pop* do mundo e esgotar a capacidade de estádios. Suas canções ficam no ouvido.

Dante vem até mim na entrada principal do autódromo, que está

completamente vazio apesar de estar aberto para os *karts* .

— Você não estava gozando quando disse que isso estava morto — comento, seguindo-o até o interior.

— Eu continuo dizendo ao meu pai que é um desperdício de eletricidade manter isso aberto quando as crianças estão na escola. Mas o cota é teimoso.

Dante acena com a cabeça na direção do único funcionário na bilheteria interna e me conduz de volta para fora pela porta dos fundos. Vamos parar em uma estrutura que parece um hangar a cerca de cem metros da pista principal. Vejo que é uma garagem. Você pode ouvir os acordes distantes de música *country* saindo de uma grande coluna. No extremo oposto do enorme espaço está uma *Ferrari* preta com o capô aberto.

Dante pega uma chave de fenda de uma estante de metal e se aproxima do carro esporte.

— Se você não se importa, eu vou trabalhar enquanto conversamos.

— É você que faz a manutenção dos automóveis? Surpreende-me que eles deixem você fazer isso. Por causa do seguro.

— Ná, esse é meu.

— Desculpa? — exclamo. — Esse carro é *seu* ?

— Quer dizer, é um modelo antigo…

— É uma *Ferrari* , Dante! — Fico de queixo no chão.

— Sim, mas meu pai queria se livrar dele. Os clientes não querem dirigi-lo. E precisa de muito trabalho.

— Seu pai… *te deu* uma *Ferrari* .

— Ah, acredite, nunca mais vou receber salário. Basicamente, vou ficar trabalhando aqui de graça até o fim da vida, mas... — Ele dá de ombros. — Quer dizer…

— Vale muito a pena — concordo. — Você vai me emprestar. Você sabe disso, certo?

Meu amigo ri.

— Eu não vou deixar você dirigir esse carro. Nunca.

— Mas você me deixa conduzir os outros — protesto.

— Porque você é uma cliente e os clientes são cobertos pelo seguro para dirigir os carros do autódromo. Essa bomba agora é minha. Você não está no meu seguro.

— Então me adiciona! Eu pago.

Ele sorri.

— Você é aqui uma viciada em carros.

— Sou uma viciada em carros. E não me importo que se saiba.

Dante aponta para uma cadeira de jardim dobrável que está encostada na parede. — Puxa uma cadeira. Senta.

— Estou inquieta demais para sentar. — Ando de um lado para o outro pela garagem, gastando o chão com as botas. — Preciso de conselhos. Tenho conversado com alguns caras online…

— Boa. Eu estava esperando que fosse um problema com os homens. Fixe. Bora lá. — Ele enxuga as mãos em um pano e estende o braço até uma geleira ao seu lado. — O que você bebe?

— Qualquer coisa sem álcool.

— Você é uma seca. — Ele me joga uma bebida energética.

Excelente. Era só o que me faltava, beber um *Power Monster* , também conhecido como anfetaminas sob forma líquida. Já estou com a cabeça acelerada o suficiente. Mas eu abro a lata de qualquer maneira e tomo um grande gole.

— OK, esses caras com quem você está conversando… Eles são fofos?

— Fofo que dói — gemo. — E eles querem se encontrar comigo.

— Então, qual é o problema... — O Dante para de falar, respondendo a própria pergunta. — Já entendi. Você não gosta de sair com várias pessoas ao mesmo tempo. Lembro-me de você dizendo isso uma vez.

— Não, o problema não é esse. Eles não querem se encontrar separadamente. Não são dois tipos diferentes. É um, só que são dois.

— Não estou entendendo nada.

— É como se eles fossem um cara, porque é uma conta. Eles são uma conta.

— Para alguém que é pra ser muito inteligente, você não está sabendo se explicar. — Ele cai na gargalhada. — Que diabos você está tentando dizer?

— Estou dizendo que os dois dividem uma conta, da mesma forma que gostam de compartilhar mulheres.

Um silêncio sepulcral cai sobre a garagem.

Dante fica me olhando, boquiaberto. Depois esboça um sorriso deliciado.

— Você estava procurando um triângulo amoroso?

— Bem, não ativamente. Mas eu vi o perfil e… como eu te disse, eles são tão fofos que dói. Combinamos e estamos conversando há algumas semanas, mas agora *eles* querem se encontrar pessoalmente.

— Ótimo. Faz isso.

Sua falta de hesitação me faz pensar.

— Sério? Acha que eu deveria ir beber um copo com eles?

— Por que você passou esse tempo todo conversando com eles? Se você queria apenas alguma ação virtual, legal. Mas é muito tempo para manter uma conversa com alguém. Ou alguéns, no caso. — Ele examina meu rosto. — *Quer* ir beber com eles?

Mordo o lábio, desesperada.

— Nunca fiz nada desse tipo, Dante.

— Sempre há uma primeira vez.

— E se nos encontrarmos e eu não tiver vontade de me enrolar com eles?

— Sinto te informar, mas você terá que assumir o papel de virgem sacrificial e deixá-los pinar com você por sua vez.

— O quê?!

Ele se quebra de rir.

— Fogo, Charlie! Se você não quer se enrolar com eles, não se enrola com eles. Ninguém está forçando você a fazer sexo com dois caras. Onde eles querem se encontrar?

— Não sei. Só disseram para irmos beber.

— OK. — Dante pensa sobre isso e depois prossegue como se estivesse lendo o manual oficial dos triângulos amorosos. — Sugiro um sítio público. Diga a alguém onde você está; posso ser eu, se você quiser. Me manda os nomes e fotos deles. Não beba nada que te ofereçam, por precaução. Analise-os e depois decida se quer, enfim, pinar com dois caras.

Não consigo disfarçar o divertimento.

— Por que você está sendo tão descontraído em relação a isso?

— Porque eu não acho que seja nada de especial.

— Eu estava esperando que você fosse mais preconceituoso. A maioria das pessoas seria.

— Dane-se a maioria das pessoas. Que opiniões é que valorizas? Verdadeiramente? — Ele pisca. — A minha, obviamente, já que você percorreu todo esse caminho só para ter essa conversa. E de quem mais?

— Da minha melhor amiga na Delta Pi. A Faith.

— Ela seria pessoa para te julgar?

— Nunca.

— Então, que importa? As pessoas que interessam não irão julgar-te, por isso, deixa de ser tão crítica contigo mesma.

A minha família irá julgar-me, e eles interessam.

Engulo as palavras, assim como o nó de vergonha que se instala na minha garganta. A ideia de os meus pais poderem descobrir as minhas estranhas fantasias…

Mas porque haveriam de descobrir?, argumenta outra parte de mim.

É verdade. Nunca falei com os meus pais ou irmãos sobre a minha vida sexual. Portanto, a não ser que alguém, entre a minúscula minoria de pessoas que sabem, decida contar à minha família, é improvável alguma vez virem a saber.

— Sabes que mais? Vou fazê-lo — declaro.

Sinto-me tão convicta que sou percorrida por uma descarga de adrenalina. Bebo o resto do *Power Monster*, esmago a lata e atiro-a para o lixo, fazendo o Dante erguer as sobrancelhas.

— Bebeste isso demasiado depressa — avisa.

— Pois. Por isso, agora vamos andar de *karts*.

Ele sorri.

— Bora.

CAPÍTULO 20

WILL

Basta pedires

CHARLIE:
Uma bebida. Hoje à noite.

Ele então envia outra mensagem com o local e a hora, me fazendo sorrir. É quinta-feira e estou deitado em um banco no saguão do prédio de Ciências Ambientais, esperando Beckett para voltarmos para casa juntos. Como a aula dele acaba apenas quarenta minutos depois da minha, não custa nada esperar. Evidentemente, ele não está prestando atenção na dita aula, já que o nome dele aparece no meu celular.

BECK:
Charlie se alinha.

EU:
Acabei de ver.

BECK:
Quer dizer que vamos para Boston hoje à noite…?

Ele deixa a pergunta no ar. Parece-me um pouco ridículo fazer uma viagem de mais de uma hora até a cidade e depois mais trinta minutos até os subúrbios. Charlie escolheu o bar mais humanamente possível fora do caminho. Mas, se você está disposto a ir até lá só para ver como somos, suponho que também possamos fazer isso.

Quando chegamos em casa uma hora depois, tiro os sapatos e vou até a cozinha. Só temos que sair em algumas horas, então, tenho tempo de sobra para cozinhar o jantar.

— O que você vai fazer? — pergunta o Beckett do corredor.

— Eu estava pensando em fazer uns vegetais salteados. Talvez uma salada de quinoa?

— Acho que vou comer um *cheeseburger* no bar.

— Força. Então você explica a Jensen por que está lento no gelo amanhã.

Eu juro, se Beck fosse responsável por nossas refeições, ele jogaria fora os planos alimentares do nutricionista de nossa equipe e comeria hambúrgueres no café da manhã, batatas fritas no almoço e pizza e asas de frango todas as noites.

Sinto a antecipação crescendo na minha barriga a cada minuto que passa. Tomo um banho depois do jantar e faço a barba, que começava a despontar. Visto uma camisa polo listrada e uma calça jeans escura, me juntando a Beckett no andar de baixo e vendo que ele também está vestido casualmente. Sua camisa tem os dois primeiros botões desabotoados. As calças jeans estão tão gastas que parecem praticamente desmoronar. No entanto, eles ficam bem em você.

O Beckett passa a mão no cabelo bagunçado.

— Você quer que eu dirija?

— Ná, eu posso dirigir.

Passamos a viagem até o bar em Boston ouvindo o jogo dos Bruins no rádio. Só quando estamos nos aproximando dos subúrbios é que me viro para o banco do passageiro com um aviso.

— Não a pressione demais.

O Beckett ergue o olhar da tela.

— A quem? À Charlie?

— Sim. Ela é nervosa. Acho que isso a envergonha.

— Eu sei que sim. — Ele dá de ombros. — Mas eu vou me comportar como sempre faço. Ela aceita se quiser.

Suponho que faça algum sentido. Se ela acabar na nossa cama, terá que se acostumar com a dinâmica, seja como for. Beckett é um pegador incansável. É impossível reprimir tanto carisma. A maioria das mulheres não quer que você faça isso. Mas Charlotte Kingston não é a maioria das mulheres. Tenho a sensação de que você sente vergonha por desejar dois homens.

É um sentimento que entendo bem. Durante todo o verão senti uma profunda vergonha por… desejar os sabores extras do sexo, como diria Diana. Demorei, mas acabei chegando à conclusão de que ninguém tem nada a ver com o que faço na intimidade. Se todas as partes consentem e estão se divertindo, estamos machucando alguém? Claro, algumas pessoas poderão julgar. Achar que somos depravados. Mas há uma razão para «sexo a três» ser uma categoria popular em sites de pornografia. É uma fantasia comum entre as pessoas.

Simplesmente, acontece que eu tornei a fantasia uma realidade.

Charlotte escolheu um bar em uma pequena área comercial para o encontro desta noite. O estacionamento está lotado para uma quinta-feira à noite, provavelmente por causa do jogo. Não sei se será uma coisa boa ou ruim. Suponho que dependa da atenção que você deseja atrair.

Já que tenho seu número por causa das aulas, mando mensagem dizendo que já chegamos. Lá dentro, nos deparamos com o típico bar de esportes, uma fileira de telas de televisão exibindo vários jogos e paredes decoradas com camisas emolduradas e objetos autografados.

Há mesas e reservados e, enquanto procuro Charlotte, recebo sua resposta.

CHARLOTTE:
Mesa junto à janela. Cheguei há cinco minutos.

Viro minha cabeça para a esquerda e vejo seu cabelo preto e uma coisa branca. A camisola dela. Fogo, essa garota realmente gosta de se vestir de branco. E claro que chegou mais cedo. Parece ser pontual. Ou, pelo menos, *esta* sua versão. A Charlie do aplicativo provavelmente nos faria esperar uma hora antes de aparecer de botas de salto alto e dizer *desculpe o atraso, rapazes* , saboreando a ideia de nos manter ansiosos esperando por você.

Quando nos aproximamos, ela ergue o olhar cintilando de apreensão. Sua roupa é a marca registrada de Charlotte: um cardigã branco curto com pequenos botões de pérola combinando com uma saia preta.

— Alô. — a cumprimento com um sorriso forçado.

Sento-me à sua direita no recanto, colocando as chaves e o celular em cima da mesa. Beckett se senta do outro lado, forçando-a a se aproximar de mim para lhe dar espaço.

— Oi — ele diz, tranquilamente.

— Oi. — Ela parece nervosa.

Não só a voz, mas a postura. Agarra um copo de água com força, riscando com as unhas a condensação que se forma por causa do gelo.

— Pedi água. Estava esperando eles chegarem para pedir outra coisa — explica, olhando nos meus olhos.

— Você está bem? — pergunto.

— Ótima.

Foi muito convincente.

— É só um copo, Charlotte — digo. — Sem expectativas.

Isso parece acalmá-la. Seus ombros relaxam, voltando a ficar tensos quando o garçom aparece. Ele é um tipo jovem, baixo e entroncado, com cachos loiros rebeldes.

Ele olha para Charlie.

— Todo mundo já chegou ou estão esperando mais alguém?

— Não, já estamos todos — diz ela. — Eles são meus… colegas de classe.

Não havia absolutamente nenhuma razão para nos descrever. Do canto do olho, vejo Beckett tentando conter o riso. Ele e eu pedimos cervejas. Charlotte me surpreende ao pedir um gin tônica.

Parece que alguém está precisando de coragem.

Depois de o empregado ir embora, a Charlotte passa claramente vários segundos sem saber para onde olhar. O seu olhar é como uma bola de pingue-pongue, passando de mim para o Beckett, depois para o seu copo e para a fotografia emoldurada do Bobby Orr na parede, recomeçando novamente o ciclo.

Finalmente, abre a boca para se lamentar.

— Isto é esquisito — balbucia. — Isto é esquisito e desconfortável, e acho melhor ir-me embora.

Mordo o lábio, quase incapaz de controlar o riso a tempo.

— Está bem. Ninguém te obriga a estar aqui.

Começo a levantar-me, mas detenho-me assim que ela diz:

— Não. Não vão.

Volto a sentar-me.

— Tens a certeza?

— Tenho, mas… nenhum de vocês acha isto esquisito?

— Você é que está deixando ele esquisito — diz Beckett, sorrindo. — Mas não precisa ser.

— Como não? Vim me encontrar com dois caras. Não sei como estar em um encontro com dois caras.

— É o mesmo que estar em um encontro com um cara. — Ele dá de ombros. — O que você estaria fazendo agora se estivesse em um encontro só com um cara?

— Provavelmente, fazendo perguntas. — Ela reclama de novo. — Perguntas normais. Mas as que quero fazer no momento não são nada normais.

Desta vez, não consigo conter o riso.

— Pergunte o que você quer perguntar — insisto. — Prometo que não vamos ficar escandalizados.

— Vocês realmente não se enrolam um com o outro? Eu sei que eles disseram isso no aplicativo, mas…

Calculei que o assunto surgisse. As meninas sempre perguntam isso. Ou, em certos casos, eles o encorajam ativamente.

Balanço a cabeça.

— Nós não nos enrolamos um com o outro.

— Por que ainda não aconteceu?

— Sinceramente? Provavelmente nunca vai acontecer. — Olho para Beck, depois para Charlotte de novo. — Nunca aconteceu de ficarmos sem fazer nada na sala, ou algo do tipo, eu olhar para ele e ter uma vontade irresistível de pinar com ele. Só fiquei com mulheres.

— E você? — Ela se vira para Beckett.

— Só mulheres — admite. — Já beijei dois bacanas, mas tinha garotas lá em ambas as vezes.

— Então, você é bi? — Você parece pensativa.

— Não sou muito de rótulos. Minha filosofia sempre foi fazer o que é bom e não fazer o que não é bom.

Isso a faz sorrir. Parece estar relaxando. Por isso, claro, o garçom escolhe esse momento para voltar com nossas bebidas. Diante da lembrança de que não estamos sozinhos e que alguém pode estar nos observando, ela quase arranca a bebida da mão do cara e toma um grande gole.

— E você? — Beckett espera o garçom ir embora antes de dar voz ao desafio.

— Eu o quê? — ela pergunta.

— Você já ficou com mulheres?

— Não, e eu não me consideraria bi. Nem pansexual. Acho que nunca me senti atraída por nenhuma garota fora do contexto de amizade.

— Mas isso te atrai, certo? — Ele aponta para nós três.

A resignação surge em seu olhar.

— Obviamente, já que estou aqui. Mas eu nunca fiz isso antes. — Charlotte toma um gole da bebida, pousando-a com uma risada. — Sempre soube que era

uma perfeccionista, mas isso é levar a coisa ao extremo. É meu primeiro encontro em oito meses e não escolho um, mas dois caras.

— Quando foi seu último relacionamento sério? — pergunto, curioso.

— Acabou essa primavera. Ficamos juntos por cerca de um ano e meio. E vocês?

Eu respondo primeiro.

— Eu saí com uma pessoa no segundo ano, mas éramos mais amigos coloridos — admito. — A última vez que chamei alguém de namorada talvez tenha sido no colégio.

— Também eu — diz Beckett. — Eu saí com uma garota durante todo o ensino médio.

— Os quatro anos? — ela exclama.

— Por que a surpresa? — Por um momento, ele parece se machucar, mas depois abre seu sorriso de que nada o afeta. — É porque eu sou fofo demais para estar em um relacionamento longo, não é? Alguém tão atraente precisa espalhar o amor.

Charlotte ri.

— Parece ser o que você está fazendo desde que chegou à Briar. Foi por isso que você e a Sra. Secundário acabaram? Para você aproveitar a vida na faculdade?

Não acho que ela perceba a maneira como ele fica tenso, mas eu percebo. Beckett odeia falar sobre Shannon. O máximo que pude saber sobre sua ex foi que ela partiu seu coração ao traí-lo.

— Ná, não foi por isso que terminamos. — Seu queixo tenso contradiz a leveza da resposta. — Mas foi um bom efeito colateral. Aproveitar a vida é bom. — Antes que ela insista para saber mais detalhes, ele vira a conversa em sua direção. — Por que você e seu ex terminaram? — Ele fala uma besteira. — Não, espera. Não me diga que você saiu com aquele otário da nossa turma.

— Que otário? — pergunto.

— Um machão retardado chamado Mitch. Era por isso que ele estava se comportando como um homem das cavernas possessivo quando nos viu conversando?

— Mitch é meu ex — ela confirma. — E, sim, é meio idiota. Pelo menos agora. Não era tão ruim quando namorávamos. Às vezes, ele podia ser carente, mas não era muito controlador ou possessivo. Nós só terminamos porque…

Ela para de falar. E não continua.

— Porque o quê? — insisto. — Vamos, você não pode nos deixar assim pendurados.

Charlotte toma outro gole do gin tônica.

— Nós, hum, tínhamos algumas incompatibilidades.

— Algumas?

— Bem, só uma. — Seu rosto cora. — Um desencontro de libidos.

Os olhos do Beckett brilham.

— Quem é que tinha a libido mais ativa?

Posso adivinhar.

Seu rosto ainda mais corado confirma isso.

— Eu obviamente. Eu… gosto de sexo.

Estaria mentindo se dissesse que não sinto a pila estremecer.

— Com que frequência você quer? — Beckett passa a língua pelo canto da boca. Como eu, você claramente se sente afetado pelo rumo da conversa.

— Hum. — Ela encolhe os ombros, envergonhada. — Pelo menos uma vez por dia.

— Pelo menos? — dizemos em uníssono, trocando um sorriso.

— Sim. — A Charlotte respira fundo, uma respiração pesada. — Mesmo que esteja com o período. — Quando nem eu nem o Beck pestanejamos sequer, ela estreita os grandes olhos pretos, fixando-nos. — Isto não vos mete nojo?

Ele encolhe os ombros.

— Foi para isso que inventaram o sexo no chuveiro.

Dou uma risadinha.

— Está calor aqui, não está? Vocês não estão com calor? — Os dedos tremem-lhe enquanto desabotoa o casaco. — Acho que o ar condicionado devia estar ligado.

Ela tira o casaco, revelando um top preto de alças finas. Pousa o casaco no banco ao seu lado e volta a pegar no copo.

Outra pessoa poderia pensar que você fez isso de propósito. Tentando nos provocar. Seduzir-nos. Mas os nervos de Charlotte são visíveis.

Mexo no rótulo da cerveja, passando o polegar pela condensação que se formou na garrafa. O mesmo mistério que me frustrou no laboratório se instala novamente.

Quem é a verdadeira Charlotte?

E, já que posso nunca mais ter a chance, decido arriscar e perguntar a ele.

Ela franze a testa.

— Como assim, a verdadeira Charlotte? — exclama, assim que faço a pergunta.

— Iá, também estou curioso — diz Beckett. — Porque, por um lado, temos Charlotte. — Ele muda de posição, se endireitando para parecer todo certinho. — A estudiosa estudante de STEM que não pode deixar a média cair abaixo de 18,9 e que usa esses casaquinhos de menina bem-comportada. — Ele pega o casaco que ela acabou de tirar. — Você vestiu cashmere branco para vir a um bar, delícia de açúcar. É meio intenso.

Ela franze a testa.

— Não me entenda mal — ele diz, assegurando-a. — Essa cena de betinha da república é muito excitante. Mas não é quem você é neste momento, é? Essa — ele passa levemente os dedos pelo seu braço nu — é Charlie. Charlie está com as mamas quase saindo do top. Ela escolheu não usar sutiã neste encontro…

— Tecnicamente, esse top é o sutiã — ela murmura. — Eu não tinha intenção de tirar o casaco.

— Ná — diz ele. — Charlie usa como top. Acho que você não se importa que os mamilos quase rasguem o tecido ou apenas Will passe o polegar sobre um deles para ficar mais duro que uma estalactite.

Ela morde o lábio diante da sugestão. Não posso negar que sinto meu pênis estremecer ao pensar nisso. Também não posso negar que notei as pequenas pontas firmes comprimidas pelo top.

— Charlie confessa todas as suas fantasias em um aplicativo — continua

Beck. — E Charlie dirigiu por uma hora e meia de sua residência só para se encontrar conosco. Você é como uma agente dupla. Curto essa cena.

Ele sorri enquanto toma um gole.

Analiso a expressão de Charlotte. Ela parece abalada por seus comentários, mas, ao mesmo tempo, nem um pouco chocada em ouvi-los.

— As pessoas têm camadas — diz, finalmente. — Facetas diferentes que mostram para pessoas diferentes. Vocês não têm camadas?

Penso nisso.

— Iá. Acho que sim.

— Então, como eles podem ser multifacetados e isso não ser estranho?

— Ninguém está dizendo que você é estranho. Estamos dizendo que gostamos.

— É sexy — diz o Beckett, sem rodeios. — Gosto da ideia de te ver nas aulas de casaco de cashmere e saia plissada, sabendo que você fantasia com ser penetrada por duas pilas ao mesmo tempo.

Ela está no meio de um gole quando ele diz isso e suas palavras provocam um ataque de tosse.

— Beck — aviso.

— Desculpe, amigo. É fácil demais provocá-la.

Charlotte tosse, liberando as vias aéreas com o resto da bebida.

— Então, você está só provocando? Não é algo que eles fazem ao mesmo tempo?

Agora é minha vez de tossir.

— Você está nos perguntando sobre dupla penetração?

— A essa altura do campeonato, tem algum assunto fora de cogitação? — Ela inclina a cabeça na minha direção, depois na dele. — Já fizeram?

— Já te dissemos que isso são assunto pessoais — repreende.

— Tudo bem, posso reformular. *Querem* fazê-lo?

Todo o meu sangue corre para o mesmo lugar. Pela maneira como os olhos de Beckett brilham de desejo, eu sei que você também gosta da ideia.

— Will? — ela insiste. — Você quer?

— Às vezes — responde, finalmente. — Outras vezes, pode não me apetecer. Talvez eu queira outra coisa. Não costumo planejar sexo.

— É, me parece ser uma exigência de Charlotte. Um programa sexual. — O Beckett termina a cerveja, curvando os lábios em volta do gargalo. — Não acho que Charlie queira saber disso. Ela gosta de ir na onda, não?

A mão dela treme ao mexer na lateral do copo. Incapaz de me conter, estendo a mão para acalmá-la, entrelaçando meus dedos nos seus. Ela morde o lábio.

— É só um copo — lembro, com uma voz suave.

— Eu sei. Não é… Não me preocupa mais estar aqui. Isso me preocupa mais…

— O quê?

Ela olha para nossos dedos entrelaçados. Mantém o olhar baixo ao dizer:

— Estou pensando em beijar vocês. Aos dois. — Ele dá uma risada contida. — Mas não ao mesmo tempo. Porque não parece bom para mim.

O Beckett ri.

— Pois. Acho que as únicas pessoas que gostam de beijos a três são os casais

oleados do *Fling or Forever*.

— Oh, meu Deus. Não me digas que vês isso.

— Não, mas o nosso amigo vê — digo, com uma gargalhada. — Está sempre a falar desse estúpido programa.

— Mas voltando aos beijos… — diz o Beckett.

O ar fica carregado de tensão, estalando como a eletricidade estática mesmo antes de uma tempestade. Acaricio a palma da sua mão com o polegar. Ouço-a suster a respiração quando o Beckett se aproxima dela.

Os lábios dele estremecem.

— Se queres um beijo, Charlie, basta pedires.

CAPÍTULO 21

CHARLOTTE

Me dê um beijo de boa noite, Charlie

Meu coração vai saltar do meu peito. De um lado, tenho Will descobrindo uma zona erógena que eu não sabia que existia, tocando minha palma em uma carícia provocante e sensual. Do outro, sinto o hálito quente de Beckett em meu pescoço, seus lábios fazendo cócegas em minha orelha enquanto ele se oferece para me beijar.

Não estava esperando que a noite seguisse esse caminho.

Eu realmente achei que seria o encontro mais constrangedor da minha vida.

Antecipei diálogos artificiais e pornográficos. *Oh, olá, jogadores de hóquei sexy. Quero vocês dois. Me possua, aqui e agora.*

Mas está sendo uma conversa humana normal. Bom, se considerarmos coisas *normais* a dupla penetração e querer saber se eles se enrolam um com o outro. Ainda assim. Pareceu-me fácil. Confortável.

Até cometer o erro de confessar que quero beijá-los.

Agora, minha pulsação está mais acelerada do que o *kart* que dirigi ontem e estou praticamente subindo pelas paredes graças às ondas de desejo. Tudo parece quente e apertado para mim.

As palavras sedutoras do Beckett pairam no ar.

Se você quer um beijo, Charlie, basta perguntar.

Antes que eu possa responder, vejo o garçom tentando chamar minha atenção para ver se precisamos de mais alguma coisa. Serve para me lembrar onde estamos e o que eu *não* deveria estar pensando em fazer, então balbucio:

— Não.

Os meninos se endireitam imediatamente. Will solta minha mão. Beckett se afasta de mim. É gratificante ver o quão rápido eles respeitam meus limites, mas eles entenderam mal minha reação.

— Eu, hum, queria dizer não aqui — gaguejo. — Não nesta mesa.

Ambos estão tentando não sorrir.

— Isso é um encontro, não é? — pergunto, alternando o olhar entre os dois.

Eles acenam que sim.

— Bem, eu não sou uma daquelas garotas que não beijam no primeiro

encontro. Pra mim é de boa. Mas… hum… talvez quando eles me levarem para o carro ou isso.

Meu coração se sobressalta com a ideia.

O que há de errado comigo?

Quero-os muito, mesmo. Fogo, até mesmo Beckett, que tem me chateado o semestre inteiro. Só me apetece saber a que seus lábios têm gosto. Como é sentir a língua de Will na minha boca.

Eles estão certos; *sou* duas pessoas. Mas, e é difícil colocar isso em palavras, não sinto que nenhuma das minhas facetas seja falsa. A garota puritana da república é apenas uma parte da minha personalidade que vem naturalmente quando estou na residência, sendo julgada e criticada por pessoas como Agatha. E meu lado perfeccionista vem quando estou com minha família, porque eu quero…

Pertencer.

Acho que esse é meu maior defeito. Meu calcanhar de Aquiles. Esse profundo desejo de encontrar meu lugar entre meus pares, minha família.

Essa parte da minha personalidade, Charlie, a garota sentada em um bar com um top sem sutiã, não pertence a Delta Pi. Não pertence completamente à sua família. Mas aqui, na presença do Will Larsen e do Beckett Dunne, nunca se sentiu tão confortável.

Quando o garçom volta, os meninos pedem outra rodada de cervejas. Eu já atingi meu limite de consumo de álcool, portanto, peço um refrigerante.

— Você está pensando de novo — acusa Will.

Olho em seus olhos sorridentes e suspiro.

— Estou sempre pensando. Meu monólogo interior nunca para.

— E o que está dizendo agora?

O calor invade meu rosto.

— Que eu gosto de vocês dois e acho que não estou a fim de escolher.

O Beckett dá de ombros.

— Essa é a melhor parte. Não tem que escolher.

— E se eu decidir que só quero um de vocês? — contesto.

— Hum. — Will inclina a cabeça, ponderando. — Você está dizendo que quer que disputemos sua atenção?

Um sorriso me aflora aos lábios.

— Se quisesse, como fariam, exatamente?

Beckett pega minha mão, traçando círculos lentos e deliberados com o polegar na palma da minha mão.

— Poderíamos ver quem faz você vir mais rápido?

Engasgo com uma risada.

— Essa possibilidade implica em estar com os dois do mesmo jeito.

— Ah, sim? — Ele pisca de forma inocente.

Rindo também, Will passa os dedos pelo meu queixo enquanto Beckett continua acariciando minha palma.

Minha pulsação acelera. A dupla sensação de suas mãos em minha pele desencadeia um frenesi de faíscas pelo meu corpo. O prazer de ser o centro da atenção deles é inebriante.

Não acho que *seria capaz* de escolher, mesmo que me pedissem. São ambos

tão diferentes. O Beckett com seu charme infinito. O Will com um sorriso relaxado, escondendo a intensidade que ferve sob a superfície.

— Sabe o que eu acho? — Will olha nos meus olhos. — Acho que você não quer que lutemos por você. Acho que você quer ver o que acontece quando funcionamos juntos.

Me imagino nua entre os dois e um gemido sincero me escapa.

Ambos sorriem.

O sorriso de Beckett é todo confiança indolente, me observando com um olhar que promete coisas muito safadas. O de Will é mais sutil, mais reservado, mas não menos intenso.

Uma agitação do outro lado do bar quebra a tensão, desviando a minha atenção. Uma rapariga negra e esbelta de saia esvoaçante e top branco sobe ao pequeno palco com uma guitarra acústica na mão. Vem acompanhada por um tipo que se senta atrás de uma bateria eletrónica. Ela não se apresenta, limita-se a ajustar a altura do microfone e começa a tocar uma canção *folk* lenta que, ultimamente, ouço em todo o lado.

— Adoro esta música — digo aos rapazes. Um sorriso aflora-me aos lábios quando volto a relaxar. — Como meus acompanhantes, um de vocês tem a responsabilidade de dançar comigo. Qual de vocês se oferece?

— Essa parte é com ele — diz o Beckett imediatamente, acenando com a cabeça na direção do Will.

Rio-me.

— Quer dizer, *eu poderia* te levar até lá — ele admite —, mas eu ficaria o tempo todo só me esfregando em você… — Ele se interrompe. — Pensando melhor, eu adoraria dançar com você.

— Senta, mas é. — Um Will sorridente já está se levantando da mesa e me estendendo a mão. — Deixa comigo, garota.

Após um instante de hesitação, pego sua mão.

É literalmente uma pista minúscula, nada além de um pequeno quadrado na frente do palco. Pelo menos, não estamos sozinhos. Tem outro casal dançando, o que me faz sentir menos insegura.

Ponho minhas mãos em volta do pescoço de Will. Ele pousa as suas na minha cintura e me puxa para si. Nossos corpos não estão encostados, mas não há muita distância entre nós. Sinto o calor que irradia dele. Passo os dedos pelos cabelos macios de sua nuca.

Ele examina meu rosto.

— Você está bem?

— Estou. — Esboço um sorriso forçado. — E *você* ? Você parece um bocado tenso.

— Estou me esforçando muito para não apalpar sua bunda neste momento.

Meu sorriso cresce.

— Sinto suas mãos pairando. Estão loucas para ir mais para baixo, não estão?

— Você nem imagina — geme.

Enquanto balançamos no ritmo da música, olho na direção da nossa mesa. Beckett estava mexendo no celular, mas deve sentir meu olhar, pois levanta a cabeça e pisca para mim.

— Você ainda o acha irritante? — Will pergunta, com um olhar cúmplice.

— Não. — Em tom relutante, admito: — Eu gosto dele.

— Eu te disse. Ele é legal. Tem piada.

— E eu gosto de *você* — digo baixinho.

Will acena com a cabeça.

— Eu também sou legal.

— Mas você não é engraçado? — debocho.

— Talvez seja mais sarcástico do que engraçado.

Eu já tinha percebido que Will é o mais sério dos dois. O que eu não esperava era que fosse tão… sexy. Esta noite, todo ele é *sex appeal* . Bem diferente da atitude de menino bonito que costuma ter no laboratório.

Quando a música chega ao fim, Will inclina a cabeça para poder sussurrar em meu ouvido.

— Você é tão linda, Charlotte. Você não faz ideia.

Como eu disse, *sex appeal* .

Seu elogio rouco me faz sentir toda arrebatada e melosa. O lado racional de Charlotte acha que, provavelmente, ele estará apenas me dando graxa para me levar para a cama, mas, quando ele se afasta e vejo o desejo ardente em seu olhar, sei que ele está sendo sincero.

Neste momento, você realmente me deseja.

Assim como Beckett, que me come com os olhos quando voltamos para a mesa. Ele lambe o lábio inferior e, subitamente, fico desejosa de prová-lo. Só um pouquinho. Não preciso devorar o jogador de hóquei inteiro, só quero uma dentadinha.

Olho para um e depois para o outro.

— Peçam a conta.

Will levanta o braço para chamar o garçom antes mesmo de eu fechar a boca. Então. Ele também parece ansioso para sair daqui.

Visto o cardigã e o abotoo, coloco a bolsa no ombro e sigo os meninos para fora do bar. Meu coração está descontrolado de novo, prestes a explodir, conforme nos aproximamos do estacionamento. Não trouxe casaco, pois só andaria do carro até a porta, e o ar fresco de novembro gela meu rosto e deixa meus mamilos eretos. Envolvo meus braços em volta de mim, tremendo, enquanto atravessamos o parque praticamente deserto até meu carro.

— Tá frio? — murmura o Beckett.

Aceno que sim.

— Vem cá. Eu te aqueço.

Imediatamente, ele se põe atrás de mim, me envolvendo com os braços fortes e musculosos. Me envolve a cintura, a mão pousada na parte da cima da minha coxa. A outra mão afasta meu cabelo do rosto, deixando-o cair pelas minhas costas.

Então ele encosta o rosto no meu e sussurra:

— Dá um beijo de boa noite ao Larsen.

Sinto todo o meu corpo pulsar, encostado ao corpo do Beckett. Sinto uma protuberância dura contra o meu rabo, o calor dos seus peitorais fortes contra as omoplatas.

O Will põe-se à minha frente. Com um metro e sessenta e cinco, sou mais

alta do que a média, mas, ainda assim, tenho de inclinar a cabeça para trás para olhar para ele. Estes rapazes são tão altos. Sinto-me uma miniatura, ensanduichada entre os dois.

O Will aproxima-se mais, baixando a mão até à minha anca. Sinto o calor da mão do Beckett do outro lado. Com a sua outra mão, o Will acaricia-me o rosto com uma confiança quase possessiva.

— Dá-me um beijo de boa noite, Charlie.

Percebo que você não fará isso sem minha permissão. Sem que eu tome a iniciativa. Eu gosto disso, mas também odeio ser colocado nessa posição, a de quem impulsiona o barco. Quero que a corrente tome conta e, simplesmente, me deixe levar. Embora eu entenda a necessidade de total transparência. Já sei que Will e Beckett querem me beijar. Devo mostrar a eles que o quero também.

Fico na ponta dos pés e encurto a distância entre nossos lábios. O movimento faz minha bunda se encostar mais contra a ereção crescente de Beckett e ouço seu gemido em meu ouvido ao mesmo tempo em que a boca de Will cobre a minha. Tem gosto de cerveja e o doce de menta que veio com a conta.

O seu beijo não é meigo, mas também não é bruto. É um beijo que diz que ele sabe exatamente o que quer e está habituado a consegui-lo. A paixão é quase avassaladora. Entrego-me a ele, a minha língua desejosa de provar a sua e, quando ele finalmente se afasta, estou sem fôlego.

Também ofegante, ele aperta-me a cintura com as duas mãos, virando-me devagar até eu ver os olhos cinza prateados do Beckett dançando à minha frente.

Ele passa o polegar sobre o meu lábio inferior.

— Dá-me um beijo de boa noite, Charlie.

Meu Deus.

Estou quase no nível máximo de excitação. Receio sentir um orgasmo espontâneo assim que os nossos lábios se tocarem. O meu clítoris está firme e a latejar. Os mamilos doem-me. Estou ofegante.

Falta-me o ar quando o Will me enfia as mãos no cabelo para me inclinar a cabeça para trás. Agarro no colarinho do Beckett e puxo-o para mim, mas, ao contrário do Will, o Beckett provoca-me, os seus lábios mal tocando nos meus. É exasperante e excitante ao mesmo tempo, fazendo-me desejá-lo ainda mais.

Após o que me parece uma eternidade de tensão provocadora, ele beija-me, movendo os lábios contra os meus num ritmo lento e tentador, como se saboreasse cada segundo. O beijo do Beckett é tão ávido como o do Will, igualmente hábil. Mas ele continua a provocar-me, privando-me da sua língua até ser eu a procurá-la na sua boca.

Quando as nossas línguas se tocam finalmente, liberto um gemido satisfeito e ouço a voz rouca do Will dizer:

— Foda-se. Que som tão bom.

Não quero que isto acabe nunca, e queixo-me quando o Beckett interrompe o beijo.

— Vá, vamos lá pôr-te em casa — diz ele.

Pestanejo. O meu coração continua descompassado.

— O quê?

— Abre o carro.

Faço-o, com a mão a tremer ao clicar na chave.

O Beckett abre-me a porta do lado do condutor.

— Faz boa viagem, sim? Manda uma mensagem quando chegares a casa para sabermos que chegaste bem.

— Só isso? — digo, confusa. — Não querem…

— O quê, queres foder no carro?

As minhas coxas contraem-se.

— Quer dizer, podíamos — diz ele —, mas é um desperdício da primeira vez, não achas?

— Ele tem razão. Uma rapidinha no carro não, Charlie. — O Will aproxima-se para me dar um beijo rápido na boca antes de me levar ao lugar do condutor.

Assim que coloco o carro para funcionar, ele e Beckett abrem caminho, mas não se afastam.

— Vocês vão só ficar aí e me ver ir embora? — pergunto.

— Claro — Will responde. — Não saímos desse estacionamento até você ir embora.

Ao me afastar, posso vê-los no espelho retrovisor.

Will, com seu sorriso de menino que estou começando a suspeitar ser uma fachada para o tipo de paixão que faria uma mulher corar.

Beckett, todo sexo e sorrisos maliciosos, é o tipo de homem que deixa um rastro de corações partidos sem olhar para trás.

Mesmo que me pedissem para escolher entre os dois, honestamente, não acho que conseguiria. E agora me arrependo de ter provado, pois foi a amostra mais deliciosa que já provei.

Como diabos você deveria resistir ao resto do banquete?

CAPÍTULO 22

WILL

Minha mulher mata vocês sem hesitar

Chego cheio de energia ao rinque para o treino de patinação da manhã. Nem me incomoda que passe pouco das oito. Trago Charlotte Kingston na cabeça. Não parei de pensar na garota desde que Beck e eu chegamos em casa do nosso encontro ontem à noite.

Fogo, a garota beija bem.

Quero beijá-la outra vez. Em todo o corpo.

Embora ele tivesse ido embora ontem à noite sem certeza sobre se quer continuar com isso. Ela queria um beijo de boa noite, sim, mas isso não significa que ela está interessada em sair conosco novamente. Em levar as coisas adiante. Eu adoraria encher seu telefone de mensagens pedindo para vê-la de novo, saber o que ela sente, dizer que a quero, mas não quero assustá-la.

E Beckett também não. Ele me convenceu a não enviar uma segunda mensagem depois de enviar Que bom que você chegou em casa bem, obrigado pela noite quando chegamos em casa.

Eu adoraria ver Charlotte novamente esta noite, mas vamos jogar o primeiro de uma série de dois jogos neste fim de semana. O técnico Jensen, que, nos treinos, costuma nos esperar no gelo, hoje está no vestiário quando todos começam a entrar. Ele está acompanhado por um homem alto de cabelos grisalhos e olhos azul-claros que tenho certeza de já ter visto, mas não sei onde. O recém-chegado veste um suéter com capuz cinza Briar U e tem um apito pendurado no pescoço.

O treinador espera o vestiário encher antes de bater palmas para chamar a atenção de todos.

— Silêncio — esbraveja e, em segundos, todos se calam. — Tenho uma comunicação a fazer. Este é o treinador Hollis. Ele fará parte da comissão técnica a partir de hoje. Você se juntará a nós o resto da temporada.

Todos esperam que ele continue. Mas não faz.

— Vejo você no campo — ele diz, bruscamente, e sai.

— Ele não mudou nada — diz o treinador Hollis, com um sorriso de orelha a orelha. Também ele bate palmas. — Pronto, serei rápido. Meu nome é Mike

Hollis. Você pode me chamar de treinador ou Hollis ou Mike; honestamente, não sou esquisito. Os nomes não significam nada.

Ao meu lado, Case dá uma risada baixa.

— Só uma coisa importa — continua o treinador/Hollis/Mike —, portanto, preciso que todos abram os ouvidos e me escutem com atenção, ok? Com vossos ouvidos.

Case e eu trocamos olhares. Continuo sem saber o que pensar desse bacana. Parece… excêntrico.

De súbito, lembro-me de onde o vi. Eu estava saindo do escritório de Jensen no dia em que vim falar com o treinador sobre as entrevistas intrusivas do meu pai.

Falando em entrevistas, tenho uma hoje depois do treino. A jornalista da *Capitol Magazine* finalmente conseguiu me pegar.

— Minhas filhas estão interditadas, ouviram? — Hollis percorre o vestiário com um olhar severo. — As gêmeas e Anika são muito novas para vocês, portanto, nem olhem para elas. Mas a RJ tem a sua idade; *sobretudo* , não olhem para ela. Não é discutível. Minha mulher mata vocês sem hesitar. Ela é uma mulher assustadora. Então, qual é a regra?

Ouve-se um murmúrio confuso. A regra? O que é que este homem está para aqui a dizer? Ninguém quer saber das filhas dele.

— Vamos todos repetir a regra — diz ele, gesticulando para falarmos. Quando continuam todos especados a olhar para ele, resmunga irritado. — Repitam comigo: as suas filhas estão interditas.

Após uma pausa, um coro de vozes ecoa no balneário.

— As suas filhas estão interditas.

— … interditas — termina o Patrick, que se atrasou no cântico.

— Vocês são bons rapazes — diz o Hollis, acenando firmemente com a cabeça. — Pronto, vão equipar-se.

As conversas voltam a encher o balneário e todos se viram para os seus cacifos para se equiparem. No cubículo ao lado do meu, o Ryder despe a camisola. Nesse preciso momento, o nosso novo treinador-adjunto aproxima-se.

— Olá! Luke! Lembras-te de mim do teu casamento, certo?

O Ryder fica com um rosto inexpressivo. Não o censuro. Havia cerca de quinhentas pessoas no casamento. Contra a sua vontade, claro. O pai da Gigi foi o responsável pela lista de convidados.

— As minhas calças rasgaram-se na pista de dança quando fiz a espargata? — recorda o treinador Hollis. — Mesmo no meio das pernas?

— Ah, iá! — exclama o Shane, da ponta oposta do banco. — Eu lembro-me disso! Foi uma espargata brutal, meu.

O Shane parece estar a ser sincero. Fogo, a Diana parece mesmo tê-lo transformado num dançarino. Estou simultaneamente impressionado e receoso.

O Hollis dá outro passo, invadindo oficialmente o espaço pessoal do Ryder.

A expressão do Ryder não muda, mas dá pra ver que ele está alerta, se perguntando o que esse homem empolgado demais quer dele.

— Escute — diz Hollis, com um tom sério o suficiente para me preocupar. — Preciso que você dê uma palavrinha para Garrett por mim.

— Sobre o quê? — pergunta Ryder, com a testa franzida.

— Quero acesso à Conversa de Pai.

— Ah. Desculpe, senhor, mas não tenho ideia do que você está falando.

— A Conversa de Pai! — balbucia Hollis. Não sei dizer se ele está indignado ou chateado. Talvez as duas coisas. — Só pode entrar com convite e aqueles filhos da puta não me deixam entrar. Fitzy entrou por causa de sua conexão com Di Laurentis. Connelly entrou porque, basicamente, ele está tentando disputar com Logan o lugar de melhor amigo de G, mas Logan não vai aceitá-lo de braço ao peito.

— De braços cruzados — corrijo.

O Hollis pestaneja, confuso.

— Hã?

— A expressão é «de braços cruzados».

— Por que raio haveria alguém de disputar seja o que for de braços cruzados?

Estou prestes a explicar, mas o Hollis faz outro som de impaciência e continua.

— Então eu disse, está bem, vou ser superior a isto. Não preciso de fazer parte da conversa. Eu e o Conor podemos começar a nossa própria conversa. Não somos íntimos, mas podemos vir a ser. Ninguém diz que não podemos.

— Quem é o Conor? — ouço alguém sussurrar.

Não faço ideia.

— E então descobri que Conor entrou na conversa no ano passado! Jake adicionou porque as mulheres são irmãs. — Hollis faz um som gutural. — Que culpa eu tenho de não ser parente de nenhum desses otários? O quê? Eu deveria ter caçado a irmã de Dean em vez de me casar com minha esposa? É isso? Eles querem que eu me divorcie da minha esposa?

— Vou embora — diz Shane e, descaradamente… vai embora.

Eu, Ryder e Beck ficamos para trás, presos nessa conversa, apesar do precedente que Shane acabou de abrir. Poderíamos nos apressar em colocar as proteções, mas ninguém o faz.

— Hum, posso mandar uma mensagem para você mais tarde, se você quiser — Ryder diz ao novo assistente técnico.

— Envia agora. Eu espero.

— Hum. Então. Tá bem, meu. Na boa. — Ryder olha para nós e pega o telefone.

*

Depois do treino, tomo banho, me visto e volto para Hastings. Escolhi o Della's para a entrevista porque não quero uma jornalista de DC que não conheço em minha casa.

A campainha sobre a porta toca quando entro. Paro, examinando o restaurante bem iluminado, até pousar o olhar na candidata mais provável de não ser daqui. A mulher sentada na mesa do fundo tem cara de quem vem da cidade. O cabelo brilhante e cuidadosamente penteado, a maquiagem impecável e uma blusa de seda branca que parece feita sob medida para sua figura fina.

Ela me vê na porta e levanta a mão em um aceno vigoroso.

Afrouxo meu casaco enquanto vou até sua mesa, acenando um cumprimento ao me aproximar.

— Senhorita Diaz?

— Pode me chamar de Tessa — diz ela. — É um prazer conhecê-lo finalmente, Will.

Não me parece uma indireta, mas decididamente que é uma lembrança de que passei semanas adiando esse encontro.

A última coisa que quero fazer é ser entrevistado, mas essa é minha sorte. Ser sacudido de um lado para o outro como uma marionete em um palco, com meu pai espiando enquanto puxa meus cordões.

Tessa Diaz parece uma mulher legal. Está mais próxima da minha idade do que eu esperava; não deve ter mais de 25 anos. Mas não deixa de ser uma agente política. Um elemento da mídia de DC.

Em outras palavras, não é confiável.

Sento no lugar à sua frente, passando a mão no cabelo para penteá-lo depois de pegar no vento de novembro. Quando a garçonete aparece, peço um café e faço conversa fiada com Tessa até que a xícara esteja cheia.

Tessa coloca o celular na mesa, virado para cima, aberto em um aplicativo de gravação.

— Importa-se que grave?

— Força.

— Ótimo. Obrigada. — Ela aperta o botão para gravar. — Então. Will. Conte-me sobre sua mãe.

Esboço um sorriso triste.

— Achei que a entrevista seria sobre hóquei. Porque essa pergunta me parece muito próxima de uma sessão de terapia com uma desconhecida.

Ela abre um sorriso, mostrando os dentes brancos perfeitos.

— Só se você tiver problemas profundos em relação à sua mãe.

— Não — digo, rindo. — Não tenho. Para ser sincero, não tenho muitas lembranças dela.

— Eu era pequeno quando ela morreu. Você tinha 5 anos?

— Tinha 4.

— Deve ter sido muito difícil.

— Mais uma vez, não me lembro de muita coisa. Depois que ela morreu, meu pai contratou algumas babás. Só lembro bem de uma, a Jodie. Era simpática. — Dou de ombros. — E, cerca de um ano mais tarde, ele conheceu a Kelsey. Eles se casaram um ano depois.

— Sim. Sua madrasta, Kelsey Lowen. Ele tem um currículo impressionante. Ela é muito respeitada na esfera jurídica. O que você pensa sobre ela?

— Falando sério, não é pra falarmos de hóquei?

— Vamos falar de tudo. Gosto de compor um perfil completo da pessoa sobre a qual estou escrevendo.

— Me lembre, por que você está escrevendo sobre mim?

— Bem, tecnicamente, estou escrevendo sobre seu pai.

Então, por que você está falando comigo?

Esboço um sorriso educado.

— Bem, eu não sei o que dizer. Se o objetivo é desvendar dramas familiares,

desenterrar segredos…

Tessa ri.

— Eu não sou esse tipo de jornalista, Will. Você não pesquisou meus trabalhos anteriores?

Pesquisei e *me pareceu* que a assinatura dela estava associada a muitos artigos elogiosos, mas isso não significa que posso confiar nela. Quem me garante que hoje você não decide escrever um artigo matador?

— Se importa se eu desligar isso? — Ela aponta para o gravador.

Fico desconfiado.

— Claro que não.

Tessa carrega no *stop* .

— Acha mesmo que fiz o curso de Jornalismo em Yale para depois ir escrever artigos elogiosos sobre a vida universitária do filho de um congressista? — Seu tom é divertido, em vez de hostil.

— Bem, é mais ou menos o que você está fazendo…

— Sim, chama-se isso de cumprir obrigações. Na revista há um departamento inteiro dedicado a esse tipo de besteira transacional.

— Transacionais em que sentido?

— No sentido de que escrevo uma linda história sobre como o filho do congressista Larsen é maravilhoso. Que jovem exemplar ele educou. E, mais tarde, ele nos dá uma informação qualquer. Ele nos diz que determinada votação não terá o resultado esperado. Revela que determinado membro da Câmara dos Deputados será preso por sonegação fiscal. Esse tipo de coisa. — Tessa dá de ombros. — Um dia, quando eu tiver escrito artigos suficientes como esse, poderei trabalhar em coisas mais sérias. Portanto, garanto-lhe, não se trata de uma armadilha elaborada. Estas perguntas são meras formalidades que irão ajudar-me a discorrer poeticamente sobre como perseverou depois de sua mãe morrer e que, em vez de viver o arquétipo da Cinderela com a madrasta malvada, o Will e a Kelsey, afinal, se dão bem.

— Nem seria mentira — digo, com uma risada. — Ela é legal. Vamos almoçar semana que vem.

— Fantástico. Agora, podemos continuar? — Ela pega o gravador.

Eu aceno que sim, sentindo algum alívio da pressão em meu peito. Eu sempre tenho que ser tão cuidadoso com o que digo nessas situações, mas Tessa parece estar sendo sincera. E saber que não vou cair em uma armadilha me faz falar mais abertamente do que eu faria habitualmente.

Conversamos mais sobre minha madrasta. Minhas aulas. Porque eu queria vir para Briar e como acabei escolhendo jogar hóquei aos 6 anos porque todos os outros esportes me entediavam.

— Então, você gosta de emoção — diz Tessa.

Ela não sabe da missa a metade.

Porém, infelizmente, minha vida sexual não é assunto para este artigo.

— Acho que sim — respondo, dando de ombros.

— E a violência? É mais um atrativo para você?

— Eu não chamaria isso de violência, exatamente. As regras de contato corpo a corpo no hóquei universitário são rígidas. Não é permitido andar na pera.

— Agressão, então. A fisicalidade do esporte. Gosta disso.

— Quer dizer… — Sorrio. — Nada faz meu coração bater e a adrenalina correr como o hóquei. É fantástico.

Os lábios de Tessa se curvam.

— Acho que é o primeiro sorriso genuíno que você mostrou hoje.

— É um esporte divertido.

— Mas não há tenciona tornar-se profissional?

— Sinceramente, acho que não é vida para mim. É muito exigente para o corpo. Muita pressão para estar sempre em forma. Estar sempre viajando e muito tempo longe de casa.

— Hum, e quem você tem em casa esperando por você? Alguma cara-metade?

— No momento, não. Mas, sim, eu odiaria ficar longe da minha garota por longos períodos de tempo. O hóquei profissional é um sacrifício. Há jogadores que perderam o nascimento dos filhos porque estavam longe de casa, jogando séries de cinco jogos. Tem caras no meu time… Colson, Ryder, Lindley, que querem jogar na liga profissional desde que calçaram o primeiro par de patins. Mas eu nunca cresci com esse sonho.

— Então, qual era o seu sonho quando criança?

— Não sei. Estava sempre mudando de ideia — admito. — Às vezes eu queria ser policial, às vezes bombeiro. Outras ainda eu pensava em ser médico, até perceber que é preciso lidar com muitos fluidos corporais.

Ela ri.

— E seguir os passos de seu pai?

Faço uma careta.

— Dispenso.

— Você não gostava de ser político?

— Não, eu não preciso desse tipo de atenção. O escrutínio constante da mídia, sempre ter que dizer as palavras certas. — Faço uma pausa. — Mas eu não me oporia a trabalhar nos bastidores.

— Olha, já que você gosta de emoção — diz ela, balançando as sobrancelhas sedutoramente —, não há nada mais empolgante do que trabalhar em uma campanha. Você já esteve envolvido em uma campanha do seu pai?

— Tirando as sessões de fotos obrigatórias, não.

— Interessante.

— Mas, como eu disse, eu não me oporia. Parece desafiador, pegar um candidato desconhecido, prepará-lo, colocá-lo à frente de um público nacional e ajudá-lo a mostrar suas políticas e ideais ao público.

— No entanto, você não faz isso para seu pai.

Encolho os ombros.

— Se eu algum dia trabalhasse em uma campanha, teria que ser para alguém que…

Paro, reconhecendo o campo minado onde quase me meti.

— Acabe a frase — instiga Tessa.

— Ná, não precisa.

— É um artigo elogioso — relembra. — A equipe do seu pai deixou claro que não pode haver nenhuma palavra negativa no artigo. E está sujeito à aprovação final antes de ser publicado.

Voltando a encolher os ombros, resolvo terminar a frase, pois ela está certa. Meu pai pagou bastante dinheiro por este artigo, jamais iria permitir que publicassem o que estou prestes a dizer. Além disso, gosto de Tessa. Você parece uma pessoa inteligente para mim. Espero que você consiga escrever artigos mais sérios um dia.

Olho nos olhos dela.

— Gostaria de trabalhar na campanha de alguém mais merecedor.

Ela ergue uma sobrancelha.

— O seu pai não é merecedor?

— Não foi isso que eu disse. Ele é bom no que faz. Mas sinto que talvez me identificasse mais com as políticas e abordagem geral de outras pessoas.

Ela volta a mudar de assunto.

— O que pensa sobre o escândalo da UCS?

Felizmente, estou preparado para esta pergunta. A empresa de RP do meu pai enviou-me uma resposta padrão para eu usar.

— Estou concentrado no meu programa. Se as acusações forem verdadeiras, gostaria de ver os responsáveis punidos com o rigor da lei.

Com isso, a entrevista chega ao fim e, honestamente, não posso dizer que odiei. Tessa diz que entrará em contato comigo se surgir mais alguma pergunta e eu a acompanho até o carro antes de entrar no meu e voltar para casa. Ainda tenho tempo de tirar uma soneca e comer alguma coisa antes de voltar ao *campus* para pegar o ônibus. Ambos os jogos deste fim de semana são em New Haven.

Estou estacionando quando uma notificação ilumina meu celular.

A Charlie.

Meu coração acelera imediatamente. Acho que nunca fiquei tão ansioso para ler uma mensagem.

CHARLIE:

Que tal amanhã à noite? Em vossa casa. Sem expectativas, sem promessas. Poderíamos assistir a um filme ou algo assim?

Não perco tempo e logo respondo. Eu sei que Beck não se importa. Ele quer isso tanto quanto eu.

LARS & B:

Parece bem para nós. Até amanhã.

CONVERSA DOS MENINOS DO TACO

SHANE:
Pessoal. De onde apareceu esse Hollis??

RYDER:
O treinador me contou tudo depois do jogo. Ex-jogador da Briar. Ele ganhou três Frozen Fours com o treinador. Ele era corretor de seguros, mas foi demitido neste verão e precisava de um emprego. Acho que Jensen está fazendo um favor a ela.

BECK:
Oh, eu sabia que Jensen tinha um coração em algum lugar naquele peito mal-humorado.

Gosto dele.

SHANE:
Puto. Ele parece doido. E não estou exagerando. Literalmente, ele parece ter fugido do manicômio há alguns dias e, não sei como, acabou treinando hóquei na Briar.

RYDER:
Se o treinador confia nele, não deve haver problema.

SHANE:
Não deve haver problema até que ele ou a mulher te asfixie enquanto você dorme por acidentalmente respirar perto de alguma de suas filhas.

BECK:
Quero conhecer as filhas.

A que tem a nossa idade.

WILL:
Não te aconselho.

SHANE:
Puto, imagina aquele cara ser seu sogro? Eu preferiria muito mais Garrett Graham.

BECK:
Tenho quase certeza de que o irmão de Gigi ainda é solteiro. Você pode casar com ele e fica fazendo parte da família.

SHANE:
Ou não.

CAPÍTULO 23

CHARLOTTE

Animais de apoio sexual

Estaciono o carro a algumas casas de distância do meu destino, pois me recuso a correr o risco de alguém vê-lo caso eu passe a noite aqui.

Não que eu tencione passar a noite aqui.

Vamos apenas assistir a um filme.

Não vou transar com dois jogadores de hóquei.

É.

Só.

Um filme.

Quando eu disse a Faith que estava indo para a casa de Will Larsen hoje à noite, ela me fez um interrogatório como se tivesse me pego tentando traficar cocaína para fora do país. Quem é que te deu as drogas!? Quem te apresentou a Will Larsen!?

Eu disse a ele que ele é meu colega de laboratório. Nós nos conhecemos nas aulas, ele me convidou para sair e eu fui beber com ele em Boston algumas noites atrás. O que então me rendeu um longo sermão e me fez sentir culpado por escolher Dante em vez de Faith como contato no caso de eu ser assassinada naquele encontro.

Respiro fundo e olho para a casa. As luzes estão acesas. Uma sombra se move atrás das cortinas e ouço o som distante de risadas ecoando na noite.

Meu coração está acelerado. As palmas das mãos suadas. Passo-as na saia e me forço a sair do carro.

Isso é uma loucura.

Sigo o caminho que leva à casa.

O que é que eu estou fazendo aqui?

Nunca fiz nada assim. Achei que a conversa obscena e sexual parasse no aplicativo. Como isso se tornou realidade? Era para não passar de uma provocação inofensiva. Material sugestivo de masturbação para minhas noites longas e estressantes trabalhando no projeto final.

A ansiedade percorre minhas veias quando toco a campainha. Um instante depois, a porta se abre e eu vejo Beckett sorrindo.

— Oi — ele diz, se afastando para me deixar passar.

Sua camisa branca está desabotoada.

Quem *faz* isso com uma mulher?

Mal consigo desviar o olhar do pedaço de pele entre os dois lados da camisa. Bronzeado e musculoso. Aqueles abdominais.

— Oi — respondo, tentando manter a voz firme.

— Entra.

Na sala, Will está deitado na *chaise-longue* do sofá e tem os pés estendidos, com meias calçadas, apoiados na mesa de centro. Ele usa uma calça de moletom preta e uma camiseta da Briar U, ambas as peças enfatizando membros longos e músculos bem definidos.

Quando eu entro, ele ergue o olhar, me observando de cima a baixo, absorvendo cada detalhe.

Eu não me vesti especialmente bem. Mas também não fiz o contrário. Escolhi uma roupa que poderia usar em qualquer outro encontro. Uma saia de bombazina azul escura sobre meias pretas até a coxa e um suéter cinza curto sobre um top branco. Trago meu cabelo preso em um rabo de cavalo baixo e gloss nos lábios como minha única maquiagem.

— Oi — Will saúda. — Você está fofa.

Argh. Aquele seu sorriso de menino bem-comportado sempre me afeta.

— Obrigada.

— Senta.

— Você quer beber alguma coisa? — oferece o Beckett. — Água? Ou cerveja?

— Você tem chá verde?

Oh, meu Deus, que tipo de pergunta é essa? São dois universitários em seu refúgio. É claro que eles não têm chá verde.

— Deixa eu ir ver. A mãe de Shane encheu nossos armários com uma série de chás quando ele morava aqui.

O Beckett desaparece para a cozinha. Will sorri para mim novamente.

— Você sabe que pode se sentar.

Depois de alguns segundos de hesitação, me sento no meio do sofá em forma de U, ao lado de Will.

— Como foi o jogo? — pergunto, pois sei que jogaram esta tarde. Por isso estamos nos encontrando tão tarde. Já passa das nove.

— Uma merda — diz, em tom neutro —, mas conseguimos vencer. Não graças ao meu pai, que bolou um segmento televisivo sobre hóquei universitário e resolveu colocar um cinegrafista em cima da gente.

— Ah, eu vi, quando fui ao seu jogo com Blake e Gigi Graham.

Will sorri novamente.

— Você foi assistir a um jogo?

— Não dê muita importância. Fiz isso pela Blake.

— Hum-hum. — Ele inclina a cabeça. — Isso foi antes ou depois de você saber quem nós éramos?

— Antes. Mas foi na hora que comecei a entender. Contra quem eles jogaram hoje?

— Yale. Cabrões convencidos.

Eu rio, sentindo um pouco da tensão em meu peito se esvaindo. Will sempre me deixa à vontade.

— Eu cresci a quinze minutos de New Haven.

— Então. Você é uma garota de Connecticut. Sua família ainda mora lá?

— Meus pais e meu irmão. Minha irmã mora em Manhattan.

— Você está com sorte. — Beckett reaparece com uma grande caneca azul em uma mão e duas garrafas de cerveja na outra. — Havia chá verde.

Ele coloca a caneca em uma base perto de mim, o vapor subindo da borda, e passa uma cerveja para Will.

— Não coloquei leite nem açúcar. Mas posso ir buscar, se você quiser.

— Não é preciso. É assim que eu gosto. Obrigada.

— Sempre às ordens, delícia de açúcar.

Dou-lhe um olhar furioso.

— Podemos esquecer esse apelido?

— Não. — Piscando, ele abre a cerveja e se deixa cair ao meu lado. Ele coloca o braço nas costas do sofá, bem atrás da minha cabeça.

Beckett cheira a frutas cítricas e sândalo, e o shampoo que você usa deve ter coco, pois também cheira a isso. Seu aroma fresco e limpo me lembra o mar. E sua proximidade me faz sentir faíscas de eletricidade no corpo, me lembrando do que estou fazendo aqui.

— Então — diz Beckett em tom brincalhão —, o que você quer fazer? Podemos colocar um filme, jogar um videogame, ou… o que você quiser.

Meu estômago vibra com a sugestão.

— Um filme me parece bom.

— O que você quer ver? — Will pergunta, pegando o controle.

— Hum. Surpreende-me.

Estou com os nervos em franja. Sei que disse que não queria criar expectativas, mas me parece quase inevitável acabar me enrolando com eles de novo. Talvez mais que isso. A atração é forte demais.

Mas embora a ideia de se enrolar seja emocionante, também é assustadora. Não tenho ideia do que esperar e a incerteza me mata.

Beckett deve perceber a tensão que estou irradiando, pois ele fala com uma voz doce.

— É só um filme, Charlie.

Engulo em seco.

— Está bem. — Desvio o olhar para Will, que concorda com a cabeça.

Tento relaxar enquanto os créditos iniciais passam na tela, mas é difícil, com Beckett de um lado e Will do outro. Qualquer garota daria qualquer coisa para estar na minha posição. Ensanduichada entre dois jogadores de hóquei lindos, sendo o centro de suas atenções, o objeto de seu afeto.

Sinto a tensão crescer novamente, mas a afasto, determinada a manter um ambiente relaxado. Não vim aqui para ficar estressada. Isso já acontece o suficiente na minha vida normal. Esta noite, você deveria aproveitar a parte divertida da minha vida dupla. É suposto me sentir descontrolada e livre.

O filme começa com uma cena de *flerte* entre os personagens principais e me sinto corar ao perceber o que nos espera.

Olho de soslaio para Will.

— Não sabia que você gostava de comédias românticas.

— Não é qualquer comédia romântica. Ouvi dizer que tem cenas de nudez.

O Beckett ri.

Eu amo uma boa comédia romântica, e estou gostando desta até o momento em que de repente parece muito familiar: a personagem feminina principal, uma loira excêntrica e desajeitada chamada Jessie, é adotada. E essa não é a única semelhança.

Sinto minha mão tremer ao pegar a caneca. Tomo um gole e o líquido quente aquece minha garganta ao descer.

— Você está bem? — pergunta Beckett. — Você ficou com uma cara tão séria.

— Eu estava tentando descobrir se será apenas uma enorme coincidência ou se, por acaso, eles acessaram meu e-mail.

— Hein?

Will pausa o filme.

— O quê?

Hesito, porque é um assunto pesado para uma sessão de cinema.

— A trama sobre Jessie procurando seus pais biológicos parece ter sido tirada da minha vida.

Constrangida, explico que me inscrevi no BioRoots e descobri que tenho um irmão algures.

— Ele não chegou a responder? — O Will parece solidário.

— Não. — Pouso a caneca, incapaz de disfarçar a desilusão. Tenho tentado não pensar na caixa de entrada vazia, no sinal verde de mensagem «lida» ao lado da mensagem que enviei.

— Podes voltar a contactá-lo — sugere o Beckett.

— Não. Se ele quisesse falar comigo, falava. — Encolho os ombros. — Não vou insistir.

— Bem, ele é que perde — diz o Will, com a voz rouca, estendendo a mão para me tocar no joelho e apertando-o ligeiramente. Embora saiba que é suposto ser um gesto de conforto, faz acelerar a minha pulsação.

Engulo em seco.

— É… o que é. Vá, vamos continuar o filme.

Ele volta a pôr o filme, que acaba por não só ser uma comédia romântica, como uma comédia romântica sobre um triângulo amoroso. A Jessie sente-se dividida entre o namorado advogado e o melancólico empregado de bar da pequena cidade aonde vai parar na busca pelas suas raízes.

O Beckett toca-me com o cotovelo.

— Quem é que achas que ela vai escolher? O Advogado Bonzão ou o Sr. Melancólico?

— Talvez não escolha nenhum. Talvez fuja e se torne freira.

O Will ri-se na *chaise-longue*.

— Ná. Ela tem de escolher um. A tensão está a dar cabo dela.

Isto provoca o riso do Beckett.

Sinto o rosto quente. Eu rio de nervoso, e as cenas sugestivas do filme não ajudam meus pensamentos acelerados. Na tela, Jessie e o Advogado Bonzão estão tendo uma discussão acalorada que rapidamente se torna física. A seguir, o

filme justifica o aviso de nudez ao mostrar os peitos de Jessie. Mamilos e tudo. Estremeço quando o Advogado Bonzão tira a calça e, por uma fração de segundo, vemos seu pênis.

— Pessoal! O filme está ficando intenso. Acabamos de ver peitos *e* uma ereção.

— Sério? — Will diz, se fazendo de inocente. — Eu não tinha notado.

Os olhos do Beckett brilham de malícia.

— Iá, garota. Além de pensar em coisas porcas.

Não consigo evitar me contorcer um pouco. Não estava esperando por isso.

— Estou começando a achar que isso foi uma armadilha.

O Will pisca-me o olho.

— Uma armadilha? Ná. A escolha do filme foi completamente aleatória. Juro.

— Superaleatória — diz o Beckett.

Não há como negar a eletricidade no ar.

— Vocês são impossíveis.

No ecrã, a Jessie diz agora ao Advogado Bonzão que não pode voltar com ele para a cidade. Não até encontrar o que procura nesta cidade. Depois de ele partir, furioso, ela vai dar uma volta e acaba enrolada com o Sr. Melancólico no pomar de pessegueiros atrás da sua casa.

O Beckett pousa mão na minha coxa, sinto o calor do seu toque através da saia. Do outro lado, o braço do Will está ainda estendido, a palma da sua mão curvada sobre o meu joelho.

— Estás a tentar provocar-me? — balbucio.

— Você acha que isso é provocar? Uma mão na sua perna? — diz Beckett, devagar. — Que fofa.

— Não é?

— Não. — Sua mão sobe levemente pela minha coxa, se enfiando sob a barra da saia. — Mas isso é.

Mordo meu lábio, a tensão no ar chegando ao auge. Estou absolutamente ciente de sua proximidade, do calor que irradia de seus corpos. Tento me concentrar no filme, mas a vida amorosa de Jessie não me interessa mais.

A minha é muito mais digna de atenção.

A mão de Will abandona meu joelho e se move mais para cima, até minha camisa. Seus dedos roçam a pele nua da minha cintura, onde a camisola subiu, e o toque leve me dá um arrepio na espinha.

É difícil pensar claramente com ambos me tocando dessa maneira.

— Acho que... — Engulo em seco, tentando me concentrar. — Afinal, vou querer a tal cerveja.

— É pra já. — Rindo, Beckett vai até a cozinha, voltando com uma cerveja para mim.

— Obrigada. — Tomo um gole desesperado, não me importando que eu transforme minhas bochechas em duas bolas. — Então. Vocês sempre fazem sexo a três? Tipo… como se eles fossem animais de apoio sexual um do outro?

Beckett quase cospe a cerveja.

— Nem sempre fazemos sexo a três — diz Will, com um sorriso enigmático.

— Então vocês se envolvem com mulheres individualmente?

— A toda hora. — Beckett parece igualmente divertido. — E, ao contrário de ti, menina Eu Preciso de Satisfação Três Vezes por Dia, e contrariamente ao que se pensa, nem todos os homens querem pinar dez vezes por dia. Às vezes, precisamos de um dia de descanso.

— Em primeiro lugar, uma vez por dia é o suficiente. — Deito-lhe um olhar altivo.

— Está vendo — diz ele —, é por isso que essa situação —, aponta para si e para Will — foi feita sob medida para Charlotte Kingston. Nos dias em que eu estiver cansado demais para te servir, é só chamar Larsen.

Dou risada.

— Agradeço suas habilidades na resolução de problemas. E nos dias em que vocês dois estiverem cansados demais?

— Nesse caso, decidimos que é uma noite solo e você terá que cuidar do assunto sozinha.

— Certo. Estou solteira há oito meses. Todas as noites são noites a solo.

— Quantas vezes te vieste com a nossa conversa?

Suspiro.

— Muitas.

— Só para que saibas — diz o Beckett —, passei muito tempo a imaginar que som fazes quando te vens.

Engasgo-me a meio de um gole e desato num ataque de tosse.

Ele sorri com um ar inocente.

Recuperando, engulo a cerveja e limpo o canto da boca, que ficou molhado.

— Bem, não quero desiludir-te, mas moro na residência da Delta Pi. A Agatha não permite orgasmos ruidosos sem nos chamar ao conselho executivo. Portanto, sou silenciosa que nem um rato.

— Tecnicamente, os ratos não são silenciosos — salienta o Beckett. — Eles chiam.

— Eu não chio quando venho — contesto, com um risinho. — Sério, quando estou em casa, aperfeiçoei a arte de ficar quieta durante as sessões solo.

Ele fica intrigado.

— Não acredito.

Em um movimento repentino, Will se levanta.

— Preciso de uma bebida — diz, desaparecendo para a cozinha.

— O que aconteceu? — Ergo uma sobrancelha para Beckett, que dá de ombros. Mas, quando Will volta, ele assobia para o que o amigo traz na mão.

— Foda-se — diz Beckett.

Agora estou ainda mais confusa. Vejo Will abrir uma garrafa de *uísque* e despejar o líquido âmbar em um copo de *shot* do Boston Bruins. Bebe de um só gole e faz uma careta.

— O que está acontecendo? — pergunto.

O Beckett ri.

— Você deixou Larsen tão nervoso que ele precisou tomar um *shot.*

Eu me viro para Will.

— É verdade?

— Talvez — diz, com o indício de um sorriso. — Mas só porque estou vendo exatamente onde isso vai parar.

Meu coração dispara.

— E onde é isso?

— Beck está prestes a fazer a provocação de você gozar sem fazer barulho.

Sinto todo o ar deixar meu corpo. Viro a cabeça para Beckett, que sorri.

— Iá, basicamente.

Aperto os olhos.

— Tarado.

— Cara, sim. Mas não é tanto uma provocação quanto um desafio. Sinceramente, não acredito que você seja capaz.

— Para de tentar me enganar pra eu me tocar.

Beckett se aproxima, roçando minha orelha com os lábios.

— Para de fingir que não quer.

Uma onda de desejo cresce entre minhas pernas.

— Eu... — Começo dizendo, mas as palavras se prendem na garganta.

— Você o quê? — A voz de Will é profunda. Sedutora.

É tudo tanto, demais, mas da melhor maneira possível. A provocação, a maneira como vocês dois olham para mim como se eu fosse a única coisa que importa nesta sala.

É viciante.

— Acho que preferia que *vocês* me tocassem.

Pronto.

Já disse.

E agora paira no ar cada vez mais denso.

Com um leve sorriso, o Will pousa o *whisky* na mesa e aproxima-se de nós. A minha pulsação acelera quando ele se senta do meu outro lado e pousa a mão na minha anca. O Beckett curva os dedos sobre a minha coxa, acariciando-me delicadamente.

— Podemos parar quando quiseres — diz-me o Will. — Basta dizeres.

Não quero parar. Pelo menos agora, que todos os nervos do meu corpo vibram de antecipação. Viro a cabeça e beijo o Will, provocando-lhe um som surpreendido seguido de um gemido de aprovação. O beijo é suave, de início, mas rapidamente se torna mais fundo à medida que a mão do Beckett me aperta a coxa e os lábios encontram a curva do meu pescoço.

Todo o nervoso que eu sentia antes desaparece com o calor do seu toque. A língua de Will na minha boca. A boca de Beckett explorando meu pescoço. O filme continua em segundo plano, mas nenhum de nós está mais prestando atenção.

— Vem cá. — Will me pega no colo como se eu não pesasse nada e me pousa na *chaise-longue* , que nos permite nos esticar. Ele se encosta nos travesseiros e me puxa para si, encaixando minhas costas em seu peito. — Vamos te deixar mais confortável.

Novamente, é difícil respirar. E, quando finalmente consigo, inspiro seu cheiro de especiarias, que turva minha mente.

Beckett se aproxima e se senta na beira da *chaise-longue* , ao meu lado, traçando círculos lentos com a mão na minha coxa antes de chegar à barra da saia, que ele agarra entre os dedos.

— Será que levanto esta saia? — A sua voz está rouca. — O que achas,

amigo?

— Acho que devia ser a Charlie a pedir. — A respiração do Will faz-me cócegas no ouvido. — E pede por favor.

Contorço-me de antecipação.

— Vocês são perversos. Levanta lá a saia.

— Levanta a saia o quê? — O Will beija-me o pescoço, levando os lábios ao meu lóbulo e chupando delicadamente.

Gemo.

— Por favor?

— Linda menina.

O Beckett levanta-me a saia até à cintura, revelando as minhas cuecas de biquíni brancas.

Ele geme.

— *Nós* somos perversos? Fizeste de propósito — acusa.

Brinco com o lacinho cor-de-rosa no cós, disfarçando um sorriso.

— Talvez.

— Você tem noção de que isso me faz sentir ainda mais determinado a testar essa afirmação de conseguir te gozar sem fazer barulho?

— Juro-te que consigo.

— Prova-o. — Ele cobre os nós dos meus dedos com a palma da mão, ambos ficando com as mãos em concha sobre minha vulva.

Engulo um gemido.

— Não é justo. Você está tornando tudo mais difícil.

— Quem disse que seria fácil?

Will ri.

— Ele tem razão. Você diz que consegue ser silenciosa. Nossa missão é testar seu autocontrole. Enquanto cientista, você deveria apreciar nosso empenho.

— Não ouse falar de ciência agora.

Beckett afasta minha mão e enfia a sua dentro da minha calcinha, descendo os dedos, mais… e mais… Respiro profundamente quando ele toca meu clitóris. A sensação é imediata, uma descarga familiar de desejo, um aperto firme.

— Você fez barulho — provoca.

— Não. Respirar é permitido. Ninguém lá em casa pode me ouvir respirar através da parede.

Ele para de mover a mão enquanto considera.

— Está bem. Nós permitimos. Mas qualquer coisa mais alta que uma respiração ofegante conta como som.

O Beckett move a mão novamente, que desaparece completamente.

Mais uma vez, sou obrigada a conter um gemido. Dessa vez, de pura aflição. Mas não preciso me preocupar, pois ele apenas leva os dedos à boca, lambendo-os.

Sinto-me aliviada quando o vejo voltar à tarefa de me dar prazer com a mão. As pontas escorregadias dos seus dedos indicador e médio deslizam sobre o meu clítoris e eu contorço-me novamente, apreciando a sensação suave e agonizante.

O Beckett sorri à minha crescente agitação.

— Lembra-te, miúda… nem um som.

O meu coração bate desenfreado com o desafio. O Will acaricia-me as mamas, apertando-as com a mais leve pressão. Mordo o lábio e respiro fundo quando começa brincar com o polegar no meu mamilo por cima da camisola, provocando-o até ficar ereto.

A cada toque dos dedos do Beckett no meu clítoris, um gemido ameaça escapar, mas comprimo os lábios para o impedir. O meu peito sobe e desce com respirações ofegantes. Começo a tremer com o esforço de ficar calada.

A língua do Will circunda-me o lóbulo da orelha.

— Já percebi que estás quase. Queres muito, não é? Apetece-te gritar.

A sua respiração contra a minha pele provoca-me um arrepio quente e quase me perco nesse momento, o prazer a crescer, apertando cada vez mais. Reprimo os sons que pairam ao fundo da minha garganta, mal me aguentando.

O Will esfrega o rosto no meu pescoço, beliscando-me os mamilos.

— É isso, linda. Entrega-te ao prazer.

A pressão aumenta dentro de mim. As pontas dos dedos do Beckett mergulham no líquido que se acumula na minha abertura, usando esse fluido para provocar e circundar o meu clítoris.

Meu Deus. Ele tem razão. Apetece-me *gritar*. A minha mente é um turbilhão de prazer e contenção, todas as terminações nervosas vivas e formigantes. O meu entorno desaparece, a visão fica turva.

No meio da névoa, ouço a voz do Beckett, provocando-me com o seu leve sotaque.

— Deixa-nos ouvir-te, miúda.

A respiração sai-me entrecortada. As minhas ancas erguem-se por iniciativa própria, procurando desesperadamente os seus dedos. Ansiando o alívio. Não sei como consigo manter-me silenciosa. Isto é pior do que tortura. Mordo dolorosamente o lábio para abafar um som.

Percebendo que estou quase, os rapazes aumentam o meu suplício, fazendo os possíveis para me quebrar.

— Vais deixar-nos foder-te esta noite? — O Beckett debruça-se sobre mim, roçando os lábios nos meus enquanto fricciona pequenos círculos em torno do meu clítoris.

Engulo outro gemido.

— Queremos tanto. — A língua do Will volta a tocar-me no pescoço, lambendo-me a garganta.

Sei que o deseja. Sinto a sua ereção contra o meu rabo. Vejo a do Beckett apertada nas suas calças.

— Diz-nos que queres — sussurra o Will ao meu ouvido. — Diz que sim.

É impossível pensar, quanto mais falar, com a forma como o Beckett me toca, os seus dedos hábeis pressionando-me o clítoris. Agito-me contra a sua mão, molhando-lhe a palma da mão com o meu líquido.

O Will beija-me o pescoço de lado, roçando os lábios no meu queixo e mordendo o meu lábio inferior.

Os seus olhos brilhantes fixam os meus.

— Diz que sim.

O Beckett enfia um dedo dentro de mim.

— Sim! — grito.

O orgasmo abate-se sobre mim. O meu corpo sacode-se, as ancas movendo-se, os músculos internos apertando-se enquanto me venho com tanta força que vejo pintas pretas obscurecer-me a visão. Cada milímetro do meu corpo pulsa de satisfação. Vou até ao fim, arfando, e, quando o prazer finalmente esmorece, deixo-me cair sobre o peito do Will, ofegante.

Estão os dois a olhar para mim, as suas expressões um misto de desejo e divertimento.

— Perdeste — diz o Beckett.

— Achas mesmo? — digo, com a voz rouca. — Porque, da minha perspetiva, dois tipos giros acabaram de me dar um orgasmo. Diria que isso é uma vitória.

O Will dá uma gargalhada.

— Ela tem razão, meu.

Volto a respirar fundo, ligeiramente preocupada por o meu batimento cardíaco não estar a abrandar.

— Então… hum… e agora?

Will me puxa para cima de maneira a ficar completamente sentada.

— É o que você quiser, Charlie.

— Temos a noite toda — Beckett concorda, com um meio-sorriso. — Sem pressão. Só… opções.

— Está bem. Então — digo, minha voz vacilando um pouco —, talvez pudéssemos ir lá em cima discutir essas… opções.

O sorriso do Beckett cresce.

— Vá você na frente — diz Will.

CAPÍTULO 24

CHARLOTTE

Talvez vinte

Ao nos aproximarmos do quarto de Will, juro que posso sentir todas as terminações nervosas vibrando sob a pele. Estou acostumada com a sensação de adrenalina. Quando dirijo um dos carros esportivos de Dante no autódromo, meu sangue ferve. Mas, no momento, o que quer que esteja percorrendo minhas veias é muito mais potente. Um *coquetel* de adrenalina e antecipação. Uma droga estonteante que pode viciar uma garota.

Entro no quarto, que não é iluminado pela lâmpada do teto, mas pelo pequeno abajur da mesa de cabeceira, que lança um brilho amarelo suave sobre a cama. Will se demora na porta, mas Beckett se aproxima de mim, procurando meu olhar.

— Tem certeza? — pergunta.

— Tenho.

Pego os dois lados de sua camisa, puxando-o para beijá-lo, e ele ri contra meus lábios, o som grave e aconchegante me vibrando pelo corpo. Ele me beija também. Devagar. Com minúcia. Não o apressa. Você saboreia, como se quisesse demorar comigo. Então, em um movimento suave, ele me pega no colo.

Instintivamente, envolvo suas pernas em sua cintura e ele me leva até a cama. Meu coração bate mais forte, a excitação e os nervos se confundem, mas, assim que ele me pousa e fica pairando sobre mim, todas as dúvidas se dissipam.

Os lábios de Beckett encontram os meus novamente, mas, dessa vez, o beijo é mais intenso, desejo puro. Você está determinado a me devorar. Suas mãos estão por toda parte, puxando minhas roupas, arrancando minha saia e minha calcinha, tirando minha camisola e meu top. Porém, deixa as meias.

— Fogo, que sexy — murmura, pondo-se de joelhos e olhando para mim deitada sob o seu corpo, apenas de meias até à coxa.

O Beckett despe a camisa, atirando-a para longe. Tira as calças. Depois põe-se ao meu lado, apoiado num cotovelo, passando uma mão pelo meu corpo nu. Leva a mão ao meu peito, esfregando um mamilo com o polegar. Beliscando-o levemente.

— *Foda-se* — ouço o Will gemer.

Olho para ele aos pés da cama, acariciando-se através das calças. O ardor no seu olhar faz-me sentir insegura.

— O que foi?

— Nem sabes como és linda — murmura. — Tens um corpo incrível.

— Mesmo — concorda o Beckett. Agora mordisca-me as mamas, lambendo um mamilo enquanto os seus dedos brincam com o outro.

— Tenho mamas demasiado pequenas — protesto.

— Eles enchem perfeitamente a mão — ele murmura, chupando todo o meu mamilo dentro da minha boca.

O prazer me invade.

— Não tenho bunda.

— Claro que tem. — Ele afasta a boca das minhas mamas e põe uma mão por baixo do meu corpo, apalpando-me uma nádega.

Resmungo.

— Você só vai discordar de tudo que eu disser.

— Se você está pensando em criticar sequer uma parte desse corpo, sim. Você é uma gostosa, Charlie. Você é perigosa.

Ninguém nunca me chamou de perigosa. Acho que gosto.

Estendo a mão e pego seu pênis, acariciando-o devagar. Ele geme. Sinto-o quente e duro na minha mão. Olho para Will e o vejo abaixar as calças, agarrando sua ereção. Se masturbando enquanto nos vê enrolados em sua cama.

— Beck — diz ele. — Quero ver a tua língua no clítoris dela.

Oh, meu Deus. O que é que está a acontecer?

O Beckett põe-se entre as minhas pernas, beijando-me o interior das coxas, lambendo e provocando até eu implorar que beije outra coisa. Implorando pela mesma coisa que o Will quer, a sua língua em mim. Partilhamos essa vontade de todo o coração.

Finalmente, sinto-o beijar o meu núcleo sensível e estremeço de felicidade. Encosto-me para trás e desfruto da sensação, alternando o olhar entre a boca do Beckett e o rosto do Will. Entre um e outro, pois não consigo decidir o que é mais excitante: a língua do Beckett movendo-se sobre o meu clítoris ou o olhar encharcado de desejo do Will observando-o.

A urgência que senti na sala se esvaiu. Não é mais uma corrida até a linha de chegada, uma necessidade desesperada e dolorosa de libertação. Já tive um orgasmo esta noite. Espero vir a ter outro. Mas, desta vez, eu quero mais. Quero tudo.

Gemo quando Beckett lambe um caminho até minha abertura, me penetrando com a língua. Mas ainda não é o suficiente. Minha vagina pulsa e se contrai. Ávida e vazia.

— Eu quero... — Suspiro de prazer, me distraindo com o dedo que ele enfia dentro de mim.

Will me olha nos olhos.

— Você quer o que, Charlie?

— Eu quero que alguém me foda.

Ele sorri.

— Qual de nós?

— Os dois.

Will se junta a nós na cama. Acaricia minha coxa, passando pelo quadril, a barriga, as costelas. Prendo a respiração quando ele estende a mão até a gaveta e vai pegar um preservativo. Ele separa um da tira e se ajoelha ao nosso lado enquanto o coloca. Então ele estica o corpo longo e musculoso atrás de mim, deitando-se de lado.

Quando começo a me virar para ele, ele diz:

— Não, fica assim.

Ele me reposiciona de modo a me deixar meio de barriga para cima, meio de lado. Ele levanta uma perna para mim, dobrando e agarrando meu joelho, e empurra meu centro contra a boca ávida de Beckett.

— Continue lambendo ela — ele diz a Beckett, que geme sua aprovação.

Um arrepio percorre meu corpo. Nunca senti nada assim. Sinto pressão entre as pernas ao sentir a ponta do pênis de Will na entrada da vagina. A ponta larga entra um pouquinho. Depois mais outro. É uma fricção deliciosa, mas muito lenta.

Demasiado. Lenta.

Tento me mover contra ele para que ele me penetre toda, mas ele agarra meu quadril, me mantendo quieta.

— Deixa eu te dar, linda. Eu te dou o que você precisa.

Meu Deus.

De repente, percebo que Beckett não está mais me lambendo. Ele está esfregando meu clitóris com o polegar, os olhos prateados acompanhando o lento deslizamento do pênis de seu amigo me penetrando.

— Fogo, isso é tão sexy — ele murmura.

Olho para ele.

— Sério? Mesmo com camisinha?

— Bem, seria mais sexy sem, mas não corremos riscos.

Nem eu (quando se trata de saúde sexual, pelo menos), mas por algum motivo, a ideia de Will me penetrando sem camisinha é uma emoção que eu não esperava. Parece mais uma das minhas taras surpresas. Minha vagina se contrai com tanta força ao seu redor que ele morde meu ombro.

— Foda-se — exclama Will. — Por que você está tão apertada?

O Beckett dá uma gargalhada.

— Puto, essa foi a reação de imaginar você pingando com ela sem usar camisinha.

— Pare de revelar meus segredos — reclamo, e ele pisca para mim.

Will me envolve em seus braços, cobrindo e apalpando meu peito com uma mão.

— Você não gosta de camisinha?

— Eles não me incomodam. Mas, nessa situação…

— O que essa situação tem de diferente? — Ele beija meu ombro ao mesmo tempo em que me penetra totalmente.

Gememos os dois.

— Se não estivéssemos usando camisinha agora, você me deixaria gozar dentro de você? — Will pergunta, afastando e voltando a aproximar os quadris. Com força. Profundamente.

— Sim.

— E, quando fosse a vez do Beck, você deixaria ele gozar dentro de você também?

Minha vagina o aperta involuntariamente novamente e ele deixa escapar um grito estrangulado.

Beckett ri, me dando um beijo na coxa e me olhando com um brilho malicioso no olhar.

— Ah, é isso. Você quer que nós dois nos venhamos dentro de você.

Gemo.

E basta isso para me vir. Começo a mover-me para trás contra o Will, ao mesmo tempo que agarro no cabelo louro do Beckett e o seguro contra o meio das minhas pernas, quase forçando-o a lamber-me. Não é preciso dizer-lhe duas vezes. Ele circunda o meu clítoris com a língua e chupa-o.

O orgasmo percorre-me o corpo. Grito de prazer, apertando o pénis do Will enquanto me esfrego na língua do Beckett. Uma dor atravessa-me a anca, onde estão cravadas as pontas dos dedos do Will. Ouço-o rosnar um palavrão com a voz grave, fazendo um último movimento o mais profundo possível, e estremecendo com o próprio orgasmo.

Demoro alguns segundos a reconhecer o som do riso do Beckett.

Abro os olhos e vejo-o revirar os olhos ao Will.

— Não era suposto ser uma rapidinha — diz-lhe o Beckett, com os lábios comprimidos de riso.

— Cara, você não tem ideia de como ela sabe bem. — Will morde meu ombro, lambendo a pele em seguida. Seu peito continua a arfar. — Você tem um gosto tão bom, Charlie.

Ele sai de dentro de mim devagar, embora eu não quisesse. Will deita de bruços e tira a camisinha, mas eu não me sinto nem perto de estar saciada. Mais uma vez, a urgência passou, mas meu corpo continua vibrando, sensível. Engulo em seco quando Beckett sobe pelo meu corpo e me beija. Sinto o peso do seu pênis sobre minha perna.

Chego-lhe a mão e digo:

— Bota uma camisinha.

Will estende o braço para pegar outra embalagem. Joga ela no Beckett, que não perde tempo colocando.

Sem uma palavra, olho-o nos olhos e abro as coxas. Os seus olhos brilham, as narinas dilatando-se ao posicionar-se entre as minhas pernas abertas. Ele pega no pénis e guia-o até onde o amigo me penetrava há poucos minutos. Devia sentir que isto é sujo. Errado e tabu. Pervertido ou depravado, ou outro preconceito que alguém como a Agatha poderia ter se soubesse o que está a acontecer neste momento.

Mas só consigo concentrar-me no desejo no olhar do Beckett e no quanto me quer. No quanto o quero a ele.

Ele penetra-me e eu fico sem ar com a súbita sensação de plenitude. É mais grosso do que o Will, por isso preenche-me de outra forma. Sinto-me no paraíso.

— Oh, foda-se, sim — sussurra ele.

Pousando o queixo no meu ombro, toca-me com os lábios e ergue-se sobre os joelhos, agarrando-me nas ancas e puxando o meu corpo para si. Fode-me nesta posição enquanto o Will se deita ao meu lado, brincando com os meus

mamilos e beijando-me o pescoço.

— Tinhas razão — diz ao Will. A sua voz fica mais rouca quando olha para mim. — A tua cona é o paraíso. Quero viver aqui dentro para sempre.

O meu prazer está outra vez a crescer, alimentado pelas suas palavras reverentes. Levanto as ancas para ir ao encontro dos seus movimentos lentos e provocadores.

— Consegues vir-te outra vez? — pergunta.

Aceno que sim.

— Se fores mais rápido.

O Beckett aumenta o ritmo, cada ímpeto atingindo um ponto dentro de mim que me faz ofegar.

— Will — diz, mantendo o olhar fixo no meu.

— É pra já. — Will lambe os dedos e enfia a mão entre nós dois, onde nossos corpos se juntam.

Gemo assim que toca meu clitóris.

Beckett me fode com mais força.

— Estou quase gozando — avisa.

— Não era pra ser uma rapidinha — Will debocha.

O Beckett reprime uma risada.

Perco o fôlego ao sentir Will esfregar meu clitóris mais rápido.

— Vem pra Beck, linda — ele diz, rouco. — Aperta a pila grande dele quando vier. Faça-o se sentir bem, Charlie.

Há algo extremamente excitante na maneira como ele pede que eu respeite o prazer do amigo enquanto chupa meu mamilo e acaricia meu clitóris.

As feições do Beckett ficam tensas. Ele morde o lábio. Então ele geme e diz:

— Iá. Não consigo parar. *Foda-se* .

Ele aperta meus quadris enquanto estremece com o orgasmo, mantendo seu corpo encostado no meu. Os sons que faz e a forma como seu peito se retesa a cada respiração ofegante fazem meu próprio clímax detonar. Este é diferente de antes. Parece vir de onde nossos corpos se juntam, latejando em torno de seu pênis.

Demoro alguns minutos para lembrar como respirar. Beckett se deixa cair em cima de mim um instante e depois vira de barriga para cima.

— Droga — ele grunhe, olhando para o teto.

— Foda-se — Will murmura.

Divertida, olho para um e depois para o outro.

— Não consigo dizer se estão bravos.

— Não estamos com raiva — assegura Will, respirando fundo. — Só nunca me vim tão rápido na vida. Nem nunca o vi gozar tão depressa.

— É inédito — murmura o Beckett, concordando. — Foram o quê, dez impulsos?

— Talvez vinte — Will diz generosamente.

Rio-me.

— Mais uma vez, não consigo dizer se estão reclamando.

— Juro que não. — Will se apoia no cotovelo e me olha com tristeza. — Mas era pra ser bom pra você, não sermos rápidos demais pra puxar o gatilho.

— Acredite — digo baixinho. — Foi bom para mim.

Ele aproxima-se e vira-me, deixando-me aninhada contra o peito do Beckett. O pénis do Will, ainda meio ereto, aninha-se entre as minhas nádegas enquanto ele me abraça. Uma sensação de satisfação invade o quarto. O Beckett acaricia-me cabelo. O Will faz-me festas na anca.

Mas o ambiente muda rapidamente, voltando a estalar de tensão. Quando sinto a semiereção do Will a endurecer contra o meu rabo, viro a cabeça e sorrio-lhe.

— A sério?

— Não consigo evitar. És demasiado sexy. — Ele estende o braço e pega-me na mão.

As minhas coxas contraem-se quando ele guia a minha mão até à virilha do Beckett, curvando os meus dedos em torno do pénis do amigo.

— Põe-no duro outra vez — sussurra o Will ao meu ouvido.

Oh, meu Deus.

*

Acordo às cinco da manhã, desorientada. Mas não estou bêbada nem de ressaca, então, as lembranças demoram um nanossegundo para voltar. Mesmo que não voltassem, eu seria capaz de deduzir exatamente o que ocorreu ao ver o cara pelado na cama ao meu lado. Will está deitado de bruços e, mesmo na penumbra, sua bunda é magnífica. Beckett estava aqui quando eu adormeci, mas em algum momento durante a noite ele deve ter ido para seu quarto.

Estou dolorida entre as pernas, algo que não costuma acontecer depois de uma noite de sexo. Talvez tenha sido por foder dois caras ontem à noite. Várias vezes. Sóbria.

Sinto minha garganta se fechar e a ansiedade fazer cócegas na minha barriga.

Levanto da cama, passando por cima de Will, que vira de bruços.

— Charlie? Tá bem? — Sua voz está grossa de sono.

— Estou bem. Mas preciso de me ir embora. Vou ao ginásio todos os dias às seis.

— Quem é que vai ao ginásio às seis da manhã? — murmura.

Psicopatas, obviamente. E eu não sou um deles, uma vez que não vou ao ginásio. Vou bazar daqui e fazer a minha caminhada da vergonha em paz, enquanto o bairro inteiro ainda dorme. Um bairro constituído maioritariamente por residências universitárias.

— Charlie — diz o Will, ainda sonolento. — Espera. Deixa-me levar-te à porta.

— Não é preciso. Fica a dormir. Obrigada pela noite de ontem. Foi bom.

Preciso de sair daqui antes que ele acorde completamente e perceba que estou a fugir como um ladrão na noite.

Pego a roupa espalhada pelo chão do quarto e me apresso a descer as escadas. Percebo que deixei as calcinhas lá em cima e me despeço delas, pois nunca mais voltarei a esta casa. Puxo as meias até as coxas. Pego a bolsa. No celular.

Examino a sala no escuro para ver se tenho tudo. Então eu saio pela porta, antes que um deles perceba que eu saí.

Espero que Will tenha adormecido de novo. Espero que não me incomodem nem me mandem mensagens…

As mensagens. Merda.

No banco do motorista do meu carro, saco meu celular rapidamente e abro o aplicativo. Fico olhando nossa conversa e não sei o que estou sentindo.

Não, eu sei o que estou sentindo.

Vergonha.

Mas é uma sensação estranha, pois parte de mim tenta neutralizar essa sensação horrível, insistindo que nada de errado aconteceu na noite passada. E outra parte se põe a recitar os milhares de motivos porque sim.

Mas será que importa? Essa batalha interna significa alguma coisa se a vergonha que cobre minha garganta é tão espessa que mal consigo respirar?

Sem pensar duas vezes, eu excluo o aplicativo.

Talvez esta noite tenha sido o melhor sexo da minha vida, mas não pode acontecer de novo.

CAPÍTULO 25

WILL

Apagados como se nunca tivesse acontecido

Durante o resto do fim de semana, não passam mais de cinco minutos em que eu não pense em Charlotte.

Em seus olhos turvos de desejo.

Em sua boca devorando a minha.

Em sua bunda empinada encostada no meu pênis enquanto Beckett a lambia.

Sem sombra de dúvidas, foi o melhor sexo da minha vida.

Quando acordamos, ela já tinha ido embora. Saído do aplicativo. Apagado o perfil. Foi uma reação impulsiva sua. Eu sei. Estive com ela em todos os momentos da noite passada, observando sua reação ao nosso toque. Aos beijos. Ao sexo. Estava em seu elemento. Ele adorou cada segundo e deteve todo o poder. Isso nos deixou tão excitados que não aguentamos mais do que cinco minutos na primeira vez. Teria sido constrangedor, se não fosse pelo redentor segundo ato, em que passamos o resto da noite adorando seu corpo.

E depois…

Fomos apagados como se nunca tivesse acontecido.

Eu tenho o número de telefone dela, mas o fato de você ter excluído a conversa é bastante revelador. Charlie me deu seu número para conversar sobre trabalhos escolares e combinar visitas ao laboratório depois da escola. Iria parecer que estava me aproveitando se inundasse seu celular de mensagens.

Agora, estou a quinze minutos de vê-la novamente e me pego me sentindo nervoso durante o treino da manhã, a ponto de Shane comentar no vestiário depois do treino.

— Puto, por que você está todo nervoso? Você não para de bater o pé.

— Não sei, talvez você tenha me contagiado com suas danças de salão — digo, sarcasticamente.

Embora eu não possa negar que Shane arrasou na semana passada. Ele e Diana entraram em um campeonato de dança para amadores que o treinador obrigou todo o time a ir ver.

— Suas calças estavam tão justas — diz Trager, ouvindo nossa conversa. — Tipo, achei que sua pila fosse rompê-las.

— Você queria — diz Shane com vaidade, indo até a saída.

O Beckett emerge do vapor dos chuveiros com uma toalha enrolada na cintura.

— Você tem laboratório agora? — pergunta em voz baixa. Ele só tem aula com ela amanhã de manhã.

— Iá.

— Depois me manda uma mensagem. Dizendo se ela está bem.

Charlotte também tem estado no pensamento dele. A Charlie, quero dizer. Charlotte, Charlie. É difícil conciliar as duas. Mas suspeito que sei qual delas encontrarei quando entrar no laboratório.

Tinha razão.

Seu olhar está fechado, indiferente, quando me sento no banco. Ela usa uma *legging* preta e um vestido de malha cinza com um cinto, e traz o cabelo preso em um coque, com duas mechas emoldurando seu rosto.

Ela está tão fofa que, ao vê-la, meu pênis se contrai involuntariamente.

Lembro-me de como estava apertada.

Lembro-me de como ele gemeu ao se vir.

Quando estávamos na sala, ele se esforçou tanto para não tornar seu prazer audível. Ainda ouço a voz rouca de Beckett na cabeça. Provocando-a. *Deixa a gente te ouvir, garota* .

Foda-se.

— Bom dia — digo, através do nó de desejo puro que entope minha garganta.

— Bom dia. — Seu tom é vazio de emoção.

— Como foi seu fim de semana?

A Charlotte mantém o olhar no manual.

— Foi bom.

— O meu também — digo, embora ela não tenha perguntado.

Ela não responde. Vira a página.

Quero falar com ela, mas o professor Bianchi entra antes de conseguir fazê-lo. É raro ele aparecer no laboratório; geralmente é a Monica que acompanha as nossas experiências. Mas hoje começámos uma nova unidade de estudo e, para meu grande desgosto, o Bianchi não para de falar durante as duas horas seguintes. Juro que o homem tem tesão por células estaminais.

Tento prestar atenção, sentindo a frustração crescer dentro de mim. Quando a aula finalmente acaba, a minha colega de laboratório não perde tempo a arrumar as coisas.

— Charlie — digo.

O seu queixo fica tenso.

— Charlotte.

— Desculpa. Charlotte. Podemos falar? — Franzo o sobrolho perante a sua atitude fria, o modo como continua a evitar o meu olhar.

— Tenho uma reunião com o meu orientador de projeto — diz ela, e acelero o passo, praticamente seguindo-a até à porta. — É do outro lado do *campus*.

— Tudo bem. Eu acompanho-te.

Ela rejeita a oferta sem sequer se virar.

— Não. Não precisas de fazer isso.

— Eu quero.

— Mas eu não quero — diz, com a voz tensa.

Sei quando devo afastar-me, por isso não insisto. Pelo menos, nesse assunto. Mas pego-lhe na mão e impeço-a de fugir de mim.

— Podes só falar comigo três segundos antes de ires?

Ela hesita. Depois mergulha a cabeça num aceno afirmativo.

Nós nos encaminhamos para uma área mais tranquila do corredor, onde Charlotte começa a se mexer na alça de sua bolsa enorme.

— Só quero ter certeza de que você está bem — digo baixinho, examinando seu rosto. — Você apagou o aplicativo, portanto eu e Beckett ficamos…

Ela olha em volta quando menciono o nome dele.

Contenho um suspiro.

— Ninguém está nos ouvindo, Charlotte.

Ela morde o lábio inferior por instantes e solta uma respiração apressada.

— Estou bem. Juro. — Seu tom firme e olhar decidido me dizem que você está sendo sincera.

— Nós não fizemos você se sentir desconfortável nem… nós te machucamos? — Meu estômago se revolta com a ideia.

— De jeito nenhum. — A dureza de sua expressão se atenua, se suaviza. — Merda. Desculpe se fiz você pensar que sim.

Encolho os ombros com tristeza.

— Não sei o que estava a pensar. Não sei nada de ti, literalmente, desde que fugiste da nossa casa ontem, às cinco da manhã.

— Desculpa. Mas não precisas de te preocupar. — A sua voz é tão baixa que mal consigo ouvi-la. — Gostei muito.

— De certeza?

— Absoluta. Foi… — Ela volta a morder o lábio. — Bom.

O seu rosto está vermelho-vivo. Se esta não fosse uma conversa tão tensa, talvez brincasse com ela, porém, continua nervosa e não quero assustá-la.

— Mas não pode voltar a acontecer, Will. Foi uma vez sem exemplo. E precisa de continuar assim, por isso apaguei a aplicação. Precisava de… — Ela detém-se.

— Eliminar a tentação — sugiro.

— Sim, talvez.

— Porque não pode acontecer de novo. — Ergo uma sobrancelha. — Por algum motivo.

— Não — ela diz. — Por milhares de motivos.

— Tudo bem, então diz um, pelo menos.

— Porquenãoénormal — é sua resposta silvada e ininteligível.

— O quê?

— Não é normal. — Com o queixo contraído, ela me olha nos olhos como se me desafiasse a contradizê-la.

Mas eu senti o mesmo neste verão. Afastei-me de Beckett e de nossas aventuras sexuais porque pensei o mesmo. Que o que ele estava fazendo era errado. Que não era «normal».

— Escute, Charlotte, eu sei exatamente o que você está sentindo, ok? Você gostou demais.

Ela fica boquiaberta.

— Não seja convencido.

— Você gostou demais e se assustou, não é? Porque vai contra o que o sexo «normal» deve ser.

— Vai *mesmo* . — Ela esfrega a cana do nariz. — Pelo menos no longo prazo. É fofo por uma noite, Will. Mas torná-lo uma coisa habitual parece… não sei… depravado.

Sinto um formigamento na pele.

— Ah, sim? E o que isso faz de mim? Você me acha depravado?

Chocada, ela me olha nos olhos.

— Não. De jeito nenhum.

Rio sem vontade.

— Escuta. Charlotte. Eu costumava me sentir como você. Basicamente, evitei Beckett durante todo o verão porque me sentia assim. Mas, depois de muita introspecção, percebi que não há nada de errado em gostar do que gosto.

— Will…

— Se você realmente acredita no que está dizendo… — dou de ombros. — Então você tem razão. É melhor não te vermos novamente. Não posso falar por Beck, mas a sociedade já é preconceituosa o suficiente. Não preciso que a garota com quem estou também seja preconceituosa em relação ao que fazemos. Quer que eu apague seu número?

Ela parece quebrada, como se não esperasse que eu dissesse essas coisas.

— Não. Você pode me enviar mensagens sobre assuntos da faculdade.

— Está bem. — Me afasto para ir embora. — Nos vemos amanhã no laboratório.

*

O restaurante mexicano da cidade está mais vazio do que o normal, apesar de ser hora do almoço; uma pequena misericórdia, considerando o turbilhão de pensamentos que ocupa minha cabeça. Assim que entro, vejo minha madrasta em uma mesa de canto. Assim como Tessa Diaz, você se destaca dos demais nessa pequena cidade de Massachusetts. Tudo nela diz DC, desde o elegante terno preto até o cabelo loiro-acinzentado em um coque perfeito.

E embora pareça que ela deveria estar acompanhada por um congressista, ela tem uma simpatia que a maioria das sanguessugas de DC não tem.

Seu rosto se alegra ao me ver.

— Oi, querido. Que bom ver você.

Ela se levanta para me abraçar e eu não preciso me curvar muito para dar um beijo na bochecha dela. Kelsey tem quase um metro e oitenta, apenas alguns centímetros mais baixa que eu.

— Oi, Kelse. Você está bonita.

— Obrigada, garoto. Anda. Vamos nos sentar. — Ela pega minha mão e me conduz até uma cadeira. — Fico muito feliz que você tenha conseguido um intervalo no seu horário caótico para se encontrar comigo.

— Eu é que deveria agradecer. Você é quem fez a viagem de Boston até aqui.

— Eu sei, mas já sugeri fazermos isso uma dezena de vezes e é quase

impossível conseguir te pegar. — Seus olhos verde-claros brilham, indicando que está brincando.

Ela tem razão. Raramente aceito seus convites para almoçar, porque, sempre que ele vem aqui, meu pai vem também. Assim como meu pai e eu, Kelsey nasceu e foi criada em Boston. Visita muitas vezes os pais e tenta sempre encontrar-se comigo, e sabê-lo origina em mim um sentimento de culpa, lembrando-me de todas as vezes em que recusei os seus convites.

A verdade é que eu amo Kelsey. Ela é fantástica. Bonita. Bem-sucedida. Mais engraçada do que parece. Tal mulher é um desperdício para meu pai.

Acho que meu pai é incapaz de estabelecer conexões genuínas. Para ele, os relacionamentos são estratégicos, baseados em status e não em afeto mútuo. Ele raramente deixa alguém ver além de seu exterior meticulosamente construído.

— Você sabe como é com o hóquei — digo, com um encolher de ombros constrangido. — Tenho um horário cansativo.

Ela abre um sorriso cúmplice.

— E esta é a primeira vez este ano que estou em Boston sem seu pai.

Apanhado.

Quando a garçonete vem até a mesa, nós dois pedimos café. Kelsey pede mais tempo para ver o cardápio e espera até que a mulher vá embora antes de olhar para mim com uma expressão preocupada.

— Alessia diz que você não respondeu nenhum dos e-mails do seu pai sobre o Natal.

— Você está falando dos e-mails *de Alessia* sobre o Natal? Porque eles foram enviados do endereço de e-mail dela.

Minha madrasta suspira.

— Talvez, mas o convite é do seu pai. Ele realmente quer que você vá para casa este ano e fique mais de uma noite. — Ela ergue uma sobrancelha. Kelsey é daquelas loiras com sobrancelhas pretas, que enfatizam suas características marcantes. — E não me diga que seu horário não deixa, porque Alessia verificou e a equipe para uma semana inteira nas festas.

— Você não precisa me fazer sentir culpado — digo, revirando os olhos. — Já estava contando com isso. Só não tive tempo de responder o e-mail ainda.

— Boa. Fico contente. Vai ser bom ter você em casa.

Quando a garçonete volta com dois cafés, pegamos os cardápios e fazemos os pedidos.

— Talvez você e seu pai pudessem fazer qualquer coisa legal quando você estiver lá — sugere Kelsey. — Tomar café da manhã na casa de *waffles* ? Procurando um salão de jogos?

Não consigo evitar de rir.

— A casa de *waffles* eu entendo. É território privilegiado para uma sessão de fotos. Mas um fliperama? Por quê? Você está tentando capturar outro tipo de eleitores?

— Will. Nem tudo são ferramentas de campanha. Seu pai só quer passar algum tempo de qualidade com você.

Inclino a cabeça, desafiador.

— Sério? Ele disse isso?

— Bem, não exatamente assim, mas…

Sai-me outra gargalhada.

— Kelse, eu te adoro, mas você não precisa continuar fazendo isso. Desiste de tentar criar laços entre mim e meu pai. Nunca dá em nada.

— Pode dar, se você deixar.

Suspiro.

— Não me leve a mal, mas juro que não faço ideia do que você vê nele.

Seu tom parece desgostoso.

— Seu pai não é tão ruim assim. Você é apenas um pouco imparcial para perceber isso.

— Me dê um exemplo — desafio. — Me ajuda a perceber.

Ela dá de ombros.

— Posso dar-te muitos. Sinto-me atraída por homens poderosos. Gosto do nosso estilo de vida. Gosto das discussões e debates que temos, ele é altamente inteligente e capaz de manter uma conversa estimulante, ao contrário de muitos outros homens que conheço. É um solucionador de problemas. Eu tive um problema com um caso no mês passado e ele passou horas no meu escritório a falar comigo. Não é o homem mais paciente nem carinhoso, mas tem os seus pontos fortes.

— E os seus pontos fracos — refuto. — Como a sua imagem ser mais importante do que a família.

Ela não contesta a minha afirmação.

— Seja como for, uma das razões por que quis encontrar-me contigo hoje foi para pedir a tua ajuda — admito. — Preciso que fales com o meu pai e lhe peças para se afastar.

A Kelsey acena que sim, compreendendo.

— Estás a falar da imprensa?

— Iá. — Tomo um gole de café, o sabor amargo correspondendo à minha disposição. — Ele não me larga por causa dessas entrevistas e não desiste. Concordei com o artigo da *Capitol Magazine* e aquele segmento ridículo da televisão, mas já chega. E de repente, Alessia me manda um e-mail dizendo que meu pai quer que eu faça uma turnê de imprensa em maio. Mesmo em cima das finais. Que diabos?

— Vai ter eleição no outono — ele relembra a Kelsey. — E você já sabe como é, querido. Você tem que aparecer na campanha. Temos os dois. É importante para ele.

— Eu entendo. Mas a faculdade é importante para mim — digo, categoricamente. — Tenho que passar nas provas finais se quiser terminar o curso. Não tenho tempo de fazer propaganda. Preciso que você fale com ele, ok? Ele diz a ela que faço minhas aparições obrigatórias durante a campanha, mas só depois de terminar o curso.

Ela pousa o queixo na mão.

— Você sabe como é seu pai. Assim que coloca uma coisa na cabeça…

— Sim, mas você sempre foi capaz de falar com ele. Por favor, você é a única pessoa que pode convencê-lo. Ele te ouve. Preciso que você me apoie nesse assunto.

Kelsey fica um momento em silêncio. Sempre foi difícil para mim percebê-la, pelo menos quando ela não quer ser percebida. Talvez seja porque ela é

advogada. Porém, quando volta a falar, o faz com uma voz doce.

— Você sabe que eu sempre te apoio, Will. Já estive no seu lugar, tentando equilibrar o que queremos com o que os outros esperam de nós, então farei o possível para que seu pai se acalme, ok? Eu falo com ele.

— Obrigado, Kelse. — Sinto um peso sair dos meus ombros.

Posso não chamá-la de «mãe», mas sempre a vi como tal, mesmo que não compartilhemos o mesmo sangue. Depois que minha mãe morreu, Kelsey apareceu e preencheu esse vazio sem hesitar. Confio nela. Na verdade, confio mais nela do que em meu pai, que *compartilha* meu sangue.

Ela estende o braço sobre a mesa e aperta minha mão.

— Concentre-se na escola, sim? Deixa que eu cuido do seu pai.

CAPÍTULO 26

CHARLOTTE

A fada sexual da vizinhança

— Começou a época dos casais — Faith lamuria. — E eu ainda não arrumei um namorado.

— Você não quer um namorado — lembro. — Sempre que você tem um namorado, você reclama dele.

— Sim, no *verão* — diz, com voz altiva. — No inverno, não quero outra coisa. Posso usar as camisas deles. Podemos nos aninhar. Há café de abóbora com especiarias. Fantasias de casal no Halloween.

Argh. Isso soa tão bom. Também sinto falta de ter namorado. Mitch pode ser um retardado hoje em dia, mas éramos os maiores nos ternos de casal.

— Qual foi o relacionamento mais longo que você teve? — Blake pergunta a Faith, girando o canudo fino de sua sangria. Como estou afim de chá verde, Faith não teve escolha a não ser forçar minha Protegida a pedir sangrias.

Por insistência de Faith, esta noite nós três viemos ao Malone's. Amanhã, cada uma volta para sua respectiva casa para passar o feriado de Ação de Graças, e Faith insistiu que precisava ficar bêbada para se mentalizar para o drama familiar que a aguarda. Nunca conheci os pais de Faith, mas conheci quatro de seus seis irmãos (é verdade, *seis*) e só posso imaginar o quão caóticas devem ser as festas na casa dos Griersons.

Parece que Blake também terá um Dia de Ação de Graças agitado. A família vai passar o dia com todos os amigos dos pais e seus filhos.

Já eu fiquei satisfeita em saber que esse ano será tranquilo. Apenas para a família imediata. Gosto mais quando as festas são tranquilas. Posso passar mais tempo com meus pais.

— Nunca mais que seis meses — Faith diz, respondendo a Blake com um ar surpreso. — Credo, eu tenho namorados sazonais.

Rio dentro da xícara de chá.

— E você, Charlotte? — pergunta a Blake, curiosa.

— Quase dois anos com meu ex. E no ensino médio, eu não tinha um namorado fixo. Andava ocupada demais para namorar.

— Eu nunca tive um relacionamento — ela admite para Blake.

Olho-a de lado.

— Como estão as coisas com Isaac?

No momento, a única coisa que sei sobre a situação é que eles saíram juntos. Ele a levou ao cinema em Hastings e não ganhou beijo de boa noite. Fim.

Blake Logan é a pessoa menos expansiva que conheço. Eu juro, é como se ser reservado fizesse parte da sua essência, o que me faz pensar em que tipo de brincadeira você vai se meter sem ninguém saber. Talvez você também tenha uma vida dupla. Uma… Blakey, equivalente a minha Charlie. Talvez você também dirija carros no meio da noite e durma com vários jogadores de hóquei.

— Você o viu de novo? — insisto.

Ela dá de ombros. Mas eu a vejo disfarçando um sorriso enquanto dá pequenos goles na bebida.

— Oh, meu Deus. Voltaste.

Outro encolher de ombros.

— Quantas vezes?

Após uma pausa, ela cede às demandas de bisbilhotar.

— Três vezes no total.

— Você já dormiu com ele? — pergunta Faith, com um sorriso largo.

Quando Blake balança a cabeça, tento não erguer as sobrancelhas. Não consigo imaginar Isaac Grant aceitando esse passo de caracol. O homem estava pronto para pinar comigo depois de cinco minutos no *flerte* do lado de fora do Coffee Hut. Sua reputação não resulta apenas de rumores. Foi merecida.

A lembrança da minha noite interrompida com Isaac me faz sentir culpada. Quando ele apareceu lá em casa e fez aquela cena toda para convidá-la para sair, ele tinha planejado contar para Blake, mas, assim que as coisas com Will e Beckett começaram a escalar, eu esqueci.

Agora que ela revelou que o tem visto regularmente, eu tenho que ser honesto com ela.

— Então — começo, esticando o braço sobre a mesa para roubar o copo de Faith. Ela fica boquiaberta ao me ver tomar um gole de sangria. — Desculpe — digo. — Preciso de coragem líquida.

Do canto do olho, vejo Blake franzir o cenho.

— Coragem para quê?

Faith agora tem um olhar conhecedor. Como meu contato de emergência e dispositivo de segurança caso eu seja assassinada, ela é a única que sabe da minha ligação com Isaac Grant.

Movo a cadeira, virando-a na direção de Blake.

— Isso é muito constrangedor, mas por uma questão de total transparência, e antes que você decida ir para a cama com ele, quero que saiba que Isaac e eu nos enrolamos uma vez. Antes mesmo de conhecê-lo — acrescento rapidamente.

Ela ergue as sobrancelhas, perplexa.

— Desculpa? *Tu* se enrolou com o Isaac?

A culpa me revolve mais as entranhas.

— Sim. Mas não fomos para a cama. Desculpa não to ter dito antes…

Ela surpreende-me ao agitar a mão, indiferente.

— Não, não me incomoda nada. Nem precisavas de me dizer. Estou só… — Os seus olhos estão arregalados de espanto. — Chocada. És a última pessoa que

teria imaginado enrolada com jogadores de futebol.

Não fico ofendida. A minha identidade de membro da Delta Pi, tão cuidadosamente construída, é tão eficaz que ninguém jamais desconfia da minha ativa vida sexual. É esse o objetivo.

— Eu sei. Não tem nada que ver comigo. Mas… estava aborrecida — é a única resposta que me ocorre.

A Faith disfarça o riso, tossindo.

A Blake não se deixa enganar.

— Não acredito. Tal como disse antes… eu *sei* que és mais do que aparentas. Isto apenas adensa o mistério.

Respeitando nossos votos de melhores amigas, Faith intervém em meu nome.

— Bem, agora que já esclarecemos a situação, quero saber mais sobre esses seus encontros — ele diz para Blake. — Você disse que não transaram, mas então e beijos?

Mais uma vez, a caloura volta ao modo reservado.

— Talvez.

— Beijos são bons? — Faith insiste.

— Muito bons. Ele não é o que eu esperava — admite para Blake.

— Então, você não é um jogador de futebol com a mania? — Não consigo evitar gozar. Porque foi exatamente isso que eu achei de Isaac, e o tempo que passei com ele não desmentiu essa hipótese.

— Não, ele tem mania mesmo. Mas também tem um lado doce. Ele me manda mensagens todas as manhãs e todas as noites dizendo bom dia e boa noite. É… meio brega.

Isso me surpreende quase tanto quanto Isaac Grant aguenta mais de três encontros para fazer sexo. Embora meu cérebro científico saiba identificar claramente a solução: natureza humana. Biologia. Somos criaturas programadas para encontrar um parceiro e, em geral, é o macho de uma espécie que está atrás da fêmea. A fêmea se faz difícil porque tem mais opções. Tem as cartas todas na mão. O que faz com que o macho precise se esforçar mais, inflar as penas e fazer o que for preciso para vencer os adversários.

Tudo isso para dizer que não sei que parte desse «lado meigo» será Isaac realmente querendo Blake, ou se fará parte de sua programação interna, incitando-o a achar que *tem que* andar atrás dela.

Um crescendo de barulho vindo da porta chama minha atenção. Esta noite estamos sentados na sala principal, então temos uma visão desobstruída de todos que entram no bar. Um grupo de meninos acabou de entrar, vários vestindo jaquetas pretas de hóquei. O vislumbre de um cabelo loiro atrai meu olhar.

O Beckett.

Da última vez que o vi, ele estava me fodendo com tanta força que até vi estrelas, com os dedos tão enterrados em meus quadris e coxas que deixou pequenas marcas. Eu deveria ter me assustado quando vi as contusões no espelho no dia seguinte, mas não. Fiquei molhada, lembrando da sensação de tê-lo dentro de mim enquanto Will me encorajava a ser uma boa menina e me vir para Beckett.

A memória faz-me apertar as coxas uma contra a outra e afasto o olhar da porta. Não. Não posso lembrar-me do prazer. Preciso de me focar na vergonha.

Na sensação horrível e sufocante que tive a seguir, quando estava a sair da casa deles, pensando no que as pessoas iriam pensar se soubessem que tinha acabado de fazer sexo com eles ali, como se fosse a fada sexual do bairro.

— Devíamos ir embora — diz a Faith, bebendo o resto da sangria. — O meu voo sai cedo amanhã.

Aceno com a cabeça.

— Só preciso de ir à casa de banho.

— Vai. Eu vou pagar. É a minha vez.

Encaminho para o corredor dos fundos em direção ao banheiro. Faço xixi rapidamente, lavo as mãos e dou um jeito no cabelo em frente ao espelho. Para ter certeza de que meu arranhão ao lado está perfeito. Não que eu me importe com o que Beckett pensa do meu risco ao lado. Mas, enfim…

Sim, queremos estar bonitas para o cara com quem pinamos enquanto o melhor amigo via tudo, não é?

Minha crítica interna é uma cabra aqui.

Saio do banheiro e me deparo com Beckett me esperando.

Os banheiros costumam ficar lotados até a hora de fechar, mas é quarta-feira e ainda é cedo, então, o corredor está completamente vazio. Estamos sozinhos. Mesmo assim, olho para o final do corredor para ter certeza de que ninguém está vindo.

— Você tem medo de ser vista comigo, delícia de açúcar? — Seu sotaque australiano faz meu coração palpitar.

— Não, não é isso — minto.

— É muito depravado para você?

Sinto meu estômago se contrair de culpa.

— Eu disse a Will que não o acho depravado. Nenhum dos dois.

— Você também disse a ele que quem que faz sexo a três é depravado. Então, o que você diz não faz muito sentido, não é?

Minhas entranhas se contorcem mais. Merda. Me sinto uma otária. *Sou* uma otária. Porque ele está certo; os motivos que alego para não voltar a vê-los contradizem as certezas que estou lhe dando agora.

Mas a parte mais confusa é que *não* estou julgando-os. *Não* acho que haja nada de errado no que eles estão fazendo.

Então, por que será errado quando você *faz isso?* , contesta uma voz na minha cabeça.

A confusão inunda meu cérebro. Eu… não faço ideia. Só sei que me senti envergonhada. Mas *eles* não deveriam se sentir envergonhados. Porque…

Sinto um gemido preso na traqueia. Por que não consigo fazer sentido disso?

Como se percebesse meu turbilhão interior, Beckett dá de ombros.

— Está tudo bem, Charlotte. Se você não gosta, você não gosta.

Quando ele se afasta, sinto o seu perfume familiar, tão evocativo do mar. Infunde-me os sentidos. Lembro-me de respirar o seu cheiro enquanto ele me beijava. Quando tinha o rosto enterrado no meu pescoço. Quando os seus dedos me deslizavam pelo corpo, virando-me para o Will poder penetrar-me…

Chega. Fogo, não posso pensar mais nisto.

Sinto a vergonha subir-me ao rosto.

— Foi uma fantasia. Já tirei tudo do sistema.

— Se tu o dizes.

O Beckett não está a tocar-me. Há uma distância de trinta centímetros entre nós e ele tem as mãos nos bolsos das calças de ganga desbotadas. Porém, sinto o toque fantasma das suas mãos em mim. A língua lambendo um caminho pela minha coxa acima, em direção à minha…

— É normal quereres isto, Charlie. — Um sorriso cúmplice aflora-lhe aos lábios.

Mordo o interior da bochecha, tentando conter a ardência das lágrimas.

Então eu respiro fundo e digo:

— Nunca me senti tão envergonhada como quando saí de sua casa naquela manhã.

Isso o deixa visivelmente sobressaltado.

— Charlotte…

— Não. Deixa pra lá. Tenho que ir. Minhas amigas estão me esperando.

Sei que fica me observando me afastar, mas não olho para trás. Encontro Faith e Blake na entrada do bar e não devo estar disfarçando muito bem, pois as feições de Faith parecem apreensivas.

— Você está bem? — pergunta. — Você parece um pouco pálida.

— Estou. Só me lembrei de tudo o que tenho que fazer quando chegar em casa hoje à noite. Sinto-me um pouquinho sobrecarregada.

— Você está falando dos ensaios de admissão ao mestrado?

Aceno que sim.

— Eles adiaram o prazo, então, quero relê-los e fazer alguns cortes. Fi-los um bocado às pressas por causa dos exames intercalares.

— Se você achar que ajuda, posso revisar tudo antes de você enviar.

Fico emocionado com a sugestão.

— Ah, obrigada. Gostava muito.

Quando saímos do bar, enfio a mão na bolsa e procuro as chaves do carro. Meus dedos tocam o metal ao mesmo tempo em que vejo um cara próximo à entrada, parcialmente obscurecido pelas sombras noturnas, que chama minha atenção.

Há algo nele (o corte de cabelo, a postura, o jeito que ele está tentando passar despercebido e falhando) que me dá arrepios.

Faith segue meu olhar.

— Você conhece aquele cara?

— Acho que não…

Paro de falar quando ele se vira para se afastar e, de relance, vejo sua sobrancelha. De repente, me vem à mente a imagem do mesmo cara na penumbra do estacionamento da faculdade.

— Espera, merda. Tenho certeza de que já vi isso antes… Espere um segundo.

Faith franze a testa.

— Charlotte…

Ignorando-a, me aproximo dele, com o coração acelerado, não por medo, mas pela adrenalina de um confronto iminente.

Assim que me aproximo, o cara de cabelo preto fica tenso, percebendo que foi preso. Ele tenta se afastar, mas eu sou mais rápida e bloqueio seu caminho.

— Olha! — digo, com uma voz aguda. — Por que você anda me seguindo?

Ele arregala os olhos e dá um passo para trás, as mãos erguidas em um gesto de rendição.

— Eu não estou te seguindo, eu juro.

— Mentira — digo bruscamente, avançando em sua direção. — Eu já te vi na faculdade e agora aqui? Você está me perseguindo?

— Charlotte. O que é que se passa? — Faith aparece ao meu lado enquanto Blake permanece alerta na entrada do Malone's.

— Acho que esse pervertido está me seguindo — informo, e Faith imediatamente aperta os olhos, encarando-o.

O rosto dele fica vermelho como um tomate e ele parece querer sumir na calçada.

— Não, não é nada disso. Eu…

— Então o que é? — pergunto, cruzando os braços sobre o peito.

Ele mexe em algo no bolso.

Eu e Faith instintivamente nos afastamos e me sinto tola ao perceber que ela está apenas sacando o celular. Ele o estende, para que eu possa ver a tela.

— Olha. Você me enviou isto.

Sou atingido pelo choque ao reconhecer o logo do BioRoots e minhas próprias palavras.

— Eu não estou te seguindo — ele diz, com um grande suspiro. — Sou seu irmão.

CAPÍTULO 27

BECKETT

Ele mente e diz à senhora que está radiante

Meus pais estão brigando desde que me pegaram no aeroporto. Eles vieram juntos, passaram a viagem toda de volta pra casa implicando um com o outro e ainda não pararam. Pelo menos, eles ainda estão discutindo em um tom normal. Dois australianos bêbedos podem ser muito barulhentos. Porém, neste momento, eles ainda só beberam um ou dois drinques.

Não temos família aqui (está toda na Austrália), mas, ao longo da última década, minha mãe escolheu outra família, que consiste em duas famílias da nossa rua também imigrantes com a maior parte da família fora do país e um casal de aposentados, os Walkers. Helen Walker ainda não parou de flertar comigo desde que entrou. Ele me pediu para encher sua taça de vinho pelo menos cinco vezes. A velha já está com os copos.

Enquanto isso, meus pais não foram capazes de manter a discussão entre si. Nisso, culpo meu pai. Por algum motivo, ele decidiu que seria uma boa ideia compartilhar a notícia de sua proposta de emprego no Dia de Ação de Graças com todos os seus amigos. Amigos que gostam muito de compartilhar suas opiniões.

E nem todos estão do lado da minha mãe. Sra. Aghari até disse à minha mãe que se ela pudesse voltar para Delhi com um bom emprego e uma boa casa, ela aceitaria em um piscar de olhos.

— Sinto falta dos meus pais e das minhas irmãs — admite.

E, embora minha mãe reconheça que também sente falta dos pais e da família extensa, ela repete o mesmo que continua dizendo ao meu pai:

— Construímos uma vida aqui.

— Meghan — meu pai suspira, quando o assunto volta à tona.

— Não, James. Não vou mudar minha vida toda de novo.

Tento me concentrar no purê de batata que tenho no prato em vez de na tensão crescente entre meus pais. Minha mãe mexe em sua taça de vinho e evita o contato visual com meu pai, que olha para o peru como se o tivesse ofendido pessoalmente.

— Então, como estão as aulas? — pergunta-me o Sr. Aghari.

Olho para ele, aliviado. Sr. Aghari tentando salvar o dia.

— Eles são exigentes, mas estou me safando.

Com isso, a conversa finalmente muda para temas neutros como o tempo e o trabalho voluntário da Sra. D'Agostino.

— Beckett, querido. — Helen bate na taça de vinho.

Disfarço um sorriso, empurro minha cadeira para trás e vou até o bar embutido do outro lado da sala. Amo essa casa. Eu entendo porque minha mãe não quer sair daqui, de todo esse espaço no subúrbio, com uma propriedade enorme e um jardim que, literalmente, ela passou mais de uma década criando. Mas…

Não é nossa *casa* . Indianápolis não tem Gold Coast. Não tem ondas para o surf como Byron Bay. Não tem meus primos. Não tem o mesmo ar. Lá, o ar tem outro *cheiro* . Se eu fosse minha mãe, aproveitaria a oportunidade sem pensar duas vezes.

— Não está facilitando sua vida, está? — murmuro, quando meu pai aparece ao meu lado para pegar outra cerveja.

— Não. Talvez eu precise que você intervenha mais tarde, garoto. Para você defender nosso caso.

— Não sei se vai ajudar. Ela realmente não quer.

— Pois não.

Olho-o de soslaio.

— O que é mais importante para você? Que sua mulher seja feliz ou que você seja feliz?

— Ah, a antiga chave do sucesso de todo casamento. Irás saber um dia.

— Talvez. — Mantenho um tom de voz descompromissado.

— Ah, você continua mantendo a promessa?

Dou uma risadinha.

— Não era uma promessa. Era a bebedeira falando. Você me pegou em um dia ruim.

Embora eu deva admitir que tive muitos dias ruins depois de tudo o que aconteceu com Shannon. Eu sei a que você está se referindo. Embebedei-me com uns colegas de equipa a seguir ao último jogo de uma série num fim de semana. Meu pai me pegou chegando em casa às quatro da manhã e tentando subir as escadas discretamente com a graça de um elefante em uma loja de porcelanas. Quando ele me perguntou se eu tinha estado com uma garota (acho que essa era sua esperança), fiz um discurso bêbado sobre como não amaria ou me casaria novamente porque 'essas cenas de amor' sempre acabam em desgosto.

— Eu tinha 18 anos — lembro. — Era muito dramático.

— Foi uma das poucas vezes em que te vi perder a calma — confessa baixinho.

— Achava que ia casar com ela. — Dando de ombros, volto a concentrar minha atenção em servir o vinho para Helen Walker.

— E não aconteceu. Mas nós saramos, Beck. Saramos e andamos para frente, e voltamos a ficar inteiros.

— E aproveitamos o fato de estarmos solteiros — digo, com leveza. — Pelo menos, no meu caso. No *seu* caso, você precisa começar a dar graxa para sua mulher, velho.

Dou um tapinha amigável em seu ombro e volto para a mesa, esperando não parecer muito ansioso para abandonar a conversa.

Às nove horas, os Agharis e D'Agostinos já foram embora, me deixando sozinho com meus pais e os Walkers.

Não sei como fui arrastado para isso. Um homem de 21 anos com uma cerveja na mão, assistindo futebol e ouvindo dois casais brigando. Um deles na casa dos 80, o outro na dos 40, porém, ambos agindo como adolescentes.

A princípio, os Walkers estavam apenas tentando ajudar. Minha mãe começou a criticar meu pai novamente, e Albert cometeu o erro de mencionar uma discussão conjugal passada entre ele e Helen como uma lição para meus pais sobre resolução de conflitos. Ao que parece, a discussão dos Walkers *não* foi resolvida, pois eles continuam discutindo.

Que bom.

— Vamos voltar ao mesmo? — Albert resmunga. — Agora? Já arrumamos o assunto, Helen!

Por mais que eu não queira encorajar seu comportamento, minha curiosidade leva a melhor sobre mim.

— Qual foi o motivo da discussão?

— Sim, Al. Qual foi o motivo da discussão? — A voz de Helen transborda de uma doçura que me faz sentir um nó na barriga. — Por que você não conta para todo mundo o que você disse para aquela mulher?

— Àquela mulher? — repito. Não posso olhar para meu pai porque sei que nós dois vamos cair na gargalhada.

— Conte a eles o que você disse — provoca Helen.

Albert resmunga baixinho.

— Como diabos é pra lembrar o que eu disse? Foi há vinte anos!

Quase engasgo com a cerveja. Meu pai está tentando se distrair servindo-se de mais uma fatia de torta. Olho de soslaio para minha mãe, que está com os lábios comprimidos para conter o riso.

A discussão foi há *vinte* anos? Pela maneira como Helen estava agindo, parecia que o erro que quase destruiu seu casamento aconteceu na semana passada.

— Você sabe muito bem o que disse — Helen cacareja, olhando para minha mãe como se pedisse solidariedade feminina. — Estávamos na festa de aniversário dos nossos amigos e ele disse a Donna Henderson que estava "radiante".

Olho para minha torta.

Meu pai aclara a voz.

— Parece ter sido há muito tempo, Helen. Talvez…

— Ah, não, não, não — ela interrompe, balançando a mão. — Não é tarde demais para Albert me dar uma explicação, ou é? — Volta a encarar o marido. — Então, Al? Sou toda ouvidos.

O coitado do Albert está com cara de quem preferia estar brigando com um avestruz raivoso.

— Helen. Estava apenas sendo educado. Ela era nossa anfitriã.

— Você nunca me disse que estava radiante.

— Eu vivo dizendo que você é linda! ele protesta, olhando ao redor da sala

em busca de apoio.

Nenhum de nós se atreve a olhá-lo nos olhos. Helen não é hedionda, mas eu também não a chamaria exatamente de linda. Digamos apenas que… não é desagradável.

O rosto de Helen fica corado.

— No Natal passado você disse que estava "decente", Albert.

Um som estrangulado escapa dos meus lábios. Oh, diabo.

Seu idiota desgraçado, Al. Decente? Ele mente e diz à senhora que está radiante.

Meu pai está quase caindo para o lado com o esforço de conter o riso.

Minha mãe, coitada, tenta intervir.

— Helen, você quer mais café?

— Não mude de assunto, querida. — Helen agora está em uma missão. — Radiante! Quem é que usa essa palavra sequer? Passei duas décadas me perguntando o que você quereria dizer com isso.

Começo a tremer de riso silencioso.

Minha mãe, ainda tentando acalmar os ânimos da conversa, ri de nervoso.

— Estou certa de que Albert não quis dizer nada com isso. Não acha, filhote?

Ela está olhando para *mim* .

Por que estou sendo arrastado para essa bagunça?

— Hum, então. Talvez ele quisesse apenas dizer que o vestido combinava com ela? É verdade, existem pessoas que têm um brilho radiante.

Helen me lança um olhar capaz de gelar o sangue.

— Aposto que você é um desses caras que diz a todas as garotas que elas são especiais só para ver onde você pode chegar, não é?

Lá se vai seu fraco por mim.

Albert suspira, claramente derrotado.

— Querida, se eu pudesse voltar e mudar o passado, eu voltaria. Mas foi apenas uma palavra. Não significou nada.

Sua esposa se inclina para trás, de braços cruzados, parecendo triunfante.

— Bem, que bom que esclarecemos isso. Mas que sirva de lição para você, Albert. Pense antes de abrir a boca.

Em seguida, ficamos todos em um silêncio desconfortável e, quando meu celular acende e vejo Will tentando me ligar pelo FaceTime, praticamente pulo da cadeira.

— Ele é um companheiro de equipe, tenho que atender. — Levanto o telefone e gesticulo como se fosse a ligação mais importante que já recebi. A Casa Branca está ao telefone. Todo mundo morreu e eu sou o sobrevivente designado. Sou o novo presidente dos Estados Unidos. Embora seja impossível, pois não nasci neste país. Ainda assim.

Fugindo, subo as escadas duas a duas e me enfio no meu antigo quarto.

— Foda-se — resmungo, ao atender o telefone. — Obrigado.

Will sorri.

— Isso está tão ruim assim?

— Você não tem ideia do que acabou de me salvar, amigo.

— E eu achando que na família Dunne sempre foi tudo um mar de rosas.

— Não hoje à noite. — Conto rapidamente sobre a proposta de emprego do

meu pai e o fato de que minha mãe não quer que ele aceite.

— Se isso faz você se sentir melhor — diz Will —, as coisas aqui não estão muito melhores.

Ele vira o telefone para me mostrar a cena atrás dele: um jantar de Ação de Graças extremamente formal. Os Larsens devem jantar mais tarde do que nós, pois a longa mesa de jantar ainda está impecavelmente posta. Na verdade, toda a sala é decorada com perfeição, como em uma foto de revista. No entanto, parece mais frio do que um inverno canadense.

Will passa por uma porta em arco onde cerca de trinta pessoas são vistas. Por instantes, ouço o barulho das conversas ecoando no vídeo. Ele entra em outro cômodo e fecha a porta, se afastando do barulho.

— Tem muita gente aí — observo.

— Meu pai precisa da sessão de fotos. Estão aqui os primos todos. E, de manhã, estava aqui um jornalista de uma revista de arquitetura. Isso é uma brutalidade. Estou ansioso para ir embora amanhã.

A temporada de hóquei não costuma intervalar nas festas. Acontece que apenas o Dia de Ação de Graças nos deu uma folga de dois dias. Mas amanhã jogamos contra a UConn.

— Eu também — admito, esfregando as têmporas. — Meus pais nunca brigam. É estressante vê-los discutindo. E vamos voltar para a Briar bem a tempo das finais e *play-offs* . Fogo, amigo. Preciso dar uma queca preventiva para me livrar do estresse.

— Puto. Também eu.

Neste ponto, eu sei que estamos ambos pensando em Charlie. Em sua doçura. Em seu corpo quente e macio em meus braços. Meu pênis cresce, apertando-se contra o zíper da calça.

— Você tem falado com ela? — pergunto.

Sua expressão se ensombra.

— Não. E tu?

— Nada, desde que nos cruzamos no Malone's.

Ou seja, na noite em que ela me fez sentir uma merda por *fazê-la* se sentir uma merda.

A lembrança me faz perder a ereção.

A expressão devastada e humilhada em seus grandes olhos castanhos.

Charlotte não tem motivos para se sentir envergonhada. Mas eu entendo. Há um roteiro de vida. Há regras. Tem coisas que fazemos e outras que não fazemos. Pessoas como Will e Charlotte ficam aflitas se saírem desse roteiro. Larsen demorou muito para ser capaz de aceitar que às vezes não faz mal improvisar. Charlie ainda não chegou lá. Nossa garota não está pronta para improvisar. Talvez nunca fique.

— Você tem o número dela, não tem?

— Tenho. — Will me lança um olhar de advertência. — Mas não vou abusar do privilégio. Prometi a ele que só o usaria para assuntos relacionados às aulas.

— Eu sei. Mas… Foda-se, meu. O que ela disse no Malone's naquela noite… Não consigo tirar isso da minha cabeça. Quero enviar uma mensagem para ela dizendo que ela não tem nada pelo que se sentir envergonhada. Você pode ignorá-la se quiser, mas… apenas uma mensagem, Larsen. Por favor?

Will fica em silêncio. Vários segundos se passam até, finalmente, ver seu dedo tocar no celular.

Um instante depois, o contato de Charlotte aparece na minha tela.

CAPÍTULO 28

CHARLOTTE

Por dentro e por fora

O nome do meu irmão é Harrison Lee Stevens.

Ele é quatro anos mais velho que eu. Ela trabalha por conta própria como web designer em Nevada. Ele chegou a Massachusetts há um mês, mas, até a noite passada, ainda não tinha tido coragem de me abordar.

Essas foram as únicas informações que conseguimos trocar na porta do Malone's. A única coisa que fui capaz de digerir, porque tive que sair cedo na manhã seguinte e o choque de vê-lo fritou meu cérebro.

Agora estou em casa, cercada por minha família, e não posso fazer nada até voltar para a escola. Harrison me pediu para nos encontrarmos direito e eu aceitei. Trocamos números de telefone, e foi assim que as coisas ficaram.

Quero contar para minha família, mas tenho medo da reação dela. Não quero estragar o feriado. Nós amamos o Dia de Ação de Graças, talvez ainda mais do que o Natal. Minha mãe se esmera nas decorações. O alpendre está praticamente inundado de abóboras. Temos uma guirlanda em forma de abóbora pendurada na porta. Centros de mesa cheios de bolotas e, por algum motivo, chifres de veado, embora não sejamos uma família de caçadores, nem nunca tenhamos sido.

A família da esposa do meu irmão geralmente se junta a nós, mas este ano eles foram para Aruba, o que significa que somos apenas nós cinco, tio Erik e seus dois filhos. Ava tem um novo namorado em Nova York, que não pôde vir, o que me decepcionou um pouco. Quando ele me disse que o nome dele era Ash, me deu vontade de rir, pois só podia ser. Ambos têm nomes de três letras começando com A. Ash e Ava: eles soam perfeitos juntos. Todo mundo nesta família é perfeito.

Então, em vez de começar uma conversa emocional e cheia de angústia ao confessar a existência de Harrison, faço uma cara bonita e vou ajudar minha mãe a preparar a torta. Acabamos de nos empanturrar de peru e agora todos estão na sala prontos para jogar um jogo e comer sobremesa. Não costumamos assistir futebol. Não somos dessas famílias. Somos pessoas de *quizzes* .

— Você está bem, meu amor? — minha mãe pergunta, me vendo na ponta dos pés abrindo a parte de cima do armário.

— Estou ótima. — Tiro a travessa de cerâmica que você pediu.

— De certeza? Você parece distraída.

Viro-me para encará-la, estendendo-lhe a travessa.

— Acho que só estou estressada. Os exames intercalares foram difíceis e agora estou preocupado com os finais.

— Com certeza você vai tirar boas notas, Char.

— Eu sei, mas… os mestrados que estou me candidatando são tão competitivos. Não queria baixar a média…

Sinto a onda de pressão subir em minha garganta, apertando minha traqueia, e engulo em seco, empurrando-a para baixo.

Não. Não posso deixar a onda me engolir agora. Da última vez que tive um ataque de ansiedade na frente dos meus pais, eles ficaram tão preocupados que queriam chamar os paramédicos. Minha irmã teve que confiscar os celulares deles.

— Você se preocupa demais. — Minha mãe prende meu cabelo atrás das orelhas e acaricia meu rosto. — Minha filhota linda e perfeita. Não tem motivos para se preocupar.

Outra vez esta palavra.

Perfeita.

— Você é brilhante — ele continua, seu tom cheio de confiança e convicção. — Você pode fazer tudo o que decidir fazer. Se sua média cair, você a sobe novamente. Não precisa se estressar com isso.

A voz do meu pai surge na porta.

— Quem você está estressando? Nossa futura engenheira?

Sorrio para ele.

— Está tudo bem. Estou apenas me preparando psicologicamente para os exames finais.

Os cantos de seus olhos se enchem de rugas quando ele retribui meu sorriso.

— Ah, que alívio. Você vai passá-los com uma perna nas costas. — Meu pai vai pegar uma cerveja na geladeira. — Como estão as aulas neste semestre, querida? Quando você vem nos visitar quase não fala da faculdade.

— Um pouco exigentes, mas estou me safando. Muitas noitadas no laboratório.

Sua expressão se enche de orgulho.

— Você sempre foi nossa noctívaga. Lembra daquela feira de ciências que você ganhou no preparatório? Se não tivéssemos te obrigado a ir para a cama, você teria ficado acordada a noite toda.

Minha mãe sorri.

— Você passou na frente de todos os alunos do 8º ano para levar o primeiro prêmio. Lembra?

— Sim. Lembro. — Naquele fim de semana, eu perdi a festa de aniversário da minha melhor amiga em um parque aquático para terminar meu projeto. Toda a turma do 6º ano foi, exceto eu.

De repente, percebo que esta é a oportunidade perfeita para contar a eles sobre Harrison. Estamos sozinhos. Nem Ava nem Oliver estão aqui para dar sua opinião sobre isso.

Respiro fundo e abro a boca no exato momento em que Ava nos chama da

sala.

— Pessoal! Esse *quiz* não vai se jogar sozinho!

Minha mãe ri.

— Vem. Vamos acabar com seu pai, querida.

— Você queria — meu pai responde.

Meus pais não podem ficar no mesmo time nos jogos porque ambos são extremamente competitivos. Eles ficam muito chateados quando um deles perde uma pergunta. Até hoje, continuamos zoando meu pai por causa de suas explosões épicas nos *quizzes* . «Anna! Como você pode ter perdido essa pergunta? Todo mundo sabe que o Tratado de Fenice acabou com a Primeira Guerra Macedônica!!!»

Porque é de conhecimento geral.

Meus pais saem na minha frente e eu fico um momento junto à ombreira observando minha família, identificando as marcantes semelhanças entre si. Os olhos da minha mãe e da Ava. O cabelo de Oliver e meu pai. O nariz do meu pai e do tio Erik. As conexões tangíveis que eles compartilham.

Como cientista, entendo a importância do DNA. Do sangue. Dos fios invisíveis que nos ligam a outro ser humano. Da lembrança de que a individualidade, embora seja uma dádiva, é também uma espécie de ilusão, pois, sob a superfície existe uma conexão biológica profunda que nos liga a algo maior do que nós. Algo que remonta a gerações.

Eu sei que é estúpido da minha parte me preocupar tanto com tudo isso. Não importa se minha família e eu compartilhamos o mesmo código genético.

É minha *família* .

Eles sempre foram amorosos e compreensivos, e, às vezes, me sinto um monstro por certos pensamentos passarem pela minha cabeça. Pelos medos irracionais que minam a confiança que *sei* que devo depositar neles e pelas inseguranças que me levam a questionar seu amor.

Mas devo a mim mesma e a Harrison conhecê-lo. Talvez eu precise fazer isso sem envolver minha família ainda. Talvez você precise começar esse novo relacionamento com a cabeça e o coração desimpedidos.

Entro na sala com as pernas tremendo e todos me olham com um sorriso.

— Senta aqui — diz minha mãe. — As meninas precisam de sua capitã de equipe.

Retribuo o sorriso e me sento ao lado da minha irmã. Afasto todos os pensamentos que me afligem. As considerações filosóficas sobre o DNA, sobre meu lugar e se meus pais me amam.

Não preciso ter o nariz da minha mãe nem ser ambidestro como meu pai para que me amem. Sei que me amam. *Sinto-o* .

Então, afasto as inseguranças e me concentro em aproveitar o feriado com minha família.

*

Mais tarde naquela noite, eu me aconchego na minha cama de infância e absorvo o ambiente familiar. Sempre fui excessiva em relação aos pôsteres na parede. Charlotte não coloca fita adesiva nos cantos, de jeito nenhum. Todos os meus

pôsteres estão emoldurados. Até o de Mollie May, uma foto de seu primeiro show ao vivo quando ela tinha 16 anos. Ela era obcecada por ela quando apareceu. Agora ela tem 20 e poucos anos e ainda estou um pouco obcecado. O último álbum dela é brutal.

Meu celular vibra com uma mensagem. Dou uma olhada e me sai um gemido de aflição.

Eles criaram uma conversa em grupo.

Esfrego minha testa e deito de bruços, desejando que houvesse uma solução simples para minha situação com Will e Beckett. Não parei de pensar naquela noite. A memória invade meus pensamentos pelo menos uma vez por hora. Meu Deus. O sexo foi alucinante.

Porém… sexo alucinante não é motivo suficiente para voltar a me sentir mal comigo mesma.

Estou prestes a excluir a mensagem, mas a curiosidade vence. Gemendo baixinho, leio as palavras na tela.

BECKETT:

Olá. É Beckett. Will me deu seu número, então criei essa conversa em grupo. Mas eu prometo que essa vai ser a única mensagem, a não ser que você queira mais. Eu só queria dizer que me entristece muito que você se sinta envergonhado, já que você não fez nada de que deveria se envergonhar. Eu (nós) amamos cada segundo que passamos com você. Você é linda, inteligente, engraçada, emocionante. Eu poderia escrever um parágrafo inteiro sobre como você é incrível. O que é dizer muito, pois não costumo fazer essas merdas sentimentais, como Larsen bem sabe. Não se critique por ter gostado. Foda-se o que o resto do mundo pensa e as pessoas que poderão te julgar. Sua faceta desregrada e destemida é o que mais gosto em você. Você é linda por dentro e por fora, Charlie. Nunca se esqueça disso.

CAPÍTULO 29

CHARLOTTE

Em um mundo desconhecido

Na terça-feira depois do Dia de Ação de Graças, de volta à faculdade, faço o impensável.

Eu falto à aula.

Na verdade, às aulas, no plural. Não só estou me atrapalhando com Política Ambiental, mas também não estou pensando em ir ao laboratório de Engenharia. A mensagem de Beckett me assombra há dias. Não quero vê-lo hoje, nem Will. Minhas emoções estão muito à flor da pele.

E que melhor bálsamo para a angústia das emoções à flor da pele do que almoçar com o irmão biológico que eu nem sabia que tinha até um mês atrás?

Talvez eu devesse ter ido às aulas.

Mas agora é tarde demais para voltar atrás. Virando a esquina do prédio, vindo do estacionamento, Harrison já está me esperando do lado de fora do Della's Diner. Ele vem agasalhado com um kispo preto e um cachecol xadrez, e tem o rosto avermelhado por causa do vento gelado. Quando me aproximo, ele me cumprimenta com um sorriso tímido.

— Alô.

— Oi.

Ficamos ali por um momento, nos olhando. Isso é… muito mais constrangedor do que eu imaginara.

— Você quer entrar? — pergunta Harrison, finalmente. Seu tom de voz bem-humorado dissipa um pouco do desconforto.

— Não sei. Achei que poderíamos ficar do lado de fora no frio — brinco. — Ressalta a intensidade do momento.

Ele ri e estende a mão para a maçaneta da porta.

Encontramos uma mesa no fundo da sala e tiramos nossos casacos, sentando-nos frente a frente.

— Eu queria um chá verde, por favor — digo à garçonete, quando ela vem anotar o pedido e deixar os cardápios.

— Eu quero um café — diz Harrison. — Obrigado.

Assim que ela se afasta, ele junta as mãos sobre a mesa. Nenhum de nós diz

nada. Voltamos a nos olhar, como se estivéssemos tentando identificar as semelhanças. Pelo menos, é o que *eu* estou fazendo.

Ele não parece uma versão masculina de mim, mas entendo as semelhanças. Temos a mesma boca. O jeito que você se curva levemente para cima nos cantos, como um sorriso zombeteiro permanente. Seu cabelo tem exatamente a mesma tonalidade preta que o meu. As sobrancelhas têm o mesmo formato, embora as minhas sejam mais finas.

Sinto lágrimas nos olhos.

Finalmente encontrei alguém parecido comigo.

Sinto minha garganta se fechar, obstruída pela emoção. Não quero chorar na frente dele. Ele pode ser meu irmão, mas também é um estranho. Não choro na frente de desconhecidos.

O silêncio se arrasta. É um silêncio pesado, sobrecarregado por tudo aquilo que ainda não sabemos expressar.

Finalmente, Harrison dá o primeiro passo.

— Desculpe ter te assustado na semana passada. Peguei um avião para Boston logo depois que você mandou a mensagem no site — admite. — Eu queria entender quem você era antes de falar com você e, assim que percebi que parecia uma pessoa normal, comecei a tentar entender *como* te abordar, mas, sempre que te via, me acovardava. — Você parece acanhado. — Juro que não sou esquisito. Eu realmente queria conhecer você, mas… hum… eu não confio em muitas pessoas. Não sabia se seria algum esquema e quis ter certeza.

— Então você tem me espionado? — pergunto, ainda processando.

Ele coça a nuca, fazendo uma careta.

— Iá. Não foi o melhor plano. Desculpa.

— Onde você está hospedado?

— Eu estava em um motel em Boston, mas agora estou aqui em Hastings. — Harrison passa a mão no cabelo. Parece macio. Eu me pergunto se será tão sedoso quanto o meu. — É uma cidadezinha legal. Suponho que você não tenha crescido aqui. Você está aqui por causa da faculdade?

Aceno em concordância.

— Eu cresci em Hamden. Em Connecticut — esclareço, diante de seu olhar inexpressivo. — E você cresceu em Nevada?

— Mais ou menos. É onde moro há alguns anos. Morei em muitos lugares diferentes quando era criança.

— Seus pais tiveram que se mudar por causa do trabalho? Ou eram militares?

— Trabalho. Meu pai adotivo estava sempre entre empregos. Nós nos mudaríamos para onde ele pudesse encontrar trabalho.

Seu pai *adotivo* . O qualificador me chama a atenção, porque nunca o usei uma vez para descrever meus pais. E é difícil não notar a entonação monótona que pontua as palavras.

— E sua mãe? — pergunto.

— Minha mãe adotiva morreu dois anos depois de me trazerem de Seul. Teve um acidente de carro.

Sua voz não expressa emoção e me pergunto se é por ser indiferente a ela ou por tê-la conhecido tão pouco tempo antes de morrer que não chegou a criar uma

conexão.

— Ela é que queria ter filhos — continua o Harrison, de expressão fechada. — Ele convenceu Brian, meu pai adotivo, a passar pelo processo de adoção depois de anos lutando contra a infertilidade. Honestamente, não acho que ele queria filhos, biológicos ou adotivos. Fez isso por ela.

E depois ela morreu e deixou-o com um filho é a insinuação implícita.

— E tu? — pergunta antes de eu poder reagir. — Como foi? A tua infância, isto é.

Reparo na tensão do seu queixo, na forma como o seu olhar está fixo nos seus dedos.

— Tive uma infância ótima, na verdade. Os meus pais são maravilhosos. Nunca me faltou nada.

Ele acena com a cabeça, mas há alguma coisa na sua expressão que me revolta o estômago.

— Que bom. Ainda bem que tiveste essa experiência.

Sinto a amargura na sua voz.

— Lembras-te de alguma coisa de Seul? Do orfanato? Eu era demasiado nova, obviamente, mas tu terias 4 anos?

— Eu me lembro de muita coisa. — Ele respira fundo, deixando o ar sair aos poucos. — Depois que você foi adotada, fiquei no orfanato por mais um ano. Crianças maiores não costumam ser tão escolhidas. A maioria das pessoas quer bebês, especialmente em adoções internacionais. E nosso orfanato só trabalhava com agências de adoção norte-americanas.

Engulo em seco, me sentindo culpada.

— Desculpa. Não sabia. Nem lembro…

— A culpa não é sua — ele me interrompe. — Você era bebê. Não pudeste escolher.

— Mas você ficou para trás. — As palavras pesam em meu coração. — Não percebo. Por que eles nos separaram? Não é habitual adotar irmãos juntos?

O olhar do Harrison se torna distante, como se ele estivesse vendo algo ao longe.

— Não sei. No começo, fiquei com raiva, quando percebi que você não estava mais lá. Os bebês estavam no térreo do prédio, então mal te vi quando fomos para lá. Eu implorava para que me deixassem ficar com você em seu berço, mas eles me obrigavam a dormir no andar de cima, em um dormitório com as crianças mais velhas. E então, um dia, eu pedi a eles que me deixassem ver você e eles me disseram que você foi adotada. Não consegui entender por que sua nova família levou você e não a mim.

Ergo as sobrancelhas.

— Você acha que meus pais escolheram não te levar?

— Você acabou de dizer: irmãos costumam ser adotados juntos. Com certeza sabiam da minha existência.

Ele tem razão. Os administradores do orfanato devem ter dito a eles, não? Só pode.

No entanto… eu realmente não consigo imaginar meus pais sabendo que eu tinha um irmão em algum lugar e nunca *me* contando. Meu instinto me diz que essa história está mal contada, mas Harrison parece convencido, continuando a

falar.

— Achei que talvez não fosse bom o suficiente. Velho demais para eles. As crianças mais velhas trazem mais bagagem, não é? Os bebês são uma folha em branco. — Ele dá de ombros. — Mas depois de um tempo, acabei aceitando. As coisas eram assim mesmo. Não podia fazer nada.

O sofrimento em sua voz é sutil, mas está lá, uma intensidade sob seu exterior calmo. Saber que, enquanto eu crescia em um lar acolhedor e cheio de amor, ele foi abandonado em um mundo frio e desconhecido faz meu peito doer.

— Eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes — digo em voz baixa.

— Então. Também eu. — Ele franze o cenho. — Nunca te disseram mesmo que você tinha um irmão?

Mordo o lábio.

— Não. Mas não acho que eles soubessem. Meus pais não são pessoas reservadas. A vida toda eles foram francos comigo, especialmente em relação à adoção. Não sei por que motivo haveriam de ser abertos em relação a tudo e nunca mencionarem este assunto.

— Talvez eles não quisessem que você fosse me procurar.

Ouço mais uma vez seu ressentimento e tento desviar a conversa. Parece território perigoso para mim.

— Você se lembra de alguma coisa dos nossos pais biológicos? — pergunto, envolvendo os dedos na caneca. — Sabe por que nos deixaram lá?

— Não sei se terá havido um "eles". Acho que nosso pai biológico nunca fez parte da equação. Até me surpreende que nosso exame de DNA tenha revelado que compartilhamos o mesmo — admite. — Lembro-me de uma série de homens entrando e saindo do nosso apartamento antes de você nascer.

— Tínhamos uma casa?

— Talvez? Tenho lembranças difusas de um pequeno apartamento. Um quarto sujo com um colchão no chão.

Sinto um aperto no coração. Parece… deprimente.

— Nossa mãe era prostituta? — pergunto, com cautela.

— Não sei. Talvez. E não me lembro de ter um pai. Não tenho ideia do nome dele. Também não sei o dela.

— Meus documentos de adoção não incluíam os nomes dos pais — digo a Harrison. — Mas suponho que faça sentido. O abandono de crianças é ilegal na Coreia do Sul, não é? Se as autoridades soubessem quem era nossa mãe biológica, ela provavelmente teria sido condenada.

— Eu tenho algumas lembranças da *Umma*… — Ele usa uma palavra coreana, que traduz diante do meu olhar vazio. — Nossa mãe. Lembro de algumas coisas dela, mas não muito. Tenho uma vaga lembrança de nos deixar no orfanato. De nos abandonar. Pegamos o ônibus, disso eu me lembro. E ela não tinha onde te colocar, então ela vasculhou um beco cheio de lixo até encontrar, tipo, um balde de plástico ou algo assim.

— Um cesto de roupa — murmuro, sentindo a mágoa revolver minhas entranhas. — Meus pais me contaram que o orfanato lhes disse que eles haviam me deixado em um cesto de roupas.

— Iá, foi isso. E tu gritavas desalmadamente. — Ele dá um sorriso forçado. — Eu tinha um bicho de pelúcia que costumava levar para todos os lugares e

colocar na sua cesta. Você estava chorando tanto e eu não sabia como te fazer parar, então eu te dei a única coisa que eu tinha para tentar te acalmar.

— Era um coelhinho azul?

Ele dá um leve sorriso triste.

— Como diabos você se lembra disso? Eras bebê.

— Eu ainda tenho, Harrison.

— Você está gozando.

— Não. Meus pais o trouxeram conosco para os Estados Unidos. — Fico olhando para ele, sentindo meu coração apertado. — *Tiger* era seu?

— *Tiger* ? — repete, com uma risada. — Na época não se chamava assim.

— Qual era o nome dele?

— *Tokki*. — Sorri. — Quer dizer «coelhinho» em coreano.

— Falas coreano? — pergunto, um pouco invejosa.

Um dos meus maiores arrependimentos é não ter deixado os meus pais obrigar-me a ter aulas de coreano quando era suficientemente jovem para aprender a língua. Desdenhava da ideia sempre que falavam no assunto. Não queria falar coreano. Parecia-me demasiado alienante. Porque haveria de falar uma língua que nenhum dos meus amigos falava? Hoje em dia, *gostava* de saber uma segunda língua, especialmente a minha língua materna.

— Mal — diz o Harrison. — Esqueci-me de muitas coisas quando vim para cá, mas ainda me lembro de algumas palavras.

— Voltaste a Seul desde que foste adotado?

— Não. — Ele ri para dentro da xícara de café. — Não tínhamos dinheiro para viajar para a Ásia. Tu voltou?

Balanço a cabeça.

— Não, mas eu gostaria, um dia. É curioso, quando eu era menina não tinha interesse em conhecer minhas origens. Meus pais queriam tanto que eu me conectasse à cultura coreana. Eles me levavam a restaurantes coreanos, liam livros sobre o país para mim, tentavam me fazer aprender o idioma. E eu sempre resisti.

— Eu também — confessa.

— Sério?

Ele acena que sim.

— Isso me fazia sentir diferente demais dos meus amigos.

— A mim também. E eu não *queria* me sentir diferente. Só queria me integrar. Mas, quanto mais velha fico, mais curiosa me torno. É por isso que me inscrevi no BioRoots. Nesses últimos anos, senti a necessidade de respostas. Queria saber *por que* minha mãe me abandonou. Onde ela está agora? Onde está meu pai? Terá morrido?

Harrison dá uma risada forçada.

— E eu não ajudo em nada, não é? Não posso te dar uma única resposta.

— Talvez não haja — digo, suspirando. — Talvez nunca saibamos por que fomos deixados naquele orfanato. Ou, um dia, talvez tenhamos outra correspondência de DNA. Talvez descubramos uma tia ou primo que possa nos educar sobre a decisão de nossa mãe biológica de nos abandonar, sobre a identidade de nosso pai biológico.

— E se for a primeira hipótese? Nunca chegarmos a saber?

Penso um pouco.

— Pelo menos obtivemos *algo* dessa demanda, não? — Sorrio tímida. — Um ao outro.

A garçonete volta nesse momento, perguntando se estamos prontos para pedir, mas estávamos tão absortos na conversa que nem olhamos os cardápios. Quando o Harrison pega uma, as mangas deslizam dos pulsos até os cotovelos, mostrando seus antebraços. Meu coração para.

Isso são queimaduras de *cigarro* ?

Ele não percebe que estou olhando para suas cicatrizes e, quando começa a erguer o olhar, eu apressadamente abaixo o meu para o cardápio, fingindo examiná-lo.

Quando pouso o cardápio, as mangas do Harrison estão no lugar de novo.

Meu Deus. Não consigo pensar em nenhum outro motivo para andar por aí com o que parecem ser queimaduras de cigarro antigas nos braços. Ou seja, nenhuma razão a não ser violência. Quero perguntar a ele. Quero estender a mão para ele, consolá-lo, mas não o conheço o suficiente para fazer uma coisa dessas. Parece que estamos em lados opostos de um abismo, ligados pelo sangue, mas separados por todo o resto.

— Eu ainda não acredito que você guardou *Tokki* todos esses anos — ele diz, admirado, depois que a garçonete se afasta.

Fico com os olhos rasos de lágrimas e pisco rapidamente para impedir que caiam.

— Guardei porque me fazia sentir segura. E porque era a única conexão com minhas origens.

— Que bom que ajudou. Desculpa não ter podido te dar mais que isso. — De repente, sorri. — Na verdade, talvez *eu possa* te dar outra coisa. Você se lembra do seu nome coreano?

Prendo a respiração.

— Eu nem sabia que tinha um. Meus pais me mostraram todos os documentos da adoção quando eu era crescida o suficiente para ler e entender, e meu nome aparecia como 'Menina', seguido por um número.

— É Hae-Won.

Sou incapaz de conter as lágrimas. Uma barragem de emoção transborda em meu peito. Eu tenho um *nome* original.

Mesmo que… o que quer que isso seja com Harrison… mesmo que eu exploda minha cara como uma supernova, terá valido a pena pelo presente que ele me deu.

— E o seu? — pergunto, através do enorme nó em minha garganta.

— Ki-jung. — Em seu olhar vejo um misto de desconforto e tristeza. — Mas não gosto que me chamem assim.

— Por quê?

— Porque não é quem eu sou. Ki-jung é o garoto cuja mãe não o quis. — Ele dá de ombros, voltando a pegar o café. — Foi Harrison quem sobreviveu a tudo o que aconteceu depois.

A dor penetra meu coração. Suas palavras confirmam que ele não teve uma boa infância, embora as queimaduras de cigarro já tivessem me dito isso.

Vendo minha expressão, sua se atenua.

— Está tudo bem, Charlotte. A culpa não foi sua.

Mas não me parece justo. Eu tive direito a tudo, enquanto ele obviamente recebeu tão pouco. Embora seja ele quem me consola.

— Eu gostaria de poder mudar as coisas — digo, minha voz tremendo.

Ele estende o braço, e sua mão paira no ar um momento antes de pousar delicadamente sobre a minha.

— Escute, não podemos mudar o passado, mas *podemos* começar de novo. Nos conhecer como irmãos. Se você quiser.

Aceno que sim, afastando uma nova onda de lágrimas.

— Gostaria muito.

*

Quando volto para Delta Pi, o peso do encontro parece me esmagar. Corro para chegar no quarto e acabo fazendo outra coisa inédita: dormir o resto do dia.

Por volta das sete horas, acordo faminta e desorientada. Desço as escadas e faço o jantar, comendo na sala de jantar com Dana e outras pessoas. Quando, mais tarde, passo pela sala de estar, ouço vozes e sinto o cheiro familiar de pipoca, que costuma me fazer sorrir. Agatha pode querer manter a casa estéril e fria, mas não pode impedir as noites de cinema.

Normalmente, eu colocaria uma roupa confortável e me juntaria às meninas para uma maratona de comédias românticas, mas esta noite, quero desaparecer de volta no meu quarto e esquecer tudo.

Faith chega em casa por volta das nove, após uma aula tardia na faculdade. Ele espia para o meu quarto e me vê abraçada ao meu coelhinho, *Tiger* . Não, o *Tokki* . A lembrança traz lágrimas aos meus olhos, fazendo os seus se inundarem de preocupação.

— Você está bem? Como foi que foi?

Deito de barriga para cima, encostando *Tokki* na clavícula.

— Devastador. Foi devastador.

— Ah, não. O que é que aconteceu?

Ela franze a testa e se senta ao meu lado. Gemendo, me curvo em sua direção e pouso a cabeça em seu colo.

Evito seu olhar preocupado, olhando para o teto. Tento organizar o pensamento, mas tudo me parece confuso e complicado.

— Conversamos — digo, por fim. — Sobre a vida dele, sua infância. Foi difícil ouvir. Quer dizer, eu sempre soube que tive sorte ao ser adotado pela família Kingston, mas ele realmente teve azar. Sinto que ganhei na loteria e ele saiu prejudicado.

— Merda.

— Então.

A Faith fica em silêncio, deixando-me desabafar os meus pensamentos sem interromper. É uma das coisas de que mais gosto nela, sabe quando deve deixar-me falar.

— Não consigo parar de pensar nisso. O Harrison ficou no orfanato mais um ano depois de eu ser adotada. E, durante esse tempo todo, eu estava com a minha família, que me amou e cuidou de mim… Quando finalmente foi adotado,

passou apenas dois anos com a nova mãe antes de ela morrer num acidente.

— Merda — diz ela, outra vez.

— É tão injusto. E eu sinto-me tão culpada, como se devêssemos ter sido ambos adotados ou nenhum.

A Faith aperta-me a mão.

— Não. A culpa não é tua. Não escolheste ser adotada pelos Kingstons.

— Por que não o levaram também? — mordo o lábio. — Ele acha que eles deveriam saber que eu tinha um irmão e tomaram a decisão consciente de não adotá-lo.

— Talvez. — Como eu, Faith não parece convencida. — Mas seus pais são tão… saudáveis. Não consigo imaginá-los mantendo seu irmão em segredo.

— Eu também acho — admito.

— Você vai perguntar a eles sobre isso?

— Mais cedo ou mais tarde. Embora signifique contar a eles que entrei em contato com Harrison, e não me sinto pronto para isso agora.

— Você ainda acha que eles vão ficar chateados?

— Acho. Mas, acima de tudo, eu não quero... — Tento expressar o que estou sentindo. — Influências externas, vai, que afetem esse processo com Harrison. Hoje foi constrangedor e doloroso e emocionante, e mil outras coisas que nem consigo processar no momento. Quero ser capaz de me concentrar em criar um relacionamento com ele, se for possível, sem me sentir sobrecarregado pelos sentimentos dos outros. — Suspiro. — Você acha que eu sou uma pessoa horrível?

— Claro que não. É sua vida, amiga. Sua história, seu futuro. É você quem decide como vivê-la e quando contar para sua família.

— Não consigo deixar de pensar em como a vida dele teria sido diferente se minha família também o tivesse adotado. Eu não teria passado por todo aquele sofrimento e solidão.

— A história dele é difícil de ouvir, sem dúvida, mas você não pode assumir essa responsabilidade. Não cabe a você. O que aconteceu não foi algo que você ou ele pudessem controlar. Ambos eram crianças e foram os adultos que tomaram as decisões.

— Eu sei, mas não me impede de me sentir assim. Como se eu tivesse tudo e ele nada.

— Isso não é verdade. Você não ganhou na loteria. Ambos tiveram experiências diferentes e agora estão tentando descobrir como viver com isso. Juntos, preferencialmente. Se é isso que você quer.

Assimilo suas palavras.

— Parece avassalador.

— Eu sei. Mas você não está sozinha. E nem Harrison, agora que ele encontrou você.

— Não sei o que fazer.

— Ele dá um passo de cada vez. Você já deu o primeiro passo ao se encontrar com ele, ao ouvi-lo. O resto virá.

Sinto algum peso sair dos meus ombros.

— Você tem razão. Um passo de cada vez. — Deitada em seu colo, sorrio para ele. — Obrigada. Estou obcecada por nossa amizade.

Ela sorri.

— Sempre às ordens. Dito isso, tenho um *reality show* horrível para assistir que está realmente pedindo comentários maldosos. Tá nessa?

— Sempre.

CAPÍTULO 30

CHARLOTTE

Não penses demais

Acordo na manhã seguinte ainda sentindo a tensão de tudo o que aconteceu com Harrison. Faith está certa, não posso mudar o passado, mas isso não impede que eu me sinta culpada.

Chego mais cedo do que o normal ao prédio de Ciências Ambientais, porque Agatha quer falar sobre um de nossos futuros membros. Ela e Ciara já estão me esperando no saguão, com dois copos de café na mão e cachecóis de caxemira sobre os casacos de grife abertos.

Dispo o casaco ao me aproximar das duas mulheres. Agatha dá uma olhada na minha roupa e eu resisto à vontade de me contorcer de insegurança. Meu cardigã rosa com botões de pérola combina perfeitamente com minha saia cinza, e meu cabelo está preso em um coque perfeito sem um fio de cabelo fora do lugar. Não há nada que eu possa criticar, porém, a maneira como ela franze o nariz me faz sentir como se estivesse vindo vestida com trapos esfarrapados.

— Minha Protegida é *tão* servil — queixa-se Ciara, nossa colega da república, para Agatha. — Estou sempre encorajando-a a ser mais proativa e a defendê-la na frente dos professores, mas ela tem muito medo de se destacar. A professora de Psicologia deu nota 13 no exame intermediário e ela se recusa a contestar a nota.

Olho para Ciara.

— Talvez você ache que a nota seja merecida.

— O que isso importa? Uma Delta Pi não pode ter um 13. — Ciara parece irritada.

— Um assunto mais urgente é minha Protegida — diz para Agatha, pegando o celular. — Charlotte, você viu isso?

Estou quase vendo o que é quando uma rajada de ar frio irrompe pelo saguão. Meu coração acelera ao ver Beckett entrar no prédio e se dirigir a nós, com seu metro e oitenta. É o epítome do atleta bonzão. Os ombros largos, uma pele que fica bronzeada depois do verão e uma passada indolente e confiante que faz com que todos os outros pareçam desaparecer.

— Bom dia, meninas — diz, devagar.

Ele esboça o mesmo sorriso que precipitou minha pulsação para outras dimensões na noite em que fui à casa dele. Meio sacana, meio sedutor. Sinto Agatha revirar os olhos antes mesmo de fazer isso.

Ela não responde, continuando a olhar para o celular.

Ciara tem a graça de ser educada.

— Bom dia.

— Bom dia — murmuro.

Finjo não saber como é seu corpo nu, pois sou imatura a esse ponto. Qual é o mal se a memória do seu corpo encostado no meu está gravada no meu cérebro? Não significa que vou cumprimentá-lo em público como se fôssemos velhos amigos.

Porém, me dói entender como Agatha e Ciara conseguem olhar para um cara como Beckett sem babar. Esses atletas, especialmente os caras do hóquei… têm corpos que são loucos. Os caras do futebol são robustos demais para o meu gosto porque, decididamente, podem ter músculos demais. Os caras do lacrosse e da natação são muito esguios e tonificados. Mas o corpo dos jogadores de hóquei… é outra coisa.

Em vez de prosseguir para o nosso auditório, o Beckett insiste.

— Então e qual o plano para o fim de semana? Alguma festa de arromba que eu deva saber?

Desta vez, Agatha nem se preocupa em esconder seu desdém. Você lança um olhar para ele (uma mistura perfeita de aborrecimento e rejeição) e volta a prestar atenção no celular, como se ele nem estivesse ali.

O Beckett ri, totalmente indiferente ao seu desprezo.

— Sabe, você deveria fazer um esforço para sorrir mais, Agatha — ele diz. — Seu sorriso é absolutamente esplendente, ilumina tudo ao seu redor.

Eu olho para ele com os olhos semicerrados. Esplendente?

— Vamos, meninas. Vamos entrar — diz a Agatha, afastando-se da parede. — Podemos falar sobre as Protegidas depois da aula.

Enquanto minhas colegas da república vão entrando, eu me afasto de Beckett e finjo prestar atenção no celular.

— Eu vou agora. Tenho uma ligação perdida da minha mãe. Preciso ligar para ele.

Levo meu celular ao ouvido e espero até as portas do auditório se fecharem. Então me aproximo novamente de Beckett, que não se mexeu de seu pouso encostado na parede.

— Você está lendo *A Virgem e a Espada* ? — pergunto.

— Eu não tenho ideia do que você está falando, garota.

— Você está mentindo. Ninguém usa a palavra *esplendente* a menos que esteja lendo *A Virgem e a Espada* !

— Mais uma vez, você está me confundindo com outra pessoa.

— Você é tão mentiroso.

Enquanto nos dirigimos para a aula, ele me olha de lado.

— Você está bem? Você parece diferente.

A sua análise surpreende-me, pois achava que estava a ser bem-sucedida a disfarçar as minhas emoções. O Beckett é muito mais perspicaz do que parece.

— Estou ótima. — Chegamos à porta da sala, mas a minha mão hesita na

maçaneta. Deixo-a cair, mordendo o lábio inferior. — Não, estou a mentir. Não estou bem.

Ele põe-se imediatamente ao meu lado, com a testa franzida demonstrando preocupação.

— O que é que se passa?

— Lembras-te de vos ter contado sobre o meu irmão biológico e de ele não me ter respondido à mensagem?

O Beckett acena que sim.

— Bem, ele encontrou-me. Pessoalmente.

— Uau. Isso é brutal.

— Eu sei — digo, sentindo um peso em meus ombros novamente. — Nos encontramos e foi intenso. Não sei lidar com isso. Se conte aos meus pais que estive com ele. Se *continue* me encontrando com ele. É muita coisa para digerir.

Beckett me analisa por um momento.

— Você está me pedindo conselhos?

— Talvez. Não sei. É só muita coisa para processar.

Ele dá uma risada triste.

— Bem, eu não sou a pessoa certa. Sou uma merda dando conselhos. Diria que você deveria arranjar uma distração.

— É isso que você faz? Quando as coisas ficam muito pesadas?

— Basicamente, sim. Eu arrumo alguma coisa, ou alguém, para me distrair. O hóquei. Sair com amigos. Tu.

O tom sugestivo de sua voz me faz corar. Felizmente, sou salva pela professora, que entra no auditório com a pasta na mão.

— Bom dia — diz.

— Bom dia — repito, antes de olhar para Beckett. — Obrigada pelo conselho. De certa forma.

— Sempre às ordens. — Sinto seu olhar em minhas costas enquanto sigo a professora para dentro da sala.

Sento no meu lugar ao lado de Nikki e saco meu laptop. O Beckett senta no seu lugar um minuto depois. Desta vez, quando sinto o olhar de alguém se cravar em mim, é Mitch, que eu pego franzindo a testa quando olho por cima do ombro. Mal posso *esperar* para que este semestre acabe. Política Ambiental é uma merda danada.

Quando a aula começa, tento me concentrar no conteúdo, mas meus pensamentos, e meu olhar, estão constantemente se desviando para Beckett. Fogo, há algo nesse cara. Qualquer coisa que me deixe simultaneamente à vontade e completamente desequilibrada.

Depois da aula, Mitch espera Nikki sair da nossa fila e vem até mim, bloqueando minha passagem.

— Podemos conversar?

Engulo um suspiro. Do canto do olho, vejo Beckett se demorar para arrumar as coisas, enfiando-as dentro da mochila a passos de tartaruga. Você está perfeitamente ciente de mim e Mitch.

— Sobre o quê? — pergunto ao meu ex.

— Podemos ir a algum lugar? Ao Coffee Hut? À minha residência?

Quase desato a rir. À residência dele? Ele é doido?

— Desculpa, não posso. Estou indo para o laboratório para trabalhar no meu projeto. Diga logo o que está acontecendo, Mitch.

Ele olha na direção do Beckett, que caminha agora pelo corredor.

— Mitch — digo, impaciente.

— Quer saber? Esquece — resmunga, encaminhando-se furioso para a saída como se eu tivesse feito alguma coisa que o ofendesse. Se fiz, não quero saber. Não estamos mais juntos. Nem somos amigos.

Beckett me intercepta na porta.

— Você está com pressa? — murmura.

— Na verdade não — digo, apesar do que disse a Mitch. O laboratório estará no mesmo lugar em cinco minutos. — Por quê?

— Só queria dizer que posso não ser bom na parte de dar conselhos, mas... — Ele dá de ombros. — Sou ótimo quando se trata de distrações.

A tentação volta. O desejo profundo e implacável que sinto sempre que estou perto dele. Ou do Will. Ou de ambos. Disse a eles que não aconteceria novamente. Achei que quanto mais tempo passasse, menos eu pensaria neles.

Mas estou *sempre* pensando neles.

— Estou começando a entender você, Charlie — ele continua, curvando os lábios em um sorriso. — Você é como Will. Você pensa demais. E, nesse momento… você parece precisar de uma pausa desse pensamento todo.

Engulo, sentindo minha boca seca. Você deveria sair daqui.

Em vez disso, pergunto:

— O que você sugere?

O desejo atravessa sua expressão.

— Anda comigo.

A próxima coisa que sei é que estamos entrando em uma despensa vazia no final do corredor. A porta se fecha atrás de nós, nos envolvendo na penumbra.

— O que estamos fazendo aqui, garoto do gelo? — Minha voz soa rouca aos meus ouvidos.

— Depende, delícia de açúcar.

— Do quê?

— De você me pedir para te beijar.

A despensa fica terrivelmente silenciosa, com sua pergunta não formulada pairando entre nós. A única coisa que ouço é minha respiração baixa e coração acelerado.

— Me beija — sussurro.

O Beckett não perde tempo. Ele me puxa para si, encerrando meus lábios em um beijo lento e fogoso que envia uma descarga de eletricidade por todo o meu corpo. Alguém pode entrar a qualquer momento, mas eu não me importo. A única coisa que consigo pensar é como é bom me perder no momento.

O beijo adensa-se, a sua língua enreda-se na minha e gemo contra a sua boca, entregando-me. As suas mãos estão por todo o lado. A avidez do beijo deixa-me a cabeça a andar à roda. É tão escaldante e excitante como da primeira vez e de todas as outras vezes na minha primeira noite com ele e com o Will.

Quando finalmente nos afastamos, ofegantes e ruborizados, o Beckett sorri.

— Estás a ver? Às vezes, uma distração não é má ideia.

De súbito, a minha boca faz um trejeito de tristeza ao ocorrer-me um

pensamento. Ele repara, acariciando-me a testa com o polegar.

— O que é que se passa?

— O Will ficaria chateado, se soubesse que estamos aqui enrolados?

— Ele não se iria importar. — O Beckett aproxima-se, roçando os lábios no lóbulo da minha orelha e sussurrando: — Gostamos de partilhar, lembras-te?

Sinto um arrepio na espinha. Essa é a coisa mais transgressora que eu já imaginei fazer. A empolgação é inegável, mas, ainda assim, a confusão volta a se instalar.

— Eu preciso te fazer uma pergunta. — A voz do Beckett fica surpreendentemente terna.

Engulo em seco.

— O quê?

— Quando você pensa naquela noite… quando você pensa em nós dois… te beijando, te tocando… como você se sente?

Não respondo.

— Como você se sente? — repete.

— Excitada — confesso. Então eu gemo baixinho. — Mas eu não sei lidar com isso. Vocês vivem dizendo que não é nada de especial, mas fico confusa por me sentir atraída pelos dois.

— Para nós, não é nada de especial. E você não precisa lidar com isso, Charlie. Deixa ser o que é. Sem regras, sem expectativas.

Olho para ele com o coração acelerado. Parece tão simples quando ele coloca as coisas nesses termos, mas, na realidade, eu sei que não é.

— E se alguém se machucar?

— Lidamos com isso quando acontecer. Mas agora aproveita. Não pense demais.

Eu aceno que sim, mesmo com os pensamentos se precipitando. Estou fora da minha zona de conforto, mas não posso negar o quanto quero isso. O quanto eu quero estar com eles novamente. Os limites começam a se confundir e me sinto apavorada pelo que pode acontecer.

Minha pulsação acelera quando Beckett se aproxima da porta… e a tranca. Ouvindo-me prender a respiração, ele olha para mim com um leve sorriso.

— Talvez não queiramos ser interrompidos nessa parte.

Respiro com dificuldade.

— Qual parte?

Ele aproxima-se de mim e estremeço ao sentir os seus lábios roçar-me o queixo. A sua boca paira sobre a minha.

— A parte em que te faço vir.

Antes de conseguir pestanejar, ele põe-se de joelhos. Inclina a cabeça para trás, olhando para mim, aguardando o meu sinal.

Reajo abrindo as pernas.

Ele sorri.

— A sério? Nem um protesto a fingir?

— Não. Eu quero fazer isto.

Ele pousa as mãos nas minhas coxas, roçando-me a bainha da saia com a ponta dos dedos. Não sei se será da forma como as suas mãos sobem lentamente pelo meu corpo ou do desejo que lhe inunda o olhar, mas cada milímetro do meu

corpo está completamente desperto, expectante. Ele move os dedos mais para cima e enfia-os sob a minha saia, roçando a pele macia do interior das minhas coxas, fazendo-me suspirar.

O Beckett abre um sorriso brincalhão. Ele sabe exatamente o que está fazendo comigo.

Mas eu também tenho uma ou duas jogadas.

— Não sei se você estaria me provocando desse jeito — aviso —, se soubesse o que está perdendo.

Sorrindo, subo minha saia inteira para que ele possa ver minha calcinha.

Sua resposta em forma de gemido incendeia o ambiente no espaço apertado.

— Oh, meu Deus. Eles têm um lacinho.

— Não, não. Eles têm dois lacinhos.

Toco a lateral do elástico, mexendo nos lacinhos de seda rosa.

— Você vai acabar comigo — murmura. — Você me matou, Charlotte.

— Não morra ainda. Deixa eu gozar na sua cara primeiro.

Ele dá uma grande risada.

— Fogo. Não acredito que fiquei sentado duas fileiras na sua frente um semestre inteiro sem nunca conhecer esse seu lado. Porque você se esconde?

— É uma necessidade social.

— Bem, é um desperdício. Gosto dessa Charlotte.

Ele acaricia minhas coxas, mandando uma onda de calor pelo meu corpo todo. Depois, afasta a virilha da minha calcinha, me expondo.

O Beckett murmura um som de aprovação.

— Foda-se. Tão linda, garota. Posso beijá-la?

Aceno que sim sem dizer uma palavra.

Ele se aproxima, mas não faz nada, deixando seus lábios pairar sobre minha pele, tão perto, mas insuportavelmente longe.

— Beckett... — sussurro, com uma voz quase inaudível, mas ele pode me ouvir.

Quando encosta a boca no meu centro, sou percorrida por um arrepio de prazer. Quero fechar os olhos, me perder no momento, mas não consigo deixar de olhar para ele. Para o jeito que você olha para mim, como se eu fosse a única coisa que importa.

E talvez seja isso que me atrai nele, o jeito que ele me faz sentir. Como se pudesse largar tudo, como se não fizesse mal ser egoísta por instantes. Ficar só aqui, com ele, assim. Ele e Will são tão bons em me fazer sentir coisas que eu não sabia que podia sentir, me fazendo esquecer todo o resto.

— Você não pode fazer barulho — ele avisa, encostado na minha pele quente.

Então ele começa a me lamber.

Lambendo, beijando, chupando e provocando até eu mal conseguir ficar em pé. Vejo você me dando prazer. Ele é tão concentrado, tão dedicado a me fazer sentir bem, como se esse fosse o único lugar que ele quisesse estar e a única coisa que ele quisesse estar fazendo.

Quando ele pega meu clitóris entre os lábios e passa delicadamente a língua, fico com os joelhos tremendo. Quase caio para o lado, mas ele coloca uma mão na minha cintura, me segurando.

— Eu te seguro. Continua esfregando assim na minha cara. Isso, garota. Isso mesmo.

Sinto todo o meu corpo tenso e quente. O meu clítoris lateja dolorosamente, pulsando quando ele lhe passa a língua à volta. Uma mão forte mantém-me encostada à parede. A outra move-se entre as minhas coxas, penetrando-me com dois dedos. Movo-me contra a sua boca ávida e recebo cada gota de prazer que tem para me dar, estremecendo quando o orgasmo finalmente chega. O Beckett continua onde está, acariciando-me a coxa, penetrando-me com os dedos de forma indolente até, por fim, me dar um último beijo e levantar-se.

Ele lambe os lábios.

— Foi uma delícia.

Quando reparo na ereção apertada dentro das suas calças, sorrio e estendo-lhe a mão.

— Isso parece doloroso. Queres ajuda para tratar disso?

— Não é preciso. Estava a tentar distrair-te *a ti*, lembras-te?

— Que aula você tem a seguir?

— Desenvolvimento Sustentável. Por quê?

Levanto uma sobrancelha.

— Como você vai prestar atenção em Desenvolvimento Sustentável com essa coisa dura na calça?

Ele abre a boca para responder, mas já estou desapertando seu zíper, puxando sua calça e sua boxer para baixo. Seu pênis fica exposto, grosso e ereto. O desejo me percorre, incitando-me a ficar de joelhos e envolvê-lo com os dedos. Quando coloco na boca, ele geme e agarra meu cabelo.

Dou-lhe uma lambida longa e minuciosa antes de olhar para ele.

— Tenho que estar no laboratório daqui a pouco — digo, enfiando-o na boca.

— Esse é o seu jeito de dizer que quer que eu foda sua boca com força e rápido?

Sorrio em torno do seu membro, murmurando assentimento. Ele volta a gemer e dá-me exatamente o que pedi, enfiando o pénis na minha boca uma e outra vez, fletindo as ancas, segurando-me na cabeça para me guiar ao longo da sua extensão. Não estou à espera de que aguente muito tempo, e não aguenta.

— Caramba, nunca ninguém me fez vir tão depressa como tu — diz, com os dentes cerrados, e delicio-me com a sensação de satisfação, eufórica de poder feminino, enquanto ele ejacula para dentro da minha garganta. Engulo o sabor familiar que fez o meu sangue arder de desejo no fim de semana passado.

Ofegante, levanto-me e ajeito a saia e o cabelo. Reparando que ele continua ereto, faço-lhe uma carícia sedutora. Ele olha para as minhas unhas de manicura francesa à sua volta e para a gota de sémen ainda na ponta.

— Miúda — diz, com malícia no olhar. — O que achas de seres modelo de mãos?

— O quê?

— Acho que Will deveria saber o que perdeu.

Um sorriso malicioso surge no meu rosto.

— Você é mau.

— Acredite, ele vai gostar.

O Beckett tira o celular do bolso e abre a câmera. Enquanto ele foca meus

dedos, espalho o sêmen sobre seu pênis. Depois de tirar a foto e enviá-la, arrumamos nossas roupas da melhor maneira possível e saímos da despensa, felizmente, para um corredor vazio.

Em poucos segundos, ambos os nossos celulares apitam.

WILL:
Fooooooda-se. Espero que saibam que vocês dois serão punidos por essa tortura.

Olho para Beckett.

— Ele é muito mais intenso do que eu pensava.

— Ah, acredita. Não há muitas pessoas que conhecem o verdadeiro Larsen.

Desconfio que tenha razão. Começo a criar uma imagem mental do Will. Ele é muito mais do que o típico atleta americano descontraído que mostra ser. Por detrás do seu sorriso bonito está um homem cujo olhar insaciável me devorou quando estava nua na sua cama.

Apercebo-me de que também ele é uma cebola gira. São os dois. Pois tenho a leve suspeita de que o Beckett não é tão descontraído como *parece*. E que se preocupa muito mais do que aparenta.

A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES

CAPÍTULO 9

JAMAIS ME CONQUISTARÁ

As paredes frias da Torre de Londres se erguiam em torno de Elizabeth como uma prisão. O frio úmido atravessava seu vestido, outrora magnífico, enquanto ela se encontrava sentada em seus aposentos mal iluminados com uma postura majestosa desafiadora apesar das correntes que prendiam seus pulsos. Perdera a coroa, a cidade tombara e, no entanto, seu espírito permanecia inabalável.

A porta rangeu ao abrir e o ar mudou quando Alexandre entrou no quarto. Dessa vez ele não vestia a armadura, apenas uma simples túnica e um manto, mas sua presença era tão imponente como sempre. Seu exército conquistador havia invadido Londres, sua bandeira agora estava hasteada sobre o palácio.

Apesar da vitória, não havia triunfo em seu olhar ao contemplar a rainha deposta.

— Isabel — disse, com a autoridade de um rei que conquistou impérios. — Não precisa ser assim.

Ela ergueu o queixo.

— É assim porque eu quis — cuspiu, a voz firme carregada de veneno. — Você pode ter tirado minha cidade e meu trono, mas nunca terá minha lealdade. Sou rainha da Inglaterra. Jamais me ajoelharei diante de você.

Alexandre se ajoelhou na frente dele, não por submissão, mas por um motivo mais profundo. Estendeu as mãos para as correntes que prendiam Isabel, porém não as tocou, deixando a mão pairar sobre seus pulsos acorrentados como se o mero ato de estar perto dela fosse suficiente para desfazer os aros de ferro.

— Você tem que ser sempre tão orgulhosa? — perguntou, baixinho, procurando seu olhar. — Seu orgulho vale tudo isso? A torre, as correntes, a cidade destruída?

Os lábios de Isabel se curvaram em um sorriso amargo.

— Orgulho? Não compreende, Alexandre. Não se trata de orgulho, mas de dever. De amor pelo meu país, pelo meu povo. Prefiro morrer agrilhoada do que viver submissa.

O olhar de Alexandre ensombrou-se, não de raiva, mas… de admiração. Ela era exatamente como lhe haviam contado: irredutível, feroz, tão acutilante como uma espada forjada na guerra. E, contudo, aqui, no silêncio da torre, longe do olhar do mundo, Alexandre via a mulher sob a coroa, uma mulher cuja força o cativara desde o momento em que a vira pela primeira vez, uma mulher cuja

esplendente presença o deixava sem fôlego.

— Posso obrigá-la. Posso ordenar-lhe que se ajoelhe aqui e agora, e roubar-lhe o seu reino para sempre.

— Pode tentar — retorquiu. — Mas falhará. Pode conquistar nações, Alexandre, mas jamais me conquistará.

Ele estendeu a mão, tocando seu rosto. Ela ficou tensa, aguardando seu próximo passo.

— Não quero conquistá-la, Isabel — disse ele, com a voz bruta. — Quero que governe ao meu lado. Como minha semelhante. Como minha rainha.

A vulnerabilidade de suas palavras a pegou desprevenida. Isabel esperara arrogância, exigências, talvez até crueldade.

Mas isso não. Esta súplica inesperada. A mão dele, ainda em seu rosto, era terna e, por alguns instantes, Isabel se permitiu senti-la. Ele se permitiu imaginar um destino diferente, um destino em que pudessem se unir, dois dos maiores governantes que o mundo já viu.

Mas foi apenas uma fantasia fugaz.

Convicta, ela respirou fundo e se afastou. As correntes frias tilintavam baixinho ao se libertar do toque de Alexandre.

— Tal implicaria trair tudo o que defendo. Virar costas ao meu povo, à minha coroa, à *minha própria alma*. Não sou um prémio que possa ser ganho.

— É, é muito mais do que isso. É a mulher mais extraordinária que já conheci. É por isso que a quero ao meu lado; não como prémio, mas como parceira.

— Parceira? — ridicularizou. — Que parceria poderia existir entre o conquistador e a conquistada?

Ele não respondeu logo. Em vez disso, aproximou-se até o seu rosto ficar a meros centímetros do de Isabel. A sua presença era inebriante, poderosa, e, no entanto, havia uma delicadeza nele que desconhecia.

— Basta dizer e liberto-a. Deixarei a cidade, abandonarei Inglaterra e não voltarei jamais. Terá o seu trono, o seu povo e a sua liberdade.

Isabel perdeu o fôlego. Seria possível? Poderia ser verdade? Você realmente iria embora?

— Farei tudo isso… por uma noite em seus aposentos.

Isabel arregalou os olhos.

— Uma noite no calor de sua cama e no ardor úmido de sua bainha. Conceda-me este desejo e eu lhe devolverei a Inglaterra.

CAPÍTULO 31

BECKETT

Não tem de que. Acabei de salvar sua relação

É noite de sexta-feira e estamos todos enfiados no vestiário dos visitantes, desejando estar jogando em casa. St. Anthony's é uma escola da Primeira Divisão, mas não tem as mesmas condições de Briar. Pelo amor de Deus, Garrett Graham construiu para nós instalações de hóquei novinhas em folha. Comparativamente, a arena St. Anthony's é uma barraca.

A única coisa boa desta noite é que nossa leal equipe de filmagem, finalmente, desapareceu do mapa. A assistente do pai de Will informou ontem à noite que a Capitol TV já tem todas as imagens e entrevistas que queria, o que significa que podemos parar de nos preocupar com alguém poder acidentalmente filmar nossos pênis enquanto nos vestimos.

O treinador chega à frente do vestiário, preparando-se para vociferar as cerca de dez palavras que, geralmente, constituem seus «discursos motivacionais». Shane e eu começamos a apostar no número total de palavras que você dirá. A aposta acima/abaixo de hoje é doze. Eu aposto abaixo, então realmente espero que seja um discurso breve.

— Essa noite se concentrem. Estamos prestes a vencer em nossa divisão. Não estraguem tudo.

Treze palavras.

Cabrão.

Shane enfia um dedo no meu flanco. Estou usando o equipamento de proteção, então, mal sinto isso. Mas sinto a presunção que emana dele. Shane é um vencedor imbecil.

Enquanto caminho sobre os protetores de lâmina em direção à porta, o treinador me intercepta.

— Dunne, esta noite eu quero você em marcação cerrada ao Palecki. Ele é um problema.

— Combinado, míster.

Mantenho minha promessa. Sempre que Nathan Palecki sequer respira perto do disco, eu estou em cima dele. O jogo acaba sendo uma surra maior do que qualquer um de nós havia antecipado. Achamos que venceríamos por pelo

menos um ou dois gols, mas saímos de St. Anthony's naquela noite sentindo que demos a surra do século.

Pontuação final: 6–1.

Só quando estamos nos preparando para voltar de ônibus para Briar é que volto aos meus pensamentos. Até este momento, tive meu cérebro ocupado por uma série de distrações. Agora, nada me impede de pensar no que aconteceu essa semana com Charlie.

No sentido de que eu não deveria ter me enrolado com ela.

Devia tê-la consolado.

Porque era o que ela estava procurando naquela manhã. Consolo. Eu queria conselhos, apoio emocional, e, em vez de dar isso a ela, pensei em sexo.

Sexo é mais fácil que sentimentos. Assim que as coisas ficam muito sérias, tenho o incrível poder de dar leveza a elas com alguma sedução e muita língua.

No entanto, há muito tempo não sentia a tentação de estabelecer um relacionamento com alguém em um nível mais profundo. Quando Charlie confessou se sentir sobrecarregada e temerosa quanto a como lidar com a situação do irmão, eu fiz o que sempre faço: recorri à distração.

Ouço Ryder rir baixinho. Estamos sentados um ao lado do outro perto da parte de trás do ônibus comigo fingindo não notar as mensagens obscenas que ele está enviando para a mulher. E nem me faça comentar o quão bizarro é dizer uma coisa dessas. A mulher dele. Quem é que se casa na faculdade?

— Escute — digo, tocando seu braço.

— Hum?

— Deixa eu te colocar uma hipótese.

Com a testa franzida, Ryder desliga a tela do celular.

— Está bem.

— Você acha que Gigi é o amor da sua vida, né?

— Não, eu sei que Gigi é o amor da minha vida.

Não há presunção em suas palavras, apenas uma certeza calma.

— OK, suponhamos que Gigi esmague seu coração entre os dedos e arranque sua alma do corpo…

— Espera, ela é um demônio?

— Não. Apenas te machuca. Isso te destrói e depois te abandona.

Ryder dá uma risada seca.

— Essa realidade é deprimente, meu.

— Eu sei. Mas digamos que acontecesse. — Empurro o interior da bochecha com a língua, me mexendo desajeitadamente no assento. — Você seria capaz… enfim… de tentar de novo? Com outra pessoa?

Ele responde com silêncio. Me olhando fixamente. É tão inquietante que sou forçado a desviar o olhar, fingindo grande interesse no assento à minha frente, onde Will está sentado ao lado de Case. Shane está do outro lado do corredor ao lado de Nick Lattimore, que está especialmente mal-humorado esta noite. O bacano apareceu há bocado com ar de que alguém lhe agrediu o cachorro.

Algumas conversas são ouvidas nas filas da frente, mas, no geral, o ônibus está quieto.

Os olhos do Ryder, geralmente semicerrados, piscam confusos e depois preocupados.

— Beck… é uma situação hipotética ou você está me pedindo conselhos?

— É... — Engulo em seco, percebendo que deveria ter ficado quieto. — É uma situação hipotética.

Ele franze a testa.

— Está bem. Hum. Vai, então… acho que não. Se Gigi me deixasse, não acho que ela tentaria com outra pessoa novamente. Ela é tudo para mim.

— Pare de esfregar sua mulher perfeita na cara dos outros — Nick resmunga. O atacante de cabelo preto se vira em seu assento para lançar um olhar carrancudo para Ryder. — Algumas pessoas mal se aguentam, meu.

Disfarço um sorriso. Lattimore não é do tipo falador, então o que quer que esteja incomodando você esta noite deve ser ruim, para estar participando de uma conversa sobre mulheres.

— Você se importa de contar o que aconteceu, de uma vez por todas? — Shane resmunga. — Você fica fazendo esses comentariozinhos dissimulados e está começando a me irritar como o inferno. Claramente você quer falar sobre isso, otário. Então fala sobre isso. Otário.

Ouvem-se várias risadas.

Nick lança outro olhar carrancudo, desta vez direcionado a mim.

— Quer saber o que aconteceu? Pergunta para Dunne. Porque é tudo culpa dele.

Fico boquiaberto.

— Minha? Que diabos eu fiz? Cala-te.

— Foi você quem me mandou aquela *fan fiction* — acusa.

Pestanejo.

— Desculpa?

— Espera, o quê? — Will entra na conversa, mudando de posição no lugar para me olhar, desconfiado. — Qual *fan fiction* ?

Estou preparado para negar, negar, negar, mas Lattimore me crucifica novamente.

— Beck enviou a Darcy um link para uma história boba sobre a rainha Elizabeth e Alexandre, o Grande, e agora estou em maus lençóis por causa disso.

— Em primeiro lugar… — começo dizendo.

— Não — Will interrompe, revirando os olhos. — *Em primeiro lugar* , você usou meu computador?

Encolho os ombros.

— Talvez tenha usado.

— E você leu a história que minha colega de laboratório me pediu para revisar?

Outro encolher de ombros.

— E você a enviou para Darcy?

Desta vez, eu me defendo.

— Foi ela quem pediu o link. Não fui eu que ofereci. — Olho furioso para Nick. — E esse foi o fim do meu envolvimento nessa história, amigo. Se você está em maus lençóis, a culpa não é minha.

— O que a *fan fiction* da Lourdes tem a ver com sua namorada ficar brava com você? — Will pergunta ao nosso companheiro de equipe.

Nick enrijece o queixo.

— Não interessa. Simplesmente tem, tá?

— O que você fez? — Shane insiste, incapaz de conter o riso. Ele tem um sorriso largo no rosto.

— Nada.

— Vamos, o que você fez?

— Ela quer que você leia e você não quer? — sugere Case, de seu lugar.

— Já disse que não importa — responde Nick, através dos dentes cerrados.

— Pronto, não diga. Eu tenho o número da Darcy — diz Shane. — Eu lhe pergunto.

— Não ouse.

— Está bem. Então, resolve tu o mistério.

Nick xinga baixinho.

— Enfim. Não é nada de especial. Ela só, hum, pronto... — Ele dá de ombros. — Você me pegou.

Franzo a testa.

— Pegou você fazendo o que… — Inspiro de repente. — Amigo. Não. Não acredito.

Seu ar de pura infelicidade é toda a confirmação que preciso.

Parto-me de rir.

— Fogo — digo, ofegante, entre ondas de riso incontrolável. — Em que capítulo?

— Do que ele está falando? — pergunta Shane.

Rio tanto que sinto dor de burro e acho difícil respirar.

— Ela o pegou batendo uma lendo *fan fiction* histórica.

Há um momento de silêncio antes que todos se juntem a mim, rindo em bandeiras despregadas.

— Em que capítulo? — Will repete minha pergunta, já que ele é a única outra pessoa nesse ônibus que leu a obra-prima de Lourdes.

Nick está com cara de quem quer se enfiar em um buraco. Ele deixa cair o rosto nas mãos.

— Vão à merda.

— Então, ninguém aqui julga ninguém — asseguro, meus lábios se contorcendo com o esforço de não cair na gargalhada de novo.

Ele levanta a cabeça. Seu rosto é o de um homem derrotado.

— Capítulo 12.

Aceno com a cabeça.

— A desfloração. Boa.

Shane parece perplexo ao dizer:

— Espera, sua garota está realmente chateada com isso? Você não pode bater punhetas?

— O quê? Não, claro que posso. Ela está brava porque perdi a noção do tempo e cheguei uma hora atrasado para o jantar de aniversário dela. Agora ele acha que «não valorizo seu tempo nem o fato de ter nascido», é uma citação exata.

Desta vez, todos controlam o riso.

— Ah — diz Shane, em tom delicado. — Bem… eu posso entender o ponto de vista dela.

— Mas que confusão vem a ser essa aqui atrás? — pergunta nosso novo auxiliar técnico.

Mike Hollis se aproxima, vindo da frente do ônibus. Ele para no meio do corredor, batendo a mão no topo do assento na frente de Will, e passa o olhar pelo grupo.

— Há algum problema? Quem tá mexendo com quem?

Shane balança a cabeça, olhando para ele.

— Ninguém — assegura. — Estamos apenas dando a Lattimore alguns conselhos sobre garotas.

Nick lança um olhar furioso para Shane, como se dissesse *por que você sequer abriria a boca.*

O Hollis acena compreensivo.

— Percebo. Digam lá o que é que se passa. Tenho bons conselhos para dar e vender.

Rio baixinho.

— Sabe o que mais? Esqueçam. — Hollis encosta o quadril no assento e encara Nick com um olhar sério. — Eu tenho uma pergunta para você, Nicholas.

— Por favor, não me chame assim.

— Uma pergunta. Essa garota… é para casar? Você quer se casar com ela um dia?

Piscar, pego de surpresa.

Acho que Nick também, pois ele hesita. Então acena com a cabeça.

— Sim, acho que sim.

— Você acha ou sabe?

— Eu sei — diz, timidamente.

— Então só há uma solução para o seu problema. Você liga para ele e diz: Você *tem razão* . Só isso. Não tem de que. Acabei de salvar seu relacionamento.

Shane concorda com a cabeça.

— Bem, ele está certo.

— Eu estou sempre certo — diz o treinador Hollis. — Por que vocês acham que eu sou casado, tipo, há mil anos? Eu sei manipular o sistema. Ah, e eu amo minha esposa. Isso também é capaz de ser importante.

— Como vocês se conheceram? — pergunta Colson, do seu lugar.

O Hollis se anima.

— Ah, é uma excelente história. Minhas filhas dizem que é a história mais romântica que já ouviram. Preparem-se, rapazes.

Eu e Ryder trocamos olhares. Não conhecemos esse homem há muito tempo, mas uma história de amor contada pelo Mike Hollis deve incluir reviravoltas mirabolantes.

— Algumas pessoas podem dizer que Rupi estava me seguindo — começa.

Está tudo dito.

*

CHARLIE:

Posso passar lá hoje à noite?

A mensagem surge na conversa em grupo quando Will e eu estamos saindo do Graham Center, depois que o ônibus da equipe nos deixa. Will lê e balança a cabeça, olhando para mim.

— O que foi? — digo.

— Você fez um minete para ele numa despensa — censura.

— E então?

— Então, eu não quero que ela se sinta pressionada a estar conosco de novo.

— O que fazer um minete para ele numa despensa tem a ver com isso? Nós dois sabemos que Charlie não é do tipo que é pressionado a fazer nada. Mas, se isso te preocupa, diga que não.

Ele não vai dizer não. Você se sente tão atraído por ela quanto eu. Charlie é um belo mistério. Tudo nela me faz querer ir o mais fundo possível. Habitar sua pele. Fazê-la sorrir. Ouvir suas risadas.

Não sinto nada assim desde o ensino médio.

Afasto o pensamento. Pelo amor de Deus. Não quero me apaixonar por Charlotte Kingston. Quero dormir com ela de novo. Talvez conhecê-la melhor. Nada mais que isso.

O celular vibra na minha mão. É a mensagem que Will acabou de enviar para Charlie.

LARSEN:
Chegamos em casa em cerca de 30 minutos. Estamos voltando da arena.

CHARLIE:
OK. Estou lá em uma hora.

CAPÍTULO 32

BECKETT

As estatísticas não mentem

Em casa, pego um *tupperware* com restos de lasanha que Will fez ontem à noite e coloco no micro-ondas. Talvez seja imprudente me encher de carboidratos logo antes de um possível encontro sexual, mas não vou presumir que Charlie mudou de ideia sobre nada. E estou faminto.

— Vou tomar um banho de verdade — diz Will, depois de devorarmos todos os restos. — A pressão da água de St. Anthony's é uma merda. Acho que ainda tenho shampoo no cabelo.

Um chuveiro não me parece uma má ideia. E talvez seja prudente me depilar um pouco.

Só naquela.

Desaparecemos para os respectivos quartos, nos reencontrando no andar de baixo meia hora depois, onde pego algumas cervejas enquanto Will coloca para passar um filme da série *Timeline* .

— Meu, você viu que vai sair mais um ano que vem? — diz, na direção da cozinha.

— O quê? Tá gozando. — Volto com duas latas grandes de IPA e lhe dou uma.

— Eu literalmente acabei de ver no meu *feed* . — Ele levanta o telefone como prova.

— Lykander vai voltar? — pergunto.

O Bobby Lykander é o ator que entra nos quatro filmes da *Timeline* , mas o último acabou com a sua trágica morte. Nas mãos de seu eu mais jovem. Foi devastador.

Will olha para a tela do seu celular, *rolando* .

— Ele está no elenco, mas não sei se aparecerá em *flahsbacks* ou se significa que Qualls sobreviveu.

— Claro que sobreviveu. Ou então viajou ainda mais atrás no tempo para impedir que morresse. Obviamente.

— Obviamente.

A campainha toca. Olhamos um para o outro.

— Vou abrir a porta — digo, encaminhando-me para o *hall* de entrada.

Abro a porta e vejo a Charlie no alpendre.

Fico boquiaberto.

— Que roupa é essa?

Ela parece confusa.

— Qual é o mal da minha roupa? São só *leggings* e uma camisola.

— Exato. São só *leggings* e uma camisola — digo, impaciente. — Não costumas vestir-te assim. Onde estão as meias até à coxa? Onde está a saia plissada? É suposto realizares a minha fantasia ao vestires-te de colegial.

Ela ri e me dá um soco no peito, passando por mim para entrar em casa.

— Desculpe, mas não me visto bem por causa de você, garoto do gelo.

— Você deveria começar a fazer isso, delícia de açúcar. Eu me visto bem para você.

— Ah, sim? Você vestiu essas calças de moletom cinza para mim? E essa camiseta tão velha que parece que vai desmanchar se você puxar? — Como se quisesse enfatizá-lo, ele puxa o tecido de forma provocativa.

Sorrio para ele.

— Na verdade, eu me vesti assim mesmo para você.

— Ah, sim? — ele repete, me seguindo até a sala.

— Estatisticamente falando, a excitação sexual das mulheres aumenta trezentos por cento ao ver calças de moletom cinza.

— Estatísticas não mentem — Will diz do sofá.

— Então onde estão as tuas calças de fato de treino? — desafia. O Will veste calças largas aos quadrados escuros e está de tronco nu. Está sempre com calor.

— Não queria excitar-te demasiado — diz ele, com uma expressão solene. — É também do conhecimento geral que demasiadas calças de fato de treino podem ter o efeito contrário.

— As estatísticas não mentem — concordo.

— Então — diz ela, sentando-se a meio do sofá —, porque é que um estatístico nunca fica doente?

— Porquê? — pergunta o Will, desconfiado.

Ela pausa para efeitos dramáticos.

— Porque está sempre a fazer análises.

Ele suspira.

— Porque é que eu gosto de ti?

O rosto de Charlie se abre em um sorriso. É bom vê-la sorrir. Pareceu-me tão para baixo da última vez que a vi. Pelo menos, antes de se distrair com o orgasmo.

Sinto uma pontada de culpa. Tenho vontade de mencionar o irmão e perguntar como ela está, se está sendo mais fácil processar tudo.

Em vez disso, ofereço-lhe uma bebida.

— Chá verde, como de costume?

Ela ergue uma sobrancelha.

— Só porque eu tomei chá verde uma vez não significa que é o que eu costumo beber.

— Tudo bem, então o que você quer beber?

— Chá verde, por favor.

Esboço um sorriso tão grande que faz meu rosto doer. Essa garota é realmente fofa.

Vou à cozinha ligar a chaleira elétrica e encosto-me à ombreira entre as duas divisões enquanto espero que a água ferva. Desta vez, ganho coragem para abordar um assunto sério.

— Sentes-te mais otimista com a situação do teu irmão? — pergunto.

— Talvez um pouco. — Ela hesita um momento. — O Harrison disse-me o meu nome coreano. O orfanato de Seul não se preocupou em incluí-lo em nenhum dos documentos de adoção, mas ele lembra-se.

— Ai, sim? — Estou curioso. — E qual é?

— Hae-Won. — O seu rosto ruboriza-se e vejo a emoção no seu olhar. Isto é muito importante para ela.

— Hae-Won — repete o Will, sorrindo. — Gosto. É muito bonito.

— Obrigada. — Ela retribui o sorriso, porém some rápido. — Mas ainda não sei como lidar com isso. É tão estranho, de repente ter um irmão que eu não sabia que existia. Trocamos mensagens a semana toda, mas é como tentar fazer amizade com um estranho com quem passamos em uma festa. Tentar entender o que temos em comum. Saber do que a outra pessoa gosta. E não ajuda que Harrison tenha tido uma infância horrível. — Charlie mostra uma expressão culpada. — É um grande esforço, e parte de mim se pergunta se valerá a pena. Tipo, eu passei vinte e um anos sem essa pessoa na minha vida e eu estava bem.

— Percebo. — Dou de ombros. — Mas, escute, eu sou filho único e passei grande parte da infância desejando ter um irmão. Ainda penso nisso às vezes.

— Também eu — admite Will, baixinho. — Como mais um membro do clube dos filhos únicos.

Olho para Charlie novamente.

— Se fosse eu, tentaria conhecê-lo. Você pode se arrepender se não tentar, pelo menos.

A chaleira clica e eu volto para a cozinha para preparar o chá de Charlie, ouvindo-os na sala continuar a conversa. Um minuto depois, levo uma caneca fumegante para ele e a coloco na mesa ao lado da minha cerveja. Sento na ponta oposta do sofá, mantendo alguma distância entre mim e Charlie.

— Vamos falar de outra coisa — diz ela.

Will inclina a cabeça em sua direção.

— Tem certeza? Porque gostamos de ouvir.

— Eu sei, e agradeço a vocês. Mas é muito em que pensar. Vai me sobrecarregar.

— Isso acontece com você muitas vezes? — pergunto. — Sentir-se sobrecarregada?

— Bem… Sim. Estou fazendo um curso de STEM. É meu último ano. Tenho um projeto final para acabar. Tenho que entregar os ensaios para o mestrado. Sou vice-presidente da tesouraria da minha república e estamos organizando uma grande gala. Tenho uma Protegida que devo orientar. Um irmão biológico que apareceu do nada. Ando cobiçando dois rapazes…

Ela se cala, fechando a boca.

Will sorri.

Não consigo resistir a dar risada.

— Com que então, cobiçá-la?

— Cala a boca.

Nós dois rimos mais alto ainda.

— Muito maduro da sua parte, Charlotte — censuro.

— Eu não sou Charlotte. Agora sou Charlie. Charlie diz às pessoas para calarem a boca.

— Iá. O que mais Charlie faz?

Quando a vejo franzir o sobrolho, apercebo-me de como soou.

— Não era um desafio — asseguro. — Prometo. Esta noite não há expectativas.

— Não?

— Vamos só ver um filme. Como da última vez.

— A última vez acabou em sexo.

— Não significa que seja o precedente.

— É exatamente o que significa estabelecer um precedente! — Ela suspira, olhando para o ecrã, que está parado num plano do Professor Qualls prestes a beijar a atraente ladra de diamantes que salvou no último filme. — Está bem. O que é que vamos ver? Outra comédia romântica com um triângulo amoroso e mamas?

O Will ri-se.

— Não. É o último filme da série *Timeline*. O quarto.

— Sabem, não vi nenhum destes filmes.

Fico boquiaberto a olhar para ela.

— Como é que isso é possível?

— Não tenho tempo para ver filmes. Não ouviste a lista de fatores de stress que enumerei? — Ela põe os joelhos para cima, pondo-se mais confortável, enquanto o Will põe o filme a andar. — É preciso resumirem-me os primeiros três?

— Ná, são bastante óbvios. Este é o professor que inventou a máquina do tempo. A loura boazona é o interesse amoroso atual, mas vai traí-lo. Traem-no sempre. E o bacano que está a entrar agora é o filho do Professor Quall. — Aceno com a cabeça para o homem barbudo que aparece no ecrã.

— Espera, este é o filho dele? Parecem ter a mesma idade… Ahhhh. — Ela acena que sim. Já percebeu. — Viagens no tempo.

O Will dá uma risadinha.

— Temos aqui uma moça esperta, Beck.

— Muito inteligente.

— Calem a boca. Vou continuar dizendo isso a noite toda. Calem-se.

Pego a cerveja na mesa, roçando meu braço no dela ao me endireitar.

— Desculpe — murmuro.

— Não desculpa nada.

Meus lábios estremecem.

— Bem, não foi de propósito. Mas você tem razão. Não desculpo nada.

Sorrindo com a boca encostada na lata, tomo um gole da minha IPA. Sinto Charlie olhando para mim enquanto bebo. Quando Will passa a mão no cabelo, vejo que ele também percebe.

Você está muito ciente de nossa presença. E eu da sua. Ela muda de posição,

esticando as pernas para descansar os pés na mesa. Calça umas meias cor-de-rosa. Assim como o top que ela usa por baixo do suéter cinza largo, que desliza de um dos ombros. Eu me pergunto se terá sutiã por baixo do top. Na noite em que nos encontramos para tomar uma bebida nos subúrbios de Boston, em algum bar onde ninguém pudesse ver como ela estava sendo safada, ela não tinha. Lembro-me de como seus mamilos eretos se evidenciavam por baixo do top.

De repente, sinto minha boca dormente. Foda-se. Preciso chupar qualquer coisa.

Tomo outro gole, hidratando minha boca ansiosa.

Charlie dá uma risada da piada cafona que o Professor Quall acabou de fazer. A risada é ao mesmo tempo sexy e adorável. Will também ri. Um riso grave e rouco. Por instantes, minha libido fica desorientada. Que diabos está acontecendo? Tenho duas pessoas atraentes ao meu lado e nenhum de nós está nu. Que palhaçada.

Ainda rindo, Charlie se inclina para pegar o chá. Sopra o líquido para esfriar, mas, sempre que leva a caneca aos lábios, se acovarda e não bebe.

Will, também observando o grande dilema do chá quente, por fim, abre um sorriso.

— Bebe.

— Não quero queimar minha língua — reclama com Charlie.

— Beba — ele insiste. — Deixa queimar.

Respirando fundo, com o corpo todo tenso, Charlie dá o menor e medroso gole que eu já vi. O vapor umedece seu rosto e seu nariz fica vermelho, assim como suas bochechas. Eu só quero arrancar aquela caneca das mãos dela, tirar a *legging* e fodê-la até desmaiar.

Sim. Estou ficando excitado ao ver uma mulher beber chá.

É inédito.

— Tá, não foi tão ruim assim — admite, voltando a prestar atenção no filme.

Will ainda está tentando explicar a trama para ele, todo animado.

— Então, basicamente, no último filme, o professor descobriu que tem um filho de Mariza, a assassina espanhola com quem teve um caso quando viajou no tempo para a Espanha do século 18 . Ele estava tentando impedi-la de assassinar o homem que, em dez anos, inventaria a cura para a rara doença do sangue que matou a primeira esposa do professor…

Ele está no meio da frase quando Charlie se aproxima e o beija.

O gesto o pega desprevenido. A mim também. Pisquei e, de repente, ela está com a boca colada na de Will.

Antes que ele possa retribuir o beijo, ela se afasta e diz:

— Desculpa.

Rio com a boca encostada na cerveja.

Charlie olha para mim agora.

— Desculpa.

— Você está me pedindo desculpas por quê?

— Porque eu beijei Will. — Ela geme. — Ele estava tão irresistível explicando esse enredo mirabolante.

— Iá, eu sei. Ficção científica dá tesão nele — digo, e Will suspira.

Diante da palavra *tesão* , Charlie olha para o meu colo.

— Por que você está olhando para aqui? — sorrio.

— Sei lá. — Ela geme novamente. — Eu me sinto tão…

— Excitada — sugiro.

Will ri.

— Confusa — ela corrige.

— Porque você está excitada.

— Sim. *Sim* . Você está bem? — Seu rosto fica vermelho-vivo. — Argh, eu nem sei o que estou fazendo aqui.

— Sabe, sim — Will diz baixinho.

Ela volta a me olhar.

— Beckett, você foi sincero no que escreveu na mensagem?

— Em que parte? Bem, não importa. Fui sincero em tudo. Então, sim, fui sincero no que escrevi na mensagem.

Um sorriso aflora aos lábios de Charlie.

— Sobre o que você mais gosta em mim ser minha faceta selvagem e destemida.

— É verdade. — Minha voz sai rouca, honesta.

Ela olha para Will.

A expressão dele brilha de sinceridade.

— Eu nunca me senti atraído por ninguém como me sinto atraído por você.

Percebo que ele também sente isso. Essa atração inexorável por ela. E eu sinto que estou vendo tudo em câmera lenta quando ele curva a mão na nuca de Charlie, aproximando o rosto dela do seu. Sinto meu pênis crescer ao vê-lo beijá-la.

É um beijo comedido e exploratório. Vejo a língua dele entrar na boca dela. A ponta da língua dela tocar na dele. O corpo dela arqueando-se na direção dele. Ela encosta a palma da mão ao peito nu do Will, passando os dedos sobre os poucos pelos do seu peito.

O meu pénis aperta-se dentro das calças, semiereto.

— Desculpa — balbucia a Charlie, interrompendo o beijo.

Ele pestaneja.

— Porquê?

— Fui preconceituosa. — O seu olhar enche-se de um arrependimento profundo. — Fiz-te sentir que não eras normal. Aos dois. Mas… não é isso que sinto. Não teria feito *match* com vocês na aplicação se achasse que eram depravados por gostarem do que gostam.

O Will acena com a cabeça, pensativo.

— Por que você sentiu vergonha do que aconteceu entre nós? Foi por ter se arrependido?

Ele tem um efeito calmante nas pessoas. Às vezes, ele crava o olhar em nós, como se estivesse lendo nossa mente, nos espiando dentro do coração. Encontrando todos os cacos dispersos em seu interior e juntando-os novamente para nos mostrar como o quebra-cabeça final deve ficar.

— Não — confessa a Charlie, engolindo visivelmente. — Não fiquei arrependida. Eu amei cada segundo daquela noite.

— Então você não se sentiu envergonhada. Foi uma coisa externa. Você sentiu a *vergonha* dos outros.

Surge-lhe um sulco na testa.

— Isso não é a mesma coisa?

— Não. Você sentir vergonha ou culpa por realmente ter sentido que fez algo errado é uma coisa. Mas, se você se deixa sentir mal com base na opinião dos outros… opiniões que eles nem proferiram… opiniões que você imagina serem suas se descobrissem… isso não é vergonha. — Ele acaricia seu rosto. — Ninguém precisa saber, Charlie. Tudo o que fazemos aqui fica entre nós.

Ela se vira para mim para confirmação, mordendo o lábio.

— Espaço sagrado — confirmo, abrindo um sorriso.

Charlie solta o lábio e passa a língua nele, como se estivesse acalmando uma picada. Quero ser eu a lamber seu lábio. Vejo o olhar de Will se inflamar e sei que ele está pensando o mesmo.

— Então — diz ele —, continuamos assistindo a esse filme? Ou…

— Ou o quê? — ela pergunta.

— Diz você. O que você quer?

Após um instante longo e arrastado, connosco na expectativa, finalmente a Charlie liberta uma respiração agonizante.

— Quero-te *a ti* — diz, voltando a beijá-lo.

Devia sentir ciúmes, um indício de ressentimento, por ela continuar a beijá-lo primeiro, mas, ao ver os seus lábios encontrar os do Will, sinto apenas antecipação.

Ele fica ofegante quando ela se afasta. Depois, a Charlie vira-se e gatinha sobre o sofá na minha direção. É a cena mais sexy que já vi na vida.

— E a ti — diz, cobrindo a minha boca com a sua. — Quero-te *a ti*.

Deixo-a sentir a minha língua, por segundos apenas, umas lambidelas provocantes.

— E que mais? — pergunto, com a voz rouca. — Que mais queres?

— Quero… — O seu peito sobe ao inspirar. Ela olha para a janela como que para verificar que as cortinas estão corridas. Estão. Ela liberta uma respiração trémula. — Quero a tua pila na minha boca.

Caramba. Nem sequer sei qual de nós ela quer, mas ambos obedecemos. Baixo as calças, libertando a minha ereção. Estou tão duro que dói. Na *chaise-longue*, o Will despe as calças e atira-as para longe, ficando completamente nu, com os seus abdominais definidos e tendões firmes.

A Charlie deixa-se cair no chão à minha frente. O meu coração para quando ela me agarra, curvando os dedos delicados em torno do meu pénis, acariciando-o lenta e sedutoramente.

O seu toque é demasiado meigo. É uma tortura. Quero que me crave as unhas nas coxas. Quero a sucção gulosa dos seus lábios meu pénis.

Observo-a num misto de desejo e frustração.

— Chupa-o — imploro.

O brilho travesso no seu olhar diz-me que não vai facilitar-me a vida. Vai provocar-me. Levar o seu tempo. Desprover-me de todo o controlo até me restar apenas desejo puro.

Efetivamente, ela larga-me e vira a cara, levando a boca à minha coxa. À minha anca. Beijando-me a barriga.

Cruzo o olhar com o Will sobre a cabeça da Charlie e ele sorri perante a

minha expressão de sofrimento.

— Até estou a gostar — diz, masturbando-se enquanto vê a Charlie atormentar-me com beijos. — Continua a torturá-lo, linda.

— Vai-te foder, Larsen — resmungo.

O riso da Charlie aquece-me a coxa. A sua língua dança sobre os meus músculos oblíquos, chegando finalmente à parte de mim que anseia por ela.

Ela leva a boca ao meu pénis. Roça-lhe apenas a ponta e afasta-se, sorrindo, testando os meus limites.

— Charlie — rosno. — Para de me provocar.

Ela estende a língua para me provar, circundando a ponta, passando pela parte inferior mais sensível. O Will continua a observar-nos da *chaise-longue*, masturbando-se de forma indolente.

Toco-lhe no cabelo, atravessando os dedos pelas suas melenas pretas enquanto ela me enfia mais profundamente na boca. Depois esvazia o ar das bochechas e chupa-me com tanta força que me faz gemer. Sinto o prazer percorrer-me o corpo como um fogo descontrolado, espalhando-se rápida e impiedosamente. Vou perdendo o controlo de cada vez que ela me engole até ao fundo.

A Charlie chupa-me com força e depressa, até eu ser obrigado a fazer um aviso.

— Se não diminuir eu vou gozar, garota.

Ofegante, ela me masturba com a mão e me oferece uma provocação divertida.

— Primeiro você quer que eu pare de te provocar, agora você quer que eu diminua. Decida-se, rapaz.

Will se sacode de riso.

— Vá se foder, Larsen…

Sou interrompido pela sensação de sua boca me chupando com força outra vez.

Droga, você está tentando me matar. Reagindo ao meu gemido rouco, vejo-a sorrir com a boca em volta da ponta do meu pênis.

Viciado. Estou viciado nesta miúda. É como se soubesse exatamente como subjugar-me aos poucos. E não é só a ligação física. Há algo mais perigoso escondido sob a superfície, mas não posso permitir-me pensar nisso. Não agora. Assim, afasto esses pensamentos e concentro-me no calor da sua boca, na maneira como a sua língua desliza pelo meu pénis, excitando-me cada vez mais.

Quando volta a acelerar, detenho-a com a mão no seu cabelo. Tenho ainda o pénis entre os seus lábios quando ela olha para mim. Tão querida e inocente.

— A sério. Abranda, a não ser que queiras que me venha.

Ela liberta-me e sussurra «Quero», voltando a engolir-me.

Eu realmente quero fodê-la, mas, fogo, a mulher quer meu esperma na garganta. Quem sou eu para privá-la de uma coisa dessas? Então eu fodo sua boca e ela aguenta tudo, gemendo em volta do meu pau enquanto olha para mim com seus grandes olhos pretos.

— Você quer? — Agarro seu cabelo com um pouco mais de força, sentindo a pressão crescer dentro de mim.

Ela geme.

Encaro como um sim.

Eu agarro a parte de trás de sua cabeça e a penetro o mais profundamente possível. Todo o meu mundo se concentra nela; na sua boca, na sua língua, na sua mão, nos seus gemidos. *Nela* .

Contraio a barriga e sinto o formigamento do orgasmo nos testículos antes de ejacular, enchendo a boca de Charlie. Grunho de prazer, gemendo seu nome ao me vir, minha mente vazia com a intensidade do orgasmo.

Will ri, me vendo estremecer.

— Foi tão bom assim?

— Melhor — balbucio.

Ele se levanta, se masturbando enquanto ela continua a me chupar. Quando meu coração finalmente desacelera, tiro meu pau da boca dela e caio para trás. Fogo. Isso foi… de outro mundo.

Charlie está bastante satisfeita consigo mesma enquanto limpa a boca com as costas da mão. Ela se vira para Will, se erguendo sobre os joelhos, já com seus dedos subindo por suas coxas, e parece tão safada fazendo isso que meu pau está quase pronto para mais uma.

Para me distrair da crescente excitação, fico de pé atrás de Charlie, levando a mão ao seu cabelo. Torcendo-o em volta do meu pulso, eu a guio pelo pênis de Will, vendo-a fazer um boquete nele. Ela continua totalmente vestida e ele completamente nu, as coxas dele movendo-se ao encontro das chupadelas ávidas da Charlie. É tão emocionante.

— Que linda menina — encorajo. — Continua chupando. Você está dando tanto prazer a ele.

Ela enfia uma mão entre as pernas, se tocando por cima da *legging* .

Sorrio.

— Você quer tirar as calças, não é? Quer enfiar os dedos dentro de você enquanto chupa?

Ela acena que sim. Tem o rosto corado, a expressão turva de desejo.

— Azar. Vai ter que aguentar, molhada e latejando. Você não tem direito de vir-te enquanto o Larsen não se vier.

O Will geme.

— Vês? Ele gosta da ideia — digo, com uma gargalhada.

O seu pénis está molhado com a saliva dela, a ponta libertando sémen que ela vai lambendo a cada movimento ascendente. Toco-me distraidamente enquanto a vejo a dar prazer ao Will.

— Fazes isso tão bem, Charlie — elogia ele, com a voz grave e rouca. — É tão bom. — Ele faz um movimento brusco quando ela passa a língua em torno da ponta inchada do seu pénis. — *Foda-se*.

A Charlie começa a mover-se mais depressa, mas eu conheço o Will. Não é depressa o suficiente. Ele gosta mais à bruta. Efetivamente, substitui a boca dela pelo seu punho, masturbando-se com mais intensidade. Conforme ele acelera, agarro com mais força o cabelo da Charlie, aproximando-lhe o rosto ao pénis do Will.

— Abra a boca, linda. Quero vê-lo gozar na tua língua. Quero ver você engolir.

Ela geme e abre a boca.

Imediatamente, Will goza, xingando enquanto nós dois a vemos engolir tudo. Charlie mal se levanta e imediatamente começamos a arrancar suas roupas, batendo o recorde de velocidade ao tirar nossa garota.

— Venha cá — digo, com a voz rouca, envolvendo sua cintura com o braço. Encosto meus lábios nos seus em um beijo lento, sentindo seus mamilos eretos roçarem meu peito quando ele arqueia seu corpo contra o meu. Sinto o gosto de Will em sua língua e gemo em sua boca.

Larsen precisa de algum tempo para se recuperar, mas, aparentemente, ele não hesita em tomar decisões quando se trata do meu pênis. Seu olhar cruza com o meu, ardendo de intensidade.

— Bota a pila dura, Beck. Nossa garota precisa.

A Charlie suspira alegremente.

Fogo, nunca estive com ninguém como ela. Esta mulher não tem inibições quando se abre a novas experiências. Atira-se de cabeça, tal como eu.

Gosto mesmo dela.

O pensamento fica-me na cabeça, independentemente do quanto tento afastá-lo.

Mas não posso deixar-me levar. Não posso admitir que talvez sinta algo mais do que desejo por ela. Porque ela não está só comigo. Está também com o Will e, seja o que for que exista entre nós, seja o que for que isto seja, não é suposto ser mais do que apenas… isto.

A VIRGEM E A ESPADA / LOURDES

CAPÍTULO 12

FORJADO NAS CHAMAS DO MEU DESEJO

Sob a trémula luz das velas dos aposentos reais estava a rainha Isabel, o seu coração batendo descompassado ao olhar para a figura impressionante diante de si. A sua presença era avassaladora, uma lenda viva, revestida pela armadura antiga que conquistara o mundo. Ele aproximou-se, de olhar intenso e cúmplice, curvando os lábios num sorriso.

Isabel tremia de antecipação nervosa. Governara o seu reino com graciosidade e força, porém, na presença de Alexandre, sentia-se vulnerável, como uma mera rapariga.

O grande conquistador tocou-lhe no rosto, descendo até à curva do seu pescoço, traçando o contorno delicado da sua clavícula.

— Brandi muitas espadas no meu tempo, rainha minha, mas nenhuma como a que brandirei esta noite.

O rosto dela ruborizou-se com um desejo que nunca sentira. O seu coração acelerava ao absorver as palavras de Alexandre, cada sílaba carregada de um desejo puro e primitivo. As mãos dele eram calejadas, a pele endurecida por vários anos de batalhas, porém delicadas a desapertar os laços do seu vestido, revelando, pela primeira vez, a pele nua de Isabel.

— Esta espada — ofegou Alexandre, com o olhar escuro de desejo — é afiada, forjada nas chamas do meu desejo. Esta noite, reclamará o seu prémio.

O corpo de Isabel tremia ao seu toque, a antecipação crescendo quando o seu vestido caiu ao chão num suave ruído de tecido. Nunca se sentira tão exposta, tão vulnerável, mas, nos braços dele, ansiava o desconhecido.

— Irá doer? — sussurrou ela.

Ele sorriu.

— Uma espada deve deixar a sua marca, minha rainha. Mas cedo descobrirá que a dor é apenas o primeiro passo do prazer.

Estas palavras provocaram-lhe um arrepio de desejo no corpo e, antes de conseguir responder, Alexandre agarrou-a, sorvendo a sua boca num beijo ardente. As mãos do guerreiro percorriam o seu corpo com uma possessividade que não deixava dúvidas; esta noite, seria sua.

Completa e absolutamente.

Com um movimento rápido, Alexandre despiu o que restava da armadura, o seu corpo imponente sobre o dela em todo o esplendor da sua nudez. Isabel arregalou os olhos ao recebê-lo, arfando ao ver o seu corpo poderoso. Os músculos eram esculpidos, a pele marcada pelas cicatrizes da batalha, mas era a determinação feroz do seu olhar que lhe provocava arrepios.

Isso e a impressionante espada de que ele falara, projetando-se na sua direção. Uma ameaça e uma promessa.

— A minha espada — sussurrou ele novamente, pressionando as ancas contra as dela — está ávida por senti-la, Isabel. Há muito que deseja penetrar as suas profundezas virgens, torná-la minha.

Ela perdeu o fôlego ao senti-lo, o calor do seu corpo, o poder puro que dele irradiava. Isabel agarrou-lhe os ombros quando ele a pousou na cama macia. O seu corpo tremia.

— Deixe-me possuí-la — disse, com a voz rouca. — Deixe-me tomá-la e conhecerá o maior prazer que alguma vez imaginou.

Isabel acenou com a cabeça, a sua voz perdida no turbilhão de emoções que a devastava por dentro. Aguardara por este momento, sonhara com ele, e agora, enquanto Alexandre se posicionava sobre si, sabia que não podia voltar atrás.

Com um gemido triunfal, Alexandre avançou com ímpeto, a sua espada finalmente encontrando o alvo.

Isabel suspirou, o corpo retesando-se perante a sensação desconhecida, porém, assim que Alexandre começou a mover-se, a dor rapidamente se desvaneceu, substituída por uma crescente onda de prazer. Ele preencheu-a inteiramente, cada movimento seu dominante e implacável.

— A minha espada provou-a — rosnou, com a voz espessa de desejo. — E não desistirei até que seja minha de todas as maneiras.

Cada movimento seu era uma declaração, cada gemido de Isabel um reconhecimento do seu poder sobre ela. Nunca conhecera tal intensidade, tal paixão. O corpo de Alexandre movia-se como o guerreiro perfeito que era. Controlado, deliberado e poderoso.

— Diga-o — exigiu entre respirações. — Diga que é minha.

A voz dela estava débil e ofegante, mas completamente rendida.

— Sou sua, Alexandre. Toda sua.

Com um impulso final e triunfante, Alexandre guiou a sua espada grossa e firme mais profundamente do que Isabel alguma vez julgara possível, fazendo-a conhecer um mundo de prazer que desconhecia totalmente. Os gritos dela encheram o quarto, misturando-se com os dele ao atingirem o clímax juntos, os seus corpos enlaçados numa perfeita união.

CAPÍTULO 33

CHARLOTTE

Fora de alcance

A Faith pensa que tenho um namorado. Um namorado chamado Will Larsen, que joga hóquei na equipa masculina da Briar U e é meu colega de laboratório em Engenharia de Células e Tecidos.

E a minha melhor amiga tem todo o direito de acreditar nisso, pois, nas últimas duas semanas, passei mais tempo em casa do Will, em Hastings, do que na república da Delta Pi.

O que Faith não sabe é que, quando estou na casa de Will, Beckett também está lá. E quando todos nós estamos lá, inevitavelmente, eu acabo nua em uma de suas camas gemendo enquanto eles se juntam para me dar prazer.

No momento, só quero estar nessa posição. Deitada de costas enquanto um par de lábios percorre minha garganta com beijos e outro par se move entre minhas pernas até envolver meu clitóris. Hoje estava à beira do desastre e meus níveis de estresse estão perigosamente próximos do território da onda de pressão. Mal entreguei o último trabalho a tempo. Eu me deparei com um enorme obstáculo no projeto final, forçando-me a marcar uma reunião de emergência com meu orientador de laboratório para tentar resolvê-lo. E agora estou preso em uma reunião do conselho de administração, ouvindo Agatha reclamar de uma das calouras, que manchou o nome de Delta Pi por ousar se divertir em uma festa.

Estou sem paciência para isso hoje à noite. O hábito irritante que Agatha tem de fazer policiamento social para garantir que todos aqui em casa adotem os mesmos padrões elevados que ela se torna cansativo.

— Agatha — interrompo, surpreendendo os outros membros do conselho de administração. Raramente intervenho nessas reuniões. — Foi só uma provocação. Não é como se Lucy costumasse andar pela faculdade de biquíni. Em dezembro. Alguém a desafiou.

— E ela deveria ter recusado — responde a Agatha, com voz firme. — O mau comportamento de um elemento da Delta Pi repercute negativamente em todos da casa. — Faz um som depreciativo em voz baixa. — Esse é o resultado por abrirmos portas para a diversidade. Eu avisei que ela não se encaixaria aqui.

Fico olhando para a presidente da nossa república, fazendo um esforço para

evitar que a raiva transforme minha voz em um grunhido.

— Desculpa? *O que você* acabou de dizer?

Uma mão com uma manicure perfeita se agita com desdém.

— Relaxa, Charlotte. Não estou me referindo à sua etnia. Estou falando da diversidade de circunstâncias.

Tipo ser *pobre* ? Oh, meu Deus. Como se isso fosse melhor. Lucy é uma estudante bolsista de uma pequena cidade do Texas, que, é claro, não é uma cidade muito progressista ou rica. Mas ela parece ser uma boa garota e sua irmã mais velha era uma Delta Pi na seção da Universidade de Austin.

A Agatha ergue uma sobrancelha fina.

— Só estou dizendo que você pode tirar a garota da caravana, mas nem sempre pode tirar a caravana da garota.

Sherise e Samantha balançam a cabeça, concordando.

Sinto o rubor subir-me ao rosto, mas contenho-me. Com dificuldade. Aprendi a ficar calada nesta casa, embora não signifique que não esteja furiosa por dentro. Em vez de me passar com ela, aceno secamente com a cabeça e, de alguma forma, aguento até ao fim da reunião do conselho de administração sem derramar sangue.

Assim que a Agatha dá a reunião por encerrada, pego na carteira, no casaco e nas chaves e abro caminho até à porta da rua, praticamente correndo até ao carro. Não aguento ficar nesta casa nem mais um segundo.

Assim que estou entrando para o banco do motorista, meu celular toca. É Harrison, que já voltou para Las Vegas. Como autônomo, você pode trabalhar em qualquer lugar, desde que tenha um laptop e uma conexão com a Internet, mas não pode continuar pagando o aluguel do seu apartamento em Vegas e a estadia em um motel no subúrbio de Hastings. Este fim de semana ele virá me visitar e, timidamente, concordei em encontrá-lo em Vegas nas férias da Páscoa, dependendo da evolução do meu projeto final.

Normalmente eu atenderia a chamada, mas esta noite pressiono a tecla Ignorar. Estou com uma péssima disposição e sei que você perceberá isso em minha voz. Ele perguntará o que está acontecendo, acabarei contando a ele que estou chateado com Agatha, e então ele fará um comentário sarcástico, pois, sempre que menciono a república, ele tem algo sarcástico a dizer.

Harrison não percebe. Ele acha que a vida na Greek Row é uma grande *atuação* irrelevante. Não o culpo totalmente; muitas pessoas têm essa opinião sobre repúblicas. E talvez a experiência da Greek Row seja um pouco ridícula, mas isso não significa que eu não me importo.

Você não *se importa* , diz minha cabra interior. *Sua mãe sim.*

Argh. Está bem. Pronto. E qual o mal de estar aqui por causa da minha mãe? Ela gosta que eu seja uma Delta Pi. Gosto de fazê-la feliz.

Mas não vou contar isso a Harrison. Isso só daria origem a uma nova onda de ressentimento dentro dele. Sempre que conversamos, faço o possível para fugir do assunto da minha família.

E ainda não contei à minha família sobre *ele*. O fardo desse segredo pesa cada vez mais e sei que, quanto mais tempo o esconder, pior será quando finalmente lhes contar.

Estou a sair do estacionamento quando a onda de pressão ameaça emergir.

Subitamente, o mundo parece fechar-se sobre mim de todas as direções. Paro o carro e respiro fundo, visualizando a minha caixa.

Põe o stress todo lá dentro, Charlotte. Isso mesmo.

Mas não consigo fechar a caixa. Continua a abrir-se.

Estou demasiado cheia.

Ou talvez o problema seja não estar cheia o suficiente.

Como se precisasse de ser preenchida. Pelo Will Larsen ou o Beckett Dunne, ou pelos dois.

Preciso estar em algum lugar onde não precise fingir ou manter as aparências. Um lugar onde possa ser apenas eu. Sinto que passo muito tempo lutando contra mim. Contra minha natureza. Não preciso fazer isso quando estou com meus meninos. Eles me percebem. E, quanto mais tempo passo com eles, mais começo a *percebê-los* .

Dirijo até Hastings e o caminho até o alpendre deles é uma névoa. Quando toco a campainha, me sinto vibrando de frustração acumulada. Um circuito elétrico prestes a estourar.

Quando Will abre a porta, não perco tempo e entro imediatamente.

— Tire as calças — ordeno. — Já.

— O quê? Por quê?

— Porque eu preciso. — Libero um som estrangulado de impaciência. De desespero. — *Agora* , Will.

Embora ele dê uma sonora gargalhada, ele não precisa que você diga duas vezes. E é assim que eu acabo na sua sala, sendo fodida por trás por Will, que agarra meus quadris com tanta força que dói. Estou deitada sobre o colo de Beckett, que, com os longos dedos, torce meu cabelo em volta do meu pulso enquanto guia minha boca para cima e para baixo sobre seu pau.

Will estende a mão e esfrega meu clitóris. Ele se debruça sobre mim, mudando o ângulo da penetração, e eu grito, sentindo o orgasmo atravessar meu corpo. Os meninos vêm logo a seguir.

Então eu me deixo cair em cima de Beckett, recuperando o fôlego antes de me levantar do sofá e ir ao banheiro do corredor para me limpar.

Quando volto, encontro os dois jogadores de hóquei da Briar olhando para mim incrédulos.

— O que foi? — pergunto.

— Como assim, o que foi? — pergunta Beckett, rindo. — Você entrou por aqui como um tornado e nos fodeu à bruta. Não há uma explicação?

— Você precisa de uma explicação quando o resultado é final é você dar uma queca?

— Você tem razão.

Em vez de vestir minha roupa, pego a camiseta que Will tirou e a visto. O tecido macio chega abaixo dos meus joelhos. Tem seu cheiro, aquele perfume inebriante de especiarias que eu não me canso.

Beckett volta a me puxar para seu colo. Encosto minha cabeça em seu ombro e Will agarra minhas pernas, puxando-as para o colo dele. Will massageia meu pé direito e a sensação de prazer me faz gemer.

Estão ambos de peito nu, mas os pênis voltaram para dentro das calças de moletom, depois que os preservativos foram descartados. Eu amo o fato de que

nenhum deles pisca nem mesmo ao me ver aparecer em uma quarta-feira à noite, exigindo sexo como uma demente de olhos arregalados.

— Não costumo falar sobre ex-namorados com as pessoas com quem saio — digo —, mas só quero agradecer por aceitarem minha libido.

Will parece divertido.

— Você não tem nada que nos agradecer. Fazer você se sentir bem não é um sacrifício.

— Era um sacrifício para meu ex — digo, dando de ombros.

— Quem? O Macho Mitch? — diz o Beckett, debochando. — Claro que ele não sabia lidar com alguém como você. Você é um puro-sangue majestoso e ele é um daqueles cavalos tristes e cansados que os turistas montam nos resorts de praia.

Dou risada.

— Acho que é a segunda vez que você me compara a um cavalo.

Ele acaricia meu pescoço.

— Sim, mas um cavalo muito atraente.

Will ri, começando a massagear meu outro pé, enterrando os dedos no arco.

— Eu costumava mandar mensagens para ela, como fiz com vocês hoje à noite, dizendo que estava a caminho e praticamente implorando por sexo. Ele odiava. Ele dizia que não conseguia transar por obrigação e que eu era egoísta por pensar em mim o tempo todo. — Sinto a culpa picar minha barriga.

— Ele tem razão em relação à parte do sexo por obrigação — Will reconhece. — Mas você também não parece ser o tipo de pessoa que forçaria a questão se você aparecesse e ele dissesse que não estava com vontade.

— Claro que não. Iria para casa e cuidaria do assunto eu mesmo.

— E não me parece egoísta comunicares as tuas necessidades — acrescenta. — Apenas parece que não estavas com a pessoa certa. Tu própria disseste: não eram compatíveis. Alguém com uma libido ativa nem sequer hesitaria.

— Como vocês — digo.

— Os jogadores de hóquei são tesudos — concorda o Beckett.

Encosto-me ao seu peito, sentindo o seu corpo quente e forte.

— Fogo, estou tão farta disto — balbucio.

A mão do Will fica parada sobre a sola do meu pé.

— Não, não é isso. — Sorrio. — Isso é divinal. Não pares.

O Beckett beija-me o pescoço.

— Então, estás farta de quê?

— De tudo. Da minha república, das regras ridículas, de manter as aparências… tudo.

— Então porque é que continuas?

— Porque tem que ser — murmuro, encostada em seu ombro. — Porque estão todos me observando. Me julgando. E eu odeio isso. Odeio nunca poder me sentir livre ou totalmente viva. É como se eu estivesse sempre presa em uma caixa, fazendo o que esperam de mim, desempenhando o papel que todos querem que eu desempenhe. E eu não posso simplesmente… ser.

Will me lança um olhar pensativo.

— O que você faria, se pudesse? Apenas ser, isto é. Se não houvesse ninguém assistindo ou julgando, o que você gostaria de fazer agora?

A pergunta me pega de surpresa. Por um lado, eu sei o que faria. Porque eu já faço. Eu me entrego a encontros secretos com caras com quem não deveria me encontrar. Eu dirijo carros de corrida em um autódromo deserto no meio da noite. Não me importo de correr riscos, pelo contrário, eu os desejo, desde que possa fazê-lo longe de olhares indiscretos.

Mas e o que mais?

Comprimo os lábios. Pondero. O que eu sempre quis fazer e que sempre esteve fora do meu alcance? Algo levemente arriscado, até para mim?

— Ir a uma *rave* e pegar um barato — confesso.

Beckett ri com o rosto enterrado no meu cabelo.

— OK. Não estava esperando por essa. Mas… sou todo ouvidos.

— Não tem nada de profundo. Sempre quis ir numa *rave* e tomar… sei lá, *ectasy* , ou algo assim. Algo que me faça sentir bem. Quero dançar a noite toda e me perder na música. Por uma vez que seja.

— Então, por que não faz? — Will pergunta. Não há crítica em seu olhar, apenas curiosidade.

— Porque você é irresponsável. Potencialmente perigoso. E tenho medo demais. Nunca usei nenhuma droga na vida. Tenho medo de que possa dar errado e ninguém estar lá para cuidar de mim.

Will aperta meu pé.

— Nós cuidamos de você. Se for algo que você realmente quer fazer, Beck e eu vamos com você.

— Sério?

— Claro. Não te deixaríamos sozinha. Você poderia fazer o que quisesse, sabendo que há alguém zelando pela sua segurança.

— Poderíamos tentar ir nas férias — sugere Beckett. — Talvez no fim de semana antes do início do novo semestre. Não temos jogos nesse final de semana.

Fico emocionado com a oferta.

— Estão falando sério?

— Muito sério — ele diz, e Will concorda com a cabeça. — Você merece se sentir viva. Não ter que esconder quem você é. Você é incrível, Charlie, e não deveria ter que esconder isso.

A tentação faz cócegas na minha barriga, mas ainda está presa pelo medo do que poderia acontecer.

— Talvez — digo, sem me comprometer ou rejeitar a ideia.

Beckett passa as pontas dos dedos sobre meu braço nu.

— A oferta fica de pé, se você quiser aproveitar.

— Obrigada. — dou um beijo em seu queijo e encontro o olhar com Will, sorrindo.

Pela primeira vez, durante todo o dia, sinto que posso respirar novamente.

CAPÍTULO 34

CHARLOTTE

Apaixonado

O fim de semana chega mais rápido do que eu esperava, o que é bom e ruim ao mesmo tempo. É bom porque significa que não preciso ficar trabalhando no laboratório até meia-noite; não tenho experiências para acompanhar, apenas relatórios para fazer. É ruim porque significa que estou um dia mais perto do final do semestre e não me sinto totalmente preparado para a revisão intermediária do meu projeto final. Estou ansiosa para as férias. Preciso esvaziar meu cérebro de todas as informações que acumulei neste semestre. Todo o estresse. Todos os pensamentos confusos sobre os dois jogadores de hóquei com quem estou pingando todas as noites.

No sábado à tarde, minha Protegida me convence a ir assistir a um jogo de futebol e, como Harrison veio me visitar neste fim de semana, ele também vem conosco. É a primeira vez que o apresento como «meu irmão» a outras pessoas e fazê-lo aconchega meu coração.

O estádio está lotado e o clima está quente enquanto procuramos nossos lugares. Trata-se de um dos raros anos em que a Briar chegou à fase de *play-offs* , por isso, os torcedores estão vibrando de entusiasmo. Estamos todos agasalhados, pois é um dezembro extremamente frio e Harrison se oferece para pegar chocolate quente para nós em um dos quiosques.

Enquanto ele caminha por nossa fila em direção ao corredor, sento-me sobre as mãos enluvadas para aquecê-las com o calor da minha bunda.

— Não acredito que você veio a um jogo torcer pelo Isaac — digo, sorrindo para Blake.

— Decidi lhe dar esse prazer.

Ah. Claro. Não me deixo enganar pela resposta evasiva. É tão óbvio que ela gosta daquele pateta convencido. Ele pode fingir que não a afeta, mas noto a maneira como ela percorre o campo em busca de sinais dele.

— Você não pode só admitir que gosta dele?

— Ele é legal. — Vejo um sorriso se formando antes que ela vire a cabeça.

— Você age sempre assim?

— Assim como? — pergunta a Blake.

— Em negação.

Ela me lança um olhar furioso.

Deve ter sido Isaac quem conseguiu ingressos, porque estamos bem ao lado do banco de reservas de Briar. Prevejo muitos olhares entre Blake e o jogador de futebol que ela afirma ser apenas 'legal', apesar de já ter saído com ele uma dúzia de vezes.

Harrison retorna com uma bandeja de papelão com três copos térmicos com tampas brancas.

— Você salvou nossa vida — digo, agradecida, aceitando um dos copos.

— Obrigada — diz a Blake, sorrindo.

Ele se senta novamente, olhando para o campo. Os jogadores ainda não saíram do túnel, mas os bancos de reservas do time da casa e dos visitantes estão lotados de técnicos e auxiliares.

— Faz anos que não assisto a um jogo de futebol — diz Harrison, abrindo a tampa de seu copo. Ele pediu um café em vez de chocolate quente e eu sinto o aroma revelador pairando em minha direção. — Talvez desde a adolescência.

— Você pratica algum esporte, Harrison? — pergunta a Blake. A ponta de seu nariz está vermelha enquanto ela toma pequenos goles de sua bebida quente.

— Não — diz, com frieza. — Eu era o garoto dos videogames. Meus amigos e eu passávamos dias inteiros sem sair de casa ou sem nos ver. Nós nos conectávamos online e conversávamos com os fones de ouvido por horas.

O celular de Blake vibra. Ela olha para a tela e se levanta do assento.

— Você se importa de segurar isso? — ele me pergunta, erguendo o copo de chocolate quente. — Só vou ligar para minha mãe antes do jogo começar. Volto logo.

Pego seu copo e dou espaço para ele passar na nossa frente, em direção às escadas. Assim que Blake desaparece, sinto ondas de tensão emanando de Harrison.

— Então — ele diz, olhando para mim de lado —, você já contou a eles?

Finjo não saber do que você está falando.

— Contei o que para quem?

— Aos seus pais adotivos. Você já contou a eles sobre mim?

Aos meus pais. Adotivos não. Odeio que ele sempre acrescente essa ressalva.

Sinto um nó se formar em meu estômago, a culpa se agitando dentro de mim.

— Não. Ainda não.

Sua expressão se ensombra.

— Eu não entendo, Hae. Porque não?

Esta é outra coisa que você começou a fazer há pouco tempo. Referindo-se a mim como Hae-Won ou Hae. Foi engraçado da primeira vez e me fez sentir um nó de emoção na garganta, mas, ultimamente, parece mais… hostil. Como se você estivesse constantemente querendo me lembrar que minhas raízes não estão na minha família. Que sou outra pessoa, alguém que eles não conhecem.

Porém, intencional ou não, o fato dele usar meu nome coreano só me faz sentir *mais* alienada. Nem branca, nem coreana. Diferente deles, e diferente dele.

Encontrar meus parentes biológicos deveria me ajudar a descobrir o elemento que faltava na minha identidade e não fragmentá-la ainda mais.

— Por que você não contou a eles? — insiste o Harrison.

— Porque… — Me dói encontrar as palavras. — Porque não me sinto pronta. Tenho medo da reação deles. Não quero que pensem que não são suficientes para mim. Que estou tentando substituí-los, ou algo assim.

Seu queixo se retesa.

— Então, você só vai me manter em segredo para sempre?

— Claro que não — protesto, estendendo a mão para tocar seu braço. Mas ele se afasta.

— Tem certeza? — Sua voz é brusca e cheia de mágoa. — Porque está começando a parecer que eu sou apenas um estranho sobre quem você tem vergonha de falar.

— Não. Não é nada disso! — Meu tom de voz sobe em desespero. — Juro que não é isso. Só não sei como equilibrar tudo. Estou ainda tentando entender.

— Eu sou seu irmão. — Agora você parece triste. — Sangue do seu sangue. Isso é importante. Ou, pelo menos, deveria ser.

Sinto as lágrimas a arder nos cantos dos olhos, mas pestanejo para as afastar, recusando-me a chorar à sua frente, à frente de todas estas pessoas.

— Claro que é importante — digo, com a voz a tremer. — Mas eles também são a minha família. Apoiaram-me durante toda a vida e irei lidar com esta situação da forma que fizer mais sentido para mim.

O Harrison abana a cabeça, mostrando uma expressão carregada de desilusão.

Fico aliviada ao ver a Blake descer as escadas. Graças a Deus. Esta conversa estava a tornar-se demasiado intensa para me sentir confortável.

Eu percebo. Sei porque está triste. Mas está me apressando e não gosto que me apressem. Não me sinto preparada para ter essa conversa com meus pais. Não me sinto pronto para saber se eles escolheram deliberadamente me adotar e não Harrison. Pronto, talvez você esteja querendo ganhar tempo. Ou talvez eu realmente precise de tempo para processar esse novo relacionamento, essa conexão desconhecida, antes de abrir a porta e deixar o resto da minha família entrar. Em qualquer caso, sinto que ele está me forçando a escolher entre a única família que conheci e o irmão que acabei de encontrar, e é injusto que ele o faça.

— Você está bem? — pergunta a Blake, examinando meu rosto.

— Tudo bem. — Eu sou ótima em sorrisos falsos, e é exatamente o que eu faço.

Devo tê-la convencido, pois ela se senta e pega o copo que lhe dou sem insistir mais no assunto.

— Como está sua mãe…

Minha voz é engolida pelo som do locutor do estádio retumbando nos alto-falantes, sinalizando que o jogo está prestes a começar.

Os jogadores da Briar irrompem pelo túnel em uma mancha preta e prateada. Costuma ser o *quarterback* atravessando a bandeira de papel, mas hoje o time todo passa por ele, deixando-o intacto. Em vez disso, os jogadores jogam os braços para o alto para incitar os fãs. Você pode ouvir o rugido da multidão, e o burburinho de entusiasmo pulsando no estádio o faz parecer uma entidade viva que respira.

Enquanto o resto do time corre para dentro do campo, seguido por seus adversários, a voz do locutor ecoa no ar mais uma vez.

— Senhoras e senhores, meninos e meninas, temos uma comunicação especial a fazer antes do início do jogo — diz ele, com uma voz soante. — Um de nossos jogadores gostaria de dizer algumas palavras.

Sinto Blake ficar tensa ao meu lado.

— Ah, não — ele resmunga, já percebendo o que vai acontecer.

Sete jogadores corpulentos da Briar começam a se alinhar no campo. Cada um tem uma grande placa branca na mão.

Blake se vira para mim com os olhos arregalados.

— Ele não seria capaz, seria?

Um sorriso quase abre meu rosto ao meio.

— Você não sabe como ele é?

— Não. Nãooooo. Fá-lo parar com isso.

— Desculpe, Logan. Só você é responsável por isso.

O primeiro jogador, um atacante de cabeça raspada reluzente, levanta um cartaz que diz « **EU** ».

— Oh, meu Deus — digo. — Isso é a melhor coisa de todas.

— Não, não é — silva a Blake, enquanto o Harrison se ri do meu outro lado.

— É este o namorado? — pergunta ele, a sua má disposição parecendo desvanecer graças ao espetáculo a desenrolar-se no campo.

— Ele não é meu namorado — responde ela, através dos dentes cerrados.

O cartaz do próximo jogador diz «**ESTOU**».

A Blake afunda-se mais no assento.

«**APAIXONADO**», diz o terceiro cartaz, seguido de «**POR**» e «**TI**», até os jogadores estarem todos a segurar cartazes que dizem:

EU ESTOU APAIXONADO POR TI, BLAKE LOGAN

O Isaac Grant então atravessa a bandeira de papel da Briar U como se cruzasse a linha de chegada nas Olimpíadas, correndo ao som dos gritos ensurdecedores da multidão e se posicionando na frente dos companheiros de equipe que seguram nos cartazes.

Depois aponta direto para Blake e grita:

— Estou apaixonado, meu anjo!

A torcida explode em aplausos e assobios, enquanto o rosto da Blake fica de uma tonalidade intensa de vermelho. Ela enterra o rosto nas mãos, mortificada.

— Esse cara é louco — resmunga.

— Sim, mas também é meio romântico — admito, mesmo assim. — Tipo, romântico de um jeito ridículo, exagerado e completamente desnecessário.

Blake olha por entre os dedos, claramente dividida entre se sentir emocionada e querer se enfiar em um buraco.

— Ele já foi embora?

— Iá.

Ela levanta a cabeça, olhando furiosa para mim ao perceber que Isaac ainda está ali, olhos fixos nela.

Com um suspiro, a Blake lhe dá um leve aceno e todo seu rosto se ilumina. O rapaz está mesmo apaixonado.

Percebo as caretas ciumentas de todas as mulheres ao nosso redor.

— O-oh, eles estão mostrando as garras — debocho. — Você corre um grande perigo à mercê do fã-clube de Isaac Grant.

— Podem ficar com ele — resmunga. — Não gosto de atenção.

— Bem, é melhor você se acostumar. — Dou um tapinha em suas costas.

— Não. É melhor não se tornar uma coisa regular. Não sei se consigo aguentar esse grau de humilhação pública toda semana.

Eu rio, apesar da dúvida persistente que sinto sobre a sinceridade de Isaac em relação a Blake. Love *bombing* é um sinal de alerta. E, sim, Isaac é bonito, charmoso e claramente está disposto a se esforçar para impressioná-la, mas não posso deixar de me perguntar se não é apenas uma fachada. Gestos grandiosos são legais, mas nem sempre significam o que queremos que signifiquem.

Ao meu lado, a expressão de Harrison ficou séria novamente. Não quero que você sinta que é meu segredo vergonhoso. Ironicamente, a razão pela qual não contei aos meus pais sobre sua existência não tem nada a ver com ele. São minhas merdas. O medo de entristecê-los.

Porém, estou só entristecendo o Harrison. A tensão entre nós voltou e não sei como aliviá-la.

*

Quando volto para casa depois do jogo, ligo para Ava. Não me limito a um simples telefonema, faço uma *chamada de vídeo* . É algo que minha irmã e eu raramente fazemos, então não me surpreende quando ela me cumprimenta com um profundo sulco de preocupação na testa.

— Oi — diz, temerosa. — Você está bem?

— Estou — respondo. — Mas ao mesmo tempo não.

Ela dá um sorriso forçado.

— O que está acontecendo?

Encosto-me na cabeceira da cama, com os joelhos para cima. Pousando meu celular em um dos joelhos, pego o coelhinho de pelúcia sobre meu travesseiro e o puxo para mim. O *Tiger* . O *Tokki* .

Fogo, até meu coelhinho de infância tem uma vida dupla.

— Charlotte? — insiste Ava.

— Eu… hum… fiz uma coisa.

— Ah, merda. Tá grávida?

— Não, não é nada disso.

Respiro fundo, as palavras se prendendo como cola na minha garganta. Não posso mais guardar isso só para mim.

Ao expelir o ar, digo sem jeito:

— Tenho um irmão biológico.

Seus olhos azul-acinzentados ficam arregalados.

— O quê?

— Eu me inscrevi em um daqueles sites de genealogia e enviei meu DNA. Os resultados revelaram que tenho um irmão biológico.

— Quando você fez isso?

— Há alguns meses — admito, ignorando a pontada de culpa que sinto. — E… eu o conheci.

— O quê? Como? Ele não está na Coreia? Ou viajou para se encontrar contigo?

— Não, ele também foi adotado por uma família americana. Vive em Las Vegas.

— Porque é que não me contaste?

— Não sei. — A minha voz começa a falhar. — Não sabia como e não queria deixar ninguém triste. Pensei que os pais pudessem sentir-se… traídos, talvez? E queria conhecê-lo com calma, sem me sentir pressionada a apresentá-lo ao resto da família nem a ter conversas pesadas sobre o assunto.

Ela fica um momento em silêncio.

— Eu percebo. É muita coisa para processar, não é?

— *Tanto* para processar. E ele teve uma infância muito difícil. A mãe morreu pouco depois de ele ter sido adotado e ele ficou com o pai, que me parece ter sido violento com ele.

Ava prende a respiração.

— Foda-se. A sério?

— Ele tem queimaduras de cigarro nos braços e, sempre que falo do pai, ele se cala. Fica com uma expressão torturada. — Mordo o lábio. — Não consigo parar de pensar… por que não trouxeram nós dois?

— Quem?

— Nossos pais. Por que eles adotaram só a mim e abandonaram Harrison?

Seu rosto se abate e posso perceber o desconforto se instalando.

— Charlotte. Você não pode culpá-los por uma coisa dessas. Eles provavelmente nem sabiam.

— Não consigo imaginar o orfanato não contar a eles que eu tinha um irmão. Parece extremamente irresponsável para mim. — Hesito. — E se eles sabiam e escolheram não ficar com ele? Poderiam tê-lo poupado da infância que teve. Mas eles não fizeram, e agora ele está com raiva e magoado, e eu não sei como resolver isso.

A expressão de Ava endurece.

— Você não tem a responsabilidade de resolver nada. E não é justo culpar os pais pela infância dele. Eles não são responsáveis pela vida dele. São responsáveis por você. Eles *te amam* .

Sinto a raiva crescer em meu peito, talvez irracional, talvez um pouco irracional, mas não consigo conter o sentimento inflamado.

— Você não percebe. Você não tem ideia do que é ser Harrison. Sentindo-se indesejado. Você é a filha verdadeira deles. Você nunca se perguntou se é suficiente para eles. Se o seu lugar é ao seu lado.

Ela se retrai, como se tivesse dado um tapa nele. Parece chocada.

— É isso que você sente? Que você não pertence à nossa família?

Abro a boca para responder, mas as palavras não saem. Não tinha intenção de o dizer assim, de ser brusca com ela, e a expressão devastada da Ava faz o meu peito contrair-se de arrependimento.

— Não sei — sussurro, sentindo-me subitamente exposta, como se tivesse aberto uma velha ferida e não conseguisse voltar a fechá-la. Respiro fundo devagarinho. — Podemos falar sobre isso mais tarde? Talvez processar um pouco e retomar o assunto depois?

— Não. Vamos falar sobre isso agora.

— Por favor, Ava. Esquece. Liguei-te para te contar do Harrison, não para falar sobre a minha adoção.

O seu olhar procura o meu.

— Char, és a minha irmã mais nova. A minha irmã *verdadeira*. Isso nunca esteve em causa. Nem para mim, nem para os pais. Sempre foste suficiente.

Suas certezas não me confortam como eu gostaria. Eles só tornam a culpa mais pesada. Não consigo mais olhá-la nos olhos.

— Você pode manter essa história de Harrison só entre nós, por enquanto? — pergunto. — Ainda não me sinto pronta para contar aos pais e quero ser eu a fazê-lo.

— Claro. Não vou contar a ninguém. Mas…

— Tenho que ir. Depois a gente conversa.

— Char, espera... — ele protesta, mas já estou desligando a ligação.

Fico olhando para o celular, sentindo a tensão crescer em meu peito a cada segundo. Eu me sinto sensível. Como se eu estivesse à beira de algo que não posso controlar.

Preciso arejar as ideias. Fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Qualquer coisa que me faça esquecer essa conversa desconfortável.

Não deveria ter dito nada.

Mando uma mensagem para Dante, que diz não se importar que eu passe pelo autódromo, e pego minha carteira e meu casaco. No exato momento em que estou me encaminhando para a porta, meu celular toca e eu me preparo, esperando ver Ava me ligando outra vez. Felizmente, é Beckett.

Cumprimento-o com um «Olá» cansado.

— Olá, delícia de açúcar. Onde você está?

— Em casa. Por quê?

— Você deveria passar por aqui hoje à noite. Seguindo o jantar, com seu irmão?

— Ah, cara, desculpa. Esqueci completamente. Está sendo uma noite complicada.

— O que aconteceu?

— Discuti com minha irmã. E eu discuti com Harrison antes. Posso te ligar amanhã? Estou saindo.

Sua voz sai aguda.

— São onze da noite. Aonde você vai?

— Sair — digo, tentando manter uma voz casual. — Só preciso espairecer um pouco.

— Aonde? — repete ele, desconfiado.

Suspiro, porque sei que você não vai deixar passar.

— Você quer ir comigo?

— Iá.

— Está bem. Te pego em vinte minutos.

CAPÍTULO 35

BECKETT

Iá, esse mesmo

A viagem é feita maioritariamente em silêncio, mas um silêncio confortável. É tão fácil estar com a Charlie. Não preciso de impressioná-la nem de preencher o silêncio com conversa de chacha. Ela vai satisfeita no lugar do condutor, cantando ao som da música *pop* que sai das colunas do carro, virando-se para mim de vez em quando, mostrando aquele sorriso que me faz sentir um aperto no peito. Ela é linda.

Não voltei a insistir com ela sobre o nosso destino. Desde que me apanhou em Hastings já perguntei duas vezes, mas ela encolheu os ombros e pediu-me que esperasse para ver.

O que só prova que a Charlotte Kingston tem muito mais camadas a revelar.

Não esperava gostar tanto dela. Mas, quanto mais tempo Will e eu passamos com Charlie, mais me sinto afetado por ela. Ela é tão inteligente, capaz de se defender em qualquer conversa, qualquer tópico que possamos sugerir. Me faz rir a bandeiras despregadas. Me dá tesão como ninguém.

E é a primeira vez que sinto… medo. Verdadeira ansiedade em relação a este acordo poder chegar ao fim. Porque sempre chega. A mulher se aborrece depois que a novidade de estar com dois homens passa. Ou você desenvolve sentimentos por um de nós, como Caitlin no início do semestre. E então acaba. Vai cada um pro seu lado.

Não quero me separar de Charlie. Eu quero… foda-se, nem sei o que quero dessa situação. Tudo o que sei é que a ideia de acabar com ela me faz sentir um nó doloroso no estômago.

Quando chegamos ao nosso destino, vejo uma enorme placa sobre nossas cabeças que diz AUTÓDROMO AMATO e um homem robusto e musculoso fumando um cigarro ao lado da entrada. Ele parece ser alguns anos mais velho que nós, com cabelos pretos e muitas tatuagens.

Viro a cabeça na direção de Charlie.

— O que é isso?

— Eu tenho um amigo, é aquele ali. O Dante. Às vezes, ele me deixa entrar depois do expediente para dirigir um pouco.

Um sorriso lento surge no meu rosto.

— Você gosta de carros?

— Um bocado.

— Um bocado?

Seu sorriso é tímido.

— Muito — corrige.

Estão vendo? Essa mulher não para de me surpreender.

Saímos de seu carro para a noite escura e silenciosa. Está frio. Enfio as mãos sem luvas nos bolsos do casaco e sigo Charlie até o cara tatuado. Minha respiração sai em nuvens brancas, levadas pelo ar gelado.

— Oi, princesa — ele diz, quando nos aproximamos, me olhando com leve curiosidade. — Qual dos dois é esse, Lars ou Bjorn?

Sou incapaz de conter o riso.

— Esse é Beckett Dunne — apresenta a Charlie. — E, infelizmente, não é sueco.

— Que pena.

— Mas é australiano. O que é ainda melhor, parece-me.

Ele estende a mão para mim.

— Sou Dante. Prazer em te conhecer. Qualquer amigo de Charlie é meu amigo.

— Prazer em te conhecer, amigo. — Ao retribuir o aperto de mão, olho para Dante com a mesma curiosidade. — Como vocês se conhecem?

— Nos conhecemos em uma festa há alguns anos e descobrimos que ambos tínhamos uma paixão por carros — explica a Charlie, esfregando as mãos. Ela também não está usando luvas e suas bochechas estão ficando rosadas por causa do frio. — Espero que não faça mal ter trazido Beckett. Prometo que não vou deixar você dirigir um único automóvel.

— Então?! — protesto. — Isso é cruel.

Dante sorri para mim.

— Desculpa, meu. Você está de serviço no banco do passageiro. Especialmente agora que tenho que ir.

A Charlie se sobressalta.

— Você vai embora?

— Sim, eu realmente ia te mandar uma mensagem agora. O carro de Kody quebrou e preciso ir salvá-lo. — Ele tira algumas chaves do bolso de trás e destranca a porta de entrada. — Mas vou deixar você entrar mesmo assim, pois ficaria me sentindo um idiota se te mandasse embora depois que você veio até aqui. Só me promete que você não anda muito rápido, está bem?

— Tem certeza? — Charlie toca seu braço. — Eu entendo perfeitamente se você nos mandar embora. Não fico chateada.

— Eu confio em você. Tranque tudo quando terminar e deixe as chaves no cofre. Eu te mando o código por mensagem — diz Dante, passando o chaveiro na mão dele. Depois, coloca a mão de volta no bolso e tira outra chave. — Ah, e eu só vou deixar você dirigir esse. Tem cuidado.

Charlie olha para o símbolo na chave fina.

— Meu Deus — exclama. — Tá gozando?

— Não. Sei há quanto tempo você anseia por isso. — Ele pisca, os lábios se

curvando em um sorriso doce. É óbvio que ele sente um grande carinho por Charlie. — Estacionei na pista para você.

— Meu Deus — ela diz outra vez.

— Deixe na garagem quando terminar. — Dante vai até o único outro veículo no estacionamento, uma *picape* empoeirada. — Não deixa o bonitão dirigir — diz sobre o ombro.

— Não deixo — responde ela.

Nunca me senti tão impressionado, vendo-a se orientar pelas instalações como se tivesse feito isso milhares de vezes. E só ajuda que sua roupa contribua para a energia intimidadora que ela transmite: *leggings* pretas, botas pretas de salto largo e um suéter preto largo, que ela mostra ao abrir o kispo.

É assustador estar em um autódromo à noite. A bancada escura e vazia é inquietante e, ao passarmos por ela, parece que estou esperando que um assassino com uma faca surja das sombras e nos corte em pedaços. Quando chegamos à beira da pista, minha pulsação acelera. Sobre nós, o céu de inverno é salpicado de estrelas. O asfalto sob nossos pés é mal iluminado à luz da lua, mas a *Ferrari* vermelha que está estacionada lá brilha como um fio de alta tensão.

Charlie tira o casaco e aponta para mim para fazer o mesmo. Deixamos nossas coisas em um parapeito próximo e sorrio ao vê-la se aproximar da *Ferrari* com desejo genuíno em seus olhos.

Acho difícil aceitar que você venha de tão longe no meio da noite para dirigir carros esportivos. Se alguém me dissesse que minha delícia de açúcar betinha fazia esse tipo de coisa para se divertir, eu teria rido na sua cara.

— Você costuma mesmo fazer isso? Tipo, regularmente?

Ela abre um sorriso malicioso sobre o ombro.

— É a minha cena. Minha maneira de descontrair.

— A maioria das pessoas vai à academia ou, sei lá, toma sorvete quando está estressada.

— Eu não sou a maioria das pessoas.

Não, não é mesmo.

Aproximo-me do carro esporte e passo a mão sobre o metal vermelho suave.

— Isso é loucura, no melhor dos sentidos.

— Espere até estar dentro do carro.

Antes de conseguir responder, ela entra para o lugar do condutor como se o carro fosse seu e o som da porta a trancar ecoa no silêncio da noite. Faz-me sinal para que me junte a ela. Sinto o coração a mil, a antecipação provocando-me um formigueiro na barriga ao sentar-me ao seu lado. Afundo-me no lugar do passageiro, rodeado pelo cheiro a couro e a gasolina.

Quando a Charlie liga o motor, juro que *sinto* a sua potência. O rugido grave e gutural vibra-me pela espinha acima e provoca-me um formigueiro nos testículos.

— Põe o cinto — adverte, os seus olhos cintilando, refletindo as luzes do tabliê. — Eu não conduzo devagar.

— Ah, não? Mostra-me o que vales, miúda.

Sem mais uma palavra, ela engata a mudança, carrega no acelerador e avançamos tão depressa que sou arremessado contra o assento.

— Mas que merda! — me agarro à porta com todas as minhas forças.

Charlie ri. Uma risada solta e descontraída que envia ondas de desejo direto para o meu pau.

— Aguenta, *moleque* — imita. — Só estou me aquecendo.

Ela faz a primeira curva no que parece ser uma velocidade impossível, mas fico aliviado ao perceber que ela tem o carro sob controle e faz curvas com facilidade, mantendo as mãos fluidas sobre o volante. Claramente, ele fez isso muitas vezes. E é… quente. Assustador, mas quente.

— Isso é incrível!

— Eu te disse! — ela responde, acima do barulho do motor. Quando passamos por outra curva fechada, seu olhar nunca abandona a pista. — Isso me faz sentir livre, sabe? Sem pressões, sem expectativas. Só eu, o carro e a velocidade.

Esta noite estou vendo ela de uma maneira completamente diferente. Totalmente em seu elemento. Confiante. Despreocupada. Livre. Isso me faz sentir um estranho aperto de emoção no peito, uma sensação de… ânsia.

Mas me obrigo a ignorá-la. Não vou desenvolver sentimentos por essa garota. Eu apenas gosto do fato de ser aventureira.

Aceleramos na próxima reta e a pista passa voando por nós. Não consigo parar de sorrir. Will vai ficar com ciúmes por ter perdido uma coisa dessas. O idiota decidiu ir para os drinks com Colson hoje à noite.

De repente, fazemos uma curva fechada, aparentemente em baixa velocidade. A *Ferrari* derrapa e, por um momento, sinto que estamos voando.

— Charlie, juro por Deus, se sofrermos um acidente, vou te assombrar do Além — digo, mas minha risada cresce e minha adrenalina alimenta a dela.

Ela limita-se a sorrir e acelera outra vez. A pista estende-se diante de nós, uma mancha de asfalto e holofotes enquanto ela puxa pelo *Ferrari*, o velocímetro subindo mais a cada segundo.

— Não posso mesmo conduzir? — pergunto.

— Não. O Dante mata-me.

— Oh, vá lá…! Não vim de tão longe só para ficar sentado ao teu lado.

— Nem sequer sabias que vínhamos aqui!

— Vá lá — suplico.

— Não!

— És má. — Embora talvez seja melhor assim. Não quero levar uma carga de porrada daquele Dante por lhe riscar o *Ferrari*.

Quando a Charlie abranda o carro, olho para ela fixamente, o silvo do vento fora das janelas começando a acalmar.

— És incrível — digo.

Ela olha para mim com os olhos enormes brilhando.

Estendo meu braço sobre o console central, passando os dedos por seu pescoço. Sorrio ao vê-la estremecer.

— Adoro ver esse seu lado. Você deveria deixá-lo sair mais vezes.

— Talvez eu fizesse — admite — se não sentisse que tenho que reprimir tudo.

Charlie dirige a *Ferrari* até o que parece ser um hangar de avião. Quando nos aproximamos, percebo que é uma garagem. Ela atravessa a porta aberta e para, o motor zumbindo baixinho antes de ficar em silêncio.

Passo a mão sobre a sua, pousada na alavanca de marchas.

— Você não precisa reprimir nada. Você não precisa se esconder de mim ou de Will. Queremos conhecer tudo o que você é. O lado bom, o ruim, o selvagem.

Ela se vira para mim, mordendo o lábio.

— Você está falando sério?

Acaricio seu rosto. Você tem uma pele tão macia.

— Eu sempre falo sério.

É como se algo dentro de você se abrisse para minhas palavras, suas paredes desmoronando ao se aproximar para me beijar. Um beijo lento e terno no começo, mas rapidamente o desejo cresce, alimentado pela adrenalina que ainda corre em nossas veias.

Charlie tira o cinto de segurança para poder virar o corpo na minha direção. Seu peito sobe e desce, os lábios ligeiramente abertos. Está excitada. Eu também.

Seus lábios macios e o calor de sua língua fazem o resto do mundo desaparecer. Não me interessa o passado ou o futuro, apenas o aqui e agora, e a maneira como essa garota me faz sentir tão vivo.

Afastamo-nos apenas o suficiente para eu conseguir agarrá-la pela cintura e puxá-la sobre a consola para o meu colo. Agarro-lhe nas ancas ao mesmo tempo que os meus lábios encontram os seus noutro beijo ardente. Ela geme na minha boca, enfiando os dedos no meu cabelo.

— Foda-se — murmuro. — Quero-te tanto.

Ela puxa-me a t-shirt, despindo-ma sobre cabeça.

— Tens-me — murmura ela em resposta.

As nossas bocas voltam a encontrar-se e eu enfio as mãos sob a sua camisola quando me ocorre uma coisa.

Afasto os lábios.

— Lembras-te das nossas conversas na aplicação? Da tua fantasia?

— Qual delas? Trocámos tantas mensagens que eu… — Ela para de falar, percebendo. O seu rosto ruboriza com uma tonalidade amorosa de cor-de-rosa.

— Sim, essa mesmo — confirmo. — Ainda quer?

Ela geme em resposta e é todo o incentivo de que preciso. Abro a porta do carro e saio, levando-a no colo. Está frio na garagem, mas alguém (Dante, suponho) deve ter trabalhado aqui por um tempo com os aquecedores ligados, pois há algum calor no ar. O enorme espaço é iluminado apenas pelo brilho azul das luzes de segurança.

Charlie encosta o corpo no meu e os lábios no meu pescoço enquanto eu a levo até a frente do carro.

— Aqui? — pergunto, com uma voz grave e sedutora. Mas eu já sei a resposta.

— Bem aqui.

Uma descarga de desejo atravessa-me o corpo. Pouso-a sobre o capô do carro, o *Ferrari* vermelho cintilando sob o seu corpo enquanto ela olha para mim, ruborizada e carente. Ao pousar uma mão de cada lado do seu corpo, o metal frio contra as palmas das minhas mãos contrasta nitidamente com o calor entre nós. Inclino a cabeça para a beijar, as nossas línguas envolvendo-se enquanto lhe puxo as ancas até à beira do carro.

— Estou tão feliz por te ter conhecido — digo, entre beijos, com a voz rouca de desejo.

Sinto minha ereção dolorosamente apertada contra o zíper da calça. Não a liberto, pois isto agora não tem que ver comigo. Tem que ver com essa deusa estendida no capô da porra de uma *Ferrari* , essa garota cujos olhos ardem de desejo. Por mim. Devo ter sido um menino muito bom em outra vida para essa mulher selvagem, linda e perfeita olhar para mim assim.

Ela prende a respiração quando levanto sua camisa, revelando o top fino por baixo. Puxo seu top para expor seus peitos nus e empinados. Seus mamilos ficam imediatamente eretos por causa do ar frio, me fazendo salivar.

Beijo-lhe o pescoço, passando pela clavícula, até finalmente chegar aos seus deliciosos seios. Ao apanhar um mamilo ereto entre os lábios, ela geme, e chupo-lhe o botãozinho firme até todo o seu corpo começar a tremer. Depois lambo-lhe o peito até ao outro mamilo e dedico-lhe a mesma atenção. Quando paro de provocá-la, ela está ofegante.

Sorrindo à névoa de prazer nos seus olhos, enfio os dedos sob o elástico das suas *leggings*, puxando-as pelas suas longas pernas e ajoelhando-me à sua frente.

— Beck… — arfa, a voz tremendo-lhe de antecipação.

A visão do seu corpo estendido desta maneira, o seu cabelo preto espalhado sobre o capô do carro, deixa-me completamente louco. Ela é tão bonita.

Encosto os lábios ao interior da sua coxa, subindo lentamente. Ela começa a contorcer-se, agarrando-se à beira do capô quando me aproximo da zona onde mais precisa de mim, a sua respiração saindo em suspiros breves e desesperados.

— Oh, meu Deus — diz, quando finalmente chego à sua cona. — *Por favor*.

Rio-me, encostado ao seu centro.

— Por favor, o quê?

— Lambe-me.

Não precisa de pedir duas vezes. Estou viciado no seu sabor. Doce e ácido, e tão delicioso. Passo-lhe a ponta da língua pela abertura, em direção à vagina, e enfio-a dentro dela. Ela arqueia as costas para longe do capô e grita, levando as mãos ao meu cabelo, puxando-me mais para si.

Rindo-me da reação violenta, volto a lambê-la, gemendo quando finalmente lhe toco com a língua no clítoris. Inchado e latejante. Suplicando para que o lambe e chupe.

— Gosto tanto da tua cona — murmuro, passando-lhe a língua em movimentos rápidos.

Ela volta a erguer as ancas e puxa-me o cabelo com tanta força que me faz doer o couro cabeludo.

— Não pares.

Não poderia, mesmo que quisesse.

Os sons roucos que faz, a maneira como o seu corpo reage à minha língua, aos meus lábios… está a deixar-me fora de mim. Como-lhe a cona como se a minha vida dependesse disso, perdendo-me no seu sabor, no modo como ela diz o meu nome por entre respirações ofegantes. Ela desfaz-se sob a minha língua, proporcionando-me uma sensação de satisfação que nunca senti, sabendo que sou eu o motivo por que esta mulher estremece e geme de prazer. Quando ela se vem quase me venho também, sendo obrigado a apertar o pénis dentro das

calças, a dor resultante afastando o orgasmo indesejado.

— Beckett — suplica, com o corpo ainda a tremer da agitação do orgasmo. — Quero-te. *Por favor*.

Eu me levanto, com o peito arfando, e a puxo para mim, beijando-a com força. Ela agarra meu cinto, desesperada e tremendo, e eu gemo em sua boca enquanto o afrouxa. Procuro uma camisinha na carteira e abaixo a calça, liberando o pênis. Charlie se apoia sobre os cotovelos enquanto eu me coloco no meio de suas coxas.

— Você quer isso dentro de você? — pergunto, agarrando minha ereção. Faço-lhe uma carícia lenta.

Ela geme e abre mais as pernas.

Fogo. Esta mulher é a entrega total personificada.

Eu a penetro e a sensação é avassaladora, a intensidade me atinge como uma onda. Eu me inclino para enterrar meu rosto em seu pescoço, agarrando-a firmemente enquanto a penetro uma e outra vez. Suas pernas envolvem minha cintura, as mãos agarram meus ombros.

— Garota… — gemo, minha voz rouca de desejo. — Você sabe tão bem.

Ela crava as unhas nas minhas costas e me puxa para perto, roçando os lábios na minha orelha.

— Com mais força — suplica, e eu não hesito. Eu me movo mais rápido, com mais intensidade.

Tudo desaparece. Isso é puro. Primitivo. Só existimos nós dois, conectados de uma forma mais profunda do que eu já conheci. A única coisa que poderia tornar isso melhor era Will estar aqui, com a língua no mamilo dela, os dedos em seu cabelo, enquanto eu a fodia até outro orgasmo.

Quando ela finalmente grita, eu cedo o controlo para sua boceta perfeita e gozo ao mesmo tempo que Charlie. Venho-me tão intensamente que fico vendo estrelas. Eu me sinto completamente consumido por essa mulher, seu calor molhado, a maneira como ela prende meu pênis com tanta força. Eu me deixo cair em cima dela, nossos corpos entrelaçados, o ar fresco da noite contra nossa pele corada.

O meu coração continua a bater acelerado quando lhe roço a têmpora com os lábios.

— Isto foi… — Nem tenho palavras.

Ela ri-se.

— Pois foi.

Ficamos deitados um longo momento, recuperando o fôlego. Acaricio-lhe o pescoço, beijando-lhe a pele macia. Os seus dedos traçam círculos indolentes nas minhas costas e sinto o seu batimento cardíaco abrandar lentamente contra o meu peito.

Por fim, ajudo-a a sair de cima do carro e vestimo-nos. Porém, ela não parece estar com pressa para se ir embora. A Charlie sai da garagem e caminha até à beira da pista. Sigo-a, a nossa respiração criando vapor no ar. Ela inclina a cabeça, olhando para as estrelas. Quando a vejo tremer, puxo-a para mim, aquecendo-a, tanto por mim como por ela.

— Melhor? — murmuro, friccionando-lhe os ombros para a aquecer.

— Muito melhor — murmura. Depois de um tempo suspira, um som pesado,

como tivesse estado crescendo dentro de si.

— Você quer falar sobre o que aconteceu com seus irmãos?

Ela balança a cabeça. Depois anui. Baixinho, ela explica como Harrison a fez se sentir culpada no jogo de futebol e como, quando depois ligou para a irmã, acabou se sentindo mais culpada ainda.

— É tão difícil lidar com Harrison. Quando comecei esta busca por meus ancestrais, pensei que fosse mais fácil. Que, se encontrasse um parente, seria como se uma peça perdida finalmente se encaixasse. Achei que seríamos próximos ou que ele me entenderia porque… enfim, é família. Nós nem nos conhecemos e às vezes acho que estou tornando tudo pior, como se estivesse fazendo algo errado.

— Pelo que você me contou, não tem sido exatamente fácil falar com ele.

Ela acena que sim, uma careta contorcendo sua boca.

— Iá, ele é complicado. Ele sente uma grande amargura em relação às nossas infâncias diferentes e é como se eu nunca fosse capaz de dizer a coisa certa quando estou perto dele. Sinto constantemente que tenho que me desculpar por ter uma vida boa.

Quando ela para de falar, comprimindo os lábios, acho que acabou, mas depois faz um som irritado e continua.

— E também não é só Harrison. Eu também me sinto assim em relação ao meu ex, tipo, se eu fizesse algo errado, eu o perderia. Eu estava sempre tentando ser a namorada perfeita para Mitch, mas não consegui mais fazer isso. Era tão cansativo, tentar preservar seu ego frágil e fazê-lo feliz cada segundo do dia.

— Esse tipo é cá um otário — resmungo.

— Iá. E, mesmo quando eu era perfeita, ele conseguia encontrar defeitos — diz, com amargura na voz. — Chegou ao ponto em que até ser eu própria parecia um risco. Tipo, se eu baixasse a guarda, acabaria tudo.

Sinto uma pontada de raiva na barriga. Não em relação a ela, mas a qualquer pessoa que a faça sentir-se assim.

— Sabes que a responsabilidade é dele, certo? Não tua. Esses eram problemas do Macho Mitch, não teus.

Ela olha para mim com os olhos ligeiramente a brilhar.

— Às vezes não parece.

— Bem, mas devia — digo. — Porque se ele não soube lidar contigo, mesmo lidar contigo, com o teu verdadeiro eu, isso é problema dele. Ele é que ficou a perder.

— Achas mesmo?

— Eu não acho, eu *sei* . Você não deve mudar quem você é para manter alguém por perto. Isso não é amor. É… controle.

Ela fica em silêncio, pensando. Acima de nós, o céu se estende como um infinito mar negro, salpicado de estrelas distantes demais para alcançar, porém, perto o suficiente para preencherem o ar entre nós.

Charlie encosta a cabeça no meu ombro e vira a conversa para mim.

— E você? Como era sua ex?

Mantenho a resposta vaga.

— Era… Eu não sei. Éramos apenas crianças, sabe? Tentando entender o que queríamos, quem éramos. — Procuro as palavras certas, mas tudo me parece

estranho, como se eu estivesse tentando explicar um sonho. Como você explica alguém que, em algum momento, parecia ser a sua vida inteira? — Foi bom até deixar de ser.

— Foi ela que acabou ou foi você?

— Foi ela quem me deixou.

Charlie acena com a cabeça.

— Ele te traiu?

Aceno também.

— Ainda falam?

— Não. — Balanço a cabeça, engolindo o instinto para acabar com a conversa, mas as palavras que digo em seguida saem antes que eu consiga impedi-lo. — Mas eu… costumava escrever para você. Cartas. Talvez por um ano depois disso. — Rio baixo, me sentindo um idiota por admiti-lo. — Mas nunca cheguei a enviá-las.

— Então para que escrevê-las?

Dou de ombros, dando um leve sorriso autodepreciativo.

— Acho que era meu jeito de dar um basta nas coisas, mesmo que ela nunca chegasse a lê-las. Eu disse a ele coisas que não pude dizer antes, coisas que só percebi mais tarde.

Charlie hesita novamente.

— Achas que ela é mais feliz sem ti?

A pergunta atinge-me diretamente no peito.

Não respondo logo. Respiro fundo e, por um segundo, o frio parece mais cortante.

— Acho — digo, finalmente. — Iá, acho que é.

— E tu és mais feliz sem ela?

Sinto um nó na garganta.

— É difícil responder a isso. Já não sou a mesma pessoa que era naquela altura. A minha ideia de felicidade mudou.

Ela olha para mim, vendo-me verdadeiramente, os seus olhos transmitindo um aconchego que ajuda a suportar a noite gelada.

— Sinto-me feliz por estares aqui — diz ela, baixinho. — Comigo.

Olho-a nos olhos, afastando-lhe um fio de cabelo da cara.

— Eu também.

Ficamos em silêncio, o peso do passado pairando entre nós como fumo que se recusa a dissipar. No entanto, de alguma forma, sinto-me mais leve após deixá-la ver uma parte de mim que não costumo mostrar. Esta consciência faz-me sentir um aperto no peito e na garganta, dificultando-me novamente a respiração.

Pois.

Decididamente, começo a sentir coisas por ela.

Isto não é bom.

De maneira nenhuma.

CAPÍTULO 36

CHARLOTTE

Inegociáveis

Nossa cozinha cheira a canela e açúcar. É minha combinação favorita em todo o mundo, e o aroma familiar de biscoitos no forno me envolve como um cobertor quente. Minha mãe e eu estamos entretidos há horas, as mãos sujas de farinha, a bancada cheia de moldes de biscoitos e tigelas de cobertura. É um daqueles momentos que parece fora do tempo, como se nada mais no mundo importasse, exceto a massa sob minhas mãos e o ritmo constante do cantarolar da minha mãe ao meu lado.

Essa sempre foi uma tradição nossa, um momento de paz em meio ao caos habitual das festas, mas a ironia é que nenhuma de nós tem muito jeito para fazer bolos. Na verdade, somos meio ruins. Os biscoitos de Natal de Ava são muito melhores. Até meu pai faz biscoitos de gengibre muito superiores.

De alguma maneira, eu e minha mãe sempre acabamos cobertas de farinha, independentemente de quão cuidadosas somos, e ficamos oficialmente proibidas de usar os moldes das bengalas de açúcar depois do Grande Desastre dos Biscoitos de Pênis, cinco anos atrás.

Quando eu era pequena, minha mãe tentou incluir biscoitos coreanos em nossos doces de Natal, mas cometeu o erro de explicar que eles eram feitos com vinho de arroz e eram fritos. Como uma fedelha mimada, fiz birra, pois «não era para os biscoitos levarem arroz».

E depois houve o Natal em que eles convidaram Daisy, minha colega do ensino fundamental, e sua família para jantar, pensando que estabeleceríamos uma conexão cultural, acabando por concluir que a família de Daisy era ainda mais americana que a nossa. Seus pais eram américo-coreanos de segunda geração e não sentiam nenhuma afinidade com a pátria de seus antepassados, sendo indiferente a eles que Daisy a sentisse. Ao menos, a minha tentava me manter ligada à cultura.

Mas eu resistia constantemente.

— Esses flocos de neve parecem um pouco tristes, você não acha? — minha mãe brinca, me tocando de leve com o cotovelo ao pegar outro pedaço de macarrão.

Olho para os biscoitos que estive moldando, percebendo que ela está certa. As formas são desiguais, as bordas irregulares nos lugares onde minhas mãos hesitaram.

Forço um sorriso, tentando manter a leveza.

— Ná. São abstratos. Muito modernos.

Ela ri.

— Olha, que biscoitos coreanos eram aqueles que você costumava fazer quando eu era pequena? — pergunto a ele.

— Hum. Não me lembro como se chamavam, mas seu pai e seu irmão adoravam. Porque você pergunta?

— Não sei. Eu só estava pensando que poderia ser legal aprender a fazê-los.

Respiro fundo e tento interpretar sua reação, mas embora pareça surpresa, ela também parece se agradar.

— Ah, isso seria fantástico, querida. Que boa ideia. Mais tarde, vou procurar no meu antigo livro de receitas. Talvez possamos comprar os ingredientes amanhã.

Ela sorri e, por um momento, parece estar tudo bem. Como se eu estivesse apenas assando biscoitos com minha mãe sem nada pesando no meu peito.

Porém, nesse instante, a porta dos fundos se abre e a ilusão se desfaz. O ar frio entra na cozinha, trazendo Ava junto. Assim como a tensão, que chega como um convidado indesejado.

— Querida! Você chegou bem a tempo — minha mãe diz, cumprimentando-a com um sorriso. Franze o cenho ao perceber que Ava vem sozinha. — Onde está Ash? Pensamos que vinha contigo.

Ava tira o casaco, pendurando-o ao pé da porta.

— Você tem trabalho nas férias, então, ficou em Nova York.

O sorriso da minha mãe vacila.

— Que pena. Queríamos muito conhecê-lo.

Eu me concentro nos biscoitos, tentando ficar fora da conversa. Tentando manter a paz que tem sido tão frágil desde que contei a Ava sobre Harrison. Ela me manda mensagens constantemente, quase todos os dias, perguntando se eu já contei aos nossos pais. Naturalmente, esta tarde não é exceção. Minha mãe sai um instante da cozinha para ir ver da roupa e, assim que ela sai, Ava avança.

— Você vai contar a eles durante as férias, não vai?

Não levanto o olhar. Eu me mantenho ocupada com a massa, pressionando o molde com mais força do que o necessário.

— Vou contar a eles quando me sentir pronta. Para de me pressionar.

— Vamos, Charlotte. Você está sendo ridícula. Não pode continuar evitando. Eles merecem saber — repreende, cruzando os braços como se ela fosse a injustiçada.

— Eu sei — respondo bruscamente, olhando-a nos olhos. Há uma advertência na minha voz, mas ela não desiste. — A decisão é minha, está bem? Conto-lhes quando achar que está na hora.

— Não podes manter isto em segredo para sempre.

— Oh, meu Deus, *eu sei* — repito, a minha irritação começando a transbordar. — Ava. A sério. Não insistas, está bem?

— Tu é que sabes. Vou buscar a mala ao carro. — Ela bufa de impaciência,

virando-se para a porta no preciso momento em que a minha mãe volta a entrar na cozinha, alegremente alheia à tempestade a crescer entre as suas filhas.

*

HARRISON:
Ná, é melhor assim. O meu pai costuma ser mais cruel nas festas. Nos últimos anos, evitei-o completamente no Natal.

Sentada à mesa da cozinha, fico olhando para a mensagem que acabei de receber de Harrison e me pergunto como diabos devo responder a uma coisa dessas. É a mensagem que ele enviou em resposta à minha, onde ele disse que era uma chatice ter que passar o Natal na Califórnia com amigos em vez de com o pai e os avós em Nevada. Só recentemente descobri que ele é próximo dos avós. Pelo que você descreveu, eles parecem boas pessoas. Já o pai, nem tanto.

A culpa toma conta de mim, sufocando a alegria de estar com minha família. Apesar da tensão entre mim e Ava, a casa vibra de aconchego. Há música de Natal tocando baixinho ao fundo, o cheiro de pinheiro da árvore, minha mãe e Oliver rindo de alguma coisa enquanto arrumam a sala depois do barulhento jogo de charadas. Meu pai foi dar uma volta com minha cunhada e, daqui a pouco, vamos colocar nossos pijamas e fazer uma comédia romântica cafona de Natal.

Isso é tudo que Harrison não tem e me sinto mal por ele. Mas também não vou pedir desculpas pelas minhas circunstâncias, como ele parece querer que eu faça.

Ava entra na cozinha e encontra o meu olhar antes de ir até a geladeira para pegar uma bebida. Rapidamente viro meu telefone para baixo sobre a bancada, mas não antes que ela perceba.

— É ele? O irmão?

Aceno que sim.

— Você só está desejando boas festas. — Quando a vejo franzir o cenho, faço o mesmo. — Para. Por favor. Não preciso dos olhares constantes de desaprovação.

Os últimos dias foram difíceis. Sempre que estamos na mesma sala, sua desilusão é palpável, irradiando por ondas.

— Eles merecem saber, Char — diz, já parecendo um disco quebrado.

— É Natal. Não vou soltar uma bomba neles agora. — Sinto-me defensiva, como se tivesse que justificar o nó que sinto no estômago e que não fui capaz de desfazer desde que cheguei aqui.

Ela suspira, visivelmente frustrada, mas não volta a insistir. Pelo menos, por enquanto. Não tenho dúvidas de que ele fará isso novamente mais tarde. Ava pega uma manga refrigeradora da prateleira do meio, fecha a geladeira e sai da cozinha.

Eu sei que ela está certa, mas não consigo lidar com isso. Não agora. Não com os remorsos que me atacam toda vez que olho para o telefone e penso em

Harrison passando o Natal com alguns amigos enquanto estou aqui, cercada por pessoas que me amam.

Estou considerando ir dar uma volta para espairecer quando meu telefone vibrar novamente. Fico tenso, achando que será outra mensagem de Harrison, mas é Beckett.

Abro e vejo uma captura de ecrã na nossa conversa de grupo, publicitando uma *rave* de vinte e quatro horas. A data diz amanhã e o local fica apenas a uma hora da casa da minha família.

A minha pulsação acelera. Nem acredito que se lembraram. Quando contei aos rapazes sobre o meu desejo de ir a uma *rave*, tomar *ecstasy* e dançar toda a noite, estava a falar só meio a sério. Teoricamente, parece muito divertido, mas a realidade é um pouco assustadora. Não sou rapariga de tomar drogas. Fogo, nem sequer gosto de fumar erva. Dá-me dores de cabeça.

Aparece outra mensagem.

BECKETT:
Volto de Indianápolis amanhã de manhã. Querem ir?

Mas… acho que preciso disso. Preciso escapar da pressão e da culpa e do peso de todos os segredos que carrego. Tenho mais uma semana de folga. Ava só volta a Nova York daqui a dois dias. *Preciso* disso.

Só uma noite para reorganizar as ideias. Eu poderia me encontrar com os meninos, relaxar por vinte e quatro horas e depois voltar aqui para passar o Ano Novo com a família.

Hesito apenas um momento antes de responder.

EU:
Eu alinho.

*

E é assim que vou parar em uma festa de música eletrônica perto de Hartford na noite seguinte. Fui de carro e estacionei em um enorme parque de cascalho atrás do gigantesco armazém onde está acontecendo a *rave* . Sinto o ar frio de dezembro cutucar minha pele ao sair do carro, ajeitando a barra do vestido por baixo do casaco. Meu coração já está acelerado e eu ainda nem entrei.

Mandei mensagem para os caras quando estava a cinco minutos. Agora, eu os vejo atravessando o parque em minha direção, meu coração batendo descompassado ao vê-los. Não os vejo há uma semana e me surpreende perceber que senti falta deles.

Muitas.

Também ajuda que estejam umas brasas esta noite. O Will vem vestido com uma camisa preta justa ao peito largo, umas calças de ganga escura e botas. O cabelo está penteado para trás, enfatizando as maçãs do rosto definidas e a cara barbeada. O Beckett vem no seu habitual estilo descontraído: um casaco justo sobre uma t-shirt branca, calças de ganga de cintura descaída e aquele sorriso

gozão, casual e convencido, que me derrete sempre.

— Fogo — murmura o Beckett. — Esse batom é perigoso, delícia de açúcar.

Optei por uns lábios vermelho-sangue para as festividades desta noite, combinando-os com uns olhos esfumados, e a apreciação em ambos os seus rostos é a confirmação de que alcancei o resultado desejado.

O Will sorri.

— Não vais facilitar-nos a vida esta noite, pois não?

— Porque haveria de fazê-lo? Eu gosto quando eles estão com tesão.

Isso faz o Beckett gemer.

— Você é uma provocadora.

— Vocês adoram. — Rio antes de minha expressão ficar séria. — Como está seu amigo?

No fim de semana passado, ambos foram a um funeral em Vermont; o pai de um de seus companheiros de equipe morreu de câncer na semana passada, o que já é devastador. Mas ter acontecido logo antes do Natal é violento.

— Nada bem — admite o Beckett. — Shane está aproveitando as férias para ajudar a mãe a vender a casa. É muito triste.

— Desculpe, eu não deveria ter mencionado o assunto — digo, com um suspiro.

— Não faz mal — diz Will. — Mas, sim, talvez não seja o melhor assunto de conversa antes de uma *rave* .

Acenando com a cabeça, desabotoo o casaco e o tiro.

— Acho que vou deixar isso no carro. Não quero perdê-lo lá dentro.

Assim que tiro meu casaco, o calor de seus olhares me queima. O vestido verde-menta que escolhi salienta as poucas curvas que tenho, e o decote revela o suficiente dos meus seios para deixá-los boquiabertos. É justo nos lugares certos e fica no meio da coxa, mostrando as pernas.

Beckett me olha de cima a baixo.

— Fogo, Charlie. Você está incrível.

Antes que consiga responder, ele puxa-me para si, envolvendo os meus lábios num beijo intenso. As suas mãos envolvem-me a cintura, agarrando-me firmemente, e sinto a eletricidade estática entre nós picar-me a pele. Quando finalmente se afasta, o Will já ali está, levando a mão ao meu pescoço e aproximando-se para me beijar também, mais brusca e avidamente, fazendo-me gemer na sua boca.

Por instantes, esqueço-me de onde estamos. Apenas sinto o calor dos seus corpos contra o meu, o modo como as suas mãos se movem, como se conhecessem cada parte de mim, reclamando-me de uma forma que me enfraquece os joelhos. O Will agarra-me na anca e sinto o hálito quente do Beckett no ouvido.

— Talvez devêssemos… — começa, afastando o desejo da garganta. — Parar — termina, com a voz rouca.

— Pois — concorda o Will. — Temos de falar de coisas sérias.

Eu olho para eles, piscando, ainda ofegante de seus beijos.

— Já pagaram a entrada?

Will acena que sim.

— Já está tudo resolvido. Também reservamos um quarto de hotel aqui perto,

como prometido. Não se preocupe, garota.

— E… — O Beckett coloca a mão no bolso e tira um saquinho transparente, que segura entre os dedos. — Também cuidamos desta parte.

Fico olhando para a minúscula pílula de *ecstasy* e, de repente, a noite parece ainda mais eletrizante.

Conseguiram. Não vou nem perguntar como eles conseguiram a droga. Negação plausível, obviamente. Mas meu coração acelera ao vê-la. Parte nervos, parte antecipação, mas, acima de tudo, entusiasmo pelo que está prestes a acontecer.

Olho para os dois.

— Não acredito que fizeram isso.

Quando estendo a mão para o saquinho, Beckett o encerra em seu punho.

— Não, garota.

Franzo o cenho.

— Só depois que falarmos sobre as regras — esclarece, com voz firme.

Ergo uma sobrancelha.

— Achei que o objetivo desta noite era jogar fora o livro de regras.

O tom de Will é igualmente intransigente.

— Ainda não. Antes de tomar isso, precisamos esclarecer umas coisas.

Vejo que ele está tentando ser o cara severo e protetor, e está conseguindo. Adoro quando Will fica assim. Mais voltado para o seu lado alfa autoritário. Não consigo evitar dar um leve sorriso de deboche, sabendo como ele se importa, mas também sabendo que vou resistir, mesmo que só um pouquinho.

— Está bem. Vamos debater.

O Beckett cruza os braços, apoiando o Will.

— Não vamos debater nada. As regras são inegociáveis.

Will encara meu olhar.

— Regra número um: você anda sempre conosco. Nada de você sumir, nem ir a lugar nenhum sozinha. Percebeste?

Concordo em concordância, tentando ignorar o aconchego que sinto no peito pela seriedade com que os meninos estão encarando isso. Por um lado, me sinto como uma criança a quem dizem para não correr com uma tesoura na mão. Por outro, essa cena dominante superprotetora que eles estão fazendo está me deixando excitada.

— Entendi — digo.

— Regra número dois — diz o Beckett. — Se você começar a se sentir estranha, nem que seja um pouquinho, você nos conta imediatamente. Não importa se você acha que não é nada, você nos diz.

Reviro os olhos, mas não consigo conter o sorriso.

— Repete — insiste ele, não deixando margem para brincadeiras.

Mordo o lábio para conter uma risada.

— Se eu começar a me sentir estranha, eu digo imediatamente. Prometo.

Ele balança a cabeça, satisfeito.

— Regra número três — diz Will. — Hidratação. Bebe muita água, estou falando sério. Não fique desidratada. Goles pequenininhos, nada de beber à bruta.

— Beber muita água, goles pequeninos. Entendi — respondo, me esforçando

para manter uma expressão séria. Parece que estamos nos preparando para um exame importante e não apenas para uma noite de dança e relaxamento.

— Regra número quatro: não há sexo para ninguém.

Fico pasma com essa regra.

— O quê?

— Não há sexo para ninguém — ele repete, e Beckett concorda com a cabeça.

Olho para eles, piscando, surpresa.

— Mas… ouvi dizer que o *ecstasy* nos deixa muito…

— Excitados — conclui o Beckett, rindo. — Sim, é verdade. E é exatamente por isso que nenhum de nós vai tocar em você esta noite. Por mais que você queira ou implore. Certo, Larsen?

— Pode crer.

Fico emburrada, mas, ao mesmo tempo em que sinto decepção, também sinto uma estranha forma de respeito.

Will se aproxima, agarrando meu queixo e inclinando meu rosto para me olhar nos olhos. Ele passa o polegar pelo meu lábio inferior, me fazendo sentir uma descarga de desejo.

— Garota. — Sua voz fica grave, quase um rugido. — Não vamos para a cama com você enquanto você estiver chapada. Percebeste? Esse limite de consentimento é muito nebuloso para mim. Para nós. — Ele olha para o Beckett, que volta a acenar que sim com firmeza.

— Prometemos que cuidaríamos de você — diz Beckett, com a voz rouca. — Isso significa não tirar vantagem de você nesse estado.

— Não tem sexo pra ninguém. — Os olhos de Will procuram os meus para garantir que eu entenda. — Ponto final.

Suspiro levemente, percebendo o que esses caras significam para mim. Eles não estão aqui apenas para se divertir, eles estão cuidando de mim. E isso faz meu coração inchar de emoção.

— Última regra — diz Will. — Preste atenção no que te dizemos. Se dissermos que é hora de ir, vamos embora. Não vale a pena pedir «só mais uma música». Percebeste?

Lambo os lábios, notando como ambos seguem o movimento da minha língua.

— Vocês estão tão bonzões nesse momento.

Beckett aperta os olhos, claramente também se esforçando para manter uma cara séria.

— Estamos falando sério. Não estamos brincando.

— Eu sei — digo, esticando o braço para apertar sua mão. — E eu amo saber que vocês se importam tanto.

Beckett abre a mão e me dá o saquinho.

— Você ainda quer fazer isso?

Aceno que sim, sentindo um aconchego no peito ao receber a sacolinha e retirar o pequeno comprimido. Antes de colocá-lo na boca, olho para eles, sentindo um aperto na garganta.

— Obrigada — digo baixinho. — Por cuidarem de mim.

— Sempre. — A voz de Will é uma vibração grave.

— Agora, toma isso, antes que mudemos de ideia — diz o Beckett, com um sorriso.

Retribuo o sorriso e coloco o comprimido na língua, engolindo com um gole de água da garrafa que Will me passa.

Seja o que for que aconteça esta noite, eu sei que eles cuidarão de mim.

CAPÍTULO 37

BECKETT

Ela está conosco

Um caleidoscópio de cores se derrama sobre o espaço lotado, as luzes pulsando ao ritmo frenético da música e o ar carregado de suor e a energia elétrica de milhares de corpos se movendo como um só. Já fui em *raves* , mas essa é diferente. Desta vez, Charlie está comigo. E ela brilha. A maneira como você se move, como você sorri… É como ver alguém ganhar vida pela primeira vez. Você está se deixando ir completamente, entregue à música, seu corpo balançando e girando em um ritmo que é só seu.

Will e eu ficamos por perto, garantindo que ela esteja segura, mas não podemos deixar de ficar hipnotizados pela maneira como ela dança. Vendo-a se mover sob as luzes piscantes, o vestido deslizando e roçando suas coxas pálidas e firmes, o cabelo preto caindo pelos ombros, não consigo desviar o olhar.

A última vez que fiquei tão encantado por uma garota foi no ensino médio. Pela Shannon. Ainda me lembro da primeira vez que vi Shannon. No 9º ano. Era o primeiro dia de aula. Entrei na sala e a vi sentada na primeira fila, o cabelo dourado cintilando sob as luzes fluorescentes, os lábios carnudos comprimidos em uma expressão de inquietação tentando entender a equação de Matemática que ela estava tentando resolver. Sim, eu estava fazendo lição de casa antes mesmo de serem atribuídos.

Parece que me sinto atraído por perfeccionistas.

Sempre fui de sentar na última fileira, mas, assim que vi aquela loira esbelta de expressão doce e dedos delicados arrebentando o lápis, fiquei perdido. Me aproximei da primeira fileira, sentei ao seu lado e me apresentei. Eu me sentia confiante, mesmo aos 14 anos.

Acho que ela ficou surpresa ao me ver falar com ela. Era só o primeiro dia, mas eu já estava destinado a ser o garoto popular da escola secundária Lincoln High. Ele já era uma das estrelas do time de hóquei, como ficou provado durante o acampamento de verão. Ele já usava uma camisa de hóquei com as cores da nossa escola.

Em nosso primeiro encontro, Shannon confessou que nunca pensou que um atleta se interessaria por alguém como ela. Dizia que tinha sido uma grande *nerd*

na preparatória, invisível a todos os garotos. Eu não entendia como alguém como Shannon poderia algum dia ser invisível para alguém. Sua aura me atraiu desde o instante em que a vi. Nunca acreditara em amor à primeira vista até aquela manhã na sala de aula.

Com a Charlotte não foi amor à primeira vista. Achei-a gira quando a conheci em Política Ambiental, mas foi só isso. Fogo, mesmo agora, não sei o que sinto por ela. Não será amor, obviamente. Já não me meto nessa merda.

Mas é… qualquer coisa.

Por amor de Deus, contei-lhe das cartas que escrevi à Shannon. Isso indica algo mais do que desejo.

Mas, definitivamente, não é amor.

A Charlie chama a nossa atenção e sorri para nós. Tem o rosto corado de excitação. Bem, isso e do *ecstasy* que lhe corre nas veias. Está pedrada, mas é uma moca eufórica e alegre. Ouvimos o seu riso acima da música quando vem ter connosco a dançar.

— Vocês estão só aí parados! — A Charlie agarra no Will e puxa-o para o meio da multidão de pessoas a dançar. — Dança comigo!

Ele ri-se, deixando-se arrastar para o meio da multidão, e eu sigo-o, incapaz de resistir à energia contagiante da Charlie. Odeio dançar, mas isto não exige grandes competências. Está demasiada gente para conseguirmos mexer-nos muito. Basta roçar-me contra o corpo tesudo e bonito da minha miúda, ensanduichando-a entre mim e o Will. Dançamos os três juntos, movendo-nos em sintonia, rindo como se o resto do mundo não existisse.

Inclino a cabeça na direção do ouvido da Charlie para saber como está, como tenho feito toda a noite.

— Estás bem, delícia de açúcar?

Ela olha para mim.

— Estou mais do que bem — diz, encostando a cabeça ao meu peito. — Sinto-me viva.

O ritmo da música acompanha o bater do meu coração enquanto dançamos, perdidos na multidão, corpos movendo-se juntos sob as luzes estroboscópicas. O sorriso da Charlie é rasgado, os olhos brilhantes enquanto balança entre nós, completamente solta, como nunca a vi.

É lindo.

Dançamos durante horas, a atmosfera delirante e a linha forte de baixo lançando um feitiço sobre todo o clube. Surpreende-me ver as pessoas tão descontraídas, porém, assim que o pensamento me surge na cabeça, reparo num tipo um pouco mais velho a tentar aproximar-se, o seu olhar vidrado fixo na Charlie. Está cada vez mais perto, demasiado perto, e ela está demasiado absorta no momento para se aperceber.

— Oi, sexy — grita o tipo, os seus lábios praticamente tocando na orelha dela. — Pareces querer companhia.

Ela olha para ele e pisca, ainda sorrindo, mas confusa, sem processar completamente o que está acontecendo. O *ecstasy* a programou para se sentir bem e querer que todos ao seu redor se sintam bem também.

Resisto a uma onda de raiva, ardente e imediata. Antes que eu consiga reagir, Will se põe entre eles, pousando uma mão firme no peito do cara, afastando-o.

— Ela não está interessada — resmunga. — Baza.

O cara cambaleia levemente, parecendo surpreso.

— Então, meu? Ela pode falar por si mesma.

— Pois pode — responde Will. Seus olhos fixam os do parvalhão, desafiando-o a dar mais um passo. — E ela está conosco. Portanto, vê se entendeu a dica.

Eu fico ao lado de Will, apoiando meu amigo.

O homem endireita os ombros, inchando como um pavão.

— Você acha que pode…

— Acho — Will responde bruscamente. — Então, facilita mas é sua vida e te põe pra andar.

Por um momento, o cara parece mostrar resistência, mas depois olha para mim e Will. Você sabe que está em desvantagem numérica e de aptidão.

— Dane-se, seus filhos da puta — ele resmunga, recuando para o meio da multidão. — Essa mina não merece.

Assim que ele vai embora, eu me viro para Charlie. Estou esperando vê-la abalada, talvez até chateada, mas, para minha diversão, ela está visivelmente excitada.

— Isso foi tão sexy. — Sua voz tem algo que faz meu pênis estremecer. Algo sedutor e cativante.

— Você gosta quando nos transformamos em homens das cavernas, é? — Will brinca, envolvendo sua cintura com o braço.

— Tanto.

Charlie se aproxima e o beija, um beijo rápido e intenso que arranca um gemido de sua garganta.

Dou risada.

— Tudo bem, vamos voltar para a dança antes que vocês façam algo que lhes dê motivos para nos expulsar.

Ela dá uma risadinha e se entrega ao ritmo da música novamente. Agora há uma energia diferente entre nós, mas não posso sucumbir a ela. Prometemos a ele que não tocaríamos nele esta noite e não vou abusar dessa confiança.

*

Ficamos até a *rave* acabar, até as luzes baixarem e a música sumir no silêncio da madrugada. Charlie agora está completamente apoiada em nós, sua energia gasta finalmente. Nós a guiamos para fora do armazém. Ele vai arrastando os pés, mas sorrindo, um sorriso sonhador e satisfeito que me diz que ele continua sentindo os efeitos da droga.

Will nos reservou um quarto próximo e a cidade está silenciosa enquanto caminhamos os quatro quarteirões até o hotel, agasalhados contra o frio do final de dezembro. A adrenalina da noite desaparece aos poucos, dando lugar a uma tranquilidade pacífica. Nossa respiração sai em nuvens brancas e finas, levadas pela brisa da noite. Ainda não choveu neste inverno, pelo menos na Nova Inglaterra. Charlie reclamou em nossa conversa em grupo sobre a falta de um Natal com neve, mas, honestamente, eu gostei assim. Odeio neve.

Quando chegamos ao nosso quarto, Charlie se deixa cair na cama *king size* ,

pernas e braços estendidos sobre a coberta branca, como se estivesse fazendo um anjo na neve. As luzes da cidade atravessam as cortinas, lançando sombras fracas sobre a cama. Seus olhos estão semicerrados, um sorriso indolente aflorando em seus lábios quando ela olha para mim e Will, distraidamente traçando padrões com os dedos sobre os lençóis.

— Melhor noite de todas — ele murmura, sua voz pesada de cansaço, mas ainda com um toque de entusiasmo. — Não quero que acabe. Dispam-se. Os dois.

Encontro o olhar com Will e ele balança a cabeça, divertido. Estávamos esperando por isso.

— Como é possível que estejamos saindo com a garota mais excitada do mundo? — diz ele.

— Não é? — Rindo, me sento ao seu lado e afasto seu cabelo do rosto corado. — A noite foi divertida, mas agora acabou. Você fica no banco.

Ela se apoia nos cotovelos.

— Mas eu não estou cansada! — protesta. — E eu quero você. Quero o Will. Vocês estão sendo injustos.

Por mais tentador que seja, tão tentador, fizemos uma promessa a ele. Ela não está em suas plenas capacidades.

— Charlotte. — Uso seu nome completo para mostrar que estou falando sério. — Por mais fofa que você esteja essa noite, não vamos tirar vantagem de você. Combinamos que não haveria sexo para ninguém, e estávamos falando sério. É um limite que não estamos dispostos a cruzar.

Seu beicinho é adorável, mas nenhum de nós vai mudar de ideia.

Resmungando de desilusão, ela deixa-se cair para trás. Está tão bonita com aquele vestido que tenho de me obrigar a desviar o olhar.

Preciso de um duche frio, já.

*

A luz do sol atravessa as cortinas abertas do quarto de hotel, incidindo sobre a confusão de lençóis remexidos e roupas descartadas. A Charlie está ainda a dormir, o seu rosto pacífico e relaxado, deitada entre mim e o Will. Fico a observá-la um momento, a minha mente recordando os acontecimentos da noite passada. A Charlie dançando com total abandono. O seu olhar alegrando-se sempre que olhava para nós. Adormecer com ela ensanduichada entre nós.

A nossa miúda mexe-se, abrindo as pálpebras e olhando para mim com um sorriso sonolento.

— Bom dia. — A sua voz está ainda espessa de sono.

— Bom dia — respondo, debruçando-me para lhe beijar a testa.

Ela olha para Will, que está deitado de lado, de costas para nós, e estica a mão para acariciar o tendão elegante entre suas omoplatas. Ele grunhe em resposta e seu sorriso se abre.

— Preciso de um banho — diz ela. — E então talvez devêssemos ir embora. Meus pais surtam se eu não chegar a tempo para o almoço da véspera de Ano Novo. É uma tradição.

— Tranquilo — diz Will, finalmente acordando. Ele se espreguiça e dá um

beijinho no ombro de Charlie. — Como você se sente. A alta já passou, né?

— Passou. — Suspira. — Foi bom enquanto durou.

— Isso quer dizer que você vai dar no *ecstasy* todo fim de semana? — debocha ele.

— Fogo, não. Foi só dessa vez. Gostei demais para voltar a fazê-lo.

Dou risada.

— Estou falando sério — insiste. — Algo tão bom nunca deveria se tornar um hábito.

Não posso evitar relacionar este aviso à nossa situação, porque sou viciado em nossa vida sexual. Cada vez é melhor que a anterior. Seja só eu e Charlie ou nós três juntos, eu não consigo o suficiente.

Verifico meu telefone enquanto Charlie está no chuveiro, revirando os olhos para as últimas mensagens do meu pai. Eu entendo que você está entediado por ter recusado aquela oferta de emprego na semana passada, mas você está sendo muito melodramático sobre toda a situação. Ele não para de enviar memes de cachorrinhos tristes.

Estou respondendo a mensagem para lhe dizer que se acalme quando Charlie sai do banheiro com uma toalha minúscula em volta do corpo molhado. A parte *inferior* do corpo. A toalha é tão pequena que nem cobre seus seios.

Boquiaberto, deixo meu celular cair em cima da cama.

— Tenho quase certeza de que você deveria usar essa toalha para o cabelo — consigo dizer, através do desejo que cobre minha garganta.

— Ah, sim? — Seus olhos são inocentes.

Will umedece os lábios, igualmente afetado pela provocação bastante descarada.

— Achei que você tinha que ir embora imediatamente.

Ela olha para os dois, arqueando uma sobrancelha.

— Minha família vai sobreviver se eu chegar uma hora atrasada.

— Fique em cima da cama — rosno.

Ela abre um sorriso largo.

No momento seguinte, seu corpo está estendido sobre o colchão como um presente delicioso. Não consigo desviar o olhar. Você está tão linda assim, desinibida e completamente à nossa mercê.

Ao Will, digo:

— Põe-te de joelhos à frente dela.

Ele sorri também, ajoelhando-se aos pés da cama.

— Estás com sorte, miúda — diz ele à Charlie, puxando o seu corpo nu até à beira da cama. — O Beck Mandão resolveu aparecer esta manhã.

Ele tem razão. Depois de ter aguentado o corpo da Charlie a roçar-se no meu toda a noite, preciso desesperadamente de me vir e, até isso acontecer, eu é que mando.

O seu olhar encontra o meu, cintilando de curiosidade. Antes de ela poder dizer alguma coisa, a boca do Will está sobre o seu corpo, percorrendo-lhe a barriga, e eu sei exatamente para onde vai.

Sento-me ao lado dela, passando a mão pela sua pele macia. Está ainda ruborizada do chuveiro.

— Mais devagar, amigo — aviso. Os meus dedos dançam sobre o mamilo

ereto da Charlie, fazendo-a suspirar. — Demora o teu tempo. Quero ouvi-la suplicar.

O Will olha para mim, sorrindo, mas ouviu-me, movendo-se devagar enquanto desce com a boca, beijando-a mesmo acima do sítio onde ela mais quer. A Charlie contorce-se, arqueando as costas ao libertar um gemido baixo de impaciência.

— Beckett, por favor… — sussurra, com a voz trémula.

Sorrio.

— Queres que ele te coma? Queres sentir a boca dele?

Ela acena freneticamente com a cabeça, agarrando-se aos lençóis.

— Sim. Meu Deus, sim.

Rio-me, adorando ver como está excitada.

— Estás a ouvir Larsen? Ela quer-te.

O Will não diz uma palavra. Limita-se a olhar para mim, esperando pela minha deixa. Ele sabe que sou eu que mando na brincadeira desta manhã. Passo a mão pela barriga da Charlie, sentindo o estremecer dos seus músculos e afasto-me um pouco, dando-lhe espaço.

— Vá — digo, a minha voz rouca de desejo. — Fá-la gritar.

Desta vez, ele não hesita. A sua boca move-se entre as pernas dela e, assim que a sua língua lhe toca, a Charlie solta um gemido alto e todo o seu corpo se sacode com a sensação.

— Isso — digo. — Devagar. Não te apresses. Fá-la sentir cada segundo.

A boca do Will faz o seu trabalho lenta e deliberadamente, enquanto a respiração dela sai entrecortada. Consigo perceber que está perto. É sempre tão sensível, tão em sintonia connosco.

— Você ama isso, não é? — pergunto, esticando a mão para apalpar sua mama. Aperto levemente. — Ter nós dois concentrados em você. Você quer gozar pra ele, não quer?

Ela acena que sim, sua voz cansada demais para constituir palavras, mas a maneira como ela me agarra no braço me diz tudo o que preciso saber.

— Diz a ele. Diga a Will o quanto você o quer.

Ela estremece.

— Will, por favor. Quero tanto.

Ele rapidamente olha para mim, com um sorriso malicioso nos lábios, e se inclina, passando a língua sobre o clitóris. Charlie faz um movimento brusco, soltando um gemido estrangulado.

— Diga a ela o que você vai fazer, Larsen — digo, sabendo que isso a deixará ainda mais louca. — Diga a ela como vai dar cabo dela.

Ele geme encostado em sua buceta e eu não preciso olhar para ele para saber que ele está duro como uma pedra. Rosnando, ele crava os dedos em suas coxas, abrindo mais suas pernas.

— Eu vou fazer você vir com tanta força que você não vai ser capaz de pensar — ele promete, sua voz transbordando de desejo. Depois, agarra o clitóris dele entre os lábios e chupa.

Posso ver como essas palavras a afetam. Ela já está encharcada, seu desejo por nós é claro como água.

— Está ouvindo, garota? — sussurro em seu ouvido, provocando seu mamilo

com o polegar. — Ele vai acabar com você com essa boca. E eu vou ver você se desfazer na nossa frente.

Will passa a língua nela, provocando-a com uma carícia longa e indolente, e ela começa a tremer descontroladamente.

Ele ri, segurando em seus quadris para mantê-la quieta.

— Gostas, não gostas? Consigo sentir-te toda molhada, tão pronta para isto.

Ele volta a lambê-la, torturando-a a cada movimento da língua.

— Ela está quase — digo, enlaçando a mão no cabelo dela, puxando-o o suficiente para a fazer perder o fôlego. — Fá-la vir-se. Não pares até ela gritar.

O Will faz exatamente o que eu digo, a sua língua trabalhando com precisão e habilidade. O corpo dela começa a ficar tenso, as pernas a tremer. Está quase.

Debruço-me, a minha boca pairando sobre a sua.

— Deixa-te ir, linda.

E, então, de repente, ele faz o movimento certo com a língua e ela descontrola-se, todo o seu corpo tremendo enquanto ele a segura, sugando cada segundo do seu orgasmo. Observo-lhe o rosto, os lábios abertos, os olhos fechados e é a coisa mais escaldante que já vi.

— Linda menina — sussurro. — É isso. Assim.

Conforme o Will abranda, sinto o corpo da Charlie descontrair ao meu lado. Quando finalmente abre os olhos, estão vidrados, e não consigo deixar de sorrir ao beijá-la, os meus lábios demorando-se nos seus.

— Podia passar o dia todo a ver-te ter orgasmos — digo.

O Will ergue a cabeça, limpando a boca com as costas da mão e endireitando os ombros largos, parecendo tão satisfeito como eu me sinto.

A Charlie tenta recuperar o fôlego. Está tão bonita, deitada à nossa frente, completamente desfeita. Mas ainda não acabei o que estava a fazer com ela. Nem de longe.

Eu a levanto delicadamente, virando-a para que ela fique de quatro, com a bunda perfeita no ar. Ela solta um gemido baixo enquanto coloco uma camisinha e me posiciono atrás dela. Estou com tanto tesão que mal consigo pensar, mas quero levar meu tempo, aproveitar cada segundo.

Will agora está ao seu lado, bem perto, acariciando suas costas ao perguntar:

— Você está pronta para mais?

Charlie prende a respiração ao olhar para mim por cima do ombro, seu olhar vidrado de desejo.

— Estou.

É todo o encorajamento que preciso.

Agarro seus quadris, penetrando-a, e, assim que o faço, sai um gemido profundo. Ela está tão apertada, tão molhada por causa de tudo que Will fez com ela, e a sensação é incrível. Começo com movimentos lentos, saboreando a maneira como seu corpo reage a mim, a maneira como ele se aperta ao meu redor quanto mais eu a penetro.

Will passa os dedos pelas costas dela, os olhos brilhando ao vê-la estremecer ao seu toque.

— Olha só para você, garota. Seu corpo é perfeito. Eu amo a maneira como você se deixa penetrar, como você parece tão desesperada por nós. Você sabe que nos deixa loucos, não é? Com esse corpo lindo, implorando para ser

tocado… *Foda-se* — ele geme.

Ele agarra sua bunda, apalpando com firmeza, enquanto ainda estou todo dentro dela, sentindo-a latejar ao meu redor.

— Estou ansioso para estar dentro de ti a seguir — diz, com a voz espessa de desejo. — Olha como te deixas penetrar.

Não consigo evitar gemer ao olhar para ela, completamente à nossa mercê. Volto a penetrá-la até ao fundo.

— Sim — geme a Charlie, empurrando o seu corpo contra o meu quando começo a mover-me mais depressa.

— Estás tão linda assim. De quatro, a suplicar. És tão boa menina para nós. — Os olhos do Will brilham de desejo.

Ela começa a gemer mais alto e sei que está quase outra vez. A maneira como se move contra mim, a maneira como a sua cona se contrai. É quase insuportável.

— Vais vir-te outra vez, não vais? — provoca o Will. — Vais vir-te com o Beckett enterrado em ti até ao fundo, alargando-te toda.

Tiro meu pênis e o enfio de novo, perdido na sensação de ser envolvido por ela, e eu mesmo mal consigo aguentar.

— Venha, Charlie — digo, minha voz ofegante. — Quero sentir você.

Will ri, nos vendo perder o controle.

— Está ouvindo, garota? Ele quer que você goze toda na pila dele. Você vai dar a ele o que ele quer?

Ofegante, ela agarra os lençóis ao soltar outro gemido desesperado.

— Sim… por favor… eu estou quase…

Dou um tapa em uma nádega e a penetro mais fundo.

— Linda garota. Vem-te para nós. Mostra pra gente como esse corpinho aguenta.

Charlie goza, tremendo com a intensidade do orgasmo, e é o suficiente para gozar comigo também. Penetro-a uma última vez, sentido o prazer invadir meu corpo.

Deixamo-nos cair sobre o colchão, completamente exaustos, enquanto o Will olha para nós com um sorriso satisfeito.

— Fogo — diz. — Vocês ficam lindos juntos. — Ele aproxima-se da Charlie, passando os dedos sobre a sua pele ruborizada. — Portaste-te tão bem, miúda.

Ela vira a cabeça para o beijar, já com a mão estendida para a ereção que se projeta na sua direção.

Pois.

Decididamente, vai chegar atrasada ao almoço de família.

*

Depois de fazermos o *checkout* na receção, dirigimo-nos ao parque de estacionamento atrás do hotel e acompanhamos a Charlie ao carro.

Ela beija-nos à vez.

— Obrigada pela noite de ontem. E pela manhã de hoje. Acho que nunca me diverti tanto.

— Sempre às ordens — responde o Will, baixinho. Reparo na maneira como

olha para ela, na maneira como o seu olhar se demora quando ela entra para o lugar do condutor e põe o cinto de segurança.

— Vemo-nos na faculdade? — pergunta ela, olhando para nós.

— Claro — respondo, antes de fechar a porta.

Assim que a vemos sair do parque, entramos no SUV do Will e seguimos caminho. Mas agora o silêncio é diferente. Mais pesado. Carregado de perguntas a que nenhum de nós sabe dar voz.

— Estou sempre a pensar nela — confesso, finalmente, e odeio como estas palavras me fazem sentir tão exposto. — Na Charlie. Está sempre no meu pensamento.

— Eu também — admite o Will. — Ela é diferente. Especial.

Hesito novamente antes de perguntar:

— O que está acontecendo, amigo? Entre nós três. Tipo, como isso deve funcionar?

Ele considera a pergunta.

— Não sei. Mas talvez não precisemos saber ainda. Bora só… deixar acontecer.

Mordendo o lábio, eu aceno lentamente.

— Iá. Você é capaz de ter razão. Não devemos pensar demais.

Will pega o celular, abre outra *playlist* e os acordes de um *folk rock* descontraído invadem a parte da frente do carro. A tensão se dissipa, assim como minha confusão.

Seja o que for que isso seja, com Charlie, entre nós três…

Havemos de perceber com o tempo.

CAPÍTULO 38

CHARLOTTE

Sexo verdadeiramente bom e exclusivo

Novos semestres são tão promissores. Uma página em branco em que tudo parece possível novamente e o estresse do semestre anterior fica momentaneamente suspenso. Adoro conhecer os novos professores. Colocar as mãos no programa de uma nova cadeira. É como um momento mágico e otimista em que o futuro está à minha disposição e tudo parece possível.

Sinto-me de bom humor neste dia nevoso de janeiro, sem ondas de pressão à vista. Meu laboratório de Engenharia de Reabilitação esta manhã foi absolutamente fascinante, pronto para se tornar meu favorito neste semestre. Estamos aprendendo sobre equipamentos de apoio e hoje falamos em detalhes sobre próteses e seu impacto na mobilidade e qualidade de vida dos pacientes. Quase me arrependo de não ter escolhido criar um equipamento de reabilitação como projeto final, mas agora é tarde demais para mudar de direção.

Will me encontra na porta do laboratório, lindo como sempre, com o cabelo castanho penteado para trás e o rosto barbeado. Namorado nº 1 é o epítome do menino bonito e, sim, agora me refiro a ele como meu namorado, é muito mais fácil do que continuar chamando-o de 'o cara com quem estou saindo' ou 'o jogador de hóquei com quem estou pingando'.

O namorado nº 2 está parecendo mais rebelde ultimamente, graças à barba que está deixando crescer por causa do hóquei. Briar está arrasando nesta temporada e descobri que os jogadores de hóquei são muito supersticiosos. Beckett esqueceu de fazer a barba no dia em que o time dominou o que parecia ser um jogo dificílimo, então obviamente sua barba foi o motivo pelo qual eles venceram. Não foi sua competência nem nada. Eu disse a ele que parece um caçador australiano. Gosto.

Gosto *deles* . Porém, para o mundo, Will é meu homem. Meu único homem.

O Beckett não parece importar-se de não ser o rosto público do nosso acordo, mas, ainda assim, sinto alguma culpa sempre que estou de mãos dadas com o Will no Malone’s e o Beckett a mais de um metro de distância. Claro, no outro dia, ele enfiou-me os dedos no carro, a caminho de casa, enquanto o Will conduzia, mas sinto-me mal na mesma. Não quero que pense que tenho

vergonha dele, embora me pareça que ele gosta da distância entre nós. O Beckett não acredita no amor. Deixou isso bem claro.

Não que eu esteja apaixonada. Não é possível estar apaixonada por dois homens. Isso é uma loucura.

Desejo-os, certamente.

Gosto deles, sem dúvida.

Mas não vou levar isto mais a sério do que o necessário. Estamos a divertir-nos, só isso.

— Você quer ir almoçar no Carver Hall ou ir até Hastings? — Will pergunta, enquanto enrolo um cachecol de lã vermelha no pescoço.

— Vamos ao refeitório. Tenho aquela reunião idiota da Delta Pi hoje, prefiro ficar no *campus* . Mas passo lá em casa mais tarde, depois da reunião.

Estamos quase saindo quando o celular dele toca. Ele olha para a tela e seu queixo fica tenso.

— Desculpa, tenho que atender.

— Tudo bem. Força.

Atravessamos as portas e Will suspira antes de atender.

— Oi, pai.

Continuo andando ao seu lado, minhas botas de inverno esmagando a neve que cobre o caminho. Finalmente nevou na semana passada e todo o *campus* está coberto de branco. Will fica em silêncio por um bom tempo e eu percebo pela sua postura tensa que algo está acontecendo. Ele raramente recebe telefonemas do pai que não o deixam nervoso.

— Outro? — diz, com a voz tensa. — Quer dizer que o artigo da *Capitol* não chegou para promover sua imagem?

Vejo a frustração em sua expressão. Ouço a voz de seu pai, alta e autoritária, saindo do telefone, mas não estou perto o suficiente para entender as palavras.

Will cerra os dentes novamente, esfregando a nuca enquanto ouve.

— Sim, eu entendo… Eu já disse que entendo. É só… Tudo bem. Eu faço. Ele diz a Alessia para enviar os detalhes por e-mail.

Ele desliga a ligação. Tem os ombros curvados.

— O que ele queria? — pergunto.

Will enfia o telefone no bolso e entrelaça a mão enluvada na minha.

— Ele marcou outra entrevista. Mais um artigo elogioso sobre o filho ser um grande atleta e um bom exemplo. — O sarcasmo é inconfundível. — Você está obcecado em me fazer parecer perfeito na mídia. Como se eu fosse algum tipo de produto que pode vender.

Franzo o cenho, parando na frente dele.

— Você não é obrigado a deixá-lo fazer isso constantemente. Pode dizer que não.

Will balança a cabeça, dando um sorriso triste.

— Você não conhece meu pai. Ele se impõe até os outros cederem. É impossível dizer-lhe que não.

O seu olhar derrotado parte-me o coração. O Will é tão forte em tantas coisas, mas o pai tem um poder sobre ele que o faz sentir-se pequeno. Odeio que sinta isso.

— És mais forte do que julgas — digo, enlaçando os braços no seu pescoço.

A minha respiração sai numa nuvem branca. — És um homem forte, sexy, confiante. Não o deixes controlar-te.

O Will olha para mim, a sua expressão suavizando-se, e consigo perceber a batalha interior que está a travar. Como se quisesse acreditar em mim e os muitos anos da influência do seu pai o tornassem impossível.

— Talvez — diz, com a voz rouca, pousando as mãos na minha cintura. — Mas não é fácil.

— Eu sei que não, mas acredito em ti. Acho que és perfeitamente capaz de te libertares do seu controlo. Só precisas de saber defender-te — respondo, aproximando-me para o beijar.

O beijo é lento, destinado a consolá-lo mais do que outra coisa, mas rapidamente se torna mais intenso, como sempre acontece com o Will e o Beckett. Ele entrega-se a mim, apertando os braços em torno da minha cintura.

No preciso instante em que as nossas línguas se tocam, somos interrompidos por uma voz cínica.

— Oh, que queridos.

Viro-me e vejo o meu ex-namorado a olhar para nós. Excelente. De *todas* as pessoas que podiam aparecer.

O Mitch tem os braços cruzados sobre o peito e alterna entre olhar para mim e para o Will.

— Olá, Mitch — digo, tentando manter leveza na voz.

— Olá, Charlotte — diz ele, imitando o meu tom de voz. Sorri, aproximando-se de nós. — Não vais apresentar-nos?

— Ah. Hum. Claro. Mitch, este é o Will. — Não desenvolvo.

Meu ex percebe o casaco de Will e comprime os lábios.

— Um cara do hóquei, hein?

Will fica tenso, mostrando seu instinto protetor.

— Você tem algum problema com isso?

Mitch olha para você de cima a baixo, depois encolhe os ombros.

— Nenhum problema. Estava só a pensar quanto tempo irá passar até a Charlotte se fartar da tua pila e passar à próxima. Como sempre faz.

A irritação percorre meu corpo, mas, antes que eu possa dizer qualquer coisa, Will se põe na minha frente, bloqueando Mitch.

— Tento na língua — avisa.

Meu ex ri.

— O que você vai fazer? Me bater?

— Talvez — Will responde, com a voz calma, mas uma intensidade que deixa claro que ele não está para brincadeira.

A fanfarronice de Mitch vacila por instantes. Depois, disfarça com outro olhar desdenhoso.

— Como quiser, meu. É toda sua. Boa sorte.

Mitch vira as costas e vai embora. Respiro fundo ao vê-lo se afastar.

— Desculpa essa cena — falo, tocando o braço de Will.

Ele balança a cabeça, se virando para mim.

— Você não precisa se desculpar por ele. Ele é quem deveria pedir desculpas. Foi muito inconveniente.

— Então. Ainda não superou nossa separação. Não sei se algum dia o fará.

— Esboço um pequeno sorriso, tentando aliviar o clima. — E, a propósito, você é bem intimidadora quando quer. É assim que você deve lidar com seu pai.

— É, talvez. — Will ri, pegando minha mão enquanto começamos a andar novamente.

*

Mais tarde, quando chego em casa, ainda pensando no confronto com Mitch e reproduzindo o tenso encontro, sinto uma inquietação se instalar na barriga. Tento ignorar, pegando meu laptop para a reunião semanal.

Entro na sala de jantar e me sento ao lado de Sherise, me virando na cadeira para cumprimentar e sorrir para Blake, que está encostada na parede. Ela retribui o sorriso, parecendo bronzeada e feliz. Foi para St. Barts nas férias com a família e amigos. Eles devem conhecer alguém que tem uma casa na praia. Faith também estava fora, um de seus milhentos irmãos se casou durante as festas. Um casamento na Grécia. Que vadia de sorte.

Estão todas na conversa enquanto esperam Agatha começar a reunião. Fico com a nuca arrepiada ao notar várias garotas me olhando de lado, seus sussurros se tornando gradativamente mais pronunciados. Disfarço o cenho franzido e as ignoro, prestando atenção em Agatha. Ela se senta em uma ponta da mesa, sua postura demonstrando o ar usual de superioridade.

— Vamos começar — anuncia, depois que todo mundo entra.

Para meu grande alívio, a próxima hora passa rápido. E seja o que for que tenha feito minhas colegas de república sussurrarem parece ter passado; pelo menos, até Agatha me impedir de sair da sala depois de dispensar todo mundo.

— Charlotte — ele diz, bruscamente. — Espera. Precisamos ter uma conversinha.

Sinto um aperto no coração, mas aceno com a cabeça. Enquanto saem da sala de jantar, algumas raparigas lançam-me olhares solidários. Outras parecem apenas curiosas.

Preparo-me para a conversa, ao ver a Agatha aproximar-se com o seu cabelo perfeito, vestido de marca e uma expressão que é um misto de preocupação e condescendência.

— O que se passa, Agatha? — pergunto, contendo a irritação.

Ela cruza os braços.

— Ouvi dizer que foste vista na marmelada com um tipo no *campus* hoje.

Fico boquiaberta.

— Desculpa… o quê?

— Ouviste bem.

— Eu não entendo como isso é da sua conta — digo, rindo. Estava esperando algo mais grave. Como alguém ter me acusado de desviar fundos da conta da casa. Ou alguém ter percebido que estou transando com dois caras regularmente.

Mas tudo isso por ter beijado Will na faculdade?

Grande coisa.

— É da minha conta quando essa casa fica mal vista. Como colegas Delta Pi, espera-se que mantenhamos uma certa imagem. Uma imagem de classe e dignidade. O comportamento promíscuo é indecoroso para uma Delta.

Fecho os punhos perto do corpo, seu tom condescendente acendendo uma faísca de raiva em mim.

— Comportamento promíscuo? — repito, meu tom de voz subindo levemente. — Foi só um beijo, Agatha. Vê lá se acalma. Não estava exatamente fazendo um boquete nele no meio do pátio.

— Não é essa a questão — responde, bruscamente. — A questão é que estão falando de você e não no bom sentido. Temos uma reputação a manter e você está colocando isso em risco.

Fico olhando para ela, incrédula.

— Quem te contou uma coisa dessas? Quem está tão preocupado com minha vida privada que sentiu a necessidade de denunciar? — Mas eu sei a resposta antes mesmo que ela abra a boca. — O Mitch. Foi ele, não foi?

Claro que desceria tão baixo. E eu sei que você tem o número de telefone de Agatha. Como vice-presidente da Delta Tau, ele fez parte da conversa em grupo do nosso conselho administrativo quando organizamos um jantar em conjunto com sua república no ano passado.

— Não importa quem me contou. O que importa é que você precisa começar a pensar em como suas ações afetam a todos nós.

Perco a paciência.

— Quer saber? Estou farta. Estou cansada de você achar que pode controlar todos os aspectos da minha vida por poder afetar negativamente essa preciosa república. Por que você não se mete na sua vida e para de agir como se fosse a merda de uma autoridade moral?

Ela arregala os olhos. Claramente, eu não esperava que você a confrontasse.

— Só estou tentando…

— Tentando o quê? Me humilhar até eu me dobrar? Não vou me desculpar por viver a vida como quero. Se isso não condiz com a imagem do que tu imaginas que deva ser uma colega Delta, então, talvez não pertença aqui.

O silêncio cai. Agatha fica boquiaberta para mim, sem palavras, pela primeira vez na vida. Dou meia-volta e saio furiosa da sala. Minha pulsação está acelerada, minhas mãos tremem de adrenalina.

Subo as escadas, duas a duas. Foda-se. Ela estava sendo sincera quando disse que talvez não pertencesse aqui?

Não sei, mas, neste momento, não quero saber. Só quero me afastar disso tudo. Fugir das regras, das expectativas, da pressão para ser perfeita.

Quando ouço passos correndo atrás de mim, não preciso me virar para saber que se trata de Faith.

Ela me segue até o quarto com um sorriso malicioso no rosto.

— Você tem noção de que a casa toda ouviu isso, né?

— Não me interessa.

— Foi épico — informa.

— Pois, bem, acho que ela não irá perdoar-me por isto — resmungo, passando a mão pelo cabelo.

— E então? Ela precisava ouvir. Te juro, se ela voltasse a usar a treta do «indecoroso para uma Delta» comigo, também me passaria.

— Ela é tão cheia de si. Se comportando como se fosse uma espécie de rainha que pode controlar a vida de todo mundo. — Continuo revoltada. — Não

acredito que tentou me humilhar por causa de um beijo.

— Ah, eu acredito. A mina tem o nariz tão empinado que é um milagre não se afogar quando chove.

Isso me faz rir.

— Tipo, como isso é da sua conta? Não estou machucando ninguém. — Suspiro. — Argh. Aposto que você já está planejando uma maneira de se vingar de mim.

— Ela que tente. Basta lembrá-la de que nem todo mundo está interessado em seu joguinho de 'Quem é a Delta Mais Perfeita?

Sinto um aperto no coração ao ouvir a convicção na voz de Faith. Quando entrei nessa república e vi as outras calouras, fiquei com muito medo de nunca me dar bem com nenhuma. De nunca encontrar uma aliada. Uma verdadeira amiga. Mas acontece que nem todas eram reprimidas e preconceituosas. Faith apareceu como um magnífico unicórnio no meio de um bando de puro-sangue arrogante e, pela primeira vez na vida, me mostrou o que significa lealdade.

Aproximando-me dela, envolvo-a em um abraço, apertando-a com força.

— Eu te amo, Faith Grierson.

Ela ri encostada no meu cabelo.

— Você está se atirando em mim?

— Não. Só quero que saiba que eu te adoro. Não sei o que faria nessa casa sem você.

— Você provavelmente ficaria cativa na sala ouvindo Agatha falando sem parar sobre reputações e decoro. — Ela ergue uma sobrancelha. — Agora, por favor, podemos falar sobre essa sessão de marmelada que todo mundo fala nessa casa? De acordo com Jia, você tinha uma mão enfiada nas calças do jogador de hóquei e estava batendo uma nele no meio do pátio.

— Oh, meu Deus. Claro. Foi só um beijo.

— Mas em público? — Faith sorri. — É um grande passo para Charlotte Kingston. Estar na marmelada no pátio é o equivalente a se tornar oficial no Instagram. Isso significa que já temos um namorado oficial?

Temos dois.

Mas mantenho esse detalhe em segredo.

— Eu não diria que é oficial *oficial* . Mas, sim, Will e eu estamos juntos.

— Exclusivamente?

Hesito. Bem, merda.

— O que foi? — Faith pergunta, franzindo a testa.

— Ocorreu-me de repente que nunca cheguei a perguntar-lhe se éramos exclusivos. Simplesmente presumi que sim.

Ela ri.

— Talvez seja uma boa ideia você perguntar a ele.

— Então. Talvez.

*

Ao me dirigir à casa dos meninos, em Hastings, me sinto obcecando tanto com a questão da exclusividade quanto curtindo a sensação de ter enfrentado Agatha. Durante toda a viagem, penso no confronto. Depois penso na noite da *rave* , no

sexo alucinante, em todos os momentos que passei com os meninos.

Eu me sinto imparável. Confiante.

Entro na casa deles e tiro os sapatos. Will está no sofá, trabalhando em seu laptop, mas ergue uma sobrancelha assim que entro na sala.

— Alguém parece satisfeita consigo mesma — brinca, interpretando minha expressão. Desliga o laptop e o deixa de lado. — O que te fez ficar tão de bom humor?

Sorrio, jogando a bolsa em cima da poltrona.

— Acabei de dizer a Agatha onde colocar suas regras da Delta.

Ele dá uma risada grave.

— Nossa querida senhorita Charlotte fez uma coisa dessas? A sério? O que é que aconteceu?

— Ela me chamou depois da reunião e me deu um sermão sobre ser "indecorosa" porque Mitch nos viu nos beijando mais cedo — explico, com o sangue ainda fervendo com a satisfação do momento. — Por isso, eu disse a ele para se meter na sua vida.

Eu me junto a ele na *chaise* e ele imediatamente me puxa para seu colo, envolvendo os braços em volta da minha cintura.

— Linda garota — ele diz, e o elogio provoca uma certa hesitação em mim, uma reação que não passa por ela. — O que está acontecendo?

— Eu estava conversando com Faith antes de vir para cá. — Mordo o lábio. — E me dei conta de que nunca tivemos a conversa.

— Qual conversa? — O riso dança em seus olhos. — A conversa de sexo? O pênis entra na vagina, etc., etc.

— Sim — digo, solenemente. — Não discutimos a mecânica das relações sexuais. — Dou um soco brincalhão em seu braço. — Estou falando da conversa sobre se saímos com outras pessoas.

Seus ombros ficam tensos.

— *Você* está saindo com outras pessoas?

— Ah, meu Deus, não. Não ando — asseguro. — Essa era mais uma pergunta que eu queria saber sobre você e Beckett. Nunca me disseram se seríamos exclusivos…

— Somos.

Curvo os lábios em um sorriso.

— Somos?

— Claro. Não quero sair com outras pessoas. Sei que Beckett também não.

— Onde ele anda?

— Ele foi a uma festa com uns amigos.

— É uma pena — digo.

— Por quê?

— Porque você está prestes a perder sexo verdadeiramente bom e exclusivo.

Will aperta mais minha cintura enquanto eu dou beijinhos ao longo de seu queixo. Ele prende a respiração quando chego aos seus lábios e prendo seu lábio inferior entre os dentes. Eu o mordo e ele resmunga um palavrão.

Deixo as minhas mãos percorrerem-lhe o peito, traçando as saliências definidas e o contorno dos seus músculos sob a t-shirt. Adoro a forma como o seu corpo se retesa quando o provoco. Adoro sentir o seu pénis endurecer a cada

toque ardente até, finalmente, parecer um espigão em brasa espetando-se no interior da minha coxa.

Ele desliza as mãos até ao fundo das minhas costas, puxando-me ainda mais para si até não haver distância entre nós.

— Vais dar cabo de mim — murmura, mas o desejo no seu olhar revela que não se importa nada com isso.

— Ótimo.

Levo a minha boca à sua e beijo-o. Ele retribui o beijo, passando as mãos pelo meu corpo, ávidas e hábeis. Empurro-o contra o sofá, pondo-me em cima dele. O Will volta a gemer. Passa os dedos por baixo da minha t-shirt, roçando-me a pele, provocando-me uma série de arrepios ao longo da espinha.

Quando estou em cima dele, com a língua na sua boca e as mãos por todo o seu corpo musculado, de repente, o meu cotovelo bate contra o seu portátil. Consigo apanhá-lo antes de cair do sofá.

— Desculpa — digo, apressadamente, pousando-o na mesa de centro.

— É bom que peças desculpa. A Lourdes mata-me se destruíres o meu portátil antes de acabar de rever o seu capítulo.

Estava prestes a beijá-lo novamente, mas paro, os meus lábios pairando sobre os seus.

— Há um novo capítulo?

— Hum-hum. — Mas ele já se esqueceu, colando a boca ao meu pescoço.

Bato-lhe no peito, obrigando-o a olhar para mim.

— E? — pergunto. — A Isabel aceita unir esforços com o Alexandre contra o exército invasor chinês?

— Charlie — Will repreende. — Você realmente quer falar sobre *A Virgem e a Espada* neste momento, ou quer que eu te foda até cair de lado?

Quando penso nisso, ele dá risada.

— Hesitaste — acusa.

— Porque eu quero saber o que acontece!

Rindo, ele me puxa novamente para si, me beijando antes que eu continue falando. Assim que sua língua toca a minha, esqueço completamente de Isabel e Alexandre e lembro o quanto quero tirar toda a roupa dele.

E é isso que eu faço, arrancando suas roupas enquanto ele arranca as minhas, ficando nus no sofá, pele contra pele, bocas unidas. Will enfia a mão entre minhas coxas quando ouvimos a porta da frente se abrindo.

Imediatamente fico tenso e pego a camiseta que tirei, pois, pelo que sei, Beckett pode aparecer em casa com dez jogadores de hóquei atrás dele. Mas, quando o Namorado nº 2 aparece na porta, felizmente, ele está sozinho.

Os olhos cinzentos do Beckett imediatamente se fixam na cena à sua frente. Ele parece estar tentando conter um sorriso ao se deparar com a visão de mim em cima de Will. Seu olhar desce até a mão de Will, enterrada no meio das minhas pernas, e seu sorriso se liberta.

— Finjam que não estou aqui — diz, pronunciando lentamente as palavras, encostado na ombreira da porta.

Nós dois olhamos para ele, mas nenhum de nós se move para sair de cima um do outro. É possível até que Will tenha ficado ainda mais duro contra minha coxa. Ele esfrega a palma da mão sobre minha boceta ansiosa, como se quisesse

mostrar a Beckett precisamente o que está perdendo.

O meu caçador australiano não se aproxima de nós, mas também não se vai embora. Pelo contrário, dirige-se à poltrona e senta-se, nunca desviando o olhar de nós. Continuo em cima do Will, apoiada sobre o seu peito nu. Consigo sentir o bater do seu coração sob a palma das mãos.

— Não te juntas a nós? — pergunto, virando-me para olhar para o Beckett.

Ele abana a cabeça, esboçando um leve sorriso gozão.

— Esta noite não. Mas não parem por causa de mim. Estou a gostar do espetáculo.

Sorrindo, o Will volta a apalpar-me, esfregando a palma da mão sobre o meu clítoris. Estremeço de prazer, sentindo-o intensificar-se quando ele enfia um dedo dentro de mim, e depois outro. Gemo com a súbita sensação de me sentir preenchida, as minhas ancas ganhando vida e começando a mover-se contra a sua mão.

Os olhos do Will inflamam-se de desejo carente e obsceno.

— Fogo, miúda. Ficas tão linda a masturbares-te com os meus dedos. Queres mais um?

Estou demasiado excitada para responder, mas os meus músculos internos contraem-se com força, trazendo um sorriso perverso aos meus lábios.

— Eu senti isso, Charlie. Alguém quer ser penetrado esta noite, hein?

— *Sim*. — Um gemido desesperado escapa-me da garganta.

Ele adiciona um terceiro dedo e curva-os dentro de mim, tocando-me num ponto que me turva a visão e me faz ficar encharcada. Roço-me mais contra a sua mão, com a respiração a tornar-se ofegante.

— Ah, você gosta disso — diz ele, com uma risada maligna. — Você se sente tão preenchida, não é, linda? Espera só até sentir minha pila dentro de você. Até o fundo. Aí você vai ficar realmente preenchida.

Ele move os dedos para dentro e para fora, os sons da sucção molhada sendo ouvidos entre nós. Mal consigo respirar. Meu clitóris pulsa, implorando o toque. Estendo a mão para tocá-lo e ouço Beckett dizer baixinho um palavrão. Há algo na maneira como ele nos observa, o fogo líquido de seu olhar, que torna a situação toda ainda mais quente. Minha respiração acelera conforme Will me penetra mais rápido, sua mão encharcada com meu líquido.

— Vem-te para ele — diz-me o Beckett, com uma voz grave e autoritária. — Me mostre como você quer.

Will encontra aquele ponto certo novamente, pressionando-o com a ponta dos dedos, e eu perco o controle; o orgasmo me percorre em ondas quentes e pulsantes. Eu me deixo cair sobre seu peito, tremendo, ofegante. Sinto sua ereção contra minha barriga, deixando um rastro de sêmen em minha pele, e saber que ele está tão excitado por me fazer vir origina outra explosão de prazer em mim.

Will geme, procurando meus lábios com os seus, e seus quadris começam a se mover. Ouço Beckett gemer também e a empolgação de saber que ele também está gostando intensifica as sensações. Sinto todos os músculos do corpo de Will contraídos, seu desejo é tão palpável que é quase avassalador.

— Garota — ele sussurra. — Senta na minha pila antes que eu exploda.

— Camisinha — lembro, mas Beckett tem tudo sob controle. Uma

embalagem quadrada voa em nossa direção, que Will pega imediatamente.

No momento seguinte, eu o enfio dentro de mim, provocando suspiros em ambos. Completamente sentada sobre ele, acaricio seu tronco, aproveitando o calor de sua pele.

— Me fode com força — murmura.

Eu faço o que ele diz, fodendo-o forte e rápido, a presença de Beckett adicionando uma nova camada de desejo a um encontro já quente. Will estremece sob meu corpo, suas pálpebras ficando pesadas, perdendo o controle com a proximidade do orgasmo.

— Não pare — ordena o Beckett. — Fá-lo gozar.

E com isso, Will se solta, gozando com um gemido baixo, os braços me agarrando com força enquanto ele se move para cima, me penetrando profundamente. Nós dois ficamos enlaçados por um tempo, demorando muito para nos recuperar. Tanto tempo que Beckett vai até a cozinha para fazer chá e, quando ele volta, eu ainda *estou* em cima de Will.

Finalmente, levanto-me do sofá, procuro minhas roupas e nós três nos preparamos para a noite. Os meninos colocam um videogame. Eu me aninho ao lado de Beckett, olhando para a tela, embora não esteja realmente prestando atenção ao RPG de *zumbis* que eles estão jogando. Eu me sinto tão confortável com esses caras. Os dois. E ainda bem que não me obrigam a escolher entre eles, pois, sinceramente, acho que não conseguiria.

Passo a noite no quarto de Will, como sempre. Descobri que Beckett prefere dormir sozinho. Desconfio que seja simplesmente uma forma de manter distância, de apenas comprometer o corpo nessa situação. Até mesmo fazê-lo compartilhar duas frases sobre sua ex-namorada foi como arrancar dentes dela. Ainda estou chocado por você ter admitido que escreveu cartas para ela depois que elas terminaram. Ele é alérgico à intimidade e está começando a me incomodar um pouco, mas não quero pressioná-lo, porque sei como é horrível ser pressionado.

Na manhã seguinte, acordo com um SOS da minha Protegida.

BLAKE:

Podemos nos encontrar o mais rápido possível? Acabei de ser expulsa da residência.

CAPÍTULO 39

CHARLOTTE

O Método me falhou

Encontro Blake no Della's algumas horas depois. Ela está com Gigi e uma loira-platina chamada Diana. Blake me avisou que Diana foi recentemente agredida por seu ex, o que parece francamente assustador, portanto, posso disfarçar o choque ao ver a contusão arroxeada em seu rosto. Parece que Diana e seu namorado, Shane, estão tendo um inverno complicado. O pai dele morreu. Ela foi agredida. Não consigo nem imaginar passar por uma coisa dessas sem ter um colapso nervoso.

— O que aconteceu? — pergunto a Blake, me sentando ao seu lado na mesa. — Como você foi expulsa da Burton House? É decisivo?

— Segundo eles, sim — diz, categoricamente. — Não posso pôr os pés lá, exceto para a arrumar minhas coisas. Com supervisão. Mas meus pais vão falar com o reitor.

— Mas, sério, que diabos aconteceu?

Ela range os dentes.

— Foi Isaac.

Oh, não.

— Ontem à noite, estávamos na sala de estar e ele convidou alguns amigos do futebol para passar e assistir ao jogo conosco. Não fiquei muito empolgado com a ideia, mas ele prometeu que eles saberiam como se comportar. — Seus olhos azuis brilham. — *Não* souberam. Deram cabo de tudo. Estou falando de móveis quebrados, bebidas derramadas, tapetes manchados. Um dos zagueiros até fez um buraco na parede. Foi um acidente, mas mesmo assim.

Blake costuma ser uma pessoa calma e controlada, mas, nesta manhã, sinto o pânico em sua voz.

— Isso é horrível — exclamo. — O que você vai fazer?

— Meu pai prometeu que cuidaria disso, mas o reitor só volta na terça, então, não tenho onde ficar nos próximos dias.

— Não diga isso — diz Diana. — Eu já disse que você pode ficar na minha casa até resolver a situação. Eu fico com Shane na casa ao lado.

Diante do meu olhar inexpressivo, Diana explica que ela e o namorado são

vizinhos em um condomínio não muito longe daqui. Outro dia, Beckett me contou que Shane voltou para Briar. Ela havia voltado para casa por um breve período após a morte do pai para ajudar a mãe e a irmã, mas voltou para Hastings depois que a Diana foi agredida. Tenho a sensação de que você não a abandonará tão cedo. Estou começando a descobrir que os jogadores de hóquei são extremamente protetores.

— E, se isso não funcionar — digo a Blake —, estou certa de que Will e Beckett ficariam felizes em deixar você ficar em seu quarto de hóspedes.

— Falando em Will... — Gigi me olha sobre a borda da xícara de café, tomando um longo gole.

— O que é que tem? — digo.

— Um passarinho disse-nos que namoras com o Will.

— O nome do passarinho é Will — diz a Diana, rindo-se.

O desconforto faz-me mudar de posição.

— Ah, sim? Que mais é que ele disse?

— Foi só isso. — A Diana revira os olhos. — Por isso é que estamos a tentar saber detalhes.

— Deixem a minha Mentora em paz — ralha a Blake.

A Gigi faz uma careta.

— Fogo, esta linguagem das repúblicas é tão estranha.

— Eu sei — suspiro.

— Mas não, Blakey, não vamos deixar a tua Mentora em paz — diz a Diana, passando o rabo de cavalo por cima do ombro. — Então, Mentora… conta-me… quais são as tuas intenções para com o nosso William?

Felizmente, sou salvo pela vibração audível do meu celular.

— Não se esqueça do que estava dizendo — digo, implorando por dentro que elas sejam uma espécie de peixinhos-dourados humanos e, em cinco segundos, esqueçam o que estávamos falando.

Coloco minha bolsa no colo e procuro meu celular, finalmente o encontrando escondido atrás da carteira. Ao tirá-lo da bolsa, também sai um papel, que vai parar em cima da mesa na frente de Diana.

Ela pega e me devolve.

— Aqui.

— Obrigada — digo, franzindo a testa. Não reconheço o papel e não tenho ideia do que ele faz dentro da minha bolsa, mas, em vez de lê-lo mais tarde, tomo a decisão idiota de desdobrá-lo na frente de todos.

Meu coração para ao reconhecer a letra.

É do Beckett. Não do Will.

— Oh, meu Deus, isso é um bilhete de amor? — Com um sorriso, Diana tira o papel da minha mão, seus olhos verdes cintilando de malícia.

Tento arrancá-lo de sua mão, mas ele já está lendo em voz alta.

— *Tenha um dia bom, garota. Já estou com saudades de você.* — Ela fica boquiaberta. — Uau. Will deixa bilhetinhos secretos para você na mala? O rapaz está *pego* .

Estou aliviado com sua suposição de que o bilhete é de Will. Ainda bem que você não conhece a letra dele.

E estou feliz que Beckett decidiu escrever o bilhete mais inofensivo da face

da Terra. Poderia ter sido completamente diferente se *você tivesse dito Will e eu estamos ansiosos para foder você logo à noite, garota.*

A voz de Gigi transborda de entusiasmo ao dizer:

— OK, isso é tão fofinho.

Dou uma gargalhada nervosa, esperando que o rubor do meu rosto não me denuncie.

— Pois, o Will às vezes faz destas coisas fofas.

— É assim tão difícil admitires que gostas dele? — diz a Blake com um sorriso trocista, e percebo que está a repetir as minhas palavras exatas quando a chateei por causa do Isaac no outono.

— Gosto muito dele — admito.

Enfio o bilhete na mala o mais casualmente possível, fingindo que não é do tipo errado. Não, não é o tipo *errado*. Apenas *outro* tipo. Os meus pensamentos precipitam-se, fazendo-me sentir culpada. Já não sei lidar com esta situação. Não quero mentir sobre quem me escreve bilhetes amorosos. Mas também não quero dizer a verdade.

— O que é que é muito? — Gigi pergunta, sorrindo.

O que é que eu devo dizer? Que estou me apaixonando por ele? E por Beckett também? A ideia me parece absurda. Demasiado assustadora. Quando começamos a fazer isso, não imaginei vir a sentir nada, especialmente pelos dois.

Pela primeira vez na vida, o Método me falhou. Porque «me apaixonar por dois caras» *não* fazia parte da minha lista de possíveis consequências.

— Eu não sei — digo, por fim. — Quer dizer… é *possível* que eu esteja me apaixonando por ele. — Rio de forma constrangedora, tentando passar a ideia de que não se trata de nada especial.

Blake ergue as sobrancelhas.

— Você está se apaixonando por ele? Charlotte, isso é sério.

— Então. — Suspiro, odiando me sentir tão confusa. Tão assustada.

Porque… me apaixonar por um cara? Na boa.

Mas dois?

É uma bagunça para a qual não me sinto preparada.

*

Algumas noites depois, estou na casa deles novamente, sentada de pernas cruzadas no sofá, com o laptop aberto na minha frente e uma bagunça de livros didáticos e notas rabiscadas espalhadas na mesa de centro, esboçando a versão mais recente do meu projeto de monitor cardíaco.

Prefiro trabalhar em casa deles. Na verdade, tornou-se um hábito, fazer uma mala e ir até Hastings, onde não tenho a Agatha a vigiar os corredores a ver se estão todas a usar pijamas aprovados pela Delta Pi ou a fazer demasiado barulho a teclar. Aqui posso ser tão silenciosa ou barulhenta quanto quiser. Posso ficar acordada a noite toda se me apetecer, sem me preocupar com os comentários desdenhosos sobre as minhas olheiras no dia seguinte. Porque olheiras são uma ocorrência comum em STEM. A Engenharia implica muitas noitadas, cafeína e os ocasionais esgotamentos provocados por algoritmos complexos.

Mas não o trocaria por nada deste mundo. Os cursos de STEM podem ser difíceis, mas são também estimulantes. Enriquecedores. *Divertidos*. Talvez não para toda a gente, mas para mim são.

Will está sentado na ponta oposta do sofá, com os olhos grudados no jogo dos Bruins na televisão. De vez em quando, ele diz um palavrão furioso ou exclama:

— Bom, foda-se!

Beckett saiu esta noite com um de seus companheiros de equipe, alguém chamado Kansas Kid, que só recentemente percebi ser um ser humano. Por um tempão, achei que estavam falando de um *faroeste* .

Resmungo quando meu celular vibra em cima da mesa, contrariando a vontade de ir até o banheiro do corredor jogar essa merda no vaso sanitário. Harrison tem me bombardeado com mensagens esta semana e, embora eu me sinta uma merda admitindo, gostei quando ele estava na Califórnia. Ele acabou ficando por lá por mais seis semanas depois do Natal, dormindo na casa de um amigo, onde criou um site para sua *start-up* de tecnologia. Ele estava muito ocupado para enviar mensagens de texto ou me ligar mais do que algumas vezes, e não posso negar que parecia bom ter tempo para respirar.

Sempre que falo com Harrison, tudo parece tão *pesado* . Ele origina em mim uma necessidade constante de me redimir pela infância boa e a vida cheia que tive a sorte de ter. Minha irmã também ajuda a culpa que sinto. Ele parou de me atormentar para contar aos nossos pais sobre Harrison, o que de alguma forma parece ainda pior do que me pressionar. Uma parte de mim precisava que ela continuasse insistindo. Sem essa pressão, sinto ainda menos vontade de compartilhar a verdade com meus pais.

— Caraças. Você deveria ter vindo ontem à noite, Larsen. Nazzy quase saiu na porrada no bar com um fuzileiro naval na ativa.

Eu olho para cima quando o Beckett entra na sala, uma visão dourada de barba, jeans desbotados e um suéter branco com capuz que traz seu bronze. Ele tem olhos brilhantes, mas não vidrados, o que me diz que ele está apenas ligeiramente tocado e não bêbado.

— Puto, a boca daquele miúdo ainda há de metê-lo em sarilhos — diz o Will, sem tirar os olhos do jogo de hóquei.

O Beckett senta-se ao meu lado, aproximando-se para me dar um beijo na cara.

— Como está a correr o projeto arterial?

— É o meu projeto final — corrijo, com um sorriso. — E trata-se de um aparelho para medir a *pressão* arterial.

— Certo. Podes explicar isso outra vez? — Ele espreita para o ecrã do portátil. — Quero ver se recebo a minha dose diária de nerdice.

O Will ri-se.

Uma vez que *sou* uma *nerd*, não posso deixar passar a oportunidade de mostrar as minhas competências *nerd* quando tenho uma abertura para isso.

— Está bem. *Então* — digo a Beckett, animada por estar falando sobre meu projeto. — Imagine um aparelho que pode medir seus batimentos cardíacos e pressão arterial sem a necessidade daquelas braçadeiras chatas. É completamente não invasivo. Entende, não aperta nem nada.

— Mas apertar é bom. — Ele pisca para mim.

— Sim, para você, seu pervertido. — Rio. — Mas as pessoas normais não gostam daquelas braçadeiras apertando seus braços, especialmente se precisam medir a pressão arterial várias vezes ao dia.

— Verdade — ele concorda, voltando a olhar para o laptop. — Então, você está dizendo que esse aparelho pode medir a pressão arterial? Como?

— Puto — avisa o Will da *chaise-longue*. — Não fazes ideia da caixa de Pandora *nerd* que acabaste de abrir.

Sorrio ao Beckett.

— Como, perguntas tu? Deixa-me explicar-te!

— Larsen — resmunga. — Salva-me.

— Ná.

— Então, basicamente — explico —, envolvendo uma combinação de fotopletismografia e oscilometria. A fotopletismografia é uma técnica que usa luz para medir alterações no volume do sangue e a oscilometria é usada para calcular a pressão arterial com base em pulsações arteriais.

Ele suspira.

— Acho que não estás a falar inglês.

— Claro que estou.

— Não podemos apenas dizer que você está criando um dispositivo que faz aquelas braçadeiras antiquadas parecerem tecnologia jurássica? Não preciso saber mais.

— Tudo bem, mas só se você prometer que vai me ajudar a testar o protótipo. Vocês dois. Vão ser minhas cobaias humanas.

Will olha para mim com um sorriso lascivo.

— Você pode fazer o que quiser com meu corpo.

— Em qualquer dia da semana — concorda o Beckett. — Na verdade, não. Serei seu rato de laboratório, desde que não envolva fios assustadores ou choques elétricos.

— Não se preocupe, você não vai sentir nada. A não ser a dor de você ter que me ouvir explicar as particularidades da variabilidade da frequência cardíaca e processamento de sinal.

— Sabe o que é sexy nisso tudo? — diz Beckett.

Não consigo não rir.

— Eu não associaria meu projeto à palavra sexy, mas tudo bem, eu quero saber. O que há de sexy nisso *?*

— Quão atraente você fica falando do seu trabalho. Gosto. — Sua voz sai rouca.

Fogo. Sempre que ele diz coisas assim, eu me desmancho em uma poça aos seus pés.

Eu continuo trabalhando enquanto os meninos assistem o resto do jogo e, quando acaba, Beckett coloca aquele videogame de RPG de *zumbis* que ele gosta, enquanto Will adormece no sofá. Por fim, minhas pálpebras começam a pesar, portanto, fecho o laptop e me aninho ao lado de Beckett. Ele desliga o jogo e se estica ao meu lado, me puxando para si para que eu pouse a cabeça em seu peito.

Ele não faz nenhum gesto para iniciar algo físico. É tarde, já passa das duas

da manhã, e está a saber-nos bem aos dois enroscarmo-nos no sofá com a roupa vestida e os genitais bem guardados.

Enfio minha mão sob sua camisa e acaricio sua pele quente e firme. Não de maneira sexual. Apenas me sabe bem tocá-lo.

— Tão bom — murmura.

Deitada ao seu lado, lembro-me de como o achei irritante no semestre passado, como pensei que ele tinha muito pouca substância, e me sinto culpado.

— Beck? — digo baixinho.

— Hum?

— Eu te julguei mal.

— O quê?

— No semestre passado. Achava que você era um pegador.

— Bem… — Ele dá de ombros e eu o sinto sorrir encostado em meu cabelo.

— E que você tinha pouca substância — admito, dizendo um palavrão ao perceber como soou cruel. — Desculpa. Acabei de me ouvir dizer isso e soou tão ruim para mim.

Ele vira de lado, a fim de ficarmos de frente um para o outro, seus olhos brilhando cúmplices.

— Não peça desculpas. Você não é a primeira pessoa a pensar assim. Provavelmente, você não será a última. — Um sorriso forçado curva os cantos de sua boca. — As pessoas não me levam a sério porque eu pareço um surfista loiro e soo como um australiano burro. Mas, na verdade, eu não me importo. Isso me dá alguma vantagem. Isso os pega desprevenidos quando eles percebem que vejo muito mais do que eles pensam.

— Tá vendo o quê?

— Os outros. Vejo as pessoas como elas são.

— Ah, sim? — Acaricio sua barba e ele se entrega ao meu toque por um momento. — Então me diga o que você vê.

— Está bem. Então... — Ele acena com a cabeça na direção do Will adormecido, uma rouquidão tornando-lhe a voz mais grossa. — Larsen, por exemplo. Ele desempenha um papel fora desta casa. O cara bom, amigável e modesto. O perfeito cavalheiro.

— E você não é um cavalheiro?

— Não, é. Pode ser. Mas ele também tem uma boca suja. É um animal na cama. E é implacável. Não como o pai dele; seria incapaz de esmagar alguém para proveito próprio. Mas também não é um choninhas. Na hora da verdade, ele escolhe o que quer. Você escolhe a si mesmo, se for preciso.

Franzo a testa.

— Eu seria capaz de escolher a si mesmo sobre você? Sobre mim?

— Não. Mas sobre algumas pessoas, sem dúvida. Até amigos. Mas não aqueles que você ama. Ele faria qualquer coisa por nós.

Sorrio, encostada em seu peito.

— Ele nos ama?

— Estás a gozar? Ele está perdidamente apaixonado por ti, Charlie. E acho que gosta de mim, sim. Acho que estaria sempre do meu lado.

Sento-me, olhando na direção do Will. Está a dormir profundamente.

— Então, o Will é implacável, mas altruísta. É um cavalheiro e um animal.

Que mais?

— É intenso.

— Isso eu sei.

— Sorri para esconder a intensidade, mas está dentro dele. É ambicioso, mas não quer ser, pois acha que o torna igual ao pai. Por isso, finge não ter uma vontade inata para ser bem-sucedido em tudo.

Fogo. O Beckett *é* perspicaz.

Volto a aninhar-me nele, pegando-lhe na mão e entrelaçando os dedos nos seus.

— Está bem. E eu? Fala-me sobre mim, ó omnisciente.

Ele roça os lábios na minha testa.

— Você é a pessoa mais forte e mais frágil que eu conheço.

Rio-me.

— Impossível. Existe uma coisa chamada lei da contradição.

— Hein?

— É um princípio fundamental da lógica. Basicamente, é uma lei que afirma que uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo e no mesmo sentido.

— Então… um oxímoro?

— Sim, se você prefere usar o termo mais comum — digo, com uma voz arrogante.

Ele ri.

— Outra verdade sobre você: você não é esnobe, embora às vezes finja ser.

— O que mais, sabe-tudo?

— Você é perfeccionista.

— Duh.

— Porque você tem medo de não ser boa o suficiente para sua família.

Vacilo.

— O q-o quê?

— É por isso que você se esforça tanto. Você está sempre tentando ser perfeita, porque, se cometer um erro que seja, acha que sua família deixa de te amar tanto.

Sinto um aperto no coração, suas palavras me pegando de surpresa.

— E o que mais? — pergunto, minha voz tremendo.

— Quando você está no modo Charlotte, você nunca se permite relaxar e está sempre em alerta. Você passou a vida toda tentando provar que merece ser amada.

Cada palavra é como uma lâmina minúscula e precisa golpeando verdades que sempre enterrei bem fundo, sob todas as conquistas e sorrisos. Sinto meus olhos quentes, ardendo. Tento engolir, mas o nó na minha garganta não se move.

— Eu... — Pisquei para afastar as lágrimas, mas é tarde demais.

Elas transbordam, caindo pelo meu rosto enquanto um soluço cobre minha garganta.

O Beckett xinga ao perceber o que está acontecendo. Ele se senta, alarmado, e me puxa para seu colo.

— Charlie, eu sinto muito, linda. Não queria te fazer chorar.

As lágrimas continuam caindo e *eu odeio* esse sentimento. Odeio me sentir

tão vulnerável. Odeio o fato de ele ter destacado todos esses medos, me forçando a enfrentá-los.

— Desculpa. — Ouço a tristeza em sua voz. — Eu sou um idiota. Não sei fazer essas merdas. Já soube. Eu não deveria ter dito nada do que disse.

Um outro soluço sacode meu corpo.

— Por favor, não chore, linda. — Agora você está implorando.

O barulho acorda Will.

— O que está acontecendo? Tá bem?

A profunda preocupação que invade seu olhar despedaça algo dentro de mim. Choro ainda mais, meu peito subindo enquanto os soluços que eu tentava conter por tanto tempo se libertam. É demais. Verdade demais. Muita vulnerabilidade.

Beckett me abraça com mais força.

— A culpa foi minha — ele diz para Will. — Disse umas merdas estúpidas.

— Não — murmuro através das lágrimas. — Você tem razão. Tudo o que você disse… é tudo verdade.

Will se senta ao nosso lado, envolvendo os braços na minha cintura, atrás de mim. É estranho, a maneira como isso me dá estabilidade, me fazendo sentir segura. Beckett também, mas de outra maneira. Eu confio em Beckett de todo o coração, mas ele não necessariamente me dá estabilidade. Pelo contrário, ele me faz voar.

— Eu amo meus pais — sussurro, quando as lágrimas finalmente começam a se acalmar. — Tanto. E eu sei que eles me adoram. Mas às vezes ser adotado confunde nossas ideias, especialmente quando somos crianças. Eu sei que é irracional. Nunca me deram uma única razão para duvidar de seu amor. Mas eu me lembro de ficar acordado à noite, particularmente se eu tinha feito algo errado, como roubar um biscoito e depois mentir sobre isso, ou alguma outra besteira trivial; ficava acordada com medo que entrassem no meu quarto e me dissessem que eu tinha que ir embora.

Will encosta o queixo no meu ombro, lhe dando um beijo.

— Sinto muito. Deve ser horrível.

Engulo o nó na garganta. As memórias dão origem a uma nova onda de lágrimas.

Eu aos 6 anos, com a roupa toda suja, agarrada na minha mãe depois de correr no parquinho enlameado quando ela me dissera para não fazer.

Agarrando a mão dela, desesperada por segurança. Perguntando se ele iria me devolver agora porque eu tinha me comportado mal.

E então o alívio que senti quando ela me abraçou e sussurrou para mim que eu seria sua filha para sempre.

Eu não me dei conta de que carregava tantos medos da infância ainda e enterro o rosto no pescoço de Beckett, combatendo as lágrimas enquanto ele faz carinho no meu cabelo e Will me abraça com força.

— Respire — sussurra Beckett em meu ouvido.

Fecho os olhos e respiro fundo, expelindo lentamente o ar, tentando libertar-me da ansiedade, da insegurança, da necessidade constante de provar o meu valor.

Mas não há nada para provar. Pelo menos aqui, com estes dois. Quando estou com eles, não sinto necessidade de ser perfeita. Posso apenas ser… eu.

CONVERSA DE PAI

Will Larsen foi adicionado à Conversa de Pai
Luke Ryder foi adicionado à Conversa de Pai
Shane Lindley foi adicionado à Conversa de Pai
Beckett Dunne foi adicionado à Conversa de Pai

JOHN LOGAN:
Yo. Foram recrutados.

LUKE RYDER:
Recrutados para quê?

JOHN LOGAN:
Para tomarem conta da minha filha. Este puto, o Isaac, é uma ameaça.

BECKETT DUNNE:
Não quero estar nesta conversa. Cancelar subscrição.

WILL LARSEN:
Eu fico só porque vocês os três jogaram na NHL e venceram várias Stanley Cups.

JOHN LOGAN:
Ficam todos nesta conversa até serem removidos da conversa.

HUNTER DAVENPORT:
Como assim, vocês os três? Sabem que eu existo, não sabem? Ganhei uma taça com os Tampa.

WILL LARSEN:
Oh, merda. O Davenport também está nesta conversa??

SHANE LINDLEY:
O treinador Hollis vai-se passar quando descobrir que estamos aqui e ele não foi convidado.

GARRETT GRAHAM:
Shane. Lamento o que aconteceu com seu pai. Gigi disse que vocês eram próximos.

SHANE LINDLEY:
Obrigado, Sr. Graham. Sim… tem sido difícil. Ele nos faz muita falta.

GARRETT GRAHAM:
Me chama de Garrett. E eu entendo. Não consigo imaginar pelo que você está passando.

COLIN FITZGERALD:
Talvez nem seja preciso dizer, mas ninguém diga a Hollis que recebeu um convite. Percebido?

BECKETT DUNNE:
Existe algum motivo para ele ser excluído de um grupo tão legal chamado Conversa de Pai?

JAKE CONNELLY:
A mulher é uma chiba. Leia as mensagens dele e vá contar para nossas mulheres.

SHANE LINDLEY:
Isso é lixado. Ela cusca o telefone dele?

COLIN FITZGERALD:
Não, ele dá-lhe acesso. O Hollis diz que os segredos são os pregos com que se constrói a casa do divórcio.

SHANE LINDLEY:
Esse bacano é estranho.

JOHN LOGAN:
Como é que vocês otários viraram esta conversa para vocês? A vida da minha filha corre perigo.

JOHN TUCKER:
A vida da tua filha não corre perigo nenhum.

DEAN DI LAURENTIS:
Perigo de engravidar de um jogador de futebol, talvez. Perigo de morte? Improvável.

JOHN LOGAN:
Ela não vai engravidar, porque eles não andam a fazer sexo.

BECKETT DUNNE:
LOL

GARRETT GRAHAM:
LOL

CONOR EDWARDS:
LOL

SHANE LINDLEY:
AHAHAHAHAHAH

DEAN DI LAURENTIS:
Como está o tempo na Terra da Negação?

JOHN LOGAN:
Vão-se todos foder.

JOHN LOGAN:
É assim, jovens da Briar. A Blake é demasiado ingénua para o seu próprio bem. Ainda não possui as competências certas para perceber o esquema deste idiota. Mas eu sim. O Isaac Grant é uma APAMF.

SHANE LINDLEY:
??

GARRETT GRAHAM:
Esperem, eu falo a linguagem do Logan. Uma… ameaça para a minha filha.

JOHN LOGAN:
Exatamente. E quem é que chama Isaac Grant ao filho? Idiotas chapados, é o que é. Ele quase fez com que a Blake fosse expulsa da

residência. E como não estou lá para vigiar esse cabrão, declaro-vos oficialmente meus representantes. Especialmente tu, Ryder. Agora és praticamente da família.

LUKE RYDER:
Hum… Não vou interferir na vida amorosa de uma caloira.

SHANE LINDLEY:
Dispenso.

BECKETT DUNNE:
Eu não me importo. Ela é gira.

Beckett Dunne foi removido da Conversa de Pai

JOHN LOGAN:
Quanto aos restantes, vão tomar conta da Blake, ouviram?

DEAN DI LAURENTIS:
Ou enfrentar a morte.

WILL LARSEN:
Faremos os possíveis por tomar conta dela.

JOHN LOGAN:
Finalmente, alguém racional.

GARRETT GRAHAM:
Sim. Finalmente.

JOHN LOGAN:
Estás a chamar-me irracional?

HUNTER DAVENPORT:
Oh, merda! Os nomeados para o Hall of Fame do Hóquei deste ano acabaram de ser anunciados.

JAKE CONNELLY:
Link?

GARRETT GRAHAM:
Deixem-me ler e já falamos.

SHANE LINDLEY:
OMG vamos falar sobre hóquei com lendas do hóquei.

JOHN LOGAN:
Não, já estamos conversados. Tomem conta da Blake.

DEAN DI LAURENTIS:
Ou morrem.

JOHN LOGAN:
Vá se ferrar, Dean. Se fosse uma de suas filhas, você faria o mesmo.

SHANE LINDLEY:
Por favor, podemos falar sobre as indicações ao Hall da Fama?

Shane Lindley foi removido da Conversa de Pai
Luke Ryder foi removido da Conversa de Pai
Will Larsen foi removido da Conversa de Pai

CAPÍTULO 40

CHARLOTTE

Ele é o pior, não é?

Depois de meses de planejamento rigoroso e reuniões intermináveis, com algumas apresentações de PowerPoint espetaculares, eis que finalmente chega a noite da Gala dos Presidentes da Delta Pi. E devo admitir que minhas colegas de república arrasaram nas decorações. Os centros de mesa da Yara são absolutamente magníficos.

O salão de baile do hotel em Boston é resplandecente, iluminado por lustres. Aliso a frente do meu vestido rosa claro e ajusto as alças finas, procurando por Will, meu par para esta noite.

Meu coração palpita ao vê-lo ao lado do bar, incrivelmente lindo em um elegante *smoking* preto. Ele me vê e dá seu sorriso fácil, que sempre me faz tremer os joelhos. Will sabe se arrumar, mas não me surpreende. É claro que o Sr. Típico Americano fica bem de *smoking* .

Não posso deixar de admirar como ele se destaca em um mar de ex-alunos mais velhos e ricos. Ele tem um ar confiante, composto, como se pertencesse aqui, e suponho que seja esse o caso. Ele é filho de um congressista. Se encaixa perfeitamente nesse tipo de evento, com esse tipo de gente.

Eu me aproximo dele, abrindo caminho através de grupos de pessoas ocupadas demais fazendo conversa fiada para me notar. Quando chego ao pé dele, ele beija meu rosto, pousando delicadamente a mão no fundo das minhas costas.

— Desculpa, a fila do bar está demorando uma eternidade — diz.

— Não faz mal. Não temos pressa. Os convidados de honra ainda nem chegaram.

Fico olhando para a entrada em arco procurando minha mãe, que me mandou uma mensagem há poucos minutos dizendo que estava quase chegando no hotel. Meu pai não pôde acompanhá-la esta noite por causa de uma emergência de trabalho, então ela vem sozinha.

Na próxima vez que passo os olhos pela sala, meu olhar encontra um rosto familiar.

Argh. Mitch está aqui.

Todos os meus músculos ficam em alerta. Não sei por que me surpreende vê-lo. Um terço das minhas colegas da república namoram caras da Delta Tau. Sua república é nossa contraparte masculina e muitas vezes organizamos eventos juntos, então há vários ex-alunos da Delta Tau presentes esta noite.

Quando o olhar de Mitch encontra o meu, ele dá um leve sorriso debochado. Desvio o olhar de seu rosto arrogante, pensando no que jamais vi nele. Ele era tão doce quando começamos a namorar. Atencioso. Gentil. Mas sua energia nunca correspondia à minha; nem na cama, nem na faculdade, nem mesmo em relação a ambições gerais de vida. Não acredito que desperdicei quase dois anos da minha vida com isso.

Will segue meu olhar.

— Aquele é o Mitch?

— Iá. Ignora-o.

— Com muito prazer.

Finalmente, o garçom do bar traz duas taças de vinho tinto para Will. Ele me passa um e eu enlaço meu braço no dele enquanto nos afastamos do bar. Encontramos um lugar tranquilo do outro lado da sala ao lado de Faith, Yara e Blake, e em vez de prestar atenção nos olhares constantes que Mitch me lança, tento me concentrar no som da voz profunda de Will enquanto conversa com meus amigos. O salão de baile está animado com o som de risadas e conversas, o tilintar dos copos ecoa pelas paredes.

Quando olho de volta para a entrada, vejo minha mãe entrando pela porta em arco.

Toco o braço de Will.

— Minha mãe chegou.

Ele não reage.

— Você quer ir lá sozinha primeiro ou quer que eu vá com você?

Fico olhando para ele.

— O que foi? — pergunta.

— Você está prestes a conhecer minha mãe e está se comportando como se não fosse nada de especial.

Will dá de ombros.

— *Não* é nada de especial. Você contou a ela que estamos namorando, certo?

Sim, mas esqueci de mencionar que também estou namorando seu melhor amigo. Minha mãe me mandou mensagens a semana toda dizendo que está ansiosa para conhecer Will e, sempre que leio uma de suas mensagens entusiasmadas, me sinto invadida pela tristeza de saber que Beckett não está conosco esta noite. Ele insistiu que não se importava, que queria que eu aproveitasse a noite sem me preocupar com ele, mas ainda assim, não me sinto bem com isso.

Parece que estou traindo Beckett ao não apresentá-lo à minha mãe. Ao agir como se ele não fosse tão importante na minha vida quanto Will.

— Anda — diz o Will, entrelaçando os dedos nos meus. — Vamos dizer olá.

Reparo na Faith a acenar com a cabeça, aprovando a sua confiança em relação a conhecer a minha mãe. Na outra noite disse-me que gosta muito do Will. Acha que ele me faz bem.

Chamo a atenção da minha mãe e dirigimo-nos a ela. O seu rosto alegra-se

ao ver-nos, o seu sorriso cresce.

— Charlotte, querida! Estás linda. — Ela dá-me um abraço e um beijo na testa, depois vira-se para o Will, avaliando-o. — E finalmente conheço o Will! És muito mais bonito do que a Charlotte descreveu — diz, e ele ri-se.

— Obrigado — diz, com um ar tímido, mordendo o lábio através do sorriso. — É um prazer conhecê-la, Sra. Kingston.

— Por favor. Chama-me Anna. — Ela aperta-lhe a mão, agarrando-a depois com as duas mãos. — O prazer é todo meu. A Char não nos contou muito sobre ti, por isso, estou ansiosa por te conhecer melhor. Jogas hóquei, ouvi dizer?

Ele acena que sim.

— Sou avançado na equipa masculina da Briar. Costuma acompanhar hóquei?

A minha mãe ri-se.

— Não! Mas gosto de saber tudo. Gostas de jogar?

Nota-se uma afeição genuína no seu olhar enquanto conversa com o Will, perguntando-lhe sobre os seus estudos, os seus interesses. Ele responde às perguntas com a combinação perfeita entre charme e respeito e não posso deixar de me sentir orgulhosa. Ele é mesmo querido e a minha mãe está claramente impressionada com ele.

Enquanto conversam, sinto mais uma vez a culpa inundar-me o corpo.

Beckett também deveria estar aqui.

Eu não deveria ter que escolher entre os dois dessa maneira, decidir quem é meu namorado «público». Acabou sendo Will, pois eu disse a Faith que iria assistir a um filme com ele na primeira vez que fui à casa dele. E acabou ficando assim.

A noite passa, com a cerimônia de premiação homenageando minha mãe e a outra ex-presidente, e Will permanece ao meu lado, sua presença reconfortante e firme. Porém, não consigo me livrar da sensação de que falta alguma coisa. Sempre que olho para ele, penso em Beckett e em como tudo isso é injusto. Preciso falar com Beckett. Ouvir apenas sua voz, garantir que você está bem.

— Olha — sussurro para Will, quando uma banda de *jazz* começa a tocar, indicando o início da parte da dança desta noite. — Vou lá fora um instante, está bem? Quero ligar para Beck para saber como ele está. Volto logo.

— Claro — diz. — Demora o tempo que você quiser.

Saio do salão de baile para um corredor tranquilo e tiro meu celular da bolsa de mão. Enfio os saltos no carpete macio e tamborilo minhas unhas de manicure francesa contra a parede de cor creme enquanto espero Beckett atender. Ele leva seu tempo.

— Oi, garota — ele diz, finalmente. Só de ouvi-lo sinto meu coração doer de saudade.

— Alô. Liguei para saber de você. Como você está?

— Tudo bem por aqui — ele garante, e posso ouvir o sorriso em sua voz. — Eu disse para você não se preocupar comigo. Tá se divertindo?

— Estou — admito. — Mas eu gostaria que você estivesse aqui. Gostávamos os dois.

— Ná, não se sinta mal, Charlie. Sinceramente. Aproveita a noite.

— Não consigo evitar; me sinto mal com isso. Mas eu prometo que vou

compensar você mais tarde.

— Ah, sim? E como você pensa em fazer isso? — Sua voz assume um tom grave e sedutor.

— Bem… Estou pensando que vai envolver sua rola e minha boca e muitos gemidos.

Seu riso faz cócegas no meu ouvido.

— Gosto muito dessa ideia. Embora eu ache que sua boceta também deveria aparecer.

A buceta em questão se aperta de desejo.

— Podemos cuidar disso.

— Você está molhada agora?

— De dois segundos para cá, encharcada. Liguei para você para te animar e, em vez disso, você me deixa excitada. Obrigadinha, Beckett.

— Não vou me desculpar por te deixar excitada. Deixar você excitada é meu passatempo favorito.

Prendo meu lábio entre os dentes para conter um gemido.

— Mal posso esperar para foder com você mais tarde.

Antes que ele possa responder, ouço um som de escárnio atrás de mim.

— Sério, Charlotte? *Uau* .

Virando-me, vejo Mitch na entrada do corredor, com as feições se contorcendo de repulsa.

Fico paralisada, sentindo o coração na barriga.

— Tenho que ir — sussurro no celular. — Eu te ligo quando estivermos saindo.

— Charlie… — Beckett começa a dizer.

Desligo a ligação e respiro fundo. Me sinto agoniada conforme me aproximo do meu ex-namorado.

— Você ainda é a mesma puta de sempre, não é? — Mitch debocha.

Espero que você não consiga ver como meus joelhos tremem.

— Não faço ideia do que você está falando — digo, calmamente.

Isso lhe provoca uma enorme gargalhada.

— Você acabou de dizer a outro cara que mal pode esperar para foder com ele mais tarde.

— Você deve ter ouvido mal.

— Eu ouvi muito bem — ele rosna. — Você o chamou de Beckett. Esse não é o atleta burro que estava em nossa classe no semestre passado?

Cerro os dentes.

— Você é inacreditável. Saindo escondido para falar com outro cara enquanto está aqui com outra pessoa? — Sua voz sobe de volume. — Eu sabia que você era uma puta viciada em pau e devoradora de esperma, mas isso é nojento, mesmo para você.

Meu sangue gela. Olho para a área da recepção, esperando que ninguém mais tenha ouvido. Mas, nesse instante, vejo movimento pelo canto do olho. Minha mãe aparece no corredor, com uma expressão que mistura confusão e preocupação.

— Charlotte. Você está aqui! — diz. — Eu estava procurando por você. — Ela aperta os olhos ao reconhecer com quem estou falando. — Mitch. Eu não

sabia que você estaria aqui esta noite.

— Anna — ele diz educadamente.

— Sra. Kingston — ela corrige. *É assim mesmo, mãe.* Ela olha para nós dois — O que está acontecendo aqui?

— Nada — digo, rapidamente. — Estávamos apenas colocando a conversa em dia.

— Colocando a conversa em dia? — diz Mitch, com escárnio. — É assim que você chama agora?

Minha mãe franze o cenho.

— O que houve, querida?

— Não está acontecendo nada, eu juro — minto.

Ela não parece convencida, mas de jeito nenhum vou repetir uma única palavra que Mitch acabou de proferir. Eu dou a ele um olhar furioso, implorando silenciosamente que ele esqueça o assunto e, felizmente, ele não diz mais nada.

— Vamos voltar lá para dentro e procurar Will — digo.

Ela balança a cabeça lentamente.

— Está bem.

Deixamos meu ex para trás e atravessamos a recepção em direção às portas do salão de baile, mas quando estamos prestes a passar pela entrada, ela para e toca meu braço.

— Char — ele diz. A preocupação desapareceu de sua expressão e seus lábios agora se contorcem de riso. — Só vou dizer isso porque estou certa de que você e Mitch não vão ficar juntos de novo, mas… eu e seu pai detestávamos aquele garoto.

Sai-me uma gargalhada.

— Ele é o pior, não é?

— Absolutamente.

— Eu gostaria que você tivesse me dito enquanto estávamos namorando.

— Você não teria ligado nenhuma.

— Talvez você tenha razão.

Ainda estou rindo quando voltamos para a festa, mas a boa disposição desaparece ao me lembrar do que minha mãe interrompeu.

Mitch me ouviu conversando com alguém que não é Will, meu namorado público.

Ele *me ouviu* , porra.

CAPÍTULO 41

CHARLOTTE

Respira comigo

De alguma forma, mantenho a compostura pelo resto da noite. A maioria dos convidados mais velhos começa a sair antes da meia-noite, mas como membro do conselho administrativo, tenho que ficar até o fim, mesmo que isso dure até as quatro da manhã. Embora eu esteja bastante certo de que só temos o salão de baile até as duas, graças a Deus. Eu realmente não quero ficar aqui a noite toda.

Os caras da Delta Tau não parecem estar com pressa para ir embora. Eu continuo ouvindo as risadas vindas de sua mesa e, sempre que olho para lá, eles estão agrupados como uma matilha de lobos.

Enquanto Faith e Will conversam ao meu lado, encontro o olhar de Mitch por um segundo antes de ele se aproximar de seus colegas da república, dizendo algo que os faz rir alto.

— Aqueles idiotas estão rindo de quê? — Faith diz, chateada.

— Provavelmente Joey contou mais uma de suas piadas espetaculares sobre peidos — respondo, embora o nó em meu estômago preveja que será algo mais sinistro.

Meu instinto grita para mim que Mitch contou aos caras da Delta Tau o que ouviu há pouco e desejo desesperadamente que esse instinto esteja errado.

Mas é então que ouço a voz de Mitch, clara e incisiva, vindo em nossa direção.

— Iá, Charlotte tá transando com dois caras. Que puta.

Will fica rígido ao meu lado, cerrando os dentes.

Sinto o sangue aflorar em meu rosto, transformando minhas bochechas em bolas, mas, em vez de fugir na direção da porta como minha humilhação quer que eu faça, minhas pernas têm vontade própria. Antes que eu possa evitá-lo, vou furiosa até a mesa da Delta Tau.

— O que você disse? — vocifero para Mitch.

Várias cabeças foram vistas em nossa direção, olhares curiosos se demorando, mas não dou a mínima.

Ele se inclina para trás na cadeira, dando um sorriso arrogante.

— Ah, você não me ouviu da primeira vez? Eu estava contando ao pessoal

como você gosta de manter as coisas interessantes com mais de uma pila. Deve ser cansativo ter que parecer certinha o tempo todo.

Will surge ao meu lado, com os punhos cerrados, mas eu coloco uma mão em seu peito para impedi-lo. Não vou deixar meu ex-namorado me afetar assim.

— Você não sabe nada sobre mim — digo, bruscamente. — Não mencione meu nome de novo, Mitch.

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, Agatha aparece, com seu vestido branco de grife e cabelo penteado perfeitamente pulando a cada passo seu.

— O que está acontecendo aqui? — ela pergunta.

Mitch sorri para ele, sentado em sua cadeira.

— Agatha, você sabia que Charlotte está dormindo com dois jogadores de hóquei? Você tem que satisfazer sua dependência sexual de alguma forma, não?

Agora é Faith quem avança.

— Ó cabrão, vê lá se fecha essa boca.

Ele revira os olhos para minha melhor amiga.

— Você deveria dar esse conselho a Char, Faith. Ela precisa descansar, com tantas rolas que está chupando.

Mais uma vez, sou obrigada a impedir Will de atacar meu ex. Aperto sua mão, uma mensagem silenciosa para se manter calmo.

— Isso é verdade, Charlotte? — Agatha está boquiaberta.

— Claro que não — responde Faith, imediatamente. — Caramba, Agatha. Charlotte não tem uma dependência sexual. Ele só está amargo porque ela o deixou. Idiota ridículo.

— Não é verdade — garanto a Agatha, a raiva revirando minhas entranhas. — Ele está tentando causar problemas, como sempre.

Ela olha para Mitch e para mim, claramente sem saber em quem acreditar.

— Não é hora para drama — diz, finalmente. — Temos padrões a respeitar e não quero rumores como esse afetando a reputação de nossa república.

Apetece-me gritar.

— Não é boato. Ele está mentindo.

— Ah, estou? — Mitch intervém, com um sorriso debochado crescendo em seu rosto. Seus amigos riem novamente, encorajando-o.

Não consigo nem olhar para Will, com medo de sua expressão. Homicida, provavelmente. Mitch e seus comparsas da república ficam rindo quando Agatha se afasta, e eu preciso de toda a minha força de vontade para me controlar.

— Vamos embora daqui — digo a Will, agarrando sua mão com tanta força que tenho medo de quebrá-la.

Faith caminha ao nosso lado e, quando estamos a uma boa distância, ela me força a parar.

— Você está bem?

— Estou. Só quero ir embora. — me aproximo para lhe dar um abraço rápido. — Obrigada por me apoiar.

— Sempre.

— Eu sei que é pra ficar e ajudar a limpar, mas…

— Vai — ordena. — Eu lido com Agatha e os executivos.

— Obrigada. — Não sei o que fiz para merecer uma amiga como Faith.

Quando Will e eu saímos do salão de baile, sinto os olhares de Mitch e sua turma da Delta Tau afundarem em minhas costas. Sinto meu peito apertado de vergonha. A mão de Will está segura em volta da minha, mas nem mesmo seu toque é capaz de acalmar a tempestade dentro de mim.

Damos os recibos para a moça do cabideiro, recebemos os casacos e fomos até a recepção, onde Will diz:

— Você se importa se eu for ao banheiro antes de irmos embora?

— Sem problemas. Encontramo-nos na porta.

Saio do hotel, passando pelas portas envidraçadas da recepção, e paro na calçada larga, o ar do inverno golpeando meu rosto como um tapa. Mas sabe bem. O frio. Isso abre meus pulmões e, finalmente, sinto que posso respirar novamente.

Encosto-me na parede externa de tijolos, olhando para a rua bem iluminada, tentando me acalmar.

Mas o sossego não dura muito.

— Achou que podia só virar as costas, hein?

Fico tensa ao ouvir o som da voz de Mitch. Eu me viro e o vejo sair do hotel, um sorriso malicioso aflorando em seu rosto. Meu estômago se contorce. Não quero fazer isso de novo. Nem agora. Nem nunca.

— Vai embora — resmungo.

Ele se aproxima.

— O que está acontecendo? Você não aguenta que as pessoas saibam a verdade sobre você?

— Eu disse para me deixar em paz.

— Ou o quê? — Sua voz baixa até um tom venenoso. — Você é mesmo uma peça, sabia? Com a mania de que você é importante, fingindo ser perfeita. Mas você é uma puta, Charlotte. Acha que pinar com dois caras te torna especial? Só te deixa ridícula.

Cerro os punhos.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Eu sei o suficiente. Você nunca foi bom o suficiente para mim e também não é bom o suficiente para esses jogadores de hóquei. Eles hão de perceber isso não tarda.

Palavras me machucam, embora eu saiba que não deveriam. Abro a boca para responder, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, Will aparece atrás de nós, com os olhos ardendo de fúria.

— Mas que *porra você* acabou de dizer?

O sorriso de Mitch vacila por instantes, mas ele se recupera rapidamente.

— Olha só, o salvador. Você veio defender seu brinquedozinho? Não te chateia que ela ande a pinar com o teu amigo nas tuas costas?

Will não hesita. Em um piscar de olhos ele está em cima de Mitch, agarrando-o pelo colarinho e jogando-o contra a parede.

— Cala mas é essa matraca.

Mitch ri.

— Vai me bater, valentão? Força. Dá-lhe.

— Já que você insiste.

Will lança o punho para frente, que colide com o queixo de Mitch fazendo

um som nauseante. Meu ex cambaleia, agarrado ao rosto.

— Baza daqui — rosna Will.

Mitch não precisa que lhe digam duas vezes. Ele entra novamente no hotel, resmungando palavrões em voz baixa.

Assim que ele vai embora, a realidade do que acabou de acontecer me atinge. Mitch não vai ficar quieto em relação a isso. A nada disso. Você vai entrar lá e reclamar sobre como o bruto jogador de hóquei e namorado de Charlotte deu um soco na cara dela. Como Charlotte é uma puta que fica pingando com o time todo de hóquei. Já consigo ouvir as perguntas das minhas colegas da república. O interrogatório da Agatha.

— Você está bem? — Will pergunta.

Balanço a cabeça, quase incapaz de falar com o nó que estou sentindo na garganta.

— Eu não acredito que isso aconteceu.

— A culpa não é sua. Ele mereceu.

Eu sei que ele está certo, mas isso não torna a humilhação menos esmagadora.

— Agatha e as outras vão ter muito a dizer em relação a isso.

— Elas que digam. Quem se importa com o que eles pensam?

Eu me importo. Eu me importo muito. Já posso ouvir os sussurros, as críticas, a maneira como vão me olhar amanhã como se eu fosse um escândalo ambulante. Minha vida secreta está ganhando terreno, invadindo minha vida real.

Uma vida que parece cada vez mais estar perdendo o controle.

*

Vou para casa com Will em vez de voltar para a república. Estou em modo de fuga. Faith me manda uma mensagem para garantir que estou bem, e garanto que estou, mas estou mentindo.

Na casa dos meninos, me tiro no quarto de Will, deixando as joias em sua mesa de cabeceira e o vestido no chão. Então eu coloco a camiseta que ele me dá. Do hóquei da Briar. Fica abaixo dos meus joelhos e cheira a ele.

Deixo-me cair sobre o colchão, a tensão dos músculos se recusando a aliviar.

Ouço a água correndo no banheiro do corredor. Beckett estava tomando banho quando chegamos e agora parece estar escovando os dentes. Enquanto Will se prepara para ir para a cama vai olhando para mim de vez em quando, como se estivesse a ver se não desato a chorar. Você está certo em se preocupar.

Antes que eu possa evitá-lo, a onda me atinge. De repente, meu peito parece apertado demais, como se tivesse um torno apertando meus pulmões, e meu coração bate tão acelerado que minha visão fica embaçada.

Faz muito tempo que não sinto uma onda de pressão tão sufocante.

Sinto tudo se fechando sobre mim. A escola, o projeto final, minha família, meu novo irmão. Manter esta vida secreta às escondidas. Fingir que está tudo bem quando claramente não está.

É demais.

Estou namorando duas pessoas. Dois caras incríveis, complicados e intensos.

E, se alguém descobrir, todo o meu mundo irá implodir.

Não suporto a ideia de perdê-los, mas me sinto à beira de um penhasco, perigosamente perto de cair. A culpa e o medo e a sensação avassaladora de impotência, tudo desaba sobre mim como uma onda gigante e, antes que eu perceba, estou deslizando da cama para o chão do quarto de Will, com falta de ar.

— Charlie?

Não consigo respirar. Sinto as lágrimas quentes caindo pelo meu rosto. Nem percebi que estava chorando.

— *Charlotte* .

A voz de Will é doce, mas há uma urgência nela que atravessa a névoa em minha mente. Ele se ajoelha na minha frente, segurando meu rosto em minhas mãos e tentando me forçar a olhar para ele.

— Respire, garota. Respira.

— Eu… Eu não consigo — sibilo.

— Você consegue, sim — ele insiste, limpando minhas lágrimas com os polegares. — Eu estou aqui, está bem? Concentre-se em mim. Respira comigo.

Ele respira lenta e profundamente, exagerando para que você possa acompanhá-lo. Tento imitá-lo, inspirando vacilante e expelindo o ar da mesma forma. Meu coração continua acelerado, minha cabeça gira, mas Will não desiste. Ele mantém os olhos fixos nos meus.

— Linda garota — ele murmura, com uma voz reconfortante. — Continua, assim mesmo. Estás segura. Eu estou aqui.

Posso acenar fracamente com a cabeça, agarrando-me aos seus pulsos como uma boia de salvação. Parece uma eternidade até que minha respiração finalmente começa a se equilibrar, o pânico se dissipando.

Mas o medo permanece, espreitando sob a superfície, ameaçando voltar a surgir a qualquer momento.

— E se as pessoas descobrirem? — As palavras saem-me antes de conseguir impedi-lo. — E se descobrirem sobre nós os três?

— Não vão descobrir.

— O Mitch ouviu-me a falar com o Beckett esta noite. — Respiro fundo mais uma vez. — Acho que ninguém vai acreditar nele. Vão assumir que se trata de um rumor. Mas o que é que acontece se as pessoas souberem a verdade?

— Logo vemos.

O meu lábio inferior começa a tremer.

— Tenho tanto medo de perder tudo.

— Isso não vai acontecer — promete, aproximando-se para me dar um beijo meigo na testa.

Encosto-me ao Will, desesperada pelo seu conforto, e ele envolve-me nos seus braços, abraçando-me com força.

Ouço os passos de Beckett no corredor. Já está despachado do banho. Como se sentisse as ondas de tensão saindo do quarto de Will, ela aparece na ombreira da porta com uma toalha enrolada na cintura elegante.

Beckett percebe o que está acontecendo com um olhar rápido, suas feições esculpidas se atenuando ao me ver agarrada a Will.

— Você está bem?

Aceno que sim, incapaz de falar. Will mantém os braços em volta de mim, mas olha para Beckett, e algo não dito passa entre os dois. Beckett se aproxima de nós e se agacha ao meu lado.

— Ela está bem — Will diz, e conta o que aconteceu na gala. Só de ouvir o resumo me revolta o estômago.

— Desculpe — digo, ao perceber que ambos estão ajoelhados ao meu lado como se eu estivesse em perigo de desmaiar. — Já estou bem. Foi só um ataque de pânico.

O Beckett pousa a mão nas minhas costas, reconfortando-me.

— Não tens nada que pedir desculpa.

Olho para ele com o rosto ainda molhado das lágrimas.

— Desculpem. Não queria…

— Para de pedir desculpa — interrompe ele, abanando a cabeça.

Sinto um nó na garganta. Empurro-o para baixo.

— Odeio que estejam todos a falar de mim agora. A julgarem-me.

— Eles que julguem — diz o Will. — Não sabem nada sobre a nossa relação. Ninguém tem nada que ver com isso a não ser nós.

Olho para um e depois para outro, sentindo um familiar nó de dúvida apertar-se dentro de mim.

— E se tiverem razão? E se isto for demasiado complicado? Demasiado confuso? Sinto que estou constantemente a esconder-me, como se estivéssemos a fazer algo de errado.

— Você não está fazendo nada de errado. Nenhum de nós está fazendo nada de errado. — Will prende meu cabelo atrás das orelhas. — Eu sei que uma parte de você ainda acha que isso não é normal, mas o que importa o que é normal? Também tive que superar minhas dúvidas em relação a tudo isso. Houve momentos em que pensei que não conseguiria lidar com isso. Mas… eu te amo, Charlie. E eu sei que o que temos… está certo. Para todos nós.

Perco o fôlego.

Ele acabou de dizer que me ama?

— E nada irá mudar isso — continua, como se não tivesse acabado de soltar uma bomba. — Nem uma festa, nem um otário como Mitch, nem, decididamente, o que os outros pensam.

— Mas as opiniões dos outros são importantes para mim. Quem dera não fossem. Mas eu não acho…

— Não tens de achar nada neste momento. — O polegar do Will traça círculos relaxantes no meu braço. — Esquece tudo o resto e deixa-te estar só aqui connosco.

O Beckett acena que sim, aproximando-me para me beijar a têmpora.

— Deixa-nos cuidar de ti esta noite.

O ar muda, ficando mais denso ao absorver as suas palavras. Estremeço com o calor dos seus corpos, reparando na forma como os seus olhares se transformam em algo mais… primitivo. A minha pulsação acelera, desta vez não de medo, mas de antecipação.

— Está bem — suspiro, rendendo-me ao momento.

Os lábios do Will encontram os meus primeiro, seduzindo-me num beijo lento e lânguido. Entrego-me a ele, a pressão da sua boca contra a minha

fazendo-me sentir ancorada, lembrando-me de que estou segura. Os dedos do Beckett sobem-me pela espinha, o seu toque firme e possessivo, como se para me lembrar que também está aqui, que faz parte disto.

O beijo do Will torna-se mais urgente. A mão do Beckett sobe até à minha nuca, inclinando ligeiramente a minha cabeça para poder lamber a pele sensível mesmo abaixo da minha orelha. A sensação faz-me estremecer, fazendo-me libertar um gemido baixo.

Pestanejo e, de repente, estou a ser levada para a cama. Estão ambos em cima de mim agora, as suas mãos e lábios por todo o lado, adorando-me, fazendo-me esquecer o mundo fora deste quarto. É avassalador da melhor maneira possível, o calor e o desejo acumulando-se no meu ventre, encharcando-me as cuecas, afogando todos os pensamentos exceto o desejo desesperado que sinto por estes homens.

Eles movem-se ao mesmo tempo numa sincronia perfeita, completamente focados em mim, em fazer-me sentir que sou a coisa mais importante do mundo. E, durante esses momentos preciosos e fugazes, eu acredito. Esqueço-me de tudo o resto, de todo o medo e incerteza, e entrego-me a eles.

À minha esquerda, o Will traça padrões indolentes com os dedos ao longo da minha pele, quase reverente, como se memorizasse cada centímetro do meu corpo. O Beckett, do meu lado direito, percorre com os lábios o contorno do meu queixo.

Eles levam o seu tempo. Sem pressa, sem urgência. Apenas nós, entrelaçados na cama do Will, no conforto uns dos outros.

Suspiro, o meu corpo derretendo-se ao toque do Will enquanto a palma da sua mão desliza pelo meu flanco, traçando a curva da minha cintura. Já me conhece tão bem. Sabe como fazer-me sentir segura, como fazer-me voltar a mim quando tudo o resto parece perder o controlo.

A atmosfera do quarto muda, carregada de algo mais profundo do que mero desejo.

Talvez não esteja a apaixonar-me por eles.

Talvez já me tenha apaixonado.

Porque isto…

Parece ser amor. Esta coisa complicada e bela que construímos juntos. A maneira como o Beckett me abraça como se eu fosse a única coisa a ligá-lo ao mundo, e a maneira como o toque firme do Will me faz sentir que vai correr tudo bem.

Viro minha cabeça na direção de Will e nossos lábios se encontram em um beijo. Doce e paciente, como se estivesse saboreando o momento. Então me viro para Beckett e ele acaricia meu rosto antes de me beijar também, introduzindo a língua pelos meus lábios abertos.

De súbito, me ocorre que tem apenas uma toalha cobrindo seu corpo. O atoalhado está pendurado em sua cintura, basta puxá-lo para revelar cada centímetro tentador que ele oculta. Então eu o puxo e seu pênis pula na minha mão, quente e pronto para mim.

Beckett me fode primeiro. Seu corpo esguio e musculoso paira sobre mim enquanto ele me penetra uma e outra vez, enquanto Will apalpa meus seios e sussurra como sou bonita. Envolvo minhas pernas nos quadris de Beckett,

mudando de ângulo, e é então que nós dois entendemos por que tem um gosto tão bom.

— Estamos sem camisinha — ele murmura, encostado no meu pescoço.

Estou tomando a pílula, que sei não servir muito quando se trata de IST. Mas ambos me mostraram resultados de análises durante as férias, depois de fazer um comentário aleatório sobre os preservativos não protegerem contra tudo. Mesmo que não tivessem feito isso, conheço meus meninos e confio neles. Eles não estão dormindo com ninguém além de mim, e eu estou dormindo apenas com eles.

— Não importa — digo. — Continua.

A permissão lhe arranca um gemido rouco. Ele me fode com mais força, me penetrando tão profundamente que me faz gritar. Eu me agarro a ele, me perdendo no momento, e, quando ele goza, sinto seu pênis inchar e pulsar dentro de mim, e é a experiência mais quente que já senti.

Will é quem consegue me dar um orgasmo, me fazendo gozar com a língua antes de me virar de cabeça para baixo, levantando minha bunda e me penetrando por trás com seu pau duro. Eu sei que você sente os resquícios de sêmen de Beckett, pois geme e começa a me penetrar mais profundamente. Não demora muito, seus quadris batendo contra mim, seu gemido aquecendo meu ombro quando ele se inclina e vem, todo dentro de mim.

Depois que me deixam exausta e ofegante, fico deitada entre os dois, mais em paz do que me senti em dias. Viro a cabeça para olhar para Beckett, esperando que ele fique conosco desta vez.

Mas está já se levantando, saindo da cama e pegando a toalha.

— Onde você vai? — pergunto, ouvindo o tom ansioso da minha voz. Espero que você só precise ir ao banheiro.

Ele para, de costas para nós, e vejo a tensão em seus ombros.

— Vou para a cama — diz, com a voz rouca, sem se virar.

Sento.

— Fique conosco — peço.

Ele hesita por um longo momento, depois balança a cabeça, como se estivesse lutando contra algo dentro de si.

— Prefiro dormir sozinho. — Sua voz sai áspera. — Boa noite.

Sei que não é só isso, tem algo que não está dizendo, mas não insisto. Eu apenas o vejo ir embora, fechando a porta atrás de si, e o aperto em meu peito retorna.

Will volta a me puxar para si, me envolvendo em seus braços.

— Beck é complicado — ele diz, enterrado no meu cabelo. — Mas ele gosta de você. Gostamos os dois.

Sorrio encostada em seu ombro.

— Você disse que me amava. Há bocado. Ouvi você dizê-lo.

Ele faz uma pausa, depois dá uma gargalhada tímida.

— Pois. É possível.

— Estavas a falar a sério?

— Estava. — Desta vez não há pausa. Não há hesitação.

De repente, sinto a boca seca. Engulo, tentando encontrar a minha voz.

— Eu também te amo.

Ele abraça-me com mais força, o bater do seu coração constante ao meu ouvido.

— Só queria… — interrompo-me, tentando ignorar a sensação de vazio no coração.

Olho para a porta do quarto e sei que o Will me lê o pensamento, pois beija-me o topo da cabeça.

— Vai — diz, baixinho.

— Tens a certeza?

— Hum-hum. — Parece sonolento, começando a adormecer. — Vai.

CAPÍTULO 42

BECKETT

Ela era o meu mundo e depois deixou de ser

Enfio-me na cama e fico a olhar para o teto, tentando afastar os pensamentos às voltas na minha cabeça. O quarto está na penumbra e o silêncio que costuma confortar-me parece-me agora opressivo, pesado. Odeio abandoná-los, mas ficar parece-me demasiado… perigoso.

A verdade é que, por muito que goste da Charlie, por muito que queira estar com ela, não posso aproximar-me demasiado. Não desta maneira. Não sabendo que só magoará mais no final.

Estou começando a adormecer quando ouço seus passos e vejo sua silhueta entrar no meu quarto. No momento seguinte, a cama se move sob meu corpo. Meu coração acelera e, antes que eu possa reagir, Charlie se enfia por baixo dos lençóis, encostando o corpo quente no meu. Ele me envolve em seus braços, atrás de mim, enterrando o rosto na curva do meu pescoço.

— Garota — sussurro, minha voz densa de emoção. — O que você está fazendo?

— Eu não quero que você durma sozinho. — Sua respiração faz cócegas na minha pele.

Engulo em seco.

— Você deveria estar com Will. Sabes disso.

Ela me aperta com mais força, recusando ir embora.

— Não. Quero estar com você. Neste momento eu preciso de você, Beck.

Suspiro, fechando os olhos. Sinto minha determinação desmoronar. Há algo nessa mulher que me impede de afastá-la, mesmo sabendo que deveria.

— Não gosto de dormir junto — digo, finalmente.

— Por quê? — Sua voz é doce, mas insistente. — Por que você não gosta?

Hesito, relembrando memórias que me esforcei tanto para enterrar.

— É íntimo demais — murmuro, após uma pausa interminável.

Ela também faz uma pausa, processando minhas palavras.

— É por causa da sua namorada do ensino médio? Aquela que te traiu?

Fico tenso, a menção de Shannon provocando um misto de amargura e mágoa.

— Sim. É por causa dela.

Charlie me puxa para trás para ficar de bruços, com ela olhando para mim, examinando meus olhos na escuridão.

— O que aconteceu? Eu sei que ela te machucou, mas você nunca fala sobre isso.

Ela tem razão. Não falo. E não pretendo começar agora.

— Não importa o que aconteceu. — Dou de ombros. — Ela era meu mundo e depois deixou de ser.

Charlie fica em silêncio, seu olhar fixo no meu, me incitando a continuar.

— O que você quer que eu diga, delícia de açúcar? — Respiro fundo, sentindo meu peito se apertar com as lembranças. — Fizemos planos. Devíamos ir para a faculdade juntos. Falamos em ir morar juntos, começar uma vida nova. Achei que ela era meu futuro.

— Você deve ter ficado arrasado quando ela terminou com você.

Encolho os ombros novamente, batendo contra o travesseiro.

— E imagino que te custe muito confiar nas pessoas. Você tem medo de confiar outra vez, não é? Você tem medo de que, se fizer isso, possa ser traído novamente.

— Na verdade, não. — Dou uma risada forçada. — Não atribuo o comportamento errado de alguém a todas as outras pessoas que conheço. Não vejo traidores para onde quer que eu olhe.

— Mas você tem medo de sair machucado.

— Talvez. Não sei. É tipo… como se eu tivesse uma parede ao meu redor e não pudesse deixar ninguém entrar. Não completamente.

— Nem mesmo eu?

— Especialmente você — digo, bruscamente. — Porque você merece alguém que esteja lá para você completamente. Alguém como Will. Larsen é um bom namorado da cabeça aos pés.

— Will é incrível — ele concorda. — Mas você também é. Mais do que julgas. Você é querido, atencioso e protetor. Você também é um bom namorado, acredite ou não.

— Não sou. Eu não fui feito para merdas profundas. E eu não quero arrastar você comigo.

— Você não está me arrastando. Você está me fazendo voar. Vocês dois. Olha o que fizeram por mim essa noite. Acho que nunca tive um ataque de pânico assim e vocês sentaram comigo, me ajudaram a respirar e me fizeram esquecer.

Sinto um aperto no coração ao lembrar como parecia vulnerável há pouco. Assustada. As lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Mas você está enganada. Foi Will quem a acalmou. Foi Will quem disse que a amava.

E eu? Fiquei parado. Mudo.

Mordo o interior da bochecha, hesitando.

— Will disse que te amava.

— Eu sei. E… eu disse isso também. Antes de vir para o seu quarto.

Aceno com a cabeça na escuridão. Quero dizer uma coisa, mas as palavras se prendem na garganta.

— Beckett — ela sussurra, sua mão encontrando a minha por baixo dos lençóis. — Eu também te amo.

O quarto parece encolher. Não consigo encher meus pulmões de ar. Ela me ama. No fundo, eu sabia disso, mas ouvi-la dizer… Abre alguma coisa dentro de mim, meu peito incha de emoção.

Por um momento, não consigo falar. Quero acreditar nela, quero me entregar ao que tenho com Charlie, ao que nós três temos, mas o medo ainda está presente, consumindo minha determinação.

Engulo em seco.

— Eu… não posso retribuir.

— Por que não?

Balanço a cabeça, me sentindo a pior pessoa do mundo.

— Não é que não o sinta. É só… — Paro de falar, os meus músculos retesando-se. Não consigo fazer isto. — Não consigo dizê-lo.

Os seus dedos apertam-se em volta dos meus.

— Mas sentes?

Se sinto? Sim, claro que sim. Há meses que estou a apaixonar-me por ela. Mas dizê-lo em voz alta é como andar na corda bamba sem rede de segurança.

Ela espera e, quando não respondo, volta a perguntar.

— Sentes, Beckett?

— Não sei.

Isto é mentira. Eu sei. Mas admiti-lo significa deixá-la entrar. Completamente. Deixá-la ver todas as partes de mim que não estou preparado para mostrar.

O silêncio estende-se entre nós. Ouço o bater do meu coração nos ouvidos, mais alto do que devia.

— E se você for embora? — balbucio, surpreendendo até a mim.

Ela se senta, confusa.

— O quê?

Eu me forço a olhá-la nos olhos.

— E se eu me deixar sentir isso e você for embora?

Suas feições se suavizam. Ela estende a mão para tocar meu rosto, acariciando minha barba.

— Eu não sou sua ex. Jamais te machucaria.

— Você diz isso agora. Mas você não sabe o futuro. As pessoas mudam de ideia. As pessoas vão embora. Você não sabe o que vai acontecer.

— Eu sei que te amo, mais do que jamais julguei possível. Eu sei que nunca te machucaria intencionalmente.

Quero acreditar nela. Porra, eu realmente quero. Mas o medo envolve meu peito como uma jiboia.

Ela se inclina sobre mim, encostando a testa na minha.

— Confia em mim, rapaz do gelo. Eu amo-te. Não te vou magoar.

Fecho os olhos. A Charlie está a pedir-me que a deixe entrar e não sei se consigo.

— Por favor — murmura. — Confia em mim.

Respiro fundo. Talvez não precise de dizê-lo. Talvez, por agora, baste abraçá-la.

— Vou tentar — digo baixinho, puxando-a contra o meu peito.

— É só isso que te peço.

Ficamos assim durante um tempo, a sua respiração abrandando conforme ela se aninha mais. Finalmente, sinto o seu corpo relaxar completamente ao adormecer, mas a minha cabeça continua às voltas.

CAPÍTULO 43

WILL

A merda do tiquetaque

Acordo com o som de vozes abafadas e o rangido característico da porta da frente abrindo e depois fechando. Demoro um pouco para me livrar totalmente dos resquícios do sono. Eu pisco, percebendo que as vozes não estão na minha cabeça. Há pessoas lá embaixo.

Viro para o lado, esperando ver Charlotte dormindo ao meu lado, mas a cama está vazia. Então eu me lembro que ela dormiu com Beckett ontem à noite.

Espero pela sensação. A pontada do ciúme. O calor da possessividade. *Minha. Ela é minha.*

Mas não a sinto.

Porque ela é nossa.

Afasto as cobertas e saio da cama, vestindo uma calça de moletom e enfiando meu telefone no bolso caso precise ligar para a polícia. Porque as vozes no andar de baixo estão ficando mais altas e eu não ouço o tom feminino de Charlie. Parece um grupo de homens discutindo.

Mas que diabos?

Desço as escadas, mas só dobrando a esquina em direção à sala é que percebo a origem do alvoroço. O Beckett está na janela, com o peito nu e os braços cruzados, enquanto um homem louro mais velho anda de um lado para o outro no piso de madeira com uma expressão frustrada.

Julgando pelas grandes semelhanças, deduzo que seja o pai de Beckett.

E o homem está visivelmente agitado, fazendo gestos expansivos e dizendo:

— Você acredita nisso? Por causa de uma proposta de trabalho?

O Beckett suspira e deixa os braços caírem ao lado do corpo.

— Pai. A sério. Calma, meu. Ela realmente te colocou para fora de casa?

Encosto-me na ombreira da porta, tentando não escutar a conversa de forma muito óbvia, mas a curiosidade leva a melhor. O pai de Beckett tem os mesmos ombros largos e queixo definido do filho, mas seu cabelo é grisalho nas têmporas e ele tem um pouco de barriga. Os australianos gostam de beber.

— Pôs! — exclama o Sr. Dunne, jogando as mãos para o alto, exasperado. — Você me colocou para fora da minha própria casa porque eu aceitei uma oferta

de emprego! Uma grande oportunidade, aliás, mas nãaaao, ela diz que é um sacrifício muito grande.

O Beckett olha para o pai, boquiaberto.

— Desculpa… o quê? Tu *aceitou* o trabalho em Sydney? Mesmo depois que a mãe disse que não queria se mudar?

O pai vacila. Diante da descrença do Beckett, testemunho quando o Sr. Dunne percebe em tempo real a estupidez que acabou de fazer.

É estranho vê-los interagindo. Conversando como um pai e filho normais. Não me lembro da última vez que tive uma conversa com meu pai que não fosse uma transação. Jamais o congressista Larsen apareceria aqui se tivesse discutido com Kelsey.

— O quê, você assumiu que ela simplesmente aceitaria?

— Bem… sim! — Sr. Dunne para de andar de um lado para o outro e encara o filho com um olhar penetrante. — Eu é que tenho uma carreira. Ela deveria me apoiar. Mas, em vez disso, ele está sempre reclamando de coisas insignificantes. Como se mudar para outro continente fosse um grande inconveniente. Mas o casamento envolve fazer sacrifícios, não é? Não é isso que ela deveria fazer?

Não consigo evitar uma risada e ambas as cabeças se voltam na direção da porta.

Quando o Sr. Dunne ergue uma sobrancelha, eu dou de ombros, incapaz de conter um sorriso.

— Você acha que se mudar para outro continente é uma "coisa insignificante"? — Faço o sinal das aspas com os dedos. — Isso é, tipo, um sacrifício *colossal* .

O homem mais velho me fulmina com o olhar.

— E quem diabos é você, amigo?

Seu olhar fulminante é só fachada. Meu sorriso se liberta.

— Esse é Will Larsen — apresenta Beckett. — Colega de casa, companheiro de equipe, etc.

— Gosto em conhecer-te, Will. Eu sou James — diz o Sr. Dunne, voltando a me fulminar com o olhar. — Agora, se mete na sua vida.

Não consigo evitar, caio na gargalhada. O Beckett também ri.

— Bacana — diz ele ao pai —, Larsen tem razão. Mamãe te disse que não queria se mudar para Sydney. E você aceitou um trabalho em Sydney. Você entende a inconsistência lógica?

O pai bufa de impaciência.

— Você parece sua mãe. Vocês dois. É suposto você estar do meu lado.

O Beckett ri.

— Eu não estou do lado de ninguém. Só estou dizendo que talvez, *talvez* , você tenha feito merda. As mulheres não gostam de ser coagidas.

James resmunga um tanto baixinho, claramente insatisfeito com a ideia de estar errado.

Decido me tornar útil e vou até a cozinha, ligando a cafeteira.

— Café? — pergunto.

— Sim, por favor — responde o pai de Beckett, batendo os pés ao me seguir até a cozinha. — Eu realmente preciso de um café forte agora.

Beck se junta a nós, encostando o quadril na bancada enquanto começo a

preparar o café.

— Eu não acredito que você aceitou o emprego. Não sabia que você era suicida.

Rio-me.

— Como foi quando ele te colocou para fora de casa? Jogou suas roupas pela janela? Você mudou a fechadura?

— Pior. Ela me enganou, amigo!

Sorrio para o velhote.

— Como alguém pode ser enganado a ser posto para fora de casa?

— Ontem eu contei a ela que tinha aceitado a oferta e ela disse que deveríamos sair para jantar mais tarde para conversar sobre isso, e eu pensei: "Legal, você está aceitando isso muito bem! Excelente.» Então, coloquei uma roupa bonita... — Ele gesticula para a camisa polo e calça cáqui que está usando, que parece um pouco engelhada, como se tivesse dormido com elas. — Entramos no carro e, antes que eu perceba, ele está me deixando no hotel do aeroporto e me dando uma passagem para um voo que parte hoje de manhã.

Fico boquiaberto.

— Uau.

— Boa. — Beckett parece impressionado. — A mãe é uma gaja de sangue-frio.

— Não chame sua mãe de garota — resmunga James. — Enfim, ele me olhou nos olhos e disse: "Vá falar com seu filho. Talvez ele incuta algum julgamento nessa sua cabecinha burra.' E então ele foi embora e me deixou lá!

— Uma passagem só de ida? — pergunto, servindo três xícaras de café.

— Sim! — responde, indignado. — Acreditam nisso?

— O que está acontecendo *aqui* ? — A voz sonolenta de Charlie surge da porta e todos olhamos para ela.

Meu coração bate um pouco mais rápido ao vê-la, com minha camiseta sobre a *legging* , os pés descalços, o cabelo preto comprido bagunçado do sono. Ela hesita ao notar o pai de Beckett, seu olhar desconfiado alternando entre mim e Beck, que lhe dá um sorriso triste.

— É meu pai — diz. —James Dunne, Charlotte Kingston.

Ele não desenvolve, nem eu nem Charlie. Ela se aproxima para apertar a mão de James, depois prepara um chá verde para si mesma. Quando está colocando um saquinho de chá na caneca, Beckett fica atrás dela e dá um beijo no pescoço dela.

— Desculpa se te acordamos — diz, dando um apalpão brincalhão na bunda dela antes de se sentar na bancada do café da manhã com seu café.

— Não sabia que seu pai estava de visita — diz ela.

— Nem eu — diz ele, rindo, levando James a repetir a história sórdida para Charlie, indiferente ao fato de ela ser uma completa estranha para ele.

Aprendi hoje que os australianos gostam de compartilhar.

Tomo um gole de café no exato momento em que meu celular vibra no bolso. Tiro, fazendo uma careta para o nome que aparece na tela.

Tessa Diaz.

Não tive notícias de Tessa desde que ela postou aquele perfil a pedido do meu pai. Ele me enviou um e-mail com um link para o artigo quando saiu em

dezembro. O artigo me retratou como o filho tipicamente americano de um congressista respeitado, cheio de promessa e potencial, um cara com um futuro brilhante e brilhante pela frente.

Em outras palavras, uma grande besteira.

Me esquivo da cozinha, levando o telefone ao ouvido.

— Tessa, olá.

— Will! — ela chilreia, animada demais para essa hora da manhã. — Desculpe estar ligando antes das nove da manhã de um sábado, mas estou em Boston e só estarei por aqui até o meio-dia. Eu tinha esperança de que fosse possível ir até Hastings para uma conversa rápida. Tem alguma disponibilidade nas próximas horas?

A curiosidade me faz franzir a testa.

— Tenho sim. Desde que seja em breve. Logo temos jogo e preciso estar no rinque à tarde.

— Serei rápida — assegura. — Se eu sair agora, posso estar na sua casa em cerca de uma hora?

— Na minha casa? Não prefere se encontrar no restaurante?

— Por acaso, não. Eu não me importaria de ter alguma privacidade para esta conversa.

Bem, estou intrigado.

Depois que desligamos, volto para a cozinha, onde o pai de Beckett está perguntando a Charlotte se ela se divorciaria dele por aceitar um emprego sem sua permissão.

— Quem era no telefone? — pergunta Beckett, bebendo seu café.

— Tessa Diaz, aquela jornalista da *Capitol Magazine* . Ele escreveu o perfil sobre mim no outono.

— Certo. A porta-voz do seu pai.

— Vai passar aí em uma hora. Ele diz que precisa falar comigo sobre um assunto.

Bebendo o resto do café, vou até a pia, onde coloco minha xícara, e me encaminho para o corredor.

— Vou tomar um banho antes dela chegar — digo por cima do ombro.

No chuveiro, sentindo a água quente escorrer pelo meu rosto e peito, me pergunto o que diabos meu pai inventou dessa vez. Porque não tem outro motivo pra Tessa ficar me ligando do nada, querendo conversar.

Já fizemos um artigo elogioso. Então, essa continuação, ou seja o que for, deve ter algum objetivo, alguma intenção de me encaixar ainda mais no molde que ele criou para mim.

Uma hora depois, Tessa toca a campainha, toda sorrisos e olhos brilhantes quando a deixo entrar. Ela está vestida com uma calça jeans escura e uma capa de chuva azul grossa com um capuz de pele. Eu a cumprimento com um aperto de mão, tentando corresponder ao seu entusiasmo, embora meu instinto me peça para ser cauteloso.

Em vez de tirar o casaco de inverno, ele balança a cabeça para a porta da frente.

— E se fôssemos dar uma volta para conversar? Prometo que não tomo muito do seu tempo.

— Claro.

Pegando meu casaco, enfio os pés nas botas e calço um par de luvas. O ar da manhã está cortante enquanto caminhamos ao longo do calçadão. Está um gelo, mas Tessa não parece se importar.

— Então, quer falar sobre o quê? — pergunto, enfiando as mãos enluvadas nos bolsos e desejando ter trazido um boné.

Ela me olha de lado.

— Vou ser direta, Will. Tenho uma proposta para você.

— Está bem…

— Vou deixar a revista.

Ergo as sobrancelhas.

— Sério? O que aconteceu com você tendo que cumprir suas obrigações?

— Não é necessariamente uma saída permanente. Por enquanto, vamos chamar isso de licença sabática, mas depende de como a campanha vai. — Ela sorri diante do meu ar confuso e continua. — Me ofereceram um lugar na equipe da Harper Wozniak como redatora de discursos.

— Ah. Fixe. Parabéns.

— Obrigada. Estou animada. — Tessa sorri, com um brilho provocador nos olhos pretos. — Eu quero que você venha comigo.

Paro de repente, me virando para encará-la.

— O quê?

— Há uma vaga na equipe. Para assistente de Pamela Kerry, gerente de campanha da Wozniak. Eu mencionei seu nome e Pam disse que o lugar é seu, se você quiser. Não é preciso entrevista.

— Você está falando sério?

— Completamente sério.

Era a *última* coisa que eu esperava ouvir esta manhã e agora meus pensamentos estão se precipitando, tentando lembrar o que sei sobre Harper Wozniak. Seu nome me é familiar, mas não consigo lembrar por quê.

— Ela é adversária do meu pai nas primárias? — pergunto, franzindo o cenho.

O próximo outono será a primeira vez em mais de uma década que alguém disputa o lugar do meu pai nas primárias, outra das razões por que ele tem andado a chatear-me para manter a «imagem» perfeita. Durante as férias, ele se cansou de reclamar e delirar como um lunático por causa disso. Como alguém do seu próprio partido *ousa* tentar afastá-lo! A *lata* ! Achei que fosse ter um aneurisma.

— Não — responde Tessa. — Essa é Sandra Donaldson. Harper está concorrendo em outro distrito eleitoral. No entanto, ele não é fã de seu pai. Já apareceu na imprensa criticando as políticas dele.

— E Tessa quer que eu altere minha lealdade? Que eu vá trabalhar para uma senhora que se opõe ao meu pai?

— Acho que você vai gostar muito de Harper. Outro dia, passei três horas com ela discutindo suas posições e tudo o que ela gostaria de fazer. E combina com tudo que eu e Will conversamos em nossa entrevista. Na verdade, isso me lembrou tanto de Will que viajei para Boston só para poder fazer isso pessoalmente. — Tessa sorri tristemente. — Eu tinha a sensação de que seria

preciso convencê-lo e que talvez minha atitude otimista pudesse conquistá-lo.

Consigo dar um sorriso, mas não consigo deixar de olhar fixamente para ela, minha cabeça em uma confusão. Não sei nada sobre Harper Wozniak, mas mesmo que tudo o que ela espera alcançar se encaixe nos meus princípios, de jeito nenhum vou trabalhar para a rival do meu pai. É uma traição enorme.

— Acho que não — digo, finalmente, as palavras pesando em minha garganta. — Isso é muita coisa.

— Mesmo — ele concorda. — E eu não espero que você decida ainda. A única coisa que peço é que você pense nisso.

Mordo o interior da bochecha.

— Conte-me mais sobre o trabalho então.

Tessa fornece mais detalhes, inclusive sobre seu próprio trabalho. Ela será uma das redatoras dos discursos de Wozniak durante a campanha e, se Wozniak vencer, ela se tornará parte de sua equipe em tempo integral. Aparentemente, pode haver um trabalho de tempo integral para mim também, se não no escritório de Wozniak, com Pamela Kerry em outra campanha.

— Falei exaustivamente sobre você a ambas — diz Tessa. — Ficaram curiosas.

— É, estão pensando como poderão me usar para seu benefício. Atenção, eleitores! O próprio filho do deputado Larsen não o apoia.

— Você ainda pode apoiar seu pai nas primárias. Harper não está tentando fazê-lo perder o lugar. Eles nem fazem parte do mesmo distrito eleitoral. As duas coisas não são mutuamente exclusivas.

— Quando começaria?

— Em maio, depois do fim do curso.

Caminhamos em silêncio por mais alguns minutos. A proposta continua às voltas na minha cabeça e, quando voltamos para minha casa, sinto uma confusão de emoções em conflito.

Não posso negar que parece interessante. Não tenho ideia de que trabalho farei depois de terminar o curso. Sinceramente, nem comecei a procurar ainda. E agora essa proposta vem parar no meu colo.

Não posso *não* considerá-la, não é?

— Você se importa se eu usar o banheiro antes de voltar para Boston? — pergunta Tessa.

— Claro. Ainda acho difícil acreditar que ele fez toda essa viagem só para uma conversa de vinte minutos.

— Quero muito que aceite este trabalho, Will. — Paramos no alpendre e ela pega-me na mão. Não é um gesto romântico, mas de incentivo. — O Will é uma das poucas pessoas que eu acho que fazem falta na política. Tem integridade. Poderia fazer a verdadeira diferença nesta esfera.

— Vou pensar — é a minha resposta descomprometida. — Até quando preciso de dar uma resposta?

— Idealmente, até ao final do mês.

Aceno que sim, abrindo a porta de casa. Entramos no *hall* no preciso momento em que a Charlie se aproxima, vestindo o casaco. Um Beckett de tronco nu anda atrás dela com um copo térmico, contendo o que assumo ser chá verde. Ele debruça-se e dá-lhe um beijo na boca.

— Para a viagem, delícia de açúcar — diz, passando-lhe o copo para as mãos.

Ela parece comovida, sorrindo.

— Obrigada.

Quando notam a figura pequena escondida atrás de mim, ficam sobressaltados.

Eu os apresento rapidamente.

— Gente, essa é Tessa Diaz. Tessa, este é meu colega de casa e companheiro de equipe, Beckett. E, hum, Charlotte. — Gaguejo ao dizer. — A namorada dele.

Beckett nem pisca e Tessa apenas balança a cabeça, indiferente a quaisquer questões pessoais. Mas a apresentação agora está gravada em meu cérebro, pois a senti no peito. A mentira. A omissão. Qualquer que tenha sido.

Eu me senti muito constrangido para apresentar Charlotte como outra coisa, exceto a namorada de Beckett; acabamos de vê-lo beijando-a sem camisa. Mas isso me faz sentir culpado, porque Charlie não é só dele. É minha também.

Devia me sentir orgulhoso. Você deveria querer anunciá-lo ao mundo inteiro. Essa é minha garota.

Mas, no fundo… Eu sei o que me deteve agora. Uma parte de mim se sentiu envergonhada. Do jeito que Tessa poderia olhar para nós. Como poderia olhar para *mim* .

E, conforme essa verdade desoladora se abate sobre mim, de súbito, consigo ouvi-lo. A merda do tique-taque. Martelando-me na cabeça. O relógio. A contagem regressiva.

A percepção de que, mais cedo ou mais tarde, esse relacionamento complicado irá desabar ao nosso redor.

CAPÍTULO 44

BECKETT

Seguro

Hoje quero chegar cedo ao Graham Center para poder mostrar as instalações para meu pai, mas Will está com a cabeça enterrada no laptop e não está pronto para sair, então ele me joga as chaves de seu SUV e diz que vai conseguir uma carona com Shane até o rinque.

Apesar das circunstâncias que contribuíram para meu pai acabar na minha porta, estou feliz em ver esse grande bobo. É sempre bom passar um tempo com ele. Esta tarde, ele irá atrás do ônibus da equipe no carro de Will e virá assistir nosso jogo contra Quinnipiac.

Ao dar ré na entrada, o sol brilha no para-brisa e reflete os montes de neve em cada lado da estrada. Tivemos sorte com a neve neste inverno. Pelo menos, até agora. A temperatura tem estado um gelo, mas não houve praticamente nenhuma queda de neve. De acordo com minha professora de Ecologia e Conservação Marinha neste semestre, as mudanças climáticas são o demônio e, em breve, todos os oceanos secarão e todos nós morreremos de insolação. Ele resolveu dar esse sermão na semana passada quando alguém lhe perguntou se um inverno ameno na Nova Inglaterra era um mau sinal.

No banco do passageiro, meu pai olha pela janela, vendo as ruas residenciais de Hastings passarem. Ele não falou muito desde que saímos de casa. É estranho vê-lo assim, inquieto, como um homem que perdeu o norte.

— Então, qual é o plano? — pergunto. — Você vai reservar um voo para casa amanhã? Segunda-feira?

Ele solta um suspiro pesado, ainda concentrado na paisagem na janela.

— Não sei, filho. Sua mãe continua chateada. Nunca a vi tão brava.

— Bem, você aceitou uma proposta de trabalho que exige se mudar para o outro lado do mundo sem consultá-la. Não posso dizer que a censuro.

— Achei que estava fazendo a coisa certa. Que, assim que se tornasse realidade, ela entenderia, sabe? Talvez sentisse que voltaria para casa. Mas Meg não vê as coisas assim. Você acha que estou sendo egoísta.

Porque está.

Sou obrigado a engolir uma risada, já que ele está realmente chateado, mas,

vamos lá, pai. Não se tomam dessas decisões de vida se nossa mulher não estiver de acordo. Ele já deveria saber.

Meu pai passa uma mão no rosto.

— Acho que me deixei levar pelo entusiasmo. Achei que estava fazendo o melhor para nós, para a família. Agora não tenho tanta certeza. Talvez ela esteja certa e estivesse tentando fazer o melhor para mim.

Ouço o cansaço em sua voz e percebo que ele não está apenas frustrado. Você está com medo. Medo do que sua decisão idiota pode significar para seu casamento, para sua vida juntos.

— Então, o que você vai fazer?

— Tenho que desistir do trabalho. Ficar em Indianápolis, resolver as coisas com sua mãe. Mas a ideia de recusar essa oportunidade… Parece que estou desistindo de algo importante.

— Não vale a pena você perder a mãe por causa disso. Tu sabes.

— Eu sei. Mas é difícil, filho. É difícil desistir de uma coisa pela qual trabalhamos tanto. Tu sabe como é.

Ele faz uma pausa e demora tanto para voltar a falar que acabo olhando para ele. Sua testa evidencia um sulco desconcertado.

— O que foi? — pergunto.

— Hum… então… Charlie. Gosto dela. Parece inteligente. Engraçada.

Sabia que isso iria acontecer. Desde o segundo em que ele conheceu a Charlie há pouco que estava à espera de que mencionasse o assunto. Que me fizesse um interrogatório sobre ela.

— Você não me contou que tinha namorada.

— É recente.

Ele balança a cabeça, mas as rugas não desaparecem de sua testa.

— O que foi? — pergunto novamente.

— Talvez eu não devesse te contar isso enquanto você está dirigindo, mas, hum, sua namorada estava na marmelada com seu colega de quarto depois que ele saiu do chuveiro.

O silêncio subsequente é tão nítido que posso ouvir o som dos meus pulmões ao enchê-los de ar.

Quando não respondo, meu pai continua em tom constrangedor.

— Eu os vi quando fui ao seu quarto pegar uma camisola. — Ele aponta para o suéter com capuz da Briar U, que usa agora em vez da camisa polo, como se quisesse provar que realmente esteve no meu quarto.

Permaneço em silêncio, tentando descobrir como responder.

— Beckett — insiste.

Finalmente, paro de agarrar o volante com tanta força e olho para ele de lado.

— Charlie não é só minha namorada. Também é namorada do Will.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Desculpa?

Olho para a estrada novamente.

— Sim. Somos… Nós compartilhamos. É complicado.

— Complicado? — Ele dá uma risada breve, mas sem humor. — É um jeito de dizer. Filho, que diabos você está fazendo? Como você acha que isso algum dia vai funcionar?

— Até agora está funcionando muito bem — admito. — Gostamos todos uns dos outros. Fazemos funcionar.

Ele fica um instante quieto, me fulminando com o olhar.

— E o seu futuro? — pergunta, por fim. — E se você quiser se casar? Como isso se encaixa nessa situação?

Engulo em seco. Ainda não pensei no futuro, na verdade. Estamos vivendo um dia de cada vez, aproveitando o que temos.

Mas agora sinto a dúvida se instalando.

— Sei lá. Não falamos sobre isso.

Ele suspira, balançando a cabeça.

— Você está brincando com fogo, filho. Vi como você olha para ela. Não é uma aventura casual. Você está envolvendo seu coração em uma coisa que pode estourar na sua cara. E por quê? Por que você tem medo de deixar alguém de verdade entrar?

Franzo o cenho.

— O quê?

— Você está dizendo que não é isso que está acontecendo?

— Não é nada disso — digo, bruscamente, apertando os nós dos dedos no volante.

— Você acha que eu não sei o que você está fazendo? Você escolheu essa garota porque é seguro. No fundo, você sabe que isso não vai a lugar nenhum. É uma desculpa para você manter seu coração fechado.

A acusação dói mais do que eu esperava. Tenho tentado não pensar demais, mas meu pai está certo. Não tem só a ver com o presente. O futuro é um grande e ameaçador ponto de interrogação.

— Não estou fazendo isso porque é seguro. — Ouço o tom defensivo em minha voz e me encolho. — Gosto dela. Gosto dos dois.

— Você gosta? Ou você está apenas se escondendo atrás deles porque é mais fácil do que enfrentar a possibilidade de sofrer novamente?

Abro a boca para responder, mas as palavras não saem. Não sei responder. Porque ele talvez esteja certo. Talvez *eu tenha* usado essa situação como uma forma de me proteger, de evitar me abrir completamente e arriscar tudo.

— Beckett — meu pai diz, agora com um tom doce —, eu entendo. A sério. Depois do que aconteceu com Shannon, eu entendo que você tem medo de se entregar a alguém. Mas esta não é a solução. Você não pode… *compartilhar* uma namorada. Só estará sofrendo mais a longo prazo.

Olho para frente. Não quero admitir que ele possa estar certo. Não quero enfrentar a possibilidade de estar sabotando uma coisa porque estou com medo.

— Eu não sei — murmuro. — Não sei o que estou fazendo.

— Não faz mal você não saber. Mas não se contente com nada só porque parece seguro.

Fazemos o resto da viagem em silêncio.

CAPÍTULO 45

CHARLOTTE

A vagabunda suprema da galáxia

A meio da semana, basicamente, mudei-me para o laboratório de Engenharia e estou a considerar comprar um saco-cama e um fogão portátil. Mas o protótipo do meu aparelho para medir a pressão arterial está lindo. Funciona que é uma maravilha. Até a minha orientadora ficou impressionada quando passou pelo laboratório para ver como estava a correr.

Com as férias da Páscoa a aproximar-se rapidamente, quero avançar no projeto final para poder realmente (ufa!) relaxar. O Harrison enviou-me uma mensagem ontem à noite, a sugerir visitar-me nas férias, pois não posso viajar até lá e gostava de o ver. Nesse fim de semana é também o aniversário dele, por isso, seria simpático passá-lo com ele, especialmente agora que parece ter perdido algum do seu rancor. As nossas últimas trocas de mensagens foram ótimas. Nenhum golpe nem comentário velado sobre a minha família, nem sequer perguntou se lhes contei sobre ele.

O que ainda não fiz. Acho que até Ava desistiu. E, na verdade, estou tão chocado quanto grato por ela ter conseguido ficar quieta. Presumi que ele já teria chibado para nossos pais séculos atrás, mas ele tem respeitado meu desejo de querer ser eu a contar a eles.

O que farei.

Mais cedo ou mais tarde.

Já passa das dez da noite quando saio do laboratório. Tenho algumas mensagens em nossa conversa em grupo e um dos bilhetinhos de Beckett na bolsa, que encontro pegando meu telefone.

Chega de noitadas no laboratório.

Por favor, linda. Sinto tanta falta da sua buceta.

Mordo o lábio e sorrio. O Namorado n.º 2 tem jeito com as palavras. Estou meio obcecado por seus ingressos. Não tenho ideia de como ele consegue enfiá-los na minha bolsa sem que eu perceba, mas de vez em quando, geralmente depois de passar a noite na casa dos meninos, encontro um novo bilhete com sua letra familiar.

Na conversa em grupo, as mensagens são de Will.

WILL:
Como está o projeto?

Vem cá ter a seguir, se não for muito tarde.

Vejo as horas e decido que, de fato, é muito tarde. Tenho uma aula cedo amanhã, então escrevo uma resposta rápida dizendo que nos vemos amanhã à noite e volto para casa, para Greek Row.

Agatha está entrando no *hall* , vindo do corredor, ao mesmo tempo em que eu entro em casa. Sua expressão se retrai ao me ver e ele me cumprimenta com um aceno de cabeça discreto. Ela tem sido muito fria comigo desde a Gala das Presidentas. Ele diz que não acredita nas alegações do meu ex sobre eu ser a vagabunda suprema da galáxia, mas você pode dizer que ele desconfia de mim.

Assim que chego ao corredor do segundo andar, Faith espia de seu quarto.

— Oi, amiga. Você está voltando tão tarde.

— Agora eu moro no laboratório — digo, com tristeza.

— Ao menos você está avançando?

— Sim, felizmente.

Ela me segue até meu quarto, se jogando em cima do colchão e me vendo colocar a bolsa do laptop e a bolsa sobre a mesa.

— Você parece estressada — comenta, sorrindo.

— E eu estou. Argh. Estou meio arrependida por não ter passado na casa dos meninos para uma sessão de sexo para aliviar o estresse, mas tenho que acordar *tão* cedo amanhã... — Paro de falar ao notar sua expressão.

De perplexidade e profundíssima desconfiança.

— O que foi? — pergunto, cautelosa.

— Você acabou de dizer a casa dos *meninos* ? Tipo, meninos no plural.

Uma sensação de náusea me revolta o estômago.

— Quer dizer, a casa de Will. Ele tem um colega de quarto, então na minha cabeça o plural faz sentido.

O olhar penetrante de Faith me atravessa.

— Você está mentindo.

— Não estou — insisto.

— Você está, sim.

— Não, não estou.

Ela fica de pé, cruzando os braços na frente da camiseta enorme dos Patriots que usa para dormir.

— O que você está tramando?

— Nada.

— Moramos juntas há quase quatro anos, Charlotte Kingston. Acha que sou boba? Uma parvinha que não sabe perceber quando a melhor amiga está sendo uma grande mentirosa?

Uma risada estrangulada escapa da minha boca. É minha vez de me jogar em cima da cama, enterrando o rosto nas mãos.

— Pronto. Ganhaste. Estou metida numa situaçãozinha — confesso, ainda com o rosto nas mãos.

— Está bem…

Espio por entre os dedos.

— Fiz uma coisa estúpida.

— Define estúpida.

— Tenho dois namorados e estou apaixonada pelos dois.

O silêncio cai sobre o quarto.

A seguir, Faith quebra de rir.

Levanto a cabeça das mãos.

— Por que você está rindo de mim? Isso é sério!

Minha melhor amiga fica boquiaberta.

— Espera. Não era uma piada?

— Não! Isso é *literalmente* o que está acontecendo na minha vida.

— Cum caraças. Aquelas cenas todas que o Mitch disse na gala eram *verdade* ?

— Sim e não. — Meu queixo enrijece ao lembrar das palavras cruéis de Mitch. — Eu não saio por aí chupando pau a torto e a direito. Estou namorando Will. Tipo, mesmo namorando, não é só algo físico. — Mordo o lábio. — Mas eu também estou namorando Beckett Dunne. O companheiro de equipe de Will.

Ela pisca, surpresa.

— Ao mesmo tempo?

Aceno que sim.

— Oh, meu Deus.

— Eu não planejei isso — reclamo. — Simplesmente… aconteceu. E eles sabem um do outro, aliás. É, hum, tipo, a cena deles. Mas ninguém mais sabe. Nem mesmo os amigos.

— Então, você está em um relacionamento secreto com os dois e ninguém sabe?

— Bem, agora você sabe. Mas sim.

Perplexa, Faith se deixa cair na cadeira da minha mesa.

— Uau. Que loucura. — Ela franze a testa. — És feliz com eles?

— É complicado, mas… sim. Eles fazem-me sentir que, sei lá, não preciso de escolher entre ser uma ou outra versão de mim mesma. Simplesmente, compreendem-me. Mesmo que seja confuso.

— Confuso talvez seja dizer pouco. — Ela volta a rir-se e depois assume uma expressão pensativa, analisando-me.

Sei exatamente no que está a pensar.

— Podes perguntar — suspiro.

— Vais para a cama com os dois ao mesmo tempo? — pergunta.

— Sim e não.

Os seus olhos enchem-se de riso.

— Que raio quer isso dizer?

— Quer dizer que, por vezes, estou sozinha com o Will, por vezes, sozinha com o Beckett e, outras vezes… — respiro fundo. — Outras vezes estamos os três.

— Um em cada buraco?

— Faith! — repreendo-lhe a indelicadeza.

— O que foi? É uma dúvida legítima.

— Não — confesso. — Não fizemos isso.

— Ainda?

— Sei lá. Talvez. — Não posso negar que a ideia de levar com os dois ao mesmo tempo seja… aliciante.

Ela volta a ficar em silêncio, novamente a processar. Depois salta da cadeira, os caracóis saltando-lhe sobre os ombros quando começa a andar para a frente e para trás à minha frente.

Sigo os seus movimentos rápidos, sorrindo forçosamente.

— O que foi?

Sem aviso, começa a bombardear-me com perguntas.

— Como isso funciona? Tipo, logisticamente? — Suas mãos se agitam no ar enquanto ele anda e fala. — Tem um horário? O que acontece quando eles querem sair em público? Vocês três saem juntos ou se comportam como amigos na frente dos outros? E nas férias? O que você vai fazer se um deles ficar com ciúmes? Já pensou no casamento? Ou em filhos? Quem será o pai? Ou ambos serão o pai?

Ela dispara tantas perguntas a tal velocidade que sinto minha cabeça prestes a explodir. Abro a boca, mas não sai nada. Como devo responder a tudo isso quando mal tenho respostas para mim?

— Se acalme — suplico. — Não sei, tá? Não tenho todas as respostas.

Ela para de andar.

— Você não sabe? Você está me dizendo que está apaixonada por *dois tipos* e não faz ideia de como vai funcionar?

Massageio as têmporas, sentindo uma dor de cabeça iminente.

— Não sei como agir. Não é como se houvesse um manual sobre como estar em um relacionamento com duas pessoas.

Faith se deixa cair ao meu lado, olhando para mim como se estivesse tentando resolver um quebra-cabeça.

— Tudo bem, mas o que acontece quando você ficar sério? Você não pode continuar namorando os dois para sempre, certo? Mais cedo ou mais tarde alguém vai querer mais. E se um deles quiser se casar?

Sinto um nó se formar no estômago. Já pensei nisso, claro, mas não muito a sério. É algo distante e abstrato. Mas, agora, confrontada com a pergunta, não posso continuar a ignorá-lo.

Ela tem razão. O que é que acontece se ou quando ficar sério?

— Não sei. Não sei mesmo. Não quero escolher e nenhum deles me pediu para escolher. Mas sim, não tenho ideia do que acontecerá no futuro.

— Pronto, tudo bem. Suponhamos que você não precise escolher. Que estão todos de boa com isso. O que acontece se as pessoas começarem a notar? Você não pode exatamente guardar segredo para sempre.

Olho para minhas mãos, entrelaçando os dedos.

— Não sei — reitero, todas as incógnitas comprimindo meu peito. — Eu ainda não pensei nessa parte. A única coisa que sei é que os amo.

— O amor nem sempre é o suficiente, Charlotte. Também tem que pensar nas questões práticas. Você não pode andar ao vento para sempre.

Encosto nela e pouso minha cabeça em seu ombro.

— Eu sei. Acredita que sei. Estou tentando dar um passo de cada vez, mas depois me sinto dominada por tudo aquilo para o qual não tenho resposta. E se

um deles quiser mais e o outro não? E se eu quiser mais e eu estragar tudo?

— Você não vai estragar tudo. Mas você tem que começar a pensar nessas coisas. Se você quer que dê certo, que dê certo *mesmo* , você tem que entender como pode ser o seu futuro.

Aceno que sim, mas, por dentro, ainda estou em um turbilhão.

Porque a verdade é que eu não tenho a menor ideia de como fazer isso dar certo.

CAPÍTULO 46

WILL

Pais e filhos

Na quarta-feira à tarde, me encontro no meio da cozinha olhando para o celular, tentando decidir fazer uma ligação. Posso praticamente ouvir a voz do meu pai na minha cabeça, vociferando ordens, desprezando meus pensamentos e sentimentos como se não fossem nada, como de costume. Mas essa proposta de emprego de Tessa é importante demais para ignorar. Passei os últimos quatro dias pesquisando todos os detalhes sobre Harper Wozniak, a candidata a congressista.

É Tessa estava certa.

Adoro suas políticas.

Finalmente, respirando fundo, aperto o contato do meu pai. O telefone toca uma, duas vezes, e então sua voz atende, bem articulada e objetiva como sempre. Uma parte de mim fica surpresa por não ter deixado a ligação ir para *correio de voz* , como de costume.

— William — diz. Nada de saudações nem conversa fiada. Direto ao ponto. — O que está acontecendo?

Imito sua abordagem, sem perder tempo com gentilezas.

— Recebi uma proposta de trabalho. De Pamela Kerry, gerente de campanha da Harper Wozniak. Ele quer que você faça parte da campanha dela.

Há uma pausa do outro lado da linha.

Quase posso sentir a temperatura caindo.

Quando meu pai finalmente fala, sua voz parece gelo.

— Wozniak é um monte de merda, William. Não pode estar falando sério.

— Estou falando sério. Estou considerando aceitar.

— De jeito nenhum. — Ele ri, perplexo. — De jeito *absolutamente* nenhum. Tá ouvindo?

— Perfeitamente. — Sinto o rancor subir à minha garganta. — Mas você não tem voto nessa matéria, pai. A decisão é minha.

— Não há decisão. Eu disse que não.

— E eu estou cansado de fazer tudo do seu jeito. De ser seu fantoche. Está na hora de fazer minhas escolhas.

— Suas escolhas? — diz, bruscamente. — Suas escolhas se refletem nessa família, William. Em mim. Você tem ideia do que uma coisa dessas faria com *minha* campanha? Você seria considerado um traidor. Um filho que se volta contra o próprio pai.

Uma onda de raiva sobe em meu peito, intensa e feroz.

— Isso não tem que ver com você. Você tem que ver comigo. Por uma vez na vida, quero fazer alguma coisa que não implique em promover sua carreira.

Meu pai ri de escárnio, seu desdém atravessando o telefone.

— Não seja ridículo. Você não vai chegar nem perto da campanha da Wozniak. Proíbo-o.

— Proíbe-lo? Você não pode mais me controlar. Estou quase terminando a faculdade. Não sou criança. Sou um adulto.

— Você está se comportando como uma criança — ele cospe. — E, se você for pra frente com isso, pode esquecer qualquer apoio da minha parte, da Kelsey ou de alguém dessa família. Estarás por tua conta.

Suas palavras me atingem como um soco no estômago, mas me recuso a desistir.

— Ah, sim? Então, talvez seja exatamente disso que eu preciso. De ficar sozinho, longe de você e da merda das suas expectativas.

Depois de um longo e tenso silêncio, meu pai fala com uma voz fria e terminante.

— Faça o que quiser, William. Mas não venha até mim chorando quando as coisas derem errado.

Depois, ele desliga a ligação, me deixando olhando para a tela.

Tenho vontade de falar besteira, quebrar qualquer coisa, mas apenas jogo meu celular na bancada da cozinha e saio furioso pela porta dos fundos, precisando tomar ar.

Para minha surpresa, encontro o pai de Beckett do lado de fora, com uma xícara de café na mão, olhando para o pequeno jardim coberto de geada. Ele volta para Indianápolis esta noite e eu tenho que admitir que vou sentir falta do homem. Ele é uma versão mais boba, engraçada e dramática de Beckett. Gostei de tê-lo por aqui.

Quando me aproximo, James olha para cima, notando minha expressão turbulenta.

— Você está bem, amigo?

Balanço a cabeça, incapaz de encontrar as palavras para descrever o tumulto de emoções que se agita dentro de mim.

— Acabei de discutir com meu pai — acabo conseguindo dizer.

James acena com a cabeça.

— Você quer falar sobre isso?

Hesito e algo em seu olhar faz meu peito doer. É o tipo de olhar que eu nunca vi no meu pai. Aconchegante, compreensivo. Como se você realmente se importasse com o que eu sinto.

— Sei que não tenho nada a ver com isso — diz ele, quando não respondo —, mas sou bastante bom com essas coisas. Pais e filhos… são relacionamentos complicados.

Dou uma risada amarga, esfregando o rosto.

— Não me diga nada.

— Mas você é um bom garoto, Will. Eu vi a maneira como você trata Beck, como você tem sido amigo dele e o apoia sempre que ele precisa. Você tem um bom coração.

Piscar diante do elogio inesperado.

— Obrigado, mas o meu pai não vê nada disso. Quer que eu entre na linha, que faça o que ele quer.

O James suspira.

— Pois, há quem ache que a sua forma de ver as coisas é a única. Não se apercebem de que os filhos devem encontrar o seu próprio caminho, cometer os seus próprios erros.

— Eu só quero ser eu mesmo, mas, sempre que tento, ele afasta-me. Não se importa com o que eu quero.

— Lamento. É difícil quando aqueles que devem gostar mais de nós não nos dão o apoio de que precisamos. Passei por isso com o meu pai. O avô do Beck. Ele demorou muito tempo a ver-me como um ser humano real e independente e não uma extensão de si mesmo.

Sinto um nó na garganta, como se todos os anos que tentei estar à altura das expectativas do meu pai me dominassem subitamente.

— É exatamente isso. Sou uma extensão. E eu gostaria que ele me visse como eu sou e não como ele gostaria que eu fosse.

James toca meu ombro e, por um momento, me sinto capaz de começar a chorar.

— Você é um bom garoto — ele repete, dessa vez com mais firmeza. — E não deixe que ninguém, nem mesmo teu pai, te faça sentir que não és o suficiente.

Antes que eu perceba o que está acontecendo, ele me dá um abraço, um simples gesto de conforto e apoio que é totalmente desconhecido para mim. Fico ali, paralisado por instantes, depois finalmente me entregando ao seu abraço, dominado por uma onda de emoção.

Ele se afasta com um leve tapa nas costas e minha garganta se aperta, quase me sufocando. Uma estranha mistura de gratidão e tristeza se aloja na minha traqueia, a dor de algo que nunca tive de verdade. Um pai que se preocupa mais comigo do que com as aparências.

— Obrigado — murmuro, clareando a voz, tentando recuperar a compostura. — Eu precisava ouvir isso.

— Sempre às ordens, amigo. E, lembre-se, você não está sozinho. Você tem pessoas que gostam de você, que te apoiam. Dito isso… — Ele faz uma pausa e sua expressão fica mais sombria. — Precisamos falar sobre Charlotte.

Franzo o cenho.

— O que tem em Charlotte?

— Beckett me contou sobre sua… situação. Sobre ambos estarem com ela. Ou uns com os outros. Continuo sem entender realmente como funciona. Mas você entende o que quero dizer.

Piscar, surpreso. Não estava esperando por isso. Olho para ele, tentando parecer relaxado, mas percebo que ele está esperando que eu diga algo e não posso exatamente negá-lo.

Então, eu apenas dou de ombros.

— Sinceramente, não estou aqui para te julgar. Vocês são adultos e podem tomar suas próprias decisões. Mas estou preocupado com Beckett.

— Preocupado? Por quê?

James passa a mão no rosto como se a conversa pesasse sobre ele.

— Beck passou por muita coisa, mais do que dá a entender, e me preocupa que ele tenha escolhido um relacionamento, esse relacionamento, por saber que nunca levará a nada a longo prazo. É mais segura pra ele, sabe? Se não durar, ele não precisa sofrer de novo.

Sobressalto-me. Ele sabia que Beckett era reservado, mas ouvi-lo dessa forma, tão abertamente, de seu pai o faz parecer mais sério do que ele pensava.

— Quer dizer, sim — digo. — Eu sei que ele passou por um momento difícil. Ele me contou sobre a ex. Como ela o traiu e isso acabou com ele.

James franze a testa.

— Traiu? De que ex estás a falar?

— Da Shannon — digo, eu próprio já confuso. — A namorada do secundário. Ele disse que ela o traiu, partiu-lhe o coração, e é por isso que ele não deixa ninguém aproximar-se demasiado. Demorou muito tempo a ultrapassar o desgosto.

Algo muda na expressão do James.

— Will… A Shannon não o traiu. — Ele para, como se estivesse a tentar encontrar as palavras certas. — A Shannon não lhe partiu o coração. Ela morreu.

CAPÍTULO 47

BECKETT

Shannon

De volta da minha aula de Energia Renovável esta tarde a tempo de me despedir do meu pai antes de ele sair para o aeroporto. Enquanto o táxi espera na porta, nos abraçamos e ele bagunça meu cabelo de brincadeira. Depois, entra no banco de trás do táxi e eu fico vendo o carro sumir pela rua.

Assim que deixo de vê-lo, percorro meus contatos até encontrar «Mãe». Ela atende depois de um par de toques.

— Oi, querido.

Volto ao alpendre.

— Alô. O pai acabou de entrar no táxi. Você deve chegar ao aeroporto em cerca de uma hora.

— Ah, boa. Obrigada por deixá-lo ficar com você, Beck. — Suspira. — Talvez tenha sido… bruta.

— Quando você o colocou para fora de casa? — Rio, fechando a porta atrás de mim, e vou até a sala. — Não, você não foi nem um pouco grossa.

Outro suspiro.

— Mãe... — Paro de falar, escolhendo as palavras com cuidado. — Tente não ser tão dura com ele, ok? Ele tomou uma decisão estúpida ao aceitar aquele emprego, sim, mas não fez isso para te machucar. Só está com saudade, sabe? De casa.

— Eu sei. — Sua voz denota fadiga, como se não fosse a primeira vez que você tem essa conversa. — Mas isso não significa que você pode simplesmente largar tudo sem falar comigo primeiro. Um casamento é uma parceria.

— Eu entendo — juro, não querendo que ela sinta que estou ficando do lado de ninguém. — Não estou dizendo que ele estava certo. Só entendo porque você fez isso. Tem saudades de casa. Ele teve esta oportunidade de voltar e aproveitou. Às vezes, também sinto falta.

— De Sydney? — ela pergunta, surpresa.

Aceno que sim, embora ela não me veja.

— Sim. Mais do que julgava possível. Penso muito nisso, na vida que tínhamos lá. Às vezes, parece que está me chamando de volta.

— Você nunca me disse isso. Você gostaria mesmo de voltar? Para ficar?

Esfrego a nuca, tentando colocar em palavras o que sinto no peito há algum tempo.

— Não sei. Talvez. Há qualquer coisa que faz sentido quando estou lá. As praias, o mar, o cheiro do ar. Tudo. É como se uma parte de mim nunca tivesse partido.

— E o hóquei? Seus amigos? Sua vida aqui? Você construiu algo aqui, Beck. Você trabalhou tanto para isso.

— Eu sei. Mas estou quase terminando o curso e preciso entender o que diabos fazer a seguir. Não quero jogar hóquei profissionalmente. Não tenho ideia de qual carreira seguir. E não sei explicar, mas sinto um chamado, como se devesse voltar em um determinado momento. Acho que o pai sente o mesmo.

— Você sente tanta falta assim? — Agora há um medo subjacente ao seu tom, como se você temesse me perder para um lugar que eu achava que tinha deixado para trás.

— Tenho. Talvez seja apenas nostalgia, ou talvez seja algo mais profundo. Mas entendo porque o pai está sofrendo. Você está longe há muito tempo.

— Sempre achei que você estava tão bem aqui — diz. — Você tem sua vida, seu futuro pela frente. Eu não sabia que você sentia que seu lugar é em Sydney.

— Acho que é mais do que meu lugar. Tem que ver com… Sei lá. Propósito, talvez? Identidade? Como se a Austrália fizesse parte de quem eu sou. Não consigo explicar.

— Bem. Admito que não esperava que a conversa tomasse esse rumo. Mas, querida, espero que você saiba que, seja o que for que você decida, eu e seu pai apoiamos você. Você deve seguir seu coração, onde quer que ele te leve.

— Eu sei. E não estou dizendo que vou fazer as malas e partir amanhã. Tenho muito o que pensar até o final do curso e tem muita coisa me prendendo aqui. Só queria que você entendesse o que o pai sente.

— Eu entendo. Mas acho que não tinha ideia de como isso é importante para ele. E eu não sabia que você sentia o mesmo. — Outro suspiro baixo ocupa a linha. — Obrigada por me contar. Eu falo com ele quando ele voltar.

— Obrigado, mãe.

Desligo a ligação, encostando a cabeça nas almofadas do sofá, sentindo o cansaço se instalar nos ossos. Posso sentir isso em cada músculo, mas não é apenas o estresse que causa essa tensão. Meu pai esteve aqui quatro dias.

Não dou uma queca há quatro dias.

Estou com tesão.

E assim que o pensamento surge, meu corpo torna suas demandas conhecidas. Vibrando. Ansiando. Sinto meus testículos se contraírem e resisto ao impulso de sacar a rola e bater uma aqui mesmo na sala. Mas não quero desperdiçar esta primeira noite sem meu pai. Charlie vem aqui daqui a pouco. Por que haveria de gozar na minha mão se posso me enterrar dentro dela e penetrar sua boceta perfeita?

Porém, a espera é desesperadora. Não tenho ideia do que Will estará fazendo esta noite; não respondeu minha mensagem perguntando onde diabos você anda. Tento me distrair da minha ereção persistente assistindo televisão, mas não consigo me concentrar.

Quando Charlie chega, mal consigo me controlar.

Ela entra, alheia à tempestade de desejo que se avizinha. Sorri e sei que devia dizer algo casual, normal. Mas a única coisa em que consigo pensar é no seu corpo encostado ao meu, no toque da sua pele, no som da sua voz a ofegar o meu nome.

— Posso foder-te? — A minha voz está rouca. Quase desesperada.

Ela ri-se, surpreendida.

— Agora?

— Agora. Preciso de ti.

Quando ela vê o meu olhar, perde o fôlego.

— Queres-me assim tanto?

— Não fazes ideia — rosno.

Os seus lábios curvam-se noutro sorriso. Depois, diz:

— Anda cá.

Lanço-me a ela num instante, puxando-a para mim para que sinta como estou duro por ela.

— Lá em cima?

Abano a cabeça e baixo o rosto até ao seu pescoço, beijando-lhe a pele suave e macia.

— Não posso esperar — murmuro.

Ela crava as unhas nos meus ombros.

— Está bem.

É toda a permissão de que preciso.

Agarro-a pela cintura, encostando-a contra a parede. Ela suspira ao sentir os meus lábios sobre os seus num beijo abandonado e ávido. Esta noite, sinto-me selvagem.

— Estou a pensar nisto há dias — murmuro, passando a língua pelo contorno dos seus lábios. — A pensar em como é bom tocar-te. Em quão molhada estarás para mim.

Ela solta um gemido baixo, arqueando o corpo na minha direção.

Reclamo sua boca como se tivesse sido privado dela e ela responde de forma igualmente intensa, puxando minha camiseta. Interrompo o beijo apenas para tirar a camiseta, jogando-a no chão, e volto a beijá-la. Enfio minhas mãos sob sua camisa, abrindo-as sobre sua pele.

— Porra, você é perfeita — digo, rouco.

Dispo-lhe a roupa, peça por peça. A camiseta, o sutiã, a *legging* , a calcinha. Eles caem no chão como um pensamento residual e, quando finalmente a encosto nua na parede, meu pau está mais duro do que nunca.

Ela olha para mim sob as pálpebras pesadas, passando as palmas das mãos sobre o meu peito nu, a minha barriga e mais abaixo. Quando me desaperta as calças de ganga, levo uma mão ao meio das suas coxas, encontrando-a escorregadia e pronta para mim. Ela geme quando lhe toco no clítoris, sacudindo o corpo ao meu toque, e eu sorrio, adorando o facto de ela ser tão sensível, percebendo o quanto me quer também.

— Estás encharcada — digo, provocando-a o suficiente para a fazer contorcer-se. — Também tens a andado a pensar nisto, não tens?

— Sempre — diz, ofegando, quando enfio dois dedos dentro dela.

Beijo-a novamente, desta vez com mais força. Os meus dedos movem-se mais depressa, mas não consigo aguentar mais. Preciso de mais. Preciso dela toda.

Afasto minha mão, rapidamente tirando minha calça e minha boxer, afastando-a com o pé antes de colocá-la contra a parede com meu corpo. Suas pernas me envolvem instintivamente e eu me posiciono em sua abertura, provocando-a com a ponta do meu pênis um instante antes de penetrá-la.

Gemo com a sensação, o calor, a firmeza de sua buceta apertando meu pau. É opressor, quase demais, mas não consigo desacelerar. Não quero.

— Você sabe tão bem — digo, rouco, penetrando-a forte e profundamente. — Eu não me canso de você, Charlie. Nunca.

Cada impulso é uma liberação da tensão acumulada, do desejo que venho refreando há dias. Ela me iguala, movendo seu corpo contra o meu conforme sua respiração fica mais entrecortada.

— Beckett — ele ofega, sua voz tensa de prazer. — Estou quase. Não pare.

— Não te preocupes — gemo, penetrando-a com tudo o que tenho. — Não vou parar até te vires toda em cima de mim.

Ela cerra as pálpebras, o seu corpo tremendo quanto mais perto está do orgasmo, dizendo o meu nome, ofegante. Ela contrai-se à minha volta e sei que está quase, mesmo à beira do orgasmo.

— Vem-te para mim, linda — sussurro contra o seu pescoço. — Quero sentir-te.

Basta isto. Com um grito agudo ela desfaz-se, o seu corpo latejando à minha volta enquanto é percorrida pelo orgasmo. A sensação faz-me voar e sigo-a, sentindo os testículos apertarem-se ao vir-me dentro dela.

Ficamos assim um longo momento, com os corpos encostados um ao outro, a nossa respiração ofegante, enquanto o mundo lentamente ganha foco. Encosto a minha testa à dela. A minha mão ainda na sua anca, as suas pernas ainda à minha volta.

— Foda-se — digo. — Estava precisando disso.

Ela sorri, traçando pequenos padrões com os dedos em meu peito.

— Também eu.

*

Mais tarde, depois de fazer o jantar e sentar na sala comendo, Charlie liga o laptop e trabalha no relatório de um experimento *nerd* que está fazendo no laboratório esta semana. Coloco videogame, parando de vez em quando para beber água. É uma noite tranquila e me sinto satisfeito até a porta da frente se abrir e Will chegar em casa.

Ele está estranhamente silencioso enquanto pendura o casaco. Então ele aparece na porta, ficando um momento nos olhando.

— Seu pai chegou bem no aeroporto? — pergunta.

— Iá. Ele chegou a Indianápolis há uma hora.

Conheço Larsen como a palma da minha mão e algo está acontecendo. Ele entra na sala e dá um beijo na boca de Charlie, mas seu sorriso é tenso. E, quando olha para mim, não sorri de jeito nenhum.

Franzo o cenho para ele.

— O que está acontecendo?

Ele dá de ombros.

— Nada. Quer uma cerveja?

— Ná. É tarde. Amanhã cedo temos treino de patinação.

É estranho ele beber em uma noite de semana, quando estamos nos preparando para os *play-offs* . Ele volta, abrindo a garrafa, fixando meu olhar.

— O que houve, amigo? — insisto.

Há um longo silêncio. Charlie deve perceber a tensão, pois levanta a cabeça do computador.

— Will? — diz, franzindo o cenho.

Ele mantém contato visual, focado apenas em mim.

— Seu pai me contou sobre Shannon.

Minha respiração prende na garganta e, por um momento, parece que fiquei sem ar. Foda-se, pai. Ele sabe que eu não gosto de falar sobre essa merda.

A apreensão de Charlie se dirige a mim agora.

— O quê? Quem é Shannon?

— Sua ex — Will diz, não exatamente zombando de mim, mas suas palavras têm uma certa aspereza. — Não é como você se refere a ela? Sua ex?

Cerro os dentes.

— Beckett — ele diz a Charlie. — O que está acontecendo?

Will olha para nossa garota.

— Shannon não foi exatamente uma ex que traiu Beck — diz ele, inexpressivo. — Foi sua namorada que morreu.

Charlie fica me olhando. Sem palavras.

O Will levanta o queixo na minha direção.

— Não é verdade?

— Sim — resmungo. — É verdade.

— Que raio, Beck? Porque é que não me contaste? Porque é que nos deixaste pensar que a Shannon te traiu?

Encolho os ombros, tentando agir como se não fosse importante. Como se não tivesse mentido ao meu melhor amigo sobre algo assim tão significativo.

A Charlie pestaneja, ainda perplexa.

— Ela não te traiu? *Morreu*? Como?

Quando não respondo, o Will fala por mim.

— Leucemia — diz.

— Porque haverias de mentir sobre uma coisa dessas? — exclama a Charlie.

Não olho para nenhum dos dois. Não consigo.

— Beckett — insiste ela.

— Charlotte. Eu não quis falar sobre isso na época — digo, irritado — e, certamente, não quero falar sobre isso agora.

Ficam ambos me olhando, incrédulos.

— Você não pode só fingir que não aconteceu — ela diz. — Você não pode ignorar como se nada estivesse acontecendo.

Sinto a raiva crescendo dentro de mim, não dirigida a eles, mas a toda a situação.

— Não estou ignorando. Só não quero ser essa pessoa. A pessoa de quem

todo mundo tem pena e para quem olham como se fosse anormal. Depois que Shannon morreu, todos me trataram como se eu fosse algum tipo de coitadinho, com medo de me machucar. Odiei essa merda.

— Então você inventou uma história? — Will está incrédulo. — Você prefere que as pessoas pensem que ela te traiu do que saber a verdade?

— Sim, prefiro. Pelo menos assim eles param de sentir pena de mim.

— Mas você continua sofrendo. — Charlie estica a mão e toca meu braço, mas eu me afasto.

— Eu estou bem. Foi há muito tempo. Já superei isso.

— Sério? — desafia Will. — Porque você não parece bem.

— O que você quer que eu diga? Que continuo desfeito por causa disso? Que eu penso nela todos os dias? Para quê? Ela morreu e eu tive que seguir com minha vida. E foi o que fiz.

Me levanto do sofá, querendo me afastar dessa situação.

Charlie também se levanta, se pondo na minha frente. Seu olhar é carregado daquela empatia doce e obstinada que me irrita.

Cerro os dentes. A morte de Shannon acabou comigo, e a verdade é que eu não superei completamente. Simplesmente, eu a reprimi, para não ter que senti-la todos os dias. Mas agora, com eles aqui, parece que há algo rasgando essa ferida e passando uma faca cega nela, torcendo e mutilando uma cicatriz que nunca sarou completamente.

Eu não suporto a maneira como eles olham para mim. A pena, a preocupação. É insuportável.

Passo por eles, ignorando Charlie chamando meu nome, ignorando as palavras incompletas de Will.

Fecho a porta com força atrás de mim e saio para a rua, sem camisa, para o frio cortante de fevereiro, esmagando a neve com as botas que mal tive presença de espírito para calçar. Minha respiração se torna vapor no ar, cada sopro nítido na noite gelada.

Não sei para onde estou indo, mas preciso sair daqui. De fugir de suas perguntas.

As minhas calças de fato de treino descaem-me nas ancas, não proporcionando calor algum, mas não quero saber. Sinto o corpo dormente. Dormente como naquele dia.

— Beckett! — A voz dela atravessa a noite silenciosa. Vem atrás de mim. Ouço os seus passos enquanto corre pela neve.

Continuo a andar. Não quero parar. Se parar, terei de enfrentar isto.

— Por favor, Beckett. — Está mais perto agora e, de repente, a sua mão fecha-se sobre o meu bíceps, fazendo-me parar. — Por favor, fala comigo.

Viro-me, o meu peito arfando, mas não por causa do frio. A Charlie tem os olhos arregalados, cheios de preocupação, a sua respiração saindo em pequenas nuvens. A luz da lua fá-la parecer frágil, mas está aqui, veio atrás de mim com um frio de rachar porque me ama.

— Queres mesmo saber? — digo bruscamente, mais do que queria.

Mas ela não vacila. Ela acena com a cabeça, desesperada para que eu a deixe entrar.

— Shannon morreu. — As palavras parecem vidros quebrados na minha

garganta. Tento engolir, mas não ajuda. — A leucemia a comeu viva, aos poucos. E veio do nada. Foi um diagnóstico tardio. A doença era tão agressiva que o tratamento era completamente ineficaz.

A boca de Charlie se abre como se quisesse dizer algo, mas não diz. Limita-se a ouvir.

— Eu estava lá. Estava lá quando ela morreu. Ele estava deitado ao seu lado na cama do hospital. Passei todas as noites com ela, abraçando-a até ela dormir. Acordei naquela manhã e ela havia morrido. Ela estava morta em meus braços e eu nem sabia. Estava *dormindo* quando ela morreu.

Soluço ao dizer a última palavra, minha voz me falhando, e viro as costas para Charlie, olhando para a rua vazia. O frio me atravessa agora, profunda e dolorosamente, mas eu não me movo.

— Quando fui para a Faculdade de Eastwood, menti para todo mundo que me perguntasse sobre meu relacionamento passado, porque eu não aguentava mais a pena, depois de ter lidado com ela no colégio. Então eu inventei uma história, e foi mais fácil assim. Mas eu não estou bem, Charlie. Não estou bem e nunca estarei.

Finalmente me viro para olhar para ela. Seus cílios cintilam com lágrimas que ainda não caíram. E, de repente, as palavras com as quais tenho lutado aparecem, correndo para sair antes que eu as cale novamente.

— Eu também tenho medo de perder você — balbucio. — Eu tenho medo porque eu te amo. Eu te amo e não sei o que diabos fazer com isso.

O seu rosto contorce-se e ela dá um passo em frente, envolvendo-me nos seus braços. Sinto o seu calor contra a minha pele gelada, o contraste é tão acentuado que me deixa tonto. Enterro o rosto no seu cabelo, respirando o seu cheiro, firmando-me na realidade de que ela está aqui. Viva.

Ela sussurra qualquer coisa, mas não consigo ouvi-la com o som do meu coração a bater-me nos ouvidos. Abraça-me com mais força, a sua pequena estatura ancorando-me não sei como, fazendo-me voltar da beira do precipício. Estou a tremer e não sei se é do frio ou das emoções que transbordam de mim.

— Vamos para dentro — diz ela, afastando-se para olhar para mim. — Estás gelado.

Aceno que sim, deixando-a levar-me de volta a casa, de volta ao aconchego, de volta a eles. Mas, quando entramos e o calor da casa me envolve, a única coisa que sinto é a Charlie. A sua mão na minha, firme e segura.

— Beck — ela diz, como se lesse meus pensamentos.

— Sim? — Nós dois ouvimos a quebra em minha voz.

— Eu não vou a lugar nenhum.

Minha garganta se fecha.

— Estou falando sério. Você não vai me perder.

Posso acenar com a cabeça. Talvez ela esteja certa. Talvez, desta vez, eu não perca tudo. Mas não será fácil. Sei que não. Sei que ainda há partes de mim que não me sinto pronto para compartilhar, feridas que ainda não cicatrizaram totalmente. Mas também sei que não quero perder Charlie. Nem Will.

CAPÍTULO 48

CHARLOTTE

Meu lugar é aqui

O aniversário de Harrison coincide com um sábado incomumente quente durante o mês de março. Por alguma razão, a temperatura sobe dez graus e toda a neve derrete antes que ele chegue, como se o tempo soubesse que preciso desesperadamente de um fim de semana agradável e claro com meu irmão.

Mas não há luz no olhar de Harrison quando ele sai do aeroporto em direção à área de desembarque. Fiz a viagem inteira até o Aeroporto de Boston para vir buscá-lo e ele mal sorri para mim.

Seus ombros estão curvados contra o frio, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco gasto. Não parece alguém que veio comemorar seu aniversário.

— Oi — digo, tentando manter a leveza na voz ao cumprimentá-lo com um abraço. Ele se enrijece levemente antes de se entregar, me envolvendo com os braços de uma maneira que parece ao mesmo tempo familiar e distante. — Parabéns.

— Obrigado.

— Como foi o voo?

— Uma merda.

Excelente. Isso começa bem.

— Então, qual é o plano? — ele pergunta, assim que nos sentamos no carro.

Eu me preparo para arrancar.

— Achei que poderíamos passar algumas horas ao ar livre. Você pode esticar as pernas depois do vôo longo e eu posso respirar um pouco de ar fresco. Fiquei enfiada no laboratório de Engenharia a semana toda — digo, com tristeza.

— Está bem. Parece bom para mim.

— Tá, ótimo. Há um trilho que você é capaz de gostar. Acompanha o rio e tem uma vista linda.

Ele acena que sim, mas o entusiasmo que ele esperava ver não está lá. Fazemos a viagem praticamente em silêncio. Fico olhando torto para ele, procurando algum indício de que hoje eu possa ser diferente. Que possamos realmente nos comunicar. Mas eu apenas vejo a mesma expressão reservada que você mostra desde que nos conhecemos.

Este conjunto de trilhas é um dos meus favoritos, situado fora da cidade. Estaciono no parque de graça no começo da trilha.

— Você está pronto? — pergunto, animada, ao meu companheiro sisudo.

Harrison suspira, mas sai do carro, enfiando as mãos de volta nos bolsos quando começamos a andar.

As árvores estão nuas, seus galhos se esticando como esqueletos contra o céu claro. Este lugar é tranquilo, o tipo de lugar onde você pode se ouvir pensando. Espero que isso nos ajude a conversar.

Ajeito minha mochila nos ombros e me viro para sorrir para meu irmão. Ele não retribui.

O ar da trilha cheira a pinheiros e terra, e o sol suave aquece nossas costas. Ultimamente, tenho passado muito tempo no laboratório e o céu claro e aberto parece uma dádiva de Deus. No entanto, a corrente do rio é perigosa e presto atenção em onde ponho os pés ao nos aproximarmos de uma colina que ainda está coberta de geada. Não quero que nenhum de nós escorregue e caia na água.

Olho de relance para Harrison. Ele fica quieto, olhando para frente, mal reagindo à beleza que nos cerca. Tento preencher o silêncio, tagarelando sobre o que vem à mente.

— Como está o trabalho? Você disse que iria lançar um grande projeto esta semana, não é?

— Está indo bem — ele murmura, chutando uma pedra do caminho.

Pronto. Tento saber mais, esperando fazê-lo falar.

— Você gosta dos seus clientes? Eles são exigentes ou deixam você fazer sua cena?

Ele dá de ombros.

— Sei lá.

É como arrancar dentes. Deixo o silêncio se prolongar, esperando que ele se abra se eu lhe der espaço. Mas o silêncio se arrasta, denso e constrangedor, enquanto percorremos uma curva do caminho. Por fim, paro e me viro para ele.

— Você está bem? Você parece estranho.

Por um momento, acho que ele vai voltar a me ignorar, mas deixa os ombros caírem.

— Tive uma semana de merda — admite.

— O que aconteceu?

— Meu pai adotivo — começa, fazendo uma careta como se as palavras custassem a sair. — Ele foi preso essa semana por dirigir bêbado.

Piscar, desconcertada.

— Meu Deus. Alguém se machucou?

— Não. Felizmente. Ele acabou com a van, mas bateu em uma árvore, não em outro carro. Foi uma cena na casa dos meus avós. Eles confrontaram isso e se transformou em uma enorme discussão. Saiu furioso, bêbedo de novo, claro. Foi uma confusão.

A princípio, não sei o que dizer. O vento sopra ao nosso redor, o peso de suas emoções se instalando no ar.

— Sinto muito. Deve ter sido horrível.

— É. Eu nem sei como lidar com isso. Eu o odeio, Hae. Tipo, *eu odeio* aquele homem.

— É muito para uma pessoa só. Já falou com alguém? Um terapeuta? Um amigo?

Ele balança a cabeça, dando outro chute no chão.

— Na verdade não. Para quê? Não vai mudar nada.

Respiro fundo, tentando pensar em algo reconfortante para dizer.

— Eu sei que parece desesperador, mas você não precisa carregar tudo sozinho. Estou aqui, você está bem? Você pode falar comigo. Sempre que quiser.

— Obrigado. — Você parece evasivo.

Começamos a andar novamente, o caminho vai serpenteando por uma área com árvores. Eu gostaria de poder fazer mais para ajudá-lo. Eu queria que hoje fosse para comemorar, mas, claramente, ele não está com humor para isso.

Penso no presente que trago na mochila e me pergunto se vai ajudar. Não é muito, mas é qualquer coisa.

Toco-o de leve com o cotovelo.

— Olha, eu sei que você teve uma semana difícil, mas *é* seu aniversário e eu te trouxe um presente.

Ele me olha de lado, curvando os cantos da boca, embora não exatamente em um sorriso.

— Não precisava se incomodar.

— Eu quis.

Vejo um banco ao longe, escondido na beira do caminho e com vista para o rio, e o dirijo até lá. Quando ele se senta, puxo minha mochila no colo e enfio a mão dentro. Tiro o pequeno pacote embrulhado em papel de seda e dou a Harrison.

— Eu não comprei um cartão postal para você — digo, timidamente. — Sou péssima em escrever cartões postais.

Ele dá um sorriso genuíno.

— Também eu. Nunca sei o que escrever.

Depois de um momento de hesitação, ele tira o pedaço de fita adesiva que segura o papel. Ele franze a testa ao ver o que está dentro.

— Isso é... — Ele ergue o olhar para o meu, movendo a garganta ao engolir. — O *Tokki* .

Sou pego em um estranho estado de nostalgia e nervos ao vê-lo acariciar as grandes orelhas macias do bicho de pelúcia, com o sol batendo no pelo desbotado. O *Tiger* , também conhecido como *Tokki* , está desgastado depois de vários anos em minha posse.

— Esteve comigo por vinte e um anos — digo, oferecendo um sorriso hesitante. — Achei que talvez você gostasse de tê-lo de volta por um tempo. Fazeres de *babysitter* .

A expressão de Harrison atenua e, pela primeira vez hoje, sinto que estamos nos comunicando. Talvez possamos construir algo a partir disso, a partir de uma memória compartilhada e do fato de que nos encontramos depois de todos esses anos.

Mas a escuridão retorna. Suas feições endurecem e ele me devolve o *Tokki* .

— O que eu deveria fazer com isso?

— Só achei…

— Você achou o quê? Que resolveria tudo? — Ele me olha, furioso. — Você

acha que um bicho de pelúcia estúpido vai compensar você ter sido adotada por uma família que realmente gosta de você, enquanto eu peguei aquele monstro?

— Não, Harrison, não foi isso que…

— Ele me batia, Hae. Me queimava com cigarros. Sabias? E enquanto eu fazia isso, você estava vivendo uma vida boa com a merda de sua família perfeita. Não tive a oportunidade de crescer em uma casinha aconchegante. Fiquei preso a um bêbado abusivo que me tratava como lixo. E agora você quer me dar esse coelho estúpido como se fosse para tornar tudo melhor? Como se apagasse o fato de eu ter sido abandonado?

Suas palavras me atingem como um soco na garganta. Fico de pé, atordoada, meu peito apertado de culpa.

— Não quis dizer isso. Esperava que pudesse significar alguma coisa para você. Pra você ter alguma coisa de antes de sermos…

— De antes de sermos separados? De antes da sua vida de conto de fadas e da minha, trancado em armários por horas quando desobedecia?

Sinto um aperto no coração.

— Eu sei que não foi justo. Sei que você passou por coisas que nem consigo imaginar. Mas eu não escolhi esta vida. Não pedi para ser adotada sem você.

— Não, você só teve sorte. Você teve tudo. E eu não tive nada. E, sempre que olho para você, lembro-me de como minha vida foi uma merda comparada à sua. Por isso, não se ponha aí a fingir que compreende, porque não compreende.

Lágrimas ardem em meus olhos.

— Tens razão. Não compreendo. Mas estou a tentar. Quero mesmo compreender.

Ele abana a cabeça.

— É demasiado tarde para isso, Charlotte.

As suas palavras esmagam toda a minha esperança de que esta prenda pudesse aproximar-nos. Na verdade, só aumentou a distância.

— Lamento tanto — digo, com o coração partindo-se por ele. — Quem me dera poder mudar as coisas, mas…

— Mas não podes — diz, bruscamente. — E não me venhas com essas tretas de achares que os teus pais não sabiam. *Sabes* que não acreditas nisso. Senão, já lhes terias contado sobre mim. Mas estás a adiar porque tens medo de ouvir a verdade.

Retraio-me como se ele me tivesse agredido.

— Isso não é verdade — protesto.

— Pare de mentir para si mesma. Eles não me quiseram. Só quiseram você.

Sinto lágrimas me picando no canto dos olhos, tentando transbordar.

— Você está enganado. Eles teriam…

— Foda-se isso — ele interrompe. Frio e definitivo. — Eu nunca deveria ter respondido sua mensagem. Eu não quero você na minha vida e você pode ter certeza de que não quero essas memórias bobas.

Antes de conseguir reagir, ele pega o *Tiger* , que estava em cima do banco, e marcha na direção do corrimão de madeira que nos separa do rio lá embaixo. Puxa o braço atrás e joga o coelhinho na água. Horrorizada, fico vendo ele flutuar rio abaixo.

A única conexão tangível com meu passado fugindo do meu alcance.

— Não! — grito, correndo até a beirada, mas é tarde demais. Tiger desapareceu, levado pela correnteza . Eu me viro para Harrison, meu coração se partindo em mil pedaços. — Por que você fez isso? Era a única coisa que tínhamos!

— Porque não significa nada. Nada disso significa nada. — Seu rosto está desprovido de emoção. — Te espero no carro.

Ele se vira e se afasta, e minhas lágrimas finalmente se libertam, escorrendo pelo meu rosto, ao vê-lo desaparecer na curva.

Quero correr atrás dele, dizer que ele está errado, que podemos resolver isso, que ainda podemos ter algo. Mas não consigo me mover. Não consigo respirar. A dor é intensa demais.

E ali, sozinha junto ao rio, me dou conta de que voltei a perdê-lo.

*

Duas horas.

Dirijo por duas horas para ir vê-los.

Eu poderia ter voltado para Delta Pi depois de deixar Harrison no hotel. Voltado para casa e falado com Faith. Ou ido para Hastings, onde os meninos ficariam felizes em me consolar.

Mas não quero seu consolo.

Quero meus pais.

É difícil dirigir com o brilho das lágrimas nos olhos, mas consigo chegar inteira em Hamden. Estaciono na entrada e nem me preocupo em desligar o motor; apenas saio do carro, meus pés batendo contra o caminho de pedra ao correr até a porta da frente. Minhas mãos tremem ao girar a maçaneta. Está trancada. E as estúpidas das minhas chaves estão no estúpido do meu carro, então começo a bater na porta, cada batida frenética ecoando a batida desesperada do meu coração.

A porta abre-se e vejo a minha mãe, cuja expressão muda da confusão à inquietação ao ver o meu rosto lavado em lágrimas.

— Oh, minha querida! — suspira, puxando-me para os seus braços sem hesitar.

Enterro o rosto no seu ombro, o cheiro familiar do seu perfume de lilás inundando-me de conforto no caos do meu coração.

— O que é que aconteceu? O que é que se passa?

— Ele atirou-o para o rio! — soluço, a minha voz abafada contra a sua camisola branca macia. — Ele atirou o *Tiger* para o rio!

— O quê? Quem? — pergunta, aflita, cada vez mais preocupada, pondo um braço à minha volta e conduzindo-me para dentro de casa.

Uma vez lá dentro, leva-me até à sala, onde me deixo cair no sofá, ainda a tremer com a intensidade das emoções.

— Encontrei meu irmão.

A confissão vem para mim antes que eu possa impedi-la.

Mas minha mãe não entende.

— Oliver?

— Não. Meu irmão biológico. Encontrei e pensei… pensei que seria bom.

Mas ele jogou fora *Tiger* . Isso era tudo que eu tinha da minha vida anterior. Da Coreia. O único objeto da minha antiga vida!

— Querida. Você tem que se acalmar. E talvez começar do começo. Você encontrou seu irmão? — ele pergunta, me forçando a concentrar.

Respiro fundo com dificuldade.

— Sim. Encontrei em um site de testes de DNA. Eu estava com medo de contar a vocês porque pensei que vocês ficariam bravos ou se sentiriam traídos.

Novas lágrimas caem pelo meu rosto.

— Anna? O que é que se passa? — Ouço a voz do meu pai vindo da porta.

Eu levanto meu olhar para ele e, assim que ele me vê sentada ali, seu olhar se enche de preocupação.

— Filhota, o que você está fazendo em casa?

— Ed, sente aqui — minha mãe diz. — Charlotte acabou de me contar que se inscreveu em um site de genealogia para encontrar seus parentes biológicos. Descobriu que tem um irmão.

A expressão do meu pai fica séria.

— Ah. Estou vendo.

— Você está zangado? — pergunto, falhando minha voz.

— O quê? Jamais poderia ficar com raiva de você por querer conhecer sua ascendência — diz, sentando-se ao meu lado. — Eu gostaria que você tivesse nos contado antes. Teríamos apoiado você a cada passo.

— Sério?

— Claro. Sempre te incentivamos a conhecer tudo sobre suas origens — lembra.

— Quando você completou 18 anos, eu e seu pai conversamos sobre sugerir se inscrever em um site desses — minha mãe admite —, mas você sempre foi tão relutante em relação a qualquer coisa que tivesse que ver com a Coreia. Fico contente em saber que você sente essa vontade agora.

Olho para os dois, com o coração pesado.

— Por que não o adotaram também?

Meus pais se sobressaltam.

— Charlotte — minha mãe diz, com firmeza. — Não tínhamos *ideia* de que você tinha um irmão. Ainda estou tentando entender. O orfanato não nos contou. Achamos que você era filha única.

— Por que não haveriam de vos dizer? — balbucio. — Poderiam tê-lo salvado de tudo que ele passou.

— Não sei. — Sua voz se suaviza. — Até seu processo de adoção foi meio confuso. A agência através da qual lidamos com a adoção reclamava constantemente da desorganização da agência de Seul. Mas não mencionarem um *irmão.*… — Ela balança a cabeça. — Estou perplexa.

Do meu outro lado, meu pai aperta minha mão.

— Eu gostaria que tivéssemos sabido, garotinha. Teríamos sido uma família de seis em vez de cinco. Mas ninguém pode mudar o passado. O que importa agora é o presente. E, no presente, neste momento, você é nossa filha e nossa filha está sofrendo.

Antes que eu possa impedi-lo, uma série de perguntas desconexas sai da minha boca.

— Mas e se eu não for o suficiente? E se ele precisar mais de vocês do que eu? E se eles se arrependerem de me adotar?

Minha mãe balança a cabeça novamente. Com veemência.

— Você é *sempre* o suficiente para nós. Porque você pensaria o contrário?

— Porque eu não sou perfeita. Quero ser perfeita para vocês — balbucio, minhas inseguranças vindo à tona. — Pensei que, se me esforçasse o suficiente, se mostrasse a vocês o quão inteligente e bem-sucedida e capaz sou, talvez fosse merecedora.

Chocado, meu pai me envolve em um abraço com seus braços fortes e tranquilizadores.

— Você não precisa ser perfeita, filhota. Nós amamos você por quem você é, não por quem você acha que deveria ser.

— Eu estraguei tudo — me lamento. — Eu discuti com Harrison e ele me odeia agora. E ele jogou *Tiger* no rio, o coelho de pelúcia que ele me deu quando eu era bebê. Era a única coisa que eu tinha de antes de vocês me adotarem.

Meu pai fica triste por mim.

— Ah, garotinha. Lamento. Deve ter sido difícil para você.

Mal consigo ver através das lágrimas obscurecendo minha visão.

— Foi. E agora tenho medo de perdê-lo e de perder vocês também. Escondi isso de vocês por meses. Estou *mentindo* há meses. A mentir por omissão, mas, mesmo assim.

— Querida — minha mãe diz —, não há nada que você pudesse fazer para mudar o quanto nós te amamos. E o mesmo posso dizer em relação a Oliver e Ava.

— Mas eu não sou como Ava — digo, soluçando. — Não sou sua filha verdadeira.

— Charlotte! — Ela levanta a voz, mas não está brava. Sua convicção é profunda e inabalável. — Você é nossa filha verdadeira. Sempre foste. Nós te escolhemos e sempre te escolheremos.

Mordo o lábio. Com força.

— Mas às vezes me sinto diferente. Como se não pertencesse realmente aqui. Ava e Oliver… vocês têm uma conexão com eles que eu nunca terei. Vocês são parecidos. O lugar deles é aqui.

— O seu também — insiste. — Você faz parte tanto dessa família quanto seus irmãos. O sangue não faz uma família, o amor sim. E nós amamos você acima de tudo neste mundo. Temos tanto orgulho de você e nada, absolutamente nada, poderá fazer com que deixemos de te amar.

Eu me agarro a eles, sentindo meu coração se partir e se curar de uma só vez. Uma lei da contradição.

As lágrimas caem ainda mais em mim, mas agora são diferentes. Não são lágrimas de medo, mas de alívio. Enterro meu rosto novamente no peito de meu pai, com os braços de minha mãe ainda ao meu redor, e me permito sentir a segurança de sua presença.

Me sinto segura aqui.

Meu lugar é aqui.

Endireitando-me, respiro fundo, forçando as lágrimas a pararem.

— Eu gostaria de nunca ter dado *Tiger a ele* . Foi como perder a infância de

novo.

Meu pai afasta meu cabelo da testa.

— Você não perdeu nada. Aquele bichinho de pelúcia, onde quer que esteja, sempre fará parte da sua história.

— Vem. E se fôssemos fazer um chá? — minha mãe sugere, limpando as lágrimas do meu rosto com os polegares. — Você pode nos contar tudo o que descobriu sobre esse irmão, nos contar como foi. Vamos superar isso juntos. Você está bem?

Me abandono ao seu toque, sorrindo.

— Está bem.

Charlotte,
Não sei bem por onde começar, mas quero te pedir desculpas. Sei que não chega nem de longe para consertar o que eu fiz, mas preciso que você saiba o quanto me arrependo de ter perdido a calma e ter jogado fora uma coisa tão importante para você.
Quase parece ridículo estar se desculpando por causa de um bicho de pelúcia, mas não era apenas um coelho de pelúcia. Tinha significado. Para ambos. E o fato de eu ter tirado de você em um momento de raiva… é difícil de aceitar.
Você tem todo o direito de nunca mais querer falar comigo novamente. Entendo se for essa a sua vontade. Não te culpo nem um pouco.
Minha infância foi uma merda. Não digo isso para que você desculpe o que fiz, mas carrego muita raiva e amargura em relação a coisas que às vezes nem entendo inteiramente. Quando descobri que você foi adotada sem mim, isso despertou sentimentos que eu não soube lidar e descarreguei em você. Foi errado. Sei disso agora.

Minha opinião sobre família e adoção é confusa. A vida toda senti que fui deixado para trás e isso condiciona a forma como encaro tudo. Mas eu sei que não é justo com você. Você não escolheu nada disso e tem seu próprio caminho, suas batalhas. Nunca deveria ter descontado meu sofrimento em você.
Sei que, provavelmente, estraguei todas as chances de construirmos algo. Mas, se você estiver disposta a me dar outra chance, eu realmente gostaria de tentar. Quero ser melhor. Quero te compreender e talvez você possa me entender também. Mas, se não quiser, se essa foi a última gota, eu também entendo. Não quero te causar mais sofrimento.
Seja o que for que você decida, cuide de si mesmo.
Harrison

CAPÍTULO 49

WILL

Sou eu que te respondo no focinho

Case e seu colega de quarto, Trager, vão dar uma festa hoje à noite. É o último dia das férias de Páscoa e não temos treino amanhã, então, é a hora ideal para tomar uma bebedeira sem consequências. Assim que entramos na casa dele, a música nos atinge como uma onda, tão alta que posso senti-la no peito. A sala está ao barrote. Há pessoas deitadas nos sofás, bebendo de copos vermelhos, enquanto alguns de nossos companheiros de equipe jogam um jogo que envolve álcool, todos gritando para se fazerem ouvir. O ar está denso com aquela mistura inconfundível de cerveja barata e perfume, e o burburinho das conversas preenche todos os cantos.

Ao meu lado, Charlie parece um pouco nervosa. Ele olha em volta, agarrando minha mão com força. Dou um sorriso tranquilizador, me aproximando para que apenas ela possa me ouvir.

— Você está linda, sabia? De ficar de queixo caído.

Ela cora, erguendo os olhos para mim e depois para Beckett, que está do outro lado. Ele sorri para ela, acenando que sim em concordância.

— Larsen tem razão. Eu estaria te comendo com os olhos se não soubesse que você já está conosco.

— Pare com isso — ela sussurra, um sorriso tímido curvando seus lábios.

Dá para perceber que ela está nervosa, mas os elogios estão funcionando, pois ela levanta um pouco mais a cabeça.

Beckett e eu trocamos um olhar rápido e eu sei que estamos alinhados. Esta noite não se trata apenas de alguma festa na casa de Colson; é a primeira vez que saímos juntos, nós três, para mostrar às pessoas o que temos com Charlie.

Eu sei que ela tem medo da reação dos outros. Não vou mentir, também estou nervoso. Sinto coceira na nuca e resisto à vontade de coçar.

Nesse momento, alguém chama o meu nome e eu viro-me, vendo o Case aproximar-se de nós a passos largos. O Trager ouve-o e aproxima-se também, cumprimentando-me com uma palmada no braço.

— Meu — diz o Trager. — Estou lixado com o estúpido do teu pai.

Rio-me.

— Junta-te ao clube.

— Que raio foi aquela reportagem sobre o hóquei? Não usaram a minha entrevista! Usaram a entrevista idiota do *Pope*, em que ele ficou paralisado, e não a minha? Que merda.

— Não tive nada que ver com isso. — Encolho os ombros. — Fala com o treinador. Talvez ele saiba.

Trager está prestes a responder quando percebe Charlie imprensada entre nós. Ele a olha descaradamente de cima a baixo, e não o culpo. Está realmente fofa esta noite. De saia curta, botas de cano alto e um top preto por baixo do suéter curto de caxemira de sempre.

— É sua namorada? — Trager me pergunta.

— É — digo, ao mesmo tempo em que Beckett diz:

— Iá.

Case nem esconde o sorriso. Ele já sabe da situação. Contei a ele há várias semanas. Mas é a primeira vez que o resto da equipe está ouvindo falar disso.

Trager olha para mim e Beckett, visivelmente confuso.

— Espera. Quem…?

— Essa é Charlie — digo, mantendo um tom de voz casual. — Ela anda conosco.

Nosso companheiro de equipe fica boquiaberto. Então ele sorri e diz:

— Legal.

— Espera, não estou entendendo — diz Patrick Armstrong, e me dou conta de que ele e Nazem estavam ouvindo a conversa. Ele se aproxima, franzindo o cenho. — Como ela anda com os dois?

— É assim mesmo — diz o Beckett, enlaçando a cintura da Charlie com o braço de forma protetora.

Patrick estreita os olhos, olhando para mim, Beckett e Charlie como se ele tivesse acabado em um universo alternativo. Beberica sua cerveja e comprime os lábios, examinando a Charlie.

— Hum… e isso, tipo… funciona pra você?

Ela hesita, corando.

— Bem… sim — ele responde. — Funciona para nós.

O pobre Kansas Kid parece estar fazendo uma grande ginástica mental e me faz querer rir.

— Espere — diz Patrick, levantando a mão como se ainda estivesse tentando processar. — Então, se ela é sua namorada… ou sua… então, tipo… quem oferece flores e essas cenas?

Assumo uma expressão extremamente solene.

— Os dois.

Ambos os calouros olham para nós novamente, céticos.

— Estão debochando da gente — diz Patrick, finalmente. — Eles não têm nada a mesma namorada.

— Têm, sim. — Charlie surpreende nós dois, erguendo o queixo com confiança ao olhar para nossos companheiros de equipe. — E ambos são ótimos namorados.

— Desculpa, você está dizendo que está saindo com esses *dois* otários? — uma nova voz diz, e eu reviro os olhos ao ver Shane se aproximar, com Diana ao

seu lado.

O rosto de Charlie se enche de alívio ao ver Diana.

— Oh, meu Deus. Estrogênio. Obrigada. Preciso de você.

Diana joga a cabeça para trás e ri, puxando Charlie para um abraço.

— Esses idiotas estão te incomodando?

— Na verdade não.

Enquanto isso, Patrick continua olhando para ela como se estivesse tentando entender a equação matemática mais difícil do mundo.

— OK, se ela é sua namorada, Beck, ou, espere… não, ela é namorada de Larsen também. Como isso… — Ele para e se reorganiza. — Quem decide quando fazem cenas de namorados?

Beck e eu encolhemos os ombros como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Por exemplo — diz Patrick —, voltando ao dilema das flores…

— Por que você está tão obcecado por flores? — pergunta Nazzy.

O amigo o ignora.

— Os *dois* compram flores para você? Tipo, no mesmo dia?

Suspiro.

— Não, é uma excelente pergunta — diz Shane, sorrindo atrás da cabeça de Patrick. Está claramente zombando do garoto. — Há um calendário defasado para as flores? — pergunta a Charlie com uma expressão séria. — Beckett em uma semana e Larsen na outra? De maneira a ter sempre flores frescas no quarto? Ou duplicam esforços para que seu quarto esteja sempre cheio de flores?

— Eu não gosto muito de flores — é a resposta de Charlie, e eu juro que o cérebro de Patrick implode.

— E no Dia dos Namorados? Deve ser motivo de disputa para vocês.

— Iá — Case diz com um sorriso. — Vocês têm um Google Calendar ou algo assim para essa situação?

— Não a façam falar do calendário — geme o Beckett.

— Puta, já chega — diz Trager, bebendo o resto da cerveja. — Isso está me dando um ataque de ansiedade. Eu me sinto pressionado quando uma garota me pergunta qual é a minha cor favorita. Esses dois cabrões estão em *outro nível* .

— Bazem todos — ordena Diana. — Estão envergonhando Charlotte.

Felizmente, Diana consegue mandar todo mundo embora, até ficar só ela e Shane.

— Tá vendo? — diz o Beckett para Charlie. — Foi fácil.

— O que você está dizendo aí? — Bufa de impaciência. — Estou exausta daquele interrogatório todo.

— Ná, foi melhor do que eu esperava — admito.

Nós cinco nos encaminhamos para outra divisão, onde Charlie e Diana se juntam conversando, enquanto eu e os meninos conversamos sobre hóquei. Finalmente, Diana arrasta Shane para dançar, embora eu não ache que haja muita coerção. O bacana pode negar o quanto quiser, mas ele agora adora dançar.

Charlie volta para o meio de nós e Beckett se inclina para tocar os lábios nos seus. Então ele a empurra em minha direção e eu a puxo contra meu peito, beijando seu rosto.

Algumas garotas ali perto olham para nós. Percebo que eles estão lançando

olhares para Charlie, e não no bom sentido. Daqueles de sobrancelhas erguidas e irritação mal disfarçada. Sussurrando umas para as outras atrás das bebidas.

Charlie também percebe e se aproxima um pouco mais de mim, se sentindo desconfortável.

O Beckett aperta levemente sua mão.

— Ignora-as — diz.

Ela balança a cabeça, mas vejo que ainda está apreensiva.

Felizmente, Diana volta para nós naquele momento, com o rabo de cavalo platinado balançando, totalmente confiante. Franze o cenho ao ver a expressão de Charlie. Depois repara nas meninas nos fulminando com o olhar e se quebra a rir.

— Oh, meu Deus — diz Diana a Charlie, jogando o rabo de cavalo sobre o ombro. — Você enfureceu metade das mulheres que estão aqui. Você pegou os dois caras mais pretendidos da equipe.

Pisco para ele.

— Ah, obrigado, Di. Não sabia que me achavas pretendido.

Ela sorri para mim e enlaça o braço no de Charlie.

— Falando sério, ignora os olhares. Estão só com ciúmes.

Nesse exato momento, uma das garotas irritadas, uma loira alta em um vestido muito apertado, passa por nós. Ela está acompanhada de algumas de suas amigas, que trocam olhares entre si, e, ao passar, faz um comentário desdenhoso, audível o suficiente para que possamos ouvir.

— Parece que tem garotas que não conseguem ficar sozinhas, não é?

O rosto de Charlie fica todo vermelho. Antes que qualquer um de nós diga qualquer coisa, Diana dá um passo à frente, com os braços cruzados e um tom de voz gelado.

— Desculpa? Você tem alguma coisa a dizer? — Seu tom é cortante como vidro e vejo a loira vacilar, arregalando os olhos quando Diana a olha de cima a baixo. Ou melhor, de baixo a alto. Diana só tem um metro e meio, mas está colocando essa garota no lugar. — Ou você só está sendo ofensiva porque não saberia lidar com um desses caras, quanto mais dois?

A loira olha para Diana, Charlie e para nós, com confiança inabalável.

— Enfim — resmunga, revirando os olhos ao tentar minimizar. — Eu só acho… desesperado.

Diana ri de escárnio, revirando os olhos também.

— Desesperado? Filha, isso se chama saber o que você quer e ser feliz com isso. Hás de tentar, um dia, talvez fiques menos ressabiada.

A garota fica boquiaberta e suas amigas agarram seu braço, afastando-a antes que ela possa responder.

Charlie olha para Diana, com os olhos arregalados, se desfazendo em um sorriso.

— Obrigada. Eu não sabia o que dizer.

— Escute, se você vai andar com esses dois, é melhor se preparar para ignorar *muitas* idiotas invejosas. Faz parte.

Esquadro a expressão de Charlie, procurando indícios de que ela possa estar mais transtornada com a troca de palavras do que está demonstrando, mas ela parece estar bem.

Eu também, surpreendentemente. A última vez que estive na posição de revelar esse relacionamento incomum, me acovardei e apresentei Charlie como namorada de Beckett para Tessa Diaz. Eu não sabia como me sentiria esta noite, com tantas pessoas conhecendo minha intimidade.

Porém… não foi tão ruim assim.

CAPÍTULO 50

BECKETT

Linda menina

A primavera tem o dom de deixar tudo mais leve. O sol brilha mais. O ar cheira bem. E até Charlie está sorrindo mais, apesar da carga de trabalho mais intensa que já vi alguém assumir. Finalmente, já entrou no *nosso* ritmo, dessa relação marada e pouco ortodoxa que temos, e Will também parece feliz. Estamos todos em uma fase boa. Para já.

Mas há uma contagem regressiva. O final do curso está ao virar da esquina e a pressão está aumentando, a necessidade de tomar decisões. A vida está prestes a mudar e não sei como impedi-la de nos afastar.

Esta noite, Charlie está deitada no sofá, folheando um de seus livros da faculdade, enquanto Will está deitado no chão revisando anotações para um de seus últimos exames. Eu tenho o laptop aberto no sofá, na ponta oposta à Charlie, e olho distraidamente para anúncios de emprego.

Não estou realmente procurando nada específico, estou apenas passando o tempo. Mas meu pensamento está sempre fugindo para o que virá depois de tudo isso. A incerteza iminente que vem com o final do curso.

— Você vai tomar uma decisão em relação àquela proposta de trabalho ou o quê? — Charlie pergunta a Will, quase como se pudesse ler minha mente.

— Não sei. Meu plano original depois de terminar o curso era viajar pela Europa por um ano, mas não sei mais. Deus sabe como meu pai ficaria feliz se desistisse do meu plano de viajar. Você acha que é um desperdício de tempo e dinheiro.

— Ei Larsen, diga a Charlie como você ganhou dinheiro no verão passado para economizar para a viagem — digo, com um sorriso largo.

Ele revira os olhos.

— Como? — ela insiste.

Dando de ombros, ele diz:

— Trabalhei como garoto das piscinas.

Ela fica boquiaberta.

— Quantas?

— Quantas o quê?

— Para quantas *milfs* você prestou serviços?

Uivo de riso. Linda menina.

— A nenhuma, sua fedelha. — Ele se senta e enfia um dedo em suas costelas, fazendo cócegas até ela começar a se contorcer e dar risinhos.

— Você deveria esquecer a Europa e ir para a Austrália — digo. — Assim, eu poderia ir com você a alguns lugares. Talvez à Nova Zelândia. Há zonas de escalada brutais lá. E Bali fica bem perto.

— Não me parece uma má ideia. Não estava fixado em um destino em particular. Só queria sair daqui por um tempo. Respirar outro ar. Comer comida diferente. Ver pessoas diferentes.

— Você também estava vindo? — pergunto, tocando Charlie com o pé.

Ela comprime os lábios.

— Minha irmã tem algumas semanas de férias que queria usar nesse verão e tínhamos pensado em viajar juntas. Talvez até Seul, embora não saiba se será uma viagem que quero fazer com Ava. Mas… Nova Zelândia foi outro dos destinos que ela sugeriu…

Meu rosto se ilumina.

— Bora.

— Mas então eu tenho que explicar para minha irmã por que estou beijando dois caras diferentes. — Ela morde o lábio.

— Você beija só o Larsen — digo. Sei que eles acham que me incomoda ser ele o «rosto público» do relacionamento, como Charlie gosta de dizer. Mas honestamente, não. As coisas que posso fazer com você em particular compensam. — Depois, quando estivermos sozinhos, você pode provar seu amor beijando mais que minha boca.

Charlie sorri. Mas o sorriso desaparece depressa.

— Como seria se continuássemos andando depois de terminar o curso?

Sua pergunta faz meu peito doer, pois a maneira como você a formulou revela algo que eu temia.

Ela presumiu que acabaríamos em seguida ao final do curso.

Suponho que faça sentido, porém, a ideia de não vê-la novamente é fisicamente dolorosa. Estou obcecado por ela. Desde que eles aprenderam a verdade sobre Shannon, é como se algo dentro de mim tivesse mudado. Me senti mais leve. Mais disposto a compartilhar com Charlie e Will coisas que sempre escondi.

Contei a eles sobre como Shannon era inteligente e gentil. Que não penso tanto nela como costumava, mas, quando as lembranças surgem, são agonizantes. Agridoces. Às vezes, eles simplesmente me fazem sorrir.

Contei a eles sobre todos os planos que Shannon e eu fizemos. Como queríamos ter uma família grande um dia. Como eu continuo querendo essa família grande.

Mas Charlie está certa. Como diabos *é* suposto funcionar? Nem sei onde estarei. Nem Charlie; não sabe em qual faculdade fará mestrado. E Will ainda não decidiu se vai viajar ou aceitar o emprego na campanha.

— Havemos de encontrar uma solução — diz o Will, respondendo à sua pergunta. Esta é sempre a sua resposta. Você parece pensar que adiar é uma solução viável para esse problema.

Olho para o laptop novamente no momento em que Charlie diz:

— E seus planos, Beck?

— Não tenho planos, na verdade.

— Não? Porque, se você continuar procurando emprego na Austrália, talvez comecemos a pensar que você tem um plano secreto para nos abandonar.

Esboço um meio sorriso.

— Ná. Não tenho planos de abandonar vocês. Mas… eu não sei. Há algo em voltar para lá que faz sentido para mim.

— Espere, você quer dizer além do verão? — O tom de voz de Will fica mais agudo. — Tipo uma mudança definitiva?

Dou de ombros, tentando ser casual.

— Talvez. Ando pensando nisso.

— Você está falando sério?

— Ainda não sei.

Passo a mão na barba, desejando poder cortar essa porcaria de uma vez por todas. Mas a equipe não só fez um brilharete nos *play-offs* , como vamos jogar no campeonato do Frozen Four no Michigan, no fim de semana que vem. O pessoal me mata se eu raspar a barba mágica.

— Ainda não decidi nada — asseguro. — Sinceramente, estou só olhando.

Charlie morde o lábio.

— E se você for para a Austrália e Will aceitar o emprego em DC? E eu for parar, sei lá, numa faculdade em Copenhague.

— Copenhague? — repete, surpreso. — Você entrou no curso de lá?

— Não, ainda não recebi nenhuma carta de aceitação além do MIT e Cornell. — Ela dá uma risada seca. — Os dois lugares que eu preferia não frequentar. Só estou dando um exemplo. E se nós três ficarmos espalhados pelo mundo, em três continentes? Onde isso nos deixa?

A pergunta paira no ar, sugerindo uma implicação que nenhum de nós quer enfrentar.

Pois todos nós sabemos onde isso nos deixa.

Sozinhos. Solteiros.

Nesse instante, Will muda de assunto e eu sou grato a ele.

Os dias seguintes passam sem grandes acontecimentos. Sem peso. Sem conversas profundas. Apenas muito sexo bom e treinos de hóquei. Acabo me candidatando a uma série de empregos, sem grandes expectativas, apenas para sentir que estou fazendo algo produtivo.

Com o diploma em Ciências do Ambiente que em breve terei, fico habilitado a uma série de empregos interessantes em várias organizações não governamentais do ambiente. Organizações para o clima e a conservação. Sigo o exemplo da Charlie e das suas candidaturas ao mestrado lançando uma rede vasta no que toca a empregos, procurando também fora dos Estados Unidos.

Depois tiro estas coisas da cabeça, conforme os nossos treinos se tornam mais intensivos e nos preparamos para a série de jogos mais importante de toda a época.

*

O balneário está ao rubro. Excitação e terror. Adrenalina e nervos. É o penúltimo jogo da época e toda a gente sabe o que está em causa. Se vencermos esta noite, vamos à final amanhã. Porém, ainda que ganhemos, tudo acabará em breve. Para os finalistas como eu, o Ryder, o Shane… é o fim de uma era.

Nada será o mesmo depois disto.

Sento no banco, enfaixando lentamente o *bastão* , tentando não pensar demais. Ao meu lado, Ryder sacode os ombros como se já estivesse se preparando para o jogo. Ele está indo para Dallas com sua esposa neste verão. Para a liga profissional. Ganhar uma ou duas Copas Stanley.

— O que foi? — ele pergunta, quando me pega olhando para ele.

Esboço um sorriso de escárnio.

— Eu só estava pensando em como vou sentir sua falta, seu idiota, quando você se for.

Seu olhar suaviza um pouco.

— É estranho, não é? Pode ser o último jogo do time. São as últimas semanas na Briar.

— Iá — digo. Estou tentando não dar muita importância a isso, mas está me afetando mais do que eu pensava. Estou sentindo o peso. As inevitáveis despedidas. Em breve, essa equipe, meus colegas… serão apenas uma lembrança.

Antes que a melancolia se instale, Shane se aproxima, batendo o *bastão* no chão em um ritmo indolente. Ele também está indo para a NHL, para Chicago. Pelo que eu sei, Diana vai com ele.

— Olhem só para vocês, todos sentimentais — diz. — Que fofos. Quer que eu filme vocês trançando um ao outro para um tutorial online?

— Espero que Chicago esteja preparada para suas bocas — digo.

O Ryder ri.

— Ou isso ou seus novos companheiros assinam uma petição para trocá-lo.

Olho de relance para Will, enfaixando o *stick* , concentrado, focadíssimo.

Ele ainda não decidiu o que vai fazer quando terminar o curso. Nem eu. A incerteza é como uma nuvem negra pairando sobre mim. É como se todo mundo estivesse seguindo com suas vidas e eu não soubesse mais qual é o meu lugar.

Minha atenção é desviada pela entrada do técnico Jensen, seguido por seus assistentes técnicos. Ele se posiciona em uma extremidade do vestiário, braços cruzados sobre o peito robusto, balançando a cabeça como se estivesse lidando com um grupo de crianças antes mesmo que alguém dissesse qualquer coisa.

— Colson — diz, bruscamente. — Se eu te vejo perder uma marcação hoje à noite, como na semana passada, eu marco você. Garoto do Kansas, não responda aos árbitros de novo, se não sou eu quem está respondendo no seu focinho.

— O que isso quer dizer? — Patrick pergunta, confuso.

Mas o treinador continua falando.

— Dunne, eu quero que você fique a noite toda atrás do atacante do time adversário, aquele chato do número 55. Concentre-se em afastar o disco de suas mãos imundas e não na sua aparência de bonitinho.

— Isso me ofende — digo, do meu lugar no banco. — Eu nem tenho espelho.

A seguir, Jensen se vira para falar com seus assistentes.

— Esse foi nosso discurso motivacional para o campeonato? — Shane pergunta com um suspiro.

— Sinto que o treinador deveria ter aulas para aprender a ser um ser humano normal — observa um dos calouros.

— Eu ainda estou aqui, Abrams — Jensen esbraveja da porta.

— Treinador Hollis — diz Shane. — Por que você não faz um discurso motivacional?

O assistente técnico se vira para o nosso lado da sala com uma expressão carrancuda.

— Ah, agora sou digno de sua atenção?

Disfarço uma risada. Lá vamos nós.

Ele seria capaz de *matar* para passar cinco minutos no cérebro daquele homem.

— Ouvi dizer que vocês foram convidados para a Conversa de Pai — diz Hollis, nos fulminando com o olhar. — Olha que eu levo a traição muito a sério.

— Talvez faça você se sentir melhor saber que fomos expulsos da conversa — digo.

— Não, senhor. Não faz. — A seguir, Hollis estoura os tímpanos de todo mundo soprando em seu apito. Dentro da merda do vestiário. — Não vou fazer nenhum discurso motivacional até receber uma carta na minha caixa de entrada com um pedido de desculpas.

— Caixa de correio? Em que século ele vive? — Shane murmura para mim, me fazendo engasgar com o próprio riso.

Acabamos de nos vestir e a antecipação volta a crescer mais uma vez no vestiário. Assim que estamos equipados, todos, sem exceção, se sentem motivados e prontos para dar cabo do adversário.

Quando estou prestes a me dirigir para o túnel, meu celular vibra no armário. Quase ignoro o alerta, mas algo me faz ir ver.

Achando que não fará diferença chegar um minuto atrasado para o aquecimento, tiro as luvas e pego meu telefone, ficando paralisado ao ler o e-mail na tela.

É uma oferta de emprego.

De uma organização para a conservação dos oceanos. Em Sydney.

Passo os olhos pelo e-mail, minha pulsação acelerando ao ver as palavras *emprego remunerado* . Trata-se de um emprego de verdade. Não é um estágio, nem um *part-time* . É um emprego de tempo integral. O tipo de emprego com que sempre sonhei. Verdadeiro trabalho de campo.

— Dunne — chama uma voz aguda da porta. É o treinador. — Mexe essa bunda e vai ter com sua equipe.

— Desculpe, míster. Estou indo.

— *Já* .

Enfio meu telefone de volta no armário e corro até o túnel.

CAPÍTULO 51

CHARLOTTE

Com que frequência chove em Sydney?

A pilha de cartas de admissão está sobre minha mesa, olhando para mim com um ar acusatório. Me desafiando a tomar uma decisão gigantesca que não me sinto nada preparada para tomar. Todos os cursos são fenomenais, mas não consigo decidir que caminho seguir. A pressão de tomar a decisão certa é tão intensa, que parte de mim só quer fugir de tudo.

Ao pegar uma das cartas de rejeição na pilha, meu telefone vibra com uma mensagem de Beckett.

BECKETT:
Olá. Pode passar por aqui?

Franzo o cenho para a tela. O time dele perdeu a semifinal ontem à noite, então ele ainda deve estar se sentindo para baixo. Talvez você precise falar ou se distrair da enorme decepção.

EU:
Sim. Estou a caminho.

Pronto, talvez você também esteja tentando me distrair, usando seu SOS para, mais uma vez, adiar a escolha de um curso de mestrado. Mesmo assim, ao pegar meu casaco e minhas chaves, coloco a pilha de cartas na bolsa. Talvez você possa pedir a opinião dele e de Will sobre o dilema da faculdade quando estiver lá.

Vinte minutos depois, ao entrar na casa deles, Beckett vem imediatamente me cumprimentar. Estou esperando para me deparar com alguma tristeza pós-jogo, mas ele não parece estar se lamentando. Na verdade, tem uma energia estranha no olhar. E finalmente ele fez a barba, deixando-me ver suas feições perfeitas e definidas. Ele é realmente um dos homens mais bonitos que já vi. Sou uma mulher de sorte.

— Oi — digo, pendurando o casaco. — Como você está?

— Bem. — Ele dá de ombros. — Obrigado por ter vindo. Queria falar com você sobre uma coisa.

Eu o sigo até a sala, percebendo que não se trata do jogo.

— O que está acontecendo?

O Beckett passa a mão pelo cabelo loiro, comprimindo os lábios como se estivesse tentando encontrar as palavras certas.

— Eu, hum, recebi uma proposta de emprego.

— Sério? Isso é incrível. Onde?

— Em Sydney.

Fico boquiaberta e, antes de conseguir evitar, caio na gargalhada.

Ele fica me olhando, confuso.

— Qual é a piada?

— Recebi uma carta de admissão da faculdade de Sydney.

— Você está falando sério?

— Muito sério. — Tiro os envelopes da bolsa, percorrendo-os até encontrar o que quero. Eu o agito no ar. — Universidade de Sydney.

Ele sorri, aquele sorriso malicioso que sempre me dá um frio na barriga.

— É o destino, não acha? Só pode.

Balanço a cabeça, ainda rindo.

— Não acredito em destino.

— Bem, eu acredito. Tenho pensado nisso desde que recebi a proposta. E, agora, saber que você também foi aceita? Faz sentido. — Ele procura meu olhar. — Você viria comigo? Para a Austrália?

Meu coração se sobressalta.

— E Will?

O Beckett não hesita.

— Eu pergunto a ele também. Quero vocês dois comigo. Isso que nós temos, seja lá o que for… é real. Não quero abandonar isso.

Estou pasmo, meus pensamentos se precipitando enquanto tento processar o que ele está dizendo. Ir morar na Austrália? Com Beckett e talvez Will? Parte de mim nem acredita que ele está sequer perguntando, mas a outra parte, a parte que sempre sonhou com aventuras, com liberdade, sente uma onda de entusiasmo.

— Você está falando sério — digo, mais para mim do que para ele.

— Muito sério — repete, aproximando-se. — Você não precisa decidir ainda. Mas eu quero que você pense nisso. Que você imagine como seria. Você, eu, Larsen. Juntos em *Syd-ney* .

Sorrio para o jeito que você exagera o sotaque. Então mordo o lábio, dividida entre meu lado prático e a parte que quer dizer sim neste exato momento.

— Está bem. Vou pensar.

Mesmo ao dizer isso, já sei o quão tentada me sinto. Seria incrível não ter que dizer adeus a Beckett.

Porém, ao mesmo tempo, não posso incluir o Beckett ou o Will na minha decisão. Primeiro, devo determinar o que essa decisão significaria para *mim* . Para minha família. Para tudo pelo que trabalhei.

Deixar os Estados Unidos seria um grande passo. Meus pais estão esperando você ficar por perto. Talvez não na mesma cidade, mas, pelo menos, no mesmo

país. Eles sempre me apoiaram durante tudo isso, durante a faculdade, durante a confusão de encontrar meu irmão biológico, e agora estou prestes a dizer a eles que talvez eu vá morar do outro lado do mundo? E não só isso, mas que ele estaria abrindo mão de um programa de elite nos Estados Unidos pela Universidade de Sydney? É um rebaixamento, pelo menos, é assim que meus pais vão pensar.

— Vou ter que falar com minha família sobre isso. — Sinto meus nervos fazendo cócegas na minha barriga. — Vocês nem fazem ideia de que eu me candidatei a faculdades no exterior. — Outro pensamento me ocorre. — E se eu for para Sydney e não for o que você esperava? E se eu odiar?

Beckett ri da minha expressão de pânico.

— Você vai embora. Uma curiosidade interessante, delícia de açúcar: não existe lei que diga que, assim que você pisa em solo australiano, você está proibida de sair do continente. — Ele dá de ombros. — Não estou dizendo que seria para sempre, Charlie. Mas pensa nisso.

Eu aceno lentamente com a cabeça.

— Está bem.

Ao sair de sua casa algumas horas depois, minha cabeça ainda está uma confusão de pensamentos e emoções. Mudar-me para a Austrália parece… loucura. Mas também parece uma ideia incrível. E não consigo parar de pensar em como poderia ser perfeito. Não quero ir para o MIT ou Cornell. Desde que comecei a me inscrever nas faculdades, fui atraída por lugares novos, emocionantes e desconhecidos. Sydney. Oxford. Copenhague. Infelizmente, não entrei nesse último curso, era muito competitivo, nem no de Melbourne, mas fui aceito nos outros.

Oxford também parece incrível para mim.

Está sempre chovendo na Inglaterra.

Com que frequência chove em Sydney? Você deveria procurar saber.

Em casa, volto imediatamente a obcecar sobre minhas opções, espalhando os envelopes sobre o edredom. Do lado esquerdo da cama está a pilha dos *nãos* . Inclui todas as faculdades da Nova Inglaterra. Desculpe, Ivies, foi excelente. Mas quatro anos foram suficientes.

Do lado direito, tenho Sydney e Oxford.

Na minha mesa estão as duas rejeições.

É ridículo o peso dessas cartas de uma página. Como uma única frase pode determinar o sucesso ou o fracasso do meu futuro.

Alguém bate na porta e eu sei que é Faith antes mesmo de ouvi-la dizer:

— Char? Tá aí?

— Entre — digo, e ela olha para o meu quarto.

— Você quer ver um filme?

— Não, amiga. Estou inquieta demais.

Ela olha para o mar de papéis.

— Faculdade?

Aceno que sim.

— Já está mais perto de escolher uma?

Aceno novamente.

— Acho que sim. Vou fazer uma lista de prós e contras e ver se isso ajuda.

Ela revira os olhos.

— Você é a maior *nerd* da face da Terra e eu te adoro.

— Eu também te adoro.

Assim que ela sai, pego o laptop e me sento na cama, me encostando na cabeceira.

Abro um novo documento e dou início ao meu processo favorito em todo o mundo. O Método.

AÇÃO: Ir morar em Sydney.

CAPÍTULO 52

WILL

Nosso, garota

A proposta de trabalho de Tessa Diaz está na minha caixa de entrada como uma bomba armadilhada, esperando que eu a desarme ou deixe-a explodir minha vida. Um emprego em uma campanha, trabalhando para uma das maiores críticas do meu pai.

É tão tentador.

E tão arriscado.

Acabei de almoçar com Case e conversamos sobre isso em detalhes. Ele acha que eu deveria aceitar. Mas Case não conhece meu pai. Você não pode compreender o impacto de sua ira.

Agora, estou voltando para casa do jantar, ainda dividido, e depois de vários minutos de hesitação, ligo para a única pessoa que pode realmente me dar um bom conselho.

— Oi, garoto. — Minha madrasta atende no segundo toque. Ouço sua voz saindo dos alto-falantes do carro.

— Tens um minuto? — pergunto à Kelsey. — Preciso de falar.

— Claro. O que é que se passa?

Viro no final da Main Street, conduzindo em direção ao bairro residencial de Hastings.

— Recebi uma proposta de emprego. Uma coisa em grande. Trabalho de campanha.

— Eu sei. O teu pai disse-me.

Franzo o sobrolho.

— Ah. Pronto.

— E eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até me ligares para falar sobre isso.

Hesito, sentindo as palavras presas na garganta.

— A Harper Wozniak tem sido muito crítica do meu pai na imprensa.

— Pois tem.

— O ele passou-se quando lhe contei.

— Pois foi.

— Então, o que é que eu faço?

O silêncio do outro lado da linha é ensurdecedor.

— Eu sei — resmungo. — É uma atitude merdosa.

— Bastante — diz, com ironia.

A frustração toma conta da minha garganta.

— Eu entendo. Mas é precisamente o tipo de trabalho que quero fazer. Não posso só ficar esperando a próxima oportunidade. Isso está bem na minha frente.

— Will, você não pode aceitar esse trabalho. Seria terrível para a imagem do seu pai. Você tem noção do que iria parecer? O próprio filho trabalhando para a oposição? Iria destruí-lo.

Mordo o interior da bochecha. Você sabia que diria algo assim. Mas ouvi-lo me faz sentir um aperto no peito.

— Dane-se a imagem dele, Kels. Estou cansado de viver constantemente preocupado com as aparências. Trata-se da minha carreira. Da minha vida.

— Eu sei, querido — ele diz. — Mas você se esforçou tanto para chegar aqui, e eu tenho medo que aceitar esse trabalho torne tudo mais difícil. Não só para ele, mas para *você* . A máquina da mídia se aproveitará disso e não será branda. Vai ser uma chatice que você não precisa.

— Eu cuido da mídia. E não me importa o que possam escrever sobre mim.

— Escute, Will. Às vezes, o emprego certo não é o que aparece primeiro. É o que se adapta a você. E não acho que seja esse.

— É, talvez.

— No entanto, seja o que for que você decida, eu vou te apoiar.

Será? Porque esta parece ser uma das raras vezes em que você está categoricamente do lado do meu pai.

Mas talvez isso seja significativo. Talvez seja um sinal de que esse emprego não é o caminho que devo seguir.

Depois que desligamos, não me sinto mais perto de saber o que diabos fazer. Seu conselho fica pairando no fundo da minha mente, mas eu odeio que uma parte de mim se sinta obrigada a considerar a imagem do meu pai no meio de tudo isso.

Quando chego em casa, ouço a voz de Beckett antes mesmo de abrir a porta.

— Larsen! — ele chama, assim que entro em casa. — Tenho novidades.

Penduro meu casaco no cabide do *hall.*

— Que tipo de novidade?

Ele sorri de seu lugar no sofá, parecendo muito animado para alguém cujo time foi derrotado nas semifinais na noite passada.

Continuo chateado com isso. O jogo esteve quase sempre empatado. Podíamos ter levado aquela merda a prolongamento. Em vez disso, o Nazzy sofreu o penálti mais estúpido à face da Terra, dando vantagem à Michigan State trinta segundos antes do apito final. Eles marcaram e nós perdemos. Fim.

Seguramente, não foi a melhor forma de acabar uma época exemplar, mas também não posso queixar-me, tendo em conta que vencemos o campeonato no ano passado. Não se pode ganhar sempre, certo?

— Recebi uma oferta de emprego — revela o Beckett.

— A sério? Isso é ótimo, meu. Onde?

— Em Sydney.

— Estás a gozar?

— Não. Trabalho de conservação dos oceanos. — Ele se apoia nos braços, parecendo um garoto que acabou de descobrir que está indo para a Disney Word. — Mas essa não é a melhor parte. Falei com Charlie. Ela passou por aqui quando você estava com Colson.

— E então? — Não estou bem entendendo.

— Nossa garota foi aceita no mestrado da Universidade de Sydney. Vá. Diz aí que isso não é o destino.

— Você está brincando comigo.

— Népia. Perguntei se ela viria comigo e ela está pensando nisso.

Espera. O quê? Ele convidou você para morar com ele?

Meu coração dá uma cambalhota esquisita diante da ideia de Charlie ir morar do outro lado do mundo.

Beckett percebe minha expressão e ri.

— Amigo. Estou te dizendo isso porque quero que você venha também.

— Quer que eu largue tudo e vá morar na Austrália com você e Charlie?

— Por que não? — Ele dá de ombros como se fosse a coisa mais simples do mundo. — Você não queria viajar, fazer algo diferente? É isto.

Balanço a cabeça, rindo do absurdo de tudo isso.

— Não sei, meu. Também tive uma proposta de trabalho… Ainda não decidi o que quero fazer. — Paro um momento. — Você acha mesmo que poderia dar certo?

— Acho. Mas a decisão é sua. A única coisa que eu sei é que eu vou. E eu quero que você e Charlie venham comigo.

*

Charlie volta mais tarde para passar a noite e, assim que ela entra, o olhar de Beckett se ilumina. Fogo. Está realmente pego.

Também sinto meu olhar se iluminar.

Porque também eu estou pego.

Ela olha para nós como se sentisse. Um leve sorriso cúmplice aflora em seus lábios, como se ele pudesse nos perceber melhor do que nós mesmos. Como se entendesse exatamente o que se passa na nossa cabeça sem precisarmos dizer uma palavra.

— Oi — ela diz, dobrando-se para tirar os botins de camurça. Agora que o tempo começou a esquentar, ela voltou para suas saias plissadas e suéteres curtos de menina bem-comportada, e meu olhar absorve essa visão.

O Beckett é o primeiro a atravessar a sala, puxando-a para seus braços. A maneira como eles se encaixam me dá um aperto no peito, mas no bom sentido. Não são ciúmes; é saber que o que eles têm, o que nós temos, é real. É nosso.

Eu me aproximo, tocando sua cintura enquanto Beckett a beija. Ela se abandona aos seus braços e não consigo evitar sorrir ao vê-los, sentindo o mesmo desejo despertar dentro de mim. Sempre foi algo que fizemos juntos, essa intimidade compartilhada, que parece ainda mais intensa porque nós dois a amamos da mesma forma.

Quando ele se afasta, eu tomo seu lugar. Inclino o queixo dela para mim e

nossos lábios se tocam. O beijo é mais lento, demorado, e eu sinto ela se abandonar a mim da mesma forma.

Esta noite estamos todos em sintonia e vamos para o andar de cima sem uma palavra. Beckett é quem nos conduz até a cama, tirando a camiseta enquanto o sigo. Pego a mão de Charlie, guiando-a até o colchão entre nós. Beckett chupa delicadamente seu pescoço e eu passo as mãos sobre seu corpo, sentindo a maciez de sua pele sob meus dedos.

Nós três já fizemos isso, mas esta noite parece diferente. Há um entendimento tácito. Emoção pura. A conexão entre nós é mais do que física. É algo que não consigo explicar direito.

Ela geme baixinho enquanto ele percorre seu corpo com beijos, e fico hipnotizado pela maneira como ele reage a nós dois. Quando volto a beijá-la, é um beijo lento, sensual e cheio de tudo que não sei dizer.

— Fogo — balbucia o Beckett.

Está olhando para as calcinhas de Charlie. De renda rosa com um lacinho branco. Um sorriso me aflora aos lábios.

— Garota — ele diz, com a voz rouca. — Por mais que eu ame esse lacinho, vou ter que tirá-las. Quero ver sua buceta.

Meu pênis fica estupidamente mais duro e, de repente, minhas calças parecem pequenas demais. Puxo-as pelas ancas abaixo, afastando-as com o pé. Assim que meu pênis fica à mostra, Charlie o agarra.

— Você tem um gosto tão bom — sussurra o Beckett.

Olho para baixo a tempo de ver sua língua, lenta e sedutora, percorrer seu espaço entre o clitóris e o ânus perfeito. *Caramba* . Eu me masturbo com a mão da nossa garota, sentindo um formigamento de prazer nos testículos.

A respiração da Charlie fica ofegante assim que o Beckett começa a lambê-la com fervor. Chupando seu clitóris e passando a língua repetidamente, até ela se contorcer sobre a cama. Ela abre mais as pernas, oferecendo-se a ele como um banquete.

— Você fica tão linda assim — murmuro, roçando um lado de seu seio com os lábios. Lambo-a até o mamilo, circundando-o com a língua.

O rosto do Beckett está enterrado entre suas coxas. Ele geme e eu o vejo estender a mão para se masturbar, fodendo a própria mão enquanto fode Charlie com a boca.

— Olha o que você faz com ela — digo a Charlie, apalpando seus seios. — Ele não se cansa de você. Nenhum de nós se cansa de você.

Sua respiração fica mais entrecortada.

— Você é nossa — digo em seu ouvido. — Toda nossa, garota. E nós somos teus.

Minhas palavras parecem provocar um efeito nos dois. Não resisto a rir quando ambos vêm sem avisar. O Beckett vem-se na mão, grunhindo contra a cona da Charlie, enquanto ela se roça na cara dele conforme o orgasmo lhe percorre o corpo. Ela mal se recuperou e já está me puxando para cima de si, me agarrando desesperadamente no pênis, tentando enfiá-lo dentro dela.

— Eu faço — digo, curvando meus dedos sobre os seus.

Eu a penetro fundo e a sensação é avassaladora. Estar dentro dela. É como se, neste momento, cada parte de mim estivesse envolvida por ela. Charlie ofega

e seus músculos internos me apertam com força, as unhas se cravando em minhas costas enquanto ela tenta me fazer chegar mais perto, penetre-a mais fundo. Dou-lhe tudo. Tudo o que tenho. Estou conectado a ela de uma forma que vai além de tudo que já senti. Ergo o olhar e vejo Beckett nos olhando. Sei que o sente também.

Enquanto eu a fodo, sinto cada pulsação de seu corpo, cada batida de seu coração e, quando finalmente me viro dentro dela, perco completamente o fôlego. Gemendo, deixo-me cair sobre ela por instantes, depois nos viro para não esmagá-la com o peso do meu corpo. Beckett está deitado ao nosso lado, com um braço em cima dos dois, sua respiração diminuindo à medida que o sono começa a tomar conta dele.

Também estou exausto, mas ainda estou com a cabeça a mil.

Não consigo deixar de pensar em como adoro isso, e a ideia de algo poder se intrometer entre nós me faz sentir um aperto no peito. Por mais que eu ande tentando entender qual será meu próximo passo, percebo agora que sei o que devo fazer.

Saio da cama, tomando cuidado para não acordá-los. Estão ambos dormindo profundamente, o Beckett abraçando a Charlie, ambos com um ar tranquilo e satisfeito. Pego meu celular, que está na mesa de cabeceira, e fico olhando a mensagem na minha caixa de entrada, esperando minha resposta.

Abro o e-mail e começo a escrever.

> Tessa, agradeço a oferta mais do que você pode imaginar, mas, após cuidadosa consideração, decidi não aceitar o trabalho. Por favor, relate minha decisão a Pamela e, mais uma vez, obrigado.

Hesito, apenas um segundo, e aperto Enviar, sentindo uma estranha sensação de alívio. Não se trata de rejeitar o trabalho; trata-se de escolhê-los.

Escolhendo esta vida, aqui e agora.

CAPÍTULO 53

CHARLOTTE

Agora é basicamente convencional

O aniversário do meu pai cai uma semana antes do final do curso, então tiro um dia de folga do laboratório para ir almoçar em Hamden. Sempre fico feliz em ver minha família, mas não consigo impedir o nervoso miudinho que sinto no peito. Tenho tanto para contar a eles hoje. Tipo, montes de merda para contar a eles.

E talvez o aniversário do meu pai não seja o momento ideal, mas, depois do fiasco com Harrison, aprendi a lição. Não guardo mais segredos da minha família.

— Oi, garotinha! — Meu pai me cumprimenta na porta com seu abraço apertado de sempre. — Ainda bem que conseguiu vir.

— Eu não o perderia por nada. — Sorrio, retribuindo o abraço antes de entrar em casa.

Minha mãe já está no modo anfitriã, cantarolando enquanto arruma a mesa. Ava veio de Nova York neste fim de semana e está preparando uma salada na cozinha quando eu entro, enquanto meu pai se junta a Oliver no pátio dos fundos. A esposa de Oliver não veio; ele mencionou na conversa em grupo da família que Kat teria que ficar e trabalhar neste fim de semana.

Eu e Ava colocamos a mesa. Vamos comer na sala de jantar porque ainda está muito frio para sentar no pátio. Oliver e meu pai estão grelhando os bifes nos fundos, agasalhados com moletons e bonés.

Depois do almoço, minha mãe nos dá um prato com bolo de aniversário e a tradição de Kingston de compartilhar nossos objetivos e conquistas começa prontamente.

— Char, por que você não começa? — minha mãe diz. — Alguma novidade sobre as faculdades?

Ei-la. A oportunidade.

Pouso o garfo e digo:

— Fui aceito em todas as faculdades que me inscrevi, exceto duas.

— Quais? — meu pai pergunta imediatamente, e eu sei que ele espera fervorosamente que não seja o MIT.

— Copenhague e Melbourne.

Oliver sorri.

— Fogo, você não estava zoando quando disse que tinha se candidatado a algumas faculdades "aleatórias". — Ele faz o gesto de aspas.

— Sim, bem… — dou de ombros. — Entrei também em algumas das aleatórias. E eu estou considerando seriamente, hum, Sydney.

— Na Austrália? — Meu pai ergue as sobrancelhas. — Isso é bem longe.

— Eu sei. E eu entendo, a Universidade de Sydney não é tão prestigiada quanto as da Ivy League, mas o curso de Biomedicina é bom e… talvez eu vá para lá.

A mesa fica em silêncio.

Minha mãe franze a testa, olhando para mim.

— É fantástico você ter entrado, querida, mas nem sabíamos que você estava se candidatando a faculdades no exterior. Porque você não nos contou?

— Queria esperar as cartas de admissão antes de decidir qualquer coisa. — Mexo no garfo de sobremesa, evitando seu olhar. — E, hum, já que estamos falando de coisas que eu não contei…

Ava resmunga.

— Não. Não se atreva a nos contar que você tem outro irmão biológico.

— Não, nada disso. — Engulo, sentindo a pressão aumentar. É agora. — Tem que ver com meu namorado. O Will. E… hum… Beckett.

— O Beckett? — Minha mãe inclina a cabeça, confusa. — O colega de quarto de Will?

Respiro fundo rapidamente.

— Também estou namorando Beckett. Estou apaixonada pelos dois.

A confissão paira sobre nós como uma nuvem atômica. Por uma fração de segundo, me arrependo de tudo. E ainda nem terminei.

— Vamos morar em Sydney todos juntos.

Mais silêncio.

Meus pais estão olhando para mim como se eu tivesse dito a eles que acabei de ver um unicórnio no jardim. Ava está boquiaberta. E meu irmão… bem, ele está com um olhar estranho, que eu não consigo decifrar, e antes que eu pudesse sequer tentar, Oliver solta a maior bomba de todas.

— Estou me divorciando.

Viramos todos para ele. Minha mãe deixa cair o garfo de sobremesa no prato.

Pestanejo.

— Espera, o quê?

Ele se inclina para trás na cadeira.

— Eu não ia falar nada, mas, aparentemente, hoje é dia de *revelar todos os segredos* , então… sim. Eu e Katherine estamos nos divorciando.

— Se divorciando? — minha mãe repete.

— Sim — diz ele, esfregando a nuca. — Já estava para acontecer há muito tempo, estamos com problemas há tempos. Mas não quisemos dizer nada nas festas e, depois, quanto mais o tempo passava, mais difícil se tornava contar para vocês. E, bem… é assim.

Fico boquiaberta.

— Você está mesmo dando essa notícia agora? No almoço de aniversário do pai?

— Eu? A sério? — responde Oliver. — Você *literalmente acabou* de soltar a bomba "tenho dois namorados" no almoço de aniversário do papai. Por isso, me pareceu a hora certa para…

— Eu sou lésbica — balbucia Ava.

O que é que está *acontecendo* ?

Meu olhar salta pela mesa como uma bola de pingue-pongue. Meus pais estão com a mesma aparência de quando estou tentando ensiná-los a usar um novo aplicativo no celular. Perplexos e indignados. Acho que eles não estão bravos com as notícias que estamos compartilhando, mas com o fato de que tudo está saindo agora. No caso de Ava, literalmente.

— Você é lésbica? — exclamo. — Desde quando? — Ela só andou com homens. Publicamente, pelo menos.

Agora que todos estão olhando para ela, Ava cora, se contorcendo na cadeira.

— Parece que comecei tarde. Honestamente, por muito tempo, pensei que era assexuado. Nunca me senti atraída por nenhum dos homens com quem saí, mas também não me sentia atraída por mulheres. Mas, hum, o namorado que eu tenho falado? O Ash? É minha namorada. Chama-se Ashley.

Por um momento, ninguém se move. Meu pai está paralisado, com o garfo a caminho da boca.

Então, de repente, a tensão desaparece.

Eu rio do absurdo da situação. Olho para meus pais.

— Eu juro, se vocês nos dizem que são *swingers* ou algo assim…

Por fim, meu pai larga o garfo, balançando a cabeça com um sorriso.

— De jeito nenhum.

Minha mãe, entretanto, tem uma expressão incerta ao olhar ao redor da mesa.

— Só para ver se entendi: todos guardaram segredo dessas mudanças significativas de vida porque achavam que não aprovaríamos?

Oliver é o primeiro a responder.

— Não. Eu me sentia apenas envergonhado — admite. — Nunca me imaginei divorciado.

Ava, timidamente, se pronuncia em seguida.

— Eu também não pensei isso. Eu mesma estava ainda tentando aceitá-lo. Acho que precisei de tempo para lidar com isso. — Ela olha para mim. — É por isso que nunca disse nada sobre Harrison, Char. Era frustrante ver você guardar segredo de todos, mas eu estava fazendo o mesmo, então parei de insistir.

Aceno com a cabeça. Agora faz sentido. Sempre me surpreendeu que ela não contasse aos meus pais sobre Harrison.

— Charlotte? — pergunta minha mãe.

Umedeço os lábios subitamente secos.

— Achei que não aprovariam — confesso. — Namorar dois garotos não é exatamente normal.

— Ná, ser poli está na moda — responde minha irmã. — Agora, é basicamente convencional.

Encolho os ombros.

— Tenho dois namorados. É estranho, tudo bem?

Oliver ri.

Minha mãe volta a falar, com um tom que não admite discussão.

— Gente, é assim: nós amamos vocês. A todos. Por quem são. Não importa se eles têm dois namorados ou nenhum, se estão se divorciando ou namorando uma garota. Nós amamos vocês e nada nunca mudará isso.

Meu pai acena com a cabeça, recuperando sua atitude descontraída de sempre.

— Sim. Contanto que eles estejam felizes, nós estamos felizes.

Não acredito no que estou ouvindo. Eu esperava estranheza, talvez até decepção, mas em vez disso, eles estão simplesmente… aceitando. Como se não fosse nada de especial.

Minha mãe percebe minha expressão e abre um sorriso doce.

— Se você ama esse segundo garoto, querida, também queremos conhecê-lo. Convida ele e Will para virem aqui em casa. Talvez precisemos de tempo para nos acostumarmos, é claro, mas, se eles te fazem feliz, é o que importa.

Piscando para afastar as lágrimas, impressionada com o quão simples ela faz tudo parecer. Passei tanto tempo me preocupando com a reação deles, mantendo tudo em segredo, e aqui estão eles me dizendo que está tudo bem. Que eu estou bem.

Pela primeira vez em muito tempo, me sinto verdadeiramente segura; seja nas minhas escolhas ou no amor incondicional da minha família.

— E, se você realmente quer cursar a faculdade em Sydney, nós te apoiamos — completa. — Não importa se você frequenta uma escola de prestígio, Char. Importa é que sigas teu coração. Mas, foda-se, sentiremos tanto a sua falta.

Sorrio, perplexa.

— Você disse uma besteira. — Minha mãe nunca fala besteira.

— É pra você saber o quanto eu vou sentir falta, foda-se — ele diz, e todos caem na risada.

Mais tarde, quando estou tirando a mesa com Ava e ouvindo-a me contar sobre Ashley (que parece ser muito legal e muito estranha), a mensagem de que ela estava esperando ilumina meu telefone.

HARRISON:
Estou aí em 5 minutos.

Mordo o lábio, olhando para a tela. Sinto o nervoso miudinho na barriga.

Ava me toca com o ombro.

— É ele?

Aceno que sim.

— Está chegando.

Essa é a parte do dia que mais me preocupa. Harrison está aqui novamente neste fim de semana. Porque eu o convidei. Eu estava com ele na noite passada e sentamos na cozinha de Will e Beck conversando por horas.

Levei algum tempo para responder à longa mensagem que ele me enviou pelo aplicativo. Eu não tinha certeza se queria continuar um relacionamento com ele. Se valesse a pena. O desgosto, a mágoa, a culpa. Mas eu estava errada quando disse aos meus pais que, com o desaparecimento de *Tiger* , todas as ligações com meu passado também desapareceram.

Ainda tenho uma conexão. O Harrison. E, se ele estiver disposto a começar de novo e tentar construir algo livre de culpa e ressentimento, eu também estou.

Quando abro a porta da frente, encontro um Harrison aterrorizado no alpendre. Ele usa calças cáqui engomadas na perfeição, uma camisa branca e sapatos, em vez dos tênis de sempre. Na mão traz um ramo de peônias cor-de-rosa. A flor favorita da minha mãe.

— Oi — ele diz, nervoso.

Sinto lágrimas nos olhos.

— Você trouxe flores para minha mãe?

Ele acena que sim.

— É ruim?

— Não. Ela vai adorar.

— Estou bem? — pergunta, mexendo os pés.

Um sorriso me aflora aos lábios.

— Você está… como se fosse se candidatar a um emprego.

— Merda.

— Não, você está ótimo. Aliás, você apareceu no dia mais estranho de todos. Todo mundo acabou de descarregar seus segredos mais íntimos em cima de um bolo de aniversário de chocolate com açúcar azul.

— Estou curioso. Algum deles é um serial killer com uma masmorra de tortura? — goza. Adoro esse seu lado mais leve e sarcástico. É como se você tivesse verdadeiramente baixado a guarda desde que decidimos começar de novo.

— Não. Mas descobri que a nova namorada da minha irmã é uma funerária. — Puxo-o para dentro de casa. — Vem. Deixa eu te apresentar pra minha família.

CONVERSA DE PAI

GARRETT GRAHAM:
Quero um terceiro cachorro e Wellsy não me deixa ter um.

JOHN LOGAN:
Ohhhh olhe para o extravagante com seus dois cachorros. Grace é alérgica, não podemos nem ter um. Vai se foder.

JOHN TUCKER:
A conversa desandou rapidamente.

DEAN DI LAURENTIS:
Ele leva um cachorrinho para casa sem dizer nada. Com certeza não vai colocar na rua. Você vai olhar para seus olhinhos e ficar perdida de amores.

COLIN FITZGERALD:
Isso foi o que Hollis e os gêmeos tentaram fazer com Rupi e ela o jogou fora por um mês. Foi o pior mês da minha vida.

DEAN DI LAURENTIS:
Para nós também.

JOHN LOGAN:
Por que tem que girar tudo ao seu redor?

DEAN DI LAURENTIS:
Summer ficou conosco durante esse mês! A mulher do Hollis praticamente começou uma reação em cadeia de convidados indesejados.

HUNTER DAVENPORT:
Não usamos Rupi como barômetro para o comportamento normal das mulheres, cara.

JOHN TUCKER:
Eu não arriscaria, G.

GARRETT GRAHAM:
Vou considerar suas opiniões.

Próximo assunto. Quero organizar uma festa de formatura para Stan e Luke em Tahoe neste verão.

DEAN DI LAURENTIS:
Falando em Tahoe…

JOHN LOGAN:
Não.

JOHN TUCKER:
Falando em Tahoe…

JOHN LOGAN:
Não.

CAPÍTULO 54

CHARLOTTE

Dia da Choradeira

Estou sentada no chão do quarto, cercada por caixas, quando finalmente a ficha cai.

Isso está realmente acontecendo.

Vou-me embora.

Faith está ao meu lado, me passando outra pilha de roupas para dobrar, mas nós dois sabemos que não estamos apenas fazendo as malas. Estamos nos despedindo.

— Isso é tão estranho — murmuro, tentando me concentrar no que estou fazendo. Minha voz está tensa, minha garganta querendo se fechar. — Quanto tempo eu morei nesse quarto? Quatro anos? E agora… Austrália.

Faith ri, mas uma risada que esconde outra coisa.

— Sim, garota aventureira. Não acredito que você vai mesmo fazer isso. Mas estou orgulhosa de você. Vais arrasar.

Paro de dobrar minhas roupas e me sento, olhando para a bagunça de caixas meio cheias ao meu redor. Muitas dessas coisas serão enviadas para a casa dos meus pais, mas a tia de Beckett, Suzanne, que está em Sydney, concordou em enviar algumas caixas com livros para guardar na casa dela até encontrarmos onde morar.

Beck, Will e eu viajaremos para LA em alguns dias e depois para Sydney, onde ficaremos por três semanas. Espero que, ao final da estadia, tenhamos encontrado um apartamento e assinado um contrato. Depois voltarei para passar o resto do verão com meus pais antes de me mudar oficialmente para a Austrália no meio de agosto.

Ainda não parece real para mim, embora esteja bem na minha frente. Vou deixar este quarto, esta casa, esta vida para trás.

Faith também para de arrumar as coisas, indo de repente até a porta.

— Olha — diz. — Antes de arrumar tudo, eu tenho uma coisa pra você. Espera aí.

Ela sai pela porta antes que eu possa responder e volta antes que eu possa sequer adivinhar por que ela saiu. Fico confuso quando você me dá um pequeno

presente embrulhado em papel com desenhos de sapos.

— O que é isso?

Ela sorri, mas há algo agridoce em seu olhar.

— Abre.

Eu o abro, desembrulhando com cuidado. Assim que vejo o coelho de pelúcia, perco o controle. Lágrimas turvam minha visão ao agarrá-lo, uma onda de emoção sobe em meu peito. Não é da cor do *Tiger* , mas branco, como meu suéter de cashmere favorito.

— Meu Deus, Faith... — Não consigo nem terminar a frase antes de começar a soluçar.

Ela se aproxima, me envolvendo em seus braços enquanto eu choro encostada em seu ombro.

— Sei que não é igual ao antigo. Mas achei que poderia ser um recomeço. Algo para levar com você em sua nova aventura.

Aperto o coelhinho com mais força.

— Vou sentir tanto a sua falta — consigo dizer, minha voz falhando a cada palavra.

— Também vou sentir sua falta. Montes delas.

Ficamos assim por um bom tempo, só abraçadas. Se há uma coisa que tiro da minha experiência na Delta Pi, por mais enervante e sufocante que às vezes tenha sido, é ter conhecido minha alma gêmea nesta casa.

Por fim, eu a libero do meu abraço, limpando o rosto com as costas da mão. Me sinto tão grata. Grata por esse momento, por essa amizade que sempre me acompanhou.

Depois de arrumar a maioria das coisas, desço as escadas para descobrir Blake, que chegou mais cedo para nossa última reunião do semestre. Aquela em que Agatha faz um discurso longo e chato resumindo os sucessos de nossa república este ano, passando em seguida o legado para a nova presidente, uma tal de Yara Merrimack. Fico contente que seja a Yara. Espero que torne o próximo ano divertido para as novas colegas. E que depois envie para Agatha a definição de *diversão* como vem no dicionário.

Encontro Blake na sala, mexendo no celular. Ela sorri ao me ver na porta.

— Como estão as arrumações?

— Lentas — admito, com um sorriso cansado. — Por esse andar, acho que vou demorar mais uma semana.

Ela ri.

— Imagino. Ir morar em outro continente não é pouca coisa.

— Não, não é — concordo, encostando na ombreira da porta. — Mas já chega dos meus assuntos. Como você está? Ainda perdida de amores?

Seu rosto cora quando ele sorri.

— Eu também não diria tanto. A palavra começando com A ainda não foi mencionada.

Rio-me.

— Isaac não a disse no seu quinto encontro?

— Sim, mas Isaac é louco. Eu sou uma pessoa racional. — Ela dá de ombros. — Mas eu gosto muito dele. Vou levá-lo para passar férias com minha família no Lago Tahoe neste verão.

— Sério? Isso é um grande passo.

Ela acena que sim, com certa timidez.

— Eu sei. Não tenho ideia de como meu pai vai reagir. Quer dizer, meu pai é ótimo, mas ele é muito protetor quando se trata de minha vida amorosa.

— Você não vai matá-lo, não se preocupe. Quando muito, vai fazer um interrogatório por umas horas e depois aprová-lo secretamente.

Ela fica um instante calada. Depois, me olha nos olhos com uma expressão nada usual na Blake: carregada de emoção ao invés de indiferença.

— Eu não te disse vezes suficientes, mas… obrigada. Por tudo. Você me ajudou o ano todo e acho que não teria sobrevivido sem você.

O nó familiar volta à minha garganta. Meu Deus. Oficialmente, chamo esse dia de Dia da Choradeira.

Pestanejo para afastar as lágrimas e me aproximo dela para lhe dar um abraço.

— Você não tem nada pelo que agradecer. Adorei conhecer você este ano e ficarei mais do que chateado com você se você não me enviar mensagens quando eu estiver em Sydney.

— Envio — promete.

Blake retribui o abraço e me dou conta de que, apesar de ter uma relação de amor e ódio com Delta Pi, vou sentir muita falta desse lugar.

*

A cerimônia de formatura é uma montanha-russa de emoções. Meus pais choram que se fartam. Harrison vem assistir e fica sentado ao pé da minha mãe, que pega sua mão durante toda a cerimônia. Will e Beckett ficam sentados ao pé de Oliver, e os três berram quando eu subo no palco em meu traje acadêmico. George e Lourdes também terminam o curso de STEM e recebem seus diplomas junto comigo, mas fico chocado ao descobrir que eles acabaram, não estão mais juntos no amor e no aprendizado.

As cerimônias dos meninos são mais tarde e eu beijo os dois em seguida… em público. Ninguém ao nosso redor sequer pisca, o que é um bom presságio para nossa aventura australiana. Ainda não sei como esse relacionamento vai funcionar, nem como será o futuro, mas, neste momento, me sinto feliz. Afortunada. Grata.

Partimos hoje à noite para LA. O táxi vai nos pegar na casa dos meninos, em Hastings, então, depois de me despedir da minha família, pego uma carona até lá com Faith. Ela ficará morando em Boston e eu vendi meu carro para ela, já que não posso exatamente levá-lo comigo para a Austrália.

Estou agora na entrada da casa deles, olhando para o céu escurecer. Um peso agridoce paira no ar. A casa está vazia, desocupada para os próximos inquilinos, mas meu coração ainda parece estar preso a este lugar, como se estivesse se recusando a seguir em frente.

— Você está bem? — Beckett pergunta, surgindo atrás de mim.

Eu me viro e dou um leve sorriso.

— Estou bem. Estou só pensando.

— É estranho, não é? Ir embora.

O nó cresce na minha garganta.

— Sim. É verdade.

Sua mão encontra a minha e ficamos assim por um minuto, curtindo o momento. Difícil acreditar que esse capítulo da minha vida acabou. A faculdade. Quatro anos passaram correndo.

— O táxi já chegou? — A voz de Will interrompe meus pensamentos.

Vejo-o junto às escadas, com a mochila pendurada em um dos ombros. Ele usa um suéter com capuz azul-celeste e jeans desbotados, e, embora esteja sorrindo, o sorriso não chega aos seus olhos. Acho que você também deve estar triste por ir deixar este lugar para trás.

Acenando com a cabeça, coloco a bolsa no ombro.

— Iá. Acabou de chegar. Está parando na entrada.

Beckett e eu saímos para o alpendre. Demoro um segundo para perceber que Will não está vindo atrás de mim.

— Lindo? — pergunto, olhando por cima do ombro.

Sinto a mudança no ar antes mesmo que ele abra a boca.

— Eu não vou.

Ele fala tão baixinho que mal consigo ouvi-lo. Mas, quando percebo suas palavras, parece que o chão foge debaixo dos meus pés.

Fico paralisada, agarrando a alça da bolsa.

— O quê?

Beckett repete o que eu digo, mas com um palavrão.

— Mas que merda, amigo?

Will não olha para mim. Para nenhum de nós. Ele fica olhando para o chão, com o queixo tenso.

— Não vou para a Austrália.

CAPÍTULO 55

WILL

Eviscerado

Não vou para a Austrália.

Essas cinco palavras ficam pairando no ar como uma forca e posso sentir a tensão apertando ao nosso redor, sufocando qualquer futuro que estávamos prestes a começar juntos.

O Beckett fica paralisado no lugar.

Charlotte olha para mim como uma mãe gata que perdeu todos os seus gatinhos em um incêndio no celeiro.

Engulo em seco, incapaz de enfrentar seus olhares perplexos.

— Não agora — esclareço.

— Que diabos você está dizendo aí? — pergunta Beckett.

Tento desesperadamente encontrar as palavras, mas nenhuma parece certa.

— Achava que era capaz. Eu achava que era só entrar no avião e ir com vocês, mas não consigo. Algo me diz que devo ficar.

O rosto de Charlie se contorce e eu me sinto a pior pessoa do mundo.

— Ficar pra quê? Will, partimos em algumas horas. Você está com as malas feitas…

— Eu sei. — Minha voz falha e eu odeio como ela me parece pequena. — Mas…

Interrompo-me. A verdade é que eu não sei estar em um relacionamento assim. Com ela e Beckett. Tem muita coisa que ainda quero entender.

Embora todos que sabem sobre nosso relacionamento tenham aceitado, continuo pensando no dia em que Tessa Diaz esteve aqui, quando a apresentei a Charlie como namorada de Beckett. *Dele* . Não minha, nem *nossa* . Menti para me proteger, porque não sabia como explicar nosso relacionamento. Não sabia como contar para alguém, para uma estranha, que dividia a mulher que amo. A mulher que nós dois amamos. Senti como uma confusão que não soube esclarecer e, em vez de enfrentá-la, enterrei-a. Eu disse a mim mesmo que, desde que nossos amigos e familiares nos apoiassem, não importava o que o resto do mundo pensasse. Mas a verdade é que talvez importe.

Embora essa não seja a única razão pela qual não posso ir. Eu poderia viver

isso com eles, aprender a trilhar esse caminho, desde que o fizéssemos lenta e progressivamente. E ainda quero fazer isso.

Mas… não agora.

— Quero aceitar a oferta — confesso. — Quero ir trabalhar na campanha da Wozniak.

A expressão do Beckett se ensombra.

— Como assim? Recusaste-o há que tempos. E agora, no momento em que estamos saindo para a merda do aeroporto, você está voltando atrás?

Respiro fundo, a culpa me comendo vivo.

— Eu o recusei porque… bem, acho que tenho tentado conter minha ambição, porque não queria me sentir como meu pai, mas quero esse emprego. Quero aprender a gerenciar uma campanha. Quero mesmo muito.

O lábio de Charlie treme e ver a mágoa em seu olhar me mata.

— Garota — digo, me aproximando para poder acariciar seu rosto. — Eu te amo. Mas não posso fazer isso agora. Eu vou. Te prometo que sim. Vou até vocês em novembro, depois das eleições.

Porém, mesmo ao dizer isso, não estou inteiramente seguro. Não sei se serei capaz de cumpri-lo. Porque… e se Wozniak vencer e eles quiserem me contratar para o time? Seria tentador. O chamado da minha carreira, a ambição à qual tenho resistido, *isso* é tentador. E é mais forte do que eu gostaria de admitir.

Beckett se move entre mim e Charlie, com os punhos cerrados.

— Você é um trapaceiro, amigo. Você não vai em novembro.

— Eu... — Tento falar, mas não posso contestá-lo, porque não sei a verdade. O Beckett vê. Ele sempre foi capaz de me entender melhor do que eu mesmo.

Antes que eu possa reagir, seu punho vai contra meu rosto. Com força.

A Charlie se sobressalta.

— Beckett!

Cambaleio para trás, a dor aguda irradiando pelo meu queixo, mas não reajo. Mereço-o.

— Eu entendo — digo, sentindo o gosto de sangue nos lábios. — Eu a machuquei. Mereço isso.

Mas ele balança a cabeça, seus olhos cinzentos cheios de raiva e algo mais. Traição.

— Não, Larsen. Eu não te bati porque você a machucou. Charlie sabe como travar suas próprias batalhas. Eu te bati porque você me *machucou* .

Suas palavras me atingem com mais força do que seu punho. Sinto que acabei de ser eviscerado.

Olho para Charlie. As lágrimas umedecem seus cílios, seus ombros se sacudindo enquanto ela tenta se controlar. Meu coração se parte ao ver suas lágrimas. Quero consertar isso, fazer com que tudo fique bem, mas sei que não posso.

— Me desculpe — digo, me aproximando dela. — Eu não queria te machucar.

— Por que não nos contou isso mais cedo? Por que você esperou até agora para fazer uma coisa dessas?

Curvo os ombros.

— Não queria decepcionar vocês. Achei que era capaz de superá-lo, mas não

sou. Desculpa, linda. Lamento muito.

Depois de um momento, ela joga os braços em volta de mim, me abraçando com força.

Dou um beijo em sua testa.

— Vou até vocês em novembro. Eu prometo — digo, pedindo por qualquer coisa que não seja uma promessa vazia.

Beckett me olha com uma expressão firme e eu sei que ele não acredita em mim. Talvez não deva.

Eu me inclino para beijar Charlie, transmitindo tudo o que não posso dizer neste beijo. Dói meu coração. Amo essa mulher. Mais do que ela jamais saberá.

Depois de me afastar, Beckett se aproxima de mim. Fico tenso, pensando se irá bater-me outra vez, mas, em vez disso, puxa-me para um breve abraço de lado, olhando-me com uma expressão desiludida.

— Cuide dela — digo, com a voz rouca.

— Sempre — responde.

Eu me afasto, vendo os dois se dirigirem ao táxi, Beckett carregando a bagagem na mão em vez de usar as rodinhas.

Assim que eles entram, Charlie se vira para olhar para mim mais uma vez, com os olhos cheios de tristeza e… esperança. Esperança de que eu mude de ideia.

Mas não mudo.

A porta se fecha e o táxi arranca. Fico ali parado, meu coração gritando comigo, enquanto vejo o carro desaparecer.

Não sei se algum dia os verei novamente.

CAPÍTULO 56

CHARLOTTE

Vezes um milhão

SEIS MESES DEPOIS

Desligo o laptop e o enfio na bolsa, com a cabeça já pensando em chegar em casa. É final de tarde, o sol dourado se reflete nas ondas ao se aproximar do horizonte. A vista da janela do laboratório me lembra como é bom estar aqui. A Austrália é tudo o que você não sabia que precisava. Nunca me dera conta de quão incrível era o cheiro do mar. Eu e Beckett estamos prosperando como eu nunca imaginei.

E, no entanto, sempre há uma mágoa pairando.

Um vazio no meu coração onde Will deveria estar.

Ao levar a bolsa no ombro, um papel cai de dentro, esvoaçando até a mesa. Eu o pego e sorrio. É um bilhete de Beckett, dobrado várias vezes. Eu o desdobro, me perguntando o que meu homem tem a dizer hoje.

> ***Delícia de açúcar, mal posso esperar para ver você esta noite. Você é a melhor parte de todos os dias. Eu te amo mais do que você jamais saberá.***

Sinto meu coração cheio, o calor queimando meu rosto. Olho para minha colega de carteira, que me olha com uma sobrancelha erguida.

— Ele escreve bilhetinhos para você todos os dias? — provoca, sorrindo.

Rio e enfio o papel na bolsa.

— Todo dia, não. Ele gosta de me surpreender.

— Caramba, garota. Nunca largue esse homem. Deve te amar mesmo.

— Sim, ama. Tenho sorte.

— Sorte? Amiga, você ganhou na loteria.

Sorrio, mas o pensamento me provoca um aperto no peito. Sim, tenho certeza de que ganhei na loteria com Beckett. Ele é tudo que você poderia querer.

Saio da faculdade, ansiosa para voltar para casa. Nossa casa não fica longe do *campus* e, ao caminhar pelas ruas da minha nova e bela cidade, com a brisa

salgada do mar pairando sobre mim, penso em quão longe chegamos. O apartamento que Beckett e eu compartilhamos tem uma vista que parece quase irreal, como algo saído de um sonho. Construímos uma vida incrível juntos, e eu sei que deveria me sentir completa.

Mas o vazio, a ausência de Will, está sempre lá.

Quando entro em casa, Beckett já está me esperando, encostado na bancada da cozinha, sorrindo assim que me vê. Sua felicidade é contagiante. Hoje ele está com uma energia selvagem e, antes que eu possa sequer cumprimentá-lo, ele se aproxima e me puxa para seus braços.

— Você — ele murmura contra meu pescoço — está linda.

Eu rio, mas pela maneira como você olha para mim, eu sei o que vem a seguir.

— Acabei de chegar em casa. Você pode, ao menos, me cumprimentar como deve ser antes de…

Seus lábios colidem contra os meus, me interrompendo. O beijo é intenso e ávido, e qualquer pensamento que eu pudesse ter tido sobre ir com calma desaparece imediatamente. A verdade é que não quero calma. *Eu amo* que esse homem não se canse de mim. Eu amo que você se sinta tão desesperado por mim que nem consegue pensar. Que não consiga esperar. Quem nem se preocupe em dizer olá.

É como eu sempre quis que me quisessem.

— Senti sua falta — ele diz, as mãos já desabotoando o botão da minha calça.

— Beck — suspiro ao sentir seus dedos sob a calcinha.

Ele me encosta na bancada da cozinha e fica de joelhos, percorrendo minha barriga com beijos até que me seja impossível me concentrar em outra coisa a não ser o desejo crescente entre minhas coxas.

— Fiquei o dia todo pensando em você. — Sua voz está densa de desejo. — Não consegui me concentrar em nada.

— Ah, sim? — ofego. — Você estava pensando em quê?

— Em tirar essa roupa de você. — Ele puxa minha calça, tirando-a com um movimento rápido. — Em te saborear. Em te foder até você gritar meu nome.

Seus lábios fazem cócegas na parte interna da minha coxa quando ele olha para mim, seus olhos brilhando de desejo.

— Abre as pernas. Deixe-me ver como você está molhada.

Encosto-me para trás sobre a bancada, a minha respiração acelerando ao obedecer, abrindo-me para ele. Depois ele avança, encostando a boca quente à minha abertura, a língua provocando-me até não conseguir conter o gemido que me foge da garganta.

Enredo os dedos no seu cabelo.

— Não pares.

A sua língua circunda-me o clítoris, provocando-me até as minhas pernas começarem a tremer. Mal consigo pensar, mal consigo respirar, a única coisa que ouço é o som molhado da sua boca em mim e os seus elogios roucos e obscenos.

— És tão perfeita, Charlie — murmura, olhando para mim com os lábios a brilhar. — Tão molhada para mim. Diz-me quanto o queres.

— Quero-te. Preciso de ti dentro de mim.

O seu sorriso é malicioso quando se levanta, as mãos calejadas erguendo-me sobre a bancada. Não tenho tempo de recuperar o fôlego antes de ele me preencher completamente, e o choque faz-me gritar. Ele agarra-me nas coxas, puxando-me mais para si, os seus movimentos profundos e urgentes.

— Sabes tão bem — geme. — Tão apertadinha. Foste feita para mim, não foste? Feita para eu foder assim.

— Sim — ofego.

Ele faz um som gutural ao mover-se contra mim, uma e outra vez, até eu estar quase a perder o controlo.

— Quero que te venhas para mim. Vem-te na minha pila, amor. Deixa-me sentir-te.

A sua ordem leva-me ao limite e o orgasmo invade-me o corpo. O Beckett vem-se logo a seguir, gemendo o meu nome ao estremecer contra mim. Durante um bom bocado, ficamos os dois a tremer, o mundo desaparece e ficamos só nós.

O seu peito esculpido sobe e desce com a sua respiração ofegante.

— Desculpa. Não consegui aguentar — diz, sorrindo como uma criança travessa.

Sai-me uma gargalhada.

— Pois, eu reparei.

Ficamos assim um momento, abraçados um ao outro, ouvindo o som do mar lá fora. Olho para ele de coração cheio, mas a dor continua lá, enterrada bem fundo.

— Hoje pensei muito no Will — admito, passando os dedos sobre o seu peito.

O Beckett acena com a cabeça, com um sorriso vacilante. Sai de dentro de mim e volta a vestir as calças de fato de treino.

— Iá. Eu também. As eleições são amanhã.

Aceno que sim. O Will tem estado a trabalhar incansavelmente na campanha. Tem enviado mensagens, mantendo-nos ao corrente de tudo e, embora me sinta contente por ele, também gostava que estivesse aqui connosco. Que pudesse fazer parte desta vida que estamos a construir.

— Achas que a candidata dele vai ganhar? — pergunto, enquanto procuro a minha roupa no chão.

— Espero que sim. Ele trabalhou no duro para isso. Merece.

Ficamos ambos calados um momento, perdidos em pensamentos.

Por fim, o Beckett olha para mim, as suas feições suavizando-se.

— Tens muitas saudades dele.

Engulo o nó na garganta.

— Sim. Tenho.

Ele aproxima-se e prende-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha com meiguice.

— Eu também. Mas… temos isso, delícia de açúcar. E é bom. É muito bom.

Não, o que temos é melhor do que bom. Mas uma parte de mim sempre sentirá falta de Will.

— E se ele mudar de ideia de novo e não quiser vir… ele vai continuar sendo bom? — pergunta o Beckett, com aspereza. — Para nós?

— Por que não haveria de ser?

— Se ele não vier, eu vou ser o suficiente para você?

Fico boquiaberta.

— Oh, meu Deus. Claro que sim.

Ele examina meu rosto, com uma vulnerabilidade incaracterística cintilando em seus olhos.

— De certeza?

— Absoluta. — Nós dois ouvimos minha convicção. Porque estou sendo brutalmente sincera. — Eu amo Will, mas meu amor por ele não tem nada a ver com meu amor por você. Você é mais do que suficiente, Beck. Você me protege, cuida de mim, me faz sentir segura, me fode quando eu quero…

Ele ri.

— Como eu poderia jamais não estar satisfeita com isso? Contigo? Seguro seu rosto, acariciando sua barba rala. — Eu te amo. Vezes um milhão.

Um sorriso curva seus lábios.

— Eu também te amo. E tenho a sensação… de que o veremos outra vez. Talvez mais cedo do que julgamos.

Assenti, encostando a cabeça em seu ombro e, por um momento, me deixo acreditar.

CAPÍTULO 57

WILL

Uma proposta tentadora

A sala está pegando fogo, vibrando de energia à medida que os resultados chegam. Posso quase sentir a tensão no ar, mas é uma tensão boa. Do tipo que ocorre quando algo importante está prestes a acontecer. Olho para as telas nas paredes. Harper está bem na frente.

Então eu olho para Tessa, que está comigo nesta montanha-russa desde o primeiro dia. Está escrevendo no celular, talvez redigindo já o cabeçalho de amanhã. Dou-lhe um sorriso breve e ela retribui, seus olhos brilhando com descrença e entusiasmo.

Entusiasmo que eu também devia estar sentindo. Nossa candidata está prestes a ganhar. Você deveria estar animado, como todo mundo. Mas não estou.

Quando muito, me sinto indiferente.

— Parece que vamos conseguir — digo, parecendo estar articulando uma pergunta, pois, embora os números sejam claros, ainda não parece real.

Foram seis meses duros, sujos e violentos, com uma surpresa em outubro que quase fez Harper morrer na praia: ela foi acusada de assédio sexual por três funcionários. Os bacanas foram desacreditados num instante; ao que parece, foram pagos pelo nosso adversário. Mas aqueles dias de críticas negativas acabaram com ela nas pesquisas. Sinceramente, eu não sabia se ela seria capaz de se recuperar.

— Parece que sim — confirma Tessa, com um enorme sorriso. — Acho que ela vai ganhar mesmo.

A sala inteira está agora olhando para a tela da televisão, embora os números estejam fechados. Novamente, aquela sensação de entusiasmo. Estão todos prendendo a respiração coletivamente, esperando que alguém o declare oficial. E então acontece. O pivô anuncia isso. A sala irrompe em aplausos, pessoas pulam das cadeiras, se abraçando, até mesmo alguns membros da equipe chorando. Nossa candidata acabou de ser eleita.

Bato palmas com o resto da equipe, mas a sensação de apatia não desaparece. Apenas se transforma em uma pontada de aversão ao lembrar o que foi preciso para chegar até aqui. As falsas promessas que ouvi Harper fazer. O

fato de Pamela Kerry dizer uma coisa e o seu oposto.

Ele sabia que a política era suja, mas achava que pelo menos os mocinhos eram mais limpos do que a maioria.

Não são.

A Tessa dá-me um murro leve no braço, sorrindo como se tivesse acabado de ganhar a lotaria.

— Belo discurso — comento, acenando com a cabeça na direção da televisão.

A Harper Wozniak está agora atrás de um pódio, agradecendo aos seus apoiantes. As palavras que a Tessa lhe escreveu são polidas mas verdadeiras, tudo o que gostaríamos de ouvir de um político recém-eleito. Só é pena ela não estar a ser nem um bocadinho sincera.

— Achas mesmo? — pergunta a Tessa.

Aceno que sim.

— Escreves bem que se farta, Tess.

O seu sorriso vacila um pouco e, por momentos, há uma mudança no ar entre nós. Algo implícito. Ela aproxima-se, encurtando a distância entre nós.

— Você é extraordinário, sabia? — diz. — Quer dizer, eu tinha a sensação de que você seria bom nisso, mas ver você em ação nesses últimos meses… foi impressionante. A maneira como você se lançou à história do assédio sexual, indo até o fundo. Foi brilhante, Will.

Há uma pausa, e eu sinto isso; o lampejo da tensão sexual. Eu já senti isso antes, fervilhando sob a superfície quando ficamos trabalhando até tarde na sede da campanha ou tomamos um drinque depois de um longo dia. Tessa é linda, inteligente, ambiciosa. Se eu lhe desse a dica, sei que você alinharia. Seria fácil.

Mas…

Penso no rosto de Charlie e Beckett. Não os vejo há seis meses. Sinto falta deles. Sinto tanta falta deles que a ideia de estar com outra pessoa me parece errada. Como se fosse trair o que temos, embora não tenhamos exatamente dado nome a nada. Eles são minhas pessoas. Minha casa.

Tessa olha para mim como se estivesse esperando uma resposta. Aclaro minha voz e dou um passo para trás, quebrando a tensão antes que eu avance.

— Você também fez um bom trabalho, Tess — digo, mantendo uma voz firme, amigável, mas não mais que isso.

Ela parece entender a dica, balançando a cabeça. Seu sorriso volta a parecer mais profissional.

— Obrigada, Will.

A gerente de campanha e minha chefe, Pamela Kerry, se aproxima de nós, apertando meu braço.

— Will. Tessa. Excelente trabalho, pessoal. Eu sabia que tínhamos uma chance, mas não achei que conseguiríamos de forma tão decisiva.

Dou um sorriso educado e respondo com os chavões que ela espera ouvir.

— Obrigado, Pam. Garantido, foi um esforço de equipe.

Ela acena com a cabeça, assumindo uma expressão séria.

— Ouçam, ia falar com vocês sobre isto amanhã de manhã. Quer ganhássemos ou perdêssemos, na verdade. Mas, se estiverem interessados, adorava ter-vos na equipa a tempo inteiro. Para começarmos com o pé direito na

próxima campanha. O que dizem? Querem aparecer aí amanhã de manhã para falarmos sobre isso?

— Parece-me bem — digo à Pam, mas o meu tom é evasivo. — Podemos conversar sobre o assunto.

Ela dirige-se a outro elemento da equipa, deixando-me com os meus pensamentos. Olho novamente para a Tessa, que está de volta ao telefone, provavelmente a trabalhar noutro discurso para amanhã.

A celebração se desenrola ao meu redor, as pessoas continuam a aplaudir, a beber champanhe, a desfrutar da vitória. Mas estou preso na minha cabeça, reproduzindo todos os momentos dos últimos seis meses e tentando conciliar o que sinto em relação a tudo.

Ao sair do prédio para tomar ar, o celular vibra no meu bolso. Eu tiro e vejo o nome do meu pai na tela. Excelente. Era só o que me faltava agora.

Atendo, me preparando para o inevitável.

— Oi, pai.

Nem mereço um *olá* .

— Você tem noção da merda que você fez? — Ele está fervendo, como uma panela prestes a transbordar. — Você tem alguma ideia do que isso significa? Você acabou de ajudar uma das minhas maiores críticas a ser eleita, William. Você tem noção do que isso parece?

— Eu não me importo com o que parece — respondo, com a respiração cansada. — Nem tudo gira em torno de você e de sua preciosa imagem.

— Aí você se engana, filho. Tudo gira em torno de mim! Passei a vida inteira construindo esse legado e você joga tudo por terra por quê? Por uma candidata que é só fogo de vista e não tem a menor chance de se firmar a longo prazo?

Agarro o celular com mais força.

— Você não percebe, não é? Esta é a minha vida, não a sua. Eu tomo minhas próprias decisões e, se isso significa apoiar alguém de quem você não gosta, paciência.

— Você acha que pode simplesmente fugir do nome da sua família? Das expectativas? — Seu tom muda, assumindo aquela intensidade condescendente que a vida toda me deixou louco. — Você está cometendo um erro enorme.

— Mas é o meu erro. E talvez esteja na altura de perceberes que não sou apenas uma extensão de ti, pai. Sou independente e vou viver a minha vida como muito bem entender.

O silêncio paira na linha por um segundo antes de ele explodir outra vez.

— Estás a estragar tudo aquilo por que trabalhei…

— Adeus, pai.

Desligo antes de ele poder dizer mais uma palavra. Respiro fundo, obrigando-me a acalmar. Não queria passar-me assim, mas fartei-me das suas merdas controladoras. Estou farto de ser apanhado na sombra das suas expectativas, das suas ambições.

Porém, juntamente com a raiva habitual sinto uma pontada de…

Porra, talvez seja compaixão.

Achei que trabalhar para uma «política decente» não me daria apenas um sentido, mas provaria que é possível sobreviver neste mundo sem precisar de ser um cretino narcisista. Que o meu pai é um cabrão e que há funcionários públicos

que querem verdadeiramente fazer do mundo um lugar melhor.

Não há. Ou, melhor, talvez haja, mas não podem fazer nada em relação a isso. O sistema é demasiado corrupto e será praticamente impossível desmantelá-lo, mesmo a partir de dentro.

E o sistema *corrompe*. Acabei de passar seis meses a ver uma mulher vergar-se, fazer cedências e estabelecer acordos que minaram os seus sonhos políticos e os seus princípios. E, sim, conseguiu ser eleita, mas a Harper está agora agradecida e vinculada a tantos objetivos diferentes que não consigo imaginar como irá estabelecer os seus.

Talvez meu pai tenha sido corrompido pelo mesmo sistema. Talvez quando Kelsey o conheceu, há muitos anos, ele ainda tivesse alguma humanidade. Talvez esse emprego roube todo e qualquer vestígio de humanidade até que nos tornemos pessoas como meu pai.

E agora aqui estou eu, em uma sede de campanha com pessoas que mal conheço, encarando um futuro que não inclui a mulher que amo ou meu melhor amigo, que a ama igualmente intensamente. Eles estão juntos vivendo uma nova vida em Sydney, e eu aqui lutando para provar alguma coisa. A mim, ao meu pai, nem sei mais.

A única coisa em que penso agora é na promessa que fiz a Charlie e Beckett, e sei que tenho que entender o que realmente quero.

Antes que seja tarde.

CAPÍTULO 58

CHARLOTTE

Isso é real?

— Espera. Então, ao salvar o cachorro, ele está agora em uma realidade temporal completamente diferente, mas os personagens da nova realidade temporal ainda sabem quem ele é?

— Exatamente.

— Será que ninguém nessa série sabe o que é causalidade básica? O efeito borboleta? Se você muda uma coisa, *tudo* muda. É um princípio fundamental da viagem no tempo.

Beckett ri, me olhando de lado.

— Garota, para de falar de causalidade. Não consigo me concentrar se tiver uma ereção.

Dou uma risada enorme. É noite de domingo e estamos relaxando no sofá, assistindo a um filme terrível sobre viagem no tempo. Na tela, o personagem principal *voltou* a viajar para 1985 sem querer, alterando de alguma forma o curso da história ao salvar um cachorro.

Ainda sorrindo, Beckett estende o braço e tira um punhado de pipoca da tigela em cima da mesa.

— Devo dizer que este pode ser o pior filme sobre viagem no tempo que já vi. O que é dizer muito, pois já vi um monte deles.

— E aquele que vimos na semana passada em que o cara só podia viajar dois minutos para o passado e ainda assim conseguiu impedir uma guerra nuclear?

— Ah, você tem razão. Esse foi especial.

Volto a dar o filme e conseguimos ver mais três minutos antes de voltar a dar pausa.

— Beck! — reclamo.

O personagem principal reapareceu, por acaso, no mesmo restaurante, precisamente na mesma cadeira, pela terceira vez.

— O que foi? — diz ele, com a boca cheia de pipoca.

— É suposto fingir que a dilatação temporal não existe? Porque, se for possível viajar no tempo…

— Desculpa, você disse *se* ?

— … você tem que lidar com a dilatação temporal e os efeitos relativísticos. Se você está viajando no tempo, você também está viajando no *espaço* , certo? Então a Terra está girando, orbitando ao redor do sol e o sol orbitando ao redor da galáxia. Você não vai parar no mesmo lugar sempre que voltar atrás. Você pode ir parar no meio do espaço.

— Iá. É ridículo que esse filme de baixo orçamento não mencione isso.

— E onde está a resolução do paradoxo? — pergunto, como se ele não tivesse dito nada. — Devia ao menos haver um *loop* temporal catastrófico ou, sei lá, uma explosão do universo.

— Delícia de açúcar. Digo isto com todo o carinho, mas… nem acredito que moro com uma *nerd* tão grande.

— Obrigada.

— Não era um elogio.

— Disseste que era com carinho!

— Estava a mentir.

De súbito, alguém bate à porta.

Ficamos paralisados por um momento, olhando um para o outro.

— Estás à espera de alguém? — pergunto.

Ele abana a cabeça.

— Não. E ninguém tocou lá em baixo.

— Talvez seja um assassino.

— Por que sua voz parece esperançosa dizendo uma coisa dessas? — Rindo, o Beckett se levanta e estala os dedos. — Vou ver sozinho. Você sabe, no caso de *ser* um assassino. Então, pelo menos, você tem a chance de escapar. Eu me sacrifico heroicamente.

— Que nobre da sua parte.

— Vivo para agradar. — Ele pisca para mim, indo até o corredor.

Ouço seus passos. Ouço a porta se abrindo. E então… nada.

Imagino que já tenha mandado embora quem quer que fosse e agora esteja tentando me assustar, mas o silêncio se arrasta tempo suficiente para me deixar preocupada.

— Beck? Quem é? — pergunto do sofá.

Ele não responde. Depois volto a ouvir passos. Perco o fôlego ao ver Will entrar na sala.

Levanto do sofá tão rápido que quase tropeço no cobertor. Ele está *aqui* . Tipo, *bem aqui* .

Sem pensar, atravesso a sala correndo e o envolvo em meus braços, enterrando meu rosto em sua camisa. Seu cheiro familiar de especiarias enche minhas narinas e eu o respiro desesperadamente. Senti tanta falta do seu cheiro.

— Oh, meu Deus — digo. — Isso é real? Você está mesmo aqui? Você veio para ficar?

Ele me abraça e eu sinto seu coração bater contra meu rosto.

— Sim. Estou aqui e vim para ficar.

Atrás de mim, ouço Beckett rindo.

— Até que enfim, amigo.

A voz de Will se adensa de arrependimento.

— Eu sei. Desculpe por ter demorado tanto. Precisei colocar as ideias em

ordem.

Não quero largá-lo, mas me afasto para poder olhá-lo nos olhos.

— Que ideias?

Interrompendo, o Beckett dá um tapa no ombro dele.

— Vou pegar uma cerveja para você. Você está com ar de quem precisa.

Mas eu conheço Beckett bem o suficiente para perceber que ele está nos dando um minuto a sós. Ele desaparece na cozinha, deixando Will e eu no meio da sala.

— Senti tanto a sua falta — digo. Pego sua mão, sentindo um turbilhão desenfreado de emoções dentro de mim.

— Também eu. — Suas palavras saem roucas. Ele clareia a voz antes de continuar. — Eu te amo. E eu não posso viver sem você. Cada dia longe de você, de vocês dois, parecia errado.

— E a campanha? O trabalho? Não gostou?

— Odiei — admite. — DC é o lugar mais cínico e corrupto que já estive. Mas não me arrependo de ter aceitado do trabalho. Eu precisava ter essa experiência, entender porque não fui feito para aquilo. Mas, mesmo que tivesse adorado, não ficaria. Não posso ficar longe de você. Eu preciso de você, Charlie. Eu preciso de você como ar para respirar.

Sinto lágrimas nos olhos e nem tento afastá-las.

— Senti sua falta todos os dias. — Odeio como pareço vulnerável, mas é verdade. — Achei que você estava de saco cheio de mim. De nós.

— Nunca. — Ele balança a cabeça, limpando com o polegar a lágrima que cai pelo meu rosto. — Eu só precisava entender como estar com vocês. Como me sentir bem com o que temos.

Antes que eu possa responder, Beckett volta, com uma cerveja na mão. Mas não há tensão, nem estranheza. Só… nós.

O Will vira-se para ele com um ar sério.

— Desculpem ter demorado tanto tempo a chegar. Tive saudades vossas.

Os olhos cinzentos do Beckett amolecem. Depois, sorri, passando a garrafa ao Will.

— Bem, estás com sorte, porque nós também tivemos muitas saudades tuas. Anda. Senta-te.

O Will olha para a televisão, um sorriso lento despontando no seu rosto de menino bonito.

— Então. O que é que vamos ver?

EPÍLOGO

CHARLOTTE

Quero fazer os meus broches em paz

O sol está se pondo, lançando um brilho quente e dourado sobre a praia, enquanto Beckett e eu estamos um ao lado do outro assistindo *Helix* , nosso filhote de labrador extremamente ativo, correndo pela areia. Suas patas desengonçadas mal conseguem acompanhar o pau que ele está tentando pegar, mas ele é uma criatura determinada. Ele também é esperto como qualquer outra coisa, acatando ordens como se estivesse fazendo isso há anos. Claro, os caras gostam de pensar que é porque são treinadores de cães inatos. Mas é obviamente por causa de mim.

Beckett dá um assobio agudo e *Helix* vem correndo até nós, suas patorras levantando a areia.

Atrás de nós, Will ri. Ele está deitado em uma toalha, ainda vestindo o terno que usou em sua reunião virtual. A organização sem fins lucrativos para a qual ele trabalha é tão dedicada a efetivar a mudança em escala global que marcam reuniões tarde, quase todas as noites, mesmo no fim de semana. Nós praticamente tivemos que arrastá-lo para fora de casa para vir dar um passeio.

Agora moramos em uma vila, uma casa de três quartos perto do mar, pois três pessoas dividindo um escritório no apartamento foi o inferno na Terra, pura tortura. Agora os meninos compartilham um e eu tenho outro só para mim. Embora eu precise converter o meu em um quarto de hóspedes no próximo mês para receber a visita de minha irmã e namorada.

Estou animada; não vejo Ava ou o resto da família desde que fui com os meninos passar o Natal em casa. Três natais, na verdade, já que tivemos que passar vários dias em cada uma das casas, inclusive na propriedade de Will em Connecticut, onde seu pai nos informou que ele havia organizado dois *grupos focais* para avaliar a reação de seus eleitores ao relacionamento não convencional de seu filho. O consenso foi misto. Todos nós fingimos interesse e depois fui dar uma volta com a madrasta de Will, que eu adoro.

Este ano não passaremos o Natal em casa, pois os meninos e eu passaremos duas semanas em Seul. Tô empolgada. Passei grande parte da infância resistindo aprender sobre a cultura coreana, porque achava que me tornava diferente

demais, mas agora percebo que diferente não precisa ser algo negativo. Diferente é bom. Mal posso esperar para aprender mais sobre o país onde nasci e que meus meninos conheçam minhas origens.

De sua toalha, Will olha para *Helix* com um olhar divertido, balançando a cabeça.

— Como fomos arrumar o cachorro mais descoordenado do mundo?

— Está na fase desengonçada da adolescência, Larsen — diz o Beckett. — Há de pegar-lhe o jeito.

— Ao menos é persistente, reconheço. Mas, caramba, você não tem jeito de correr.

— Pare de insultar meu filho ou eu vou treiná-lo para mijar na sua perna sempre que Charlie estiver te chupando.

— Então!? — protesto. — Não me meta nisso. Quero fazer meus boquetes em paz.

Assim que digo isso, aparece um casal de idosos, que me ouve proferir a palavra *boquetes* .

O marido aperta os olhos, mas a mulher fica curiosa, piscando para mim ao passar por nós. Também noto a maneira como você olha para meus namorados. Claro. Estou namorando os caras mais fofos da Austrália, o que é dizer muito, porque esse lugar está cheio de homens musculosos que parecem Thor.

A vida é estranha, no melhor sentido possível. Aqui estamos nós, em Sydney, mais de um ano e meio depois que Will voltou para nós. Finalmente vivendo a vida que temíamos e que não sabíamos como agarrar completamente. As ondas quebram suavemente ao longe e sinto a brisa fresca na pele. O aconchego constante do Beckett e do Will preenche os espaços que antes sentia vazios.

Me junto a Will na toalha e me encosto em seu peito, sentindo o olhar de Beckett demorar em nós um momento. Ele se aproxima e se senta ao nosso lado na areia. Helix finalmente desiste do pau e vem até nós, deixando-se cair dramaticamente ao lado de Beckett, que *o* acaricia atrás das orelhas. O cachorrinho imediatamente vira de barriga para cima para receber tapinhas. O Beckett faz a vontade por um minuto e depois se apoia sobre os cotovelos.

Olha para o céu, onde começam a aparecer as primeiras estrelas.

— Acho que nunca me senti tão feliz — admite, olhando para nós. — Esta é a minha casa.

— Iá — digo, sorrindo, olhando para os dois. — É mesmo.

O Beckett aproxima-se e dá-me um beijo leve na têmpora. O Will puxa-me para si, com um braço firme envolvendo-me os ombros. Pela primeira vez na vida, tudo encaixa. *Eu* encaixo.

Estamos os três exatamente onde é suposto estarmos.

Juntos.

ANÚNCIO DE PUBLICAÇÃO

Anúncio de publicação da obra de estreia de autora bestseller de *fan fiction*

Temos o prazer de anunciar que Lourdes Lo Curto, escritora muito admirada na comunidade online de *fan fiction*, assinou um contrato de vários livros com a Phoenix House Publishing para seu romance autopublicado anteriormente, *A Virgem e a Espada*. O contrato, mediado por Melanie McGerrity da McGerrity & Vale Literary, acompanha a ascensão meteórica da popularidade de Lo Curto, cativando milhões de leitores em todo o mundo com a sua narrativa carregada de emoção e personagens inesquecíveis.

A Virgem e a Espada é uma reinterpretação transformadora da vida da rainha Isabel I e a sua relação apaixonada e tumultuosa com o famoso conquistador Alexandre, o Grande. A história mergulha nos temas do amor, dever, poder, feminilidade, masculinidade e guerra, misturando romance e aventura de uma forma que já atraiu o burburinho entusiasmado tanto dos fãs como de profissionais do setor.

«Lo Curto tem um dom inegável para a narrativa e não podíamos estar mais entusiasmados por levar o seu incrível mundo a um público mais vasto», disse Vivian Holstead-Contreras, da Phoenix House. «*A Virgem e a Espada* está prestes a tornar-se revolucionário no género do romance histórico.»

O romance deverá ser lançado no início do próximo ano, com planos para uma campanha de marketing abrangente e distribuição mundial.

Direitos do filme: Heather Delano, IAA.

CAPÍTULO BÔNUS

BLAKE

OUTUBRO

Quando minha mãe frequentou esta universidade, sua residência tinha vista para as majestosas árvores do *campus* da Briar e um caminho de paralelepípedos idílico.

A janela da minha residência dá para o estacionamento atrás da Burton House.

No entanto, esta noite, a vista de merda me deixa ver o exuberante carro esportivo vermelho de Isaac Grant estacionando no parque lá embaixo. Uau. Sr. Estrela do Futebol chegou cinco minutos mais cedo.

Sobre minha mesa, a luz do meu celular se acende.

ISAAC:
Estou lá fora, meu anjo. Quer que eu suba e te acompanhe ou nos encontramos na porta?

De novo essa história do *anjo* ? Contendo um suspiro, escrevo uma resposta rápida.

EU:
Espera no carro. Desço já.

Ele está digitando novamente, mas eu o ignoro e enfio meu telefone na bolsa. No caminho para a porta, dou uma olhada no espelho para ver se ainda estou bem. Isaac disse que íamos ao cinema, depois comer uma sobremesa no restaurante, então optei por uma roupa casual hoje à noite: jeans, um top branco por baixo de um casaco de camurça justo e botas pretas da tropa.

Quero estar fofa, mas não muito fofa. Ainda não sei o que sinto por esse cara. A verdade é que ele é um pouco… exagerado. Prefiro caras mais descontraídos.

Isaac Grant não me parece alguém que relaxa facilmente.

No entanto, tem uma quantidade absurda de *sex appeal* . Praticamente desmaio quando o vejo, ao sair da residência.

O cara é *fofo* , com cabelo curto loiro-arruivado, queixo perfeito e aqueles

ombros largos que sempre me fazem perder a linha de pensamento. Ele também está vestido casualmente, em calças escuras e uma camisa azul justa sobre o grande peito musculoso.

Ela me cumprimenta com um grande sorriso com covinhas e depois mostra a mão que estava escondida atrás das costas, revelando um pequeno buquê de rosas vermelhas, como em uma comédia romântica.

— Oi, meu anjo. São para você.

— Hum. Obrigada.

Aceito as flores, cheirando-as rapidamente, mas não muito, como se não estivesse impressionada. Você não vai me conquistar tão facilmente. Um homem deve lutar por seu lugar na minha vida. Ou, pelo menos, é o que minha mãe sempre me ensinou.

— Eu não sabia que você era um romântico — digo, arqueando uma sobrancelha.

— Sim, bem, pela garota certa…

— Hum-hum. — Tenho certeza de que faz isso com todas.

— Vamos? — Ele estende a mão, mas eu não o pego.

Tem alguma coisa nele que me faz ficar sempre alerta. Não necessariamente um aviso de PERIGO!, mas não confio inteiramente nisso. É encantador demais. Lindo demais. E ele gosta demais de mim, considerando que não sabe nada sobre mim.

Deixando o braço cair ao lado do corpo, Isaac me conduz até o estacionamento, onde muda para o modo cavalheiro e abre a porta do carro para mim.

— Obrigada — digo outra vez, entrando no banco do passageiro e colocando o cinto enquanto ele se senta atrás do volante. Os assentos de couro são legais, mas o carro é muito chamativo. Me sinto deslocada aqui dentro. Me sinto deslocada com *ele* .

Suponho que ele sinta isso também, pois engole em seco ao ligar o motor. Enquanto nos afastamos da residência, ele fica me olhando, esperando que eu diga qualquer coisa. Mas não tenho ideia do que dizer. Não costumo ser uma pessoa tímida, mas Isaac não me faz sentir confortável.

— Então — diz ele, tentando preencher o silêncio enquanto nos afastamos do *campus* a grande velocidade. — Como está a ser o primeiro ano?

— Bom — respondo.

— Bom? Só isso?

— Basicamente. Aulas, amigos, cenas da república. Nada de muito entusiasmante.

— Tens planos para o próximo ano?

— Para o próximo ano? Tipo em janeiro ou no segundo ano?

— Não sei. Foi uma pergunta estúpida. — Ele resmunga baixinho. — Não tenho jeito para falar.

Escondo um sorriso. Pois, imagino que não costume falar muito quando sai com alguém. As raparigas com quem sai devem babar-se todas para cima dele, por ser a estrela da equipa de futebol, e passar a noite toda a afagar-lhe o ego, entre outras coisas.

Ele tenta novamente, me perguntando onde cresci e como são meus pais, mas

meus nervos dificultam minha concentração. Isso foi uma péssima ideia. Não me sinto confortável com esse cara. Não sinto química. Nem mesmo um frio na barriga. E ele está se esforçando tanto para estabelecer um relacionamento comigo, me fazendo sentir culpada.

Porra. Ainda bem que vamos ver um filme. Significa pelo menos uma hora e meia de silêncio. Uma trégua dessa insuportável conversa fiada.

— Então, você é garota do hóquei por causa do seu pai ou também gosta de futebol?

— Prefiro futebol — admito, o que o faz esboçar um sorriso convencido.

— Ah, sim? Do que você gosta mais?

— De como é complexo. Não me entenda mal, o hóquei requer montes de talento. Mas é um jogo muito simples. Basta pegar o disco e marcar. Futebol tem muitas jogadas diferentes, regras, questões com jardas… — Paro de falar, sentindo o desconforto voltando. Eu sei que foi ele quem perguntou, mas me sinto tagarelando sobre esportes, uma conversa muito chata para um primeiro encontro.

Isaac suspira.

— O que foi? — digo, mexendo no buquê em meu colo.

— Quase consegui por um segundo. Mas eu perdi você de novo.

Franzo o cenho.

— Você está determinada a não me conhecer. — Seu tom é inexpressivo. Neutro.

— Isso não é verdade.

— É sim. — Ele olha para frente, para o para-brisa.

O sol já se pôs, desaparecendo na linha do horizonte, e a estrada de duas faixas que vai dar à cidade está imersa na penumbra.

— A sério — murmura, voltando finalmente a olhar para mim. A sua expressão não transmite raiva, mas curiosidade. — O que seria preciso para te impressionar?

Pestanejo.

— O quê?

— O que é que tenho de fazer para me dares uma oportunidade a sério? — Novamente, não está zangado. Está determinado.

Encosto-me para trás, pousando as rosas nos joelhos.

— Sinceramente? Para de te esforçares tanto.

Ele fica ligeiramente boquiaberto.

— O quê?

— Para de tentar impressionar-me. Conquistar-me. Seja o que for que estás a fazer. Faz-me querer fugir. Parece… uma atuação.

— Você acha que eu estou fingindo gostar de você?

— Acho que você quer ir para a cama comigo — digo, sem rodeios. — E acho que *você* acha que estou me fazendo de difícil…

— Você não está? — desafia.

— Não. — Espero que você consiga ouvir a sinceridade nessa única sílaba, pois estou sendo o mais sincera possível. — Quer saber por que aceitei esse encontro? — Revirando os olhos, acrescento: — Isto é, além de você ter aparecido na Delta Pi e me obrigar a fazer isso? Aceitei porque estava curiosa

para saber se você me mostraria algo verdadeiro. Se você estaria realmente interessado em sair comigo ou se seria apenas uma espécie de jogada de ego, uma necessidade de ter todas as garotas aos seus pés.

Isaac se mexe no assento, parecendo um pouco envergonhado. É a primeira vez que o vejo sem sua máscara confiante.

— E você concluiu que é uma jogada de ego?

Encolho os ombros.

— Não concluí nada.

Ele fica um instante em silêncio. Do canto do olho, vejo-o endireitar os ombros, como se estivesse se preparando para um confronto.

Então, para minha surpresa, ele se vira para mim e diz:

— Eu não vou para a cama com você.

Não consigo evitar uma risada.

— Não estava sugerindo.

— Eu não faria isso mesmo se você estivesse — ele diz, com um sorriso forçado. — Porque, aparentemente, é o que será preciso para nos conhecermos. Que é o que eu quero.

A frustração faz cócegas na minha garganta.

— Por quê? — questiono. — Você me conheceu em uma festa e nos cruzamos algumas vezes desde então. Sou caloura, você está no terceiro ano. Porque você quer me conhecer?

Ele desacelera o carro quando nos aproximamos de uma curva na estrada escura.

— Posso ser honesto?

— Por favor.

— Eu queria ir para a cama com você.

Sai-me outra gargalhada.

— Eu sabia.

— Quando você foi maliciosa comigo na festa da república, me deu pica. Desde essa época eu penso em pinar contigo. — O sorriso característico de Isaac Grant volta, arrogantemente brincalhão. — Mas, quanto mais você me rejeitava, menos se tornou uma questão de sexo. Acho que você é legal. Gosto do fato de não te impressionar. Gosto de ter que me esforçar pela sua atenção. Eu gosto que, quando você olha para mim, mesmo que seja para fazer uma cara feia ou me dizer para dar uma volta, você está realmente me *vendo* e não apenas pensando em pinar com um atleta.

Meu coração se sobressalta com sua candura.

— Oh.

Ele olha para frente, com o carro esporte serpenteando pela estrada estreita e mal iluminada, cercada por árvores. O silêncio cai, tirando o zumbido baixo do motor.

Quando me sinto começando a relaxar, ouve-se um estrondo e o carro pula.

— Ah, só *faltava essa* — diz Isaac, através dos dentes cerrados.

— O que foi? — pergunto, alarmada.

— A merda de um pneu furado. — Ele dirige o carro até a beira da estrada, coloca os quatro piscas e suspira audivelmente.

— Merda. — Suspirando também, olho para a estrada envolta na escuridão

total. — Você sabe trocar um pneu? Se não, eu posso fazer isso…

— Eu sei trocar um pneu — ele interrompe, parecendo divertido. O desejo escurece seu olhar. — Mas o fato de *você* saber é excitante.

— Foi meu pai quem me ensinou — revelo. — O pai dele e o irmão dele são ambos mecânicos. Também sei trocar o óleo… — agito as sobrancelhas de forma sedutora.

— Porra, Logan. Não me faça ficar com tesão quando estou prestes a trocar um pneu.

Eu rio, tirando o cinto de segurança.

— Vai, bora fazer isso.

Saímos do carro e Isaac se aproxima rapidamente do pneu traseiro direito para avaliar os danos.

— Não tenho ideia do que fez o furo — ele diz, franzindo a testa e ficando de pé, parecendo enorme ao meu lado. — Mas que tá furado, tá.

Me aproximo dele, enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Está bem. Então vá, meu anjo. Eu fico aqui vendo o show.

Ele ri-se e vai buscar umas ferramentas ao porta-bagagens, espalhando-as no chão. Vejo-o colocar o macaco debaixo do carro, mas fica a olhar para ele, franzindo o sobrolho. Aparentemente, o carro está demasiado baixo para conseguir usar o macaco.

— Tudo bem? — provoco. — Queres que chame o reboque?

— Népia — diz, um pouco casualmente demais. — Eu consigo.

Antes que possa pestanejar, ele baixa-se, põe as duas mãos sob o chassi do carro e *levanta-o*. Tipo, levanta a traseira do carro, com os músculos em esforço sob a camisa, erguendo-o o suficiente para colocar o macaco por baixo.

Fico boquiaberta.

— Acabaste de *levantar o carro*?

Ele olha para mim, piscando o olho.

— O quê, você acha que esse músculo todo é só fachada?

Ainda estou tentando processar o que acabei de ver.

— Cum caraças, Isaac.

Rindo, ele sacode as mãos e começa a desparafusar as porcas das rodas.

— Caramba. Consegui finalmente te impressionar?

— Não sei, talvez eu precise ver você levantar o carro uma segunda vez para ter certeza.

— Ná. Isso foi só uma amostra. Você tem que pagar para ver o show inteiro.

Reviro os olhos, mas não consigo tirar o sorriso do rosto. Eu o vejo tirar o pneu furado e substituí-lo pelo sobressalente. Ele é rápido, metódico, como se tivesse feito isso uma centena de vezes. Honestamente, é meio impressionante.

O Isaac aperta as porcas das rodas antes de voltar a baixar o macaco e arrumar tudo. A caminho do porta-bagagens, olha para mim com um sorriso malicioso.

E, pela primeira vez esta noite, sinto genuinamente um frio na barriga.

AGRADECIMENTOS

Independentemente da quantidade de livros que escrevo, cada história tem seus maravilhosos desafios de arrancar os cabelos. (Quem diria que os personagens poderiam ser tão teimosos? Ah, espere. Eu. Eu sabia.) Embora eu adorasse escrever a história de amor entre Charlie, Will e Beckett, eu também sabia que seria difícil moldar três pontos de vista de três personalidades muito diferentes. Mas também me diverti muito mergulhando em seu íntimo e contando a vocês seu romance não convencional. Eu sei que alguns leitores tinham algumas expectativas sobre qual deveria ser o caminho de Will e Beckett, mas minhas histórias nascem do meu instinto e, quando os apresentei em *O Efeito Graham* , eu sabia exatamente do que esses dois precisavam. Espero que, depois de ler *O Método Charlie* , você concorde que o que eles precisavam era Charlotte!

Como sempre, este livro não estaria em suas mãos sem uma equipe de pessoas incrivelmente pacientes e talentosas que merecem todos os elogios e talvez férias.

À minha editora, Christa Desir, que é minha #família e maior apoiadora. Trocar mensagens sobre este livro foi ridículo e hilário, e tão divertido. Ah, e obrigado por ler os dois finais completamente diferentes que escrevi e me ajudar a decidir qual seria o melhor para os personagens.

A todos na Bloom Books, por defenderem esta série com tanta convicção, com agradecimentos especiais a Madison, minha guru de marketing, parceira de turnê, ouvinte, recomendadora de livros e gerente de vida em geral. A quantidade de vezes por semana que você me manda mensagens dizendo «Estou aqui» é muito legal. Não sei se você percebeu, mas é o lema de Will neste livro. Você é meu Will (de uma forma nada perversa, nem sexual).

Minha agente, Celeste Fine, e toda a equipe da Park and Fine, por se juntarem a nós e serem grandes entusiastas dos meus livros. Agradecimentos especiais a John, que leu *Charlie* no último minuto para responder ao meu pedido de ajuda sem nem piscar. Você é incrível.

À Kimberly/Brower Literary, por colocar este livro nas mãos de leitores internacionais e por dar vida ao audiolivro.

À Eagle/Aquila Editing, por sempre largar tudo para revisar meus livros. Não sei o que fiz para merecer vocês, mas não estou reclamando.

Para a equipe Elle Kennedy: Natasha, Nicole, Lori, Ann-Marie, Erica, e Lindsey e Shaye, da Good Girl PR. Sem vocês, eu literalmente morreria. Não literalmente, mas quase literalmente.

Um agradecimento muito especial aos leitores de sensibilidade que compartilharam suas experiências com adoção e como mulheres américo-coreanas. Sua partilha foi inestimável para me ajudar a contar esses aspectos da história com a sutileza e o respeito que eles merecem.

E, claro, a todos os meus leitores: vocês são os verdadeiros MVPs. Cada leitura noite adentro, cada *postagem* entusiasmada, cada momento de amor por esses personagens fazem tudo valer a pena.

Com amor,
Elle

SOBRE ESTE LIVRO



Charlie Kingston vive uma vida dupla: durante o dia, ela é uma estudante aplicada de Engenharia Biomédica, membro exemplar de uma prestigiosa república universitária e filha mais nova de uma família competitiva. De noite, ela é uma garota audaciosa e rebelde que adora carros de corrida e conhecer garotos através de aplicativos de namoro.

Will Larsen parece um garoto descontraído, mas sente a pressão constante de seu pai, um congressista determinado a garantir que a imagem de seu filho e de seus colegas do time de hóquei Briar permaneça imaculada e longe de qualquer polêmica. Como tal, a última coisa que Will quer que você saiba é que ele e Beckett Dunne, que por trás do sorriso esconde um coração partido, às vezes compartilham interesses amorosos.

Quando Charlie os conhece, ele percebe que tem conversado com dois jogadores impressionantes do Briar, e as coisas rapidamente ficam quentes. Mas os segredos ameaçam vir à tona, e Charlie, Will e Beckett terão que entender quem são e o que realmente querem, mesmo que isso signifique tomar decisões difíceis.

Principalmente quando a atração começa a se tornar algo muito mais forte.

SOBRE A AUTORA

E LLE K ENNEDY , autora best-seller do *New York Times* , *USA Today* e *Wall Street Journal* , cresceu nos subúrbios de Toronto, no Canadá, e é formada em inglês pela Universidade de York, acalentando desde muito jovem o sonho de ser escritora. Com uma incrível legião de fãs ao redor do mundo, tem muitos de seus livros já publicados em diversos países e traduzidos para mais de uma dezena de idiomas. Pela Topseller, já publicou os cinco volumes da série Off-Campus e os dois primeiros livros da série Avalon Bay (*Uma Boa Garota* e *Fama de Má Garota*).

Depois de *O Efeito Graham* e *A Regra Dixon* , *O Método Charlie* conclui a série Campus Diaries, na qual a autora retorna à Briar, a universidade favorita de suas leitoras.

Saiba mais sobre a autora:
www.ellekennedy.com